



Allan
KARDEC

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

O Livro dos Espíritos

Filosofia Espiritualista

O Livro dos Espíritos

Contém

OS PRINCÍPIOS DA DOCTRINA ESPÍRITA

SOBRE A IMORTALIDADE DA ALMA, A NATUREZA DOS ESPÍRITOS E SUAS RELAÇÕES COM OS HOMENS,
AS LEIS MORAIS, A VIDA PRESENTE, A VIDA FUTURA E O PORVIR DA HUMANIDADE SEGUNDO O
ENSINAMENTO DADO PELOS ESPÍRITOS SUPERIORES COM O AUXÍLIO DE DIVERSOS MÉDIUNS

Recebidos e coordenados por

Allan Kardec



Tradução de Evandro Noleto Bezerra



Copyright © 2006 by
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

4ª edição – 5ª impressão – 4,5 mil exemplares – 5/2018

ISBN 978-85-7328-752-3

Título do original francês:
Le Livre des esprits
(Paris, 18 de abril de 1857)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB
Av. L2 Norte – Q. 603 – Conjunto F (SGAN)
70830-106 – Brasília (DF) – Brasil
www.febeditora.com.br
editorial@febnet.org.br
+55 61 2101 6198

Pedidos de livros à FEB
Comercial
Tel.: (61) 2101 6168/6177 - comercialfeb@febnet.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

K18l Kardec, Allan, 1804–1869.

O livro dos espíritos: contém os princípios da Doutrina Espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da Humanidade, segundo o ensinamento dado pelos Espíritos superiores com o auxílio de diversos médiuns: filosofia espiritualista / recebidos e coordenados por Allan Kardec; [tradução de Evandro Noleto Bezerra a partir da 2ª, 4ª, 5ª, 6ª, 10ª e 12ª edições francesas]. – 4. ed. – 5. imp. – Brasília: FEB, 2018.

510 p.; 23 cm

Tradução de: *Le Livre des esprits*

Inclui índice geral

ISBN 978-85-7328-752-3

1. Espiritismo. I. Bezerra, Evandro Noleto, 1949–. II. Federação Espírita Brasileira.
III. Título.

CDD 133.9
CDU 133.7
CDE 00.06.01

Sumário

Apresentação	9
Aviso sobre esta nova edição	11
Introdução ao estudo da Doutrina Espírita.....	13
Prolegômenos.....	47

LIVRO PRIMEIRO

Causas primeiras

CAPÍTULO I – Deus	53
Deus e o infinito: 53; Provas da existência de Deus: 54; Atributos da Divindade: 55; Panteísmo: 57.	
CAPÍTULO II – Elementos gerais do Universo	59
Conhecimento do princípio das coisas: 59; Espírito e matéria: 60; Propriedades da matéria: 62; Espaço universal: 64.	
CAPÍTULO III – Criação.....	65
Formação dos mundos: 65; Formação dos seres vivos: 66; Povoamento da Terra. Adão: 68; Diversidade das raças humanas: 68; Pluralidade dos mundos: 69; Considerações e concordâncias bíblicas referentes à Criação: 70.	
CAPÍTULO IV – Princípio vital.....	75
Seres orgânicos e inorgânicos: 75; A vida e a morte: 77; Inteligência e instinto: 79.	

LIVRO SEGUNDO

Mundo espiritual ou dos Espíritos

CAPÍTULO I – Espíritos.....	83
Origem e natureza dos Espíritos: 83; Mundo normal primitivo: 85; Forma e ubiquidade dos Espíritos: 86; Perispírito: 87; Diferentes ordens de Espíritos: 88; Escala espírita: 89; Progressão dos Espíritos: 96; Anjos e demônios: 100.	
CAPÍTULO II – Encarnação dos Espíritos	103
Objetivo da encarnação: 103; A alma: 104; Materialismo: 108.	

CAPÍTULO III – Retorno da vida corpórea à vida espiritual 111

A alma após a morte. Sua individualidade. Vida eterna: 111;
Separação da alma e do corpo: 113; Perturbação espiritual: 116.

CAPÍTULO IV – Pluralidade das existências 119

Reencarnação: 119; Justiça da reencarnação: 120; Encarnação nos diferentes mundos: 121; Transmigração progressiva: 126; Sorte das crianças depois da morte: 130; Sexos nos Espíritos: 131; Parentesco, filiação: 132; Semelhanças físicas e morais: 133; Ideias inatas: 136.

CAPÍTULO V – Considerações sobre a pluralidade das existências 139

CAPÍTULO VI – Vida espiritual..... 149

Espíritos errantes: 149; Mundos transitórios: 152; Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos: 153; Ensaio teórico sobre a sensação dos Espíritos: 158; Escolha das provas: 164; Relações de além-túmulo: 171; Relações de simpatia e de antipatia entre os Espíritos. Metades eternas: 175; Lembrança da existência corpórea: 178; Comemoração do dia dos mortos. Funerais: 182.

CAPÍTULO VII – Retorno à vida corpórea..... 185

Prélúdios do retorno: 185; União da alma ao corpo. Aborto: 188; Faculdades morais e intelectuais: 191; Influência do organismo: 193; Idiotismo, loucura: 195; Infância: 198; Simpatias e antipatias terrenas: 200; Esquecimento do passado: 202.

CAPÍTULO VIII – Emancipação da alma..... 207

O sono e os sonhos: 207; Visitas espíritas entre pessoas vivas: 213; Transmissão oculta do pensamento: 214; Letargia, catalepsia, mortes aparentes: 215; Sonambulismo: 216; Êxtase: 220; Segunda vista: 221; Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da segunda vista: 223.

CAPÍTULO IX – Intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo .. 229

Penetração dos Espíritos em nossos pensamentos: 229; Influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e atos: 230; Possessos: 233; Convulsionários: 235; Afeição dos Espíritos por certas pessoas: 237; Anjos da guarda, Espíritos protetores, familiares ou simpáticos: 238; Pressentimentos: 248; Influência dos Espíritos nos acontecimentos da vida: 249; Ação dos Espíritos sobre os fenômenos da Natureza: 253; Os Espíritos durante os combates: 255; Pactos: 257; Poder oculto. Talismãs. Feiticeiros: 258; Bênção e maldição: 260.

CAPÍTULO X – Ocupações e missões dos Espíritos	261
---	------------

CAPÍTULO XI – Os três reinos.....	269
--	------------

Os minerais e as plantas: 269; Os animais e o homem: 271;
Metempsicose: 278.

LIVRO TERCEIRO

Leis morais

CAPÍTULO I – Lei divina ou natural.....	283
--	------------

Características da lei natural: 283; Origem e conhecimento da lei natural: 284; O bem e o mal: 287; Divisão da lei natural: 291.

CAPÍTULO II – I. Lei de adoração	293
---	------------

Objetivo da adoração: 293; Adoração exterior: 294; Vida contemplativa: 295; Prece: 295; Politeísmo: 299; Sacrifícios: 300.

CAPÍTULO III – II. Lei do trabalho	303
---	------------

Necessidade do trabalho: 303; Limite do trabalho. Repouso: 305.

CAPÍTULO IV – III. Lei de reprodução.....	307
--	------------

População do globo: 307; Sucessão e aperfeiçoamento das raças: 307; Obstáculos à reprodução: 309; Casamento e celibato: 309; Poligamia: 311.

CAPÍTULO V – IV. Lei de conservação	313
--	------------

Instinto de conservação: 313; Meios de conservação: 313; Gozo dos bens terrenos: 316; Necessário e supérfluo: 317; Privações voluntárias. Mortificações: 318.

CAPÍTULO VI – V. Lei de destruição.....	321
--	------------

Destruição necessária e destruição abusiva: 321; Flagelos destruidores: 323; Guerras: 326; Assassínio: 326; Crueldade: 327; Duelo: 329; Pena de morte: 330.

CAPÍTULO VII – VI. Lei de sociedade.....	333
---	------------

Necessidade da vida social: 333; Vida de isolamento. Voto de silêncio: 334; Laços de família: 335.

CAPÍTULO VIII – VII. Lei do progresso.....	337
---	------------

Estado de natureza: 337; Marcha do progresso: 338; Povos degenerados: 341; Civilização: 344; Progresso da legislação humana: 345; Influência do Espiritismo no progresso: 346.

CAPÍTULO IX – VIII. Lei de igualdade	349
---	------------

Igualdade natural: 349; Desigualdade das aptidões: 349;

Desigualdades sociais: 350; Desigualdade das riquezas: 351; Provas da riqueza e da miséria: 353; Igualdade dos direitos do homem e da mulher: 353; Igualdade perante o túmulo: 355.

CAPÍTULO X – IX. Lei de liberdade..... 357

Liberdade natural: 357; Escravidão: 358; Liberdade de pensar: 359; Liberdade de consciência: 360; Livre-arbítrio: 361; Fatalidade: 363; Conhecimento do futuro: 369; Resumo teórico do móvel das ações do homem: 371.

CAPÍTULO XI – X. Lei de justiça, amor e caridade 375

Justiça e direitos naturais: 375; Direito de propriedade. Roubo: 377; Caridade e amor ao próximo: 379; Amor materno e filial: 381.

CAPÍTULO XII – Perfeição moral 383

As virtudes e os vícios: 383; Paixões: 388; Egoísmo: 390; Características do homem de bem: 393; Conhecimento de si mesmo: 394.

LIVRO QUARTO
Esperanças e consolações

CAPÍTULO I – Penas e gozos terrenos 399

Felicidade e infelicidade relativas: 399; Perda dos entes queridos: 404; Decepções. Ingratidão. Afeições destruídas: 406; Uniões antipáticas: 407; Temor da morte: 409; Desgosto da vida. Suicídio: 410.

CAPÍTULO II – Penas e gozos futuros 417

O nada. Vida futura: 417; Intuição das penas e gozos futuros: 418; Intervenção de Deus nas penas e recompensas: 419; Natureza das penas e gozos futuros: 420; Penas temporais: 427; Expição e arrependimento: 430; Duração das penas futuras: 434; Ressurreição da carne: 440; Paraíso, inferno, purgatório. Paraíso perdido. Pecado original: 442.

Conclusão 447

Errata 461

Nota Explicativa 463

Índice Geral 469

APRESENTAÇÃO

Com base nos originais franceses existentes na Biblioteca de Obras Raras da Federação Espírita Brasileira, e fruto de dedicado trabalho de pesquisa e de tradução do nosso companheiro de ideal, Evandro Noletto Bezerra, esta *edição especial* de *O livro dos espíritos*, publicada pela FEB, foi traduzida a partir da segunda impressão da 2ª edição francesa, de 1860 (arquivada e registrada na Biblioteca Nacional da França — BNF nº R-39908) — *texto básico* — com alguns acréscimos, supressões e modificações feitos por Allan Kardec: na 4ª edição, de 1861; na 5ª edição, de 1861 (BNF nº R-39909); na 6ª edição, de 1862; na 10ª edição, de 1863 (BNF nº R-39912); e na 12ª edição, de 1864. Essas alterações acham-se claramente definidas e explicadas pelo tradutor ao longo das páginas correspondentes deste livro, sob a forma de notas de rodapé. Na sequência da 12ª edição do original francês, incluindo a 13ª, de 1865 (BNF nº R-39914), e durante todo o restante período em que Allan Kardec esteve encarnado, não consta ter havido qualquer outra modificação, o que torna definitiva essa 12ª edição.

Procurando reunir os registros históricos relacionados com as publicações originais de *O livro dos espíritos* a partir da segunda impressão da sua 2ª edição e, assim, atendendo aos naturais interesses dos leitores empenhados nos estudos cada vez mais aprofundados da Doutrina Espírita, estão sendo incluídos nesta edição especial:

- a) O **Aviso** introdutório, em que Allan Kardec faz uma apreciação da obra, destacando as diferenças entre a 1ª e a 2ª edição do livro, sobretudo o aumento considerável do número de questões de 501 para 1.019, *Aviso* esse que não tem sido incluído em edições brasileiras e

francesas, apesar de ter sido mantido em todas as edições publicadas por Kardec quando encarnado;

- b) A **Nota** explicativa que se segue aos *Prolegômenos*, por meio da qual Allan Kardec informa que o livro só foi publicado depois de ter sido cuidadosamente revisto e corrigido pelos próprios Espíritos, até mesmo as observações e comentários que foram aditados ao texto pelo Codificador, *Nota* essa que deixou de ser publicada a partir da 10ª edição francesa, de 1863;
- c) A **Errata** que se encontra na última página do livro, *Errata* que só apareceu na 5ª edição francesa, de 1861, não tendo sido incorporada ao texto do livro nas edições posteriores, salvo a supressão da expressão “é intuitiva”, na resposta à questão 586, constatada a partir da 10ª edição francesa, de 1863.

A primeira edição especial desta obra foi publicada pela Federação Espírita Brasileira como parte das comemorações pelo transcurso, em 18 de abril de 2007, do Sesquicentenário do lançamento de *O livro dos espíritos*, cuja primeira edição ocorreu em 18 de abril de 1857, em Paris, França.

Na oportunidade daquelas comemorações, manifestamos, também, a nossa sincera e profunda gratidão aos Espíritos superiores que coordenaram e realizaram a nobre tarefa de trazer para a Humanidade a Doutrina Espírita, gratidão que se estendeu, naturalmente, ao Espírito iluminado que a codificou, cujo papel principal foi o de materializar, na Terra, o Consolador Prometido por Jesus Cristo, lançando “as bases do novo edifício que se eleva e que um dia há de reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade”,¹ “abrindo uma Nova Era para a regeneração da Humanidade”.²

A EDITORA

¹ N.E.: Kardec, Allan. *O livro dos espíritos. Prolegômenos*.

² N.E.: Idem, *ibidem*.

AVISO SOBRE ESTA NOVA EDIÇÃO³

Na primeira edição desta obra havíamos anunciado uma parte suplementar. Deveria constituir-se de todas as questões que não encontraram lugar naquela edição, ou que circunstâncias ulteriores e novos estudos tivessem ocasionado. Como, porém, são todas relativas a uma ou outra das partes já tratadas, das quais são o desdobramento, sua publicação isolada não teria apresentado nenhuma sequência. Preferimos esperar a reimpressão do livro para fundir tudo conjuntamente, aproveitando para conferir à distribuição das matérias uma ordem muito mais metódica e suprimindo, ao mesmo tempo, tudo quanto estava repetido.

Esta reimpressão pode, pois, ser considerada obra nova, embora os princípios não hajam sofrido nenhuma alteração, salvo pequeníssimo número de exceções, que são antes complementos e esclarecimentos do que verdadeiras modificações. Esta conformidade nos princípios emitidos, a despeito da diversidade das fontes em que os recolhemos, é um fato importante para o estabelecimento da ciência espírita. Nossa correspondência nos mostra claramente que comunicações idênticas em todos os pontos, se não quanto à forma, ao menos quanto ao fundo, foram obtidas em diferentes localidades, e isso mesmo antes da publicação do nosso livro, o qual veio confirmá-las e dar-lhes um corpo regular. A História, por sua vez, comprova que a maioria desses princípios foi professada pelos mais eminentes homens dos tempos antigos e modernos, trazendo a eles, desse modo, a sua sanção.

O ensino relativo às manifestações propriamente ditas, e aos médiuns, forma, de certo modo, uma parte distinta da filosofia, podendo ser

³ N.T.: Para realçar a diferença existente entre a 1ª edição (1857) e a 2ª edição (1860) de *O livro dos espíritos*, Allan Kardec elaborou este *Aviso* elucidativo, excluído até agora de todas as traduções brasileiras.

objeto de um estudo especial. Havendo tal parte recebido desenvolvimentos bastante consideráveis em consequência da experiência adquirida, julgamos por bem fazer dele um volume distinto, o qual contém as respostas *dadas a todas as questões relativas às manifestações e aos médiuns*, bem como numerosos comentários sobre o *Espiritismo prático*. Essa obra será a continuação ou o complemento de *O livro dos espíritos*.^{4, 5}

⁴ Nota de Allan Kardec: No prelo.

⁵ N.T.: Allan Kardec se refere à futura publicação de *O livro dos médiuns* (1861).

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA DOCTRINA ESPÍRITA

I

Para coisas novas precisamos de palavras novas; assim o exige a clareza da linguagem, para evitarmos a confusão inerente ao sentido múltiplo dos mesmos termos. As palavras *espiritual*, *espiritualista*, *espiritualismo* têm acepção bem definida; dar-lhes uma nova, para aplicá-las à Doutrina dos Espíritos, seria multiplicar as causas, já tão numerosas, de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo; quem quer que acredite ter em si alguma coisa além da matéria é espiritualista, mas não se segue daí que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em lugar das palavras *espiritual*, *espiritualismo*, empregaremos, para designar esta última crença, as palavras *espírita* e *espiritismo*, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, têm a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, reservando ao vocábulo *espiritualismo* a sua acepção própria. Diremos, pois, que a Doutrina *Espírita* ou o *Espiritismo* tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os *espíritas* ou, se quiserem, os *espiritistas*.

Como especialidade, *O livro dos espíritos* contém a Doutrina *Espírita*; como generalidade, prende-se à doutrina *espiritualista*, da qual apresenta uma das fases. Tal a razão por que traz no cabeçalho de seu título as palavras: *Filosofia Espiritualista*.

II

Há outra palavra sobre a qual importa igualmente que todos se entendam, porque é uma das pedras angulares de toda doutrina moral, e por ser objeto de inúmeras controvérsias, por falta de uma acepção bem determinada: a palavra *alma*. A divergência de opiniões sobre a natureza da alma provém da aplicação particular que cada um faz desse vocábulo. Uma língua perfeita, em que cada ideia tivesse sua representação por um termo próprio, evitaria muitas discussões; com uma palavra para cada coisa, todos se entenderiam.

Segundo uns, a alma é o princípio da vida material orgânica, não tem existência própria e cessa com a vida: é o materialismo puro. Neste sentido e por comparação, dizem de um instrumento rachado, que não produz mais som, que ele não tem alma. Conforme essa opinião, a alma seria um efeito e não uma causa.

Outros pensam que a alma é o princípio da inteligência, agente universal do qual cada ser absorve uma porção. Segundo esses, não haveria em todo o Universo senão uma só alma a distribuir centelhas entre os diversos seres inteligentes durante a vida destes; após a morte, cada centelha retorna à fonte comum, confundindo-se com o todo, como os regatos e os rios voltam ao mar, de onde saíram. Essa opinião difere da precedente em que, nesta hipótese, há em nós algo mais que a matéria, restando alguma coisa após a morte, mas é quase como se nada restasse, visto que, não tendo mais individualidade, não mais teríamos consciência de nós mesmos. Dentro desta opinião, a alma universal seria Deus, e cada ser uma porção da Divindade; é uma variedade do *panteísmo*.

Segundo outros, enfim, a alma é um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade após a morte. Esta acepção é, sem contestação, a mais geral, porque, sob um nome ou outro, a ideia desse ser que sobrevive ao corpo se encontra em estado de crença instintiva, e independentemente de qualquer ensinamento, entre todos os povos, seja qual for o seu grau de civilização. Essa doutrina, segundo a qual a alma é *causa e não efeito*, é a dos *espiritualistas*.

Sem discutir o mérito dessas opiniões e considerando apenas o lado linguístico da questão, diremos que estas três aplicações da palavra *alma* constituem três ideias distintas, que reclamariam cada uma um termo diferente. Essa palavra tem, pois, tríplice acepção, e cada um tem razão, do seu ponto de vista, na definição que lhe dá; o mal decorre do fato de a língua não dispor

senão de uma palavra para exprimir três ideias. A fim de evitar todo equívoco, seria necessário restringir-se a aceção da palavra *alma* a uma dessas três ideias; a escolha é indiferente, desde que todos se entendam, pois tudo isto é uma questão de convenção. Julgamos mais lógico tomá-la na sua aceção mais comum; por isso chamamos *alma ao ser imaterial e individual que reside em nós e sobrevive ao corpo*. Mesmo que esse ser não existisse e não passasse de um produto da imaginação, ainda assim seria preciso um termo para designá-lo.

Na falta de um vocábulo especial para cada uma das outras ideias a que corresponde a palavra alma, denominamos:

Princípio vital, o princípio da vida material e orgânica, seja qual for a sua fonte, e que é comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem. O princípio vital é coisa distinta e independente, já que pode haver vida com abstração da faculdade de pensar. A palavra *vitalidade* não expressaria a mesma ideia. Para alguns, o princípio vital é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz quando a matéria se acha em certas circunstâncias. Segundo outros, e esta é a ideia mais comum, ele reside num fluido especial, universalmente espalhado e do qual cada ser absorve e assimila uma parte durante a vida, como vemos os corpos inertes absorverem a luz. Esse seria, então, o *fluido vital* que, na opinião de alguns, não seria outro que o fluido elétrico animalizado, também designado por *fluido magnético*, *fluido nervoso* etc.

Seja como for, há um fato que não se poderia contestar, pois que resulta da observação: é que os seres orgânicos têm em si uma força íntima que produz o fenômeno da vida, enquanto essa força existe; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos e que ela independe da inteligência e do pensamento; que a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de certas espécies orgânicas; finalmente, que entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento há uma dotada de um senso moral especial que lhe dá incontestável superioridade sobre as outras: a espécie humana.

Concebe-se que, com uma aceção múltipla do termo alma, a alma não exclui o materialismo, nem o panteísmo. O próprio espiritualista pode muito bem entender a alma segundo uma ou outra das duas primeiras definições, sem prejuízo do ser imaterial distinto, a que então dará um nome qualquer. Assim, essa palavra não representa uma opinião: é um proteu⁶ que cada um ajeta a seu bel-prazer. Daí tantas disputas intermináveis.

⁶ N.E.: Na mitologia grega, deus marinho que podia assumir diferentes formas; por extensão de sentido, indivíduo que muda facilmente de opinião.

Evitar-se-ia igualmente a confusão, mesmo se servindo da palavra *alma* nos três casos, desde que se lhe ajuntasse um qualificativo especificando o ponto de vista sob o qual a encaramos ou a aplicação que dela se faz. Esta teria, então, um termo genérico, que representaria ao mesmo tempo o princípio da vida material, da inteligência e do senso moral, que se distinguiriam por um atributo, como os *gases*, por exemplo, que se distinguem ajuntando-se-lhes as palavras *hidrogênio*, *oxigênio* ou *azoto*. Poder-se-ia, assim, dizer (e talvez fosse o melhor), a *alma vital*, indicando o princípio da vida material, a *alma intelectual*, o princípio da inteligência, e a *alma espírita*, o da nossa individualidade após a morte. Como se vê, tudo isto é uma questão de palavras, mas questão muito importante para nos entendermos. De acordo com isso, a *alma vital* seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais e homens; a *alma intelectual* seria própria dos animais e dos homens, e a *alma espírita* pertenceria somente ao homem.

Julgamos dever insistir nestas explicações pela razão de que a Doutrina Espírita repousa naturalmente sobre a existência, em nós, de um ser independente da matéria e que sobrevive ao corpo. Devendo a palavra *alma* repetir-se frequentemente no curso desta obra, importava ser fixada no sentido que lhe atribuímos, a fim de evitarmos todo engano.

Passemos, agora, ao objeto principal desta instrução preliminar.

III

A Doutrina Espírita, como tudo que constitui novidade, tem seus adeptos e contraditores. Vamos tentar responder a algumas das objeções destes últimos, examinando o valor dos motivos em que se apoiam, sem termos, entretanto, a pretensão de convencer a todos, pois há pessoas que acreditam que a luz foi feita somente para elas. Dirigimo-nos às pessoas de boa-fé, sem ideias preconcebidas ou irrevogáveis, mas sinceramente desejosas de se instruírem, e lhes demonstraremos que a maioria das objeções que fazem à Doutrina provém da observação incompleta dos fatos e de um julgamento feito com muita leviandade e precipitação.

Recordemos inicialmente, em poucas palavras, a série progressiva dos fenômenos que deram origem a esta Doutrina.

O primeiro fato observado foi o da movimentação de objetos diversos. Designaram-no vulgarmente pelo nome de *mesas girantes* ou *dança*

das mesas. Este fenômeno, que parece ter sido observado primeiramente na América, ou melhor, que se repetiu nesse país, porquanto a História prova que remonta à mais alta antiguidade, produziu-se acompanhado de circunstâncias estranhas, tais como ruídos insólitos, pancadas sem causa ostensiva conhecida. Dali propagou-se rapidamente pela Europa e por outras partes do mundo; a princípio provocou muita incredulidade, mas, em breve, a multiplicidade das experiências não mais permitiu que se duvidasse da sua realidade.

Se tal fenômeno se tivesse limitado ao movimento de objetos materiais, poderia explicar-se por uma causa puramente física. Estamos longe de conhecer todos os agentes ocultos da Natureza, ou todas as propriedades dos que conhecemos: a eletricidade, aliás, multiplica diariamente os recursos que proporciona ao homem e parece destinada a iluminar a Ciência com uma nova luz. Nada haveria, pois, de impossível em que a eletricidade modificada por certas circunstâncias, ou algum outro agente desconhecido, fosse a causa desse movimento. A reunião de muitas pessoas, aumentando a potência de ação, parecia apoiar essa teoria, visto poder-se considerar o grupo como uma pilha múltipla, cuja potência corresponde ao número de elementos.

O movimento circular nada tinha de extraordinário: está na Natureza; todos os astros se movem circularmente. Poderíamos, pois, ter em pequena escala um reflexo do movimento geral do Universo, ou, melhor dizendo, uma causa, até então desconhecida, podendo produzir acidentalmente, com pequenos objetos e em certas circunstâncias, uma corrente análoga à que arrasta os mundos.

O movimento, no entanto, nem sempre era circular; muitas vezes era brusco, desordenado, o objeto violentamente sacudido, derrubado, levado numa direção qualquer e, contrariamente a todas as leis da estática, levantado e mantido em suspensão. Nada havia ainda nesses fatos que não pudesse ser explicado pela ação de um agente físico invisível. Não vemos a eletricidade derrubar edifícios, arrancar árvores, atirar longe os corpos mais pesados, atraí-los ou repeli-los?

Supondo-se que os ruídos insólitos e as pancadas não fossem um dos efeitos ordinários da dilatação da madeira, ou de alguma outra causa acidental, podiam muito bem ser produzidos pela acumulação de um fluido oculto: a eletricidade não produz os mais violentos ruídos?

Até aí, como se vê, tudo pode caber no domínio dos fatos puramente físicos e fisiológicos. Mesmo sem sair desse círculo de ideias, havia ali matéria de estudos sérios e dignos de prender a atenção dos sábios.⁷ Por que assim não aconteceu? É penoso dizê-lo, mas isso se deve a causas que provam, entre mil fatos semelhantes, a leviandade do espírito humano. De início, a vulgaridade do objeto principal que serviu de base às primeiras experiências talvez não lhes fosse estranha. Que influência não tem tido muitas vezes uma palavra sobre as coisas mais graves! Sem considerar que o movimento podia ser transmitido a um objeto qualquer, a ideia das mesas prevaleceu, sem dúvida por ser o objeto mais cômodo e porque todos se sentam mais naturalmente em volta de uma mesa do que de qualquer outro móvel. Ora, os homens superiores são às vezes tão pueris que não seria impossível a certos espíritos de escol se julgarem diminuídos, caso se ocupassem com o que se convencionara chamar a *dança das mesas*. É mesmo provável que se o fenômeno observado por Galvani o tivesse sido por homens vulgares e ficasse caracterizado por um nome burlesco, ainda estaria relegado ao lado da varinha mágica. Qual, com efeito, o sábio que não teria julgado uma indignidade ocupar-se com a *dança das rãs*?

Alguns, entretanto, bastante modestos para convirem em que a Natureza bem poderia não lhes ter dito a última palavra, quiseram ver, para tranquilidade de suas consciências. Mas aconteceu que o fenômeno nem sempre lhes correspondeu à expectativa e, por não se ter produzido constantemente conforme a vontade deles e segundo o seu modo de experimentação, concluíram pela negativa. Não obstante, porém, o que decretaram, as mesas — pois há mesas — continuam a girar e podemos dizer como Galileu: *e, contudo, elas se movem!* Diremos mais: os fatos se multiplicaram de tal modo que hoje são aceitos sem contestação, não mais se tratando senão de encontrar-lhes uma explicação racional.

Pode-se inferir alguma coisa contra a realidade do fenômeno pelo fato de ele nem sempre se produzir de maneira idêntica, segundo a vontade e as exigências do observador? Os fenômenos de eletricidade e de química não estão subordinados a certas condições? E devemos negá-los, porque não se produzem fora dessas condições? Que há, pois, de surpreendente em que o fenômeno do movimento dos objetos pelo fluido humano também tenha suas condições e deixe de se produzir quando o observador, colocando-se

⁷ N.T.: *Savants* no original. Assim eram chamados os cientistas no século XIX.

no seu ponto de vista, pretende fazê-lo seguir ao sabor de seu capricho ou sujeitá-lo às leis dos fenômenos conhecidos, sem considerar que para fatos novos pode e deve haver novas leis? Ora, para conhecer essas leis, é preciso estudar as circunstâncias em que os fatos se produzem, e esse estudo requer uma observação perseverante, atenta e por vezes muito longa.

Mas, objetam algumas pessoas, muitas vezes há fraudes evidentes. Perguntar-lhes-emos, em primeiro lugar, se estão bem certas de que haja fraudes e se não tomaram por fraudes efeitos que não podiam explicar, mais ou menos como o camponês que tomava um sábio professor de Física, a fazer experiências, por hábil escamoteador. Supondo mesmo que isso tenha ocorrido algumas vezes, seria razão para negar-se o fato? Dever-se-ia negar a Física, porque há prestidigitadores que se enfeitam com o título de físicos? É necessário, ademais, levar em conta o caráter das pessoas e o interesse que possam ter em iludir. Seria, então, simples gracejo? Pode-se muito bem se divertir por algum tempo, mas um gracejo prolongado indefinidamente seria tão fastidioso para o mistificador, como para o mistificado. Haveria, além disso, numa mistificação que se propaga de um extremo a outro do mundo e entre as pessoas mais sérias, mais honradas e mais esclarecidas, alguma coisa ao menos tão extraordinária quanto o próprio fenômeno.

IV

Se os fenômenos com que nos estamos ocupando se tivessem limitado ao movimento dos objetos, teriam permanecido, como dissemos, no domínio das ciências físicas. Mas não foi isso que aconteceu: cabia-lhes colocar-nos na pista de fatos de ordem singular. Acreditaram haver descoberto, não sabemos pela iniciativa de quem, que a impulsão dada aos objetos não era somente o produto de uma força mecânica cega, mas que havia nesse movimento a intervenção de uma causa inteligente. Uma vez aberto, esse caminho era um campo inteiramente novo de observações; era o véu que se levantava de sobre muitos mistérios. Haverá, com efeito, uma potência inteligente? Tal a questão. Se essa potência existe, qual é ela, qual a sua natureza, a sua origem? Está acima da Humanidade? Tais são as outras questões que decorrem da primeira.

As primeiras manifestações inteligentes se produziram por meio de mesas que se levantavam e, com um dos pés, davam determinado número de pancadas, respondendo, desse modo, sim ou não, conforme fora

convencionado, a uma questão proposta. Até aí, nada de seguramente convincente para os céticos, porque podia acreditar-se num efeito do acaso. Em seguida, obtiveram-se respostas mais desenvolvidas por meio das letras do alfabeto: dando o objeto móvel um número de pancadas correspondente ao número de ordem de cada letra, chegava-se a formar palavras e frases que respondiam às questões propostas. A exatidão das respostas e sua correlação com as perguntas causaram espanto. O ser misterioso que assim respondia, interrogado sobre a sua natureza, declarou que era Espírito ou gênio, deu o seu nome e forneceu diversas informações a seu respeito. Esta é uma circunstância muito importante a notar. Ninguém havia então pensado nos *Espíritos* como um meio de explicar o fenômeno; foi o próprio fenômeno que revelou a palavra. Em ciências exatas, muitas vezes se formulam hipóteses para ter-se uma base de raciocínio; ora, não é aqui o caso.

Tal meio de correspondência era demorado e incômodo. O Espírito, e isto é ainda uma circunstância digna de nota, indicou outro. Foi um desses invisíveis que aconselhou a adaptação de um lápis a uma cesta ou a outro objeto. A cesta, colocada sobre uma folha de papel, é posta em movimento pela mesma potência oculta que faz mover as mesas, mas, em vez de um simples movimento regular, o lápis traça por si mesmo caracteres formando palavras, frases e discursos inteiros de muitas páginas, tratando das mais altas questões de Filosofia, de Moral, de Metafísica, de Psicologia etc., e com tanta rapidez como se escrevesse com a mão.

O conselho foi dado simultaneamente na América, na França e em diversos países. Eis em que termos o deram em Paris, a 10 de junho de 1853, a um dos mais fervorosos adeptos da Doutrina e que, havia já vários anos, desde 1849, se ocupava com a evocação dos Espíritos: “Vai buscar, no quarto ao lado, a cestinha; prende nela um lápis; coloca-a sobre o papel e põe teus dedos sobre a borda.” Alguns instantes após, a cesta se pôs em movimento e o lápis escreveu, de modo bem legível, esta frase: “O que vos digo aqui, eu vos proíbo expressamente de dizer a alguém. Da próxima vez que escrever, escreverei melhor.”

Como o objeto a que se adapta o lápis não passa de mero instrumento, sua forma e natureza são completamente indiferentes; procurou-se a disposição mais cômoda e foi assim que muitas pessoas passaram a usar uma prancheta.

A cesta ou a prancheta só podem ser postas em movimento sob a influência de certas pessoas, dotadas, para isso, de um poder especial, as

quais se designam pelo nome de *médiuns*, isto é, meios ou intermediários entre os Espíritos e os homens. As condições que facultam esse poder se prendem a causas ao mesmo tempo físicas e morais, ainda imperfeitamente conhecidas, porquanto se encontram médiuns de todas as idades, de ambos os sexos e em todos os graus de desenvolvimento intelectual. É, além disso, uma faculdade que se desenvolve pelo exercício.

V

Reconheceu-se mais tarde que a cesta e a prancheta não eram, realmente, mais do que um apêndice da mão; e o médium, tomando diretamente do lápis, pôs-se a escrever por um impulso involuntário e quase febril. Por esse meio as comunicações se tornaram mais rápidas, mais fáceis e mais completas; é hoje o meio mais difundido, tanto mais que o número das pessoas dotadas dessa aptidão é muito considerável e se multiplica todos os dias. Finalmente, a experiência deu a conhecer muitas outras variedades da faculdade mediúnica, e soube-se que as comunicações podiam igualmente efetuar-se pela palavra, pela audição, pela visão, pelo tato etc., e até pela escrita direta dos Espíritos, isto é, sem o concurso da mão do médium, nem do lápis.

Obtido o fato, restava constatar um ponto essencial: o papel do médium nas respostas e a parte que nelas pode tomar, mecânica e moralmente. Duas circunstâncias capitais, que não escapariam a um observador atento, podem resolver a questão. A primeira é o modo pelo qual a cesta se move sob a sua influência, pela simples imposição dos dedos sobre a borda; o exame demonstra a impossibilidade de o médium imprimir uma direção qualquer à cesta. Essa impossibilidade se patenteia, sobretudo, quando duas ou três pessoas colocam os dedos, ao mesmo tempo, na mesma cesta; seria preciso haver entre elas uma concordância de movimentos verdadeiramente fenomenal; além disso, seria preciso a concordância dos pensamentos para que pudessem entender-se sobre a resposta a dar à questão formulada. Outro fato, não menos singular, vem aumentar ainda mais a dificuldade. É a mudança radical da caligrafia, conforme o Espírito que se manifesta, reproduzindo-se a escrita todas as vezes que o mesmo Espírito retorna. Seria, pois, necessário que o médium se houvesse exercitado em dar à sua própria caligrafia vinte formas diferentes e, sobretudo, que pudesse lembrar-se da que pertence a este ou àquele Espírito.

A segunda circunstância resulta da própria natureza das respostas que, na maioria das vezes, sobretudo quando se trata de questões abstratas ou científicas, estão notoriamente fora dos conhecimentos e, algumas vezes, além do alcance intelectual do médium; que este, como geralmente sucede, não tem consciência do que escreve sob a influência do Espírito; que, frequentemente, não entende ou não compreende a questão proposta, já que pode ser feita numa língua que lhe seja estranha, ou mesmo formulada mentalmente, podendo a resposta ser dada nesse idioma. Enfim, muitas vezes acontece que a cesta escreva espontaneamente, sem que se haja feito pergunta alguma, sobre um assunto qualquer e inteiramente inesperado.

Em alguns casos, essas respostas revelam tal cunho de sabedoria, de profundidade e de oportunidade, pensamentos tão elevados e tão sublimes, que não podem emanar senão de uma Inteligência superior, impregnada da mais pura moralidade. De outras vezes são tão levianas, tão frívolas, tão triviais mesmo, que a razão se recusa a acreditar que possam proceder da mesma fonte. Tal diversidade de linguagem não se pode explicar senão pela diversidade das inteligências que se manifestam. Essas inteligências estão na Humanidade ou fora da Humanidade? Este o ponto a esclarecer e cuja explicação completa se encontrará nesta obra, tal como foi dada pelos próprios Espíritos.

Eis, pois, efeitos patentes que se produzem fora do círculo habitual de nossas observações; que não ocorrem misteriosamente, mas à luz do dia; que todos podem ver e constatar, que não constituem privilégio de nenhum indivíduo e que milhares de pessoas repetem à vontade todos os dias. Esses efeitos têm necessariamente uma causa e, desde que revelam a ação de uma inteligência e de uma vontade, saem do domínio puramente físico.

Muitas teorias foram formuladas a respeito. Vamos examiná-las daqui a pouco e veremos se podem explicar a razão de todos os fatos que se produzem. Admitamos por enquanto a existência de seres distintos da Humanidade, pois é essa a explicação fornecida pelas Inteligências que se revelam, e vejamos o que eles nos dizem.

VI

Como dissemos, os seres que assim se comunicam designaram-se a si mesmos pelo nome de Espíritos ou gênios, e como tendo pertencido, alguns pelo menos, a homens que viveram na Terra. Eles constituem o mundo espiritual, como nós constituímos, durante a nossa vida, o mundo corpóreo.

Resumimos aqui, em poucas palavras, os pontos mais importantes da doutrina que nos transmitiram, a fim de mais facilmente respondermos a certas objeções:

— Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom;

— criou o Universo, que compreende todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais;

— os seres materiais constituem o mundo visível ou corpóreo, e os seres imateriais, o mundo invisível ou espiritual, isto é, dos Espíritos;

— o mundo espiritual é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo;

— o mundo corpóreo é secundário; poderia deixar de existir, ou não ter existido jamais, sem alterar a essência do mundo espiritual;

— os Espíritos revestem temporariamente um envoltório material perecível, cuja destruição pela morte lhes restitui a liberdade;

— entre as diferentes espécies de seres corpóreos, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que chegaram a certo grau de desenvolvimento, o que lhe dá superioridade moral e intelectual sobre as demais;

— a alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório;

— há no homem três coisas: 1º, o corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2º, a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3º, o laço que une a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito;

— tem assim o homem duas naturezas: pelo corpo, participa da natureza dos animais, dos quais tem os instintos; pela alma, participa da natureza dos Espíritos;

— o laço ou *perispírito*, que une o corpo e o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do envoltório mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que constitui para ele um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, mas que se pode tornar acidentalmente visível e mesmo tangível, como sucede no fenômeno das aparições;

— o Espírito não é, deste modo, um ser abstrato, indefinido, que só o pensamento pode conceber. É um ser real, circunscrito, que, em certos casos, pode ser apreciado pelos sentidos da *visão*, da *audição* e do *tato*;

— os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais, nem em poder, nem em inteligência, nem em saber, nem em moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos superiores, que se distinguem dos outros pela sua perfeição, seus conhecimentos, sua proximidade de Deus, pela pureza de seus sentimentos e por seu amor do bem: são os anjos ou Espíritos puros. As demais classes se distanciam cada vez mais dessa perfeição. Os das classes inferiores são inclinados à maioria das nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho etc.; comprazem-se no mal. Entre eles há os que não são nem muito bons nem muito maus, antes trapalhões e inconvenientes do que perversos; a malícia e as inconseqüências parecem as suas principais características: são os Espíritos estouvados ou levianos;

— os Espíritos não ocupam eternamente a mesma ordem. Todos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Essa melhora se efetua por meio da encarnação, que é imposta a uns como expiação e a outros como missão. A vida material é uma prova a que devem submeter-se várias vezes, até que hajam atingido a perfeição absoluta; é uma espécie de filtro ou depurador de onde saem mais ou menos purificados;

— deixando o corpo, a alma volta ao mundo dos Espíritos, de onde havia saído, para recomeçar uma nova existência material, após um lapso de tempo mais ou menos longo, durante o qual permanece no estado de Espírito errante;

— tendo o Espírito que passar por muitas encarnações, conclui-se que todos nós tivemos muitas existências e que teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, quer na Terra, quer em outros mundos;

— a encarnação dos Espíritos ocorre sempre na espécie humana; seria erro acreditar-se que a alma ou Espírito possa encarnar no corpo de um animal;⁸

— as diferentes existências corpóreas do Espírito são sempre progressivas e jamais retrógradas, mas a rapidez do seu progresso depende dos esforços que faça para chegar à perfeição;

— as qualidades da alma são as do Espírito que está encarnado em nós; assim, o homem de bem é a encarnação de um Espírito bom, e o homem perverso a de um Espírito impuro;

— a alma tinha sua individualidade antes de encarnar e a conserva depois que se separa do corpo;

⁸ Nota de Allan Kardec: Entre a doutrina da reencarnação e a da metempsicose, tal como a admitem algumas seitas, há uma diferença característica que será explicada no curso desta obra.

— na sua volta ao mundo dos Espíritos, a alma encontra todos aqueles que conheceu na Terra, e todas as suas existências anteriores se refletem na sua memória, com a lembrança de todo bem e de todo mal que fez;

— o Espírito encarnado se acha sob a influência da matéria. O homem que supera essa influência, pela elevação e depuração de sua alma, aproxima-se dos Espíritos bons, com os quais estará um dia. Aquele que se deixa dominar pelas más paixões, e põe todas as suas alegrias na satisfação dos apetites grosseiros, se aproxima dos Espíritos impuros, dando preponderância à natureza animal;

— os Espíritos encarnados habitam os diferentes globos do Universo;

— os Espíritos não encarnados, ou errantes, não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda parte no Espaço e ao nosso lado, vendo-nos e acotovelando-nos sem cessar. É toda uma população invisível que se agita em torno de nós;

— os Espíritos exercem sobre o mundo moral, e mesmo sobre o mundo físico, uma ação incessante. Agem sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das potências da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até agora não explicados ou mal explicados e que não encontram solução racional senão no Espiritismo;

— as relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os Espíritos bons nos incitam ao bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. Os maus nos impelem para o mal: é para eles um prazer ver-nos sucumbir e nos identificar com eles;

— as comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas ocorrem pela influência boa ou má que exercem sobre nós, à nossa revelia. Cabe ao nosso julgamento discernir as boas das más inspirações. As comunicações ostensivas se dão por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, na maioria das vezes pelos médiuns que lhes servem de instrumento;

— os Espíritos se manifestam espontaneamente ou mediante evocação. Podemos evocar todos os Espíritos: os que animaram homens obscuros, como os das personagens mais ilustres, seja qual for a época em que tenham vivido; os de nossos parentes, de nossos amigos ou inimigos, e deles obter, por meio de comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre a sua situação no além-túmulo, seus pensamentos a nosso respeito, assim como as revelações que lhes sejam permitidas fazer-nos;

— os Espíritos são atraídos em razão de sua simpatia pela natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos superiores se comprazem nas reuniões sérias, onde predominam o amor do bem e o desejo sincero de instruir-se e melhorar-se. A presença deles afasta os Espíritos inferiores que, ao contrário, encontram livre acesso e podem agir com toda liberdade entre pessoas frívolas ou guiadas apenas pela curiosidade, e por toda parte onde encontrem maus instintos. Longe de se obterem bons conselhos, ou ensinamentos úteis, deles só se devem esperar futilidades, mentiras, gracejos de mau gosto ou mistificações, pois muitas vezes tomam nomes venerados, a fim de melhor induzirem ao erro;

— distinguir os Espíritos bons dos maus é extremamente fácil. A linguagem dos Espíritos superiores é constantemente digna, nobre, marcada pela mais alta moralidade, isenta de qualquer paixão inferior; seus conselhos revelam a mais pura sabedoria e têm sempre por objetivo o nosso melhoramento e o bem da Humanidade. A dos Espíritos inferiores, ao contrário, é inconsequente, muitas vezes trivial e mesmo grosseira; se por vezes dizem coisas boas e verdadeiras, em muitas outras dizem falsidades e absurdos, por malícia ou ignorância. Zombam da credulidade e se divertem à custa dos que os interrogam, lisonjeando-lhes a vaidade e embalando-lhes os desejos com falsas esperanças. Em resumo, as comunicações sérias, na total aceção do termo, só são dadas nos centros sérios, naqueles cujos membros estão unidos por uma íntima comunhão de pensamentos, tendo em vista o bem;

— a moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, isto é, fazer o bem e não o mal. O homem encontra nesse princípio a regra universal de conduta, mesmo para as suas menores ações;

— eles nos ensinam que o egoísmo, o orgulho, a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal, prendendo-nos à matéria; que o homem que, desde este mundo, se desliga da matéria pelo desprezo das futilidades mundanas e pelo amor ao próximo aproxima-se da natureza espiritual; que cada um de nós deve tornar-se útil segundo as faculdades e os meios que Deus nos colocou nas mãos para nos provar; que o *forte* e o *poderoso* devem apoio e proteção ao *fraco*, porque aquele que abusa da sua força e do seu poder para oprimir o seu semelhante transgride a Lei de Deus. Ensinam, finalmente, que no mundo dos Espíritos, nada podendo estar oculto, o hipócrita será desmascarado e todas as suas torpezas descobertas;

que a presença inevitável, e de todos os instantes, daqueles para com quem agimos mal é um dos castigos que nos estão reservados; que ao estado de inferioridade e de superioridade dos Espíritos correspondem penas e gozos que nos são desconhecidos na Terra;

— mas eles também nos ensinam que não há faltas irremissíveis que a expiação não possa apagar. O homem encontra o meio de consegui-lo nas diferentes existências que lhe permitem avançar, conforme seu desejo e seus esforços, na senda do progresso, rumo à perfeição, que é o seu objetivo final.

Este é o resumo da Doutrina Espírita, como resulta dos ensinamentos dados pelos Espíritos superiores. Vejamos agora as objeções que se lhe opõem.

VII

Para muita gente, a oposição das corporações científicas constitui, quando não uma prova, pelo menos forte presunção contrária. Não somos dos que se rebelam contra os sábios, pois não queremos que digam que os insultamos; ao contrário, nós os temos em grande estima e ficaríamos muito honrados se fôssemos contados entre eles. Mas a opinião deles não pode representar em todas as circunstâncias uma sentença irrevogável.

Desde que a Ciência sai da observação material dos fatos e trata de os apreciar e explicar, o campo está aberto às conjecturas. Cada um constrói o seu sistemazinho, que deseja fazer prevalecer, e o sustenta com obstinação. Não vemos diariamente as opiniões mais contraditórias serem alternadamente preconizadas e rejeitadas, ora repelidas como erros absurdos e depois proclamadas como verdades incontestáveis? Os fatos, eis o verdadeiro critério dos nossos julgamentos, o argumento sem réplica. Na ausência dos fatos, a dúvida é a opinião do homem sensato.

No tocante às coisas notórias, a opinião dos sábios é, com toda razão, digna de fé, pois eles sabem mais e melhor do que o vulgo. Mas, em termos de princípios novos, de coisas desconhecidas, sua maneira de ver quase sempre é hipotética, visto que eles não se acham mais livres de preconceitos do que os outros. Direi mesmo que o sábio talvez tenha mais preconceitos que qualquer outro, pois uma propensão natural o leva a subordinar tudo ao ponto de vista em que se especializou: o matemático não vê prova senão numa demonstração algébrica, o químico refere tudo à ação dos elementos etc. Todo homem que faz uma especialidade, a ela se aferra com todas as suas forças. Tirei-o daí e o vereis quase sempre

delirar, por querer submeter tudo ao mesmo crivo; é uma consequência da fraqueza humana. Consultarei, pois, de bom grado e com toda a confiança, um químico sobre uma questão de análise, um físico sobre a força elétrica, um mecânico sobre uma força motriz. Hão, porém, de permitir-me, sem que isto afete a estima a que têm direito por seu saber especial, que eu não tenha em melhor conta suas opiniões negativas sobre o Espiritismo, do que o parecer de um arquiteto sobre uma questão de música.

As ciências vulgares se apoiam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular à vontade; os fenômenos espíritos repousam na ação de inteligências que têm vontade própria e que nos provam a todo instante não se acharem subordinadas ao nosso capricho. As observações, portanto, não podem ser feitas da mesma maneira; requerem condições especiais e outro ponto de partida. Querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem. A Ciência propriamente dita, como ciência, é, pois, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo: não tem que se ocupar com isso e seu julgamento, seja qual for, favorável ou não, nenhum peso poderá ter. O Espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal, que os sábios, como indivíduos, podem adquirir, abstração feita da sua qualidade de sábios. Pretender, porém, deferir a questão à Ciência equivaleria a querer que a existência da alma fosse decidida por uma assembleia de físicos ou de astrônomos. Com efeito, o Espiritismo está todo inteiro na existência da alma e no seu estado depois da morte. Ora, é soberanamente ilógico pensar que o homem deva ser um grande psicólogo, porque é um grande matemático ou um grande anatomista. Dissecando o corpo humano, o anatomista procura a alma e, porque não a encontra com o seu escalpelo, como encontra um nervo, ou porque não a vê evoluir-se como um gás, conclui que ela não existe, visto colocar-se num ponto de vista exclusivamente material. Segue-se que tenha razão contra a opinião universal? Não. Vê-se, portanto, que o Espiritismo não é da alçada da Ciência.

Quando as crenças espíritas se houverem divulgado, quando estiverem aceitas pelas massas — e, a julgar pela rapidez com que se propagam, esse tempo não está muito longe —, dar-se-á com elas o que se tem dado com todas as ideias novas que encontraram oposição: os sábios se renderão à evidência. A ela chegarão individualmente, pela força das coisas. Até então será intempestivo desviá-los de seus trabalhos especiais, para os constranger

a se ocuparem com uma coisa estranha, que não está nas suas atribuições, nem no seu programa. Enquanto isso, os que, sem estudo prévio e aprofundado da matéria, se pronunciavam pela negativa e ridicularizam os que não pensam como eles esquecem que assim sucedeu com a maior parte das grandes descobertas que honram a Humanidade. Expõem-se a ver seus nomes aumentando a lista dos ilustres proscritores das ideias novas e inscritos ao lado dos membros da douta assembleia que, em 1752, acolheu com imensa gargalhada a memória de Franklin⁹ sobre os para-raios, julgando-a indigna de figurar entre as comunicações que lhe eram dirigidas; e dos daquela outra que fez a França perder as vantagens da iniciativa da marinha a vapor, declarando o sistema de Fulton¹⁰ um sonho impraticável; e, contudo, essas eram questões de sua alçada. Se, pois, essas assembleias, que contavam em seu seio a elite dos sábios do mundo, só tiveram a zombaria e o sarcasmo para ideias que não compreendiam, ideias que, alguns anos mais tarde, deviam revolucionar a Ciência, os costumes e a indústria, como esperar que uma questão estranha aos seus trabalhos obtenha mais acolhimento?

Esses erros de alguns homens de ciência, embora lamentáveis, não poderiam tirar-lhes os títulos que, noutros assuntos, conquistaram à nossa estima, mas será preciso diploma oficial para se ter bom senso? E não haverá fora das cátedras acadêmicas senão tolos e imbecis? Que se dignem lançar os olhos para os adeptos da Doutrina Espírita, a fim de verem se entre eles só existem ignorantes e se o número imenso de homens de mérito que a têm abraçado permite relegá-la ao rol das crenças vulgares. O caráter, o saber desses homens merece que se diga: já que eles afirmam, deve pelo menos haver alguma coisa.

Repetimos ainda que, se os fatos com que nos estamos ocupando se houvessem restringido ao movimento mecânico dos corpos, a pesquisa da causa física desse fenômeno entraria no domínio da Ciência. Como, porém, se trata de uma manifestação fora do âmbito das leis da Humanidade, ela escapa à competência da ciência material, porque não pode ser explicada por algarismos, nem por uma força mecânica. Quando surge um fato novo, que não tem relação com nenhuma ciência conhecida, o sábio, para estudá-lo,

⁹ N.E.: Benjamin Franklin (1706–1790), político, físico e publicista americano. Descobriu a natureza elétrica do relâmpago e o poder das pontas, o que o levou à invenção do para-raios em 1752.

¹⁰ N.E.: Robert Fulton (1765–1815), mecânico americano. Construiu o primeiro submarino movido a hélice, o Nautilus (1800), e realizou industrialmente a propulsão dos navios a vapor (1807).

deve fazer abstração de sua ciência e dizer a si mesmo que se trata de um estudo novo, impossível de ser feito com ideias preconcebidas.

O homem que julga infalível a sua razão está bem perto do erro. Mesmo aqueles cujas ideias são as mais falsas se apoiam na própria razão, rejeitando, em virtude disso, tudo o que lhes parece impossível. Os que outrora repeliram as admiráveis descobertas de que a Humanidade se honra, todos apelaram a esse juiz para as rejeitar. O que se chama razão não é muitas vezes senão orgulho disfarçado e quem quer que se considere infalível coloca-se como igual a Deus. Dirigimo-nos, pois, aos que são suficientemente ponderados para duvidar do que não viram, e que, julgando o futuro pelo passado, não creem que o homem haja chegado ao apogeu, nem que a Natureza lhe tenha virado a última página de seu livro.

VIII

Acrescentemos que o estudo de uma doutrina, tal como a Doutrina Espírita, que nos lança de súbito numa ordem de coisas tão nova e tão grande, não pode ser realizado com proveito senão por homens sérios, perseverantes, isentos de prevenções e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado. Não poderíamos dar essa qualificação aos que julgam *a priori*, levemente e sem tudo ter visto; que não imprimem a seus estudos a continuidade, a regularidade e o recolhimento necessários. Ainda menos poderíamos dá-los a certas pessoas que, para não perderem sua reputação de homens de espírito, se esforçam por encontrar um lado burlesco nas coisas mais verdadeiras, ou tidas como tais por pessoas cujo saber, caráter e convicções merecem a consideração dos que se prezam de bem-educados. Que se abstenham, portanto, os que entendem que os fatos não são dignos de sua atenção. Ninguém pensa em violentar-lhes a crença; concordem, porém, em respeitar a dos outros.

O que caracteriza um estudo sério é a continuidade que se lhe dá. Devemos admirar-nos de não obter, com frequência, nenhuma resposta sensata a questões de si mesmas graves, quando as fazemos ao acaso e à queima-roupa, em meio a uma enxurrada de perguntas extravagantes? Além disso, acontece muitas vezes que uma questão complexa, para ser esclarecida, exige outras preliminares ou complementares. Quem quer adquirir uma ciência deve fazer um estudo metódico dela, começar pelo princípio e seguir o encadeamento e o desenvolvimento das ideias. Aquele que dirige a um

sábio, ao acaso, perguntas acerca de uma ciência cujas primeiras palavras ignore, colherá algum proveito? Poderá o próprio sábio, por maior que seja a sua boa vontade, dar-lhe resposta satisfatória? Essa resposta isolada será forçosamente incompleta e, por isso mesmo, quase sempre ininteligível, ou parecerá absurda e contraditória. Dá-se exatamente o mesmo nas relações que estabelecemos com os Espíritos. Se quisermos nos instruir na sua escola, com eles devemos fazer um curso, mas, como entre nós, é preciso escolher os professores e trabalhar com assiduidade.

Dissemos que os Espíritos superiores só comparecem às reuniões sérias, sobretudo àquelas em que reina perfeita comunhão de pensamentos e de sentimentos para o bem. A levandade e as questões ociosas os afastam, como, entre os homens, afastam as pessoas sensatas; o campo fica, então, livre à turba dos Espíritos mentirosos e frívolos, sempre à espreita de ocasiões para zombarem de nós e se divertirem à nossa custa. O que sucederia, numa reunião dessas, a uma pergunta grave? Seria respondida, mas por quem? É como se no meio de um bando de galhofeiros lançássemos estas questões: Que é a alma? Que é a morte? e outras tão recreativas quanto essas. Se quereis respostas sérias, comportai-vos com seriedade na mais ampla acepção do termo e procurai preencher todas as condições requeridas; só então obtereis grandes coisas. Sede mais laboriosos e perseverantes nos vossos estudos, a fim de que os Espíritos superiores não vos abandonem, como faz um professor com os alunos negligentes.

IX

O movimento dos objetos é um fato comprovado. A questão é saber se, nesse movimento, há ou não uma manifestação inteligente e, em caso afirmativo, qual a origem de tal manifestação.

Não falamos do movimento inteligente de certos objetos, nem das comunicações verbais, nem mesmo das que o médium escreve diretamente. Esse gênero de manifestação, evidente para os que viram e aprofundaram o assunto, não é, à primeira vista, bastante independente da vontade para firmar a convicção de um observador novato. Não trataremos, portanto, senão da escrita obtida com o auxílio de um objeto qualquer munido de um lápis, tal como a cesta, a prancheta etc. A maneira pela qual os dedos do médium são postos sobre o objeto desafia, como já dissemos, a mais perfeita destreza de sua parte em poder participar, de algum modo, no traçado das

letras. Mas admitamos ainda que, por uma habilidade maravilhosa, possa ele enganar os olhos do mais atento observador; como explicar a natureza das respostas, quando estão muito além de todas as ideias e conhecimentos do médium? E note-se que não se trata de respostas monossilábicas, mas, frequentemente, de muitas páginas escritas com admirável rapidez, quer espontaneamente, quer sobre determinado assunto. Pela mão do médium menos versado em literatura, surgem algumas vezes poesias de sublimidade e pureza impecáveis, que os melhores poetas humanos não desaprovavam. E o que aumenta ainda mais a estranheza desses fatos é que eles se produzem por toda parte e que os médiuns se multiplicam ao infinito. Esses fatos são reais ou não? Para esta pergunta só temos uma resposta: vede e observai; não vos faltarão oportunidades, mas, sobretudo, observai muitas vezes, por longo tempo e de acordo com as condições exigidas.

Diante da evidência, que respondem os antagonistas? Sois vítimas do charlatanismo, dizem eles, ou juguete de uma ilusão. A isso replicamos, para começar, que é preciso afastar a palavra *charlatanismo* daquilo que não rende lucros; os charlatães não trabalham de graça. Seria, quando muito, uma mistificação. Mas por que singular coincidência esses mistificadores se teriam entendido de um extremo a outro do mundo, para agir do mesmo modo, produzir os mesmos efeitos e, sobre os mesmos assuntos e em diversas línguas, dar respostas idênticas, se não quanto à forma, pelo menos quanto ao sentido? Como é que pessoas sérias, honradas e instruídas se prestariam a semelhantes manobras? E com que fim? Como achar em crianças a paciência e a habilidade necessárias? Porque, se os médiuns não são instrumentos passivos, é preciso que tenham habilidade e conhecimentos incompatíveis com uma certa idade e certas posições sociais.

Então acrescentam que, se não há fraude, os dois lados podem ser vítimas de uma ilusão. Em boa lógica, a qualidade das testemunhas tem um certo peso; ora, é aqui o caso de perguntarmos se a Doutrina Espírita, que conta hoje milhões de adeptos, só os recruta entre os ignorantes? Os fenômenos em que ela se apoia são tão extraordinários que concebemos a dúvida. Porém, o que não se poderia admitir é a pretensão de certos incrédulos ao monopólio do bom senso, nem que, sem respeito às conveniências e ao valor moral dos adversários, tachem de ineptos, sem a menor cerimônia, os que não concordam com os seus pareceres. Aos olhos de qualquer criatura judiciosa, a opinião de

peessoas esclarecidas que por muito tempo viram, estudaram e meditaram um fato constituirá sempre, quando não uma prova, pelo menos uma presunção a seu favor, já que pode prender a atenção de homens sérios, que não tinham interesse algum em propagar erros nem tempo a perder com futilidades.

X

Entre as objeções, algumas há mais sedutoras, ao menos na aparência, porque colhidas da observação e feitas por pessoas sérias.

Uma dessas objeções é que a linguagem de certos Espíritos não parece digna da elevação que se atribui a seres sobrenaturais. Quem se reportar ao resumo da doutrina, acima apresentado, verá que os próprios Espíritos nos ensinam que não são iguais em conhecimento, nem em qualidades morais, e que não se deve tomar ao pé da letra tudo quanto dizem. Cabe às pessoas sensatas separar o bom do mau. Seguramente, os que deduzem desse fato que só lidamos com seres malfazejos, cuja única ocupação é mistificar, não conhecem as comunicações que são dadas nas reuniões em que só se manifestam Espíritos superiores; de outro modo não pensariam assim. É lamentável que o acaso os tenha servido tão mal, não lhes mostrando senão o lado mau do mundo espiritual, pois não queremos supor que uma tendência simpática atraia para eles, em vez dos Espíritos bons, os maus, os Espíritos mentirosos, ou aqueles cuja linguagem é de revoltante grosseria. Poder-se-ia, no máximo, concluir que a solidez dos princípios dessas pessoas não é bastante forte para afastar o mal e que, achando certo prazer em lhes satisfazerem a curiosidade, os Espíritos maus disso se aproveitam para se insinuar entre elas, enquanto os bons se afastam.

Julgar a questão dos Espíritos por esses fatos seria tão pouco lógico quanto julgar o caráter de um povo pelo que se diz e faz numa reunião de estouvados ou de gente de má fama, da qual nem participam as pessoas circunspetas nem as sensatas. Essas criaturas se encontram na situação de um estrangeiro que, chegando a uma grande capital pelo mais desprezível de seus subúrbios, julgasse todos os habitantes pelos costumes e pela linguagem desse bairro ínfimo. No mundo dos Espíritos também há uma sociedade boa e uma sociedade má; dignem-se essas pessoas de estudar o que se passa entre os Espíritos de escol e se convencerão de que a cidade celeste não contém apenas a escória popular. Mas, perguntam elas, os Espíritos de escol vêm até nós? A isto responderemos: Não fiquéis no

subúrbio; vede, observai e julgai; os fatos aí estão para todos. A menos que a elas se apliquem estas palavras de Jesus: *Têm olhos e não veem; têm ouvidos e não ouvem.*

Uma variante dessa opinião consiste em não ver, nas comunicações espíritas e em todos os fatos materiais a que elas dão lugar, mais que a intervenção de um poder diabólico, novo proteu que revestiria todas as formas para melhor nos enganar. Não a julgamos merecedora de exame sério, razão por que com ela não nos demoraremos: já está refutada pelo que acabamos de dizer. Acrescentaremos apenas que, se fosse assim, teríamos de convir em que o diabo é às vezes bastante criterioso, bem razoável e sobretudo muito moral, ou, então, que há também diabos bons.

De fato, como acreditar que Deus só permita ao Espírito do mal se manifestar para nos perder, sem nos dar, em compensação, os conselhos dos Espíritos bons? Se Ele não pode fazê-lo, não é onipotente; se pode e não o faz, isso é incompatível com a sua bondade; ambas as suposições seriam uma blasfêmia. Note-se que admitir a comunicação dos Espíritos maus é reconhecer o princípio das manifestações. Ora, desde que elas existem, só pode ser com a permissão de Deus. Como acreditar, sem cometer impiedade, que Ele só permita o mal, com exclusão do bem? Semelhante doutrina é contrária às mais simples noções do bom senso e da religião.

XI

É estranho, acrescentam, que só se fale dos Espíritos de personagens conhecidas e perguntam por que são eles os únicos a se manifestarem. Eis aí um erro, oriundo, como tantos outros, de observação superficial. Dentre os Espíritos que vêm espontaneamente, há maior número de desconhecidos do que de ilustres, designando-se os primeiros por um nome qualquer e muitas vezes por um nome alegórico ou característico. Quanto aos que se evocam, a menos que seja um parente ou amigo, é muito natural que nos dirijamos aos que conhecemos, de preferência àqueles que nos são desconhecidos. O nome das personagens ilustres impressiona mais e é por isso que são mais notadas.

Acham também singular que os Espíritos de homens eminentes atendam familiarmente ao nosso apelo e se ocupem, às vezes, com coisas insignificantes, em comparação com as de que se ocupavam durante a vida. Isso nada tem de estranho para os que sabem que o poder ou a consideração de

que esses homens gozaram neste mundo não lhes dá nenhuma supremacia no mundo espiritual. Nisto, os Espíritos confirmam estas palavras do Evangelho: “Os grandes serão rebaixados e os pequenos serão elevados”, que devem ser entendidas como se referindo à posição que cada um de nós ocupará entre eles. É assim que aquele que foi o primeiro na Terra poderá ser um dos últimos no mundo espiritual. Aquele diante de quem curvávamos aqui a cabeça pode, portanto, vir entre nós como o mais humilde operário, porque, ao deixar a vida, deixou toda a sua grandeza, e o mais poderoso monarca talvez lá se encontre abaixo do último dos seus soldados.

XII

Um fato demonstrado pela observação e confirmado pelos próprios Espíritos é o de que os Espíritos inferiores muitas vezes se apresentam com nomes conhecidos e respeitados. Quem pode, pois, assegurar que os que dizem ter sido, por exemplo, Sócrates, Júlio César, Carlos Magno, Fénelon, Napoleão, Washington etc., tenham realmente animado essas personagens? Essa dúvida existe entre alguns adeptos fervorosos da Doutrina Espírita; admitem a intervenção e a manifestação dos Espíritos, mas perguntam que controle podemos ter da sua identidade. Semelhante controle é, de fato, muito difícil de estabelecer-se. Embora não possa ser feito de modo tão autêntico como por uma certidão de registro civil, pode-o ao menos por presunção, segundo certos indícios.

Quando se manifesta o Espírito de alguém que conhecemos pessoalmente, de um parente ou de um amigo, por exemplo, sobretudo se morreu há pouco tempo, acontece geralmente que sua linguagem guarda perfeita relação com o caráter que lhe conhecíamos. Isto já é um indício de identidade. Mas quase não há mais lugar para dúvida quando esse Espírito fala de coisas particulares, lembra casos de família que somente o interlocutor conhece. Um filho não se enganará, por certo, com a linguagem de seu pai ou de sua mãe, nem os pais com a linguagem dos filhos. Algumas vezes, nessas evocações íntimas, acontecem coisas surpreendentes, capazes de convencer o maior incrédulo. O cético mais endurecido fica, não raro, aterrorizado com as revelações inesperadas que lhe são feitas.

Outra circunstância muito característica vem como prova de identidade. Dissemos que a caligrafia do médium muda geralmente com o Espírito evocado, e que essa caligrafia se reproduz exatamente igual toda vez que o

mesmo Espírito se manifesta. Constatou-se inúmeras vezes, sobretudo para pessoas falecidas recentemente, que a escrita denota flagrante semelhança com a que tinha essa pessoa em vida; têm-se obtido assinaturas de perfeita exatidão. Longe estamos, entretanto, de dar esse fato como regra e menos ainda como regra constante; apenas o mencionamos como digno de nota.

Somente os Espíritos que atingiram certo grau de purificação se acham libertos de toda influência corpórea; porém, quando não estão completamente desmaterializados — é a expressão de que se servem —, conservam a maior parte das ideias, dos pendores e até das *manias* que tinham na Terra, o que também é um meio de reconhecê-los, meio a que igualmente se chega por uma imensidade de fatos minuciosos, que só uma observação atenta, cuidadosa, pode revelar. Veem-se escritores a discutir suas próprias obras ou doutrinas, aprovando ou condenando certas partes delas; outros Espíritos a lembrar circunstâncias ignoradas ou pouco conhecidas de suas vidas ou de suas mortes; enfim, todas as coisas que são ao menos provas morais de identidade, únicas que se podem invocar, tratando-se de coisas abstratas.

Se, pois, a identidade do Espírito evocado pode, até certo ponto, ser estabelecida em alguns casos, não há razão para que não o seja em outros; e se não dispomos dos mesmos meios de controle para pessoas cuja morte ocorreu há mais tempo, resta sempre o da linguagem e do caráter, porque, seguramente, o Espírito de um homem de bem não falará como o de um perverso ou de um devasso. Quanto aos Espíritos que se apropriam de nomes respeitáveis, logo se traem por sua linguagem e por suas máximas. Aquele que se dissesse Fénelon, por exemplo, e que ofendesse, ainda que acidentalmente, o bom senso e a moral, mostraria, por esse simples fato, o embuste. Se, ao contrário, os pensamentos que ele exprime são sempre puros, sem contradições e constantemente à altura do caráter de Fénelon, não há motivos para se duvidar da sua identidade. De outro modo, seria preciso admitir que um Espírito que só prega o bem é capaz de mentir conscientemente, e isso sem utilidade alguma.

A experiência nos ensina que os Espíritos da mesma categoria, do mesmo caráter e animados dos mesmos sentimentos reúnem-se em grupos e em famílias. Ora, o número dos Espíritos é incalculável e estamos longe de conhecê-los a todos; a maioria deles nem mesmo tem nomes para nós. Um Espírito da categoria de Fénelon pode, pois, vir em seu lugar, muitas vezes até como seu mandatário. Apresenta-se então com o seu nome, porque lhe

é idêntico e pode substituí-lo e porque precisamos de um nome para fixar nossas ideias. Mas que importa, afinal, que um Espírito seja, realmente, o de Fénelon? Desde que só diga coisas boas e fale como o teria feito o próprio Fénelon, é um Espírito bom; o nome pelo qual se dá a conhecer é indiferente, não passando muitas vezes de um meio para fixar nossas ideias. Não se daria o mesmo nas evocações íntimas, mas aí, como já dissemos, a identidade pode ser estabelecida por provas de certo modo evidentes.

Por fim, é certo que a substituição dos Espíritos pode causar uma porção de equívocos, resultar em erros e muitas vezes em mistificações. Essa é uma das dificuldades do *Espiritismo prático*. Mas jamais dissemos que esta ciência fosse uma coisa fácil, nem que se pudesse aprendê-la brincando, como também não se dá com qualquer outra ciência. Nunca será demais repetir que ela exige um estudo assíduo e, geralmente, muito prolongado. Não se podendo provocar os fatos, é preciso esperar que eles se apresentem por si mesmos; muitas vezes esses fatos ocorrem por efeito de circunstâncias em que menos se pensa. Para o observador atento e paciente, os fatos são abundantes, porque ele descobre milhares de matizes característicos que, para ele, são raios de luz. O mesmo se dá com as ciências comuns; enquanto o homem superficial não vê numa flor mais que uma forma elegante, o sábio descobre nela tesouros para o pensamento.

XIII

As observações anteriores nos levam a dizer algumas palavras acerca de outra dificuldade: a da divergência que existe na linguagem dos Espíritos.

Sendo os Espíritos muito diferentes uns dos outros, do ponto de vista dos conhecimentos e da moralidade, é evidente que a mesma questão pode ser por eles resolvida em sentidos opostos, conforme a categoria que ocupem, exatamente como sucederia entre os homens se a propusessem ora a um sábio, ora a um ignorante, ora a um gracejador de mau gosto. O ponto essencial, já o dissemos, é saber a quem nos dirigimos.

Mas, ponderam, como se explica que os Espíritos reconhecidos como seres superiores nem sempre estejam de acordo entre si? Diremos, em primeiro lugar, que, independentemente da causa que acabamos de assinalar, existem outras que podem exercer certa influência sobre a natureza das respostas, abstração feita do caráter dos Espíritos. Este é um ponto capital, cujo estudo trará a explicação. É por isso que dizemos que estes

estudos requerem atenção demorada, observação profunda e, sobretudo, como o exigem todas as ciências humanas, continuidade e perseverança. São precisos alguns anos para formar-se um médico medíocre e três quartas partes da vida para formar-se um sábio, e querem em algumas horas adquirir a Ciência do Infinito! Que ninguém, portanto, se iluda: o estudo do Espiritismo é imenso; diz respeito a todas as questões da metafísica e da ordem social; é todo um mundo que se abre diante de nós. Será de admirar que demande tempo, muito tempo mesmo?

Além disso, nem sempre a contradição é tão real quanto possa parecer. Não vemos todos os dias homens que professam a mesma ciência divergirem na definição dada a uma coisa, seja porque empregam termos diferentes, seja porque a consideram sob outro ponto de vista, embora a ideia fundamental seja sempre a mesma? Que se conte, se possível, o número de definições que foram dadas da gramática! Acrescentemos, ainda, que a forma da resposta depende muitas vezes da forma da pergunta. Seria pueril, portanto, ver contradição onde geralmente só existe diferença de palavras. Os Espíritos superiores não se preocupam de modo algum com a forma; para eles, o fundo do pensamento é tudo.

Tomemos por exemplo a definição de alma. Não tendo esta palavra uma acepção única, os Espíritos podem, assim como nós, divergir na definição que lhe dão: um poderá dizer que é o princípio da vida, outro chamá-la de centelha anímica, um terceiro afirmar que ela é interna, um quarto que é externa etc., e todos terão razão, cada um do seu ponto de vista. Poder-se-á mesmo crer que alguns deles professem teorias materialistas e, todavia, não ser assim. Dá-se o mesmo com a palavra *Deus*. Será: o princípio de todas as coisas, o criador do Universo, a inteligência suprema, o infinito, o grande Espírito etc. Mas, em última análise, será sempre Deus. Citemos, finalmente, a classificação dos Espíritos. Eles formam uma série ininterrupta, desde o grau inferior até o grau superior. A classificação é, pois, arbitrária: um poderá fixá-la em três classes, outro em cinco, dez ou vinte, à vontade, sem que nenhum esteja em erro. Todas as ciências humanas nos oferecem o mesmo exemplo. Cada sábio tem o seu sistema; os sistemas mudam, mas a Ciência não muda. Quer se aprenda a Botânica pelo sistema de Lineu,¹¹ de

¹¹ N.E.: Carl von Lineu (1707–1778), pioneiro na criação de um sistema hierárquico de classificação dos seres vivos (usado até hoje, embora já bastante modificado).

Jussieu¹² ou de Tournefort,¹³ nem por isso se saberá menos Botânica. Deixemos, pois, de dar às coisas puramente convencionais mais importância do que merecem, para só nos atermos àquilo que é realmente sério e, não raro, a reflexão nos fará descobrir, naquilo que parecia ser o maior disparate, uma similitude que nos havia escapado a um primeiro exame.

XIV

Passaríamos de leve sobre a objeção de alguns céticos a propósito das falhas ortográficas cometidas por certos Espíritos, se ela não desse margem a uma observação essencial. A ortografia deles, cumpre dizê-lo, nem sempre é impecável, mas é preciso ter a razão muito estreita para se fazer disso objeto de crítica séria, dizendo que, uma vez que os Espíritos tudo sabem, devem saber ortografia. Poderíamos opor-lhes inúmeros pecados desse gênero, cometidos por mais de um sábio da Terra, o que em nada lhes diminui o mérito. Entretanto, há neste fato uma questão mais grave. Para os Espíritos, principalmente para os Espíritos superiores, a ideia é tudo, a forma nada é. Libertos da matéria, sua linguagem é rápida como o pensamento, pois que são os próprios pensamentos que se comunicam sem intermediário. Devem, pois, sentir-se muito pouco à vontade quando são obrigados, para se comunicarem conosco, a se servirem das formas longas e embaraçosas da linguagem humana e, sobretudo, a lutarem com a insuficiência e imperfeição dessa linguagem, para exprimirem todas as ideias; é o que eles próprios dizem. Por isso, é curioso observar os meios de que muitas vezes se servem para atenuarem esse inconveniente. O mesmo se daria conosco se tivéssemos de nos exprimir num idioma mais extenso em palavras e expressões, e mais pobre em fraseados do que nosso. É a dificuldade sentida pelo homem de gênio, que se impacienta com a lentidão da pena, sempre muito atrasada em relação ao seu pensamento. É compreensível, diante disto, que os Espíritos liguem pouca importância à puerilidade da ortografia, sobretudo quando se trata de ensino importante. Já não é maravilhoso, aliás, que se expressem indiferentemente em todas as línguas e as compreendam todas? Não se conclua daí, no entanto, que a correção convencional da linguagem lhes seja desconhecida, pois a observam quando necessário. É assim, por exemplo, que a poesia por eles

¹² N.E.: Sobrenome de grande família de botânicos franceses.

¹³ N.E.: Joseph Pitton de Tournefort (1656–1708): estudou a morfologia e a classificação botânica.

ditada desafiaria quase sempre a crítica do mais meticoloso purista, e isso *a despeito da ignorância do médium*.

XV

Há, ainda, pessoas que veem perigo por toda parte e em tudo o que não conhecem. Também não deixam de tirar conclusão desfavorável do fato de algumas pessoas, ao se entregarem a esses estudos, terem perdido a razão. Como é que homens sensatos podem ver nisto uma objeção séria? Não se dá o mesmo com todas as preocupações intelectuais sobre um cérebro fraco? Quem conhece o número de loucos e maníacos que os estudos matemáticos, médicos, musicais, filosóficos e outros já produziram? E devemos, por isso, banir tais estudos? Que prova isso? Nos trabalhos corpóreos, estropiam-se os braços e as pernas, que são os instrumentos da ação material; nos trabalhos da inteligência, estropeia-se o cérebro, que é o instrumento do pensamento. Mas, por se ter quebrado o instrumento, não se segue que o mesmo tenha acontecido ao Espírito: ele continua intacto e, quando se libertar da matéria, não gozará menos da plenitude das suas faculdades. É, no seu gênero, como homem, um mártir do trabalho.

Todas as grandes preocupações do Espírito podem ocasionar a loucura: as ciências, as artes e até a religião lhe fornecem contingentes. A loucura tem como causa primeira uma predisposição orgânica do cérebro, que o torna mais ou menos acessível a certas impressões. Dada a predisposição para a loucura, esta tomará o caráter da preocupação principal, transformando-se então em ideia fixa. Essa ideia fixa tanto poderá ser a dos Espíritos, naqueles que com eles se ocuparam, como a de Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, de uma arte, de uma ciência, da maternidade, de um sistema político ou social. É provável que o louco religioso ter-se-ia tornado um louco espírita, se o Espiritismo tivesse sido a sua preocupação dominante, como é provável que o louco espírita se tornasse um louco religioso, sob outra forma, conforme as circunstâncias.

Digo, pois, que o Espiritismo não tem nenhum privilégio a esse respeito; vou, porém, mais longe: digo que, bem compreendido, ele é um preservador contra a loucura.

Entre as causas mais comuns de superexcitação cerebral, devemos contar as decepções, os infortúnios, as afeições contrariadas, que são, ao

mesmo tempo, as causas mais frequentes de suicídio. Ora, o verdadeiro espírita vê as coisas deste mundo de um ponto de vista tão elevado; elas lhe parecem tão pequenas, tão mesquinhas, diante do futuro que o aguarda; para ele a vida é tão curta, tão fugaz, que, aos seus olhos, as tribulações não passam de incidentes desagradáveis de uma viagem. Aquilo que em outra pessoa produziria violenta emoção, pouco o afeta; ele sabe, além disso, que os desgostos da vida são provas que servem ao seu adiantamento, se as sofrer sem murmurar, porque será recompensado conforme a coragem com que as houver suportado. Suas convicções lhe dão, pois, uma resignação que o preserva do desespero e, por conseguinte, de uma causa incessante de loucura e suicídio. Ele sabe, além disso, pelo espetáculo que as comunicações com os Espíritos lhe proporcionam, qual a sorte dos que voluntariamente abreviam seus dias, e esse quadro é suficiente para fazê-lo refletir; sabe, também, que o número dos que têm sido detidos à beira desse funesto despenhadeiro é considerável. Este é um dos resultados do Espiritismo. Que os incrédulos riam quanto queiram; eu lhes desejo as consolações que ele proporciona a todos os que se deram ao trabalho de lhe sondar as misteriosas profundezas.

Entre as causas de loucura devemos ainda incluir o pavor, sendo que o medo do diabo já desequilibrou mais de um cérebro. Sabe-se lá o número de vítimas que ele não tem feito ao abalar imaginações fracas com esse quadro, que cada vez se esforçam por tornar mais assustador com terríveis detalhes? O diabo, dizem, só amedronta criancinhas; é um freio para torná-las ajuizadas. Sim, como o bicho-papão e o lobisomem. Contudo, quando não têm mais medo dele, tornam-se piores do que antes. E, para chegar-se a tão belo resultado, não se leva em conta o número de epilepsias causadas pelo abalo de cérebros delicados. Bem frágil seria a religião se, por falta de temor, sua força pudesse ficar comprometida. Felizmente não é assim; ela dispõe de outros meios para agir sobre as almas. O Espiritismo lhe fornece os mais eficazes e mais sérios, desde que ela os saiba aproveitar. Ele mostra a realidade das coisas e com isso neutraliza os efeitos funestos de um temor exagerado.

XVI

Resta-nos examinar duas objeções, únicas que realmente merecem esse nome, porque se baseiam em teorias racionais. Ambas admitem a

realidade de todos os fenômenos materiais e morais, mas excluem a intervenção dos Espíritos.

Segundo a primeira dessas teorias, todas as manifestações atribuídas aos Espíritos não seriam mais do que efeitos magnéticos. Os médiuns ficariam num estado que se poderia chamar de sonambulismo desperto, fenômeno do qual pode dar testemunho toda pessoa que estudou o magnetismo. Nesse estado, as faculdades intelectuais adquirem um desenvolvimento anormal; o círculo das percepções intuitivas se estende além dos limites da nossa concepção ordinária. Assim, o médium tiraria de si mesmo e por efeito da sua lucidez tudo o que diz e todas as noções que transmite, mesmo sobre as coisas que lhe sejam mais estranhas no seu estado normal.

Não seremos nós quem conteste o poder do sonambulismo, cujos prodígios observamos, estudando todas as suas fases durante mais de 35 anos. Concordamos, realmente, em que muitas manifestações espíritas podem ser explicadas por esse meio; contudo, uma observação atenta e prolongada mostra uma porção de fatos em que a intervenção do médium, a não ser como instrumento passivo, é materialmente impossível. Aos que partilham dessa opinião, diremos, como aos outros: “Vede e observai, porque seguramente ainda não vistes tudo.” Em seguida, opor-lhes-emos duas considerações tiradas de sua própria doutrina. De onde veio a teoria espírita? É um sistema imaginado por alguns homens para explicar os fatos? De modo algum. Quem, então, a revelou? Precisamente esses mesmos médiuns cuja lucidez exaltais. Se, pois, essa lucidez é tal como a supondes, por que teriam eles atribuído aos Espíritos o que hauriam em si mesmos? Como teriam dado essas informações tão precisas, tão lógicas e tão sublimes sobre a natureza dessas inteligências extra-humanas? De duas coisas, uma: ou eles são lúcidos, ou não o são. Se o são, e se temos confiança em sua veracidade, não poderíamos, para sermos coerentes, admitir que não estejam com a verdade. Em segundo lugar, se todos os fenômenos tivessem sua fonte no médium, seriam idênticos no mesmo indivíduo e não se veria a mesma pessoa usar de uma linguagem heterogênea, nem exprimir alternadamente as coisas mais contraditórias. Esta falta de unidade nas manifestações obtidas pelo médium prova a diversidade das fontes. Se, pois, não podemos encontrá-las todas no médium, é preciso que as procuremos fora dele.

Segundo outra opinião, o médium é a fonte das manifestações, mas, em vez de extraí-las de si mesmo, como o pretendem os partidários da teoria

sonambúlica, ele as colhe do meio ambiente. O médium seria, então, uma espécie de espelho a refletir todas as ideias, todos os pensamentos e todos os conhecimentos das pessoas que o cercam; nada diria que não fosse conhecido, pelo menos de algumas delas. Não se pode negar, e isto constitui mesmo um princípio da doutrina, a influência que os assistentes exercem sobre a natureza das manifestações. No entanto, essa influência é bem diversa da que se supõe existir, e daí a que o médium seja um eco do pensamento daqueles que o rodeiam, vai grande distância, visto que milhares de fatos demonstram terminantemente o contrário. Isto é um grave erro, que prova, uma vez mais, o perigo das conclusões prematuras. Como essas pessoas não podem negar a existência de um fenômeno que a ciência comum não consegue explicar, e não querendo admitir a presença dos Espíritos, explicam-no a seu modo. A teoria que sustentam seria sedutora se pudesse abranger todos os fatos, mas não é isso que acontece. Quando se lhes demonstra, até a evidência, que certas comunicações do médium são completamente estranhas aos pensamentos, aos conhecimentos e às próprias opiniões dos assistentes; que essas comunicações frequentemente são espontâneas e contradizem todas as ideias preconcebidas, elas não se deixam vencer tão facilmente. Respondem que a irradiação vai muito além do círculo imediato que nos cerca; o médium é o reflexo da Humanidade inteira, de tal sorte que, se não haure as inspirações ao seu redor, ele as vai buscar fora, na cidade, no país, em todo o globo e mesmo em outras esferas.

Não creio que se encontre nessa teoria uma explicação mais simples e mais provável que a do Espiritismo, pois ela pressupõe uma causa bem mais maravilhosa. A ideia de que seres que povoam os espaços e que, em contato permanente conosco, nos comunicam seus pensamentos, nada tem que choque mais a razão do que a suposição dessa irradiação universal, vinda de todos os pontos do Universo para se concentrar no cérebro de um indivíduo.

Ainda uma vez, e este é um ponto fundamental sobre o qual nunca insistiremos bastante: a teoria sonambúlica e a que se poderia chamar reflexiva foram imaginadas por alguns homens; são opiniões individuais, criadas para explicar um fato, ao passo que a Doutrina dos Espíritos não é de concepção humana. Foi ditada pelas próprias inteligências que se manifestam, quando nela ninguém pensava e a opinião geral até mesmo a repelia. Ora, perguntamos: onde os médiuns foram colher uma doutrina que não

passava pelo pensamento de ninguém na Terra? Também perguntamos: por que estranha coincidência milhares de médiuns espalhados por todos os pontos do globo, e que jamais se viram, concordaram em dizer a mesma coisa? Se o primeiro médium que apareceu na França sofreu a influência de opiniões já aceitas na América, por que capricho foi ele buscá-las a duas mil léguas além-mar, no seio de um povo tão estranho por seus costumes quanto por sua língua, em vez de as procurar ao seu redor?

Há também outra situação na qual não se tem pensado bastante. As primeiras manifestações, na França como na América, não se deram por meio da escrita nem da palavra falada, mas por pancadas concordantes com as letras do alfabeto e formando palavras e frases. Foi por esse meio que as inteligências autoras das manifestações declararam ser Espíritos. Se, portanto, pudéssemos supor a intervenção do pensamento dos médiuns nas comunicações verbais ou escritas, outro tanto não se daria em relação às pancadas, cuja significação não podia ser conhecida previamente.

Poderíamos citar inúmeros fatos que demonstram, na inteligência que se manifesta, uma individualidade evidente e uma absoluta independência de vontade. Recomendamos, portanto, aos dissidentes uma observação mais cuidadosa; se quiserem estudar bem, sem prevenção e sem concluir antes de terem visto tudo, reconhecerão a incapacidade de sua teoria para explicar todos os fatos. Limitar-nos-emos a propor as seguintes questões: Por que a inteligência que se manifesta, seja ela qual for, recusa responder a certas perguntas sobre assuntos perfeitamente conhecidos, por exemplo, sobre o nome ou a idade do interlocutor, sobre o que ele tem na mão, o que fez na véspera, seus planos para o dia seguinte etc.? Se o médium fosse o espelho do pensamento dos assistentes, nada lhe seria mais fácil do que responder.

Os adversários retrucam o argumento perguntando, por sua vez, por que os Espíritos, que tudo devem saber, não podem dizer coisas tão simples, de acordo com o axioma: *Quem pode o mais pode o menos*, e daí concluem que não são Espíritos. Se um ignorante ou um zombador, apresentando-se a uma douta assembleia, perguntasse, por exemplo, por que é dia em pleno meio-dia, seria crível que ela se desse ao incômodo de responder seriamente? E seria lógico concluir-se, pelo silêncio ou pelas zombarias com que ela respondesse ao interpelante, que seus membros não passam de tolos? Ora, é precisamente porque são superiores que os Espíritos não respondem a

questões inúteis e ridículas, nem querem ir para a berlinda; é por isso que se calam ou dizem que só se ocupam com coisas mais sérias.

Perguntaremos, finalmente, por que os Espíritos vêm e se vão, muitas vezes, em dado momento, e por que, passado esse momento, não há pedidos nem súplicas que os façam voltar? Se o médium só agisse por impulsão mental dos assistentes, é claro que, em tal circunstância, o concurso de todas as vontades reunidas deveria estimular a sua clarividência. Se, portanto, não cede ao desejo da assembleia, corroborado pela sua própria vontade, é que obedece a uma influência estranha a ele mesmo e aos que o cercam, influência que, por esse simples fato, acusa a sua independência e a sua individualidade.

XVII

O ceticismo, no tocante à Doutrina Espírita, quando não resulta de uma oposição sistemática, interesseira, origina-se quase sempre do conhecimento incompleto dos fatos, o que não impede algumas pessoas de darem a questão por encerrada, como se a conhecessem perfeitamente. Pode-se ser muito espírituoso, ter muita instrução mesmo, e carecer-se de bom senso. Ora, o primeiro indício da falta de bom senso é a crença de alguém na própria infalibilidade. Muitas pessoas também só veem nas manifestações espíritas um objeto de curiosidade. Esperamos que, pela leitura deste livro, encontrem nesses fenômenos estranhos algo mais do que um simples passatempo.

A ciência espírita compreende duas partes: uma experimental, sobre as manifestações em geral, outra filosófica, sobre as manifestações inteligentes. Aquele que observou apenas a primeira está na posição de quem só conhece a Física pelas experiências recreativas, sem haver penetrado o âmago da ciência. A verdadeira Doutrina Espírita está no ensino que os Espíritos deram, e os conhecimentos que esse ensino comporta são muito graves para serem adquiridos de outro modo que não seja por um estudo sério e perseverante, feito no silêncio e no recolhimento; somente nessa condição se pode observar um número infinito de fatos e particularidades que escapam ao observador superficial e que permitem firmar uma opinião.

Se este livro não tivesse como resultado senão mostrar o lado sério da questão e provocar estudos neste sentido, isso já seria muito, e nos sentiríamos felizes por haver sido escolhido para realizar uma obra sobre

a qual, aliás, não pretendemos ter nenhum mérito pessoal, já que os princípios que encerra não são criação nossa. Seu mérito é, pois, inteiramente dos Espíritos que o ditaram. Esperamos que ele tenha outro resultado, o de guiar os homens que desejam esclarecer-se, mostrando-lhes, nestes estudos, um fim grande e sublime: o do progresso individual e social e o de lhes indicar o caminho a seguir para o alcançar.

Concluamos com uma última consideração. Alguns astrônomos, sondando os espaços, encontraram, na distribuição dos corpos celestes, lacunas injustificáveis e em desacordo com as leis do conjunto. Suspeitaram que essas lacunas deviam estar preenchidas por globos que lhes tinham escapado à observação. De outro lado, observaram certos efeitos cuja causa lhes era desconhecida e disseram a si mesmos: ali deve haver um mundo, porque esta lacuna não pode existir e esses efeitos hão de ter uma causa. Julgando então da causa pelo efeito, puderam calcular seus elementos e mais tarde os fatos vieram justificar suas previsões.

Apliquemos esse mesmo raciocínio a outra ordem de ideias. Se observarmos a sequência ininterrupta dos seres, descobriremos que eles formam uma cadeia sem solução de continuidade, desde a matéria bruta até o homem mais inteligente. Mas, entre o homem e Deus, o alfa e o ômega de todas as coisas, que imensa lacuna! Será racional pensar que terminem no homem os anéis dessa cadeia e que ele transponha sem transição a distância que o separa do infinito? A razão nos diz que entre o homem e Deus deve haver outros elos, como disse aos astrônomos que, entre os mundos conhecidos, devia haver outros mundos desconhecidos. Qual a filosofia que já preencheu essa lacuna? O Espiritismo no-la mostra preenchida pelos seres de todas as categorias do mundo invisível, e esses seres nada mais são do que os Espíritos dos homens que alcançaram os diferentes graus que levam à perfeição. Tudo então se liga, tudo se encadeia, desde o alfa até o ômega. Vós, que negais a existência dos Espíritos, preenchei o vácuo que eles ocupam; e vós, que rides deles, ousai rir das obras de Deus e da sua onipotência!

ALLAN KARDEC

PROLEGÔMENOS



Fenômenos que escapam às leis da ciência vulgar manifestam-se por toda parte, revelando, na causa que os produz, a ação de uma vontade livre e inteligente.

Diz a razão que um efeito inteligente deve ter como causa uma força inteligente, e os fatos provaram que essa força pode entrar em comunicação com os homens por meio de sinais materiais.

Interrogada sobre a sua natureza, essa força declarou pertencer ao mundo dos seres espirituais que se despojaram do invólucro corpóreo do homem. Assim é que a Doutrina dos Espíritos foi revelada.

As comunicações entre o mundo espiritual e o mundo corpóreo fazem parte da natureza das coisas e não constituem nenhum fato sobrenatural, razão pela qual encontramos seus vestígios entre todos os povos e em todas as épocas. Hoje se generalizaram e se tornaram patentes para todos.

Os Espíritos anunciam que chegaram os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal e que, sendo eles os ministros de Deus e os agentes de sua vontade, sua missão é instruir e esclarecer os homens, abrindo uma Nova Era para a regeneração da Humanidade.

Este livro é o repositório de seus ensinamentos. Foi escrito por ordem e sob o ditado de Espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, isenta dos preconceitos do espírito de sistema. Nada contém que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha sido por eles examinado. Só a ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação, constituem obra daquele que recebeu a missão de o publicar.

Entre os Espíritos que concorreram para a realização desta obra, muitos viveram em diversas épocas na Terra, onde pregaram e praticaram a virtude e a sabedoria. Outros, pelos seus nomes, não pertenceram a nenhuma personagem cuja lembrança a História tenha guardado, mas sua elevação é atestada pela pureza de sua doutrina e sua união com os que trazem nomes venerados.

Eis os termos em que nos deram, por escrito e por muitos médiuns, a missão de escrever este livro:

“Ocupa-te com zelo e perseverança do trabalho que empreendeste com o nosso concurso, pois esse trabalho é nosso. Nele pusemos as bases do novo edifício que se eleva e que um dia há de reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade. Mas, antes de o divulgares, nós o reveremos juntos, a fim de controlar todos os seus detalhes.

Estaremos contigo sempre que o pedires, para te ajudar nos outros trabalhos, pois esta é apenas uma parte da missão que te está confiada e que um de nós já te revelou.

Entre os ensinamentos que te são dados, alguns há que deves guardar somente para ti, até nova ordem. Quando chegar o momento de os publicares, nós to avisaremos. Enquanto esperas, medita sobre eles, a fim de estares pronto quando te dissermos.

Porás no cabeçalho do livro a cepa que te desenhámos,¹⁴ porque é o emblema do trabalho do Criador. Aí se acham reunidos todos os princípios materiais que melhor podem representar o corpo e o espírito. O corpo é a cepa; o espírito é a seiva; a alma ou espírito ligado à matéria é o bago. O homem quintessencia o espírito pelo trabalho e tu sabes que é somente pelo trabalho do corpo que o espírito adquire conhecimentos.

Não te deixes desanimar pela crítica. Encontrarás contraditores obstinados, principalmente entre as pessoas interessadas nos abusos. Encontrá-los-ás mesmo entre os Espíritos, porque os que ainda não estão completamente desmaterializados procuram muitas vezes semear a dúvida por malícia ou ignorância. Prossegue sempre; crê em Deus e marcha com confiança: aqui estaremos para te amparar e está próximo o tempo em que a verdade brilhará de todos os lados.

A vaidade de certos homens, que julgam saber tudo e tudo querem explicar a seu modo, dará origem a opiniões dissidentes. Mas todos os que tiverem em vista o grande princípio de Jesus se confundirão no mesmo

¹⁴ Nota de Allan Kardec: A cepa que se vê na p. 47 é o *fac-símile* da que os Espíritos desenharam.

sentimento de amor ao bem e se unirão por um laço fraterno, que abarcará o mundo inteiro; deixarão de lado as miseráveis disputas de palavras, para só se ocuparem com o que é essencial. E a Doutrina será sempre a mesma, quanto ao fundo, para todos os que receberem comunicações de Espíritos superiores.

É com perseverança que chegarás a colher os frutos de teus trabalhos. O prazer que experimentarás, vendo a Doutrina propagar-se e bem compreendida, será para ti uma recompensa cujo valor integral conhecerás, talvez mais no futuro do que no presente. Não te inquietes, pois, com os espinhos e as pedras que os incrédulos e os maus semearão no teu caminho. Mantém a confiança: com ela chegarás ao fim e merecerás ser sempre ajudado.

Lembra-te de que os Espíritos bons só dispensam assistência aos que servem a Deus com humildade e desinteresse, e que repudiam a todo aquele que busca, no caminho do Céu, um degrau para as coisas da Terra; eles se afastam do orgulhoso e do ambicioso. O orgulho e a ambição serão sempre uma barreira entre o homem e Deus; são um véu lançado sobre as claridades celestes, e Deus não pode servir-se do cego para fazer que se compreenda a luz.”

João Evangelista, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, São Luís, o Espírito de Verdade, Sócrates, Platão, Fénelon, Franklin, Swedenborg, e outros.

Nota¹⁵ – Os princípios contidos neste livro resultam das respostas dadas pelos Espíritos às questões diretas que lhes foram propostas em diversas ocasiões, por meio de grande número de médiuns, bem como das instruções que deram espontaneamente, a nós ou a outras pessoas, sobre as matérias que encerra. O material foi organizado de maneira a apresentar um conjunto regular e metódico, e não foi entregue à publicidade senão depois de ter sido revisto cuidadosamente, várias vezes seguidas, e corrigido pelos próprios Espíritos. Esta segunda edição também mereceu, da parte deles, novo e metuculoso exame.

O que vem entre aspas, em seguida às perguntas, é a resposta textual dada pelos Espíritos. O que está assinalado em letras menores, ou designado de modo especial para esse fim, compreende as notas e explicações aditadas pelo autor, e que também sofreram o controle dos Espíritos. [Allan Kardec]

¹⁵ N.T.: Inserida na página XLIV da 2ª edição francesa (1860), esta *Nota* foi mantida até a 9ª edição, não mais aparecendo a partir da 10ª (1863). Esta nova edição da FEB contempla a sua tradução integral.

Livro Primeiro



Causas primeiras

Capítulo I	Deus
Capítulo II	Elementos gerais do Universo
Capítulo III	Criação
Capítulo IV	Princípio vital

CAPÍTULO I



Deus

• Deus e o infinito • Provas da existência de Deus • Atributos da Divindade • Panteísmo

Deus e o infinito

1. *Que é Deus?*

“Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas.”¹⁶

2. *Que se deve entender por infinito?*

“O que não tem começo nem fim; o desconhecido. Tudo o que é desconhecido é infinito.”

3. *Poder-se-ia dizer que Deus é o infinito?*

“Definição incompleta. Pobreza da linguagem dos homens, insuficiente para definir o que está acima da sua inteligência.”

Deus é infinito em suas perfeições, mas o infinito é uma abstração. Dizer que Deus é o *infinito* é tomar o atributo de uma coisa pela própria coisa; é definir uma coisa que não é conhecida por outra que também não o é.

¹⁶ Nota de Allan Kardec: O texto colocado entre aspas, em seguida às perguntas, é a própria resposta que os Espíritos deram. Distinguiu-se com letra menor as notas e explicações aditadas pelo autor, sempre que havia possibilidade de confundi-las com o texto da resposta. Quando formam capítulos inteiros, não sendo possível a confusão, conservou-se a letra comum.

Provas da existência de Deus

4. *Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus?*

“Num axioma que aplicais às vossas ciências: não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão vos responderá.”

Para crer em Deus basta lançar os olhos sobre as obras da Criação. O Universo existe, logo tem uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo efeito tem uma causa e avançar que o nada pôde fazer alguma coisa.

5. *Que consequência se pode tirar do sentimento intuitivo, que todos os homens trazem em si, da existência de Deus?*

“Que Deus existe; pois, de onde lhes viria esse sentimento, se não se apoiasse em alguma coisa? É ainda uma consequência do princípio de que não há efeito sem causa.”

6. *O sentimento íntimo que temos da existência de Deus não seria fruto da educação e das ideias adquiridas?*

“Se assim fosse, por que os vossos selvagens teriam esse sentimento?”

Se o sentimento da existência de um ser supremo fosse apenas produto de um ensino, não seria universal e, como sucede com as noções científicas, só existiria nos que houvessem podido receber esse ensino.

7. *Poder-se-ia encontrar nas propriedades íntimas da matéria a causa primeira da formação das coisas?*

“Mas, então, qual seria a causa dessas propriedades? É preciso sempre uma causa primeira.”

Atribuir a formação primeira das coisas às propriedades íntimas da matéria seria tomar o efeito pela causa, pois essas propriedades são, em si mesmas, um efeito que deve ter uma causa.

8. *Que pensar da opinião que atribui a formação primeira a uma combinação fortuita da matéria, ou seja, ao acaso?*

“Outro absurdo. Que homem de bom senso pode considerar o acaso como um ser inteligente? E, além disso, o que é o acaso? Nada!”

A harmonia que regula as forças do Universo revela combinações e propósitos determinados e, por isso mesmo, denota um poder inteligente. Atribuir a formação primeira ao acaso seria um contrassenso, pois o acaso é cego e não pode produzir os efeitos que a inteligência produz. Um acaso inteligente já não seria acaso.

9. *Onde se vê, na causa primeira, uma inteligência suprema e superior a todas as inteligências?*

“Tendes um provérbio que diz: Pela obra se conhece o autor. Pois bem! Vede a obra e procurai o autor. É o orgulho que gera a incredulidade. O homem orgulhoso nada admite acima de si e é por isso que se julga um espírito forte. Pobre ser, que um sopro de Deus pode abater!”

Julga-se o poder de uma inteligência pelas suas obras. Não podendo nenhum ser humano criar o que a Natureza produz, a causa primeira é, portanto, uma inteligência superior à Humanidade.

Quaisquer que sejam os prodígios realizados pela inteligência humana, ela própria tem uma causa e, quanto maior for o que realize, tanto maior há de ser a causa primeira. Essa inteligência superior é que é a causa primeira de todas as coisas, seja qual for o nome pelo qual o homem a designe.

Atributos da Divindade

10. *Pode o homem compreender a natureza íntima de Deus?*

“Não; falta-lhe, para tanto, um sentido.”

11. *Será dado um dia ao homem compreender o mistério da Divindade?*

“Quando seu espírito não mais estiver obscurecido pela matéria e, pela sua perfeição, se houver aproximado de Deus, então o verá e o compreenderá.”

A inferioridade das faculdades do homem não lhe permite compreender a natureza íntima de Deus. Na infância da Humanidade, o homem o confunde muitas vezes com a criatura, cujas imperfeições lhe atribui, mas, à medida que nele se desenvolve o senso moral, seu pensamento penetra melhor no âmago das coisas; então ele faz da Divindade uma ideia mais justa e mais conforme a sã razão, embora sempre incompleta.

12. *Se não podemos compreender a natureza íntima de Deus, podemos ter ideia de algumas de suas perfeições?*

“Sim, de algumas. O homem as compreende melhor à medida que se eleva acima da matéria; ele as entrevê pelo pensamento.”

13. *Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom, não temos uma ideia completa de seus atributos?*

“Do vosso ponto de vista, sim, porque acreditais abranger tudo. Mas ficai sabendo que há coisas acima da inteligência do homem mais inteligente e para as quais a vossa linguagem, limitada às vossas ideias e sensações, não tem como se expressar. A razão, com efeito, vos diz que Deus deve possuir essas perfeições em grau supremo, porque, se tivesse uma só de menos, ou não a tivesse em grau infinito, não seria superior a tudo e, por conseguinte, não seria Deus. Para estar acima de todas as coisas, Deus não pode achar-se sujeito a nenhuma vicissitude, nem sofrer nenhuma das imperfeições que a imaginação possa conceber.”

Deus é *eterno*. Se tivesse tido um começo, teria saído do nada, ou, então, teria sido criado por um ser anterior. É assim que, pouco a pouco, remontamos ao infinito e à eternidade.

É *imutável*. Se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo não teriam nenhuma estabilidade.

É *imaterial*. Isto é, sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria; de outro modo, Ele não seria imutável, porque estaria sujeito às transformações da matéria.

É *único*. Se houvesse muitos deuses, não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do Universo.

É *onipotente*. Porque é único. Se não tivesse o soberano poder, algo haveria mais poderoso ou tão poderoso quanto Ele; não teria, assim, feito todas as coisas e as que não tivesse feito seriam obra de outro Deus.

É *soberanamente justo e bom*. A sabedoria providencial das Leis divinas se revela nas menores como nas maiores coisas, e essa sabedoria não permite se duvide nem da sua justiça, nem da sua bondade.

Panteísmo

14. *Deus é um ser distinto, ou seria, segundo a opinião de alguns, a resultante de todas as forças e de todas as inteligências do Universo reunidas?*

“Se fosse assim, Deus não existiria, porque seria efeito e não causa. Ele não pode ser, ao mesmo tempo, uma coisa e outra.

Deus existe; disso não podeis duvidar e é o essencial. Crede-me, não vades além. Não vos percais num labirinto de onde não poderíeis sair. Isso não vos tornaria melhores, mas talvez um pouco mais orgulhosos, porque acreditaríeis saber, quando na realidade nada sabeis. Deixai, pois, de lado todos esses sistemas; tendes muitas coisas que vos tocam mais diretamente, a começar por vós mesmos. Estudai as vossas próprias imperfeições, a fim de vos desembaraçardes delas, o que vos será mais útil do que quererdes penetrar o que é impenetrável.”

15. *Que pensar da opinião segundo a qual todos os corpos da Natureza, todos os seres, todos os globos do Universo seriam partes da Divindade e constituiriam, pelo seu conjunto, a própria Divindade, ou seja, que pensar da doutrina panteísta?*

“Não podendo fazer-se Deus, o homem quer ao menos ser uma parte de Deus.”

16. *Os que professam esta doutrina pretendem encontrar nela a demonstração de alguns dos atributos de Deus. Sendo infinitos os mundos, Deus é, por isso mesmo, infinito; não existindo o vazio, ou o nada em parte alguma, Deus está por toda parte; estando Deus em toda parte, já que tudo é parte integrante de Deus, Ele dá a todos os fenômenos da Natureza uma razão de ser inteligente. Que se pode opor a este raciocínio?*

“A razão. Refleti maduramente e não vos será difícil reconhecer-lhe o absurdo.”

Esta doutrina faz de Deus um ser material que, embora dotado de suprema inteligência, seria em escala maior o que somos em menor escala. Ora, transformando-se incessantemente a matéria, Deus, nesse caso, não teria nenhuma estabilidade e estaria sujeito a todas as vicissitudes,

mesmo a todas as necessidades da Humanidade; faltar-lhe-ia um dos atributos essenciais da Divindade: a imutabilidade. Não se podem conciliar as propriedades da matéria com a ideia de Deus sem que Ele fique rebaixado em nosso pensamento, e nenhuma sutileza de sofisma conseguirá resolver o problema de sua natureza íntima. Não sabemos tudo o que Ele é, mas sabemos o que Ele não pode deixar de ser e o sistema acima está em contradição com as suas propriedades mais essenciais; confunde o Criador com a criatura, exatamente como se quiséssemos que uma máquina engenhosa fosse parte integrante do mecânico que a concebeu.

A inteligência de Deus se revela em suas obras como a de um pintor no seu quadro, mas as obras de Deus não são o próprio Deus, como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou.

CAPÍTULO II



Elementos gerais do Universo

• Conhecimento do princípio das coisas • Espírito e matéria • Propriedades da matéria • Espaço universal

Conhecimento do princípio das coisas

17. *É dado ao homem conhecer o princípio das coisas?*
“Não, Deus não permite que tudo seja revelado ao homem neste mundo.”
18. *O homem penetrará um dia o mistério das coisas que lhe são ocultas?*
“O véu se levanta para ele à medida que se depura, mas, para compreender certas coisas, precisa de faculdades que ainda não possui.”
19. *Não pode o homem, pelas investigações científicas, penetrar alguns dos segredos da Natureza?*
“A Ciência lhe foi dada para seu adiantamento em todas as coisas, mas ele não pode ultrapassar os limites fixados por Deus.”

Quanto mais é concedido ao homem penetrar nesses mistérios, tanto maior deve ser a sua admiração pelo poder e sabedoria do Criador. Mas, seja por orgulho, seja por fraqueza, sua própria inteligência o faz, muitas vezes, juguete da ilusão. Ele amontoa sistemas sobre sistemas e cada dia que passa lhe mostra quantos erros tomou por verdades e quantas verdades repeliu como erros. São outras tantas decepções para o seu orgulho.

20. *Fora das investigações científicas, pode o homem receber comunicações de ordem mais elevada acerca do que lhe escapa aos testemunhos dos sentidos?*
“Sim, se o julgar útil, Deus pode revelar-lhe aquilo que a Ciência não consegue explicar.”

É por meio dessas comunicações que o homem adquire, dentro de certos limites, o conhecimento do seu passado e do seu destino futuro.

Espírito e matéria

21. *A matéria existe de toda a eternidade, como Deus, ou foi criada por Ele em certo momento?*

“Só Deus o sabe. Entretanto, há uma coisa que a razão vos deve indicar: é que Deus, modelo de amor e caridade, nunca esteve inativo. Por mais distante que consigais imaginar o início de sua ação, podereis concebê-lo um segundo que seja na ociosidade?”

22. *Define-se geralmente a matéria como aquilo que tem extensão, que pode impressionar os nossos sentidos, que é impenetrável. Essas definições são exatas?*

“Do vosso ponto de vista são exatas, porque não falais senão do que conheceis. Mas a matéria existe em estados que vos são desconhecidos. Pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil que nenhuma impressão vos cause aos sentidos. Contudo, é sempre matéria, embora para vós não o seja.”

- 22-a. *Que definição podeis dar da matéria?*¹⁷

“A matéria é o laço que prende o espírito; é o instrumento de que este se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação.”

Deste ponto de vista, pode-se dizer que a matéria é o agente, o intermediário com o auxílio do qual e sobre o qual atua o espírito.

23. *Que é o espírito?*

“O princípio inteligente do Universo.”

¹⁷ N.T.: O texto original francês não contempla com letras as perguntas numeradas que aparecem nesta tradução. Assim procedendo, tivemos em vista facilitar ao leitor a localização de cada uma delas ao longo deste livro.

23-a. *Qual a natureza íntima do espírito?*

“Não é fácil analisar o espírito com a vossa linguagem. Para vós, ele nada é, visto não ser uma coisa palpável, mas, para nós, é alguma coisa. Ficai sabendo: coisa nenhuma é o nada e o nada não existe.”

24. *O espírito é sinônimo de inteligência?*

“A inteligência é um atributo essencial do espírito, mas ambos se confundem num princípio comum, de sorte que, para vós, são a mesma coisa.”

25. *O espírito é independente da matéria ou é apenas uma propriedade desta, como as cores são propriedades da luz e o som uma propriedade do ar?*

“Ambos são distintos, mas a união do espírito e da matéria é necessária para dar inteligência à matéria.”

25-a. *Essa união é igualmente necessária para a manifestação do espírito? (Entendemos aqui por espírito o princípio da inteligência, abstração feita das individualidades designadas por esse nome.)*

“É necessária para vós, porque não estais organizados para perceber o espírito sem a matéria; vossos sentidos não foram feitos para isso.”

26. *Poder-se-á conceber o espírito sem a matéria e a matéria sem o espírito?*

“Pode-se, sem dúvida, pelo pensamento.”

27. *Haveria, assim, dois elementos gerais do Universo: a matéria e o espírito?*

“Sim, e acima de tudo Deus, o Criador, o Pai de todas as coisas. Esses três elementos constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas ao elemento material é preciso juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, muito grosseira para que o espírito possa exercer alguma ação sobre ela. Embora, sob certo ponto de vista, se possa classificar o fluido universal como elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se fosse realmente matéria, não haveria razão para que o espírito também não o fosse. Está colocado entre o espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, pelas suas inúmeras combinações com esta e sob a ação do espírito, de produzir a infinita variedade das coisas de

que não conheceis senão uma ínfima parte. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o espírito se utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e jamais adquiriria as propriedades que a gravidade lhe dá.”

27-a. *Seria esse o fluido que designamos pelo nome de eletricidade?*

“Dissemos que ele é suscetível de inúmeras combinações. O que chamais fluido elétrico, fluido magnético, são modificações do fluido universal, que não é, propriamente falando, senão matéria mais perfeita, mais sutil e que se pode considerar independente.”

28. *Já que o próprio espírito é alguma coisa, não seria mais exato e menos sujeito a confusões designar esses dois elementos gerais pelas expressões: matéria inerte e matéria inteligente?*

“As palavras pouco nos importam. Cabe a vós formular a vossa linguagem de maneira a vos entenderdes. As vossas controvérsias provêm, quase sempre, de não vos entenderdes sobre as palavras, visto que a vossa linguagem é incompleta para exprimir as coisas que não ferem os vossos sentidos.”

Um fato patente domina todas as hipóteses: vemos matéria que não é inteligente e vemos um princípio inteligente independente da matéria. A origem e a conexão destas duas coisas nos são desconhecidas. Quer elas tenham ou não uma fonte comum e os necessários pontos de contato; quer a inteligência tenha existência própria, ou seja, uma propriedade, um efeito; quer seja mesmo, segundo a opinião de alguns, uma emanção da Divindade, ignoramos. Elas se nos revelam distintas, razão por que as admitimos formando os dois princípios constitutivos do Universo. Vemos acima de tudo isso uma inteligência que domina todas as outras, que as governa, que se distingue delas por atributos especiais. É a essa inteligência suprema que chamamos Deus.

Propriedades da matéria

29. *A ponderabilidade é um atributo essencial da matéria?*

“Da matéria como a entendeis, sim, mas não da matéria considerada fluido universal. A matéria etérea e sutil que forma esse

fluido é imponderável para vós, mas nem por isso deixa de ser o princípio da vossa matéria pesada.”

A gravidade é uma propriedade relativa. Fora da esfera de atração dos mundos, não há peso, do mesmo modo que não há alto nem baixo.

30. *A matéria é formada de um só ou de vários elementos?*

“De um só elemento primitivo. Os corpos que considerais simples não são verdadeiros elementos, mas transformações da matéria primitiva.”

31. *De onde vêm as diferentes propriedades da matéria?*

“Das modificações que as moléculas elementares sofrem por efeito da sua união, e em certas circunstâncias.”

32. *De acordo com isso, os sabores, os odores, as cores, o som, as qualidades venenosas ou salutaras dos corpos não passariam de modificações de uma única e mesma substância primitiva?*

“Sim, certamente, e que só existem pela disposição dos órgãos destinados a percebê-los.”

Esse princípio é demonstrado pelo fato de nem todos perceberem as qualidades dos corpos da mesma maneira; um acha uma coisa agradável ao gosto, enquanto outro a acha ruim; uns veem azul o que outros veem vermelho; o que para uns é veneno, para outros é inofensivo ou salutar.

33. *A mesma matéria elementar é suscetível de passar por todas as modificações e de adquirir todas as propriedades?*

“Sim, e é isso que se deve entender quando dizemos que *tudo está em tudo*.”¹⁸

O oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono e todos os corpos que consideramos simples não passam de modificações de uma substância primitiva. Na impossibilidade em que ainda nos achamos de remontar, a não ser pelo pensamento, a esta matéria primitiva, esses corpos são

¹⁸ Nota de Allan Kardec: Este princípio explica o fenômeno conhecido de todos os magnetizadores e que consiste em dar-se, pela ação da vontade, a uma substância qualquer, à água, por exemplo, propriedades muito diversas: um gosto determinado e até as qualidades ativas de outras substâncias. Desde que só existe um elemento primitivo e que as propriedades dos diferentes corpos não passam de modificações desse elemento, resulta que a mais inofensiva substância tem o mesmo princípio que a mais deletéria. Assim, a água, que é formada de uma parte de oxigênio e de duas de hidrogênio, torna-se corrosiva se duplicarmos a proporção de oxigênio. Uma transformação análoga pode produzir-se pela ação magnética dirigida pela vontade.

para nós verdadeiros elementos, e podemos, sem maiores consequências, considerá-los como tais até nova ordem.

- 33-a. *Esta teoria não parece dar razão aos que só admitem na matéria duas propriedades essenciais: a força e o movimento, e que pensam que todas as outras propriedades não passam de efeitos secundários, variando segundo a intensidade da força e a direção do movimento?*
“Essa opinião é exata. Falta somente acrescentar: e segundo a disposição das moléculas, como vês, por exemplo, num corpo opaco que pode tornar-se transparente e vice-versa.”
34. *As moléculas têm forma determinada?*
“Certamente as moléculas têm uma forma, mas que não podeis apreciar.”
- 34-a. *Essa forma é constante ou variável?*
“Constante para as moléculas elementares primitivas, mas variável para as moléculas secundárias, que não são mais que aglomerações das primeiras. Porque o que chamais molécula ainda está longe da molécula elementar.”

Espaço universal

35. *O Espaço universal é infinito ou limitado?*
“Infinito. Supõe limites para ele: o que haveria além? Isto te confunde a razão, bem o sei; no entanto, a razão te diz que não pode ser de outro modo. O mesmo se dá com o infinito em todas as coisas. Não é na vossa pequena esfera que podereis compreendê-lo.”
Supondo-se um limite ao Espaço, por mais distante que o pensamento o possa conceber, diz a razão que além desse limite há alguma coisa e assim, gradativamente, até o infinito, porque, mesmo que essa coisa fosse o vazio absoluto, ainda seria Espaço.
36. *O vácuo absoluto existe em alguma parte no Espaço universal?*
“Não, nada é vácuo. O que te parece vazio está ocupado por uma matéria que escapa aos teus sentidos e aos teus instrumentos.”

CAPÍTULO III



Criação

• Formação dos mundos • Formação dos seres vivos • Povoamento da Terra. Adão • Diversidade das raças humanas • Pluralidade dos mundos • Considerações e concordâncias bíblicas referentes à Criação

Formação dos mundos

O Universo compreende a infinidade dos mundos que vemos e dos que não vemos, todos os seres animados e inanimados, todos os astros que se movem no Espaço, assim como os fluidos que o preenchem.

37. *O Universo foi criado ou existe de toda eternidade, como Deus?*

“Sem dúvida o Universo não pôde fazer-se a si mesmo; e se existisse, como Deus, de toda a eternidade, não poderia ser obra de Deus.”

A razão nos diz não ser possível que o Universo se tenha feito a si mesmo e que, não podendo ser obra do acaso, deve ser obra de Deus.

38. *Como Deus criou o Universo?*

“Para me servir de uma expressão comum: por sua Vontade. Nada representa melhor essa vontade todo-poderosa do que estas belas palavras em *Gênesis* (1:3): Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita.”

39. *Poderemos conhecer o modo de formação dos mundos?*

“Tudo o que se pode dizer e podeis compreender é que os mundos se formam pela condensação da matéria disseminada no Espaço.”

40. *Os cometas seriam, como agora se pensa, um começo de condensação da matéria, mundos em processo de formação?*
“Isso é exato; absurdo, porém, é acreditar-se na influência deles. Refiro-me à influência que vulgarmente lhes atribuem, pois todos os corpos celestes influem de algum modo em certos fenômenos físicos.”
41. *Pode um mundo completamente formado desaparecer e a matéria que o compõe disseminar-se de novo no Espaço?*
“Sim, Deus renova os mundos, como renova os seres vivos.”
42. *Poderemos conhecer a duração da formação dos mundos: da Terra, por exemplo?*
“Nada te posso dizer a respeito, porque só o Criador o sabe; e bem louco quem pretendesse sabê-lo, ou conhecer o número de séculos dessa formação.”

Formação dos seres vivos

43. *Quando a Terra começou a ser povoada?*
“No começo tudo era caos; os elementos estavam confundidos. Pouco a pouco cada coisa tomou o seu lugar. Apareceram então os seres vivos apropriados ao estado do globo.”
44. *De onde vieram os seres vivos para a Terra?*
“A Terra lhes continha os germes, que aguardavam o momento favorável para se desenvolverem. Os princípios orgânicos se congregaram assim que cessou a força que os mantinha afastados, e formaram os germes de todos os seres vivos. Estes germes permaneceram em estado latente e de inércia, como a crisálida e as sementes das plantas, até o momento propício à eclosão de cada espécie; então, os seres de cada espécie se reuniram e se multiplicaram.”
45. *Onde estavam os elementos orgânicos, antes da formação da Terra?*
“Achavam-se, por assim dizer, em estado de fluido no Espaço, no meio dos Espíritos, ou em outros planetas, esperando a formação da Terra para começarem nova existência em um novo globo.”

A Química nos mostra as moléculas dos corpos inorgânicos unindo-se para formarem cristais de uma regularidade constante, conforme cada espécie, desde que se encontrem nas condições desejadas. A menor perturbação nestas condições é suficiente para impedir a reunião dos elementos, ou, pelo menos, para se opor à disposição regular que constitui o cristal. Por que não se daria o mesmo com os elementos orgânicos? Conservamos durante anos germes de plantas e de animais, que só se desenvolvem a uma certa temperatura e em meio apropriado. Têm-se visto grãos de trigo germinarem depois de vários séculos. Há, pois, nesses germes, um princípio *latente* de vitalidade que apenas espera uma circunstância favorável para se desenvolver. O que se passa sob nossos olhos não pode ter existido desde a origem do globo? Essa formação dos seres vivos, saindo do caos pela própria força da Natureza, diminui em alguma coisa a grandeza de Deus? Longe disso: corresponde melhor à ideia que fazemos do seu poder, a se exercer sobre mundos infinitos por meio de leis eternas. Esta teoria não resolve, é verdade, a questão da origem dos elementos vitais, mas Deus tem seus mistérios e pôs limites às nossas investigações.

46. *Ainda há seres que nasçam espontaneamente?*¹⁹
 “Sim, mas o gérmen primitivo já existia em estado latente. Sois todos os dias testemunhas desse fenômeno. Os tecidos do homem e dos animais não contêm os germes de uma multidão de vermes que só esperam, para desabrochar, a fermentação pútrida necessária à sua existência? É um pequeno mundo que dormita e que se cria.”
47. *A espécie humana se encontrava entre os elementos orgânicos contidos no globo terrestre?*
 “Sim, e veio a seu tempo. Foi isso que levou a se dizer que o homem se formara do limo da terra.”
48. *Podemos conhecer a época do aparecimento do homem e dos outros seres vivos na Terra?*
 “Não; todos os vossos cálculos são quiméricos.”
49. *Se o gérmen da espécie humana se encontrava entre os elementos orgânicos do globo, por que os homens não mais se formam espontaneamente, como em sua origem?*

¹⁹ N.T.: Hoje a Ciência já não admite a geração espontânea, como o fazia no século XIX, nem mesmo para os seres mais inferiores da Criação, como vírus e bactérias, por exemplo.

“O princípio das coisas está nos segredos de Deus. Entretanto, pode dizer-se que os homens, uma vez espalhados pela Terra, absorveram em si mesmos os elementos necessários à sua formação, para os transmitir segundo as leis da reprodução. Deu-se o mesmo com as diferentes espécies de seres vivos.”

Povoamento da Terra. Adão

50. *A espécie humana começou por um único homem?*

“Não; aquele a quem chamais Adão não foi o primeiro, nem o único a povoar a Terra.”

51. *Poderemos saber em que época viveu Adão?*

“Mais ou menos na que lhe assinalais: cerca de 4.000 anos antes do Cristo.”

O homem, cuja tradição se conservou sob o nome de Adão, foi um dos que sobreviveram, em certa região, a alguns dos grandes cataclismos que em diversas épocas abalaram a superfície do globo, e tornou-se o tronco de uma das raças que hoje o povoam. As Leis da Natureza se opõem a que os progressos da Humanidade, constatados muito tempo antes do Cristo, tenham podido realizar-se em alguns séculos, caso o homem não existisse na Terra senão a partir da época assinalada para a existência de Adão. Alguns, e com muita razão,²⁰ consideram Adão um mito ou uma alegoria, personificando as primeiras idades do mundo.

Diversidade das raças humanas

52. *De onde vêm as diferenças físicas e morais que distinguem as variedades de raças humanas na Terra?*

“Do clima, da vida e dos costumes. Dá-se o mesmo com dois filhos da mesma mãe que, educados longe um do outro e de modos diferentes, em nada se assemelharão quanto ao moral.”

²⁰ N.T.: As palavras que grifamos, constatadas na 12ª edição (1864) e edições seguintes de *O livro dos espíritos*, não faziam parte da 2ª edição francesa de 1860.

53. *O homem surgiu em vários pontos do globo?*

“Sim, e em diversas épocas, e essa é também uma das causas da diversidade das raças. Mais tarde os homens, dispersando-se nos diferentes climas e aliando-se a outras raças, formaram novos tipos.”

53-a. *Essas diferenças constituem espécies distintas?*

“Certamente que não; todos são da mesma família. Porventura as múltiplas variedades de um mesmo fruto as impedem de pertencer à mesma espécie?”

54. *Se, pois, a espécie humana não procede de um só indivíduo, os homens devem deixar, por isso, de se considerarem irmãos?*

“Todos os homens são irmãos em Deus, porque são animados pelo espírito e tendem para o mesmo fim. Quereis sempre tomar as palavras ao pé da letra.”

Pluralidade dos mundos

55. *Todos os globos que circulam no Espaço são habitados?*²¹

“Sim, e o homem da Terra está longe de ser, como supõe, o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição. Entretanto, há homens que se julgam muito fortes e pretendem que só este pequeno globo tenha o privilégio de abrigar seres racionais. Orgulho e vaidade! Acreditam que Deus criou o Universo só para eles.”

Deus povoou os mundos de seres vivos, e todos concorrem para o objetivo final da Providência. Acreditar que os seres vivos estejam limitados ao único ponto que habitamos no Universo seria pôr em dúvida a sabedoria de Deus, que não fez coisa alguma inútil; Ele deve ter dado a cada um desses mundos uma destinação mais séria do que a de nos recrearem a vista. Nada, aliás, nem na posição, nem no volume, nem na constituição

²¹ N.T.: Nem todos os globos apresentam condições de habitabilidade, pelo menos as que conhecemos na Terra e que são necessárias para a presença do homem neste planeta. Na Lua, por exemplo, não poderíamos viver. Como, porém, a constituição física dos diferentes globos não é a mesma, e sendo diferentes as condições de existência dos seres que os habitam, apropriadas aos meios em que têm de viver, é possível a vida mesmo em temperaturas extremas e na mais rarefeita atmosfera. Além disso, ao afirmarem que todos os globos que circulam no Espaço são habitados, os Imortais poderão estar se referindo, também, aos *mundos transitórios*, verdadeiras estações ou pontos de repouso aos Espíritos errantes. (Veja-se mais adiante a questão 234.)

física da Terra pode levar-nos à suposição de que só ela goze do privilégio de ser habitada, com exclusão de tantos milhares de mundos semelhantes.

56. *A constituição física dos diferentes globos é a mesma?*
“Não; eles não se assemelham de forma alguma.”
57. *Não sendo a mesma para todos a constituição física dos mundos, deve-se concluir que tenham organizações diferentes os seres que os habitam?*
“Sem dúvida, como entre vós os peixes são feitos para viver na água e os pássaros no ar.”
58. *Os mundos mais afastados do Sol estarão privados de luz e calor, já que o Sol apenas se mostra a eles com a aparência de uma estrela?*
“Pensais então que não há outras fontes de luz e calor além do Sol? Não tendes em conta a eletricidade que, em certos mundos, desempenha um papel que desconheceis e bem mais importante do que na Terra? Além disso, não dissemos que todos os seres veem da mesma maneira que a vossa e com órgãos de conformação idêntica à dos vossos.”

As condições de existência dos seres que habitam os diferentes mundos devem ser apropriadas ao meio em que são chamados a viver. Se nunca tivéssemos visto peixes, não compreenderíamos que alguns seres pudessem viver dentro da água. Assim acontece com outros mundos, que provavelmente contêm elementos que desconhecemos. Não vemos na Terra as longas noites polares iluminadas pela eletricidade das auroras boreais? Que há de impossível no fato de a eletricidade, em certos mundos, ser mais abundante do que na Terra e desempenhar neles um papel geral, cujos efeitos não podemos compreender? Esses mundos podem, pois, conter em si mesmos as fontes de calor e de luz necessárias aos seus habitantes.

Considerações e concordâncias bíblicas referentes à Criação

59. Os povos formaram ideias muito divergentes sobre a Criação, de acordo com as luzes que possuíam. Apoiada na Ciência, a razão reconheceu a inverossimilhança de algumas teorias. A que

os Espíritos nos oferecem confirma a opinião há muito tempo admitida pelos homens mais esclarecidos.

A objeção que se pode fazer a essa teoria é a de estar em contradição com o texto dos livros sagrados. Contudo, um exame sério mostrará que essa contradição é mais aparente do que real e que resulta da interpretação dada ao que muitas vezes só tinha sentido alegórico. A questão do primeiro homem, na pessoa de Adão, como único tronco da Humanidade, não é a única sobre a qual as crenças religiosas tiveram que se modificar. O movimento da Terra pareceu, em determinada época, de tal modo em oposição ao texto sagrado que não houve gênero de perseguições a que essa teoria não tivesse servido de pretexto. E, no entanto, a Terra gira, apesar dos anátemas, não podendo ninguém hoje contestá-lo sem ofender a sua própria razão.

Diz também a *Bíblia* que o mundo foi criado em seis dias e fixa a época da Criação em cerca de 4.000 anos antes da Era Cristã. Antes disso a Terra não existia; foi tirada do nada: o texto é formal. E eis que a Ciência positiva, a Ciência inexorável, vem provar o contrário. A formação do globo está escrita em caracteres indeléveis no mundo fóssil, e está provado que os seis dias da Criação indicam outros tantos períodos, cada um, talvez, de muitas centenas de milhares de anos. Isto não é um sistema, uma doutrina, uma opinião isolada; é um fato tão seguro como o do movimento da Terra e que a Teologia não pode negar-se a admitir, prova evidente do erro a que se está sujeito a cair, quando se tomam ao pé da letra as expressões de uma linguagem quase sempre figurada. Dever-se-á por isso concluir que a *Bíblia* é um erro? Não; mas que os homens se equivocaram ao interpretá-la.

Escavando os arquivos da Terra, a Ciência descobriu a ordem em que os diferentes seres vivos apareceram na sua superfície, e essa ordem está de acordo com a indicada em *Gênesis*, com a diferença de que esta obra, em vez de ter saído milagrosamente das mãos de Deus, em algumas horas, realizou-se, sempre pela sua vontade, mas segundo a lei das forças da Natureza, em alguns milhões de anos. Deus se tornou, por isso, menor e menos poderoso? Sua obra ficou menos sublime, por não ter o prestígio da

instantaneidade? Evidentemente, não. Seria preciso fazer da Divindade uma ideia bem mesquinha, para não se reconhecer a sua onipotência nas leis eternas que estabeleceu para reger os mundos. A Ciência, longe de desmerecer a obra divina, no-la mostra sob um aspecto mais grandioso e mais conforme as noções que temos do poder e da majestade de Deus, pela razão mesma de ela se ter realizado sem derogar as Leis da Natureza.

A Ciência, de acordo neste ponto com Moisés, coloca o homem em último lugar na ordem da criação dos seres vivos. Moisés, porém, estabelece como o do dilúvio universal o ano 1654²² da formação do mundo, enquanto a Geologia nos mostra o grande cataclismo como anterior ao aparecimento do homem, visto não se ter encontrado, até hoje, nas camadas primitivas, traço algum de sua presença, nem da dos animais da mesma categoria, do ponto de vista físico. Mas nada prova que isso seja impossível. Muitas descobertas já lançaram dúvidas a respeito. Pode acontecer que, de um momento para outro, se adquira a certeza material da anterioridade da raça humana e então se reconhecerá que, nesse ponto como em tantos outros, o texto bíblico é uma figura. A questão está em saber se o cataclismo geológico é o mesmo que o de Noé. Ora, o tempo necessário à formação das camadas fósseis não permite confundi-los, e desde que se encontrem vestígios da existência do homem antes da grande catástrofe, ficará provado que Adão não foi o primeiro homem, ou que a sua criação se perde na noite dos tempos. Contra a evidência não há raciocínios possíveis e será preciso aceitar-se esse fato, como se aceitaram o do movimento da Terra e os seis períodos da Criação.

A existência do homem antes do dilúvio geológico ainda é, na verdade, uma hipótese, mas eis aqui uma coisa que o é menos. Admitindo-se que o homem tenha aparecido pela primeira vez na Terra 4.000 anos antes do Cristo e que, 1.650 anos mais tarde, toda a raça humana foi destruída, com exceção de uma única família, conclui-se que o povoamento da Terra data apenas de Noé, ou seja, de 2.350 anos antes da nossa Era. Ora, quando

²² N.E.: Refere-se ao calendário judeu.

os hebreus emigraram para o Egito, no décimo oitavo século, encontraram esse país muito povoado e já bastante adiantado em civilização. A História prova que, nessa época, a Índia e outros países eram igualmente florescentes, mesmo sem se levar em conta a cronologia de certos povos, que remonta a uma época muito mais afastada. Teria sido preciso, portanto, que do vigésimo quarto ao décimo oitavo século, isto é, que num espaço de 600 anos, não somente a posteridade de um único homem tivesse podido povoar todas as imensas regiões então conhecidas, supondo-se que as outras não o fossem, mas também que, nesse curto intervalo, a espécie humana houvesse podido elevar-se da ignorância absoluta do estado primitivo ao mais alto grau de desenvolvimento intelectual, o que contraria todas as leis antropológicas.

A diversidade das raças vem reforçar mais ainda esta opinião. O clima e os costumes produzem, sem dúvida, modificações das características físicas; sabe-se, porém, até onde pode ir a influência dessas causas, e o exame fisiológico prova haver, entre certas raças, diferenças constitucionais mais profundas do que as que o clima é capaz de determinar. O cruzamento das raças produz os tipos intermediários; tende a apagar os caracteres extremos, mas não os produz; apenas cria variedades. Ora, para que tenha havido cruzamento de raças, era preciso que houvesse raças distintas. Como, então, explicar a sua existência, dando-lhes um tronco comum e, sobretudo, tão próximo? Como admitir que, em alguns séculos, alguns descendentes de Noé se tenham transformado a ponto de produzirem a raça etíope, por exemplo? Uma tal metamorfose não é mais admissível do que a hipótese de um tronco comum para o lobo e a ovelha, para o elefante e o pulgão, para o pássaro e o peixe. Ainda uma vez: nada pode prevalecer contra a evidência dos fatos.

Tudo se explica, ao contrário, admitindo-se que a existência do homem é anterior à época que lhe é vulgarmente assinalada; que diversas são as origens; que Adão, vivendo há 6.000 anos, tenha povoado uma região ainda desabitada; que o dilúvio de Noé foi uma catástrofe parcial, confundida com o cataclismo geológico;

levando-se em conta, finalmente, a forma alegórica peculiar ao estilo oriental, a qual se encontra nos livros sagrados de todos os povos. Por isso é prudente não contestar com tanta leviandade as doutrinas que, cedo ou tarde, como tantas outras, podem desmentir os que as combatem. As ideias religiosas, longe de perderem alguma coisa, se engrandecem quando caminham ao lado da Ciência. Esse é o único meio de não mostrarem um lado vulnerável ao ceticismo.

CAPÍTULO IV



Princípio vital

- Seres orgânicos e inorgânicos • A vida e a morte • Inteligência e instinto

Seres orgânicos e inorgânicos

Os seres orgânicos são os que têm em si uma fonte de atividade íntima que lhes dá a vida. Nascem, crescem, reproduzem-se por si mesmos e morrem. São providos de órgãos especiais para a realização dos diferentes atos da vida, órgãos apropriados às suas necessidades de conservação. Compreendem os homens, os animais e as plantas. Os seres inorgânicos são todos os que não possuem vitalidade nem movimentos próprios, e que se formam apenas pela agregação da matéria. Tais são os minerais, a água, o ar etc.

60. *É a mesma a força que une os elementos da matéria nos corpos orgânicos e inorgânicos?*
“Sim, a lei de atração é a mesma para todos.”
61. *Há diferença entre a matéria dos corpos orgânicos e a dos inorgânicos?*
“A matéria é sempre a mesma, mas nos corpos orgânicos está animalizada.”
62. *Qual a causa da animalização da matéria?*
“Sua união com o princípio vital.”
63. *O princípio vital reside nalgum agente particular, ou é apenas uma propriedade da matéria organizada? Numa palavra, é efeito ou causa?*

“Uma e outra coisa. A vida é um efeito produzido pela ação de um agente sobre a matéria. Esse agente, sem a matéria, não é a vida, do mesmo modo que a matéria não pode viver sem esse agente. Ele dá a vida a todos os seres que o absorvem e o assimilam.”

64. *Vimos que o espírito e a matéria são dois elementos constitutivos do Universo. O princípio vital formaria um terceiro?*

“É, sem dúvida, um dos elementos necessários à constituição do Universo, mas que também tem sua origem na matéria universal modificada. É, para vós, um elemento, como o oxigênio e o hidrogênio, que, entretanto, não são elementos primitivos, pois que tudo isso resulta de um mesmo princípio.”

64-a. *Parece resultar daí que a vitalidade não tem seu princípio num agente primitivo distinto, mas numa propriedade especial da matéria universal, devida a certas modificações.*

“Isto é a consequência do que dissemos.”

65. *O princípio vital reside num dos corpos que conhecemos?*

“Ele tem sua fonte no fluido universal. É o que chamais fluido magnético, ou fluido elétrico animalizado. É o intermediário, o laço entre o espírito e a matéria.”

66. *O princípio vital é o mesmo para todos os seres orgânicos?*

“Sim, modificado segundo as espécies. É ele que lhes dá movimento e atividade e os distingue da matéria inerte, pois o movimento da matéria não é a vida; ela recebe esse movimento, não o dá.”

67. *A vitalidade é um atributo permanente do agente vital ou somente se desenvolve pelo funcionamento dos órgãos?*

“Só se desenvolve com o corpo. Não dissemos que esse agente sem a matéria não é a vida? É preciso a união das duas coisas para produzir a vida.”

67-a. *Pode-se dizer que a vitalidade se acha em estado latente, quando o agente vital não está unido ao corpo?*

“Sim, é isso.”

O conjunto dos órgãos constitui uma espécie de mecanismo que recebe sua impulsão da atividade íntima ou princípio vital que neles existe. O princípio vital é a força motriz dos corpos orgânicos. Ao mesmo tempo que o agente vital dá impulsão aos órgãos, a ação destes entretém e desenvolve a atividade do agente vital, mais ou menos como o atrito produz calor.

A vida e a morte

68. *Qual a causa da morte nos seres orgânicos?*
“Esgotamento dos órgãos.”
- 68-a. *Poder-se-ia comparar a morte à cessação do movimento numa máquina desorganizada?*
“Sim; se a máquina não está bem montada, a mola se parte; se o corpo está enfermo, a vida se extingue.”
69. *Por que uma lesão do coração, mais do que a de quaisquer outros órgãos, causa a morte?*
“O coração é uma máquina de vida, mas não é o único órgão cuja lesão ocasiona a morte; ele não é mais que uma das engrenagens essenciais.”
70. *Em que se transformam a matéria e o princípio vital dos seres orgânicos quando eles morrem?*
“A matéria inerte se decompõe e vai formar novos organismos. O princípio vital retorna à massa.”

Morto o ser orgânico, os elementos que o compõem sofrem novas combinações, de que resultam novos seres, os quais haurem na fonte universal o princípio da vida e da atividade, absorvendo-o e assimilando-o, para novamente o devolverem a essa fonte, quando deixarem de existir.

Os órgãos estão, por assim dizer, impregnados de fluido vital. Esse fluido dá a todas as partes do organismo uma atividade que opera a cicatrização de certas lesões e restabelece as funções momentaneamente suspensas. Mas, quando os elementos essenciais ao funcionamento dos

órgãos estão destruídos, ou muito profundamente alterados, o fluido vital é impotente para lhes transmitir o movimento da vida, e o ser morre.

Os órgãos reagem mais ou menos necessariamente uns sobre os outros; da harmonia do conjunto resulta a sua ação recíproca. Quando uma causa qualquer destrói essa harmonia, os órgãos deixam de funcionar, como o movimento de um mecanismo cujas engrenagens essenciais estão desarranjadas. Dá-se o mesmo com um relógio que se desgasta com o tempo ou se danifica por acidente: a força motriz é impotente para fazê-lo funcionar.

Num aparelho elétrico temos uma imagem mais exata da vida e da morte. Como todos os corpos da Natureza, esse aparelho contém electricidade em estado latente. Os fenômenos elétricos só se manifestam quando o fluido é posto em atividade por uma causa especial: então se poderia dizer que o aparelho está vivo. Vindo a cessar a causa da atividade, cessa o fenômeno e o aparelho volta ao estado de inércia. Os corpos orgânicos seriam, assim, uma espécie de pilhas ou aparelhos elétricos, nos quais a atividade do fluido produz o fenômeno da vida. A cessação dessa atividade causa a morte.

A quantidade de fluido vital não é absoluta em todos os seres orgânicos. Varia segundo as espécies e não é constante no mesmo indivíduo, nem nos demais indivíduos da mesma espécie. Há os que estão, a bem dizer, saturados de fluido vital, enquanto outros o possuem apenas em quantidade suficiente. Daí, para alguns, vida mais ativa, mais tenaz e, de certo modo, superabundante.

A quantidade de fluido vital se esgota. Pode tornar-se insuficiente para a manutenção da vida, se não se renovar pela absorção e assimilação das substâncias que o contêm.

O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro. Aquele que o tiver em maior quantidade pode dá-lo a quem o tenha de menos e em certos casos prolongar a vida prestes a extinguir-se.

Inteligência e instinto

71. *A inteligência é um atributo do princípio vital?*

“Não, pois as plantas vivem e não pensam: só têm vida orgânica. A inteligência e a matéria são independentes, já que um corpo pode viver sem a inteligência, mas a inteligência só pode manifestar-se por meio dos órgãos materiais. É preciso a união com o espírito para dar inteligência à matéria animalizada.”

A inteligência é uma faculdade especial, peculiar a algumas classes de seres orgânicos e que lhes dá, com o pensamento, a vontade de agir, a consciência de sua existência e de sua individualidade, bem como os meios de estabelecerem relações com o mundo exterior e de proverem às suas necessidades.

Podem distinguir-se assim: 1º, os seres inanimados, formados apenas de matéria, sem vitalidade nem inteligência: são os corpos brutos; 2º, os seres animados que não pensam, formados de matéria e dotados de vitalidade, mas desprovidos de inteligência; 3º, os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade e tendo a mais um princípio inteligente que lhes dá a faculdade de pensar.

72. *Qual é a fonte da inteligência?*

“Já o dissemos: a inteligência universal.”

72-a. *Poder-se-ia dizer que cada ser tira uma porção de inteligência da fonte universal e a assimila, como tira e assimila o princípio da vida material?*

“Isto é apenas uma comparação, mas que não é exata, porque a inteligência é uma faculdade própria de cada ser e constitui a sua individualidade moral. Além disso, como sabeis, há coisas que ao homem não é dado penetrar e esta, por enquanto, é uma delas.”

73. *O instinto é independente da inteligência?*

“Não exatamente, porque o instinto é uma espécie de inteligência. É uma inteligência não racional; é por ele que todos os seres proveem às suas necessidades.”

74. *Pode-se estabelecer um limite entre o instinto e a inteligência, isto é, precisar onde acaba um e começa a outra?*

“Não, porque muitas vezes se confundem, mas se podem distinguir muito bem os atos que decorrem do instinto daqueles que pertencem à inteligência.”

75. *É correto dizer-se que as faculdades instintivas diminuem à medida que crescem as intelectuais?*

“Não; o instinto existe sempre, mas o homem o despreza. O instinto também pode conduzir ao bem. Ele quase sempre nos guia e algumas vezes com mais segurança do que a razão. Nunca se engana.”

- 75-a. *Por que a razão nem sempre é um guia infalível?*

“Seria infalível se não fosse falseada pela má-educação, pelo orgulho e pelo egoísmo. O instinto não raciocina; a razão permite a escolha e dá ao homem o livre-arbítrio.”

O instinto é uma inteligência rudimentar, que difere da inteligência propriamente dita por serem quase sempre espontâneas as suas manifestações, ao passo que as da inteligência resultam de uma combinação e de um ato deliberado.

O instinto varia em suas manifestações, conforme as espécies e suas necessidades. Nos seres que têm a consciência e a percepção das coisas exteriores, ele se alia à inteligência, isto é, à vontade e à liberdade.

Livro Segundo



Mundo espiritual ou dos Espíritos

Capítulo I	Espíritos
Capítulo II	Encarnação dos Espíritos
Capítulo III	Retorno da vida corpórea à vida espiritual
Capítulo IV	Pluralidade das existências
Capítulo V	Considerações sobre a pluralidade das existências
Capítulo VI	Vida espiritual
Capítulo VII	Retorno à vida corpórea
Capítulo VIII	Emancipação da alma
Capítulo IX	Intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo
Capítulo X	Ocupações e missões dos Espíritos
Capítulo XI	Os três reinos

CAPÍTULO I



Espíritos

• Origem e natureza dos Espíritos • Mundo normal primitivo • Forma e ubiquidade dos Espíritos • Perispírito • Diferentes ordens de Espíritos • Escala espírita • Progressão dos Espíritos • Anjos e demônios

Origem e natureza dos Espíritos

76. *Que definição se pode dar dos Espíritos?*

“Pode-se dizer que os Espíritos são os seres inteligentes da Criação. Povoam o Universo, fora o mundo material.”

NOTA – A palavra *Espírito* é empregada aqui para designar as individualidades dos seres extracorpóreos e não mais o elemento inteligente universal. [Allan Kardec]

77. *Os Espíritos são seres distintos da Divindade, ou seriam apenas emanções ou porções da Divindade e, por isto, chamados filhos de Deus?*

“Meu Deus! São obra sua, exatamente como um homem que faz uma máquina; essa máquina é obra do homem, e não o próprio homem. Sabes que o homem, quando faz alguma coisa bela e útil, chama-lhe sua filha, sua criação. Pois bem! O mesmo se dá com relação a Deus: somos seus filhos, pois somos obra sua.”

78. *Os Espíritos tiveram princípio ou existem, como Deus, de toda a eternidade?*

“Se não tivessem tido princípio, seriam iguais a Deus, ao passo que são criação sua e se acham submetidos à sua vontade. Deus

existe de toda a eternidade, é incontestável; quanto, porém, ao modo como Ele nos criou, nada sabemos. Podes dizer que não tivemos princípio se por isto entenderes que, sendo eterno, Deus há de ter criado incessantemente. Mas quando e como Ele criou cada um de nós, eu te repito, ninguém o sabe: eis o mistério.”

79. *Visto que há dois elementos gerais no Universo: o elemento inteligente e o elemento material, poder-se-á dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos inertes são formados do elemento material?*

“Evidentemente. Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material. A época e o modo dessa formação é que são desconhecidos.”

80. *A criação dos Espíritos é permanente ou só ocorreu na origem dos tempos?*

“É permanente, isto é, Deus jamais deixou de criar.”

81. *Os Espíritos se formam espontaneamente ou procedem uns dos outros?*

“Deus os cria, como a todas as outras criaturas, pela sua vontade. Mas, repito ainda uma vez, a origem deles é mistério.”

82. *É correto dizer-se que os Espíritos são imateriais?*

“Como se pode definir uma coisa, quando faltam termos de comparação e com uma linguagem deficiente? Um cego de nascença pode definir a luz? Imaterial não é bem o termo; incorpóreo seria mais exato, pois deves compreender que, sendo uma criação, o Espírito há de ser alguma coisa. É a matéria quintessenciada, mas sem analogia para vós, e tão etérea que não pode ser percebida pelos vossos sentidos.”

Dizemos que os Espíritos são imateriais porque a sua essência difere de tudo o que conhecemos sob o nome de matéria. Um povo de cegos não teria termos para exprimir a luz e seus efeitos. O cego de nascença julga ter todas as percepções pelo ouvido, pelo olfato, pelo paladar e pelo tato. Não compreende as ideias que lhe seriam dadas pelo sentido que lhe falta. Do mesmo modo, em relação à essência dos seres sobre-humanos, somos

verdadeiros cegos. Não os podemos definir senão por meio de comparações sempre imperfeitas, ou por um esforço da nossa imaginação.

83. *Os Espíritos têm fim? Compreende-se que o princípio de onde eles emanam seja eterno, mas o que perguntamos é se suas individualidades têm um termo e se, em dado tempo, mais ou menos longo, o elemento de que são formados não se dissemina e volta à massa da qual saiu, como acontece com os corpos materiais. É difícil compreender que uma coisa que teve começo não possa ter fim.*

“Há muitas coisas que não compreendeis porque a vossa inteligência é limitada, mas isso não é razão para as repelirdes. A criança não compreende tudo o que seu pai compreende, nem o ignorante tudo o que compreende o sábio. Dissemos que a existência dos Espíritos não tem fim; é tudo quanto podemos dizer por enquanto.”

Mundo normal primitivo

84. *Os Espíritos constituem um mundo à parte, fora aquele que vemos?*
“Sim, o mundo dos Espíritos, ou das inteligências incorpóreas.”
85. *Qual dos dois, o mundo espiritual²³ ou o mundo corpóreo, é o principal na ordem das coisas?*
“O mundo espiritual, que preexiste e sobrevive a tudo.”
86. *O mundo corpóreo poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem que isso alterasse a essência do mundo espiritual?*
“Sim; eles são independentes e, não obstante, a correlação entre ambos é incessante, porque reagem incessantemente um sobre o outro.”
87. *Os Espíritos ocupam uma região determinada e circunscrita no Espaço?*
“Os Espíritos estão por toda parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Há os que estão sem cessar ao vosso lado, observando-vos e atuando sobre vós, sem que o saibais, já que os Espíritos são uma das forças da Natureza e os instrumentos de que Deus

²³ N.T.: No original, *monde spirite* (grifo nosso). Ao longo desta obra, traduzimos as expressões *monde spirite*, *monde des esprits* e *monde spirituel* por “mundo espiritual” ou “mundo dos Espíritos”, por exprimirem com mais propriedade a região que se desdobra para além do túmulo.

se serve para a execução de seus desígnios providenciais. Nem todos, porém, vão a toda parte, pois há regiões interditas aos menos adiantados.”

Forma e ubiquidade dos Espíritos

88. *Os Espíritos têm uma forma determinada, limitada e constante?*

“Aos vossos olhos, não; aos nossos, sim. O Espírito é, se quiserdes, uma chama, um clarão ou uma centelha etérea.”

88-a. *Essa chama ou centelha tem cor?*

“Para vós, ela varia do escuro ao brilho do rubi, conforme o Espírito seja mais ou menos puro.”

Representam-se comumente os gênios com uma chama ou estrela na fronte. É uma alegoria que lembra a natureza essencial dos Espíritos. Colocam-na no alto da cabeça, porque aí está a sede da inteligência.

89. *Os Espíritos gastam algum tempo para percorrer o Espaço?*

“Sim, mas com a rapidez do pensamento.”

89-a. *O pensamento não é a própria alma que se transporta?*

“Quando o pensamento está em alguma parte, a alma também aí está, pois é a alma quem pensa. O pensamento é um atributo.”

90. *O Espírito que se transporta de um lugar a outro tem consciência da distância que percorre e dos espaços que atravessa ou é subitamente transportado ao lugar aonde quer ir?*

“Ambas as coisas. O Espírito pode perfeitamente, se o quiser, dar-se conta da distância que percorre, mas essa lembrança pode desaparecer completamente; isso depende da sua vontade, bem como da sua natureza mais ou menos depurada.”

91. *A matéria oferece obstáculo aos Espíritos?*

“Não; eles penetram tudo: o ar, a terra, as águas e até mesmo o fogo lhes são igualmente acessíveis.”

92. *Os Espíritos têm o dom da ubiquidade? Em outras palavras, o mesmo Espírito pode dividir-se ou existir em vários pontos ao mesmo tempo?*

“Não pode haver divisão de um mesmo Espírito, mas cada um é um centro que irradia para diferentes lados, e é por isso que parecem estar em muitos lugares ao mesmo tempo. Vês o Sol? É somente um; no entanto, irradia-se em todas as direções e leva muito longe os seus raios. Contudo, não se divide.”

- 92-a. *Todos os Espíritos irradiam com a mesma força?*

“Longe disso. Essa força depende do grau de pureza de cada um.”

Cada Espírito é uma unidade indivisível, mas cada um pode expandir seu pensamento em diversas direções, sem por isso se dividir. Apenas nesse sentido é que se deve entender o dom da ubiquidade atribuído aos Espíritos, tal como uma centelha que projeta longe a sua claridade e pode ser percebida de todos os pontos do horizonte; tal, ainda, um homem que, sem mudar de lugar e sem se fracionar, pode transmitir ordens, sinais e movimento a diferentes pontos.

Perispírito

93. *O Espírito propriamente dito tem alguma cobertura ou, como pretendem alguns, está envolvido numa substância qualquer?*

“O Espírito está envolvido por uma substância que é vaporosa para ti, mas ainda bastante grosseira para nós; suficientemente vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira.”

Assim como o gérmen de um fruto é envolvido pelo perisperma, o Espírito propriamente dito é revestido por um envoltório que, por comparação, se pode chamar *perispírito*.

94. *De onde tira o Espírito o seu envoltório semimaterial?*

“Do fluido universal de cada globo. É por isso que ele não é o mesmo em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa.”

94-a. *Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm ao nosso meio, tomam um perispírito mais grosseiro?*

“É necessário que se revistam da vossa matéria, já o dissemos.”

95. *O envoltório semimaterial do Espírito tem formas determinadas e pode ser perceptível?*

“Sim, tem a forma que o Espírito queira; é assim que ele vos aparece algumas vezes, quer em sonho, quer no estado de vigília, e que pode tomar forma visível e mesmo palpável.”

Diferentes ordens de Espíritos

96. *Os Espíritos são iguais ou existe entre eles uma hierarquia qualquer?*

“São de diferentes ordens, conforme o grau de perfeição a que chegaram.”

97. *Há um número determinado de ordens ou de graus de perfeição entre os Espíritos?*

“Seu número é ilimitado, porque não há entre essas ordens uma linha de demarcação traçada como uma barreira, de modo que se podem multiplicar ou restringir as divisões à vontade. No entanto, considerando-se as características gerais dos Espíritos, pode-se reduzi-las a três ordens principais.

Na primeira ordem colocar-se-ão os que atingiram a perfeição: os Espíritos puros. Na segunda ordem encontram-se os que chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é a sua preocupação. Na terceira, os que ainda se acham na parte inferior da escala: os Espíritos imperfeitos, que se caracterizam pela ignorância, pelo desejo do mal e por todas as paixões más que retardam o seu progresso.”

98. *Os Espíritos da segunda ordem têm apenas o desejo do bem ou terão também o poder de praticá-lo?*

“Eles têm esse poder conforme o seu grau de perfeição; uns possuem a ciência, outros, a sabedoria e a bondade, mas todos ainda têm que sofrer provas.”

99. *Os Espíritos da terceira ordem são todos essencialmente maus?*

“Não; uns não fazem nem o bem nem o mal; outros, ao contrário, se regozijam no mal e ficam satisfeitos quando encontram ocasião de praticá-lo. Há também os Espíritos levianos ou estouvados, mais astuciosos do que maus, que se comprazem antes na malícia do que na malvadez, encontrando prazer em mistificar e causar pequenas contrariedades, de que se riem.”

Escala espírita

100. OBSERVAÇÕES PRELIMINARES – A classificação dos Espíritos se baseia no grau de adiantamento deles, nas qualidades que já adquiriram e nas imperfeições de que ainda terão de despojar-se. Esta classificação, aliás, nada tem de absoluta. Apenas no seu conjunto cada categoria apresenta caráter definido. De um grau a outro a transição é insensível e, nos limites, os matizes se apagam, como nos reinos da Natureza, como nas cores do arco-íris, ou, ainda, como nos diferentes períodos da vida do homem. Podem, pois, formar-se maior ou menor número de classes, conforme o ponto de vista sob o qual se considere a questão. Dá-se aqui o que se dá com todos os sistemas de classificações científicas. Esses sistemas podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais, mais ou menos cômodos para a inteligência; sejam, porém, quais forem, em nada alteram as bases da Ciência. Assim, interrogados sobre este ponto, é natural que os Espíritos hajam divergido quanto ao número das categorias, sem que isto tenha maiores inconvenientes. Entretanto, alguns se agarraram a esta contradição aparente, sem refletirem que os Espíritos não ligam a menor importância ao que é meramente convencional. Para eles, o pensamento é tudo; deixam-nos a forma, a escolha dos termos, as classificações, numa palavra, os sistemas.

Ajuntemos ainda uma consideração que não se deve jamais perder de vista: a de que entre os Espíritos, assim como sucede entre os homens, há os muito ignorantes, de modo que nunca será demais nos prevenirmos contra a tendência em crer que, por serem

Espíritos, todos devam saber tudo. Qualquer classificação exige método, análise e conhecimento aprofundado do assunto. Ora, no mundo dos Espíritos, os que possuem limitados conhecimentos são, como neste mundo, os ignorantes, incapazes de abranger um conjunto, de formular um sistema; não conhecem ou não compreendem senão imperfeitamente uma classificação qualquer; para eles todos os Espíritos que lhes são superiores pertencem à primeira ordem, já que não conseguem apreciar as nuances de saber, de capacidade e de moralidade que os distinguem, como sucede entre nós a um homem rude com relação aos homens civilizados. Mesmo aqueles que são capazes de o fazer, podem variar nos detalhes, conforme os seus pontos de vista, sobretudo quando se trata de uma divisão, que nada tem de absoluta. Lineu, Jussieu e Tournefort tiveram cada um o seu método, sem que, por isso, a Botânica mudasse no que quer que fosse. É que nenhum deles inventou as plantas, nem os seus caracteres. Apenas observaram as analogias, segundo as quais formaram os grupos ou classes. Foi assim que procedemos. Não inventamos os Espíritos, nem as suas características. Vimos e observamos, julgamo-los pelas suas palavras e atos, depois os classificamos pelas semelhanças, baseando-nos em dados que eles próprios nos forneceram.

Os Espíritos admitem, geralmente, três categorias principais ou três grandes divisões. Na última, a que fica na parte inferior da escala, estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela predominância da matéria sobre o espírito e pela propensão ao mal. Os da segunda se caracterizam pela predominância do espírito sobre a matéria e pelo desejo do bem: são os Espíritos bons. A primeira, finalmente, compreende os Espíritos puros, os que atingiram o grau supremo da perfeição.

Esta divisão nos parece perfeitamente racional e com caracteres bem delimitados. Só nos restava destacar, mediante um número suficiente de subdivisões, as principais nuances do conjunto. Foi o que fizemos, com o concurso dos Espíritos, cujas benévolas instruções jamais nos faltaram.

Com o auxílio desse quadro será mais fácil determinar a ordem e o grau de superioridade ou de inferioridade dos Espíritos com

os quais podemos travar relações e, por conseguinte, o grau de confiança e de estima que merecem. É, de certo modo, a chave da ciência espírita, pois só ele pode explicar as anomalias que as comunicações apresentam, esclarecendo-nos sobre as desigualdades intelectuais e morais dos Espíritos. Cumpre observar, todavia, que os Espíritos não ficam pertencendo, exclusivamente, a esta ou àquela classe. Como o progresso deles só se realiza gradualmente e muitas vezes mais num sentido do que em outro, pode ser que reúnam em si características de várias categorias, o que é fácil de avaliar por sua linguagem e seus atos.

Terceira ordem – Espíritos imperfeitos

101. CARACTERÍSTICAS GERAIS – Predominância da matéria sobre o espírito. Propensão ao mal. Ignorância, orgulho, egoísmo e todas as más paixões que lhes são consequentes.

Têm a intuição de Deus, mas não o compreendem.

Nem todos são essencialmente maus. Em alguns há mais levianidade, inconsequência e malícia do que verdadeira maldade. Uns não fazem o bem nem o mal, mas, pelo simples fato de não fazerem o bem, já denotam a sua inferioridade. Outros, ao contrário, se comprazem no mal e ficam satisfeitos quando encontram ocasião de praticá-lo.

Podem aliar a inteligência à maldade ou à malícia; porém, seja qual for o seu desenvolvimento intelectual, suas ideias são pouco elevadas e mais ou menos abjetos os seus sentimentos.

São limitados os conhecimentos que têm das coisas do mundo espiritual e o pouco que sabem se confunde com as ideias e preconceitos da vida corpórea. Acerca dessas coisas não nos podem dar senão noções falsas e incompletas desse mundo, mas em suas comunicações, mesmo imperfeitas, o observador atento quase sempre encontra a confirmação das grandes verdades ensinadas pelos Espíritos superiores.

O caráter desses Espíritos se revela por sua linguagem. Todo Espírito que, em suas comunicações, trai um mau pensamento, pode ser classificado na terceira ordem. Consequentemente, todo mau pensamento que nos é sugerido vem de um Espírito desta ordem.

Eles veem a felicidade dos bons, e essa visão lhes constitui um tormento incessante, porque os faz experimentar todas as angústias que a inveja e o ciúme podem causar.

Conservam a lembrança e a percepção dos sofrimentos da vida corpórea e essa impressão é muitas vezes mais penosa do que a realidade. Sofrem, pois, verdadeiramente, tanto pelos males de que padeceram em vida quanto pelos que causaram aos outros. E, como sofrem por longo tempo, julgam que sofrerão para sempre. Deus, para puni-los, quer que assim julguem.

Pode-se dividi-los em cinco classes principais:

102. DÉCIMA CLASSE – ESPÍRITOS IMPUROS – São inclinados ao mal, de que fazem o objeto de suas preocupações. Como Espíritos, dão conselhos perversos, insuflam a discórdia e a desconfiança e se mascaram de todas as formas para melhor enganar. Apegam-se às pessoas de caráter bastante fraco para cederem às suas sugestões, a fim de induzi-las à perdição, satisfeitos por poderem retardar-lhes o adiantamento, fazendo-as sucumbir nas provas por que passam. Nas manifestações, os Espíritos são reconhecidos por sua linguagem. A trivialidade e a grosseria das expressões, neles, como nos homens, é sempre indício de inferioridade moral, quando não intelectual. Suas comunicações revelam a baixaza de seus pendores e, se tentam enganar, falando com sensatez, não conseguem sustentar por muito tempo o papel e acabam sempre por trair sua origem. Alguns povos os transformaram em divindades maléficas; outros os designam pelos nomes de demônios, maus gênios, Espíritos do mal. Quando encarnados, os seres vivos que eles constituem são inclinados a todos os vícios geradores das paixões vis e degradantes: a sensualidade, a crueldade, a malícia, a hipocrisia, a cupidez, a avariza sórdida. Fazem o mal por prazer, na maioria das vezes sem motivo, e, por ódio ao bem, quase sempre escolhem suas vítimas entre as pessoas honestas. São flagelos para a Humanidade, seja qual for a categoria social a que pertençam, e o verniz da civilização não os livra do opróbrio e da ignomínia.
103. NONA CLASSE – ESPÍRITOS LEVIANOS – São ignorantes, maliciosos, inconsequentes e zombeteiros. Intrometem-se em tudo e a

tudo respondem, sem se incomodarem com a verdade. Com-
 prazem-se em causar pequenos desgostos e ligeiras alegrias,
 em aborrecer, em induzir maliciosamente ao erro, por meio de
 mistificações e espertezas. A esta classe pertencem os Espíritos
 vulgarmente designados de *duendes*, *tragos*, *gnomos*, *diabretes*. Es-
 tão sob a dependência dos Espíritos superiores, que muitas vezes
 os empregam, como fazemos com os nossos servidores.

Em suas comunicações com os homens, a linguagem de que se
 servem é, por vezes, espirituosa e divertida, mas quase sempre
 sem profundidade. Exploram as falhas e o lado ridículo dos ho-
 mens e os retratam em traços mordazes e satíricos. Se tomam
 nomes supostos, é mais por malícia do que por maldade.

104. OITAVA CLASSE – ESPÍRITOS PSEUDOSSÁBIOS – Seus conhecimentos
 são bastante amplos, mas acreditam saber mais do que realmen-
 te sabem. Tendo realizado alguns progressos sob diversos pontos
 de vista, a linguagem deles tem um caráter sério, que pode iludir
 quanto às suas capacidades e luzes; porém, na maioria das vezes,
 isso não passa de um reflexo dos preconceitos e das ideias sistemá-
 ticas da vida terrestre. É uma mistura de algumas verdades com os
 erros mais absurdos, em meio aos quais despontam a presunção, o
 orgulho, o ciúme e a obstinação, de que não puderam livrar-se.
105. SÉTIMA CLASSE – ESPÍRITOS NEUTROS – Nem são bastante bons
 para fazerem o bem, nem bastante maus para fazerem o mal. In-
 clinam-se tanto para um quanto para o outro e não se elevam aci-
 ma da condição vulgar da Humanidade, quer em moral, quer em
 inteligência. Apegam-se às coisas deste mundo, de cujas grosseiras
 alegrias sentem saudades.
106. SEXTA CLASSE – ESPÍRITOS BATEDORES E PERTURBADORES – Estes
 Espíritos não formam, a bem dizer, uma classe distinta pelas suas
 qualidades pessoais. Podem pertencer a todas as classes da terceira
 ordem. Muitas vezes manifestam sua presença por efeitos sensí-
 veis e físicos, tais como pancadas, movimento e deslocamento
 anormal de corpos sólidos, agitação do ar etc. Afiguram-se mais
 apegados à matéria do que os outros Espíritos e parecem ser os

agentes principais das vicissitudes dos elementos do globo, quer pela sua ação sobre o ar, a água, o fogo, os corpos duros, quer nas entranhas da Terra. Reconhece-se que esses fenômenos não se devem a uma causa fortuita e física, quando denotam caráter intencional e inteligente. Todos os Espíritos podem produzir esses fenômenos, mas, em geral, os de ordem elevada os deixam a cargo dos Espíritos subalternos, mais aptos para as coisas materiais do que para as inteligentes. Quando julgam útil as manifestações desse gênero, servem-se desses Espíritos como auxiliares.

Segunda ordem – Espíritos bons

107. CARACTERÍSTICAS GERAIS – Predominância do espírito sobre a matéria; desejo do bem. Suas qualidades e poderes para fazer o bem estão em relação com o grau de adiantamento que hajam alcançado; uns têm a ciência, outros a sabedoria e a bondade. Os mais adiantados aliam o saber às qualidades morais. Não estando ainda completamente desmaterializados, conservam mais ou menos, segundo sua categoria, os traços da existência corpórea, quer na linguagem, quer nos hábitos, entre os quais se encontram mesmo algumas de suas manias. De outro modo, seriam Espíritos perfeitos. Compreendem Deus e o infinito e já gozam da felicidade dos bons. São felizes pelo bem que fazem e pelo mal que impedem. O amor que os une é, para eles, fonte de inefável ventura, não se alterando nem pela inveja, nem pelo remorso, nem por nenhuma das más paixões que constituem o tormento dos Espíritos imperfeitos. Mas todos ainda têm que passar por provas, até que atinjam a perfeição absoluta.²⁴
- Como Espíritos, sugerem bons pensamentos, desviam os homens do caminho do mal, protegem na vida os que se tornam dignos dessa proteção e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos sobre aqueles que não se comprazem em sofrê-la.
- Quando encarnados, são bons e benevolentes com os seus semelhantes. Não são movidos pelo orgulho, nem pelo egoísmo, nem

²⁴ N.T.: Entenda-se como a perfeição relativa que a criatura pode alcançar, visto que só o Criador é perfeito em grau absoluto.

pela ambição. Não experimentam ódio, rancor, inveja ou ciúme e fazem o bem pelo bem.

A esta ordem pertencem os Espíritos designados, nas crenças vulgares, pelos nomes de bons gênios, gênios protetores, Espíritos do bem. Em épocas de superstição e de ignorância, foram considerados como divindades benfazejas.

Pode-se dividi-los em quatro grupos principais:

108. QUINTA CLASSE – ESPÍRITOS BENÉVOLOS – Sua qualidade dominante é a bondade. Sentem prazer em prestar serviço aos homens e protegê-los, mas os seus conhecimentos são limitados; progrediram mais no sentido moral do que no sentido intelectual.
109. QUARTA CLASSE – ESPÍRITOS DE CIÊNCIA – Distinguem-se especialmente pela amplitude de seus conhecimentos. Preocupam-se menos com as questões morais do que com as científicas, para as quais têm maior aptidão; entretanto, só encaram a Ciência do ponto de vista da utilidade e jamais dominados pelas paixões peculiares aos Espíritos imperfeitos.
110. TERCEIRA CLASSE – ESPÍRITOS DE SABEDORIA – As qualidades morais da ordem mais elevada constituem o seu caráter distintivo. Sem possuírem conhecimentos ilimitados, são dotados de uma capacidade intelectual que lhes faculta juízo reto sobre os homens e as coisas.
111. SEGUNDA CLASSE – ESPÍRITOS SUPERIORES – Reúnem em si a ciência, a sabedoria e a bondade. Sua linguagem, que só transpira benevolência, é constantemente digna, elevada e, muitas vezes, sublime. Sua superioridade os torna mais aptos do que os outros a nos darem as mais justas noções sobre as coisas do mundo incorpóreo, dentro dos limites do que é permitido ao homem saber. Comunicam-se de bom grado com os que procuram de boa-fé a verdade e cuja alma já está bastante desprendida dos laços terrenos para compreendê-la, mas se afastam dos que são movidos apenas pela curiosidade ou que são desviados da prática do bem pela influência da matéria.

Quando, por exceção, encarnam na Terra, é para cumprir missão de progresso e, então, nos oferecem o tipo da perfeição a que a Humanidade pode aspirar neste mundo.

Primeira ordem – Espíritos puros

112. CARACTERÍSTICAS GERAIS – Nenhuma influência da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta, com relação aos Espíritos das outras ordens.
113. PRIMEIRA CLASSE. CLASSE ÚNICA – Percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura, não têm que sofrer mais provas, nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus.

Gozam de inalterável felicidade, porque não estão sujeitos nem às necessidades, nem às vicissitudes da vida material; essa felicidade, porém, não é a de uma *ociosidade monótona vivida em perpétua contemplação*. Eles são os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para a manutenção da harmonia universal. Comandam todos os Espíritos que lhes são inferiores, ajudam-nos a se aperfeiçoarem e designam suas missões. Assistir os homens nas suas aflições, estimulá-los ao bem ou à expiação das faltas que os mantêm distanciados da suprema felicidade é, para eles, ocupação agradabilíssima. São designados às vezes pelos nomes de anjos, arcanjos ou serafins.

Os homens podem comunicar-se com eles, mas bem presunçoso seria quem pretendesse tê-los constantemente às suas ordens.

Progressão dos Espíritos

114. *Os Espíritos são bons ou maus por natureza, ou são eles mesmos que se melhoram?*

“São os próprios Espíritos que se melhoram e, melhorando-se, passam de uma ordem inferior para uma ordem superior.”

115. *Entre os Espíritos, alguns foram criados bons e outros maus?*
 “Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber. A cada um deu uma missão, com o fim de esclarecê-los e de fazê-los chegar progressivamente à perfeição, pelo conhecimento da verdade, para aproximá-los de si. Para eles, a felicidade eterna e sem mescla consiste nessa perfeição. Os Espíritos adquirem esses conhecimentos, passando pelas provas que Deus lhes impõe. Uns aceitam essas provas com submissão e chegam mais depressa à meta que lhes foi destinada. Outros só a suportam murmurando e, assim, por culpa sua, permanecem afastados da perfeição e da prometida felicidade.”
- 115-a. *De acordo com isto, os Espíritos se assemelhariam, na sua origem, a crianças ignorantes e sem experiência, só adquirindo pouco a pouco os conhecimentos que lhes faltam ao percorrerem as diferentes fases da vida?*
 “Sim, a comparação é justa; a criança rebelde permanece ignorante e imperfeita; seu maior ou menor aproveitamento vai depender da sua docilidade. Mas a vida do homem tem um termo, ao passo que a dos Espíritos se estende ao infinito.”
116. *Há Espíritos que permanecerão para sempre nas ordens inferiores?*
 “Não; todos se tornarão perfeitos. Eles mudam de ordem, mas isso demora, porque, como já dissemos de outra vez, um pai justo e misericordioso não pode banir eternamente seus filhos. Pretenderíeis que Deus, tão grande, tão bom, tão justo, fosse pior do que vós mesmos?”
117. *Depende dos Espíritos apressarem o seu progresso rumo à perfeição?*
 “Certamente. Eles a alcançam mais ou menos rápido, conforme seu desejo e submissão à vontade de Deus. Uma criança dócil não se instrui mais depressa do que uma criança rebelde?”
118. *Os Espíritos podem degenerar?*
 “Não; à medida que avançam, compreendem o que os distanciava da perfeição. Quando o Espírito termina uma prova, fica com o conhecimento que adquiriu e não o esquece mais. Pode permanecer estacionário, mas não retrograda.”

119. *Deus não poderia isentar os Espíritos das provas que devem sofrer para chegarem à primeira ordem?*

“Se eles tivessem sido criados perfeitos, não teriam mérito para desfrutar das benesses dessa perfeição. Onde estaria o mérito sem a luta? Ademais, a desigualdade que existe entre eles é necessária às suas personalidades; e, depois, as missões que eles cumprem nos diferentes graus da escala estão nos desígnios da Providência, para a harmonia do Universo.”

Considerando-se que na vida social todos os homens podem chegar às mais altas funções, seria o caso de perguntar-se por que o soberano de um país não faz de cada um de seus soldados um general; por que todos os empregados subalternos não são superiores; por que todos os alunos não são mestres. Ora, entre a vida social e a espiritual há esta diferença: a primeira é limitada e nem sempre permite que se suba todos os degraus, enquanto a segunda é indefinida e deixa a cada um a possibilidade de se elevar ao grau supremo.

120. *Todos os Espíritos passam pela fieira do mal para chegar ao bem?*

“Não pela fieira do mal, mas pela da ignorância.”

121. *Por que é que alguns Espíritos seguiram o caminho do bem e outros o do mal?*

“Não têm eles o livre-arbítrio? Deus não criou Espíritos maus; criou-os simples e ignorantes, isto é, com igual aptidão para o bem e para o mal. Os que são maus, assim se tornaram por sua vontade.”

122. *Como podem os Espíritos, em sua origem, quando ainda não têm consciência de si mesmos, ter a liberdade de escolher entre o bem e o mal? Há neles um princípio, uma tendência qualquer que os leve mais para um caminho do que para outro?*

“O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Já não haveria liberdade se a escolha fosse determinada por uma causa independente da vontade do Espírito. A causa não está nele, mas fora dele, nas influências a que cede em virtude da sua livre vontade. Esta é a grande figura da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram.”

122-a. *De onde vêm as influências que se exercem sobre ele?*

“Dos Espíritos imperfeitos que procuram apoderar-se dele, dominá-lo, e que se sentem felizes por fazê-lo sucumbir. Foi o que se quis simbolizar com a figura de satanás.”

122-b. *Tal influência só se exerce sobre o Espírito em sua origem?*

“Ela o segue na sua vida de Espírito, até que haja conseguido tanto império sobre si mesmo, que os Espíritos maus desistem de obsidiá-lo.”

123. *Por que Deus permitiu que os Espíritos pudessem seguir o caminho do mal?*

“Como ousais pedir a Deus contas de seus atos? Pensais poder penetrar os seus desígnios? No entanto, podeis dizer isto: a sabedoria de Deus está na liberdade de escolher que Ele deixa a cada um, pois cada um tem o mérito de suas obras.”

124. *Uma vez que há Espíritos que, desde o princípio, seguem o caminho do bem absoluto e outros o do mal absoluto, haverá, talvez, gradações entre esses dois extremos?*

“Sim, certamente, e constituem a grande maioria.”

125. *Os Espíritos que seguiram o caminho do mal poderão chegar ao mesmo grau de superioridade que os outros?*

“Sim, mas *as eternidades* serão mais longas para eles.”

Por estas palavras – *as eternidades* – deve-se entender a ideia que os Espíritos inferiores fazem da perpetuidade de seus sofrimentos, cujo termo não lhes é dado ver, ideia que se renova em todas as provas nas quais sucumbem.

126. *Os Espíritos que chegaram ao grau supremo de perfeição, depois de terem passado pelo mal, aos olhos de Deus têm menos mérito do que os outros?*

“Deus contempla os transviados com o mesmo olhar e os ama a todos com o mesmo coração. Eles são chamados maus porque sucumbiram; antes não eram mais que simples Espíritos.”

127. *Os Espíritos são criados iguais quanto às faculdades intelectuais?*

“São criados iguais, mas não sabendo de onde vêm, é preciso que o livre-arbítrio siga seu curso. Eles progridem mais ou menos rapidamente em inteligência como em moralidade.”

Os Espíritos que desde o princípio seguem o caminho do bem nem por isso são Espíritos perfeitos. Se não têm más tendências, precisam, por outro lado, adquirir a experiência e os conhecimentos indispensáveis para alcançar a perfeição. Podemos compará-los a crianças que, seja qual for a bondade de seus instintos naturais, precisam desenvolver-se e esclarecer-se, e não chegam sem transição da infância à idade madura. Simplesmente, assim como temos homens que são bons e outros que são maus desde a infância, também há Espíritos que são bons ou maus desde o princípio, com a diferença capital de que a criança tem instintos já inteiramente formados, ao passo que o Espírito, na sua formação, não é mau nem bom; tem todas as tendências e toma uma ou outra direção, por efeito do seu livre-arbítrio.

Anjos e demônios

128. *Os seres que chamamos anjos, arcanjos, serafins, formam uma categoria especial, de natureza diferente da dos outros Espíritos?*

“Não; são os Espíritos puros: os que se acham no mais alto grau da escala e reúnem todas as perfeições.”

A palavra *anjo* desperta geralmente a ideia de perfeição moral. Entretanto, ela se aplica muitas vezes a todos os seres, bons e maus, que estão fora da Humanidade. Diz-se: o anjo bom e o anjo mau; o anjo de luz e o anjo das trevas. Neste caso, ele é sinônimo de *Espírito* ou de *gênio*. Nós o tomamos aqui na sua melhor acepção.

129. *Os anjos percorreram todos os graus da escala?*

“Percorreram todos os graus, mas, como já dissemos, uns aceitaram sua missão sem murmurar e chegaram mais depressa; outros gastaram um tempo mais ou menos longo para chegar à perfeição.”

130. *Sendo errônea a opinião dos que admitem a existência de seres criados perfeitos e superiores a todas as outras criaturas, como se explica que essa crença esteja na tradição de quase todos os povos?*

“Fica sabendo que teu mundo não existe de toda a eternidade e que, muito tempo antes que ele existisse, já havia Espíritos que tinham atingido o grau supremo. Os homens então acreditaram que eles sempre foram assim.”

131. *Há demônios no sentido que se dá a esta palavra?*

“Se houvesse demônios, seriam obra de Deus. E Deus seria justo e bom se tivesse criado seres eternamente votados ao mal e infelizes para sempre? Se há demônios, é em teu mundo inferior e em outros semelhantes que eles residem. São esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo um Deus mau e vingativo e que julgam agradá-lo pelas abominações que cometem em seu nome.”

A palavra *demônio* não implica a ideia de Espírito mau senão na sua acepção moderna, pois a palavra grega *daimon*, da qual se origina, significa *gênio, inteligência*, e se aplicava aos seres incorpóreos, bons ou maus, indistintamente.

Por demônios, segundo a acepção vulgar da palavra, se entendem seres essencialmente malfazejos; seriam, como todas as coisas, criados por Deus. Ora, Deus, que é soberanamente justo e bom, não pode ter criado seres naturalmente predispostos ao mal e condenados para sempre. Se não fossem obra de Deus, existiriam, como Ele, de toda a eternidade, ou então haveria muitas potências soberanas.

A primeira condição de toda doutrina é ser lógica. Ora, a dos demônios, no sentido absoluto, falha neste ponto essencial. Concebe-se que povos atrasados, que desconhecem os atributos de Deus e admitem em suas crenças divindades malfazejas, também admitam demônios, mas, para todo aquele que faz da bondade de Deus um atributo por excelência, é ilógico e contraditório supor que Ele tenha criado seres votados ao mal e destinados a praticá-lo perpetuamente, porque isso seria negar a sua bondade. Os partidários dos demônios se apoiam nas palavras do Cristo; certamente não seremos nós quem conteste a autoridade de seus ensinamentos, que gostaríamos de ver mais no coração do que na boca dos homens. Mas estarão bem certos do sentido que Ele dava à palavra demônio? Não é sabido que a forma alegórica é uma das marcas distintivas de sua linguagem? E dever-se-á tomar ao pé da letra tudo o que o Evangelho contém? Não precisamos de outra prova além desta passagem:

“Logo após esses dias de aflição, o Sol obscurecerá e a Lua não mais dará sua luz, as estrelas cairão do céu e as potências celestes serão abaladas. Em verdade vos digo que esta geração não passará, sem que todas estas coisas se tenham cumprido.” (MATEUS, 24:29 e 34.)

Não temos visto a Ciência contraditar a *forma* do texto bíblico, no tocante à Criação e ao movimento da Terra? Não se dará o mesmo com algumas figuras empregadas pelo Cristo, que tinha de falar de acordo com os tempos e lugares? Não é possível que Ele haja dito conscientemente uma falsidade. Se, pois, em suas palavras há coisas que parecem chocar a razão, é que não as compreendemos bem ou as interpretamos mal.

Os homens fizeram com os demônios o que fizeram com os anjos. Da mesma forma que acreditaram em seres perfeitos desde toda a eternidade, tomaram os Espíritos inferiores por seres perpetuamente maus. Pela palavra demônio se deve, pois, entender os Espíritos impuros, que muitas vezes não valem mais que as entidades designadas por esse nome, com a diferença, porém, de que seu estado é transitório. São os Espíritos imperfeitos que se rebelam contra as provas que devem suportar e que, por isso, as sofrem por mais tempo, mas que também alcançarão a perfeição, desde que o queiram. Poder-se-ia então aceitar a palavra *demônio* com esta restrição; porém, como a entendem atualmente, poderia induzir ao erro, levando à crença na existência de seres especiais criados para o mal.

Satanás é evidentemente a personificação do mal sob forma alegórica, pois não se poderia admitir um ser mau a lutar de igual para igual com a Divindade e cuja única preocupação consistisse em contrariar os seus desígnios. Como o homem precisa de figuras e imagens para impressionar a sua imaginação, pintou os seres incorpóreos sob uma forma material, com atributos que lembram suas qualidades ou seus defeitos. É assim que os Antigos, querendo personificar o Tempo, o pintaram com a figura de um velho segurando uma foice e uma ampulheta. Representá-lo pela figura de um jovem teria sido um contrassenso. Dá-se o mesmo com as alegorias da fortuna, da verdade etc. Os Modernos representaram os anjos, ou Espíritos puros, por uma figura radiosa, de asas brancas, emblema da pureza; e satanás com chifres, garras e os atributos da bestialidade, emblema das paixões inferiores. O vulgo, que toma as coisas ao pé da letra, viu nesses emblemas individualidades reais, como outrora vira Saturno na alegoria do Tempo.

CAPÍTULO II



Encarnação dos Espíritos

• Objetivo da encarnação • A alma • Materialismo

Objetivo da encarnação

132. *Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?*

“Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, *têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corpórea*: nisto é que consiste a expiação. A encarnação tem ainda outra finalidade: a de pôr o Espírito em condições de cumprir sua parte na obra da Criação. Para executá-la é que, em cada mundo, ele toma um instrumento em harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de nele cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É dessa forma que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta.”

A ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do Universo. Deus, porém, na sua sabedoria, quis que nessa mesma ação eles encontrassem um meio de progredir e de se aproximar dele. É assim que, por uma lei admirável de sua Providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na Natureza.

133. *Os Espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem, têm necessidade de encarnação?*

“Todos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e tribulações da vida corpórea. Deus, que é justo, não podia fazer felizes a uns, sem fadigas e sem trabalho e, por conseguinte, sem mérito.”

- 133-a. *Mas, então, de que serve aos Espíritos terem seguido o caminho do bem, se isso não os isenta das penas da vida corpórea?*

“Chegam mais depressa ao fim. Além disso, as dificuldades da vida são muitas vezes a consequência da imperfeição do Espírito; quanto menos imperfeições, menos tormentos. Aquele que não é invejoso, nem ciumento, nem avaro, nem ambicioso, não sofrerá as torturas que se originam desses defeitos.”

A alma

134. *Que é a alma?*

“Um Espírito encarnado.”

- 134-a. *Que era a alma antes de se unir ao corpo?*

“Espírito.”

- 134-b. *As almas e os Espíritos são, portanto, idênticos, a mesma coisa?*

“Sim, as almas não são senão os Espíritos. Antes de se unir ao corpo, a alma é um dos seres inteligentes que povoam o mundo invisível e que revestem temporariamente um envoltório carnal para se purificarem e se esclarecerem.”

135. *Há no homem outra coisa além da alma e do corpo?*

“Há o laço que une a alma ao corpo.”

- 135-a. *Qual a natureza desse laço?*

“Semimaterial, isto é, intermediário entre o Espírito e o corpo. É preciso que seja assim para que eles possam comunicar-se um com o outro. Por meio desse laço é que o Espírito atua sobre a matéria e vice-versa.”

O homem é, portanto, formado de três partes essenciais:

1º) o corpo ou ser material, análogo ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital;

2º) a alma, Espírito encarnado que tem no corpo a sua habitação;

3º) o princípio intermediário, ou *perispírito*, substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e une a alma ao corpo. *Tais são, num fruto, a semente, a polpa e a casca.*²⁵

136. *A alma é independente do princípio vital?*

“O corpo é apenas o envoltório, repetimo-lo sem cessar.”

136-a. *O corpo pode existir sem a alma?*

“Sim; entretanto, desde que cessa a vida do corpo, a alma o abandona. Antes do nascimento, ainda não há união definitiva entre a alma e o corpo, ao passo que, depois de se haver estabelecido essa união, a morte do corpo desfaz os laços que o unem à alma, e a alma o deixa. A vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo privado de vida orgânica.”

136-b. *Que seria o nosso corpo, se não tivesse alma?*

“Uma massa de carne sem inteligência, tudo o que quisesdes, exceto um homem.”

137. *O mesmo Espírito pode encarnar em dois corpos diferentes ao mesmo tempo?*

“Não, o Espírito é indivisível e não pode animar simultaneamente dois seres distintos.” (Ver, em *O livro dos médiuns*, o capítulo: *Bicorporeidade e transfiguração.*)²⁶

138. *Que pensar da opinião dos que consideram a alma o princípio da vida material?*

“É uma questão de palavras, com a qual nada temos. Começai por vos entenderdes mutuamente.”

139. *Alguns Espíritos, e antes deles alguns filósofos, definiram a alma como “uma centelha anímica emanada do grande Todo”. Por que essa contradição?*

²⁵ N.T.: Grifo nosso. No original: Tels sont, dans un fruit, le germe, le périsperme et la coquille.

²⁶ N.T.: A referência a *O livro dos médiuns* só foi acrescentada por Kardec a partir da 6ª edição de *O livro dos espíritos* (1862).

“Não há contradição. Isso depende da significação das palavras. Por que não tendes uma palavra para cada coisa?”

O vocábulo *alma* é empregado para exprimir coisas muito diferentes. Uns chamam alma ao princípio da vida e, nesta acepção, é correto dizer, *figuradamente*, que a alma é uma centelha anímica emanada do grande Todo. Estas duas últimas palavras indicam a fonte universal do princípio vital de que cada ser absorve uma porção e que volta à massa depois da morte. Essa ideia de modo algum exclui a de um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade. É a esse ser que se chama igualmente de alma e nesta acepção é que se pode dizer que a alma é um Espírito encarnado. Dando da alma definições diferentes, os Espíritos falaram segundo a aplicação que faziam da palavra e conforme as ideias terrenas de que ainda estavam mais ou menos imbuídos. Isto resulta da deficiência da linguagem humana, que não dispõe de uma palavra para cada ideia, gerando uma infinidade de equívocos e discussões. Eis por que os Espíritos superiores nos dizem que primeiramente nos entendamos acerca das palavras.^{27,28}

140. *Que pensar da teoria da alma subdividida em tantas partes quantos são os músculos e presidindo assim a cada uma das funções do corpo?*

“Isto ainda depende do sentido que se atribui à palavra alma. Se por alma se entende o fluido vital, a teoria está certa; se o que se entende é o Espírito encarnado, a teoria está errada. Já dissemos que o Espírito é indivisível; ele transmite o movimento aos órgãos pelo fluido intermediário, sem por isso se dividir.”

140-a. *Entretanto, há Espíritos que deram essa definição.*

“Os Espíritos ignorantes podem tomar o efeito pela causa.”

A alma atua por intermédio dos órgãos e os órgãos são animados pelo fluido vital que se reparte entre eles, e com mais abundância nos que são centros ou focos de movimento. Esta explicação não pode aplicar-se à alma, considerada como o Espírito que habita o corpo durante a vida e o deixa por ocasião da morte.

²⁷ Nota de Allan Kardec: Ver, na *Introdução*, a explicação sobre a palavra alma, § II.

²⁸ N.T.: O sinal gráfico § II (grifo nosso), na forma e na posição em que está grafado na nota de rodapé nº 20, não fazia parte da 2ª edição francesa de 1860, tendo sido acrescentado por Allan Kardec a partir da 6ª edição (1862) de *O livro dos espíritos*.

141. *Há alguma coisa de verdadeiro na opinião dos que pensam que a alma é externa e envolve o corpo?*

“A alma não está encerrada no corpo como o pássaro numa gaiola. Irradia e se manifesta exteriormente como a luz através de um globo de vidro, ou como o som em torno de um centro sonoro. É neste sentido que se pode dizer que ela é externa, mas nem por isso é o envoltório do corpo. A alma tem dois envoltórios: um, sutil e leve: é o primeiro, ao qual chamamos perispírito; outro, grosseiro, material e pesado: o corpo. A alma é o centro de todos esses envoltórios, como o gérmen em um núcleo, já o dissemos.”

142. *Que dizer dessa outra teoria segundo a qual a alma, numa criança, se completa a cada período da vida?*

“O Espírito é uno, e está completo na criança como no adulto; os órgãos ou instrumentos das manifestações da alma é que se desenvolvem e se completam. É ainda tomar o efeito pela causa.”

143. *Por que nem todos os Espíritos definem a alma da mesma maneira?*

“Os Espíritos não se acham todos igualmente esclarecidos sobre essas questões. Há Espíritos ainda limitados, que não compreendem as coisas abstratas; são como as crianças entre vós. Também há Espíritos pseudossábios, que fazem alarde de palavras para se imporem, como acontece ainda entre vós. E, depois, os próprios Espíritos esclarecidos podem exprimir-se em termos diferentes, que no fundo têm o mesmo valor, sobretudo quando se trata de coisas que a vossa linguagem é incapaz de traduzir com clareza. Recorrem então a figuras, a comparações, que tomais como realidade.”

144. *Que se deve entender por alma do mundo?*

“O princípio universal da vida e da inteligência, do qual nascem as individualidades. Os que se servem dessa expressão, porém, muitas vezes não se entendem entre si. O termo *alma* é tão elástico que cada um o interpreta ao sabor de suas fantasias. Algumas vezes tem-se atribuído uma alma à Terra. Por alma da Terra se deve entender o conjunto dos Espíritos abnegados que dirigem as vossas ações no bom caminho, quando os escutais, e que, de certo modo, são os representantes de Deus junto ao vosso globo.”

145. *Como é possível que tantos filósofos antigos e modernos, durante tão longo tempo, hajam discutido sobre ciência psicológica sem terem chegado à verdade?*

“Esses homens eram os precursores da eterna Doutrina Espírita, prepararam os caminhos. Eram homens e se enganaram, porque tomaram suas próprias ideias pela luz. Mas seus próprios erros servem para realçar a verdade ao mostrar os prós e os contras. Ademais, entre esses erros se encontram grandes verdades que um estudo comparativo vos fará compreender.”

146. *A alma tem sede determinada e circunscrita no corpo?*

“Não, mas reside mais particularmente na cabeça dos grandes gênios, naqueles que pensam muito, e mais no coração dos que sentem bastante e cujas ações têm todas por objetivo a Humanidade.”

- 146-a. *Que pensar da opinião dos que situam a alma num centro vital?*

“Significa dizer que o Espírito habita de preferência essa parte do vosso organismo, pois para ali convergem todas as sensações. Os que a situam no que consideram o centro da vitalidade confundem-na com o fluido ou princípio vital. Contudo, pode-se dizer que a sede da alma se encontra especialmente nos órgãos que servem para as manifestações intelectuais e morais.”

Materialismo

147. *Por que os anatomistas, os fisiologistas e, em geral, os que aprofundam as ciências naturais são tão frequentemente levados ao materialismo?*

“O fisiologista refere tudo ao que vê. Orgulho dos homens, que julgam saber tudo e não admitem que alguma coisa possa ultrapassar o seu entendimento. Sua própria ciência os torna presunçosos. Pensam que a Natureza nada lhes pode ocultar.”

148. *Não é de lastimar que o materialismo seja uma consequência de estudos que deveriam, ao contrário, mostrar ao homem a superioridade da inteligência que governa o mundo? Deve-se daí concluir que são perigosos?*

“Não é verdade que o materialismo seja uma consequência desses estudos. O homem é que deles tira uma consequência falsa, já que pode abusar de tudo, mesmo das melhores coisas. Ademais, o nada os apavora mais do que gostariam que parecesse, e os Espíritos fortes, quase sempre, são mais fanfarrões do que bravos. A maior parte deles só é materialista por não ter nada que possa preencher esse vazio. Ante o abismo que se abre à frente deles, mostrai-lhes uma âncora de salvação e a ela se agarrarão imediatamente.”

Por uma aberração da inteligência, há pessoas que só veem nos seres orgânicos a ação da matéria e a esta atribuem todos os nossos atos. Veem, no corpo humano, apenas a máquina elétrica; não estudaram o mecanismo da vida senão pelo funcionamento dos órgãos; viram-na extinguir-se muitas vezes pela ruptura de um fio, e nada mais enxergaram além desse fio. Procuraram saber se restava alguma coisa e, como só acharam a matéria inerte, como não viram a alma escapar-se, como não a puderam apanhar, concluíram que tudo estava nas propriedades da matéria e que, portanto, depois da morte o pensamento se aniquilava. Triste consequência se assim fosse, porque, então, não haveria nenhuma finalidade para o bem. O homem teria razão para só pensar em si e para colocar acima de tudo a satisfação de seus prazeres materiais; os laços sociais estariam desfeitos e as mais santas afeições se romperiam para sempre. Felizmente, essas ideias estão longe de ser generalizadas; pode-se mesmo dizer que estão muito circunscritas, constituindo apenas opiniões individuais, pois em parte alguma instituíram doutrina. Uma sociedade que se fundasse sobre tais bases traria em si o germen de sua dissolução e seus membros se entredevorariam como animais ferozes.

O homem tem, instintivamente, a convicção de que, para ele, nem tudo se extingue com a vida; tem horror ao nada. Por mais que se obstine contra a ideia da vida futura, quando soar o momento supremo, poucos são os que não se perguntem o que vai ser deles, porque a ideia de deixar a vida para sempre tem algo de pungente. Quem, de fato, poderia encerrar com indiferença uma separação absoluta, eterna, de tudo aquilo que amou? Quem poderia ver, sem terror, abrir-se diante de si o imenso abismo do nada, onde se aniquilassem para sempre todas as suas faculdades, todas as suas esperanças, e dizer a si mesmo: O quê! depois de mim, nada, nada mais que o vácuo, tudo definitivamente acabado; mais alguns dias e minha lembrança se terá apagado da memória dos que me sobreviverem; em breve não restará nenhum vestígio de minha passagem pela Terra; até mesmo o bem que fiz será esquecido pelos ingratos a quem

socorri. E nada para compensar tudo isto, nenhuma outra perspectiva que a do meu corpo roído pelos vermes!

Este quadro não tem alguma coisa de horrível, de glacial? A religião ensina que não pode ser assim e a razão no-lo confirma. Mas essa existência futura, vaga e indefinida, nada tem que satisfaça ao nosso amor pelo positivo, o que, em muitos, gera a dúvida. Possuímos uma alma, está certo, mas que é a nossa alma? Tem forma, uma aparência qualquer? É um ser limitado ou indefinido? Dizem alguns que é um sopro de Deus, outros uma centelha, outros uma parcela do grande Todo, o princípio da vida e da inteligência, mas, de tudo isso, o que ficamos sabendo? Que nos importa ter uma alma, se depois da morte ela se confunde na imensidade, como as gotas de água no oceano? A perda da nossa individualidade não equivale, para nós, ao nada? Diz-se também que a alma é imaterial. Mas uma coisa imaterial não pode ter proporções definidas; para nós é o nada. A religião ainda nos ensina que seremos felizes ou infelizes conforme o bem ou o mal que houvermos feito. Que vem a ser, porém, essa felicidade que nos aguarda no seio de Deus? Será uma beatitude, uma contemplação eterna, sem outra ocupação que a de entoar louvores ao Criador? As chamas do inferno serão uma realidade ou um símbolo? A própria Igreja o entende neste último sentido, mas que sofrimentos são esses? Onde fica esse lugar de suplício? Numa palavra, o que se faz e o que se vê nesse mundo que a todos nos espera?

Dizem que ninguém voltou de lá para nos dar informações. É um erro; a missão do Espiritismo consiste precisamente em nos esclarecer acerca desse futuro, em fazer com que, até certo ponto, o toquemos com o dedo e o enxerguemos, não mais pelo raciocínio, mas pelos fatos. Graças às comunicações espíritas, isto não é mais uma presunção, uma probabilidade sobre a qual cada um fantasie à vontade, que os poetas embelezem com suas ficções ou pintem de imagens alegóricas que nos enganam. É a realidade que nos aparece, porque são os próprios seres do além-túmulo que nos vêm descrever a sua situação, dizer o que fazem, permitindo-nos assistir, por assim dizer, a todas as peripécias de sua nova vida, mostrando-nos, por esse meio, a sorte inevitável que nos está reservada, de acordo com os nossos méritos e deméritos. Haverá nisso alguma coisa de antirreligioso? Muito ao contrário, pois os incrédulos encontram aí a fé, e os indecisos, um meio de renovar o fervor e a confiança. O Espiritismo é, pois, o mais poderoso auxiliar da religião. Já que é assim, é porque Deus o permite, e o permite para reanimar as nossas esperanças vacilantes e nos reconduzir ao caminho do bem pela perspectiva do futuro.

CAPÍTULO III



Retorno da vida corpórea à vida espiritual

• A alma após a morte. Sua individualidade. Vida eterna • Separação da alma e do corpo • Perturbação espiritual

A alma após a morte. Sua individualidade. Vida eterna²⁹

149. *Em que se torna a alma no instante da morte?*
“Volta a ser Espírito, isto é, retorna ao mundo dos Espíritos, que havia deixado momentaneamente.”
150. *Após a morte, a alma conserva a sua individualidade?*
“Sim; jamais a perde. Que seria ela, se não a conservasse?”
- 150-a. *Como a alma constata a sua individualidade, uma vez que não tem mais o corpo material?*
“Ela tem ainda um fluido que lhe é próprio, haurido na atmosfera do seu planeta e que representa a aparência de sua última encarnação: seu perispírito.”
- 150-b. *A alma nada leva consigo deste mundo?*

²⁹ N.T.: Acrescentamos as expressões “Sua individualidade” e “Vida eterna” ao subtítulo acima, por terem sido contempladas por Allan Kardec no cabeçalho deste capítulo e no *Sumário* desta obra.

“Nada, a não ser a lembrança, o desejo de ir para um mundo melhor. Essa lembrança é cheia de doçura ou de amargor, conforme o emprego que haja feito da vida. Quanto mais pura for, tanto melhor compreenderá a futilidade do que deixa na Terra.”

151. *Que pensar da opinião dos que dizem que após a morte a alma retorna ao todo universal?*

“O conjunto dos Espíritos não forma um todo? Não constitui um mundo completo? Quando estás numa assembleia, és parte integrante dela e, não obstante, conservas sempre a tua individualidade.”

152. *Que provas podemos ter da individualidade da alma após a morte?*

“Não tendes essa prova nas comunicações que recebeis? Se não fôsseis cegos, veríeis; se não fôsseis surdos, ouviríeis, pois frequentemente uma voz vos fala e vos revela a existência de um ser que está fora de vós.”

Os que pensam que, pela morte, a alma retorna ao todo universal estão errados, se por isso entendem que, semelhante a uma gota d’água que cai no oceano, ela perde ali a sua individualidade. Estão certos se por *todo universal* entendem o conjunto dos seres incorpóreos, de que cada alma ou Espírito é um elemento.

Se as almas se confundissem na massa, só teriam as qualidades do conjunto e nada as distinguiria umas das outras; não teriam inteligência nem qualidades próprias, ao passo que, em todas as comunicações, elas revelam a consciência do seu *eu* e uma vontade distinta. A diversidade infinita que apresentam, sob todos os aspectos, é a consequência mesma de suas individualidades. Se apenas houvesse, após a morte, o que se chama o grande Todo, a absorver todas as individualidades, esse Todo seria uniforme e, então, as comunicações que se recebessem do mundo invisível seriam idênticas. Desde, porém, que lá se encontram seres bons e maus, sábios e ignorantes, felizes e infelizes; que lá os há de todos os caracteres: alegres e tristes, levianos e sérios etc., é evidente que são seres distintos. A individualidade torna-se ainda mais patente quando esses seres provam a sua identidade por sinais incontestáveis, por detalhes pessoais relativos às suas vidas terrestres, e que podem ser constatados.

Também não pode ser posta em dúvida quando eles se manifestam à visão nas aparições.

A individualidade da alma nos era ensinada em teoria, como artigo de fé. O Espiritismo a torna evidente e, de certo modo, material.

153. *Em que sentido se deve entender a vida eterna?*

“A vida do Espírito é que é eterna; a do corpo é transitória e passageira. Quando o corpo morre, a alma retorna à vida eterna.”

153-a. *Não seria mais exato chamar “vida eterna” à dos Espíritos puros, dos que, tendo atingido a perfeição, não têm mais provas a sofrer?*

“Essa é antes a felicidade eterna, mas isto constitui uma questão de palavras. Chamai as coisas como quiserdes, contanto que vos entendais.”

Separação da alma e do corpo

154. *É dolorosa a separação da alma e do corpo?*

“Não; o corpo quase sempre sofre mais durante a vida do que no momento da morte; a alma nenhuma parte toma nisso. Os sofrimentos que algumas vezes se experimentam no instante da morte são *um gozo para o Espírito*, que vê chegar o termo do seu exílio.”

Na morte natural, a que resulta do esgotamento dos órgãos em consequência da idade, o homem deixa a vida sem o perceber: é uma lâmpada que se apaga por falta de combustível.

155. *Como se opera a separação da alma e do corpo?*

“Desfeitos os laços que a retinham, ela se desprende.”

155-a. *A separação se dá instantaneamente por brusca transição? Haverá uma linha de demarcação claramente traçada entre a vida e a morte?*

“Não; a alma se desprende gradualmente e não escapa como um pássaro cativo a que se restituiu subitamente a liberdade. Aqueles dois estados se tocam e se confundem, de modo que o Espírito se desprende pouco a pouco dos laços que o prendiam: *elas se desatam, não se quebram.*”

Durante a vida, o Espírito está preso ao corpo por seu envoltório semi-material ou perispírito. A morte é apenas a destruição do corpo, e não a desse segundo envoltório, que se separa do corpo quando cessa neste a vida orgânica. A observação comprova que, no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente; que se opera gradualmente e com uma lentidão muito variável conforme os indivíduos. Em uns é bastante rápido, podendo-se dizer que o momento da morte é também o da libertação, que se verifica logo após; em outros, sobretudo naqueles cuja vida foi *toda material e sensual*, o desprendimento é muito menos rápido, durando algumas vezes dias, semanas e até meses, o que não implica a existência, no corpo, da menor vitalidade, nem a possibilidade de um retorno à vida, mas simples afinidade entre o corpo e o Espírito, afinidade que sempre guarda relação direta com a preponderância que, durante a vida, o Espírito deu à matéria. De fato, é racional conceber-se que, quanto mais o Espírito se tenha identificado com a matéria, tanto mais penoso lhe seja separar-se dela, ao passo que a atividade intelectual e moral e a elevação dos pensamentos operam um começo de desprendimento, mesmo durante a vida do corpo; assim, quando chega a morte, o desprendimento é quase instantâneo. Tal o resultado dos estudos feitos em todos os indivíduos observados no momento da morte. Essas observações provam ainda que a afinidade, persistente entre a alma e o corpo, em certos indivíduos, é, algumas vezes, muito penosa, porque o Espírito pode experimentar o horror da decomposição. Este caso é excepcional e peculiar a certos gêneros de vida e de morte; verifica-se com alguns suicidas.

156. *A separação definitiva da alma e do corpo pode ocorrer antes da cessação completa da vida orgânica?*

“Na agonia, a alma, algumas vezes, já deixou o corpo; nada mais há que a vida orgânica. O homem não tem mais consciência de si mesmo e, no entanto, ainda lhe resta um sopro de vida. O corpo é uma máquina que o coração põe em movimento; existe enquanto o coração faz circular o sangue nas veias e, para isso, não precisa da alma.”

157. *No momento da morte, a alma tem, algumas vezes, uma aspiração ou êxtase que lhe faça entrever o mundo no qual vai entrar?*

“Muitas vezes a alma sente que se vão desfazer os laços que a prendem ao corpo; *emprega então todos os esforços para desfazê-los inteiramente*. Já em parte desprendida da matéria, vê o futuro desdobrar-se diante de si e goza, por antecipação, do estado de Espírito.”

158. *O exemplo da lagarta, que inicialmente rasteja na terra, depois se encerra na sua crisálida em estado de morte aparente, para em seguida renascer com uma existência brilhante, pode dar-nos uma ideia da vida terrestre, do túmulo e, finalmente, da nossa nova existência?*

“Uma pálida ideia. A imagem é boa; todavia, não deve ser tomada ao pé da letra, como frequentemente o fazeis.”

159. *Que sensação experimenta a alma no momento em que se reconhece no mundo dos Espíritos?*

“Depende. Se praticaste o mal com o desejo de o fazer, no primeiro momento te sentirás envergonhado de o haveres praticado. Para o justo, é bem diferente: a alma se sente como que aliviada de grande peso, pois não teme nenhum olhar investigador.”

160. *O Espírito encontra imediatamente aqueles que conheceu na Terra e que morreram antes dele?*

“Sim, conforme a afeição que tinha por eles e o afeto que eles lhe consagravam. Quase sempre eles o vêm receber na sua volta ao mundo dos Espíritos e *o ajudam a libertar-se das faixas da matéria*. Encontra-se também com muitos dos que conheceu e perdeu de vista durante sua vida na Terra. Vê os que estão na erraticidade e vai visitar os que se encontram encarnados.”

161. *Na morte violenta ou acidental, quando os órgãos ainda não se enfraqueceram pela idade ou pelas doenças, a separação da alma e o cessar da vida ocorrem simultaneamente?*

“Geralmente é assim, mas, em todos os casos, o instante que os separa é muito curto.”

162. *Após a decapitação, por exemplo, o homem conserva por alguns instantes a consciência de si mesmo?*

“Muitas vezes a conserva durante alguns minutos, até que a vida orgânica se tenha extinguido completamente. Mas, também, quase sempre o temor da morte lhe faz perder aquela consciência antes do momento do suplício.”

Trata-se aqui da consciência que o supliciado pode ter de si mesmo, como homem e por intermédio dos órgãos, e não como Espírito. Se não perdeu essa consciência antes do suplício, pode conservá-la por alguns instantes, mas de duração muito curta, e que cessa necessariamente com a vida orgânica do cérebro, o que não quer dizer que o perispírito esteja inteiramente separado do corpo. Ao contrário: em todos os casos de morte violenta, quando esta não se deve à extinção gradual das forças vitais, os laços que unem o corpo ao perispírito são mais *tenazes* e o desprendimento completo é mais lento.

Perturbação espiritual

163. *Deixando o corpo, a alma tem imediatamente consciência de si mesma?*

“Consciência imediata não é bem o termo; ela fica algum tempo em estado de perturbação.”

164. *Todos os Espíritos experimentam, no mesmo grau e pelo mesmo tempo, a perturbação que se segue à separação da alma e do corpo?*

“Não; depende da elevação de cada um. Aquele que já está purificado se reconhece quase imediatamente, porque se libertou da matéria durante a vida do corpo, ao passo que o homem carnal, aquele cuja consciência não é pura, guarda por muito mais tempo a impressão da matéria.”

165. *O conhecimento do Espiritismo exerce alguma influência sobre a duração, mais ou menos longa, da perturbação?*

“Influência muito grande, visto que o Espírito já compreendia de antemão a sua situação; porém, a prática do bem e a consciência pura exercem maior influência.”

No momento da morte, tudo, a princípio, é confuso. A alma precisa de algum tempo para se reconhecer; acha-se como que aturdida, no estado de um homem que despertou de profundo sono e procura compreender a sua situação. A lucidez das ideias e a memória do passado lhe voltam à medida que se apaga a influência da matéria da qual acaba de se libertar, e se dissipa a espécie de nevoeiro que lhe obscurece os pensamentos.

A duração da perturbação que se segue à morte é muito variável. Pode ser de algumas horas, como de vários meses e até de muitos anos. É menos longa naqueles que, desde a vida terrena, se identificaram com o seu estado futuro, pois esses compreendem imediatamente a posição em que se encontram.

Essa perturbação apresenta circunstâncias particulares, de acordo com os caracteres dos indivíduos e, principalmente, com o gênero de morte. Nas mortes violentas, por suicídio, suplício, acidente, apoplexia, ferimentos etc., o Espírito fica surpreendido, espantado, não acredita que esteja morto e sustenta essa ideia com obstinação. No entanto, vê o seu próprio corpo, sabe que esse corpo é seu, mas não compreende que se ache separado dele; acerca-se das pessoas a quem estima, fala-lhes e não entende por que elas não o ouvem. Esta ilusão dura até o completo desprendimento do perispírito. Só então o Espírito se reconhece e compreende que já não faz parte do número dos vivos. Este fenômeno se explica facilmente. Surpreendido pela morte imprevista, o Espírito fica atordoado com a brusca mudança que nele se operou; considera ainda a morte como sinônimo de destruição, de aniquilamento. Ora, como pensa, vê e ouve, tem a sensação de não estar morto. O que lhe aumenta a ilusão é o fato de se ver com um corpo semelhante ao precedente, quanto à forma, mas cuja natureza etérea ainda não teve tempo de estudar; julga-o sólido e compacto como o primeiro e, quando chamam sua atenção para esse ponto, admira-se de não poder apalpá-lo. Esse fenômeno é análogo ao que ocorre com alguns sonâmbulos inexperientes, que não creem dormir; para eles o sono é sinônimo de suspensão das faculdades. Ora, como pensam livremente e veem, julgam que não dormem. Certos Espíritos apresentam essa particularidade, mesmo que a morte não lhes tenha chegado inesperadamente. Mas é sempre mais generalizada entre os que, apesar de doentes, não pensavam em morrer. Observa-se, então, o singular espetáculo de um Espírito assistir ao seu

próprio enterro como se fora o de um estranho e falando desse ato como de coisa que não lhe diz respeito, até o momento em que compreende a verdade.

A perturbação que se segue à morte nada tem de penosa para o homem de bem: é calma e em tudo semelhante àquela que acompanha um despertar tranquilo. Para aquele cuja consciência não está pura, a perturbação é cheia de ansiedade e de angústias, que aumentam à medida que ele reconhece a sua nova situação.

Nos casos de morte coletiva, tem sido observado que nem todos os que perecem ao mesmo tempo tornam a ver-se imediatamente. Na perturbação que se segue à morte, cada um vai para seu lado ou só se preocupa com os que lhe interessam.

CAPÍTULO IV



Pluralidade das existências

• Reencarnação • Justiça da reencarnação • Encarnação nos diferentes mundos • Transmigração progressiva • Sorte das crianças depois da morte • Sexos nos Espíritos • Parentesco, filiação • Semelhanças físicas e morais • Ideias inatas

Reencarnação

166. *Como pode a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, acabar de depurar-se?*
“Sofrendo a prova de uma nova existência.”
- 166-a. *Como a alma realiza essa nova existência? Será pela sua transformação como Espírito?*
“A alma, ao se depurar, sem dúvida sofre uma transformação, mas para isso necessita da prova da vida corpórea.”
- 166-b. *A alma passa, portanto, por muitas existências corpóreas?*
“Sim, todos nós temos muitas existências corpóreas. Os que dizem o contrário querem manter-vos na ignorância em que eles próprios se encontram; esse é o desejo deles.”
- 166-c. *Parece resultar desse princípio que a alma, depois de haver deixado um corpo, toma outro; em outras palavras, que ela reencarna em novo corpo. É assim que se deve entender?*
“Evidentemente.”
167. *Qual a finalidade da reencarnação?*

“Expição, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isso, onde estaria a justiça?”

168. *O número das existências corpóreas é limitado ou o Espírito reencarna perpetuamente?*

“A cada nova existência o Espírito dá um passo adiante na estrada do progresso. Quando se despojar de todas as impurezas, não mais necessitará das provas da vida corpórea.”

169. *O número de encarnações é o mesmo para todos os Espíritos?*

“Não; aquele que caminha depressa se poupa a muitas provas. Todavia, essas encarnações sucessivas são sempre muito numerosas, porque o progresso é quase infinito.”

170. *Em que se transforma o Espírito depois da sua última encarnação?*

“Em Espírito bem-aventurado; em Espírito puro.”

Justiça da reencarnação

171. *Em que se baseia o dogma da reencarnação?*

“Na justiça de Deus e na revelação, pois incessantemente repetimos: o bom pai sempre deixa aos filhos uma porta aberta ao arrependimento. Não te diz a razão que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna todos aqueles de quem não dependeu se melhorarem? Não são filhos de Deus todos os homens? Somente entre os homens egoístas se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem remissão.”

Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la pelas provas da vida corpórea. Mas, em sua justiça, Ele lhes concede realizar, em novas existências, *o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova.*

Deus não agiria com equidade, nem de acordo com a sua bondade, se castigasse para sempre os que encontraram obstáculos ao seu melhoramento, independentemente de sua vontade, no próprio meio em que foram colocados. Se a sorte dos homens se fixasse irrevogavelmente depois

da morte, Deus não teria pesado as ações de todos na mesma balança, nem os teria tratado com imparcialidade.

A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o homem muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia que fazemos da Justiça de Deus, com respeito aos homens de formação moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros mediante novas provas. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam.

O homem que tem consciência da sua inferioridade haure na doutrina da reencarnação uma esperança consoladora. Se crê na Justiça de Deus, não pode esperar que venha a achar-se, por toda a eternidade, em pé de igualdade com os que agiram melhor do que ele. A ideia de que aquela inferioridade não o deserdrá para sempre do supremo bem, e que poderá conquistá-lo mediante novos esforços, o sustenta e lhe reanima a coragem. Quem é que, no final da sua carreira, não lamenta ter adquirido tarde demais uma experiência de que já não pode aproveitar? Essa experiência tardia não fica perdida; ele a aproveitará numa nova existência.

Encarnação nos diferentes mundos

172. *As nossas diversas existências corpóreas se realizam todas na Terra?*
“Nem todas; vivemo-las em diferentes mundos. As que passamos na Terra não são as primeiras, nem as últimas, embora sejam das mais materiais e das mais distantes da perfeição.”
173. *A cada nova existência corpórea, a alma passa de um mundo para outro ou pode ter várias existências no mesmo globo?*
“Pode reviver muitas vezes no mesmo globo, se não avançou bastante para passar a um mundo superior.”
- 173-a. *Podemos então reaparecer muitas vezes na Terra?*
“Certamente.”
- 173-b. *Podemos voltar à Terra depois de termos vivido em outros mundos?*

“Seguramente. É possível que já tenhas vivido em outros mundos e na Terra.”

174. *Tornar a viver na Terra constitui uma necessidade?*

“Não, mas, se não progredistes, podereis ir para outro mundo que não seja melhor e que pode até ser pior.”

175. *Haverá alguma vantagem em voltar a habitar a Terra?*

“Nenhuma vantagem particular, a menos que seja em missão, caso em que aí se progride, como em qualquer outro mundo.”

175-a. *Não se seria mais feliz permanecendo na condição de Espírito?*

“Não, não! Estacionar-se-ia e o que se quer é avançar para Deus.”

176. *Depois de terem encarnado em outros mundos, os Espíritos podem encarnar na Terra, sem que aqui jamais tenham estado?*

“Sim, do mesmo modo que vós em outros globos. Todos os mundos são solidários: o que não se faz num faz-se noutro.”

176-a. *Assim, há homens que estão na Terra pela primeira vez?*

“Há muitos, e em diversos graus.”

176-b. *Pode-se reconhecer, por um sinal qualquer, quando um Espírito está pela primeira vez na Terra?*

“Isso não teria nenhuma utilidade.”

177. *Para chegar à perfeição e à suprema felicidade, objetivo final de todos os homens, o Espírito deve passar pela série de todos os mundos que existem no Universo?*

“Não, porque há muitos mundos que estão no mesmo grau da escala evolutiva, nos quais o Espírito nada aprenderia de novo.”

177-a. *Como se explica, então, a pluralidade de suas existências em um mesmo globo?*

“De cada vez o Espírito pode encontrar-se em posições bem diferentes das anteriores, que serão outras tantas ocasiões de adquirir experiência.”

178. *Os Espíritos podem renascer corporalmente num mundo relativamente inferior àquele em que já viveram?*
“Sim, quando têm uma missão a cumprir para auxiliar o progresso. Aceitam, então, com alegria as tribulações de tal existência, porque lhes fornecem os meios de se adiantarem.”
- 178-a. *Isso não pode ocorrer também por expiação, e Deus não pode enviar Espíritos rebeldes para mundos inferiores?*
“Os Espíritos podem permanecer estacionários, mas não retrogradam; sua punição, neste caso, consiste em não avançarem, em recomeçarem, no meio conveniente à sua natureza, as existências mal-empregadas.”
- 178-b. *Quais os que têm de recomeçar a mesma existência?*
“Os que faliram em suas missões ou em suas provas.”
179. *Os seres que habitam cada mundo alcançaram todos o mesmo grau de perfeição?*
“Não; é como na Terra: há seres mais e menos adiantados.”
180. *Passando deste mundo para outro, o Espírito conserva a inteligência que tinha aqui?*
“Sem dúvida; a inteligência não se perde, mas pode acontecer que o Espírito não disponha dos mesmos meios para manifestá-la. Isso vai depender da sua superioridade e das condições do corpo que vai tomar.” (Veja-se: “Influência do organismo”).³⁰
181. *Os seres que habitam os diferentes mundos têm corpos semelhantes aos nossos?*
“Sem dúvida eles têm corpos, porque o Espírito precisa estar revestido de matéria para atuar sobre a matéria, mas esse envoltório é mais ou menos material, conforme o grau de pureza a que chegaram os Espíritos. É isso que diferencia os mundos que devemos percorrer, pois há muitas moradas na casa de nosso Pai, sendo de muitos graus essas moradas. Alguns o sabem e têm consciência disso aqui na Terra, o que não acontece com outros.”

³⁰ N.T.: *O livro dos espíritos*, questões 367 a 370.

182. *Podemos conhecer exatamente o estado físico e moral dos diferentes mundos?*

“Nós, Espíritos, só podemos responder de acordo com o grau de adiantamento em que vos encontrais, ou seja, não podemos revelar estas coisas a todos, pois nem todos estão em condições de compreendê-las *e isso os perturbaria.*”

À medida que o Espírito se purifica, o corpo que o reveste aproxima-se igualmente da natureza espiritual. A matéria é menos densa, ele já não se arrasta penosamente pela superfície do solo, suas necessidades físicas são menos grosseiras, não mais sendo preciso que os seres vivos se destruam mutuamente para se alimentarem. O Espírito é mais livre e tem, das coisas longínquas, percepções que desconhecemos. Vê com os olhos do corpo o que só entrevemos pelo pensamento.

A purificação dos Espíritos reflete-se na perfeição moral dos seres em que estão encarnados. As paixões animais se enfraquecem e o egoísmo cede lugar ao sentimento da fraternidade. É assim que, nos mundos superiores à Terra, as guerras são desconhecidas, os ódios e discórdias não têm objetivo, pois ninguém pensa em prejudicar o seu semelhante. A intuição que têm do futuro, a segurança que lhes dá uma consciência isenta de remorsos, fazem que a morte não lhes cause nenhuma apreensão. Encaram-na de frente, sem temor e como simples transformação.

A duração da vida nos diferentes mundos parece guardar relação com o grau de superioridade física e moral de cada um, e isso é perfeitamente racional. Quanto menos material o corpo, menos sujeito às vicissitudes que o desorganizam; quanto mais puro o Espírito, menos sujeito às paixões que o consomem. É essa ainda uma graça da Providência que, dessa forma, quer abreviar os sofrimentos.

183. *Passando de um mundo para outro, o Espírito passa por nova infância?*

“Em toda parte a infância é uma transição necessária, mas nem sempre é tão obtusa quanto no vosso mundo.”

184. *O Espírito pode escolher o novo mundo em que vai habitar?*

“Nem sempre, mas pode pedir e obter o que deseja, se o merecer, porque o acesso dos Espíritos a este ou àquele mundo vai depender do grau da sua elevação.”

184-a. *Se o Espírito nada pedir, o que vai determinar o mundo em que irá reencarnar?*

“O grau da sua elevação.”

185. *O estado físico e moral dos seres vivos é perpetuamente o mesmo em cada globo?*³¹

“Não; os mundos também estão sujeitos à lei do progresso. Todos começaram, como o vosso, por um estado inferior e a própria Terra sofrerá transformação semelhante. Tornar-se-á um paraíso terrestre, quando os homens se houverem tornado bons.”

É assim que as raças que hoje povoam a Terra desaparecerão um dia e serão substituídas por seres cada vez mais perfeitos; essas raças transformadas sucederão às atuais, como estas sucederam a outras ainda mais grosseiras.

186. *Haverá mundos em que o Espírito, deixando de revestir corpos materiais, só tenha por envoltório o perispírito?*

“Sim, e mesmo esse envoltório se torna tão etéreo que para vós é como se não existisse. Esse o estado dos Espíritos puros.”

186-a. *Parece resultar daí que não existe uma demarcação precisa entre o estado correspondente às últimas encarnações e o de Espírito puro?*

“Essa demarcação não existe. A diferença se vai apagando pouco a pouco até se tornar imperceptível, como a noite se desfaz ante as primeiras claridades da alvorada.”

187. *A substância do perispírito é a mesma em todos os globos?*

“Não; é mais ou menos etérea. Passando de um mundo a outro, o Espírito se reveste da matéria própria de cada um, operando-se essa transformação com a rapidez do relâmpago.”

188. *Os Espíritos puros habitam mundos especiais ou se acham no Espaço universal, sem estarem mais ligados a um globo do que a outros?*

³¹ N.E.: Ver Nota Explicativa, p. 463.

“Os Espíritos puros habitam certos mundos, mas não estão confinados a eles como os homens na Terra; podem, melhor do que os outros, estar em toda parte.”³²

Transmigração progressiva

189. *O Espírito goza da plenitude de suas faculdades desde o princípio de sua formação?*

“Não, porque o Espírito, como o homem, também tem sua infância. Em sua origem, os Espíritos têm apenas uma existência instintiva e mal têm consciência de si mesmos e de seus atos. Só pouco a pouco a inteligência se desenvolve.”

³² Nota de Allan Kardec: Segundo os Espíritos, de todos os globos que compõem o nosso sistema planetário, a *Terra* é daqueles cujos habitantes são menos adiantados, física e moralmente. *Marte* lhe seria ainda inferior, e *Júpiter* muito superior, em todos os sentidos. O *Sol* não seria mundo habitado por seres corpóreos, mas local de reunião dos Espíritos superiores, os quais de lá irradiam seus pensamentos para os outros mundos, que eles dirigem por intermédio de Espíritos menos elevados, transmitindo-os a estes por meio do fluido universal. Do ponto de vista de sua constituição física, o *Sol* seria um foco de eletricidade. Todos os sóis, ao que parece, estariam em condições idênticas.

O volume de cada globo e a distância que estão do *Sol* não guardam, necessariamente, nenhuma relação com o grau do seu adiantamento; se assim fosse, *Vênus* deveria ser tido por mais adiantado do que a *Terra* e *Saturno* menos do que *Júpiter*.

Muitos Espíritos, que na *Terra* animaram personalidades conhecidas, disseram estar reencarnados em *Júpiter*, um dos mundos mais próximos da perfeição. É de causar espanto que tenham visto, nesse globo tão adiantado, homens a quem a opinião terrena não julgava tão elevados. Isso, porém, nada tem de surpreendente, se considerarmos que certos Espíritos, habitantes daquele planeta, podiam ter sido enviados à *Terra* para nela desempenharem uma missão que, aos nossos olhos, não os colocaria no primeiro plano. Em segundo lugar, que entre a existência que tiveram na *Terra* e a que passaram a ter em *Júpiter*, bem podiam ter tido outras, intermediárias, nas quais se melhoraram. Em terceiro lugar, finalmente, que, naquele mundo, como no nosso, há diferentes graus de desenvolvimento e que, entre esses graus, pode haver a distância que separa, entre nós, o selvagem do homem civilizado. Assim, pelo fato de um Espírito habitar *Júpiter*, não se segue que esteja no nível dos seres mais adiantados, do mesmo modo que ninguém pode considerar-se na categoria de um sábio do Instituto, só porque reside em *Paris*.

As condições de longevidade também não são, em toda parte, as mesmas que na *Terra*, e a idade não se pode comparar. Evocado, um Espírito que havia desencarnado há alguns anos disse estar encarnado há seis meses num mundo cujo nome nos é desconhecido. Interrogado sobre a idade que tinha nesse mundo, respondeu: “Não posso avaliá-la, porque não contamos o tempo como vós. Depois, os modos de existência não são os mesmos; ali nos desenvolvemos muito mais rapidamente. Entretanto, embora haja apenas seis dos vossos meses que lá me encontro, posso dizer que, quanto à inteligência, tenho trinta anos da idade que tive na *Terra*”.

Muitas respostas análogas foram dadas por outros Espíritos e nada há nisso de inverossímil. Não vemos na *Terra* uma porção de animais que adquirem em alguns meses o seu desenvolvimento normal? Por que não se poderia dar o mesmo com o homem em outras esferas? Notemos, além disso, que o desenvolvimento que o homem alcança na *Terra* aos trinta anos talvez não passe de uma espécie de infância, comparado com o que deve atingir. É ter uma visão bem curta quem nos toma em tudo por modelos da Criação, assim como é rebaixar a Divindade acreditar que, fora o homem, nada mais seja possível a Deus.

190. *Qual o estado da alma na sua primeira encarnação?*

“O da infância na vida corpórea. Sua inteligência apenas desabrocha: ela se ensaia para a vida.”

191. *As almas dos nossos selvagens são almas no estado de infância?*

“Infância relativa, mas já são almas desenvolvidas, pois nutrem paixões.”

191-a. *Então, as paixões são um sinal de desenvolvimento?*

“De desenvolvimento, sim, mas não de perfeição. São um sinal de atividade e de consciência do *eu*, ao passo que, na alma primitiva, a inteligência e a vida se acham no estado de germen.”

A vida do Espírito, em seu conjunto, apresenta as mesmas fases que observamos na vida corpórea. Ele passa gradualmente do estado de embrião ao de infância, para chegar, por uma sucessão de períodos, ao estado de adulto, que é o da perfeição, com a diferença de não haver, para o Espírito, nem declínio nem decrepitude, como na vida corpórea; que a sua vida, que teve começo, não terá fim; que lhe é necessário, do nosso ponto de vista, um tempo imenso para passar da infância espiritual ao completo desenvolvimento; e que o seu progresso se realiza não numa única esfera, mas passando por diversos mundos. A vida do Espírito, pois, se compõe de uma série de existências corpóreas, cada uma das quais representa para ele uma oportunidade de progresso, do mesmo modo que cada existência corpórea se compõe de uma série de dias, em cada um dos quais o homem adquire mais experiência e instrução. Mas assim como na vida do homem há dias que não produzem nenhum fruto, na do Espírito há existências corpóreas que não lhe trazem nenhum resultado, porque não as soube aproveitar.

192. *Por uma conduta perfeita pode-se transpor, já nesta vida, todos os graus da escala e tornar-se Espírito puro, sem passar por outros graus intermediários?*

“Não, pois o que o homem julga perfeito está longe da perfeição. Há qualidades que lhe são desconhecidas e que ele não pode compreender. Poderá ser tão perfeito quanto o comporte a sua natureza, mas isso não é a perfeição absoluta. Uma criança, por precoce que seja, deve passar pela juventude, antes de chegar à maturidade; da mesma forma, também, o doente tem de passar pela convalescença,

antes de recobrar a saúde. Além disso, o Espírito deve progredir em ciência e em moralidade; se somente se adiantou num sentido, é preciso que se adiante no outro para alcançar o topo da escala. Quanto mais o homem se adiantar na vida presente, tanto menos longas e penosas serão as provas que virão depois.”

- 192-a. *O homem pode ao menos garantir para si, já na vida presente, uma existência futura menos cheia de amarguras?*

“Sim, sem dúvida; pode abreviar a extensão e as dificuldades do caminho. Só o negligente permanece sempre no mesmo ponto.”

193. *Em suas novas existências pode o homem descer mais baixo do que já esteja na atual?*

“Em termos de *posição social*, sim; como Espírito, não.”

194. *É possível, em uma nova encarnação, que a alma de um homem de bem anime o corpo de um celerado?*

“Não, visto que ela não pode degenerar.”

- 194-a. *A alma de um homem perverso pode transformar-se na de um homem de bem?*

“Sim, se se arrependeu. Isso, então, é uma recompensa.”

A marcha dos Espíritos é progressiva e jamais retrógrada. Eles se elevam gradualmente na hierarquia e não descem da categoria a que chegaram. Em suas diferentes existências corpóreas, podem descer como homens, mas não como Espíritos. Assim, a alma de um poderoso da Terra pode mais tarde animar o mais humilde operário e vice-versa, porque, entre os homens, as posições sociais guardam, frequentemente, relação inversa com a elevação dos sentimentos morais. Herodes era rei, e Jesus, carpinteiro.

195. *A possibilidade de se melhorarem noutra existência não pode levar algumas pessoas a perseverarem no mau caminho, sob o pretexto de que poderão corrigir-se mais tarde?*

“Quem assim pensa não acredita em nada, e a ideia de um castigo eterno não o reprimiria mais que qualquer outra coisa, pois sua razão a repele, e essa ideia induz à incredulidade a respeito de tudo. Se só tivessem empregado meios racionais para conduzir os homens,

não haveria tantos incrédulos. De fato, um Espírito imperfeito poderá, em sua existência corpórea, pensar como dizes, mas, uma vez liberto da matéria, pensará de outro modo, pois logo perceberá que calculou mal, *o que o levará a sentimentos opostos em uma nova existência*. É assim que se realiza o progresso e essa a razão por que, na Terra, tendes homens mais adiantados do que outros. Uns já possuem a experiência que outros ainda não têm, mas que adquirirão pouco a pouco. Depende deles acelerar o seu progresso ou retardá-lo indefinidamente.”

O homem que se encontra numa posição má deseja trocá-la o mais rápido possível. Aquele que se acha convencido de que as tribulações desta vida são consequência de suas imperfeições procurará garantir para si uma nova existência menos penosa e esta ideia o desviará mais depressa da senda do mal do que a do fogo eterno, em que não acredita.

196. *Não podendo os Espíritos melhorar-se, a não ser por meio das tribulações da existência corpórea, segue-se que a vida material seja uma espécie de cadinho ou de depurador, pelo qual devem passar os seres do mundo espiritual para alcançar a perfeição?*

“Sim, é exatamente isso. Eles se melhoram nessas provas, evitando o mal e praticando o bem; porém, somente depois de muitas encarnações ou depurações sucessivas é que atingem, num tempo mais ou menos longo, conforme os esforços que empreguem, o objetivo para o qual se encaminham.”

- 196-a. *É o corpo que influi sobre o Espírito para que este se melhore ou é o Espírito que influi sobre o corpo?*

“Teu Espírito é tudo; teu corpo é uma veste que apodrece: eis tudo.”

No suco da videira encontramos uma comparação material dos diferentes graus da depuração da alma. Ele contém o licor que se chama espírito ou álcool, mas enfraquecido por uma porção de matérias estranhas, que lhe alteram a essência. Esta só chega à pureza absoluta depois de várias destilações, em cada uma das quais se despoja de algumas impurezas. O corpo é o alambique no qual o Espírito tem que entrar para se purificar; as matérias estranhas são como o perispírito, que também se purifica à medida que o Espírito se aproxima da perfeição.

Sorte das crianças depois da morte

197. *O Espírito de uma criança, morta em tenra idade, poderá ser tão adiantado quanto o de um adulto?*

“Algumas vezes muito mais, porque pode ter vivido mais e adquirido maior soma de experiência, sobretudo se progrediu.”

197-a. *Então o Espírito de uma criança pode ser mais adiantado que o de seu pai?*

“Isso é muito frequente. Não o vedes vós mesmos tantas vezes na Terra?”

198. *Por não ter podido praticar o mal, o Espírito de uma criança que morreu em tenra idade pertence às categorias superiores?*

“Se não fez o mal, também não fez o bem e Deus não o isenta das provas que tenha de padecer. Se for puro, não o será pelo fato de ter sido criança, mas porque era mais evoluído.”

199. *Por que a vida se interrompe com tanta frequência na infância?*

“A duração da vida da criança pode representar, para o Espírito que nela está encarnado, o complemento de uma existência interrompida antes do término devido, e sua morte, quase sempre, constitui *provação ou expiação para os pais*.”

199-a. *Em que se transforma o Espírito de uma criança que morreu em tenra idade?*

“Recomeça uma nova existência.”

Se o homem só tivesse uma existência, e se após essa existência sua sorte futura ficasse decidida para sempre, qual seria o mérito de metade da espécie humana, que morre em tenra idade, para gozar, sem esforços, da felicidade eterna e com que direito se acharia isenta das condições, frequentemente tão duras, impostas à outra metade? Semelhante ordem de coisas não se harmonizaria com a Justiça de Deus. Com a reencarnação, a igualdade é para todos; o futuro pertence a todos sem exceção e sem favor para quem quer que seja, e os que chegarem por último só poderão queixar-se de si mesmos. O homem deve ter o mérito de seus atos, como tem deles a responsabilidade.

Aliás, não é racional considerar-se a infância como um estado normal de inocência. Não se veem crianças dotadas dos piores instintos numa

idade em que a educação ainda não pôde ter exercido a sua influência? Não se veem algumas que parecem trazer do berço a astúcia, a falsidade, a perfídia, até mesmo o instinto do roubo e do assassinio, não obstante os bons exemplos de que estão cercadas? A lei civil as absolve de suas más ações, porque, diz ela, agiram sem discernimento. E tem razão, porque, de fato, elas agem mais por instinto do que intencionalmente. Mas de onde podem provir instintos tão diversos em crianças da mesma idade, educadas nas mesmas condições e sujeitas às mesmas influências? De onde vem essa perversidade precoce, senão da inferioridade do Espírito, já que a educação em nada contribuiu para isso? As que são viciosas o são porque seus Espíritos progrediram menos e têm então de sofrer as consequências, não dos atos que praticaram na infância, mas dos de suas existências anteriores. A lei, portanto, é a mesma para todos e a Justiça de Deus a todos alcança.

Sexos nos Espíritos

200. *Os Espíritos têm sexos?*

“Não como o entendeis, porque os sexos dependem do organismo. Há entre eles amor e simpatia, mas baseados na afinidade de sentimentos.”

201. *O Espírito que animou o corpo de um homem pode animar, em nova existência, o de uma mulher e vice-versa?*

“Sim; são os mesmos os Espíritos que animam os homens e as mulheres.”

202. *Quando errante, que prefere o Espírito: encarnar no corpo de um homem ou no de uma mulher?*

“Isso pouco lhe importa. Vai depender das provas por que haja de passar.”

Os Espíritos encarnam como homens ou como mulheres, porque não têm sexo. Como devem progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes oferece proações, deveres especiais e novas oportunidades de adquirirem experiência. Aquele que fosse sempre homem só saberia o que sabem os homens.

Parentesco, filiação

203. *Os pais transmitem aos filhos uma parcela de suas almas ou se limitam a lhes dar a vida animal, à qual uma nova alma vem, mais tarde, adicionar a vida moral?*

“Somente a vida animal, pois a alma é indivisível. Um pai estúpido pode ter filhos inteligentes e *vice-versa*.”

204. *Já que tivemos muitas existências, nossa parentela se originou bem antes da nossa existência atual?*

“Não pode ser de outra maneira. A sucessão das existências corpóreas estabelece entre os Espíritos ligações que remontam às vossas existências anteriores. Daí, muitas vezes, as causas de simpatia entre vós e alguns Espíritos que vos parecem estranhos.”

205. *Na opinião de certas pessoas, a doutrina da reencarnação parece destruir os laços de família, ao fazê-los recuar às existências anteriores.*

“Ela os amplia; não os destrói. Baseando-se o parentesco em afeições anteriores, os laços que unem os membros de uma mesma família são menos precários. A doutrina da reencarnação aumenta os deveres da fraternidade, pois no vosso vizinho ou no vosso empregado pode encontrar-se um Espírito que esteve ligado a vós por laços consanguíneos.”

- 205-a. *No entanto, essa doutrina diminui a importância que alguns atribuem à sua genealogia, visto que cada um pode ter tido por pai um Espírito que haja pertencido a outra raça ou que tenha vivido em condição muito diversa.*³³

“É verdade, mas essa importância se baseia no orgulho. O que a maioria das pessoas venera em seus antepassados são os títulos, a posição, a fortuna. Um, que se envergonharia de ter, como ascendente, honrado sapateiro, se gabaria de descender de um nobre devasso. Mas, digam ou façam o que quiserem, não impedirão que as coisas sejam como são, pois Deus não regulou as Leis da Natureza segundo a vontade deles.”

³³ N.E.: Ver Nota Explicativa, p. 463.

206. *Do fato de não haver filiação entre os Espíritos dos descendentes de uma mesma família, seguir-se-á que o culto dos antepassados seja uma coisa ridícula?*

“De modo algum, pois devemos considerar-nos felizes por pertencermos a uma família em que encarnaram Espíritos elevados. Embora os Espíritos não procedam uns dos outros, nem por isso consagram menos afeição aos que lhes estão ligados pelos laços da família, pois muitas vezes eles são atraídos para tal ou qual família por razões de simpatia ou por ligações anteriores. Mas ficai certos de que os Espíritos de vossos ancestrais não se sentem nem um pouco honrados com o culto que lhes dedicais por orgulho. O mérito de que desfrutaram só se refletirá em vós à medida que vos esforçardes por seguir os bons exemplos que vos deram. Somente então lhes é grata e até mesmo útil a lembrança que deles guardais.”

Semelhanças físicas e morais

207. *Frequentemente os pais transmitem aos filhos uma semelhança física. Transmitirão também alguma semelhança moral?*³⁴

“Não, pois têm almas ou Espíritos diferentes. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças há apenas consanguinidade.”

- 207-a. *De onde vêm as semelhanças morais que algumas vezes se notam entre pais e filhos?*

“São Espíritos simpáticos, atraídos pela similitude de suas inclinações.”

208. *Os Espíritos dos pais exercem alguma influência sobre os dos filhos, após o nascimento destes?*

“Muito grande. Conforme já dissemos, os Espíritos devem contribuir para o progresso uns dos outros. Pois bem, os Espíritos dos pais têm por missão desenvolver os de seus filhos pela educação. Isto constitui para eles uma tarefa: se falharem, serão culpados.”

³⁴ N.E.: Ver Nota Explicativa, p. 463.

209. *Por que razão pais bons e virtuosos geram filhos de natureza perversa? Em outras palavras: por que as boas qualidades dos pais nem sempre atraem, por simpatia, um Espírito bom para animar seu filho?*
“Um Espírito mau pode pedir bons pais, na esperança de que seus conselhos o dirijam por um caminho melhor, e muitas vezes Deus o atende.”
210. *Podem os pais, por seus pensamentos e preces, atrair para o corpo do filho um Espírito bom, em vez de um Espírito inferior?*
“Não, mas podem tornar melhor o Espírito do filho que geraram e que lhes foi confiado; esse o dever deles. Os maus filhos são uma provação para os pais.”
211. *De onde vem a semelhança de caráter que muitas vezes existe entre dois irmãos, principalmente entre os gêmeos?*
“Espíritos simpáticos que se aproximam por analogia de sentimentos e que se sentem felizes por estar juntos.”
212. *Nas crianças cujos corpos nascem ligados e que possuem alguns órgãos em comum, há dois Espíritos, ou, melhor dizendo, duas almas?*
“Sim, mas a semelhança entre essas almas é tão grande que faz vos pareçam, muitas vezes, uma só.”
213. *Já que os Espíritos encarnam nos gêmeos por simpatia, de onde provém a aversão que às vezes se nota entre eles?*
“Não é uma regra que os gêmeos tenham de ser Espíritos simpáticos. Espíritos maus podem querer lutar juntos no teatro da vida.”
214. *Que se deve pensar dessas histórias de crianças que lutam no ventre materno?*
“Alegorias! Para mostrar que o ódio entre elas era muito antigo, fazem-no recuar a uma data anterior ao nascimento delas. Em geral, não levais muito em conta as imagens poéticas.”
215. *De onde provém o caráter distintivo que se nota em cada povo?*
“Os Espíritos também possuem famílias, formando-as pela semelhança de suas inclinações mais ou menos depuradas,

conforme a elevação que tenham alcançado. Pois bem! Um povo é uma grande família em que se reúnem Espíritos simpáticos. A tendência que têm os membros dessas famílias, para se unirem, é a origem da semelhança que existe no caráter distintivo de cada povo. Julgas que os Espíritos bons e humanitários procurem um povo duro e grosseiro? Não; os Espíritos simpatizam com as coletividades, como simpatizam com os indivíduos. Nessas coletividades, eles se acham no meio que lhes é próprio.”

216. *O homem conserva, em suas novas existências, os traços do caráter moral de suas vidas anteriores?*

“Sim, isso pode acontecer. Mas, melhorando-se, ele muda. Sua posição social pode, também, não ser a mesma. Se de senhor passa a escravo, seus gostos serão muito diferentes e teríeis dificuldade em reconhecê-lo. Sendo o Espírito sempre o mesmo nas diversas encarnações, podem existir certas analogias entre as suas manifestações, se bem que modificadas pelos hábitos de sua nova posição, até que um aperfeiçoamento notável venha mudar completamente o seu caráter, pois, de orgulhoso e mau, pode tornar-se humilde e humano, se se arrependeu.”

217. *Nas suas diferentes encarnações, o homem conserva os traços do caráter físico das existências anteriores?*

“O corpo é destruído e o novo não tem nenhuma relação com o antigo. Entretanto, o Espírito se reflete no corpo. Certamente, o corpo é apenas matéria, mas, apesar disso, é modelado pelas capacidades do Espírito, que lhe imprime certo caráter, principalmente no rosto, e não é sem razão que se apontam os olhos como o espelho da alma, isto é, que o semblante reflete mais particularmente a alma. É por isso que uma pessoa excessivamente feia, quando nela encarnou um Espírito bom, criterioso e humanitário, tem qualquer coisa que agrada, ao passo que há rostos belíssimos que nenhuma impressão te causam, podendo até mesmo inspirar-te repulsa. Poderias supor que somente corpos bem modelados servem de envoltório a Espíritos mais

perfeitos, quando encontras todos os dias homens de bem sob um exterior disforme. Assim, mesmo sem haver pronunciada parecença, a semelhança dos gostos e das inclinações pode dar lugar ao que se chama ‘um ar de família’.”

Considerando-se que o corpo que reveste a alma numa nova encarnação não guarda nenhuma relação *essencial* com aquele que ela deixou, já que pode ter tido origem muito diversa, seria absurdo deduzir-se uma sucessão de existências tomando por base apenas uma semelhança eventual. Entretanto, muitas vezes as qualidades do Espírito modificam os órgãos que servem às suas manifestações e lhe imprimem ao semblante e até ao conjunto de suas maneiras uma marca especial. É assim que, sob o envoltório mais humilde, se pode encontrar a expressão da grandeza e da dignidade, enquanto sob a indumentária do grande senhor se veem algumas vezes a da baixeza e da ignomínia. Algumas pessoas, oriundas da mais ínfima posição, adquirem sem esforços os hábitos e as maneiras da alta sociedade, parecendo que *reencontram* nesse meio o seu elemento, enquanto outras, apesar do nascimento e da educação, ali se mostram sempre deslocadas. Como explicar esse fato de outra maneira, senão como reflexo daquilo que o Espírito foi antes?

Ideias inatas

218. *O Espírito encarnado conserva algum vestígio das percepções que teve e dos conhecimentos que adquiriu nas existências anteriores?*

“Resta-lhe uma vaga lembrança, que lhe dá o que se chama *ideias inatas*.”

- 218-a. *A teoria das ideias inatas não é, portanto, uma quimera?*

“Não; os conhecimentos adquiridos em cada existência não se perdem; liberto da matéria, o Espírito sempre se recorda. Durante a encarnação, pode esquecê-los em parte, momentaneamente, mas a intuição que deles guarda lhe auxilia o progresso, sem o que estaria sempre a recomençar. Em cada nova existência, o Espírito toma como ponto de partida aquele em que se encontrava em sua existência anterior.”

- 218-b. *Deve haver, então, grande conexão entre duas existências sucessivas?*
“Nem sempre tão grande quanto poderias supor, porque em geral as posições são bem diferentes, e no intervalo de uma a outra o Espírito pode ter progredido.” (216)
219. *Qual a origem das faculdades extraordinárias dos indivíduos que, sem estudo prévio, parecem ter a intuição de certos conhecimentos, como o das línguas, o do cálculo etc.?*
“Lembrança do passado; progresso anterior da alma, mas de que ela mesma não tem consciência. De onde queres que venham tais faculdades? O corpo muda, mas o Espírito não muda, embora troque de vestimenta.”
220. *Mudando de corpo, pode o Espírito perder algumas faculdades intelectuais, deixar de ter, por exemplo, o gosto das artes?*
“Sim, se corrompeu sua inteligência ou a utilizou mal. Além disso, uma faculdade qualquer pode ficar adormecida durante uma existência inteira, se o Espírito quiser exercitar outra que com ela não guarde relação. Neste caso, permanece em estado latente, para ressurgir mais tarde.”
221. *O sentimento instintivo da existência de Deus e o pressentimento da vida futura se devem a uma lembrança retrospectiva do homem, mesmo no estado de selvageria?*
“É uma lembrança que ele conserva do que sabia como Espírito antes de encarnar, mas o orgulho sufoca, muitas vezes, esse sentimento.”
- 221-a. *É a essa mesma lembrança que se devem certas crenças relativas à Doutrina Espírita, e que se encontram em todos os povos?*
“Esta doutrina é tão antiga quanto o mundo; por isso é encontrada em toda parte, o que constitui prova de que é verdadeira. O Espírito encarnado, conservando a intuição de seu estado de Espírito, tem, instintivamente, consciência do mundo invisível, mas os preconceitos muitas vezes falseiam essa ideia e a ignorância lhe mistura a superstição.”



Considerações sobre a pluralidade das existências

222. O dogma da reencarnação, dizem algumas pessoas, não é novo; foi ressuscitado de Pitágoras. Jamais dissemos que a Doutrina Espírita fosse uma invenção moderna. Por constituir uma Lei da Natureza, o Espiritismo há de ter existido desde a origem dos tempos e sempre nos esforçamos em provar que se encontram sinais dele na mais remota antiguidade. Pitágoras, como se sabe, não foi o autor do sistema da metempsicose; ele o colheu dos filósofos indianos e dos egípcios, onde existia desde tempos imemoriais. A ideia da transmigração das almas formava, pois, uma crença vulgar, admitida pelos homens mais eminentes. De que maneira chegou até eles? Por uma revelação ou por intuição? Não o sabemos. Mas, seja como for, uma ideia não atravessa os séculos nem é aceita pelas inteligências de escol se não contiver algo de sério. Assim, a antiguidade dessa doutrina seria mais uma prova a seu favor do que uma objeção. Todavia, entre a metempsicose dos Antigos e a moderna doutrina da reencarnação há, como também se sabe, uma grande diferença: a de os Espíritos rejeitarem de maneira absoluta a transmigração da alma do homem para os animais e vice-versa.
- Ao ensinarem o dogma da pluralidade das existências corpóreas, os Espíritos relembram uma doutrina que nasceu nas primeiras idades do mundo e que se conservou no íntimo de muitas pessoas até os nossos dias. Apenas a apresentam de um ponto de vista mais racional, mais conforme as leis progressivas da Natureza e mais em harmonia com a sabedoria do Criador, despojando-a

de todos os acessórios da superstição. Uma circunstância digna de nota é que não foi apenas neste livro que os Espíritos a ensinaram, nos últimos tempos: já antes da sua publicação foram obtidas numerosas comunicações da mesma natureza, em vários países, e que se multiplicaram depois consideravelmente. Talvez fosse o caso aqui de examinarmos por que nem todos os Espíritos parecem de acordo sobre este ponto. Voltaremos a ele mais tarde. Examinemos a questão de outro ponto de vista, fazendo abstração de qualquer intervenção dos Espíritos. Deixemo-los de lado por um instante. Suponhamos que esta teoria nada tenha a ver com eles; suponhamos mesmo que jamais se tenha cogitado de Espíritos. Coloquemo-nos momentaneamente num terreno neutro, admitindo o mesmo grau de probabilidade para ambas as hipóteses, a saber: a da pluralidade e a da unicidade das existências corpóreas, e vejamos para que lado nos levam a razão e o nosso próprio interesse.

Algumas pessoas repelem a ideia da reencarnação pelo simples motivo de que ela não lhes convém, dizendo que já lhes basta uma existência e que não desejariam recomeçar outra semelhante. Conhecemos algumas que se enfurecem à simples ideia de voltarem à Terra. Perguntar-lhes-emos apenas se imaginam que Deus lhes devia ter pedido a opinião ou consultado seus gostos para regular o Universo. Ora, de duas uma: ou a reencarnação existe, ou não existe; se existe, por mais que sejam contrariados por ela, terão que sofrê-la, pois Deus não lhes pedirá permissão para isso. É como se ouvíssemos um doente a dizer: Já sofri bastante hoje, não quero sofrer mais amanhã. Qualquer que seja o seu mau humor, não terá por isso que sofrer menos amanhã, nem nos dias seguintes, até que esteja curado. Portanto, se tiverem de reviver corporalmente, tornarão a viver, reencarnarão. De nada lhes adiantará se rebelarem, quais crianças que não querem ir à escola, ou condenados, para a prisão, pois terão de passar por isso. Objeções como estas são pueris demais para merecerem um exame mais sério. Diremos, entretanto, a essas pessoas que se tranquilizem, que a Doutrina Espírita, sobre a reencarnação, não é tão terrível como julgam; que, se a houvessem estudado a fundo, não estariam tão assustadas; saberiam que as condições dessa nova existência só depende

delas, existência que será feliz ou infeliz, segundo o que tiverem feito neste mundo; *que, desde agora, poderão elevar-se tão alto que não precisarão mais temer nova queda no lamaçal.*

Supomos falar a pessoas que acreditam num futuro qualquer depois da morte, e não aos que só têm o nada como perspectiva, ou que desejam afogar suas almas num todo universal, sem individualidade, como os pingos da chuva no oceano, o que vem a ser quase a mesma coisa. Se, pois, credes num futuro qualquer, não admitireis, por certo, que ele seja idêntico para todos, pois, de outro modo, qual seria a utilidade do bem? Por que se reprimir? Por que não satisfazer a todas as suas paixões, a todos os seus desejos, mesmo à custa de outrem, uma vez que por isso não ficaria sendo melhor, nem pior? Credes, ao contrário, que esse futuro será mais ou menos feliz ou infeliz, segundo o que tiverdes feito durante a vida, e então desejareis que seja tão afortunado quanto possível, visto que há de durar pela eternidade? Teríeis, por acaso, a pretensão de serdes dos homens mais perfeitos que já existiram na Terra e, pois, com direito a alcançardes de imediato a suprema felicidade dos eleitos? Não. Admitis, então, que há homens que valem mais do que vós e com direito a um lugar melhor, sem que por isso estejais entre os réprobos. Pois bem! Colocai-vos por um instante, mentalmente, nessa situação intermédia, que será a vossa, como acabastes de reconhecer, e imaginai que alguém venha vos dizer: “Sofreis, não sois tão feliz quanto poderíeis ser, ao passo que diante de vós estão seres que gozam de completa ventura. Quereis trocar de posição com eles?” “Certamente”, respondereis, “que devemos fazer?” Quase nada: recomeçar o que fizestes mal e tratar de fazê-lo melhor. Hesitaríeis em aceitar, ainda que ao preço de várias existências de provações? Façamos uma comparação mais prosaica. Se a um homem que, sem ter chegado à miséria extrema, sofre, no entanto, privações, por escassez de recursos, viessem dizer: “Eis uma fortuna imensa, que podeis gozar; para isso, é preciso que trabalheis arduamente durante um minuto.” Fosse ele o mais preguiçoso da Terra, e diria sem hesitar: “Trabalhemos um minuto, dois minutos, uma hora, um dia se for preciso. Que importa isso, se vou terminar minha vida na abundância?” Ora, que é a duração

da vida corpórea em relação à eternidade? Menos que um minuto, menos que um segundo.

Temos ouvido o seguinte raciocínio: Deus, que é soberanamente bom, não pode impor ao homem a obrigação de recomeçar uma série de misérias e tribulações. Acharão, porventura, que Deus seja mais bondoso ao condenar o homem a sofrer perpetuamente, em razão de alguns erros momentâneos, do que em lhe conceder os meios de reparar suas faltas? “Dois fabricantes tinham, cada qual, um operário que podia aspirar a se tornar sócio do respectivo patrão. Aconteceu que esses dois operários certa vez empregaram muito mal o seu dia, merecendo ambos ser despedidos. Um dos fabricantes despediu o seu empregado, apesar de suas súplicas, e este, não tendo encontrado trabalho, morreu na miséria. O outro disse ao seu: Perdeste um dia, e por isso me deves uma compensação; fizeste mal o trabalho e me deves uma reparação; eu te permito recomeçá-lo. Trata de executá-lo bem e eu te conservarei, e poderás continuar aspirando à posição superior que te prometi.” Será preciso perguntar qual dos dois fabricantes foi mais humano? Deus, que é a própria clemência, seria mais inexorável do que o homem? A ideia de que o nosso destino está fixado para sempre em razão de alguns anos de prova, ainda mesmo quando não dependeu de nós alcançarmos a perfeição na Terra, tem qualquer coisa de pungente, ao passo que a ideia oposta é eminentemente consoladora: ela nos deixa a esperança. Assim, sem nos pronunciarmos pró ou contra a pluralidade das existências, sem admitirmos uma hipótese mais do que outra, diremos que, se pudéssemos escolher, ninguém haveria de querer um julgamento inapelável. Disse um filósofo que, se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo, para felicidade do gênero humano. Outro tanto se poderia dizer da pluralidade das existências. Mas, como já dissemos, Deus não nos pede permissão, nem consulta os nossos gostos. Ou isto é, ou não é. Vejamos de que lado estão as probabilidades e encaremos o assunto de outro ponto de vista, sempre fazendo abstração do ensino dos Espíritos, e unicamente como estudo filosófico.

Se não há reencarnação, só há uma existência corpórea; isto é evidente. Se a nossa atual existência corpórea é única, a alma de cada

homem foi criada por ocasião do seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma, caso em que caberia perguntar o que era ela antes do nascimento e se o estado em que se achava não constituía uma existência sob uma forma qualquer. Não há meio termo: ou a alma existia, ou não existia antes do corpo. Se existia, qual a sua situação? Tinha, ou não, consciência de si mesma? Se não tinha, era mais ou menos como se não existisse. Se tinha individualidade, era progressiva ou estacionária? Em ambos os casos, a que grau chegara no corpo? Admitindo, segundo a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, ou, o que vem a ser o mesmo, que antes de encarnar ela só dispõe de faculdades negativas, formulamos as seguintes questões:

1. Por que a alma mostra aptidões tão diversas e independentes das ideias adquiridas pela educação?
 2. De onde vem a aptidão extranormal de algumas crianças de tenra idade para esta arte ou aquela ciência, enquanto outras se conservam inferiores ou medíocres durante a vida inteira?
 3. De onde vêm, para uns, as ideias inatas ou intuitivas, que não existem em outros?
 4. De onde vêm, em certas crianças, os instintos precoces para os vícios ou para as virtudes, os sentimentos inatos de dignidade ou de baixaza, contrastando com o meio em que nasceram?
 5. Por que certos homens, independentemente da educação, são mais adiantados do que outros?
 6. Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomardes uma criança hotentote recém-nascida e a educardes nos nossos melhores liceus, fareis dela algum dia um Laplace ou um Newton?
- Perguntamos: qual a filosofia ou a teosofia capaz de resolver estes problemas? É fora de dúvida que, ou as almas são iguais ao nascerem, ou são desiguais. Se são iguais, por que essas aptidões tão diversas? Dir-se-á que isso depende do organismo. Mas, então, estaríamos diante da mais monstruosa e imoral das doutrinas. O homem seria simples máquina, brinquedo da matéria; deixaria de ter a responsabilidade de seus atos, já que poderia atribuir tudo às suas imperfeições físicas. Se as almas são desiguais, é que Deus as criou assim. Nesse caso, por que essa superioridade

inata concedida a algumas? Esta parcialidade estaria conforme a Justiça de Deus e o amor que Ele consagra igualmente a todas as criaturas?

Admitamos, ao contrário, uma série de existências progressivas anteriores e tudo se explica. Os homens trazem, ao nascerem, a intuição do que aprenderam antes; são mais ou menos adiantados, conforme o número de existências por que passaram, conforme já estejam mais ou menos afastados do ponto de partida, exatamente como, numa reunião de indivíduos de todas as idades, cada um terá desenvolvimento proporcional ao número de anos que tenha vivido. As existências sucessivas serão, para a vida da alma, o que os anos são para a do corpo. Reuni, em certo dia, mil indivíduos de um a oitenta anos; supõe que um véu tenha sido lançado sobre todos os dias anteriores e que, na vossa ignorância, acreditais que todos nasceram no mesmo dia. Perguntareis naturalmente como é que uns são grandes e outros pequenos, uns velhos e outros jovens, uns instruídos e outros ainda ignorantes. Porém, se a nuvem que vos oculta o passado se dissipar e vierdes a saber que todos viveram mais ou menos tempo, tudo estará explicado. Deus, em sua justiça, não pode ter criado almas mais perfeitas e outras menos perfeitas, mas, com a pluralidade das existências, a desigualdade que vemos nada tem que contrarie a mais rigorosa equidade: é que apenas vemos o presente e não o passado. Este raciocínio baseia-se nalgum sistema, nalguma suposição gratuita? Não. Partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral, e verificamos que nenhuma das teorias correntes o explica, ao passo que uma outra teoria o explica, de maneira simples, natural e lógica. Será racional preferir-se as que não explicam àquela que explica? Em relação à sexta questão, dirão naturalmente que o hotentote é uma raça inferior. Perguntaremos, então, se o hotentote é um homem ou não. Se é um homem, por que Deus o deserdou, a ele e à sua raça, dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se não é homem, por que tentar fazê-lo cristão? A Doutrina Espírita tem mais amplitude do que tudo isto. Segundo ela, não há muitas espécies de homens, mas apenas homens cujos espíritos estão

mais ou menos atrasados, mas todos suscetíveis de progredir. Este princípio não é mais conforme a Justiça de Deus?

Acabamos de ver a alma no seu passado e no seu presente. Se a considerarmos em seu futuro, encontraremos as mesmas dificuldades.

1. Se a nossa existência atual, e apenas ela, é que deve decidir da nossa sorte futura, quais serão, na vida futura, as posições respectivas do selvagem e do homem civilizado? Estarão no mesmo nível ou distanciados em relação à soma de felicidade eterna a que têm direito?

2. O homem que trabalhou toda a sua vida por melhorar-se estará na mesma posição daquele que permaneceu inferior, não por culpa sua, mas porque não teve tempo nem possibilidade de se tornar melhor?

3. O homem que praticou o mal, por não ter podido instruir-se, será culpado de um estado de coisas que não dependeu dele?

4. Trabalha-se para esclarecer, moralizar e civilizar os homens. Mas, para um que se esclarece, há milhões que morrem todos os dias, antes que a luz lhes tenha chegado. Qual a sorte destes últimos? Serão tratados como réprobos? Caso contrário, que fizeram para merecer estar no mesmo nível dos outros?

5. Qual a sorte das crianças que morrem em tenra idade, quando ainda não fizeram nem o bem, nem o mal? Se estiverem entre os eleitos, por que esse favor, se nada fizeram para o merecer? Em virtude de que privilégio estarão isentas das tribulações da vida? Haverá alguma doutrina capaz de resolver essas questões? Admita as existências consecutivas e tudo se explicará em conformidade com a Justiça de Deus. O que não se pôde fazer numa existência, faz-se em outra. É assim que ninguém escapa da lei do progresso, que cada um será recompensado segundo o seu merecimento *real* e que ninguém fica excluído da felicidade suprema, a que todos podem aspirar, sejam quais forem os obstáculos que encontrem no caminho.

Essas questões poderiam multiplicar-se ao infinito, porque são inúmeros os problemas psicológicos e morais que só encontram solução na pluralidade das existências. Limitamo-nos aos de ordem mais geral. Seja como for, talvez se diga que a doutrina da reencarnação não é admitida pela Igreja; que ela subverteria a religião. Não é nosso objetivo tratar dessa questão neste momento.

Basta termos demonstrado que ela é eminentemente moral e racional. Ora, o que é moral e racional não pode ser contrário a uma religião que proclama ser Deus a bondade e a razão por excelência. Que seria da religião, se, contra a opinião universal e o testemunho da Ciência, se houvesse obstinado contra a evidência e expulsado do seu seio todos os que não acreditassem no movimento do Sol ou nos seis dias da Criação? Que crédito mereceria e que autoridade teria, entre os povos esclarecidos, uma religião fundada em erros evidentes, oferecidos como artigos de fé? Quando a evidência se tornou clara, a Igreja, sabiamente, se colocou do seu lado. Se está provado que certas coisas existentes seriam impossíveis sem a reencarnação; que certos pontos do dogma não podem ser explicados senão por esse meio, forçoso é admiti-lo e reconhecer que o antagonismo entre essa doutrina e os dogmas é apenas aparente. Mais adiante mostraremos que a religião talvez esteja menos afastada da doutrina das vidas sucessivas do que se pensa e que, ao admiti-la, não sofreria mais do que sofreu com as descobertas do movimento da Terra e dos períodos geológicos, as quais, à primeira vista, pareciam desmentir os textos sagrados. Ademais, o princípio da reencarnação ressalta de muitas passagens das Escrituras e se acha especialmente formulado, de modo explícito, no Evangelho:

Quando desciam da montanha (depois da transfiguração) Jesus lhes ordenou, dizendo: Não faleis a ninguém do que acabastes de ver, até que o Filho do homem tenha ressuscitado dentre os mortos. Perguntaram-lhe então seus discípulos: Por que dizem os escribas ser necessário que Elias venha primeiro? E Jesus lhes respondeu: É verdade que Elias há de vir e que restabelecerá todas as coisas. Mas eu vos declaro que Elias já veio, e não o reconheceram; antes fizeram com ele tudo quanto quiseram. Assim também o Filho do homem há de padecer nas mãos deles. Então os discípulos compreenderam que era de João Batista que Ele lhes falava.

(MATEUS, 17:9 a 13.)

Já que João Batista era Elias, então houve a reencarnação do Espírito ou da alma de Elias no corpo de João Batista.

Seja qual for, aliás, a opinião que se tenha da reencarnação, quer a aceitem ou não, nem por isso se deixará de sofrê-la, desde que ela exista, não obstante todas as crenças em contrário. O ponto essencial é que o ensino dos Espíritos é eminentemente cristão; apoia-se na imortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, na Justiça de Deus, no livre-arbítrio do homem, na moral do Cristo. Logo, não é antirreligioso.

Temos raciocinado, como dissemos, fazendo abstração de qualquer ensinamento espírita que, para certas pessoas, não tem autoridade. Se nós e tantos outros adotamos a opinião da pluralidade das existências, não é somente porque veio dos Espíritos, mas porque nos pareceu a mais lógica e porque só ela resolve questões até então insolúveis. Viesse ela de um simples mortal e tê-la-íamos adotado do mesmo modo, não hesitando um segundo em renunciar às nossas próprias ideias. No momento em que um erro é demonstrado, o amor-próprio tem muito mais a perder do que ganhar obstinando-se numa ideia falsa. Do mesmo modo, tê-la-íamos repellido, embora vinda dos Espíritos, se nos parecesse contrária à razão, como repelimos tantas outras, pois sabemos, por experiência, que não se deve aceitar cegamente tudo o que venha deles, da mesma forma que não se deve aceitar às cegas tudo que proceda da parte dos homens. Seu primeiro título, a nosso ver, é, antes de tudo, o de ser lógica, mas também há outro: o de ser confirmada pelos fatos, fatos positivos e, a bem dizer, materiais, que um estudo atento e racional pode revelar a quem se dê ao trabalho de observar com paciência e perseverança e diante dos quais a dúvida não é mais possível. Quando esses fatos se tiverem vulgarizado, como os da formação e do movimento da Terra, forçoso será que todos se rendam à evidência e os seus oponentes se verão constrangidos a desdizer-se.³⁵

³⁵ N.T.: Na 2ª edição (1860), parte deste parágrafo estava assim redigido: “Seu primeiro título, a nosso ver, é, antes de tudo, o de ser lógica, mas também há outro, e são os fatos que vieram confirmá-la: fatos positivos e, a bem dizer, materiais, que um estudo atento e racional pode revelar a quem se dê ao trabalho de observar com paciência e perseverança e diante dos quais a dúvida não é mais possível.” (Aspas e grifos nossos.) Como se vê, Kardec suprimiu mais tarde a expressão grifada, conforme se pode constatar na 4ª edição, de 1861, e edições seguintes de *O livro dos espíritos*.

Reconheçamos, portanto, em resumo, que só a doutrina da pluralidade das existências explica o que, sem ela, é inexplicável; que é eminentemente consoladora e conforme a mais rigorosa justiça; que representa para o homem a âncora de salvação que Deus, na sua misericórdia, lhe concedeu.³⁶

As próprias palavras de Jesus não podem deixar dúvida a respeito. Eis o que se lê no Evangelho de João, 3:3 a 7:³⁷

3. Respondendo a Nicodemos, disse Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se um homem *não nascer de novo*, não poderá ver o Reino de Deus.

4. Disse-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer já estando velho? Pode voltar ao ventre materno e nascer segunda vez?

5. Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo, se o homem não nascer da água e do espírito, não pode entrar no Reino de Deus. O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do espírito é espírito. Não te admires de eu te haver dito: *importa-vos nascer de novo*. (Ver, adiante, o parágrafo “Ressurreição da carne”, questão 1010.)

³⁶ N.T.: Na 2ª edição francesa (1860), este parágrafo terminava com a seguinte expressão entre parênteses: *Vide o capítulo sobre as contradições*. Mais tarde, Allan Kardec suprimiu tal expressão, o que se pode constatar na 4ª edição, de 1861, e edições seguintes de *O livro dos espíritos*.

³⁷ N.T.: Este parágrafo e os seguintes, de números 3, 4 e 5, não faziam parte da 2ª edição francesa (1860), tendo sido acrescentados mais tarde por Allan Kardec, conforme se pode constatar na 4ª edição, de 1861, e edições posteriores de *O livro dos espíritos*.

CAPÍTULO VI



Vida espiritual³⁸

• Espíritos errantes • Mundos transitórios • Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos • Ensaio teórico sobre a sensação dos Espíritos • Escolha das provas • Relações de além-túmulo • Relações de simpatia e de antipatia entre os Espíritos. Metades eternas • Lembrança da existência corpórea • Comemoração do dia dos mortos. Funerais

Espíritos errantes

223. *A alma reencarna imediatamente após a separação do corpo?*

“Algumas vezes reencarna imediatamente, mas na maioria das vezes só depois de intervalos mais ou menos longos. Nos mundos superiores, a reencarnação é quase sempre imediata. Sendo aí menos grosseira a matéria corpórea, o Espírito encarnado goza de quase todas as suas faculdades de Espírito. Seu estado normal é o dos vossos sonâmbulos lúcidos.”

224. *Que se torna a alma no intervalo das encarnações?*

“Espírito errante, que aspira a novo destino, que espera.”

224-a. *Qual pode ser a duração desses intervalos?*

“Desde algumas horas até alguns milhares de séculos. Aliás, não há, propriamente falando, um limite máximo estabelecido para o estado errante, que pode prolongar-se por muito tempo, mas

³⁸ N.T.: No original, “Vie spirite” (Grifo nosso). Ao longo desta obra traduzimos a expressão “vida espírita” por “vida espiritual”, quando se referia à vida do Espírito desencarnado no plano espiritual.

que nunca é perpétuo. Cedo ou tarde, o Espírito encontra sempre oportunidade de recomeçar uma existência que sirva à purificação das suas existências anteriores.”

- 224-b. *Essa duração está subordinada à vontade do Espírito, ou lhe pode ser imposta como expiação?*

“É uma consequência do livre-arbítrio. Os Espíritos sabem perfeitamente o que fazem, mas, para alguns, é também uma punição imposta por Deus. Outros pedem que ela se prolongue, a fim de continuarem estudos que só podem ser efetuados com proveito na condição de Espírito livre.”

225. *A erraticidade é, por si só, um sinal de inferioridade dos Espíritos?*

“Não, pois há Espíritos errantes de todos os graus. A encarnação é um estado transitório, já o dissemos. Em seu estado normal, o Espírito está liberto da matéria.”

226. *Pode-se dizer que são errantes todos os Espíritos que não estão encarnados?*

“Os que devam reencarnar, sim, mas os Espíritos puros, os que atingiram a perfeição, não são errantes: seu estado é definitivo.”

No tocante às qualidades íntimas, os Espíritos são de diferentes ordens ou graus, pelos quais vão passando sucessivamente, à medida que se purificam. Com relação ao estado em que se acham, podem ser: *encarnados*, isto é, ligados a um corpo; *errantes*, isto é, desligados do corpo material e aguardando nova encarnação para se melhorarem; *Espíritos puros*, isto é, perfeitos, não precisando mais de encarnação.

227. *De que modo se instruem os Espíritos errantes, já que certamente não o fazem da mesma maneira que nós?*

“Estudam o seu passado e procuram meios de elevar-se. Veem, observam o que se passa nos lugares que percorrem; ouvem os discursos dos homens esclarecidos e os conselhos dos Espíritos mais elevados que eles, e tudo isso lhes inspira ideias que não tinham antes.”

228. *Os Espíritos conservam algumas das paixões humanas?*

“Os Espíritos elevados, ao perderem o seu envoltório, deixam as más paixões e só guardam as do bem, mas os Espíritos inferiores as conservam, pois do contrário pertenceriam à primeira ordem.”

229. *Por que os Espíritos, deixando a Terra, não deixam aí todas as más paixões, já que reconhecem os seus inconvenientes?*

“Tens nesse mundo pessoas que são excessivamente invejosas. Acreditas que, tão logo o deixem, perdem esse defeito? Após a partida da Terra, sobretudo para os que tiveram paixões bem acentuadas, resta uma espécie de atmosfera que os envolve, fazendo que conservem todas essas coisas más, pois o Espírito ainda não se acha inteiramente desprendido da matéria. Só por momentos ele entrevê a verdade, como que para mostrar-lhe o bom caminho.”

230. *O Espírito progride no estado errante?*

“Pode melhorar-se muito, sempre conforme a sua vontade e o seu desejo. Mas é na existência corpórea que põe em prática as novas ideias que adquiriu.”

231. *Os Espíritos errantes são felizes ou infelizes?*

“Mais ou menos, de acordo com os seus méritos. Sofrem por efeito das paixões cujo princípio conservaram, ou são felizes segundo sejam mais ou menos desmaterializados. No estado errante, o Espírito entrevê o que lhe falta para ser mais feliz, e então procura os meios de alcançá-lo. Mas nem sempre lhe é permitido reencarnar conforme sua vontade, o que constitui, para ele, uma punição.”

232. *Os Espíritos errantes podem ir a todos os mundos?*

“Depende. Pelo simples fato de ter deixado o corpo, o Espírito não se acha completamente desprendido da matéria e continua pertencendo ao mundo em que viveu ou a outro do mesmo grau, a menos que, durante a vida, se tenha elevado. Esse o objetivo para o qual deve voltar-se, pois, do contrário, jamais se aperfeiçoaria. Pode, no entanto, ir a alguns mundos superiores, mas na qualidade de estrangeiro. A bem dizer, consegue apenas entrevê-los, e é isso que lhe dá o desejo de melhorar-se, para se tornar digno da felicidade que ali se desfruta e poder habitá-los mais tarde.”

233. *Os Espíritos já purificados vêm aos mundos inferiores?*

“Frequentemente, a fim de os ajudar a progredir. Sem isso, esses mundos estariam entregues a si mesmos, sem guias para os dirigir.”

Mundos transitórios

234. *Existem, como já foi dito, mundos que servem de estações e de ponto de repouso aos Espíritos errantes?*

“Sim, há mundos particularmente destinados aos seres errantes, mundos nos quais eles podem habitar temporariamente, espécies de acampamentos ao ar livre, de lugares em que possam repousar de uma erraticidade demasiado longa, estado este sempre um tanto penoso. São, entre outros mundos, posições intermediárias, graduadas de acordo com a natureza dos Espíritos que podem alcançá-los e nos quais gozam de maior ou menor bem-estar.”

234-a. *Os Espíritos que habitam esses mundos podem deixá-los à vontade?*

“Sim, os Espíritos que se encontram nesses mundos podem deixá-los, a fim de irem aonde devam ir. Imaginai-os como aves de arribação que pousam numa ilha, para aí aguardarem que se refaçam suas forças, a fim de seguirem seu destino.”

235. *Os Espíritos progridem durante sua estada nos mundos transitórios?*

“Certamente. Os que assim se reúnem o fazem com o objetivo de se instruírem e de poderem mais facilmente obter permissão para dirigir-se a lugares melhores e chegar à posição que os eleitos atingem.”

236. *Pela sua natureza especial, os mundos transitórios se conservam perpetuamente destinados aos Espíritos errantes?*

“Não; sua posição é apenas temporária.”

236-a. *Esses mundos são, ao mesmo tempo, habitados por seres corpóreos?*

“Não; sua superfície é estéril. Os que os habitam não precisam de nada.”

236-b. *Essa esterilidade é permanente e resulta da sua natureza especial?*

“Não; são estéreis transitoriamente.”

236-c. *Então esses mundos são desprovidos de belezas naturais?*

“A Natureza se reflete nas belezas da imensidade, que não são menos admiráveis do que aquilo a que chamais de belezas naturais.”

236-d. *Já que o estado desses mundos é transitório, nossa Terra será contada um dia entre eles?*

“Ela já o foi.”

236-e. *Em que época?*

“Durante a sua formação.”

Nada é inútil na Natureza; cada coisa tem o seu objetivo, sua destinação. Nada é vazio, tudo é habitado, há vida em toda parte. Assim, durante a longa sucessão de séculos que passaram antes do aparecimento do homem na Terra, durante os lentos períodos de transição atestados pelas camadas geológicas, antes mesmo da formação dos primeiros seres orgânicos, naquela massa informe, naquele árido caos, onde os elementos se achavam em confusão, não havia ausência de vida. Seres que não tinham as nossas necessidades, nem as nossas sensações físicas, lá encontravam refúgio. Quis Deus, mesmo nesse estado imperfeito, que a Terra servisse para alguma coisa. Quem, pois, ousaria afirmar que, entre os bilhões de mundos que giram na imensidade, um só, um dos menores, perdido na multidão, goza do privilégio exclusivo de ser povoado? Qual seria então a utilidade dos outros? Deus os teria feito unicamente para recrear os nossos olhos? Suposição absurda, incompatível com a sabedoria que resplandece em suas obras e inadmissível quando pensamos em todos os mundos que não podemos perceber. Ninguém contestará que, nesta ideia da existência de mundos ainda impróprios para a vida material e, não obstante, já povoados de seres vivos apropriados a tal meio, há qualquer coisa de grande e sublime, em que talvez se encontre a solução de mais de um problema.

Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos

237. *Uma vez no mundo dos Espíritos, a alma conserva ainda as percepções que tinha na Terra?*

“Sim, e outras que não possuía, porque seu corpo era como um véu que as obscurecia. A inteligência é um atributo do Espírito, mas que se manifesta mais livremente quando este não tem obstáculos a vencer.”

238. *As percepções e os conhecimentos dos Espíritos são ilimitados? Numa palavra: eles sabem tudo?*

“Quanto mais se aproximam da perfeição, tanto mais sabem. Se são Espíritos superiores, sabem muito. Os Espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes acerca de todas as coisas.”

239. *Os Espíritos conhecem o princípio das coisas?*

“Depende da elevação e da pureza que hajam alcançado. Os Espíritos inferiores não sabem mais que os homens.”

240. *Os Espíritos compreendem a duração, como nós?*

“Não, e é isto que faz que nem sempre nos compreendeis, quando se trata de determinar datas ou épocas.”

Os Espíritos vivem fora do tempo, tal como o compreendemos. A duração, para eles, anula-se, por assim dizer, e os séculos, para nós tão longos, não passam, aos olhos deles, de instantes que se perdem na eternidade, do mesmo modo que as desigualdades do solo se apagam e desaparecem para quem se eleva no Espaço.

241. *Os Espíritos fazem do presente uma ideia mais precisa e mais justa do que nós?*

“Mais ou menos como aquele que vê claramente faz ideia mais exata das coisas do que o cego. Os Espíritos veem o que não vedes; julgam, pois, de modo diverso do vosso, mas ainda uma vez, isso depende da elevação deles.”

242. *Como é que os Espíritos têm conhecimento do passado? Esse conhecimento é ilimitado para eles?*

“O passado, quando com ele nos ocupamos, é presente, exatamente como te lembras de uma coisa que te impressionou no curso de teu exílio. Simplesmente, como já não temos o véu material que obscurece a tua inteligência, lembramo-nos de coisas

que para ti estão apagadas. Mas nem tudo os Espíritos sabem, a começar pela sua própria criação.”

243. *Os Espíritos conhecem o futuro?*

“Isto também depende da perfeição deles. Muitas vezes, apenas o entreveem, *mas nem sempre lhes é permitido revelá-lo*. Quando o veem, o futuro lhes parece o presente. O Espírito vê o futuro mais claramente à medida que se aproxima de Deus. Após a morte, a alma vê e abarca num piscar de olhos *suas migrações passadas*, mas não pode ver o que Deus lhe reserva. Para isso, é preciso que esteja completamente integrada a Ele, depois de muitas existências.”

243-a. *Os Espíritos que alcançaram a perfeição absoluta têm conhecimento completo do futuro?*

“Completo não é bem o termo, pois só Deus é soberano Senhor e ninguém o pode igualar.”

244. *Os Espíritos veem a Deus?*

“Só os Espíritos superiores o veem e o compreendem. Os inferiores o sentem e o adivinham.”

244-a. *Quando um Espírito inferior diz que Deus lhe proíbe ou permite uma coisa, como sabe que isso vem de Deus?*

“Ele não vê a Deus, mas sente a sua soberania, e sempre que uma coisa não deve ser feita ou uma palavra não deve ser dita, ele sente uma espécie de intuição, uma advertência invisível que o proíbe de fazê-lo. Vós mesmos não tendes pressentimentos que são como avisos secretos, para fazerdes, ou não, isto ou aquilo? O mesmo acontece conosco, só que num grau superior, pois hás de compreender que, por ser mais sutil do que as vossas a essência dos Espíritos, eles podem receber melhor as advertências divinas.”

244-b. *A ordem lhe é transmitida diretamente por Deus ou por intermédio de outros Espíritos?*

“Ela não lhe vem diretamente de Deus. Para se comunicar com Deus, é preciso ser digno disso. Deus lhe transmite suas ordens por meio de Espíritos mais elevados em perfeição e instrução.”

245. *A visão dos Espíritos é circunscrita como a dos seres corpóreos?*

“Não; ela reside neles por inteiro.”

246. *Os Espíritos precisam da luz para ver?*

“Veem por si mesmos, sem precisarem de luz exterior. Para eles não há trevas, a não ser aquelas em que podem achar-se por expiação.”

247. *Os Espíritos têm necessidade de transportar-se para ver o que se passa em dois pontos diferentes? Podem, por exemplo, ver simultaneamente nos dois hemisférios do globo?*

“Como o Espírito se transporta com a rapidez do pensamento, pode-se dizer que vê em toda parte ao mesmo tempo. Seu pensamento pode irradiar e dirigir-se para muitos pontos diferentes ao mesmo tempo, mas essa faculdade depende da sua pureza: quanto menos puro é o Espírito, tanto mais limitada é a sua visão. Só os Espíritos superiores podem abarcar o conjunto.”

No Espírito, a faculdade de ver é uma propriedade inerente à sua natureza e que reside em todo o seu ser, como a luz reside em todas as partes de um corpo luminoso. É uma espécie de lucidez universal que se estende a tudo, que abrange simultaneamente o espaço, os tempos e as coisas, lucidez para a qual não há trevas, nem obstáculos materiais. Compreende-se que deva ser assim. No homem, a visão se dá pelo funcionamento de um órgão que a luz impressiona; não havendo luz, ele fica na obscuridade. No Espírito, como a faculdade de ver é um atributo próprio, abstração feita de qualquer agente exterior, a visão independe da luz. (Veja-se “Ubiquidade”, questão 92.)

248. *O Espírito vê as coisas tão distintamente como nós?*

“Mais distintamente, pois sua visão penetra o que não podeis penetrar. Nada a obscurece.”

249. *O Espírito percebe os sons?*

“Sim, e percebe até mesmo os sons que os vossos sentidos obtusos são incapazes de perceber.”

- 249-a. *No Espírito, a faculdade de ouvir está em todo o seu ser, como a de ver?*
“Todas as percepções são atributos do Espírito e fazem parte de seu ser. Quando está revestido de um corpo material, elas só lhe chegam pelo conduto dos órgãos, mas, no estado de liberdade, deixam de estar localizadas.”
250. *Sendo as percepções atributos do próprio Espírito, ser-lhe-á possível subtrair-se a elas?*
“O Espírito só vê e ouve o que quer. Isto é dito de forma geral, sobretudo para os Espíritos elevados, pois os imperfeitos muitas vezes ouvem e veem, à revelia deles, o que possa ser útil ao seu aperfeiçoamento.”
251. *Os Espíritos são sensíveis à música?*
“Referi-vos à vossa música? Que é ela comparada à música celeste? A esta harmonia de que nada na Terra vos pode dar ideia? Uma está para a outra como o canto do selvagem para uma suave melodia. Não obstante, Espíritos vulgares podem experimentar certo prazer em ouvir a vossa música, por não lhes ser dado ainda compreender outra mais sublime. A música possui infinitos encantos para os Espíritos, em razão de terem muito desenvolvidas as suas qualidades sensitivas. Refiro-me à música celeste, que é tudo o que de mais belo e suave a imaginação espiritual pode conceber.”
252. *Os Espíritos são sensíveis às belezas naturais?*
“As belezas naturais dos globos são tão diferentes que estamos longe de as conhecer. Sim, os Espíritos são sensíveis a essas belezas, segundo as aptidões que tenham para as apreciar e compreender. Para os Espíritos elevados, há belezas de conjunto diante das quais se apagam, por assim dizer, as belezas dos detalhes.”
253. *Os Espíritos experimentam as nossas necessidades e sofrimentos físicos?*
“Eles os conhecem, porque os sofreram, mas não os experimentam como vós, materialmente: são Espíritos.”

254. *Os Espíritos sentem fadiga e necessidade de repouso?*
“Não podem sentir a fadiga tal como a entendeis; consequentemente, não precisam do repouso corpóreo, já que não possuem órgãos cujas forças devam ser reparadas. Contudo, o Espírito repousa, no sentido de não estar em constante atividade. Ele não age de maneira material; sua ação é toda intelectual e o seu repouso é todo moral. Ou seja: há momentos em que o seu pensamento deixa de ser tão ativo e não se fixa em um objeto determinado. É um verdadeiro repouso, mas de nenhum modo comparável ao do corpo. A espécie de fadiga que os Espíritos podem experimentar está na razão da sua inferioridade, pois quanto mais elevados forem, de menos repouso necessitarão.”
255. *Quando um Espírito diz que sofre, de que natureza é o seu sofrimento?*
“Angústias morais, que o torturam mais dolorosamente do que os sofrimentos físicos.”
256. *Como é então que alguns Espíritos se têm queixado de sofrer frio ou calor?*
“Reminiscência do que padeceram durante a vida, algumas vezes tão penosa quanto a realidade. Frequentemente, é uma comparação que fazem, mediante a qual exprimem a sua situação, em falta de outra melhor. Quando se lembram do corpo que tiveram, experimentam uma espécie de impressão semelhante à de alguém que, havendo tirado uma capa, julga ainda estar com ela algum tempo depois.”

Ensaio teórico sobre a sensação dos Espíritos

257. O corpo é o instrumento da dor. Se não é a causa primeira desta, é, pelo menos, a causa imediata. A alma tem a percepção da dor: essa percepção é o efeito. A lembrança que dela conserva pode ser muito penosa, mas não pode ter ação física. De fato, nem o frio, nem o calor são capazes de desorganizar os tecidos da alma; a alma não pode congelar-se, nem se queimar. Não vemos todos os dias a recordação ou a apreensão de um mal físico produzirem o efeito da realidade, e até mesmo ocasionarem a morte? Todos sabem

que as pessoas amputadas sentem dor no membro que não existe mais. Seguramente, não é nesse membro que está a sede ou o ponto de partida da dor; o cérebro é que guardou esta impressão, eis tudo. É lícito, pois, admitir-se que coisa análoga ocorra nos sofrimentos do Espírito após a morte. Um estudo mais aprofundado do perispírito, que desempenha papel tão importante em todos os fenômenos espíritas, tal como nas aparições vaporosas ou tangíveis, no estado em que o Espírito vem a encontrar-se por ocasião da morte, na ideia tão frequente que ele tem de que ainda está vivo, no quadro tão comovente dos suicidas, dos suplicia-dos, dos que se deixaram absorver pelos gozos materiais, e tantos outros fatos vieram lançar luz sobre esta questão, motivando as explicações que passamos a resumir.

O perispírito é o laço que une o Espírito à matéria do corpo; ele é tirado do meio ambiente, do fluido universal. Participa ao mesmo tempo da eletricidade, do fluido magnético e, até certo ponto, da matéria inerte. Poder-se-ia dizer que é a quintessência da matéria. É o princípio da vida orgânica, mas não o da vida intelectual, pois esta reside no Espírito. É, além disso, o agente das sensações exteriores. No corpo, essas sensações estão localizadas nos órgãos que lhes servem de canais. Destruído o corpo, as sensações se tornam gerais. Daí o Espírito não dizer que sofre mais da cabeça do que dos pés. É preciso, porém, tomar cuidado para não se confundir as sensações do perispírito, que se tornou independente, com as do corpo; apenas por termo de comparação podemos tomar estas últimas, e não por analogia. Liberto do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corpóreo, embora não seja exclusivamente moral, como o remorso, já que ele se queixa de frio e calor. Também não sofre mais no inverno do que no verão: já os vimos atravessar chamas, sem nada experimentarem de penoso; a temperatura, pois, não lhes causa nenhuma impressão. Logo, a dor que sentem não é uma dor física propriamente dita: é um vago sentimento íntimo, que o próprio Espírito nem sempre compreende bem, precisamente porque a dor não está localizada e não é produzida por agentes exteriores; é mais uma reminiscência do que uma realidade, reminiscência,

porém, igualmente penosa. Algumas vezes, entretanto, há mais que uma vaga lembrança, como vamos ver.

A experiência nos ensina que, por ocasião da morte, o perispírito se desprende mais ou menos lentamente do corpo. Durante os primeiros instantes, o Espírito não encontra explicação para a situação em que se acha; não acredita estar morto, porque se sente vivo; vê seu corpo de um lado, sabe que é o seu, mas não compreende que esteja separado dele. Essa situação dura enquanto existir algum laço entre o corpo e o perispírito. Um suicida nos dizia: “Não, não estou morto.” E acrescentava: “*No entanto, sinto os vermes a me roerem.*” Ora, seguramente os vermes não roíam o perispírito e ainda menos o Espírito, mas apenas o corpo. Como, porém, não era completa a separação do corpo e do perispírito, havia uma espécie de repercussão moral, que transmitia ao Espírito a sensação do que se passava no corpo. Repercussão talvez não seja o termo adequado, pois poderia dar a ideia de um efeito muito material. Era antes a visão do que se passava com o corpo, ao qual o perispírito ainda continuava ligado, o que lhe causava a ilusão, que ele tomava por realidade. Assim, não se tratava de uma vaga lembrança, já que em vida ele não fora roído pelos vermes: era uma sensação atual. Isso mostra que deduções se podem tirar dos fatos, quando atentamente observados. Durante a vida, o corpo recebe as impressões exteriores e as transmite ao Espírito por intermédio do perispírito, que constitui, provavelmente, o que se chama fluido nervoso. Uma vez morto, o corpo nada mais sente, visto não haver mais nele Espírito, nem perispírito. Desprendido do corpo, o perispírito experimenta a sensação, mas, como já não lhe chega por um conduto limitado, torna-se geral. Ora, não sendo o perispírito, na realidade, mais do que simples agente de transmissão, pois é o Espírito que possui a consciência, deduz-se que, se pudesse existir perispírito sem Espírito, aquele não sentiria mais que um corpo morto. Do mesmo modo, se o Espírito não tivesse perispírito, seria inacessível a toda sensação dolorosa. É o que ocorre com os Espíritos completamente purificados. Sabemos que quanto mais eles se purificam, tanto mais etérea se torna a essência do perispírito, donde se segue que a influência material diminui à medida que o Espírito

progride, isto é, à medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro.

Mas, replicarão, as sensações agradáveis, como as desagradáveis, são transmitidas ao Espírito pelo perispírito. Ora, se o Espírito puro é inacessível a umas, deve sê-lo igualmente às outras. Sim, sem dúvida, com relação às que provêm unicamente da influência da matéria que conhecemos. O som dos nossos instrumentos, o perfume das nossas flores não lhe causam nenhuma impressão. No entanto, o Espírito experimenta sensações íntimas, de um encanto indefinível, das quais não podemos fazer a menor ideia, porque, a esse respeito, somos quais cegos de nascença diante da luz. Sabemos que elas existem, mas por que meios se produzem? Aí se detém a nossa ciência. Sabemos que no Espírito há percepção, sensação, audição, visão; que essas faculdades são atributos de todo o ser, e não, como no homem, de uma parte do ser; mas, ainda uma vez, de que modo ele as tem? É o que não sabemos. Os próprios Espíritos não têm como nos informar sobre isso, pois a nossa linguagem não foi feita para exprimir ideias que não possuímos. Assim acontece com os selvagens, cuja linguagem, por falta de termos, não tem palavras para traduzir nossas artes, nossas ciências e nossas doutrinas filosóficas.

Dizendo que os Espíritos são inacessíveis à impressão da nossa matéria, queremos falar dos Espíritos muito elevados, cujo envoltório etéreo não tem analogia na Terra, o que não acontece com os de perispírito mais denso, os quais percebem nossos sons e odores, mas não por uma parte limitada de suas individualidades, como quando encarnados. Poder-se-ia dizer que, neles, as vibrações moleculares se fazem sentir em todo o ser e lhes chegam assim ao *sensorium commune*, que é o próprio Espírito, embora de modo diverso, e talvez com uma impressão também diferente, o que produz uma modificação na percepção. Embora ouçam o som da nossa voz, eles nos compreendem sem o auxílio da palavra, apenas pela transmissão do pensamento. Em apoio ao que dizemos, há o fato de que essa penetração é tanto mais fácil quanto mais desmaterializado está o Espírito. Quanto à visão, ela não depende da nossa luz. A faculdade de ver é um atributo essencial da alma, para quem a obscuridade não existe; contudo, sua visão é mais

extensa, mais penetrante nas que são mais purificadas. A alma, ou Espírito, tem, pois, em si mesma, a faculdade de todas as percepções. Na vida corpórea, as percepções se obliteram pela grosseria dos nossos órgãos; na vida extracorpórea, essa obliteração é cada vez menor, à medida que se eteriza o envoltório semimaterial.

Haurido do meio ambiente, esse envoltório varia de acordo com a natureza dos mundos. Ao passarem de um mundo a outro, os Espíritos mudam de envoltório, como nós mudamos de roupa, quando passamos do inverno ao verão, ou do polo ao equador. Quando vêm visitar-nos, os Espíritos mais elevados se revestem do perispírito terrestre e então suas percepções se produzem como nos Espíritos comuns do nosso mundo, mas todos eles, inferiores e superiores, só ouvem e sentem o que querem ouvir e sentir. Sem possuírem órgãos sensitivos, eles podem, à vontade, tornar ativas ou nulas suas percepções. Apenas uma coisa são forçados a ouvir: os conselhos dos Espíritos bons. A vista é sempre ativa, mas eles podem tornar-se invisíveis uns para os outros. Conforme a categoria que ocupem, podem ocultar-se dos que lhes são inferiores, mas não dos que lhes são superiores. Nos primeiros instantes que se seguem à morte, a visão do Espírito é sempre turbada e confusa; aclara-se à medida que ele se desprende e pode adquirir a nitidez que tinha durante a vida, independentemente da possibilidade de penetrar nos corpos que nos são opacos. Quanto à sua extensão através do espaço indefinido, no futuro e no passado, depende do grau de pureza e de elevação do Espírito.

Objetarão, talvez, que esta teoria nada tem de tranquilizadora. Pensávamos que, uma vez libertos do nosso grosseiro envoltório, instrumento das nossas dores, não sofreríamos mais, e eis que nos informais de que ainda sofreremos, visto que, de uma forma ou de outra, será sempre sofrimento. Ah! sim, podemos ainda sofrer, e muito, e por longo tempo, mas podemos também não sofrer, até mesmo desde o instante em que deixamos esta vida corpórea.

Os sofrimentos deste mundo independem, algumas vezes, de nós, mas muitos deles são consequência da nossa vontade. Remontando à origem de cada um, ver-se-á que a maior parte de

tais sofrimentos são efeitos de causas que poderíamos ter evitado. Quantos males, quantas enfermidades não deve o homem aos seus excessos, à sua ambição, numa palavra: às suas paixões? O homem que vivesse sempre com sobriedade, que não abusasse de nada, que fosse sempre simples nos gostos e modesto nos desejos, se pouparia a muitas tribulações. Dá-se o mesmo com o Espírito. Os sofrimentos por que passa são sempre a consequência da maneira pela qual viveu na Terra. Certamente já não sofrerá de gota, nem de reumatismo, mas experimentará outros sofrimentos que não serão menores. Vimos que seu sofrer resulta dos laços que ainda o prendem à matéria; que quanto mais livre estiver da influência da matéria, ou, por outra, quanto mais desmaterializado se achar, menos sensações dolorosas experimentará. Ora, depende dele libertar-se dessa influência desde a vida atual. Ele tem o livre-arbítrio e, por conseguinte, a faculdade de escolher entre o fazer e o não fazer. Dome suas paixões animais; não alimente ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho; não se deixe dominar pelo egoísmo; purifique sua alma pelos bons sentimentos; pratique o bem; não ligue às coisas deste mundo mais importância do que merecem e, então, mesmo revestido do invólucro corpóreo, já estará depurado, já estará liberto da matéria; e quando deixar esse envoltório, não sofrerá mais a sua influência. Os sofrimentos físicos por que passou não lhe deixarão nenhuma recordação dolorosa; não lhe restará nenhuma impressão desagradável, porque apenas terão atingido o corpo, e não o Espírito. Sentir-se-á feliz por se ter libertado deles e a paz de sua consciência o isentará de qualquer sofrimento moral.

Interrogamos milhares de Espíritos, que pertenceram a todas as classes da sociedade e ocuparam todas as posições sociais; estudamo-los em todos os períodos da vida espiritual, desde o instante em que deixaram o corpo; acompanhamo-los passo a passo na vida de além-túmulo para observar as mudanças que se operavam neles, nas suas ideias, nas suas sensações e, sob esse aspecto, não foram os homens mais vulgares que nos forneceram os elementos menos preciosos de estudo. Ora, notamos sempre que os sofrimentos guardavam relação com a conduta que

tiveram e cujas consequências experimentavam, e que essa nova existência é fonte de inefável felicidade para os que seguiram o bom caminho. Concluindo: se sofrem, é porque quiseram, não devendo queixar-se senão deles mesmos, tanto no outro quanto neste mundo.

Escolha das provas

258. *No estado errante, e antes de começar nova existência corpórea, o Espírito tem consciência e previsão das coisas que lhe vão acontecer durante a vida?*

“Ele próprio escolhe o gênero de provas que deseja sofrer e nisso consiste o seu livre-arbítrio.”

258-a. *Não é Deus, então, que lhe impõe as tribulações da vida, como castigo?*

“Nada acontece sem a permissão de Deus, pois foi Ele que estabeleceu todas as leis que regem o Universo. Perguntai, então, por que fez tal lei, e não outra! Dando ao Espírito a liberdade de escolher, Deus lhe deixa toda a responsabilidade de seus atos e de suas consequências. Nada entrava o seu futuro; o caminho do bem, como o do mal, lhe estão abertos. Se vier a sucumbir, resta-lhe o consolo de que nem tudo se acabou para ele e que Deus, em sua bondade, deixa-o livre para recomençar o que foi malfeito. Além disso, é preciso distinguir o que é obra da vontade de Deus do que é obra da vontade do homem. Se um perigo vos ameaça, não fostes vós quem o criou, e sim Deus; tivestes, porém, o desejo de vos expordes a ele, porque nele vistes um meio de progredirdes, e Deus o permitiu.”

259. *Se o Espírito pode escolher o gênero de provas que deve sofrer, seguir-se-á que todas as tribulações que experimentamos na vida foram previstas e escolhidas por nós?*

“Todas não é bem o termo, porque não escolhestes nem visteis tudo o que vos sucede no mundo, até as menores coisas. Escolhestes apenas o gênero das provas; os detalhes são consequência da posição em que vos achais e, muitas vezes, das vossas próprias ações. Se o Espírito quis nascer entre malfetores, por

exemplo, sabia a que arrastamentos se expunha, mas ignorava quais os atos que viria a praticar. Esses atos resultam do exercício da sua vontade, ou do seu livre-arbítrio. Ao escolher tal caminho, sabe o Espírito que gênero de lutas terá que sustentar; sabe, portanto, a natureza das vicissitudes que irá encontrar, mas ignora quais os acontecimentos que o aguardam. Os detalhes secundários se originam das circunstâncias e da força das coisas. Só os grandes acontecimentos, os que influem no destino, estão previstos. Se escolhes um caminho acidentado, sabes que terás de tomar muitas precauções, porque grande é a probabilidade de caíres; ignoras, no entanto, em que trecho cairás, mas é possível que nem caias, se fores bastante prudente. Se, ao passar pela rua, uma telha te cair na cabeça, não creias que estava escrito, como se diz vulgarmente.”

260. *Como pode o Espírito querer nascer entre gente de má vida?*

“É necessário que seja posto num meio em que possa sofrer a prova que pediu. Pois bem! É preciso que haja analogia. Para lutar contra o instinto do roubo, é indispensável que se ache em contato com gente dessa espécie.”

260-a. *Assim, se não houvesse gente de má vida na Terra, o Espírito não encontraria aí meio adequado a certas provas?*

“E se deveria lamentar isso? É o que ocorre nos mundos superiores, onde o mal não tem acesso. Eis por que neles só existem Espíritos bons. Fazei que em breve o mesmo aconteça na Terra.”

261. *Nas provas por que deve passar para alcançar a perfeição, o Espírito terá de experimentar todos os gêneros de tentações? Terá de passar por todas as situações que possam excitar-lhe o orgulho, a inveja, a avareza, a sensualidade etc.?*

“Certamente, não, pois sabeis que há os que tomam desde o princípio um caminho que os livra de muitas provas. Mas aquele que se deixa arrastar para o mau caminho corre todos os riscos desse caminho. Pode um Espírito, por exemplo, pedir a riqueza e esta lhe ser concedida. Então, conforme o seu caráter, poderá tornar-se avarento ou pródigo, egoísta ou generoso, ou ainda

entregar-se a todos os prazeres da sensualidade, o que não quer dizer que deva passar forçosamente por todas essas tendências.”

262. *Como pode o Espírito que, em sua origem, é simples, ignorante e sem experiência escolher uma existência com conhecimento de causa e ser responsável por essa escolha?*

“Deus lhe supre a inexperiência, traçando-lhe o caminho que deve seguir, como fazes com uma criança, desde o berço. Contudo, pouco a pouco, à medida que o seu livre-arbítrio se desenvolve, Ele o deixa livre para escolher e só então é que, muitas vezes, o Espírito se extravia, tomando o mau caminho, por não ouvir os conselhos dos Espíritos bons. É a isso que se pode chamar a queda do homem.”

- 262-a. *Quando o Espírito goza do seu livre-arbítrio, a escolha da existência corpórea depende sempre, exclusivamente, de sua vontade, ou essa existência lhe pode ser imposta, como expiação, pela vontade de Deus?*

“Deus sabe esperar: não apressa a expiação. Entretanto, pode impor determinada existência a um Espírito, quando este, por sua inferioridade ou má vontade, não está apto a compreender o que lhe seria mais benéfico, e quando vê que tal existência pode contribuir para a sua purificação e, ao mesmo tempo, servir-lhe de expiação.”

263. *O Espírito faz sua escolha imediatamente depois da morte?*

“Não; muitos acreditam na eternidade das penas, e isso, como já vos foi dito, é um castigo.”

264. *O que guia o Espírito na escolha das provas que queira sofrer?*

“Ele escolhe, de acordo com a natureza de suas faltas, as provas que o levem a expiá-las e o façam progredir mais depressa. Uns, portanto, impõem a si mesmos uma vida de misérias e privações, a fim de tentarem suportá-las com coragem; outros querem experimentar as tentações da riqueza e do poder, muito mais perigosas, pelo abuso e mau emprego que deles se possa fazer, e pelas paixões inferiores que uns e outros desenvolvem. Outros, finalmente, querem ser provados nas lutas que terão de sustentar no contato com o vício.”

265. *Se alguns Espíritos escolhem, por provação, o contato com o vício, haverá os que o busquem por simpatia e pelo desejo de viverem num meio conforme aos seus gostos, ou para poderem entregar-se materialmente aos seus pendores materiais?*

“Há, sem dúvida, mas somente entre aqueles cujo senso moral ainda está pouco desenvolvido. *A prova vem por si mesma e eles a sofrem por muito mais tempo.* Cedo ou tarde, compreendem que a satisfação de suas paixões brutais lhes acarreta consequências deploráveis, que sofrerão durante um tempo que lhes parecerá eterno. Deus poderá deixá-los nesse estado, até que compreendam seus erros e, por iniciativa própria, peçam para repará-los, mediante úteis provações.”

266. *Não parece natural que se escolham as provas menos dolorosas?*

“Para vós, sim; para o Espírito, não. Quando este se desprende da matéria, a ilusão acaba e outra é a sua maneira de pensar.”

Sob a influência das ideias carnisais, o homem, na Terra, só vê nas provas o lado penoso. É por isso que lhe parece natural escolher as que, do seu ponto de vista, podem coexistir com os prazeres materiais. Na vida espiritual, porém, ele compara esses gozos fugazes e grosseiros com a inalterável felicidade que entrevê e, desde então, que lhe importam alguns sofrimentos passageiros? É assim que o Espírito pode escolher a mais rude prova e, conseqüentemente, a mais penosa existência, na expectativa de alcançar mais depressa um estado melhor, como o doente, que muitas vezes escolhe o remédio mais desagradável para mais rapidamente se curar. Aquele que deseja ligar seu nome à descoberta de uma região desconhecida não escolhe uma estrada florida. Sabe dos perigos que corre, mas também sabe da glória que o espera, se triunfar.

A doutrina da liberdade que temos de escolher as nossas existências e as provas que devemos sofrer deixa de parecer extraordinária, desde que se leve em conta que os Espíritos, uma vez desprendidos da matéria, apreciam as coisas de modo diverso da nossa. Vislumbram o objetivo, muito mais sério para eles do que os prazeres fugazes do mundo. Após cada existência, veem o passo que deram e compreendem o que ainda lhes falta em pureza para atingirem aquele objetivo. Daí por que se submetem voluntariamente a todas as vicissitudes da vida corpórea, pedindo, eles mesmos, as que possam

fazê-los chegar mais depressa. Não há, pois, razão para nos admirarmos de que o Espírito não dê preferência a existências mais suaves. No estado de imperfeição em que se encontra, não lhe é possível gozar de uma vida isenta de amarguras. Ele a entrevê, e é para fruí-la que trata de se melhorar.

Não vemos, aliás, todos os dias, exemplos de escolhas semelhantes? Que faz o homem que passa uma parte de sua vida a trabalhar sem trégua, nem descanso, a fim de reunir haveres que lhe garantam o bem-estar, senão desempenhar uma tarefa que a si mesmo se impôs, com vistas a um futuro melhor? O militar que se oferece para uma missão perigosa, o viajante que enfrenta os maiores perigos, por amor da Ciência ou no seu próprio interesse, que fazem, também eles, senão submeter-se a provas voluntárias, que podem lhes proporcionar honras e proveito, se forem bem-sucedidos? A quanta coisa o homem não se sujeita ou se expõe pelo seu interesse ou pela sua glória? E os concursos não são também todos provas voluntárias a que os homens se submetem para avançarem nas carreiras que escolheram? Não se chega a uma posição social de destaque nas ciências, nas artes, na indústria, senão passando pela série das posições inferiores, que são outras tantas provas. A vida humana é, assim, uma cópia da vida espiritual; nela encontramos, em menor escala, todas as peripécias da outra. Se, pois, na vida terrena muitas vezes escolhemos as provas mais difíceis, visando a posição mais elevada, por que o Espírito, que vê mais longe que o corpo e para quem a vida corpórea é apenas um incidente de curta duração, não haveria de escolher uma existência penosa e laboriosa, desde que o conduza à felicidade eterna? Os que dizem que pedirão para ser príncipes ou milionários, já que cabe ao homem escolher sua existência, são como os míopes, que só veem o que tocam, ou como as crianças gulosas, que, ao se lhes perguntar que profissão preferem, respondem: pasteleiros ou confeitores.

Tal o viajante que, no fundo de um vale ensombrado por espesso nevoeiro, não vê a extensão nem os pontos extremos do caminho por onde vai. Mas, chegando ao cume da montanha, abrange com o olhar o caminho percorrido e quanto lhe resta dele por percorrer; vê o seu final, os obstáculos que ainda terá de transpor e pode então escolher com mais segurança os meios de o atingir. O Espírito encarnado é como o viajante no sopé da montanha. Desembaraçado dos laços terrestres, sua visão tudo domina, como a

daquele que atingiu o pico. Para o viajante, a meta é o repouso após a fadiga; para o Espírito, é a felicidade suprema após as tribulações e as provas.

Todos os Espíritos dizem que, no estado errante, pesquisam, estudam, observam, a fim de fazerem a sua escolha. Não temos um exemplo disso na vida corpórea? Frequentemente não levamos anos e anos a procurar a carreira que livremente acabamos, por escolher, por acreditarmos ser a mais adequada à nossa caminhada? Se fracassamos numa, buscamos outra. Cada carreira que abraçamos é uma fase, um período da vida. Não empregamos cada dia em planejar o que faremos no dia seguinte? Ora, que são, para o Espírito, as diferentes vidas corpóreas, senão fases, períodos, dias da sua vida espiritual, que é, como sabemos, a vida normal, visto que a outra é transitória e passageira?

267. *O Espírito poderá fazer a escolha de suas provas durante a vida corpórea?*
“Seu desejo pode influir, dependendo da intenção. Como Espírito livre, porém, quase sempre vê as coisas de modo bem diferente. É o Espírito quem faz a escolha, mas, ainda uma vez, ele pode fazê-la mesmo na vida material, pois há sempre momentos em que o Espírito se torna independente da matéria em que habita.”
- 267-a. *Certamente não é como expiação, ou como prova, que muitas pessoas desejam as grandezas e as riquezas.*
“De modo algum. É a matéria que deseja essa grandeza para gozá-la, e o Espírito para conhecer-lhe as vicissitudes.”
268. *Até que chegue ao estado de pureza perfeita, tem o Espírito que passar constantemente por provas?*
“Sim, mas não como o entendeis, pois só considerais provas as tribulações materiais. Ora, mesmo sem ser perfeito, o Espírito que se elevou a um certo grau não tem mais provas a sofrer. Porém, sempre tem deveres que o ajudam a se aperfeiçoar e que nada têm de penosos, ainda que consistam em auxiliar os outros a se aperfeiçoarem.”
269. *O Espírito pode enganar-se quanto à eficácia da prova que escolheu?*

“Pode escolher uma que esteja acima de suas forças e sucumbir. Também pode escolher uma que não lhe traga proveito algum, como buscar, por exemplo, vida ociosa e inútil. Mas, então, voltando ao mundo dos Espíritos, percebe que nada ganhou e pede outra para reparar o tempo perdido.”

270. *A que se devem atribuir as vocações de certas pessoas e a vontade que sentem de seguir uma carreira de preferência a outra?*

“Parece-me que vós mesmos podeis responder a esta pergunta. Não é a consequência de tudo o que dissemos sobre a escolha das provas e sobre o progresso realizado em existência anterior?”

271. *No estado errante, o Espírito estuda as diversas condições nas quais poderá progredir. Como pensa realizar seu progresso, nascendo, por exemplo, entre canibais?*

“Não são Espíritos já adiantados que nascem entre os canibais, mas Espíritos da natureza daqueles dos canibais ou que lhes são ainda inferiores.”

Sabemos que os nossos antropófagos não se acham no último degrau da escala e que há mundos onde o embrutecimento e a ferocidade não têm analogia na Terra. Esses Espíritos são, portanto, ainda inferiores aos mais inferiores do nosso mundo; para eles, nascer entre os nossos selvagens representa um progresso, como progresso seria, para os nossos antropófagos, exercerem entre nós uma profissão que os obrigasse a derramar sangue. Se não ambicionam algo mais elevado, é porque sua inferioridade moral não lhes permite compreender um progresso mais completo. O Espírito só avança gradualmente; não pode transpor de um salto a distância que separa a barbárie da civilização, e é nisso que vemos uma das necessidades da reencarnação, que verdadeiramente corresponde à Justiça de Deus. De outro modo, que seria desses milhões de seres que morrem todos os dias no último estado de degradação, se não tivessem meios de alcançar a superioridade? Por que Deus os teria deserdado dos favores concedidos aos outros homens?

272. *Espíritos vindos de um mundo inferior à Terra, ou de um povo muito atrasado, como os canibais, poderiam nascer entre nossos povos civilizados?*

“Sim. Há os que se extraviam, por quererem subir muito alto; mas, nesse caso, ficam deslocados entre vós, porque têm costumes e instintos que não condizem com os vossos.”

Esses seres nos oferecem o triste espetáculo da ferocidade no seio da civilização. Voltando para o meio dos canibais, não sofrem uma degradação; apenas retomam o seu lugar e talvez ainda ganhem com isso.

273. *Um homem que pertence a uma raça civilizada poderia, por expiação, reencarnar numa raça selvagem?*³⁹

“Sim, mas depende do gênero da expiação. Um senhor que tenha sido cruel com seus escravos poderá, por sua vez, tornar-se escravo e sofrer os maus-tratos que infligiu a outros. Aquele que exerceu o mando em certa época pode, em nova existência, obedecer aos que se curvavam ante a sua vontade. É uma expiação que Deus lhe impõe, se abusou do seu poder. Um Espírito bom também pode querer encarnar no seio daquelas raças, ocupando posição influente, para fazê-las progredir. Trata-se, então, de uma missão.”

Relações de além-túmulo

274. *As diferentes ordens de Espíritos estabelecem entre estes uma hierarquia de poderes. Há entre eles subordinação e autoridade?*

“Sim, muito grande. Os Espíritos têm, uns sobre os outros, uma autoridade relativa à sua superioridade, autoridade que eles exercem por um ascendente moral irresistível.”

274-a. *Os Espíritos inferiores podem subtrair-se à autoridade dos que lhes são superiores?*

“Eu disse: irresistível.”

275. *O poder e a consideração de que um homem desfrutou na Terra lhe dão alguma supremacia no mundo dos Espíritos?*

“Não, pois os pequenos serão elevados e os grandes rebaixados. Lê os salmos.”

³⁹ N.E.: Ver Nota Explicativa, p. 463.

- 275-a. *Como devemos entender essa elevação e esse rebaixamento?*
“Não sabes que os Espíritos são de diferentes ordens, conforme seus méritos? Pois bem! O maior na Terra pode pertencer à última categoria entre os Espíritos, ao passo que seu servo pode estar na primeira. Compreendes isto? Não disse Jesus: Aquele que se humilhar será exaltado e aquele que se exaltar será humilhado?”
276. *Aquele que foi grande na Terra e que se acha em posição inferior entre os Espíritos sente humilhação por isso?*
“Quase sempre muito grande, sobretudo se era orgulhoso e invejoso.”
277. *O soldado que, após a batalha, se encontra com o seu general no mundo dos Espíritos reconhece-o ainda como seu superior?*
“O título nada vale; a superioridade real é tudo.”
278. *Os Espíritos das diferentes ordens estão misturados uns com os outros?*
“Sim e não; quer dizer: eles se veem, mas se distinguem uns dos outros. Eles se evitam ou se aproximam, segundo a analogia ou a antipatia de seus sentimentos, tal como acontece entre vós. *É todo um mundo, do qual o vosso é pálido reflexo.* Os da mesma categoria se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias de Espíritos, unidos pelos laços da simpatia e pelos fins a que visam: os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus, pelo desejo de fazerem o mal, pela vergonha de suas faltas e pela necessidade de se acharem entre seres semelhantes a eles.”

Tal uma grande cidade onde os homens de todas as classes e de todas as condições se veem e se encontram, sem se confundirem; onde as sociedades se formam pela analogia dos gostos; onde o vício e a virtude convivem lado a lado sem se falarem.
279. *Todos os Espíritos têm livre acesso a qualquer região?*
“Os bons vão a toda parte e assim deve ser, para que possam exercer sua influência sobre os maus. Mas as regiões habitadas pelos

bons são interditadas aos Espíritos imperfeitos, a fim de não as perturbarem com suas paixões inferiores.”

280. *Qual a natureza das relações entre os Espíritos bons e os maus?*

“Os bons se empenham em combater as más inclinações dos outros, *a fim de ajudá-los a subir*. É uma missão.”

281. *Por que os Espíritos inferiores se comprazem em nos induzir ao mal?*

“Pelo despeito de não terem merecido estar entre os bons. É desejo deles impedir, tanto quanto possam, que os Espíritos ainda inexperientes alcancem o supremo bem. Querem que os outros experimentem o que eles próprios experimentam. Isto também não acontece entre vós?”

282. *Como os Espíritos se comunicam entre si?*

“Eles se veem e se compreendem. A palavra é material: é o reflexo do Espírito. O fluido universal estabelece entre eles uma comunicação constante; é o veículo da transmissão do pensamento, como, para vós, o ar é o veículo do som; uma espécie de telégrafo universal que liga todos os mundos e permite que os Espíritos se correspondam de um mundo a outro.”

283. *Os Espíritos podem ocultar reciprocamente os seus pensamentos? Podem esconder-se uns dos outros?*

“Não; para eles tudo é patente, sobretudo quando são perfeitos. Podem afastar-se uns dos outros, mas sempre se veem. Isto, porém, não constitui regra absoluta, porque certos Espíritos podem perfeitamente se tornar invisíveis a outros Espíritos, se assim julgarem útil.”

284. *Como é que os Espíritos, que não têm mais corpo, podem constatar suas individualidades e distinguir-se dos outros seres espirituais que os rodeiam?*

“Eles constataam suas individualidades pelo perispírito, que os torna distinguíveis uns dos outros, como o corpo entre os homens.”

285. *Os Espíritos se reconhecem por terem convivido na Terra? O filho reconhece o pai, o amigo reconhece o seu amigo?*

“Sim, e assim de geração em geração.”

285-a. *Como se reconhecem no mundo dos Espíritos os homens que se conheceram na Terra?*

“Vemos a nossa vida passada e lemos nela como num livro. Vendo o pretérito dos nossos amigos e dos nossos inimigos, aí vemos a sua passagem da vida para a morte.”

286. *Ao deixar os seus despojos mortais, a alma vê imediatamente os parentes e amigos que a precederam no mundo dos Espíritos?*

“Imediatamente nem sempre é o termo próprio. Como já dissemos, ela precisa de algum tempo para reconhecer-se e desembarrasar-se do véu material.”

287. *Como a alma é acolhida na sua volta ao mundo dos Espíritos?*

“A do justo, como um irmão bem-amado e esperado há muito tempo. A do mau, como um ser a quem se despreza.”

288. *Que sentimento experimentam os Espíritos impuros, ao verem chegar outro Espírito mau?*

“Os maus ficam satisfeitos quando veem seres semelhantes a eles e, também como eles, privados da felicidade infinita, como acontece, na Terra, a um malfeitor entre seus iguais.”

289. *Nossos parentes e amigos vêm, algumas vezes, encontrar-se conosco quando deixamos a Terra?*

“Sim, os Espíritos vão ao encontro da alma a que se afeiçoaram. Felicitam-na, como se regressasse de uma viagem, por haver escapado aos perigos da estrada, e *ajudam-na a desprender-se dos laços corpóreos*. É uma graça concedida aos Espíritos bons quando os seres que os amam vêm ao seu encontro, ao passo que aquele que se acha maculado permanece no isolamento ou só tem a rodeá-lo os que lhe são semelhantes. É uma punição.”

290. *Os parentes e amigos sempre se reúnem depois da morte?*

“Depende de sua elevação e do caminho que seguem para progredir. Se um deles está mais adiantado e caminha mais depressa do que outro, não poderão ficar juntos; é possível que se vejam algumas vezes, mas só estarão reunidos para sempre quando puderem caminhar lado a lado, ou quando se houverem igualado na perfeição. Além disso, a privação de ver os parentes e amigos é, às vezes, uma punição.”

Relações de simpatia e de antipatia entre os Espíritos. Metades eternas

291. *Além da simpatia geral resultante da semelhança, os Espíritos se consagram afeições particulares?*

“Sim, como entre os homens. Quando, porém, o corpo está ausente, o laço que une os Espíritos é mais forte, porque então esse laço já não se acha exposto às vicissitudes das paixões.”

292. *Os Espíritos guardam ódio entre si?*

“Só entre os Espíritos impuros há ódio. São eles que insuflam entre vós as inimizades e as dissensões.”

293. *Dois seres que foram inimigos na Terra guardam ressentimento um do outro no mundo dos Espíritos?*

“Não; compreenderão que o ódio que se votavam mutuamente era estúpido e que o motivo que o inspirava era pueril. Apenas os Espíritos imperfeitos conservam uma espécie de animosidade, enquanto não se tenham purificado. Se foi unicamente um interesse material que os separou, nisso não pensarão mais, por pouco desmaterializados que estejam. Não havendo antipatia entre eles e tendo deixado de existir a causa de suas desavenças, podem rever-se com prazer.”

Semelhante a dois escolares que, chegando à idade da razão, reconhecem a puerilidade de suas brigas infantis e deixam de se malquerer.

294. *A lembrança das más ações que dois homens praticaram um contra o outro é um obstáculo à simpatia que deve reinar entre eles?*

“Sim; essa lembrança os leva a se afastarem um do outro.”

295. *Que sentimento experimentam, após a morte, aqueles a quem fizemos mal neste mundo?*

“Se são bons, eles vos perdoam, conforme o vosso arrependimento. Se são maus, é possível que guardem ressentimento e vos persegam, algumas vezes, até mesmo em outra existência. Deus pode permiti-lo como castigo.”

296. *As afeições individuais dos Espíritos são passíveis de alteração?*

“Não, porque eles não podem enganar-se. *Não dispõem mais da máscara sob a qual se escondem os hipócritas.* É por isso que suas afeições não se alteram, quando eles são puros. Para eles, o amor que os une é fonte de suprema felicidade.”

297. *A afeição mútua que dois seres se consagraram na Terra continua a existir sempre no mundo dos Espíritos?*

“Sim, sem dúvida, se baseada na verdadeira simpatia. Entretanto, se as causas de ordem física tiveram maior participação do que a simpatia, a afeição cessa com as causas. As afeições entre os Espíritos são mais sólidas e duráveis que na Terra, porque não se acham subordinadas ao capricho dos interesses materiais e do amor-próprio.”

298. *As almas que devem unir-se estão predestinadas a essa união desde a sua origem, e cada um de nós tem, em alguma parte do Universo, a sua metade, a que fatalmente se unirá um dia?*

“Não; não existe união particular e fatal de duas almas. Existe união entre todos os Espíritos, mas em graus diferentes, segundo a categoria que ocupam, isto é, segundo a perfeição que tenham adquirido: quanto mais perfeitos, tanto mais unidos. Da discórdia nascem todos os males dos seres humanos; da concórdia resulta a completa felicidade.”

299. *Em que sentido se deve entender a palavra metade, de que alguns Espíritos se servem para designar os Espíritos simpáticos?*

“A expressão não é exata. Se um Espírito fosse a metade de outro, separado deste, estaria incompleto.”

300. *Uma vez reunidos, dois Espíritos perfeitamente simpáticos permanecerão assim por toda a eternidade, ou poderão separar-se e unir-se a outros Espíritos?*

“Todos os Espíritos estão unidos entre si. Falo dos que atingiram a perfeição. Nas esferas inferiores, desde que um Espírito se eleva, já não tem a mesma simpatia pelos que deixou.”

301. *Dois Espíritos simpáticos são complemento um do outro ou essa simpatia resulta de perfeita identidade?*

“A simpatia que atrai um Espírito para outro resulta da perfeita concordância de seus pendores e instintos. Se um tivesse que completar o outro, perderia a sua individualidade.”

302. *A identidade necessária para a simpatia perfeita consiste apenas na similitude dos pensamentos e sentimentos ou também na uniformidade dos conhecimentos adquiridos?*

“Na igualdade dos graus de elevação.”

303. *Podem tornar-se simpáticos no futuro, Espíritos que hoje não o são?*

“Sim, todos o serão. Um Espírito que hoje está numa esfera inferior, ao aperfeiçoar-se, alcançará a esfera na qual reside o outro. O encontro entre os dois se dará mais depressa se o Espírito mais elevado, por suportar mal as provas a que esteja submetido, permanecer no mesmo estado.”

- 303-a. *Dois Espíritos simpáticos poderão deixar de sê-lo?*

“Certamente, se um deles for preguiçoso.”

A teoria das metades eternas é uma imagem representativa da união de dois Espíritos simpáticos. É uma expressão usada até mesmo na linguagem vulgar e que não deve ser tomada ao pé da letra. Os Espíritos que dela se utilizam certamente não pertencem às ordens mais elevadas. Sendo necessariamente limitada a esfera de suas ideias, eles exprimiram seus pensamentos por meio de termos de que se teriam servido durante a vida corpórea. É preciso, pois, repelir a ideia de que dois Espíritos,

criados um para o outro, tenham fatalmente que se reunir um dia na eternidade, depois de terem estado separados por um lapso de tempo mais ou menos longo.

Lembrança da existência corpórea

304. *O Espírito se recorda da sua existência corpórea?*
“Sim, isto é, tendo vivido várias vezes como homem, ele se lembra do que foi e eu te afirmo que, algumas vezes, ri de piedade de si mesmo.”
Tal como o homem que, ao atingir a idade da razão, ri das loucuras da juventude ou das puerilidades da infância.
305. *A lembrança da existência corpórea se apresenta ao Espírito de maneira completa e inesperada após a morte?*
“Não; ela lhe vem pouco a pouco, como algo que sai gradualmente do nevoeiro, à medida que nela fixa a sua atenção.”
306. *O Espírito se lembra, com detalhes, de todos os acontecimentos de sua vida? Abrange o conjunto deles de um golpe de vista retrospectivo?*
“Lembra-se das coisas em razão das consequências que resultaram para a sua condição de Espírito, mas deves compreender que há circunstâncias de sua vida às quais não liga importância alguma e de que nem mesmo procura lembrar-se.”
- 306-a. *Poderia lembrar-se delas, se o quisesse?*
“Pode lembrar-se dos mais minuciosos detalhes e incidentes, seja dos acontecimentos, seja mesmo de seus pensamentos, mas quando isso não tem utilidade, ele não o faz.”
- 306-b. *O Espírito entrevê o objetivo da vida terrestre com relação à vida futura?*
“Certamente que o vê e compreende muito melhor do que quando estava encarnado. Compreende a necessidade da sua purificação para chegar ao infinito e sabe que em cada existência deixa algumas impurezas.”

307. *Como a vida passada se reflete na memória do Espírito? Será por esforço da própria imaginação, ou como um quadro que ele tenha diante dos olhos?*
“De uma e outra forma. É como se estivessem presentes todos os atos de que tenha interesse em lembrar-se. Os outros permanecem mais ou menos vagos na sua mente, ou completamente esquecidos. Quanto mais desmaterializado estiver, tanto menos importância dará às coisas materiais. Muitas vezes evocas um Espírito errante que acaba de deixar a Terra e que não se lembra dos nomes das pessoas que lhe eram caras, nem de detalhes que te parecem importantes; é que tudo isso pouco lhe interessa e logo cai no esquecimento. Aquilo de que ele se lembra muito bem são os fatos principais que o ajudam a melhorar-se.”
308. *O Espírito se recorda de todas as existências que precederam a que acaba de deixar?*
“Todo o seu passado se desenrola diante dele, como as etapas de um caminho que um viajante percorreu, mas, como já dissemos, não se recorda de maneira absoluta de todos os atos. Lembra-se deles em razão da influência que tiveram sobre o seu estado atual. Quanto às primeiras existências, as que se podem considerar como a infância do Espírito, essas se perdem no vago e desaparecem na noite do esquecimento.”
309. *Como o Espírito considera o corpo que acabou de deixar?*
“Como veste imprestável, *que o incomodava* e da qual se sente feliz por estar livre dela.”
- 309-a. *Que sensação lhe causa a visão do seu corpo em decomposição?*
“Quase sempre a de indiferença, como a uma coisa a que não dá mais importância.”
310. *Depois de certo tempo, o Espírito reconhecerá os ossos ou outros objetos que lhe tenham pertencido?*
“Algumas vezes, dependendo do ponto de vista mais ou menos elevado sob o qual considere as coisas terrenas.”

311. *O respeito que se tem pelos objetos materiais que pertenceram ao Espírito lhe dá prazer e atrai a sua atenção para esses objetos?*
“É sempre grato ao Espírito que se lembrem dele, e os objetos que lhe pertenceram trazem-no à memória dos que ele deixou no mundo. Contudo, é o pensamento dessas pessoas que o atrai para vós e não aqueles objetos.”
312. *Os Espíritos conservam a lembrança dos sofrimentos por que passaram na última existência corpórea?*
“Frequentemente eles a conservam e essa lembrança lhes faz compreender melhor o valor da felicidade de que podem desfrutar como Espíritos.”
313. *O homem que foi feliz neste mundo lastima a felicidade que perdeu ao deixar a Terra?*
“Só os Espíritos inferiores podem lamentar as alegrias condizentes com a sua natureza impura e que lhes acarretam a expiação pelo sofrimento. Para os Espíritos elevados, a felicidade eterna é mil vezes preferível aos prazeres efêmeros da Terra.”
Tal como o homem adulto que menospreza aquilo que constituía as delícias de sua infância.
314. *Aquele que começou grandes trabalhos com um objetivo útil e que os vê interrompidos pela morte lamenta, no outro mundo, tê-los deixando por acabar?*
“Não, porque vê que outros estão designados para concluí-los. Trata, ao contrário, de influenciar outros Espíritos humanos, a fim de que os levem adiante. Seu objetivo, na Terra, era o bem da Humanidade; no mundo dos Espíritos, esse objetivo continua sendo o mesmo.”
315. *Aquele que deixou trabalhos de arte ou de literatura conserva pelas suas obras o amor que lhes tinha quando vivo?*
“De acordo com a sua elevação, ele os julga de outro ponto de vista e, frequentemente, condena o que mais admirava.”

316. *O Espírito se interessa ainda pelos trabalhos que se fazem na Terra, pelo progresso das artes e das ciências?*

“Depende de sua elevação ou da missão que possa ter de desempenhar. Muitas vezes, o que vos parece magnífico é bem pouca coisa para certos Espíritos. Eles o admiram como um sábio admira a obra de um estudante. Examinam apenas o que prove a elevação dos Espíritos encarnados e seus progressos.”

317. *Após a morte, os Espíritos conservam o amor da pátria?*

“O princípio é sempre o mesmo: para os Espíritos elevados, a pátria é o Universo; na Terra, a pátria está onde se achem mais pessoas que lhes são simpáticas.”

A situação dos Espíritos e sua maneira de ver as coisas variam ao infinito, de acordo com o grau de seu desenvolvimento moral e intelectual. Geralmente, os Espíritos de ordem elevada só fazem na Terra estações de curta duração. Tudo o que aí se faz é tão mesquinho em comparação com as grandezas do infinito; as coisas a que os homens atribuem mais importância são tão pueris aos seus olhos que quase não encontram atrativos em nosso mundo, a menos que para aqui sejam chamados com vistas a concorrerem para o progresso da Humanidade. Os Espíritos de ordem intermédia são os que mais amiúde permanecem em nosso planeta, embora considerem as coisas de um ponto de vista mais alto do que quando encarnados. Os Espíritos vulgares são, de certa forma, sedentários e constituem a massa da população ambiente do mundo invisível. Conservam, com pouca diferença, as mesmas ideias, os mesmos gostos e as mesmas inclinações que tinham sob o seu envoltório corpóreo. Intrometem-se em nossas reuniões, nos nossos negócios, nas nossas diversões, nos quais tomam parte mais ou menos ativa, segundo seus caracteres. Não podendo satisfazer às suas paixões, gozam na companhia dos que a elas se entregam, incitando-os a cultivá-las. Entre eles, existem alguns mais sérios, que veem e observam para se instruírem e aperfeiçoarem.

318. *As ideias dos Espíritos se modificam no estado errante?*

“Muito; sofrem grandes modificações, à medida que o Espírito se desmaterializa. Às vezes, ele pode permanecer muito tempo com as mesmas ideias, mas, pouco a pouco, a influência da matéria diminui e o Espírito vê as coisas mais claramente. É então que procura os meios de se tornar melhor.”

319. *Já tendo o Espírito vivido a vida espiritual antes da sua encarnação, como se explica o seu espanto ao retornar ao mundo dos Espíritos?*
“É apenas o efeito do primeiro momento e da perturbação que se segue ao despertar do Espírito. Mais tarde, reconhece perfeitamente a sua condição, à medida que lhe volta a lembrança do passado e que a impressão da vida terrestre se apaga.” (163 e seguintes.)

Comemoração do dia dos mortos. Funerais

320. *Os Espíritos são sensíveis à lembrança que deles guardam os que lhes foram caros na Terra?*
“Muito mais do que podeis imaginar. Se são felizes, essa lembrança lhes aumenta a felicidade; se são infelizes, serve-lhes de lenitivo.”
321. *O dia da comemoração dos mortos tem algo de mais solene para os Espíritos? Eles se aprestam para ir ao encontro dos que vão orar sobre os seus despojos?*
“Os Espíritos atendem ao chamado do pensamento, tanto nesse dia como nos outros.”
- 321-a. *O dia de finados é, para eles, um dia especial de reunião junto de suas sepulturas?*
“Nesse dia, eles se reúnem em maior número nos cemitérios, porque maior é o número de pessoas que os chamam. Mas cada Espírito só comparece ali pelos seus amigos e não pela multidão dos indiferentes.”
- 321-b. *Sob que forma aí comparecem e como os veríamos, se pudessem tornar-se visíveis?*
“Aquela sob a qual eram conhecidos em vida.”
322. *Os Espíritos esquecidos, cujos túmulos ninguém vai visitar, comparecem mesmo assim aos cemitérios e sentem algum pesar por verem que nenhum amigo se lembra deles?*
“Que lhes importa a Terra? A ela só se prendem pelo coração. Se aí não há amor, nada mais há que prenda o Espírito ao planeta: ele tem para si o Universo inteiro.”

323. *A visita ao túmulo proporciona mais satisfação ao Espírito do que uma prece feita em casa, em sua intenção?*
“A visita ao túmulo é uma maneira de manifestar que se pensa no Espírito ausente; é a representação exterior desse pensamento. Já dissemos que a prece é que santifica o ato de lembrar; pouco importa o lugar, desde que seja feita com o coração.”
324. *Os Espíritos das pessoas a quem se erigem estátuas ou monumentos assistem à sua inauguração e as veem com prazer?*
“Muitos aí comparecem quando podem; porém, são menos sensíveis à homenagem que lhes prestam do que à lembrança dos homens.”
325. *De onde vem, para certas pessoas, o desejo de ser enterradas antes num lugar do que noutro? Voltam a ele com mais satisfação após a morte? Essa importância dada a uma coisa material é sinal de inferioridade do Espírito?*
“Afeição do Espírito por certos lugares; inferioridade moral. Que importa este ou aquele pedaço de terra a um Espírito elevado? Não sabe ele que sua alma se reunirá às dos que lhe são caros, mesmo que seus ossos estejam separados?”
- 325-a. *A reunião dos despojos mortais de todos os membros de uma família deve ser considerada como futilidade?*
“Não; é um costume piedoso e um testemunho de simpatia pelos entes queridos. Embora essa reunião tenha pouca importância para os Espíritos, é útil aos homens: as recordações se concentram melhor.”
326. *A alma que volta à vida espiritual é sensível às homenagens prestadas aos seus despojos mortais?*
“Quando o Espírito já chegou a certo grau de perfeição, não tem mais a vaidade terrena e compreende a futilidade de todas essas coisas. Mas ficai sabendo: há Espíritos que, nos primeiros momentos que se seguem à sua morte material, experimentam grande prazer com as honras que lhes são prestadas ou se aborrecem com o abandono a que relegaram os seus despojos mortais. É que ainda conservam alguns dos preconceitos da vida terrena.”

327. *O Espírito assiste ao seu enterro?*

“Frequentemente assiste, mas, algumas vezes, se ainda está perturbado, não percebe o que se passa.”

327-a. *Fica lisonjeado com a afluência de pessoas ao seu enterro?*

“Mais ou menos, conforme o sentimento que as anime.”

328. *O Espírito daquele que acaba de morrer assiste à reunião de seus herdeiros?*

“Quase sempre. Deus o quer, para sua própria instrução e castigo dos culpados. É nessa ocasião que o Espírito julga do valor dos protestos que lhe faziam. Para ele, todos os sentimentos estão patentes e a decepção que lhe causa a rapacidade com que os herdeiros partilham seus bens o esclarece acerca daqueles sentimentos. Mas a vez deles também chegará.”

329. *O respeito instintivo que, em todos os tempos e entre todos os povos, o homem testemunha pelos mortos é efeito da intuição que tem da vida futura?*

“É a consequência natural dessa intuição. Sem isso, o respeito pelos mortos não teria objetivo.”

CAPÍTULO VII



Retorno à vida corpórea

• Prelúdios do retorno • União da alma ao corpo.
Aborto • Faculdades morais e intelectuais • Influência do organismo • Idiotismo, loucura • Infância • Simpatias e antipatias terrenas • Esquecimento do passado

Prelúdios do retorno

330. *Os Espíritos sabem a época em que reencarnarão?*
“Eles a pressentem, como o cego sente o fogo de que se aproxima. Sabem que têm de retomar um corpo, como sabeis que tendes de morrer um dia, mas ignoram quando isso acontecerá.”
(Questão 166)
- 330-a. *Então, a reencarnação é uma necessidade da vida espiritual, como a morte é uma necessidade da vida corpórea?*
“Certamente; assim é.”
331. *Todos os Espíritos se preocupam com a sua reencarnação?*
“Há os que não pensam nela de modo algum, que nem mesmo a compreendem. Depende de sua natureza mais ou menos adiantada. Para alguns, a incerteza em que se acham em relação ao seu futuro é uma punição.”
332. *O Espírito pode antecipar ou retardar o momento da sua reencarnação?*
“Pode antecipá-lo, solicitando-o por um desejo ardente. Pode igualmente retardá-lo, recuando diante da prova, pois entre os

Espíritos também há covardes e indiferentes; mas não o faz impunemente, visto que sofre com isso, como aquele que recusa o remédio salutar que o pode curar.”

333. *Se um Espírito se considerasse bastante feliz numa condição mediana entre os Espíritos errantes, e não ambicionasse elevar-se, poderia prolongar indefinidamente esse estado?*

“Indefinidamente, não. Cedo ou tarde, o Espírito sente a necessidade de progredir. Todos têm que se elevar; esse é o destino de todos.”

334. *A união da alma a este ou àquele corpo é predestinada ou só no último momento é feita a escolha do corpo que ela tomará?*

“O Espírito é sempre designado previamente. Tendo escolhido a prova que deseja sofrer, ele pede para reencarnar. Ora, Deus, que tudo sabe e tudo vê, já sabia com antecedência que tal alma se uniria a tal corpo.”

335. *O Espírito pode escolher o corpo em que deve encarnar ou somente o gênero de vida que lhe servirá de prova?*

“Pode também escolher o corpo, pois as imperfeições que este apresente representam provas que o auxiliarão a progredir, se vencer os obstáculos que delas lhe advenham. O Espírito pode pedir, mas a escolha nem sempre depende dele.”

- 335-a. *Poderia o Espírito, no último momento, recusar o corpo que havia escolhido?*

“Se recusasse, sofreria muito mais do que aquele que não tivesse tentado nenhuma prova.”

336. *Poderia acontecer não haver Espírito que aceitasse encarnar numa criança que houvesse de nascer?*

“Deus a isso proveria. Quando a criança tem que nascer para viver, está predestinada sempre a ter uma alma. Nada é criado sem um propósito.”

337. *A união do Espírito a determinado corpo pode ser imposta por Deus?*

“Pode ser imposta do mesmo modo que as diferentes provas, sobretudo quando o Espírito ainda não está apto para escolher com conhecimento de causa. Por expiação, o Espírito pode ser

constrangido a se unir ao corpo de determinada criança que, pelo seu nascimento e pela posição que venha a ocupar no mundo, poderá tornar-se para ele um instrumento de castigo.”

338. *Se acontecesse que muitos Espíritos se apresentassem para tomar determinado corpo que deve nascer, o que decidiria qual deles vai ocupar esse corpo?*

“Muitos podem pedi-lo, mas, em tal caso, é Deus quem julga qual o mais capaz de desempenhar a missão à qual a criança está destinada. Porém, como eu já disse, o Espírito é designado antes do instante em que deve unir-se ao corpo.”

339. *O momento da encarnação é acompanhado de perturbação semelhante à que o Espírito experimenta ao desencarnar?*

“Muito maior e, sobretudo, mais longa. Pela morte, o Espírito sai da escravidão; pelo nascimento, entra para ela.”

340. *É solene para o Espírito o momento da sua encarnação? Realiza esse ato como uma coisa grave e importante para ele?*

“É como um viajante que embarca para uma travessia perigosa e que não sabe se encontrará ou não a morte nas ondas que enfrenta.”

O viajante que embarca sabe a que perigo se expõe, mas não sabe se naufragará. Dá-se o mesmo com o Espírito: conhece o gênero das provas a que se submete, mas não sabe se sucumbirá.

Assim como a morte do corpo é uma espécie de renascimento para o Espírito, a reencarnação é uma espécie de morte, ou, antes, de exílio, de clausura. Ele deixa o mundo dos Espíritos pelo mundo corpóreo, como o homem deixa o mundo corpóreo pelo mundo dos Espíritos. O Espírito sabe que reencarnará, como o homem sabe que morrerá, mas, como este, não tem consciência do fato senão no último momento, quando é chegada a sua hora. Então, nesse momento supremo, qual o do homem em agonia, a perturbação se apodera do Espírito, persistindo até que a nova existência se ache claramente formada. Os prelúdios da reencarnação são uma espécie de agonia para o Espírito.

341. *A incerteza em que se acha, quanto à eventualidade do seu triunfo nas provas que vai suportar na vida, é para o Espírito uma causa de ansiedade antes da sua encarnação?*

“De uma ansiedade muito grande, pois as provas da sua existência o retardarão ou o farão avançar, conforme as tiver bem ou mal suportado.”

342. *No momento da reencarnação, o Espírito se acha acompanhado por outros Espíritos, amigos seus, que vêm assistir à sua partida do mundo espiritual, como o vêm receber quando para lá retorna?*

“Depende da esfera a que o Espírito pertença. Se está nas esferas em que reina a afeição, os Espíritos que o amam acompanham-no até o último instante, encorajam-no e, muitas vezes, até lhe seguem os passos durante a vida.”

343. *Os Espíritos amigos que nos seguem os passos na vida serão, por vezes, os que vemos em sonho, que nos testemunham afeto e que se nos apresentam com feições desconhecidas?*

“Muito frequentemente são eles. Vêm visitar-vos, como ides visitar um encarcerado.”

União da alma ao corpo. Aborto⁴⁰

344. *Em que momento a alma se une ao corpo?*

“A união começa na concepção, mas só se completa no momento do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até o instante em que a criança vê a luz. O grito, que então escapa de seus lábios, anuncia que ela se conta no número dos vivos e dos servos de Deus.”

345. *A união entre o Espírito e o corpo é definitiva desde o momento da concepção? Durante esse primeiro período, o Espírito poderia renunciar a habitar o corpo que lhe está destinado?*

“A união é definitiva no sentido de que outro Espírito não poderia substituir o que está designado para aquele corpo, mas, como os

⁴⁰ N.T.: A palavra *aborto* não aparece no subtítulo que se acha entre as questões 343 e 344 em nenhuma das edições de *O livro dos espíritos* publicadas sob a responsabilidade de Allan Kardec. Como, entretanto, o codificador a registrou no *Sumário* do livro e no cabeçalho que precede as questões do capítulo VII, Livro Segundo – “Retorno à vida corpórea” –, julgamos por bem registrá-la aqui, já que o tema aborto é tratado nas questões 357 a 359 deste mesmo capítulo.

laços que o prendem ao corpo ainda são muito fracos, facilmente se desatam e podem ser desfeitos pela vontade do Espírito, se este recua diante da prova que escolheu. Nesse caso, a criança não vinga.”

346. *Que acontece ao Espírito se o corpo que ele escolheu morre antes de nascer?*
“Escolhe outro.”

346-a. *Qual pode ser a utilidade dessas mortes prematuras?*
“As imperfeições da matéria são a causa mais frequente dessas mortes.”

347. *Qual a utilidade de o Espírito encarnar num corpo que morre poucos dias depois de nascido?*

“O ser não tem consciência plena de sua existência. A importância da morte é quase nula. Muitas vezes, como já dissemos, é uma prova para os pais.”

348. *O Espírito sabe, com antecedência, que o corpo que escolheu não tem probabilidade de viver?*

“Às vezes sabe; mas, se o escolheu por este motivo, é porque recua diante da prova.”

349. *Quando, por qualquer motivo, falha a encarnação de um Espírito, ela é suprida imediatamente por outra existência?*

“Nem sempre imediatamente. O Espírito precisa de tempo para proceder a nova escolha, a menos que a reencarnação imediata resulte de decisão anterior.”

350. *Uma vez unido ao corpo da criança, e quando já não lhe é possível voltar atrás, o Espírito lamenta algumas vezes a escolha que fez?*

“Queres perguntar se, como homem, ele se queixa da vida que tem? Se desejaria outra? Sim. Se lamenta a escolha que fez? Não, pois não sabe que a escolheu. Depois de encarnado, o Espírito não pode arrepender-se de uma escolha de que não tem consciência. Pode, no entanto, achar a carga pesada demais e, quando a considera superior às suas forças, recorre ao suicídio.”

351. *No intervalo que vai da concepção ao nascimento, o Espírito desfruta de todas as suas faculdades?*

“Mais ou menos, conforme a época, porque ainda não está encarnado, mas apenas ligado. A partir do instante da concepção, o Espírito começa a ser tomado de perturbação, que o adverte de que chegou o momento de começar nova existência; essa perturbação vai crescendo até o nascimento. Nesse intervalo, seu estado é mais ou menos o de um Espírito encarnado durante o sono do corpo. À medida que a hora do nascimento se aproxima, suas ideias se apagam, assim como a lembrança do passado, de que não tem mais consciência, na condição de homem, logo que entra na vida. Mas essa lembrança lhe volta pouco a pouco à memória, no seu estado de Espírito.”

352. *No momento do nascimento, o Espírito recobra imediatamente a plenitude de suas faculdades?*

“Não; elas se desenvolvem gradualmente com os órgãos. Para ele, é uma nova existência; é preciso que aprenda a servir-se de seus instrumentos. As ideias lhe voltam pouco a pouco, como a um homem que desperta e se encontra numa posição diferente da que ocupava na véspera.”

353. *Uma vez que a união do Espírito ao corpo só se completa definitivamente depois do nascimento, pode-se considerar o feto como dotado de alma?*

“O Espírito que o vai animar existe, de certo modo, fora dele. O feto não tem, a bem dizer, uma alma, visto que a encarnação está apenas em via de operar-se. Acha-se, no entanto, ligado à alma que virá a possuir.”

354. *Como se explica a vida intrauterina?*

“É a da planta que vegeta. A criança vive a vida animal. O homem possui em si a vida animal e a vida vegetal que, pelo seu nascimento, se completam com a vida espiritual.”

355. *Haverá, como revela a Ciência, crianças que já no seio materno não são viáveis? Com que finalidade isso ocorre?*

“Isso acontece frequentemente. Deus o permite como prova, seja para os pais, seja para o Espírito designado a encarnar.”

356. *Haverá natimortos que não tenham sido destinados à encarnação de Espíritos?*

“Sim, há os que jamais tiveram um Espírito destinado aos seus corpos. Nada devia cumprir-se neles. É somente em função de seus pais que essas crianças vêm ao mundo.”

356-a. *Um ser dessa natureza pode chegar até o final da gestação?*

“Sim, algumas vezes, mas não vive.”

356-b. *Desse modo, toda criança que sobrevive ao nascimento tem, necessariamente, um Espírito encarnado nela?*

“Que seria da criança sem o Espírito? Não seria um ser humano.”

357. *Quais são, para o Espírito, as consequências do aborto?*

“É uma existência nula e que ele terá de recomençar.”

358. *O aborto provocado é um crime, seja qual for a época da concepção?*

“Há crime toda vez que transgredis a Lei de Deus. Uma mãe, ou qualquer outra pessoa, cometerá crime sempre que tirar a vida de uma criança antes do nascimento, pois está impedindo uma alma de suportar as provas de que serviria de instrumento o corpo que estava se formando.”

359. *No caso em que o nascimento da criança puser em perigo a vida da mãe dela, haverá crime em sacrificar a criança para salvar a mãe?*

“É preferível sacrificar o ser que ainda não existe a sacrificar o que já existe.”

360. *Será racional que se dispense ao feto a mesma atenção que se concede ao corpo de uma criança que tivesse vivido?*

“Vede em tudo isso a vontade de Deus e sua obra. Não trateis, pois, levianamente coisas que deveis respeitar. Por que não respeitar as obras da Criação, algumas vezes incompletas por vontade do Criador? Isso faz parte de seus desígnios, que ninguém é chamado a julgar.”

Faculdades morais e intelectuais

361. *Qual a origem das qualidades morais, boas ou más, do homem?*

“São as do Espírito nele encarnado. Quanto mais puro é o Espírito, mais o homem é propenso ao bem.”

- 361-a. *Parece resultar daí que o homem de bem é a encarnação de um Espírito bom, e o homem vicioso a de um Espírito mau?*

“Sim, mas dissei antes que o homem vicioso é a encarnação de um Espírito imperfeito, pois, do contrário, poder-se-ia crer na existência de Espíritos sempre maus, a que chamais demônios.”

362. *Qual o caráter dos indivíduos em que encarnam Espíritos travessos e levianos?*

“São indivíduos estouvados, maliciosos e, algumas vezes, maléficos.”

363. *Os Espíritos têm paixões de que está isenta a Humanidade?*

“Não; do contrário eles vo-las teriam comunicado.”

364. *É o mesmo Espírito que dá ao homem as qualidades morais e as da inteligência?*

“Certamente, e isso em virtude do grau de adiantamento a que tenha chegado. O homem não tem em si dois Espíritos.”

365. *Por que alguns homens muito inteligentes, o que constitui indício de superioridade, são ao mesmo tempo profundamente viciosos?*

“É que os Espíritos encarnados nesses homens ainda não são bastante puros, e por isso cedem à influência de Espíritos piores do que eles. O Espírito progride numa marcha ascendente insensível, mas o progresso não se efetua simultaneamente em todos os sentidos. Num período ele pode avançar em ciência; noutro, em moralidade.”

366. *Que pensar da opinião segundo a qual as diferentes faculdades intelectuais e morais do homem resultariam de outros tantos Espíritos, nele encarnados, cada um com uma aptidão especial?*

“Refletindo, reconhece-se que é absurda. O Espírito deve ter todas as aptidões. Para progredir, precisa de uma vontade única. Se o homem fosse uma mistura de Espíritos, essa vontade não existiria e ele não teria individualidade, visto que, por sua morte, todos aqueles Espíritos seriam como um bando de pássaros fugidos da gaiola.

Muitas vezes o homem se queixa de não compreender certas coisas e, no entanto, é curioso ver-se como multiplica as dificuldades quando tem ao seu alcance uma explicação muito simples e natural. É ainda tomar o efeito pela causa; é fazer com o homem o que os pagãos faziam com Deus. Acreditavam em tantos deuses quantos eram os fenômenos do Universo, embora, entre eles, as pessoas sensatas apenas vissem em tais fenômenos efeitos que tinham por causa um Deus único.”

O mundo físico e o mundo moral nos oferecem, sobre este assunto, numerosos pontos de comparação. Enquanto se detiveram na aparência dos fenômenos, os homens acreditaram na existência múltipla da matéria; hoje, compreendem perfeitamente que esses fenômenos tão variados podem ser apenas modificações da matéria elementar única. As diversas faculdades são manifestações de uma mesma causa, que é a alma, ou do Espírito encarnado, e não de muitas almas, do mesmo modo que os diferentes sons do órgão procedem do mesmo ar, e não de tantas espécies de ar quantos forem os sons. Resultaria, de semelhante sistema, que quando um homem perde ou adquire certas aptidões, certos pendores, isso se deveria à ação de outros tantos Espíritos, que tivessem vindo ou que se foram, que dele fariam um ser múltiplo, sem individualidade e, por conseguinte, sem responsabilidade. Além do mais, essa ideia é contestada pelos numerosos exemplos de manifestações, diante das quais os Espíritos provam as suas personalidades e identidades.

Influência do organismo

367. *Ao unir-se ao corpo, o Espírito se identifica com a matéria?*

“A matéria é apenas o envoltório do Espírito, como a roupa é o envoltório do corpo. Ao unir-se ao corpo, o Espírito conserva os atributos da natureza espiritual.”

368. *As faculdades do Espírito são exercidas com total liberdade após a sua união com o corpo?*

“O exercício das faculdades depende dos órgãos que lhes servem de instrumento. A grosseria da matéria as enfraquece.”

- 368-a. *De acordo com isso, o envoltório material seria um obstáculo à livre manifestação das faculdades do Espírito, como um vidro opaco se opõe à livre emissão da luz?*

“Sim, e muito opaco.”

Pode-se também comparar a ação que a matéria grosseira do corpo exerce sobre o Espírito à de um charco lodoso, que tira a liberdade dos movimentos do corpo nele mergulhado.

369. *O livre-exercício das faculdades da alma está subordinado ao desenvolvimento dos órgãos?*

“Os órgãos são os instrumentos da manifestação das faculdades da alma. Essa manifestação se acha subordinada ao desenvolvimento e ao grau de perfeição desses mesmos órgãos, como a excelência de um trabalho está subordinada à qualidade da ferramenta.”

370. *Pode-se deduzir, da influência dos órgãos, uma relação entre o desenvolvimento dos órgãos cerebrais e o das faculdades morais e intelectuais?*

“Não confundais o efeito com a causa. O Espírito dispõe sempre das faculdades que lhe são próprias. Ora, não são os órgãos que dão as faculdades, e sim as faculdades que impulsionam o desenvolvimento dos órgãos.”

- 370-a. *Sendo assim, a diversidade das aptidões entre os homens se deve unicamente ao estado do Espírito?*

“Unicamente não é o termo exato. O princípio dessa diversidade reside nas qualidades do Espírito, que pode ser mais ou menos adiantado. Mas é preciso que se leve em conta a influência da matéria, que entrava com maior ou menor intensidade o exercício de suas faculdades.”

Ao encarnar, o Espírito traz certas predisposições. Admitindo-se para cada uma delas um órgão correspondente no cérebro, o desenvolvimento desses órgãos será efeito e não causa. Se as faculdades tivessem seu princípio nos órgãos, o homem seria uma máquina sem livre-arbítrio e sem responsabilidade de seus atos. Fora preciso admitir que os maiores gênios, os sábios, os poetas, os artistas, só são gênios porque o acaso lhes deu órgãos especiais; conseqüentemente, sem esses órgãos, não teriam sido gênios e o último dos imbecis poderia ter sido um Newton, um Virgílio ou um Rafael, desde que

se achasse provido de certos órgãos. Essa suposição se torna mais absurda ainda, quando aplicada às qualidades morais. Assim, segundo esse sistema, um Vicente de Paulo, se a Natureza o tivesse dotado de tal ou tal órgão, poderia ter sido um celerado e o maior dos celerados só precisaria de certo órgão para ser um Vicente de Paulo. Admiti, ao contrário, que os órgãos especiais, se é que existem, são consequentes e se desenvolvem pelo exercício da faculdade, como os músculos por efeito do movimento, e nada tereis de irracional. Tomemos uma comparação trivial, à força de ser verdadeira. Por alguns sinais fisionômicos reconhecéis o homem que se entrega à bebida. Serão esses sinais que fazem dele um bêbado ou será a embriaguez que nele imprime aqueles sinais? Pode-se dizer que os órgãos recebem a marca das faculdades.

Idiotismo, loucura

371. *Tem fundamento a opinião segundo a qual os cretinos e os idiotas teriam almas de natureza inferior?*

“Não. Eles têm almas humanas, muitas vezes mais inteligentes do que pensais, mas que sofrem da insuficiência dos meios de que dispõem para se comunicar, da mesma forma que o mudo sofre por não poder falar.”

372. *Qual é o objetivo da Providência ao criar seres infelizes, como os cretinos e os idiotas?*

“São Espíritos em punição que habitam corpos de idiotas. Esses Espíritos sofrem pelo constrangimento que experimentam e pela impossibilidade em que estão de se manifestarem por meio de órgãos não desenvolvidos ou defeituosos.”

- 372-a. *Então não é exato dizer-se que os órgãos nada influem sobre as faculdades?*

“Nunca dissemos que os órgãos não têm influência. Têm, e muito grande, sobre a manifestação das faculdades, mas não produzem as faculdades: eis a diferença. Um bom músico, com um instrumento ruim, não produzirá boa música, o que não o impede de ser bom músico.”

É preciso distinguir o estado normal do estado patológico. No estado normal, o moral supera os obstáculos que a matéria lhe opõe. Mas há casos em

que a matéria oferece tal resistência que as manifestações são entravadas ou desnaturadas, como nos de idiotismo e de loucura. São casos patológicos, em que a própria lei humana isenta a alma da responsabilidade de seus atos, uma vez que, nesse estado, ela não goza de toda a sua liberdade.

373. *Qual o mérito da existência de seres que, como os cretinos e os idiotas, não podendo fazer o bem nem o mal, não podem progredir?*

“É uma expiação imposta pelo abuso que fizeram de certas faculdades. É uma pausa temporária.”

373-a. *Assim, um corpo de idiota pode conter um Espírito que tenha animado um homem de gênio em existência anterior?*

“Sim. Às vezes a genialidade se torna um flagelo, quando dela o homem abusa.”

Nem sempre a superioridade moral guarda proporção com a superioridade intelectual e os grandes gênios podem ter muito que expiar. Daí resulta, frequentemente, para eles uma existência inferior à que tiveram e uma causa de sofrimentos. Os entraves que o Espírito experimenta em suas manifestações são para ele quais algemas que restringem os movimentos de um homem vigoroso. Pode-se dizer que os cretinos e os idiotas são estropiados do cérebro, como o coxo o é das pernas e o cego o é dos olhos.

374. *Na condição de Espírito livre, o idiota tem consciência do seu estado mental?*

“Sim, com muita frequência. Compreende que as cadeias que impedem o seu voo são uma prova e uma expiação.”

375. *Qual é a situação do Espírito na loucura?*

“Quando em liberdade, o Espírito recebe diretamente suas impressões e exerce diretamente sua ação sobre a matéria, mas, quando encarnado, encontra-se em condições muito diferentes e na contingência de só o fazer com o auxílio de órgãos especiais. Se uma parte ou o conjunto desses órgãos for alterado, sua ação ou suas impressões, no que diz respeito a tais órgãos, se interrompem. Se perde os olhos, fica cego; se o ouvido, torna-se surdo etc. Imagina agora que o órgão que preside às manifestações da inteligência e da vontade seja afetado ou modificado, parcial ou totalmente,

e te será fácil compreender que o Espírito, não tendo mais a seu serviço senão órgãos incompletos ou alterados, deve entrar num estado de perturbação do qual, por si mesmo e no seu foro íntimo, tem perfeita consciência, mas cujo curso é incapaz de deter.”

375-a. *Então, é sempre o corpo e não o Espírito que está desorganizado?*

“Sim, mas convém não perder de vista que, assim como o Espírito atua sobre a matéria, também esta reage sobre ele, dentro de certos limites, e que o Espírito pode encontrar-se momentaneamente impressionado pela alteração dos órgãos pelos quais se manifesta e recebe as impressões. Pode acontecer, finalmente, quando a loucura já durou longo tempo, que a repetição dos mesmos atos acabe por exercer sobre o Espírito uma influência de que ele só se libertará depois de se haver libertado completamente de toda impressão material.”

376. *Por que razão a loucura leva o homem algumas vezes ao suicídio?*

“O Espírito sofre pelo constrangimento em que se acha e pela impossibilidade em que se vê de manifestar-se livremente. Por isso procura na morte um meio de quebrar seus grilhões.”

377. *Depois da morte, o Espírito do alienado se ressentido da perturbação de suas faculdades?*

“Pode senti-lo durante algum tempo após a morte, até que esteja completamente desligado da matéria, assim como o homem que desperta se ressentido, por algum tempo, da perturbação em que o sono o mergulhara.”

378. *De que modo a alteração do cérebro pode reagir sobre o Espírito depois da morte?*

“Como uma recordação, como um peso que oprime o Espírito. Já que o Espírito não teve compreensão de tudo o que se passou durante a loucura, sempre precisará de certo tempo para se pôr ao corrente de tudo. É por isso que, quanto mais tempo tiver durado a loucura no curso da vida, tanto mais lhe durará a perturbação, o constrangimento depois da morte. Liberto do corpo, o Espírito se ressentido por algum tempo da impressão que seus laços lhe causavam.”

Infância

379. *O Espírito que anima o corpo de uma criança é tão desenvolvido quanto o de um adulto?*

“Pode ser até mais desenvolvido, se progrediu mais, pois é apenas a imperfeição dos órgãos que o impede de manifestar-se. O Espírito age de acordo com o instrumento de que dispõe.”

380. *Não se levando em conta o obstáculo que a imperfeição dos órgãos opõe à sua livre manifestação, o Espírito de uma criança de tenra idade pensa como uma criança ou como um adulto?*

“Quando criança, é natural que os órgãos da inteligência não possam lhe dar toda a intuição de um adulto, já que não estão desenvolvidos. Sua inteligência é, de fato, muito limitada, enquanto aguarda que a idade lhe amadureça a razão. A perturbação que acompanha a encarnação não cessa de súbito por ocasião do nascimento. Só gradualmente se dissipa, com o desenvolvimento dos órgãos.”

Uma observação vem confirmar esta resposta: os sonhos de uma criança não têm o caráter dos de um adulto. Seu objetivo é quase sempre pueril, o que é um indício da natureza das preocupações do Espírito.

381. *Com a morte da criança, o Espírito retoma imediatamente seu vigor primitivo?*

“Assim deve ser, já que está desembaraçado do seu envoltório carnal. Entretanto, só recobra a lucidez primitiva quando a separação estiver completa, isto é, quando não existir mais nenhum laço entre o Espírito e o corpo.”

382. *Durante a infância, o Espírito encarnado sofre com o constrangimento que lhe é imposto pela imperfeição de seus órgãos?*

“Não. Esse estado é uma necessidade; está na natureza e de acordo com os desígnios da Providência. É um período de repouso para o Espírito.”

383. *Qual é, para o Espírito, a utilidade de passar pelo estado de infância?*

“Encarnando com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, é mais acessível às impressões que recebe e que

podem auxiliar o seu adiantamento, para o qual devem contribuir os que estão encarregados de educá-lo.”

384. *Por que a primeira manifestação da criança é o choro?*

“Para estimular o interesse da mãe e provocar os cuidados que lhe são necessários. Não compreendes que, se suas manifestações fossem todas de alegria, quando ainda não sabe falar, pouco se inquietariam com as suas necessidades? Admirai, pois, em tudo a sabedoria da Providência.”

385. *Qual a razão da mudança que se opera no caráter do indivíduo em certa idade, especialmente ao sair da adolescência? É o Espírito que se modifica?*

“É o Espírito que retoma sua natureza e se mostra tal qual era. Não conheceis os segredos que escondem as crianças em sua inocência. Não sabeis o que elas são, nem o que foram, nem o que serão. E, contudo, as amais e acariciais como se fossem parcelas de vós mesmos, de tal forma que o amor que uma mãe dedica a seus filhos é considerado o maior amor que um ser possa ter por outro ser. De onde vem essa doce afeição, essa terna benevolência que mesmo os estranhos sentem por uma criança? Sabeis? Não. Pois é isso que vou explicar.

As crianças são seres que Deus envia a novas existências e, para que não lhes possam imputar excessiva severidade, dá-lhes todas as aparências da inocência. Mesmo a uma criança má por natureza, suas faltas são encobertas pela inconsciência de seus atos. Essa inocência não constitui superioridade real com relação ao que eram antes, não; é a imagem do que deveriam ser e, se não o são, é unicamente sobre elas que recai a punição.

Mas não é somente por elas que Deus lhes deu esse aspecto; foi também e principalmente por seus pais, cujo amor é necessário à fragilidade infantil. E esse amor seria excessivamente enfraquecido à vista de um caráter áspero e intratável, ao passo que, julgando seus filhos bons e dóceis, os pais lhes dedicam toda a afeição e os cercam dos mais delicados cuidados. Desde, porém, que os filhos não mais precisam da proteção e da assistência que lhes foram dispensadas durante 15 ou 20 anos, seu caráter real e

individual ressurge em toda a sua nudez; esse caráter conserva-se bom se era fundamentalmente bom, mas sempre colorido de matizes que a primeira infância manteve ocultos.

Como vedes, os caminhos de Deus são sempre os melhores e, quando se tem o coração puro, a explicação é facilmente concebida.

Com efeito, ponderai que o Espírito das crianças que nascem entre vós pode vir de um mundo onde contraiu hábitos completamente diversos dos vossos. Como quereis que permaneça em vosso meio esse novo ser, que vem com paixões totalmente diferentes das que possuís, com inclinações e gostos inteiramente opostos aos vossos? Como quereis que ele se incorpore entre vós, a não ser como Deus o quis, isto é, passando pela peneira da infância? Nesta vêm confundir-se todos os pensamentos, todos os caracteres, todas as variedades de seres gerados pela infinidade dos mundos em que se desenvolvem as criaturas. E vós mesmos, ao morrerdes, vos achareis numa espécie de infância, entre novos irmãos e, nessa nova existência extraterrena, ignorareis os hábitos, os costumes, as relações desse mundo, ainda novo para vós. Manejareis com dificuldade uma linguagem que não estais acostumado a falar, linguagem mais vivaz do que o é agora o vosso pensamento. (319)

A infância ainda tem outra utilidade. Os Espíritos só entram na vida corpórea para se aperfeiçoarem, para se melhorarem. A fragilidade dos primeiros anos os torna brandos, acessíveis aos conselhos da experiência e dos que devam fazê-los progredir. É quando se pode reformar o seu caráter e reprimir seus maus pendores. Esse é o dever que Deus confiou aos pais, missão sagrada pela qual terão de responder.

É por isso que a infância não só é útil, necessária, indispensável, mas também consequência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o Universo.”

Simpatias e antipatias terrenas

386. *Dois seres que se conheceram e se estimaram podem encontrar-se em outra existência corpórea e reconhecer-se?*

“Reconhecer-se, não; sentir-se atraídos um para o outro, sim. Frequentemente, ligações íntimas baseadas em sincera afeição não têm outra causa. Dois seres se aproximam um do outro devido a circunstâncias aparentemente fortuitas, mas que de fato resultam da atração dos dois Espíritos *que se buscam por entre a multidão.*”

386-a. *Não seria mais agradável para eles se reconhecerem?*

“Nem sempre. A recordação das existências passadas teria inconvenientes maiores do que imaginais. Após a morte, eles se reconhecerão e saberão que tempo passaram juntos.” (392)

387. *A simpatia tem sempre por princípio um conhecimento anterior?*

“Não. Dois Espíritos que se harmonizam se atraem naturalmente, sem que se tenham conhecido como homens.”

388. *Os encontros que se dão algumas vezes entre certas pessoas e que se atribuem ao acaso não seriam efeito de uma certa relação de simpatia?*

“Entre os seres pensantes há ligações que ainda não conheceis. O magnetismo é o piloto dessa ciência, que mais tarde compreenderéis melhor.”

389. *De onde provém a repulsa instintiva que sentimos por algumas pessoas, à primeira vista?*

“Espíritos antipáticos que se adivinham e se reconhecem, sem se falarem.”

390. *A antipatia instintiva é sempre sinal de natureza má?*

“Dois Espíritos não são necessariamente maus por não simpatizarem um com o outro. Essa antipatia pode resultar da diversidade no modo de pensar. Mas, à medida que eles se forem elevando, as diferenças se apagam e a antipatia desaparece.”

391. *A antipatia entre duas pessoas nasce primeiro naquela cujo Espírito é pior ou melhor?*

“Em ambas, mas as causas e os efeitos são diferentes. Um Espírito mau antipatiza com qualquer um que o possa julgar ou desmascarar. Ao ver pela primeira vez uma pessoa, logo sabe que vai ser censurado. Seu afastamento dessa pessoa se transforma em ódio,

em inveja e lhe inspira o desejo de praticar o mal. O Espírito bom sente repulsão pelo mau, por saber que este não o compreenderá e porque não compartilham dos mesmos sentimentos; porém, seguro de sua superioridade, não alimenta ódio nem inveja contra o outro. Contenta-se em evitá-lo e lastimá-lo.”

Esquecimento do passado

392. *Por que o Espírito encarnado perde a lembrança do seu passado?*

“O homem não pode nem deve saber tudo. Deus assim o quer em sua sabedoria. Sem o véu que lhe oculta certas coisas, o homem ficaria ofuscado, como quem passa sem transição da obscuridade à luz. Pelo esquecimento do passado ele é mais senhor de si.”

393. *Como pode o homem ser responsável por atos e resgatar faltas de que não se lembra? Como pode aproveitar da experiência de existências que caíram no esquecimento? Concebe-se que as tribulações da vida lhe servissem de lição, se pudesse lembrar-se do que as originou. Mas, desde que não se recorda disso, cada existência é, para ele, como se fosse a primeira, estando, desse modo, sempre a recomençar. Como conciliar isto com a Justiça de Deus?*

“A cada nova existência, o homem tem mais inteligência e pode distinguir melhor o bem do mal. Onde estaria o mérito, se ele se lembrasse de todo o passado? Quando o Espírito retorna à sua vida primitiva — a vida espiritual — toda a sua vida passada se desdobra diante dele. Vê as faltas que cometeu e que são a causa de seu sofrimento, bem como aquilo que poderia tê-lo impedido de cometê-las. Compreende que a posição em que se encontra é justa e busca então uma existência em que possa reparar a que acaba de transcorrer. Escolhe provas semelhantes àsquelas por que passou ou as lutas que considere apropriadas ao seu adiantamento e pede a Espíritos que lhe são superiores que o ajudem na nova tarefa que porá em execução, porque sabe que o Espírito que lhe será dado por guia nessa nova existência procurará levá-lo a reparar suas faltas, dando-lhe uma espécie de *intuição* das que ele cometeu. Essa mesma intuição vos chega pelo pensamento, pelo desejo criminoso

que frequentemente vos assalta e ao qual resistis instintivamente, atribuindo vossa resistência, na maioria das vezes, aos princípios que recebestes de vossos pais, quando é a voz da consciência que vos fala. Essa voz é a lembrança do passado, voz que vos adverte para não recairdes nas faltas que já cometestes. Se, entrando em nova existência, o Espírito sofre com coragem aquelas provas e resiste, ele se eleva e ascende na hierarquia dos Espíritos, ao voltar para o meio deles.”

Embora em nossa vida corpórea não nos lembremos com exatidão do que fomos e do que fizemos de bem ou de mal nas existências anteriores, temos a intuição de tudo isso, sendo as nossas tendências instintivas uma reminiscência do nosso passado, tendências contra as quais a nossa consciência, que é o desejo que sentimos de não mais cometer as mesmas faltas, nos adverte para resistir.

394. *Nos mundos mais adiantados do que a Terra, onde não estão expostos a todas as nossas necessidades físicas e enfermidades, os homens compreendem que são mais felizes do que nós? A felicidade, em geral, é relativa; sentimo-la por comparação com um estado menos feliz. Como, afinal de contas, alguns desses mundos, embora melhores do que o nosso, ainda não alcançaram o estado de perfeição, os homens que os habitam devem ter, a seu modo, razões para se aborrecer. Entre nós, o rico, ainda que não sofra as angústias das necessidades materiais, como o pobre, nem por isso está menos sujeito a tribulações que lhe tornam amarga a vida. Ora, pergunto se, na situação em que se encontram, os habitantes desses mundos não se consideram tão infelizes quanto nós e não lastimam a própria sorte, já que não se lembram de existências inferiores que lhes sirvam de comparação?*

“Cabem aqui duas respostas distintas. Há mundos, entre aqueles de que falas, cujos habitantes guardam lembrança clara e exata de suas existências passadas. Esses, deves compreender, podem e sabem apreciar a felicidade que Deus lhes permite usufruir. Mas há outros mundos em que os habitantes, situados, como dizes, em melhores condições que a vossa, nem por isso deixam de experimentar grandes desgostos, e até infortúnios. Esses não apreciam a felicidade de que gozam pelo fato mesmo de não se lembrarem de um estado ainda mais infeliz. Contudo, se não a apreciam como homens, apreciam-na como Espíritos.”

No esquecimento das existências anteriores, sobretudo quando foram penosas, não há qualquer coisa de providencial e que revela a sabedoria divina? É nos mundos superiores, quando a lembrança das existências infelizes não passa de um pesadelo longínquo, que elas se apresentam à memória. Nos mundos inferiores, as infelicidades do presente não seriam agravadas pela lembrança de todas as que se tenham sofrido? Concluamos, pois, daí que tudo o que Deus fez é benfeito e não nos cabe criticar suas obras, nem lhe dizer como deveria ter regulado o Universo.

A lembrança de nossas individualidades anteriores teria inconvenientes muito graves. Poderia, em certos casos, humilhar-nos excessivamente e, em outros, exaltar-nos o orgulho, entretendo, em consequência, o nosso livre-arbítrio. Deus nos deu, para melhorarmos, justamente o que é necessário e nos basta: a voz da consciência e nossas tendências instintivas. Priva-nos do que nos poderia prejudicar. Acrescentemos ainda que, se nos recordássemos de nossos atos pessoais anteriores, igualmente nos recordaríamos dos atos dos outros homens, e esse conhecimento poderia gerar os mais desastrosos efeitos sobre as relações sociais. Como nem sempre podemos nos vangloriar do nosso passado, melhor é que um véu seja lançado sobre ele. Isto concorda perfeitamente com a Doutrina dos Espíritos sobre os mundos superiores ao nosso. Nesses mundos, em que só reina o bem, a reminiscência do passado nada tem de penosa, razão por que neles as criaturas se lembram de sua existência anterior, como nos lembramos do que fizemos na véspera. Quanto à estada que possam ter feito em mundos inferiores, trata-se apenas, como já dissemos, de um pesadelo.

395. *Podemos ter algumas revelações sobre as nossas existências anteriores?*

“Nem sempre. Contudo, muitas pessoas sabem o que foram e o que faziam. Se lhes fosse permitido dizê-lo abertamente, fariam extraordinárias revelações sobre o passado.”

396. *Algumas pessoas julgam ter vaga lembrança de um passado desconhecido, que se lhes apresenta como a imagem fugitiva de um sonho, que em vão se tenta deter. Essa ideia é apenas uma ilusão?*

“Algumas vezes é real; frequentemente, porém, é uma ilusão contra a qual deve o homem precaver-se, já que pode ser efeito de imaginação superexcitada.”

397. *Nas existências corpóreas de natureza mais elevada do que a nossa, a lembrança das existências anteriores é mais precisa?*

“Sim, à medida que o corpo se torna menos material, o homem recorda melhor. A lembrança do passado é mais clara para os que habitam os mundos de ordem superior.”

398. *Sendo as tendências instintivas do homem uma reminiscência do seu passado, conclui-se que, pelo estudo dessas tendências, ele possa conhecer as faltas que cometeu?*

“É possível, mas até certo ponto. Deve-se, porém, levar em conta a melhora que se possa ter operado no Espírito e as resoluções que ele tomou no estado errante. A existência atual pode ser muito melhor do que a precedente.”

398-a. *Poderá ser pior, isto é, o homem poderá cometer, numa existência, faltas que não cometeu na existência anterior?*

“Depende do seu adiantamento. Se não souber resistir às provas, poderá ser arrastado a novas faltas, que são a consequência da posição que escolheu. Mas, em geral, estas faltas revelam mais uma condição estacionária do que um estado retrógrado, pois o Espírito pode avançar ou estacionar, mas nunca retroceder.”

399. *Sendo as vicissitudes da vida corpórea expiação das faltas do passado e, ao mesmo tempo, provas para o futuro, segue-se que da natureza de tais vicissitudes se possa deduzir o gênero da existência anterior?*

“Muito frequentemente, pois cada um é punido naquilo em que pecou. Entretanto, não se deve tirar daí uma regra absoluta. As tendências instintivas são um indício mais seguro, pois as provas por que passa o Espírito tanto se referem ao futuro quanto ao passado.”

Chegando ao termo marcado pela Providência para sua vida na erraticidade, o próprio Espírito escolhe as provas a que deseja submeter-se para apressar o seu adiantamento, isto é, o gênero de existência que julga mais apropriado a fornecer-lhe os meios de adiantar-se, e tais provas estão sempre em relação com as faltas que deve expiar. Se delas triunfa, eleva-se; se sucumbe, tem de recomençar.

O Espírito goza sempre do seu livre-arbítrio. É em virtude dessa liberdade que ele escolhe, quando desencarnado, as provas da vida corpórea e que, quando encarnado, delibera sobre o que fará ou não fará e procede

à escolha entre o bem e o mal. Negar ao homem o livre-arbítrio seria reduzi-lo à condição de máquina.

Ao retornar à vida corpórea, o Espírito perde momentaneamente a lembrança de suas existências anteriores, como se um véu as ocultasse. Não obstante, tem às vezes vaga consciência dessas vidas, e elas podem até lhe ser reveladas em certas circunstâncias. Mas isso só acontece pela vontade dos Espíritos superiores, que o fazem espontaneamente e com um fim útil, jamais para satisfazer a vã curiosidade.

As existências futuras não podem ser reveladas em nenhum caso, porque dependem da maneira pela qual se cumpre a vida atual e da escolha posterior do Espírito.

O esquecimento das faltas cometidas não é obstáculo à melhoria do Espírito, porque, mesmo não se lembrando delas com precisão, o fato de as ter conhecido na erraticidade e o desejo de repará-las o guia por intuição e lhe dá o pensamento de resistir ao mal. Esse pensamento é a voz da consciência, secundada pelos Espíritos que o assistem, se escuta as boas inspirações que lhe sugerem.

Embora o homem não conheça os próprios atos que praticou em suas existências anteriores, sempre pode saber qual o gênero das faltas de que se tornou culpado e qual era o seu caráter dominante. Basta estudar a si mesmo e julgar do que foi, não pelo que é, mas pelas suas tendências.

As vicissitudes da vida corpórea são, ao mesmo tempo, expiação das faltas passadas e provas para o futuro. Elas nos purificam e nos elevam, se as suportarmos com resignação e sem murmurar.

A natureza das vicissitudes e das provas que sofremos também nos pode esclarecer sobre o que fomos e o que fizemos, do mesmo modo que neste mundo julgamos os atos de um culpado pelo castigo que lhe inflige a lei. Assim, o orgulhoso será castigado no seu orgulho pela humilhação de uma existência subalterna; o mau rico e o avaro, pela miséria; o que foi cruel para os outros, pelas crueldades que sofrerá; o tirano, pela escravidão; o mau filho, pela ingratidão de seus filhos; o preguiçoso, por um trabalho forçado etc.

CAPÍTULO VIII



Emancipação da alma

• O sono e os sonhos • Visitas espíritas entre pessoas vivas • Transmissão oculta do pensamento • Letargia, catalepsia, mortes aparentes • Sonambulismo • Êxtase • Segunda vista • Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da segunda vista

O sono e os sonhos

400. *O Espírito encarnado permanece de bom grado no seu invólucro corpóreo?*
“É como se perguntasses se o prisioneiro gosta da prisão. O Espírito encarnado aspira incessantemente à libertação; quanto mais grosseiro é o envoltório, tanto mais deseja ver-se livre dele.”
401. *Durante o sono, a alma repousa como o corpo?*
“Não, o Espírito jamais está inativo. Durante o sono, afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e, então, não precisando o corpo da sua presença, o Espírito se lança no espaço e *entra em relação mais direta com os outros Espíritos.*”
402. *Como podemos julgar da liberdade do Espírito durante o sono?*
“Pelos sonhos. Sabei que, quando o corpo repousa, o Espírito tem mais faculdades do que no estado de vigília. Lembra-se do passado e algumas vezes prevê o futuro. Adquire mais poder e pode entrar em comunicação com os outros Espíritos, *seja deste mundo, seja do outro.* Dizes frequentemente: tive um sonho extravagante,

um sonho horrível, mas absolutamente inverossímil. Enganas-te; quase sempre é a lembrança dos lugares e das coisas que viste ou que verás em outra existência ou em outra ocasião. Estando o corpo entorpecido, o Espírito trata de quebrar seus grilhões e de investigar no passado ou no futuro.

Pobres homens, que conheceis tão pouco os mais ordinários fenômenos da vida! Julgai-vos muito sábios e vos embaraçais com as coisas mais vulgares. Diante de perguntas que todas as crianças formulam: Que fazemos quando dormimos? Que são os sonhos? nada respondeis.

O sono liberta parcialmente a alma do corpo. Quando dorme, o homem se acha momentaneamente no estado em que ficará de forma definitiva depois da morte. Os Espíritos que, ao desencarnarem, logo se desligam da matéria, tiveram sonhos inteligentes; quando dormem, vão para junto dos seres que lhes são superiores: viajam, conversam e se instruem com eles; trabalham mesmo em obras que encontrarão prontas ao morrerem. Isto vos deve ensinar, uma vez mais, que não deveis temer a morte, já que morreis todos os dias, segundo a expressão de um santo.

É o que acontece com os Espíritos elevados. Contudo, para a massa dos homens que, com a morte, devem passar longas horas na perturbação, nessa incerteza de que já vos falei, esses vão, enquanto dormem, ou a mundos inferiores à Terra, onde os chamam velhas afeições, ou em busca de prazeres talvez ainda mais baixos do que os que têm aqui; vão beber doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis, mais nocivas do que as que professam entre vós. E o que gera a simpatia na Terra não é outra coisa senão o fato de sentir-se o homem, ao despertar, ligado pelo coração àqueles com quem acaba de passar oito ou nove horas de felicidade ou de prazer. O que também explica essas antipatias invencíveis é o fato de sentirmos intimamente que essas pessoas têm uma consciência diversa da nossa, porque as conhecemos sem nunca as termos visto com os olhos. É também o que explica a indiferença de muitos homens, que não procuram conquistar novos amigos, por saberem que há

muitos outros que os amam e lhes querem. Numa palavra: o sono influi mais do que pensais na vossa vida.

Por efeito do sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos; é isso que faz com que os Espíritos superiores consentam, sem muita repulsa, em encarnar entre vós. Quis Deus que, durante o seu contato com o vício, eles pudessem retemperar-se na fonte do bem, para não falirem, já que vêm instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu para entrarem em contato com seus amigos do Céu; é o recreio depois do trabalho, enquanto esperam a grande libertação, a libertação final que os restituirá ao meio que lhes é próprio.

O sonho é a lembrança do que o vosso Espírito viu durante o sono. Notai, porém, que nem sempre sonhais, porque nem sempre vos lembrais do que vistes ou de tudo o que vistes. É que não tendes a alma no pleno desenvolvimento de suas faculdades; muitas vezes não vos resta mais do que a lembrança da perturbação que acompanha vossa partida ou vosso regresso, à qual se junta a lembrança do que fizestes ou do que vos preocupa no estado de vigília. A não ser assim, como explicaríeis esses sonhos absurdos, a que estão sujeitos tanto os mais sábios quanto os mais humildes? Os Espíritos maus também se servem dos sonhos para atormentar as almas fracas e pusilânimes. Aliás, brevemente vereis desenvolver-se outra espécie de sonho, tão antiga quanto a que conheceis, mas que ignorais: o sonho de Joana, o sonho de Jacó, o sonho dos profetas judeus e de alguns adivinhos indianos. Esse sonho é a lembrança da alma inteiramente liberta do corpo, a lembrança dessa segunda vida de que há pouco eu vos falava.

Procurai distinguir bem essas duas espécies de sonhos, entre aqueles de que vos lembrais; sem isso, cairíeis em contradições e em erros que seriam funestos à vossa fé.”

Os sonhos são efeito da emancipação da alma, que se torna mais independente pela suspensão da vida ativa e de relação. Daí uma espécie de clarividência indefinida, que se estende aos lugares mais distantes ou que jamais se viu, e algumas vezes até a outros mundos. Daí também a lembrança que traz à memória acontecimentos verificados na presente existência ou

em existências anteriores. A extravagância das imagens do que se passa ou se passou em mundos desconhecidos, entremeados de coisas do mundo atual, formam esses conjuntos bizarros e confusos, que parecem não ter sentido ou ligação.

A incoerência dos sonhos ainda se explica pelas lacunas produzidas pela lembrança incompleta daquilo que nos apareceu em sonho. Seria algo como uma narração, da qual se truncassem frases ou trechos ao acaso: reunidos depois, os fragmentos restantes perderiam qualquer significação racional.

403. *Por que nem sempre nos lembramos dos sonhos?*

“O que chamais de sono é apenas o repouso do corpo, pois o Espírito está sempre em atividade. No sono, o Espírito recobra um pouco de sua liberdade e se corresponde com os que lhe são caros, quer neste mundo, quer em outros. Mas como o corpo é matéria pesada e grosseira, dificilmente conserva as impressões que o Espírito recebeu, já que tais impressões não chegaram ao Espírito por meio dos órgãos do corpo.”

404. *Que pensar da significação atribuída aos sonhos?*

“Os sonhos não são verdadeiros como o entendem certos adivinhos, de modo que é absurdo acreditar-se que sonhar com tal coisa anuncia tal outra. São verdadeiros no sentido de apresentarem imagens reais para o Espírito, mas que, frequentemente, não guardam nenhuma relação com o que se passa na vida corpórea. São também, como já dissemos, uma recordação; finalmente, podem ser um pressentimento do futuro, permitido por Deus, ou a visão do que ocorre nesse momento em outro lugar para onde a alma se transporta. Não tendes inúmeros exemplos de pessoas que aparecem em sonho a parentes e amigos, a fim de avisá-los do que a elas está acontecendo? Que são essas aparições senão as almas ou os Espíritos dessas pessoas que vêm comunicar-se com os vossos? Quando tendes certeza de que aquilo que vistes realmente aconteceu, não fica provado que a imaginação nada teve a ver com a ocorrência, sobretudo se o que observastes não passava pela vossa mente quando em vigília?”

405. *Muitas vezes vemos em sonho coisas que parecem pressentimentos e que não se cumprem. A que se deve atribuir isto?*

“Podem cumprir-se apenas para o Espírito, ou seja, o Espírito viu aquilo que desejava e *foi buscá-lo*. Convém não esquecer que, durante o sono, a alma está mais ou menos sob a influência da matéria e que, por conseguinte, nunca se liberta completamente das ideias terrenas. O resultado disso é que as preocupações da vigília podem dar ao que se vê a aparência do que se deseja ou do que se teme. É a isto que se pode chamar, realmente, de efeito da imaginação. Quando uma ideia nos preocupa fortemente, a ela ligamos tudo o que vemos.”

406. *Quando vemos em sonho pessoas vivas, que conhecemos perfeitamente, praticarem atos de que absolutamente não cogitam, não é puro efeito de imaginação?*

“De que absolutamente não cogitam? Que sabes a tal respeito? Os Espíritos dessas pessoas vêm visitar o teu, como o teu pode visitar os deles, e nem sempre sabes aquilo em que eles pensam. Além disso, muitas vezes atribuíis, de acordo com o que desejais, a pessoas que conheceis, o que se passou ou se passa em outras existências.”

407. *É necessário o sono completo para a emancipação do Espírito?*

“Não; o Espírito recobra sua liberdade quando os sentidos se entorpecem. Para se emancipar, ele se aproveita de todos os instantes de repouso que o corpo lhe oferece. Desde que haja prostração das forças vitais, o Espírito se desprende; quanto mais fraco o corpo, mais livre se torna o Espírito.”

É assim que a sonolência, ou o simples entorpecimento dos sentidos, muitas vezes apresenta as mesmas imagens que vemos em sonho.

408. *Algumas vezes temos a impressão de ouvir em nós mesmos palavras pronunciadas distintamente e que não guardam nenhuma relação com o que nos preocupa. Qual a razão disto?*

“Sim, e mesmo frases inteiras, sobretudo quando os sentidos começam a entorpecer-se. É, algumas vezes, o fraco eco de um Espírito que deseja comunicar-se contigo.”

409. *Frequentemente, num estado que ainda não é de sonolência, quando temos os olhos fechados, vemos imagens distintas, figuras, das quais apanhamos os mais minuciosos detalhes. É um efeito de visão ou de imaginação?*

“Estando entorpecido o corpo, o Espírito procura quebrar sua cadeia; transporta-se e vê. Se já fosse completo o sono, isso seria um sonho.”

410. *Algumas vezes, durante o sono ou quando nos achamos ligeiramente adormecidos, temos ideias que parecem muito boas e que, a despeito dos esforços que fazemos para nos lembrarmos delas, apagam-se da nossa memória. De onde vêm tais ideias?*

“São o resultado da liberdade do Espírito que se emancipa e goza de mais faculdades nesse momento. Frequentemente, também, são conselhos dados por outros Espíritos.”

- 410-a. *De que servem essas ideias e esses conselhos, já que não nos lembramos deles e assim não os podemos aproveitar?*

“Não raro essas ideias dizem mais respeito ao mundo dos Espíritos do que ao mundo corpóreo. Contudo, se na maioria das vezes o corpo esquece, o Espírito lembra, voltando-lhe a ideia, na ocasião oportuna, como inspiração de momento.”

411. *O Espírito encarnado, nos momentos em que está livre da matéria e atuando como Espírito, sabe qual será a época de sua morte?*

“Muitas vezes ele a pressente; algumas vezes tem plena consciência dessa época, o que lhe dá, no estado de vigília, a sua intuição. É por isso que certas pessoas preveem a própria morte com grande exatidão.”

412. *A atividade do Espírito pode fatigar o corpo durante o repouso ou o sono corpóreo?*

“Sim, porque o Espírito se acha preso ao corpo qual balão cativo ao poste. Ora, da mesma forma que as sacudidelas do balão abalam o poste, a atividade do Espírito reage sobre o corpo e pode fatigá-lo.”

Visitas espíritas entre pessoas vivas

413. *Do princípio da emancipação da alma durante o sono, parece resultar que temos duas existências simultâneas: a do corpo, que nos dá a vida de relação ostensiva, e a da alma, que nos dá a vida de relação oculta. Isto é exato?*

“No estado de emancipação, a vida do corpo cede lugar à vida da alma. Mas, a bem dizer, não são duas existências. São, na verdade, duas fases da mesma existência, porque o homem não vive duplamente.”

414. *Duas pessoas que se conhecem podem visitar-se durante o sono?*

“Sim, e muitas outras que julgam não se conhecerem reúnem-se e conversam. Podes ter, sem que o suspeites, amigos em outro país. O fato de irdes vos encontrar, durante o sono, com amigos, parentes, conhecidos e pessoas que vos podem ser úteis é tão frequente que quase todas as noites fazeis essas visitas.”

415. *Qual pode ser a utilidade dessas visitas noturnas, já que não nos lembramos delas?*

“Em geral, guardais a intuição dessas visitas ao despertardes. Muitas vezes essa intuição é a fonte de certas ideias que vos surgem espontaneamente, sem que possais explicá-las, e que são exatamente as que adquiristes nessas conversas.”

416. *O homem pode provocar as visitas espíritas por ato da sua vontade? Pode, por exemplo, dizer antes de dormir: Esta noite quero encontrar-me em Espírito com tal pessoa, falar-lhe e dizer-lhe tal coisa?*

“Eis o que se passa. Quando o homem adormece, seu Espírito desperta e, na maioria das vezes, o que o homem havia decidido o Espírito está bem longe de seguir, pois a vida do homem pouco interessa ao seu Espírito, uma vez desprendido da matéria. Isto com relação a homens já bastante elevados; os outros passam de modo muito diverso a fase espiritual de sua existência. Entregam-se às suas paixões ou se mantêm inativos. Pode, pois, acontecer, conforme os motivos que a isso o induzem, que o

Espírito vá visitar aqueles com quem deseja encontrar-se, mas o fato de tê-lo desejado em vigília não é razão para que o faça.”

417. *Os Espíritos encarnados podem reunir-se em certo número e, assim, formar assembleias?*

“Sem dúvida alguma. Os laços de amizade, antigos ou recentes, reúnem frequentemente diversos Espíritos, que se sentem felizes de estar juntos.”

Pelo termo *antigos* se devem entender os laços de amizade contraídos em existências anteriores. Ao despertar, guardamos intuição das ideias que haurimos nessas conversas ocultas, embora lhe ignoremos a fonte.

418. *Uma pessoa que julgasse morto um de seus amigos, que na verdade não o estava, poderia encontrar-se com ele, em Espírito, e, assim, saber que está vivo? Poderia, nesse caso, ter a intuição do fato ao despertar?*

“Como Espírito, essa pessoa pode ver o seu amigo e conhecer sua sorte. Se não lhe houver sido imposto como prova acreditar na morte desse amigo, poderá ter um pressentimento da sua existência, como poderá ter o de sua morte.”

Transmissão oculta do pensamento

419. *Por que a mesma ideia, a de uma descoberta, por exemplo, surge ao mesmo tempo em vários pontos?*

“Já dissemos que durante o sono os Espíritos se comunicam entre si. Pois bem! Quando o corpo desperta, o Espírito se lembra do que aprendeu e o homem julga ter inventado. Assim, muitos podem descobrir a mesma coisa ao mesmo tempo. Quando dizeis que uma ideia está no ar, fazeis uso de uma figura de linguagem mais exata do que supondes. Cada um contribui, sem o suspeitar, para propagá-la.”

Assim, muitas vezes o nosso próprio Espírito revela a outros Espíritos, sem que saibamos, o que constituía objeto de nossas preocupações durante a vigília.

420. *Os Espíritos podem comunicar-se, se o corpo estiver completamente acordado?*

“O Espírito não se acha encerrado no corpo como numa caixa; irradia por todos os lados. Por isso pode comunicar-se com outros Espíritos, mesmo em estado de vigília, embora o faça mais dificilmente.”

421. *Como se explica que duas pessoas, perfeitamente acordadas, tenham instantaneamente a mesma ideia?*

“São dois Espíritos simpáticos que se comunicam e veem reciprocamente seus pensamentos, mesmo quando o corpo não está dormindo.”

Há entre os Espíritos que se encontram uma comunicação de pensamentos que faz com que duas pessoas se vejam e se compreendam sem necessidade dos sinais exteriores da linguagem. Poder-se-ia dizer que falam entre si a linguagem dos Espíritos.

Letargia, catalepsia, mortes aparentes

422. *Geralmente, os letárgicos e os catalepticos veem e ouvem o que se passa em volta deles, mas não podem manifestá-lo. É pelos olhos e ouvidos do corpo que têm essas percepções?*

“Não; é pelo Espírito. O Espírito tem consciência de si, mas não pode comunicar-se.”

- 422-a. *Por que não pode comunicar-se?*

“O estado do corpo a isso se opõe. Esse estado particular dos órgãos vos dá a prova de que no homem existe alguma coisa além do corpo, porquanto, embora o corpo já não funcione, o Espírito continua ativo.”

423. *Na letargia, o Espírito pode separar-se inteiramente do corpo, de modo a dar a este todas as aparências da morte, e voltar a ele em seguida?*

“Na letargia, o corpo não está morto, pois há funções que continuam a realizar-se. Sua vitalidade se encontra em estado latente, como na crisálida, mas não se aniquila. Ora, o Espírito está unido ao corpo enquanto este vive. Uma vez desfeitos os laços pela morte *real* e pela desagregação dos órgãos, a separação é completa e o Espírito não volta mais. Quando um

homem aparentemente morto volta à vida, é que a morte não se havia completado.”

424. *Por meio de cuidados dispensados a tempo, podem reatar-se laços prestes a se desfazerem, restituindo-se à vida um ser que, por falta de socorro, morreria inapelavelmente?*

“Sim, sem dúvida, e todos os dias tendes a prova disso. Muitas vezes, em tais casos, o magnetismo constitui poderoso meio de ação, porque restitui ao corpo o fluido vital que lhe falta e que era insuficiente para manter o funcionamento dos órgãos.”

A letargia e a catalepsia têm o mesmo princípio, que é a perda momentânea da sensibilidade e do movimento, por uma causa fisiológica ainda não explicada. Diferem uma da outra pelo fato de que, na letargia, a suspensão das forças vitais é geral e dá ao corpo todas as aparências da morte; na catalepsia, ela é localizada e pode afetar uma parte mais ou menos extensa do corpo, de modo a deixar a inteligência livre para se manifestar, o que não permite confundi-la com a morte. A letargia é sempre natural. A catalepsia, em certas ocasiões, é espontânea, mas pode ser provocada e desfeita artificialmente pela ação magnética.

Sonambulismo

425. *O sonambulismo natural tem alguma relação com os sonhos? Como explicá-lo?*

“É um estado de independência da alma, mais completo que no sonho, estado em que as suas faculdades ficam mais desenvolvidas. A alma tem percepções de que não dispõe no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito.

No sonambulismo, o Espírito está na posse plena de si mesmo. Os órgãos materiais, achando-se de certa forma em estado de catalepsia, não mais recebem as impressões *exteriores*. Esse estado se manifesta principalmente durante o sono; é o momento em que o Espírito pode abandonar provisoriamente o corpo, por se encontrar este gozando do repouso indispensável à matéria. Quando se produzem os fatos do sonambulismo, é que o Espírito, preocupado com uma

coisa ou outra, entrega-se a uma ação qualquer que necessita do uso do seu corpo, do qual ele então se serve, como se serve de uma mesa ou de outro objeto material no fenômeno das manifestações físicas, ou mesmo de vossa mão no caso das comunicações escritas. Nos sonhos de que se tem consciência, os órgãos, até mesmo os da memória, começam a despertar. Recebem imperfeitamente as impressões produzidas por objetos ou causas externas e as comunicam ao Espírito que, então, também em repouso, só capta sensações confusas e quase sempre incoerentes, sem nenhuma aparente razão de ser, mescladas de vagas lembranças, quer da existência atual, quer das anteriores. Facilmente, portanto, se compreende por que os sonâmbulos não se recordam do que se passou no estado sonambúlico e por que os sonhos, cuja lembrança conservam, na maioria das vezes já não têm nenhum sentido. Digo na maioria das vezes, porque também acontece serem eles a consequência de lembrança precisa de acontecimentos de uma vida anterior e, por vezes, até mesmo de uma espécie de intuição do futuro.”

426. *O chamado sonambulismo magnético tem alguma relação com o sonambulismo natural?*

“É a mesma coisa, a não ser pelo fato de ser provocado.”

427. *Qual a natureza do agente chamado fluido magnético?*

“Fluido vital, electricidade animalizada, que são modificações do fluido universal.”

428. *Qual é a causa da clarividência sonambúlica?*

“Já o dissemos: *é a alma que vê*.”

429. *Como o sonâmbulo pode ver através de corpos opacos?*

“Não há corpos opacos senão para os vossos órgãos grosseiros. Já não dissemos que, para o Espírito, a matéria não oferece obstáculo, pois que ele a atravessa livremente? Com frequência ele vos diz que vê pela frente, pelo joelho etc., porque vós, inteiramente mergulhados na matéria, não compreendeis que ele possa ver sem o auxílio dos órgãos. Ele mesmo, pelo desejo que manifestais, julga precisar de tais órgãos, mas, se o deixásseis livre,

compreenderia que vê por todas as partes do seu corpo, ou, melhor dizendo, que vê de fora do seu corpo.”

430. *Já que a clarividência do sonâmbulo é a de sua alma ou de seu Espírito, por que ele não vê tudo e tantas vezes se engana?*

“Primeiro, não é permitido aos Espíritos imperfeitos verem tudo e tudo conhecerem. Sabes perfeitamente que eles ainda partilham dos vossos erros e preconceitos. E, depois, quando estão presos à matéria, não gozam de todas as suas faculdades de Espírito. Deus deu ao homem a faculdade sonambúlica com um fim útil e sério, e não para lhe ensinar o que não deve saber. Eis por que os sonâmbulos nem tudo podem dizer.”

431. *Qual a origem das ideias inatas do sonâmbulo e como pode falar com exatidão de coisas que ignora no estado de vigília, até mesmo das que estão acima de sua capacidade intelectual?*

“Acontece que o sonâmbulo possui mais conhecimentos do que supões. Apenas estão adormecidos, porque seu envoltório é imperfeito demais para que possa lembrar-se deles. Que é, afinal, um sonâmbulo? Espírito como nós, encarnado na matéria para cumprir a sua missão, e o estado em que entra o desperta dessa letargia. Já te dissemos repetidamente que revivemos muitas vezes; é essa mudança que o faz perder materialmente o que conseguiu aprender na existência precedente. Entrando no estado a que chamas *crise*, ele se lembra, mas nem sempre de maneira completa; sabe, mas não poderia dizer de onde lhe vem o que sabe, nem como possui esses conhecimentos. Passada a crise, toda lembrança se apaga e ele volta à obscuridade.”

Mostra a experiência que os sonâmbulos também recebem comunicações de outros Espíritos, que lhes transmitem o que devem dizer, suprimindo a sua deficiência. Isto se observa principalmente nas prescrições médicas: o Espírito do sonâmbulo vê o mal, outro lhe indica o remédio. Essa dupla ação é às vezes evidente e se revela, além disso, por estas expressões muito frequentes: *dizem-me* que diga, ou *proíbem-me* de dizer tal coisa. Neste último caso, é sempre perigoso insistir em obter a revelação negada, porque então se dá chance a que intervenham Espíritos levianos, que falam de tudo sem escrúpulo e sem se importarem com a verdade.

432. *Como se explica a visão a distância em alguns sonâmbulos?*
“A alma não se transporta durante o sono? É a mesma coisa no sonambulismo.”
433. *O desenvolvimento maior ou menor da clarividência sonambúlica depende da organização física ou da natureza do Espírito encarnado?*
“De ambas. Há disposições físicas que permitem ao Espírito libertar-se mais ou menos facilmente da matéria.”
434. *As faculdades de que o sonâmbulo desfruta são as mesmas que tem o Espírito depois da morte?*
“Até certo ponto, pois é preciso levar em conta a influência da matéria à qual o Espírito do sonâmbulo ainda se acha ligado.”
435. *O sonâmbulo pode ver os outros Espíritos?*
“A maioria deles os vê muito bem, dependendo do grau e da natureza da lucidez de cada um. No entanto, algumas vezes eles não se dão conta disso, no primeiro momento, e os tomam por seres corpóreos. Isso acontece principalmente aos que não têm nenhum conhecimento do Espiritismo; ainda não compreendem a essência dos Espíritos, ficam espantados e, por isso, acreditam estar vendo seres encarnados.”
O mesmo efeito se produz no momento da morte, entre os que ainda se julgam vivos. Não percebem nenhuma mudança ao seu redor, parecendo-lhes que os Espíritos têm corpos iguais aos nossos; daí por que tomam a aparência do próprio corpo por um corpo real.
436. *O sonâmbulo que vê a distância, vê do lugar onde está o seu corpo ou daquele em que está sua alma?*
“Por que esta pergunta, já que é a alma quem vê e não o corpo?”
437. *Considerando-se que é a alma que se transporta, como pode o sonâmbulo experimentar no corpo as sensações do frio e do calor existentes no lugar em que se encontra sua alma, algumas vezes bem distante daquele em que está o seu corpo?*
“A alma não deixou inteiramente o corpo, ao qual está sempre ligada por um laço, que é o condutor das sensações. Quando duas

peçoas se correspondem de uma cidade a outra por meio da eletricidade, o laço que liga os seus pensamentos é a eletricidade, por isso elas se comunicam como se estivessem uma ao lado da outra.”

438. *O uso que um sonâmbulo faz da sua faculdade influi no estado do seu Espírito depois da morte?*

“Sim, como o uso bom ou mau de todas as faculdades que Deus concedeu ao homem.”

Êxtase

439. *Qual a diferença entre o êxtase e o sonambulismo?*

“O êxtase é um sonambulismo mais apurado. A alma do extático é ainda mais independente.”

440. *O Espírito do extático penetra realmente nos mundos superiores?*

“Sim, ele os vê e compreende a felicidade dos que os habitam, razão por que gostaria de neles permanecer. Mas há mundos inacessíveis aos Espíritos que ainda não estão bastante purificados.”

441. *Quando o extático exprime o desejo de deixar a Terra, fala sinceramente? E não o retém o instinto de conservação?*

“Isso depende do grau de purificação do Espírito. Se vê a sua posição futura melhor que a da vida presente, esforça-se por desfazer os laços que o prendem à Terra.”

442. *Se abandonássemos o extático a si mesmo, sua alma poderia abandonar definitivamente o corpo?*

“Sim, ele poderia morrer. Por isso é preciso chamá-lo por meio de tudo que o possa prender a este mundo, sobretudo fazendo-lhe compreender que a maneira mais certa de não ficar lá, onde vê que seria feliz, consistiria em partir a cadeia que o retém ao planeta terreno.”

443. *Há coisas que o extático pensa ver, mas que, evidentemente, resultam de uma imaginação abalada pelas crenças e preconceitos terrenos. Assim, nem tudo o que ele vê é real?*

“O que ele vê é real para ele, mas, como o seu Espírito está sempre sob a influência das ideias terrenas, pode ver à sua maneira, ou, melhor dizendo, pode exprimir o que viu numa linguagem condizente com os seus preconceitos e as ideias em que foi criado, ou com os vossos preconceitos, a fim de ser mais bem compreendido. É sobretudo nesse sentido que ele pode errar.”

444. *Qual o grau de confiança que se pode depositar nas revelações dos extáticos?*

“O extático pode enganar-se com muita frequência, sobretudo quando quer penetrar naquilo que deve continuar a ser mistério para o homem, porque, então, se deixa levar por suas próprias ideias, ou se torna joguete de Espíritos enganadores que se aproveitam de seu entusiasmo para o fascinar.”

445. *Que consequências se podem tirar dos fenômenos do sonambulismo e do êxtase? Não seriam uma espécie de iniciação à vida futura?*

“É, melhor dizendo, a vida passada e a vida futura que o homem entrevê. Que ele estude esses fenômenos e neles encontrará a solução de mais de um mistério que a sua razão procura inutilmente devassar.”

446. *Os fenômenos do sonambulismo e do êxtase poderiam conciliar-se com o materialismo?*

“Quem os estuda de boa-fé e sem prevenções não pode ser materialista, nem ateu.”

Segunda vista⁴¹

447. *O fenômeno designado pelo nome de segunda vista tem alguma relação com o sonho e o sonambulismo?*

“Tudo isso é uma coisa só. No que chamais *segunda vista*, o Espírito ainda está mais livre, embora o corpo não esteja adormecido. A segunda vista é a vista da alma.”

⁴¹ N.T.: O mesmo que *dupla vista*.

448. *A segunda vista é permanente?*

“A faculdade, sim; o exercício, não. Nos mundos menos materiais que o vosso, os Espíritos se desprendem mais facilmente e se põem em comunicação apenas pelo pensamento, sem excluir, todavia, a linguagem articulada. É por isso que em tais mundos a segunda vista é uma faculdade permanente para a maioria de seus habitantes. Seu estado normal pode ser comparado ao dos vossos sonâmbulos lúcidos, e esta é também a razão pela qual eles se manifestam a vós mais facilmente do que os que estão encarnados em corpos mais grosseiros.”

449. *A segunda vista se desenvolve espontaneamente ou pela vontade de quem a possui?*

“Na maioria das vezes ela é espontânea, mas não raro a vontade também desempenha importante papel. Se tomares como exemplo algumas dessas pessoas a quem se dá o nome de leitores de sorte, algumas das quais dotadas desta faculdade, verás que é com o auxílio da própria vontade que entram no estado de segunda vista, ou naquilo que chamas visão.”

450. *A segunda vista é capaz de desenvolver-se pelo exercício?*

“Sim, o trabalho conduz sempre ao progresso, dissipando o véu que encobre as coisas.”

450-a. *Esta faculdade tem alguma relação com a organização física?*

“Certamente que o organismo desempenha o seu papel, mas há organismos que lhe são refratários.”

451. *Por que a segunda vista parece hereditária em certas famílias?*

“Por semelhança do organismo, que se transmite como as outras qualidades físicas. Depois, a faculdade se desenvolve por uma espécie de educação, que também se transmite de um a outro.”

452. *É verdade que certas circunstâncias desenvolvem a segunda vista?*

A moléstia, a proximidade do perigo, uma grande comoção podem desenvolvê-la. Às vezes o corpo vem a achar-se num estado especial que permite ao Espírito ver o que não podeis ver com os olhos do corpo.”

Os tempos de crise e de calamidades, as grandes emoções, todas as causas, enfim, que superexcitam o moral provocam, às vezes, o desenvolvimento da segunda vista. É como se a Providência, diante de um perigo que nos ameace, nos desse o meio de afastá-lo. Todas as seitas e todos os partidos perseguidos nos oferecem inúmeros exemplos desse fato.

453. *As pessoas dotadas de segunda vista têm sempre consciência de sua faculdade?*

“Nem sempre. Consideram isso perfeitamente natural e muitos creem que, se cada um se observasse melhor, todos veriam que são como eles.”

454. *Poder-se-ia atribuir a uma espécie de segunda vista a perspicácia de certas pessoas que, sem nada terem de extraordinário, julgam as coisas com mais precisão do que outras?*

“É sempre a alma que irradia mais livremente e julga melhor do que sob o véu da matéria.”

454-a. *Esta faculdade pode dar, em alguns casos, a presciência das coisas?*

“Sim. Também dá os pressentimentos, pois há muitos graus nessa faculdade e o mesmo indivíduo pode ter todos os graus, ou apenas alguns.”

Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da segunda vista

455. Os fenômenos do sonambulismo natural se produzem espontaneamente e independem de qualquer causa exterior conhecida. Mas, em certas pessoas dotadas de organização especial, podem ser provocados artificialmente, pela ação do agente magnético. O estado designado pelo nome de *sonambulismo magnético* só difere do sonambulismo natural pelo fato de ser provocado, enquanto o outro é espontâneo. O sonambulismo natural é um fato notório, que ninguém pensa em pôr em dúvida, a despeito dos admiráveis fenômenos que apresenta. Que haveria, pois, de mais extraordinário ou de mais

irracional no sonambulismo magnético, por ser produzido artificialmente, como tantas outras coisas? Dizem que os charlatães o têm explorado; razão a mais para que não seja deixado nas suas mãos. Quando a Ciência se houver apropriado dele, bem menos crédito terá o charlatanismo entre as massas. Enquanto isto não acontece, como o sonambulismo natural ou artificial é um fato, e como contra fatos não há raciocínio possível, ele vai se firmando, a despeito da má vontade de alguns, e isso no seio da própria Ciência, em que penetra por uma infinidade de portinhas, em vez de entrar pela porta larga. Quando ali estiver plenamente firmado, terão que o aceitar sem contestação.

Para o Espiritismo, o sonambulismo é mais que um fenômeno fisiológico, é uma luz projetada sobre a psicologia. É aí que se pode estudar a alma, porque é nele que ela se mostra claramente. Ora, um dos fenômenos que a caracterizam é o da clarividência independente dos órgãos ordinários da vista. Os que contestam isso se baseiam no fato de que o sonâmbulo nem sempre vê, e à vontade do experimentador, como com os olhos. Será de admirar que os efeitos não sejam os mesmos quando os meios são diferentes? Será racional esperar efeitos idênticos, quando o instrumento não existe mais? A alma tem suas propriedades, como os olhos têm as suas. Deve-se julgá-las em si mesmas e não por analogia. A causa da clarividência do sonâmbulo magnético e do sonâmbulo natural é exatamente a mesma: *é um atributo da alma*, uma faculdade inerente a todas as partes do ser incorpóreo que existe em nós, e que tem como limites apenas aqueles assinalados à própria alma. O sonâmbulo vê em todo lugar em que sua alma possa transportar-se, seja qual for a distância.

Na visão a distância, o sonâmbulo não vê as coisas do local onde se encontra o seu corpo, como se fosse por meio de um telescópio. Ele as vê presentes, como se estivesse no lugar em que elas existem, porque, na verdade, sua alma lá se encontra. É por isso que seu corpo fica como que aniquilado e privado de sensações até que a alma venha apossar-se dele novamente. Esta separação parcial da alma e do corpo é um estado anormal, que pode ter duração mais ou menos longa, mas não indefinida; é a causa da fadiga que o

corpo experimenta após certo tempo, sobretudo quando a alma se entrega a um trabalho ativo.

A vista da alma ou do Espírito não é circunscrita e não tem sede determinada, razão por que os sonâmbulos não lhe podem assinalar um órgão especial. Veem porque veem, sem saberem o motivo nem o modo, já que, na condição de Espíritos, a vista não tem para eles foco próprio. *Se se reportam ao corpo*, esse foco lhes parece estar nos centros em que a atividade vital é maior, principalmente no cérebro, na região epigástrica ou no órgão que considerem o ponto de ligação *mais forte* entre o Espírito e o corpo. O poder da lucidez sonambúlica não é indefinido. O Espírito, mesmo quando completamente livre, é limitado em suas faculdades e conhecimentos, segundo o grau de perfeição que haja alcançado; e é mais limitado ainda quando ligado à matéria, da qual sofre a influência. Essa é a causa pela qual a clarividência sonambúlica não é universal nem infalível. E tanto menos se pode contar com a sua infalibilidade, quanto mais a desviem do fim proposto pela Natureza e a transformem em objeto de curiosidade *e de experimentação*. No estado de desprendimento em que se acha, o Espírito do sonâmbulo entra mais facilmente em comunicação com os outros Espíritos *encarnados* ou *não encarnados*. Essa comunicação se estabelece pelo contato dos fluidos que compõem os perispíritos e servem de transmissão ao pensamento, como o fio elétrico. O sonâmbulo não tem, portanto, necessidade de que o pensamento seja articulado por meio da palavra: ele o sente e adivinha. É o que o torna eminentemente impressionável e acessível às influências da atmosfera moral que o envolve. Essa também a razão pela qual o concurso de numerosos espectadores, principalmente de curiosos mais ou menos malevolentes, prejudica de modo essencial o desenvolvimento das faculdades que, a bem dizer, se recolhem sobre si mesmas e só se desdobram com total liberdade num meio íntimo ou simpático. *A presença de pessoas mal-intencionadas ou antipáticas produz sobre ele o efeito do contato da mão sobre a sensitiva.*

O sonâmbulo vê ao mesmo tempo o seu próprio Espírito e o seu corpo; eles são, por assim dizer, dois seres que lhe representam a dupla existência espiritual e corpórea, confundidos, entretanto,

pelos laços que os unem. Nem sempre o sonâmbulo se dá conta dessa situação, e essa *dualidade* faz que muitas vezes ele fale de si como se falasse de uma pessoa estranha. É que ora é o ser corpóreo que fala ao ser espiritual, ora é o ser espiritual que fala ao ser corpóreo.

Em cada uma de suas existências corpóreas, o Espírito adquire um acréscimo de conhecimentos e de experiência. Esquece-os em parte, quando encarnado em matéria excessivamente grosseira, *mas, como Espírito, recorda-se delas*. É por isso que certos sonâmbulos revelam conhecimentos superiores ao seu grau de instrução, e mesmo superiores às suas aparentes capacidades intelectuais. Portanto, a inferioridade intelectual e científica do sonâmbulo, quando desperto, não nos autoriza julgar previamente os conhecimentos que ele possa revelar no estado de lucidez. Conforme as circunstâncias e o objetivo que se tenha em vista, ele os pode haurir da sua própria experiência, da clarividência das coisas presentes, ou dos conselhos que receba de outros Espíritos. Como, porém, seu próprio Espírito pode ser mais ou menos adiantado, possível lhe é dizer coisas mais ou menos exatas.

Pelos fenômenos do sonambulismo, quer natural, quer magnético, a Providência nos dá a prova irrecusável da existência e da independência da alma e nos faz assistir ao sublime espetáculo da sua emancipação. Por esse meio ela nos abre o livro do nosso destino. Quando o sonâmbulo descreve o que se passa a distância, é evidente que ele o vê, mas não com os olhos do corpo. Vê-se a si mesmo nesse local e para lá se sente transportado. Ali se acha, pois, alguma coisa dele, e não podendo ser essa alguma coisa o seu corpo, só pode ser sua alma ou seu Espírito. Enquanto o homem se perde nas sutilezas de uma metafísica abstrata e ininteligível, em busca das causas da nossa existência moral, Deus põe diariamente sob os nossos olhos e ao alcance da mão os meios mais simples e mais evidentes para o estudo da psicologia experimental.

O êxtase é o estado no qual a independência da alma e do corpo se manifesta de modo mais sensível, tornando-se, de certa forma, palpável.

No sonho e no sonambulismo, a alma vaga pelas regiões terrenas. No êxtase, penetra em um mundo desconhecido, o dos Espíritos etéreos, com os quais entra em comunicação, sem, todavia, poder ultrapassar certos limites, que não poderia transpor sem desfazer totalmente os laços que a prendem ao corpo. Um fulgor resplandecente e inteiramente novo a envolve, harmonias desconhecidas na Terra a extasiam, um bem-estar indefinível a invade: goza antecipadamente da beatitude celeste *e pode-se dizer que põe um pé no limiar da eternidade*.

No estado de êxtase, o aniquilamento do corpo é quase completo; ele só mantém, por assim dizer, a vida orgânica. Sente-se que a alma está ligada a ele apenas por um fio, que um esforço a mais poderia romper para sempre.

Nesse estado, desaparecem todos os pensamentos terrestres, cedendo lugar ao sentimento apurado, que é a própria essência do nosso ser imaterial. Inteiramente entregue a tão sublime contemplação, o extático encara a vida apenas como uma parada momentânea; para ele, os bens e os males, as alegrias grosseiras e as misérias da Terra não passam de incidentes fúteis de uma viagem, da qual se sente feliz por ver o termo.

Há extáticos que são como os sonâmbulos: a lucidez pode ser mais ou menos perfeita, e o próprio Espírito, conforme seja seu grau de elevação, mais ou menos apto a conhecer e a compreender as coisas. Algumas vezes, porém, há neles mais exaltação do que verdadeira lucidez, ou, melhor dizendo, sua exaltação lhes prejudica a lucidez. É por isso que suas revelações muitas vezes são uma mistura de verdades e erros, de coisas sublimes e absurdas, ou mesmo ridículas. Espíritos inferiores aproveitam-se frequentemente dessa exaltação, que sempre constitui causa de fraqueza quando não se sabe subjugar-lá, para dominar o extático; para tanto, assumem aos seus olhos *aparências* que o mantêm apegado às ideias e preconceitos do estado de vigília. Eis um escolho, mas nem todos são assim. Cabe a nós julgar friamente e pesar suas revelações na balança da razão.

A emancipação da alma se manifesta, às vezes, no estado de vigília e produz o fenômeno conhecido pelo nome de *segunda vista*, que

dá aos que a possuem a faculdade de ver, ouvir e sentir *além dos limites dos nossos sentidos*. Percebem as coisas ausentes por toda parte onde a alma possa estender a sua ação; veem, por assim dizer, através da vista ordinária e como por uma espécie de miragem.

No momento em que o fenômeno da segunda vista se produz, o estado físico do indivíduo é sensivelmente modificado; o olho tem algo de vago: ele fita sem ver; toda a sua fisionomia reflete uma espécie de exaltação. Constata-se que os órgãos visuais são alheios ao fenômeno, já que a visão persiste, apesar da oclusão dos olhos. Para quem desfruta de tal faculdade, ela parece tão natural como a de ver. Consideram-na um atributo do seu ser, sem nada ter de excepcional. Muitas vezes o esquecimento se segue a essa lucidez passageira, cuja lembrança se torna cada vez mais vaga e acaba por desaparecer, como a de um sonho.

O poder da segunda vista varia desde a sensação confusa até a percepção clara e nítida das coisas presentes ou ausentes. No estado rudimentar, ela confere a certas pessoas o tato, a perspicácia, uma espécie de segurança em seus atos, a que se pode chamar *de precisão de golpe de vista moral*. Mais desenvolvida, desperta pressentimentos; mais desenvolvida ainda, mostra os acontecimentos que se deram ou estão para dar-se.

O sonambulismo natural e artificial, o êxtase e a segunda vista não passam de variedades ou modificações de uma mesma causa. Esses fenômenos, assim como os sonhos, fazem parte da Natureza e, por isso, sempre existiram. A História nos mostra que foram conhecidos e até explorados desde a mais remota antiguidade, encontrando-se neles a explicação de uma porção de fatos que os preconceitos fizeram ser vistos como sobrenaturais.

CAPÍTULO IX



Intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo

- Penetração dos Espíritos em nossos pensamentos
- Influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e atos
- Possessos • Convulsionários • Afeição dos Espíritos por certas pessoas • Anjos da guarda, Espíritos protetores, familiares ou simpáticos • Pressentimentos • Influência dos Espíritos nos acontecimentos da vida • Ação dos Espíritos sobre os fenômenos da Natureza • Os Espíritos durante os combates • Pactos
- Poder oculto. Talismãs. Feiticeiros • Bênção e maldição

Penetração dos Espíritos em nossos pensamentos

456. *Os Espíritos veem tudo o que fazemos?*
“Podem ver, pois constantemente vos rodeiam, mas cada um só vê as coisas a que dá atenção, não se ocupando das que lhes são indiferentes.”
457. *Os Espíritos podem conhecer os nossos mais secretos pensamentos?*
“Muitas vezes conhecem aquilo que desejaríeis ocultar de vós mesmos. Nem atos, nem pensamentos lhes podem ser dissimulados.”
- 457-a. *Sendo assim, parece mais fácil ocultar qualquer coisa de uma pessoa viva do que escondê-la dessa mesma pessoa depois de morta?*

“Certamente, e quando vos julgais bem escondidos, muitas vezes tendes uma multidão de Espíritos que vos observam.”

458. *Que pensam de nós os Espíritos que estão ao nosso redor e nos observam?*

“Depende. Os Espíritos levianos riem dos pequenos aborrecimentos que vos causam e zombam das vossas impaciências. Os Espíritos sérios lamentam as vossas imperfeições e procuram ajudar-vos.”

Influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e atos

459. *Os Espíritos influem em nossos pensamentos e em nossos atos?*

“Muito mais do que imaginais, pois frequentemente são eles que vos dirigem.”

460. *Além dos pensamentos que nos são próprios, haverá outros que nos são sugeridos?*

“Vossa alma é um Espírito que pensa. Não ignorais que muitos pensamentos vos ocorrem ao mesmo tempo sobre o mesmo assunto e, frequentemente, bastante contraditórios. Pois bem! Neles há sempre um pouco de vós e um pouco de nós, e é isso que vos deixa na incerteza, porque tendes em vós duas ideias que se combatem.”

461. *Como distinguir os pensamentos que nos são próprios dos que nos são sugeridos?*

“Quando um pensamento vos é sugerido, é como uma voz que vos fala. Geralmente, os pensamentos próprios são os que vos ocorrem em primeiro lugar. Afinal, não vos é de grande interesse estabelecer essa distinção, e muitas vezes é útil não sabê-la: o homem age mais livremente. Se decidir pelo bem, ele o fará com maior boa vontade; se tomar o mau caminho, maior será a sua responsabilidade.”

462. *Os homens inteligentes e de gênio sempre tiram suas ideias de dentro de si mesmos?*

“Algumas vezes elas lhes vêm do seu próprio Espírito, mas muitas vezes lhes são sugeridas por outros Espíritos que os julgam

capazes de compreendê-las e dignos de transmiti-las. Quando os homens não as encontram em si mesmos, apelam para a inspiração. Sem que suspeitem, fazem verdadeira evocação.”

Se nos fosse útil poder distinguir claramente os nossos pensamentos próprios dos que nos são sugeridos, Deus nos teria dado os meios de consegui-lo, como nos deu o de distinguir o dia da noite. Quando uma coisa permanece vaga, é que assim deve ser para o nosso bem.

463. *Diz-se algumas vezes que o primeiro impulso é sempre bom. Isto é exato?*
“Pode ser bom ou mau, conforme a natureza do Espírito encarnado. É sempre bom naquele que ouve as boas inspirações.”
464. *Como distinguir se um pensamento sugerido procede de um Espírito bom ou de um Espírito mau?*
“Estudai o caso. Os Espíritos bons só aconselham o bem. Cabe a vós distinguir.”
465. *Com que objetivo os Espíritos imperfeitos nos induzem ao mal?*
“Para que sofraís como eles sofrem.”
- 465-a. *Isso diminui os seus sofrimentos?*
“Não. Fazem-no por inveja, ao verem seres mais felizes.”
- 465-b. *Qual a natureza do sofrimento que querem que os outros experimentem?*
“Os que resultam dos seres de ordem inferior, afastados de Deus.”
466. *Por que Deus permite que Espíritos nos incitem ao mal?*
“Os Espíritos imperfeitos são instrumentos destinados a pôr em prova a fé e a constância dos homens no bem. Tu, sendo Espírito, deves progredir na ciência do infinito, e por isso passas pelas provas do mal, para chegares ao bem. Nossa missão é colocar-te no bom caminho, e quando más influências agem sobre ti, é que as atraís pelo desejo do mal, pois os Espíritos inferiores vêm auxiliar-te no mal, quando tens vontade de praticá-lo. Eles não podem ajudar-te no mal senão quando queiras o mal. Pois bem! Se és inclinado ao assassinio, terás uma multidão de Espíritos que alimentarão em ti essa ideia. Mas também terás outros que se empenharão em

influenciar-te para o bem, o que restabelece o equilíbrio da balança e te deixa senhor dos teus atos.”

É assim que Deus deixa à nossa consciência a escolha do caminho que devemos seguir e a liberdade de ceder a uma ou outra das influências contrárias que se exercem sobre nós.

467. *Pode o homem libertar-se da influência dos Espíritos que o impelem ao mal?*

“Sim, visto que tais Espíritos só se apegam aos que os chamam por seus desejos ou os atraem por seus pensamentos.”

468. *Os Espíritos cuja influência é repelida pela vontade do homem renunciam às suas tentativas?*

“Que querias que fizessem? Quando não há nada a fazer, eles cedem o lugar. Entretanto, espreitam o momento favorável, como o gato espreita o rato.”

469. *Por que meios podemos neutralizar a influência dos Espíritos maus?*

“Praticando o bem e pondo toda a vossa confiança em Deus, repelireis a influência dos Espíritos inferiores e destruireis o império que queiram ter sobre vós. Evitai escutar as sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós e excitam todas as paixões más. Desconfiai, sobretudo, dos que exaltam o vosso orgulho, porque eles vos atacam na vossa fraqueza. Essa a razão por que Jesus vos ensinou a dizer, na oração dominical: *Senhor! não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.*”

470. *Os Espíritos que procuram induzir-nos ao mal e que põem assim em prova a nossa firmeza no bem receberam missão de fazê-lo? E se é uma missão que cumprem, terão alguma responsabilidade nisso?*

“Nenhum Espírito recebe a missão de fazer o mal. Quando o faz, age por conta própria e, por conseguinte, sofre as consequências. Deus pode permitir que ele o faça para vos provar, mas não o ordena, cabendo a vós repeli-lo.”

471. *Quando experimentamos uma sensação de angústia, de ansiedade indefinível ou satisfação interior sem causa conhecida, isso se deve unicamente a uma disposição física?*

“É quase sempre efeito das comunicações que, inconscientemente, tendes com os Espíritos, ou que tivestes com eles durante o sono.”

472. *Os Espíritos que nos querem induzir ao mal se limitam a aproveitar as circunstâncias em que nos encontramos ou podem criar essas circunstâncias?*

“Aproveitam a circunstância, mas muitas vezes a provocam, impelindo-vos, sem que o saibais, para o objeto da vossa cobiça. Assim, por exemplo, um homem encontra em seu caminho certa quantia de dinheiro: não penses que foram os Espíritos que a trouxeram para ali. Contudo, eles podem inspirar ao homem a ideia de tomar aquela direção e sugerir-lhe depois a de apoderar-se do dinheiro, enquanto outros lhe sugerem o pensamento de devolver o dinheiro ao dono. Dá-se o mesmo com todas as outras tentações.”

Possessos

473. *Um Espírito pode tomar momentaneamente o invólucro corpóreo de uma pessoa viva, isto é, introduzir-se num corpo animado e agir no lugar do Espírito que nele se encontra encarnado?*

“O Espírito não entra num corpo como entras numa casa. Identifica-se com um Espírito encarnado, cujos defeitos e qualidades sejam os mesmos que os seus, a fim de agirem conjuntamente. Mas é sempre o Espírito encarnado quem atua, conforme queira, sobre a matéria de que se acha revestido. Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado, pois este terá que permanecer ligado ao seu corpo até o termo fixado para sua existência material.”

474. *Se não há possessão propriamente dita, isto é, coabitação de dois Espíritos no mesmo corpo, pode a alma ficar na dependência de outro Espírito, de modo a ser por ele subjugada ou obsidiada a ponto de sua vontade vir a achar-se, de certo modo, paralisada?*

“Sim, e são esses os verdadeiros possessos, mas é preciso que saibas que essa dominação jamais se dá sem a participação de quem a sofre, *quer por sua fraqueza, quer por desejá-la*. Muitas vezes se têm tomado por possessos alguns epiléticos ou loucos, que mais necessitavam de médico do que de exorcismo.”

Na sua acepção vulgar, a palavra *possesso* supõe a existência de demônios, isto é, de uma categoria de seres de natureza má, e a coabitação de um desses seres com a alma de um indivíduo, no seu corpo. Considerando-se que, *nesse sentido*, não há demônios e que dois Espíritos não podem habitar simultaneamente o mesmo corpo, não há possessos segundo a ideia comumente associada a esta palavra. Pela palavra *posse* deve-se entender apenas a dependência absoluta em que uma alma pode achar-se com relação a Espíritos imperfeitos que a subjuguem.

475. *Pode uma pessoa, por si mesma, afastar os Espíritos maus e libertar-se do domínio deles?*

“Sempre se pode sacudir um jugo, quando se tem vontade firme.”

476. *Não pode acontecer que a fascinação exercida por um Espírito mau seja tal que a pessoa subjugada não perceba? Nesse caso, uma terceira pessoa pode fazer que cesse a sujeição da outra? Que condição deve preencher essa terceira pessoa?*

“Se for um homem de bem, sua vontade poderá ajudar, apelando para o concurso dos Espíritos bons, porque quanto mais virtuosa for a pessoa, tanto mais poder terá sobre os Espíritos imperfeitos, para afastá-los, e sobre os bons, para atraí-los. Todavia, essa terceira pessoa será impotente, se aquele que estiver *subjugado* não lhe prestar o seu concurso. Há pessoas que se comprazem numa dependência que favorece seus gostos e desejos. Seja, porém, qual for o caso, aquele que não tiver puro o coração não poderá exercer nenhuma influência; os Espíritos bons não lhe atendem ao chamado e os maus não o temem.”

477. *As fórmulas de exorcismo têm alguma eficácia sobre os Espíritos maus?*
“Não. Quando esses Espíritos veem alguém tomá-las a sério, riem e se obstinam.”

478. *Há pessoas que, embora animadas de boas intenções, não deixam de ser obsidiadas. Qual o melhor meio de nos livrarmos dos Espíritos obsessores?*

“Cansar-lhes a paciência, não dar nenhuma importância às suas sugestões e mostrar-lhes que estão perdendo seu tempo. Ao verem que nada conseguem, afastam-se.”

479. *A prece é um meio eficiente para curar a obsessão?*

“A prece é um poderoso socorro em tudo, mas crede que não basta murmurar algumas palavras para obter o que se deseja. Deus assiste os que agem, e não os que se limitam a pedir. É preciso, pois, que o obsidiado faça, por sua vez, o que for necessário para destruir em si mesmo a causa que atrai os Espíritos maus.”

480. *Que se deve pensar da expulsão dos demônios, de que fala o Evangelho?*

“Depende da interpretação. Se chamais de *demônio* o Espírito mau que subjuga um indivíduo, uma vez destruída essa influência, ele terá sido expulso realmente. Se atribuíis uma doença ao demônio, quando a houverdes curado, também direis que expulsastes o demônio. Uma coisa pode ser verdadeira ou falsa, conforme o sentido que se der às palavras. As maiores verdades podem parecer absurdas quando se olha apenas a forma e quando se toma a alegoria pela realidade. Compreendi bem isto e guardai-o, pois é de aplicação geral.”

Convulsionários

481. *Os Espíritos desempenham algum papel nos fenômenos que se produzem com os indivíduos chamados convulsionários?*

“Sim, e muito grande, assim como o magnetismo, que é a fonte primeira desses fenômenos. Muitas vezes, porém, o charlatanismo tem explorado e exagerado esses efeitos, o que os fez cair no ridículo.”

481-a. *De que natureza são, em geral, os Espíritos que concorrem para a produção desses fenômenos?*

“Pouco elevada. Acreditais que Espíritos superiores se divirtam com tais coisas?”

482. *De que modo o estado anormal dos convulsionários e dos que sofrem das chamadas crises pode estender-se subitamente a toda uma população?*

“Efeito de simpatia. Em certos casos, as disposições morais se comunicam com muita facilidade. Não sois tão alheio aos efeitos magnéticos que não possais compreender isto, assim como a participação que alguns Espíritos devem tomar no fato, por simpatia para com aqueles que os provocam.”

Entre as singulares faculdades que se notam nos convulsionários, algumas facilmente se reconhecem, das quais o sonambulismo e o magnetismo oferecem numerosos exemplos; tais são, entre outras, a insensibilidade física, a leitura do pensamento, a transmissão das dores por simpatia etc. Não há razão para pôr em dúvida que os indivíduos acometidos por crises nervosas estejam numa espécie de sonambulismo desperto, provocado pela influência que exercem uns sobre os outros. Embora não se deem conta, eles são, ao mesmo tempo, magnetizadores e magnetizados.

483. *Qual a causa da insensibilidade física que se observa em alguns convulsionários e em certos indivíduos submetidos às torturas mais cruéis?*

“Em alguns, é um efeito exclusivamente magnético, que atua sobre o sistema nervoso, do mesmo modo que o fazem certas substâncias. Em outros, a exaltação do pensamento amortece a sensibilidade, como se nestes a vida tivesse se retirado do corpo para se concentrar no Espírito. Não sabeis que, quando o Espírito está muito preocupado com uma coisa, o corpo não sente, não vê e nada escuta?”

Nos casos de suplícios, a exaltação fanática e o entusiasmo oferecem, frequentemente, exemplos de calma e sangue-frio que não seriam capazes de vencer uma dor aguda, senão admitindo que a sensibilidade se acha neutralizada por uma espécie de efeito anestésico. Sabe-se que, no calor da batalha, muitas vezes não se percebe um ferimento grave, ao passo que, em circunstâncias ordinárias, um simples arranhão faria estremecer.

Visto que esses fenômenos dependem de uma causa física e da ação de certos Espíritos, é de perguntar-se como, em alguns casos, a autoridade pública foi capaz de fazê-los cessar. A razão é simples. Neste caso, a ação dos Espíritos é meramente secundária; apenas aproveitam de uma

disposição natural. A autoridade não suprimiu essa disposição, mas a causa que a entretinha e exaltava. De ativa passou a latente, tendo a autoridade razão de agir assim, porque do fato resultava abuso e escândalo. Ademais, sabe-se que essa intervenção é impotente, quando a ação dos Espíritos é direta e espontânea.

Afeição dos Espíritos por certas pessoas

484. *Os Espíritos se afeioam de preferência a certas pessoas?*

“Os Espíritos bons simpatizam com os homens de bem, ou suscetíveis de se melhorarem. Os Espíritos inferiores, com os homens viciosos, ou que podem tornar-se viciosos. Daí o seu apego, resultante da semelhança de sentimentos.”

485. *A afeição dos Espíritos por certas pessoas é exclusivamente moral?*

“A verdadeira afeição nada tem de carnal, mas quando um Espírito se apega a uma pessoa, nem sempre o faz por afeição, pois pode agregar a esse apego uma reminiscência das paixões humanas.”

486. *Os Espíritos se interessam pelos nossos infortúnios e pela nossa prosperidade? Os que nos querem bem se afligem com os males que padecemos durante a vida?*

“Os Espíritos bons fazem todo o bem que podem e se sentem felizes com as vossas alegrias. Afligem-se com os vossos males, quando não os suportais com resignação, porque esses males não vos trazem nenhum benefício, já que então procedeis como o doente que rejeita o remédio amargo que o há de curar.”

487. *Dentre os nossos males, quais os que mais afligem os Espíritos por nossa causa? Serão os males físicos ou os morais?*

“O vosso egoísmo e a dureza dos vossos corações. Daí decorre tudo o mais. Riem-se de todos esses males imaginários que nascem do orgulho e da ambição; alegram-se com os que têm por fim abreviar a duração das vossas provas.”

Sabendo que a vida corpórea é transitória e que as tribulações que a acompanham são meios de alcançar um estado melhor, os Espíritos se

afligem mais pelas causas morais, que deles nos afastam, do que pelos nossos males físicos, que são apenas passageiros. Pouco se incomodam com os infortúnios que apenas atingem as nossas ideias mundanas, tal como fazemos com as mágoas pueris da infância.

Vendo nas aflições da vida um meio de nos adiantarmos, os Espíritos as consideram como a crise momentânea que deve salvar o doente. Compadecem-se dos nossos sofrimentos, como nos compadecemos dos de um amigo; porém, enxergando as coisas de um ponto de vista mais justo, eles os apreciam de modo diverso do nosso. Enquanto os Espíritos bons nos levantam o ânimo no interesse do nosso futuro, os outros nos induzem ao desespero, visando comprometê-lo.

488. *Os parentes e amigos que nos precederam na outra vida têm mais simpatia por nós do que os Espíritos que nos são estranhos?*

“Sem dúvida, e quase sempre vos protegem como Espíritos, segundo o poder de que dispõem.”

488-a. *São sensíveis à afeição que lhes conservamos?*

“Muito sensíveis, mas se esquecem daqueles que os esquecem.”

Anjos da guarda, Espíritos protetores, familiares ou simpáticos

489. *Há Espíritos que se ligam particularmente a um indivíduo para protegê-lo?*

“Sim, o irmão espiritual. É o que chamais o *Espírito bom* ou o *gênio bom*.”

490. *Que se deve entender por anjo da guarda?*

“O Espírito protetor, pertencente a uma ordem elevada.”

491. *Qual a missão do Espírito protetor?*

“A de um pai em relação aos filhos: conduzir seu protegido pelo bom caminho, ajudá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas aflições e encorajá-lo nas provas da vida.”

492. *O Espírito protetor liga-se ao indivíduo desde o seu nascimento?*
“Desde o nascimento até a morte. Muitas vezes ele o segue após a morte, na vida espiritual, e mesmo por intermédio de muitas existências corpóreas, já que tais existências não passam de fases bem curtas da vida do Espírito.”
493. *A missão do Espírito protetor é voluntária ou obrigatória?*
“O Espírito é obrigado a velar por vós, já que aceitou essa tarefa, mas pode escolher os seres que lhe são simpáticos. Para alguns, é um prazer; para outros, uma missão ou um dever.”
- 493-a. *Ligando-se a uma pessoa, o Espírito renuncia a proteger outros indivíduos?*
“Não, mas o faz com menos exclusividade.”
494. *O Espírito protetor fica fatalmente preso à criatura confiada à sua guarda?*
“Acontece frequentemente que alguns Espíritos deixam sua condição de protetor para desempenhar diversas missões, mas, nesse caso, outros os substituem.”
495. *O Espírito protetor abandona algumas vezes o seu protegido, quando este não lhe ouve os conselhos?*
“Afasta-se, quando vê que seus conselhos são inúteis e que mais forte é a vontade do seu protegido em submeter-se à influência dos Espíritos inferiores, mas não o abandona completamente e sempre se faz ouvir. O homem é que fecha os ouvidos. O protetor volta, desde que chamado.
Se há uma doutrina que, pelo seu encanto e doçura, deveria converter os mais incrédulos, é a dos anjos da guarda. Pensar que tendes sempre ao vosso lado seres que vos são superiores, prontos sempre a vos aconselhar e amparar, a vos ajudar a escalar a áspera montanha do bem, e que são amigos mais firmes e mais devotados do que as mais íntimas ligações que possais contrair na Terra, não vos parece uma ideia muito consoladora? Esses seres estão ao vosso lado por ordem de Deus. Foi Ele quem os colocou perto de vós; aí estão por amor a Ele, desempenhando uma bela, porém penosa missão. Sim, onde quer que estejais, vosso anjo da guarda

estará convosco; cárceres, hospitais, lugares de devassidão, solidão, nada vos separa desse amigo a quem não podeis ver, mas do qual vossa alma sente os suaves impulsos e ouve os mais sábios conselhos.

Ah! se conhecêsseis melhor esta verdade! Quantas vezes ela vos ajudaria nos momentos de crise! Quanto vos livraria dos Espíritos maus! Mas, no dia solene, quantas vezes esse anjo do bem vos terá de dizer: 'Não te aconselhei isto? Entretanto, não o fizeste. Não te mostrei o abismo? Contudo, nele te precipitaste. Não fiz ecoar na tua consciência a voz da verdade? Preferiste, no entanto, seguir os conselhos da mentira.' Oh! interrogai os vossos anjos da guarda; estabelecei entre eles e vós essa terna intimidade que reina entre os melhores amigos. Não penseis em lhes ocultar nada, pois que eles têm o olhar de Deus e não podeis enganá-los. Pensai no futuro; procurai avançar nesta vida, e vossas provações serão mais curtas, vossas existências mais felizes. Vamos, homens, coragem! Lançai para longe, de uma vez por todas, preconceitos e pensamentos ocultos. Entrai no novo caminho que se abre diante de vós. Caminhai! caminhai! tendes guias, segui-os: a meta não vos pode faltar, pois essa meta é o próprio Deus.

Aos que considerem impossível que Espíritos verdadeiramente elevados se imponham uma tarefa tão laboriosa e contínua, diremos que influenciámos vossas almas mesmo estando a milhões de léguas distantes de vós: para nós o espaço não existe e, embora vivendo em outro mundo, os nossos Espíritos conservam suas ligações com os vossos. Gozamos de qualidades que não podeis compreender, mas ficai certos de que Deus não nos impôs tarefa acima de nossas forças e de que não vos deixou sozinhos na Terra, sem amigos e sem amparo. Cada anjo da guarda tem o seu protegido, pelo qual vela, como um pai vela pelo filho. Alegra-se, quando o vê no bom caminho; sofre, quando seus conselhos são ignorados.

Não temais fatigar-nos com as vossas perguntas. Ao contrário, procurai sempre estar em relação conosco, pois assim sereis mais fortes e mais felizes. São essas comunicações de cada homem com o seu Espírito familiar que fazem sejam médiuns todos

os homens, médiuns ignorados hoje, mas que se manifestarão mais tarde e se espalharão qual oceano sem limites, para rechaçar a incredulidade e a ignorância. Homens instruídos, instruí; homens de talento, educai os vossos irmãos. Não imaginais que obra fazeis desse modo: a do Cristo, a que Deus vos impõe. Para que Deus vos concedeu a inteligência e o saber, senão para os repartirdes com os vossos irmãos, senão para fazê-los avançar no caminho da bem-aventurança e da felicidade eterna?”

São Luís, Santo Agostinho

A doutrina dos anjos da guarda, a velarem pelos seus protegidos, apesar da distância que separa os mundos, nada tem que deva surpreender. É, ao contrário, grandiosa e sublime. Não vemos na Terra o pai velar pelo filho, embora esteja longe dele, e auxiliá-lo com seus conselhos, correspondendo-se com ele? Que haverá então de surpreendente em que os Espíritos, de um mundo a outro, possam guiar os que tomaram sob sua proteção, uma vez que para eles a distância que separa os mundos é menor do que a que, neste planeta, separa os continentes? Não dispõem, além disso, do fluido universal que interliga todos os mundos e os torna solidários, veículo imenso da transmissão dos pensamentos, assim como o ar, para nós, é o veículo da transmissão do som?

496. *O Espírito que abandona o seu protegido, não mais lhe fazendo bem, pode fazer-lhe mal?*

“Os Espíritos bons nunca fazem o mal; deixam que o façam os que lhes tomam o lugar, e então acusais a sorte pelas desgraças que vos oprimem, quando a falta é apenas vossa.”

497. *O Espírito protetor pode deixar o seu protegido à mercê de outro Espírito que lhe queira fazer mal?*

“Existe a união dos Espíritos maus para neutralizar a ação dos bons, mas, se o quiser, o protegido dará toda a força ao seu protetor. O Espírito bom talvez encontre, em outro lugar, uma boa vontade a ser auxiliada e, assim, aproveita a oportunidade para ajudá-la, enquanto aguarda a volta do seu protegido.”

498. *Quando o Espírito protetor deixa que seu protegido se extravie na vida, será por não poder lutar contra Espíritos malévolos?*
“Não é porque não possa, mas porque não quer; assim, seu protegido sai das provas mais perfeito e mais instruído. Ele o assiste com seus conselhos, pelos bons pensamentos que lhe inspira, mas que, infelizmente, nem sempre são ouvidos. Somente a fraqueza, a negligência ou o orgulho do homem podem dar força aos Espíritos maus. O poder deles sobre vós advém do fato de não lhes opordes resistência.”
499. *O Espírito protetor está constantemente com o seu protegido? Não haverá alguma circunstância em que, sem abandoná-lo, ele o perca de vista?*
“Há circunstâncias em que a presença do Espírito protetor junto ao seu protegido não é necessária.”
500. *Chegará um tempo em que o Espírito não tenha mais necessidade de anjo da guarda?*
“Sim, quando se torna capaz de conduzir-se por si mesmo, como há um momento em que o aluno não mais precisa de mestre. Mas isso não acontece na Terra.”
501. *Por que é oculta a ação dos Espíritos sobre a nossa existência e por que, quando nos protegem, não o fazem de modo ostensivo?*
“Se contásseis com o amparo deles, não agiríeis por vós mesmos e o vosso Espírito não progrediria. O Espírito precisa de experiência para adiantar-se, experiência que, na maioria das vezes, deve ser adquirida à sua custa. É necessário que exercite suas forças, pois, do contrário, seria como uma criança a quem não permitem que ande sozinha. A ação dos Espíritos que vos querem bem é sempre regulada de maneira a não tolher o vosso livre-arbítrio, visto que, se não tivésseis responsabilidade, não avançaríeis no caminho que vos há de conduzir a Deus. Não vendo quem o ampara, o homem se entrega às suas próprias forças; seu guia, entretanto, vela por ele e, de vez em quando, o adverte, alto e bom som, do perigo.”
502. *O Espírito protetor que consegue trazer ao bom caminho o seu protegido lucra algum bem com isso?*

“É um mérito que lhe será levado em conta, seja para seu progresso, seja para sua felicidade. Sente-se feliz quando vê que seus esforços são bem-sucedidos; é uma vitória para ele, assim como um professor se sente vitorioso pelo sucesso de seu aluno.”

502-a. *É responsável quando não consegue bons resultados?*

“Não, pois fez o que dependia dele.”

503. *O Espírito protetor que vê o seu protegido seguir o mau caminho, apesar dos conselhos que lhe dá, sofre com isso? Esse fato não constitui motivo de perturbação para a sua felicidade?*

“Sofre com os erros de seu protegido e os lamenta, embora essa aflição nada tenha das angústias da paternidade terrena, porque ele sabe que há remédio para o mal e o que não se faz hoje, amanhã se fará.”

504. *Podemos sempre saber o nome do nosso Espírito protetor ou anjo da guarda?*

“Como quereis saber nomes que não existem para vós? Acreditais, então, que só existem os Espíritos que conheceis?”

504-a. *Nesse caso, como então invocá-lo, se não o conhecemos?*

“Dai-lhe o nome que quiserdes, o de um Espírito superior que vos inspire simpatia ou veneração. Vosso Espírito protetor atenderá a esse apelo, visto que todos os Espíritos bons são irmãos e se assistem mutuamente.”

505. *Os Espíritos protetores que tomam nomes conhecidos serão sempre, realmente, os das pessoas que tiveram esses nomes?*

“Não, mas Espíritos que lhes são simpáticos e que muitas vezes comparecem por sua ordem. Precisaís de nomes; então eles tomam um que vos inspire confiança. Quando não podeis realizar pessoalmente uma missão, enviais alguém de vossa confiança, que age em vosso nome.”

506. *Quando estivermos na vida espiritual, reconheceremos o nosso Espírito protetor?*

“Sim, pois não raro já o conhecíeis antes da vossa encarnação.”

507. *Todos os Espíritos protetores pertencem à classe dos Espíritos superiores? Poderão alguns contar-se entre os das classes intermédias? Um pai, por exemplo, pode tornar-se o Espírito protetor de seu filho?*
“Pode, mas a proteção supõe certo grau de elevação e um poder ou uma virtude a mais, concedidos por Deus. O pai, que protege seu filho, também pode ser assistido por um Espírito mais elevado.”
508. *Os Espíritos que se achem em boas condições ao deixarem a Terra sempre podem proteger os que lhes são caros e que lhes sobrevivem?*
“Seu poder é mais ou menos restrito. A situação em que se encontram nem sempre lhes permite inteira liberdade de ação.”
509. *Mesmo no estado de selvageria ou de inferioridade moral, os homens também têm os seus Espíritos protetores? Caso tenham, esses Espíritos serão de ordem tão elevada quanto a dos Espíritos protetores dos homens mais adiantados?*
“Cada homem tem um Espírito que vela por ele, mas as missões são relativas ao seu objetivo. Não dais a uma criança que aprende a ler um professor de Filosofia. O progresso do Espírito familiar segue de perto o do Espírito protegido. Tendo vós mesmos um Espírito superior que vela por vós, podeis, por vossa vez, tornar-vos o protetor de outro que vos seja inferior, e os progressos que este realize, com o auxílio que lhe dispensardes, contribuirão para o vosso adiantamento. Deus não exige do Espírito mais do que comportem a sua natureza e o grau de elevação a que chegou.”
510. *Quando o pai que vela pelo filho reencarna, continua a velar por ele?*
“Isso é mais difícil, mas ele roga, num momento de desprendimento, que um Espírito simpático o assista nessa missão. Ademais, os Espíritos só aceitam missões que possam desempenhar até o fim.
O Espírito encarnado, sobretudo onde a existência é material, acha-se sujeito demais ao corpo para poder dedicar-se inteiramente a outro Espírito, isto é, para poder assisti-lo pessoalmente. Por isso, os que ainda não se elevaram bastante são também assistidos por outros Espíritos, que lhes são superiores, de tal sorte que, se um deles faltar por uma razão qualquer, será substituído por outro.”

511. *Além do Espírito protetor, haverá também um Espírito mau ligado a cada indivíduo com o objetivo de impeli-lo ao erro e de lhe proporcionar ocasiões de lutar entre o bem e o mal?*

“Ligado não é bem o termo. É verdade que os Espíritos maus procuram desviar o homem do bom caminho, quando encontram ocasião para isso. Quando, porém, um deles se liga a um indivíduo, age por si mesmo, porque espera ser ouvido. Então haverá luta entre o bom e o mau, vencendo aquele por quem o homem se deixe influenciar.”

512. *Podemos ter muitos Espíritos protetores?*

“Todo homem sempre tem Espíritos simpáticos, mais ou menos elevados, que por ele se afeiçoam e se interessam, como também tem os que o assistem no mal.”

513. *Os Espíritos que nos são simpáticos atuam em virtude de uma missão?*

“Algumas vezes podem ter uma missão temporária, mas quase sempre se trata apenas de atração pela similitude de pensamentos e sentimentos, tanto para o bem quanto para o mal.”

- 513-a. *Parece resultar daí que os Espíritos que conosco simpatizam podem ser bons ou maus?*

“Sim, o homem sempre encontra Espíritos que com ele simpatizam, seja qual for o seu caráter.”

514. *Espíritos familiares, Espíritos simpáticos e Espíritos protetores são a mesma coisa?*

“Há muitas gradações na proteção e na simpatia. Dai-lhes os nomes que quiserdes. O Espírito familiar é antes o amigo da casa.”

Das explicações acima e das observações feitas sobre a natureza dos Espíritos que se ligam ao homem, pode-se deduzir o seguinte:

Espírito protetor, anjo da guarda ou bom gênio é o que tem por missão seguir o homem na vida e ajudá-lo a progredir. É sempre de natureza superior, com relação ao protegido.

Os Espíritos familiares se ligam a certas pessoas por laços mais ou menos duráveis, a fim de lhes serem úteis, dentro dos limites do poder de que

dispõem, quase sempre muito restrito. São bons, mas às vezes pouco adiantados e mesmo um tanto levianos. Ocupam-se de boa vontade com as particularidades da vida íntima e só atuam por ordem ou com permissão dos Espíritos protetores.

Os Espíritos simpáticos são os que se sentem atraídos para nós por afeições particulares e por uma certa semelhança de gostos e de sentimentos, tanto para o bem quanto para o mal. A duração de suas relações se acha quase sempre subordinada às circunstâncias.

O mau gênio é um Espírito imperfeito ou perverso, que se liga ao homem para desviá-lo do bem, mas age por impulso próprio e não em virtude de uma missão. A constância dessa ação varia conforme o acesso mais ou menos fácil que encontre no homem, pois este é sempre livre para escutar ou repelir a voz do gênio mau.

515. *Que se deve pensar dessas pessoas que parecem ligar-se a certos indivíduos para levá-los fatalmente à perdição ou para guiá-los no bom caminho?*

“De fato, certas pessoas exercem sobre outras uma espécie de fascinação que parece irresistível. Quando isso acontece para o mal, são Espíritos maus, de que se servem outros Espíritos maus para melhor subjugá-las. Deus pode permiti-lo para vos experimentar.”

516. *Nossos gênios bom e mau não poderiam encarnar, a fim de nos acompanharem na vida de maneira mais direta?*

“Isso acontece algumas vezes. Frequentemente, porém, eles encarregam dessa missão outros Espíritos encarnados que lhes são simpáticos.”

517. *Haverá Espíritos que se liguem a uma família inteira para protegê-la?*⁴²

“Alguns Espíritos se apegam aos membros de uma mesma família, que vivem juntos e unidos pela afeição, mas não acrediteis em Espíritos protetores do orgulho das raças.”

518. *Assim como os Espíritos são atraídos para alguns indivíduos em razão de suas simpatias, dar-se-á que sejam atraídos também, por motivos particulares, para as reuniões de certas criaturas?*

⁴² N.E.: Ver Nota Explicativa, p. 463.

“Os Espíritos vão, de preferência, aonde se acham os seus semelhantes. Aí ficam mais à vontade e mais seguros de que serão ouvidos. O homem atrai os Espíritos em razão de suas tendências, quer esteja só, quer faça parte de um todo coletivo, como uma sociedade, uma cidade ou um povo. Há, pois, sociedades, cidades e povos que são assistidos por Espíritos mais ou menos elevados, conforme o caráter e as paixões que aí predominem. Os Espíritos imperfeitos se afastam dos que os repelem; consequentemente, o aperfeiçoamento moral das coletividades, assim como o dos indivíduos, tende a afastar os Espíritos maus e a atrair os bons, que estimulam e alimentam o sentimento do bem nas massas, como outros podem lhes insuflar as más paixões.”

519. *As aglomerações de indivíduos, como as sociedades, as cidades, as nações, têm seus Espíritos protetores especiais?*

“Sim, pois essas aglomerações são individualidades coletivas que marcham para um objetivo comum e que precisam de uma direção superior.”

520. *Os Espíritos protetores das coletividades são de natureza mais elevada do que os que se ligam aos indivíduos?*

“Tudo é relativo ao grau de adiantamento das massas, assim como dos indivíduos.”

521. *Certos Espíritos podem auxiliar o progresso das artes, protegendo os que se dedicam a elas?*

“Há Espíritos protetores especiais e que assistem os que os invocam, quando os julgam dignos. Mas que quereis que façam com os que pensam ser o que não são? Eles não fazem os cegos verem, nem os surdos ouvirem.”

Os Antigos haviam feito desses Espíritos divindades especiais. As musas não eram senão a personificação alegórica dos Espíritos protetores das ciências e das artes, como os deuses Lares e Penates simbolizavam os Espíritos protetores da família. Entre os Modernos, as artes, as diferentes indústrias, as cidades, os países também têm seus patronos ou protetores, que nada mais são que Espíritos superiores, embora sob outros nomes.

Tendo cada homem Espíritos que com ele simpatizam, segue-se que, em *todas as coletividades*, a imensa maioria dos Espíritos que lhes votam simpatia guarda proporção com a generalidade dos indivíduos; que os Espíritos estranhos são atraídos para essas coletividades pela identidade dos gostos e dos pensamentos; em suma, que esses agrupamentos de pessoas, tanto quanto os indivíduos, são mais ou menos envolvidos, assistidos e influenciados, de acordo com a natureza dos pensamentos dominantes daqueles que os compõem.

Entre os povos, as causas de atração dos Espíritos são os costumes, os hábitos, o caráter dominante e, sobretudo, as leis, porque o caráter de uma nação se reflete nas suas leis. Os homens que fazem reinar a justiça entre si combatem a influência dos Espíritos maus. Onde quer que as leis consagrem coisas injustas, contrárias à Humanidade, os Espíritos bons ficam em minoria, e a massa dos maus, que para ali afluí, mantém suas ideias e paralisa as boas influências parciais, que ficam perdidas na multidão, tal como uma espiga isolada entre espinheiros. Estudando-se o costume dos povos ou de qualquer agrupamento humano, facilmente se forma ideia da população oculta que se intromete nos seus pensamentos e atos.

Pressentimentos

522. *O pressentimento é sempre um aviso do Espírito protetor?*

“É o conselho íntimo e oculto de um Espírito que vos quer bem. Também está na intuição da escolha que se haja feito. É a voz do instinto. Antes de encarnar, o Espírito tem conhecimento das fases principais de sua existência, isto é, do gênero de provas com as quais se compromete. Quando estas têm caráter marcante, ele conserva no íntimo uma espécie de impressão, que é a voz do instinto, e essa impressão, despertando quando chega o momento de sofrer as provas, torna-se pressentimento.”

523. *Os pressentimentos e a voz do instinto têm sempre qualquer coisa de vago. Na incerteza, o que devemos fazer?*

“Quando estiveres em dúvida, invoca o teu Espírito bom ou *pede a Deus, Senhor de todos os seres, para que te envie um de seus mensageiros, um de nós.*”

524. *Os conselhos de nossos Espíritos protetores têm como finalidade única a nossa conduta moral ou também a conduta que devemos adotar em relação aos assuntos da vida particular?*

“Tudo. Eles tentam fazer que vivais o melhor possível. Quase sempre, porém, fechais os ouvidos aos conselhos salutareis e vos tornais infelizes por vossa culpa.”

Os Espíritos protetores nos ajudam com seus conselhos por meio da voz da consciência, que fazem ressoar em nosso íntimo. Mas, como nem sempre ligamos a isso a devida importância, eles nos dão outros conselhos mais diretos, servindo-se das pessoas que nos cercam. Examine cada um as diversas circunstâncias felizes ou infelizes de sua vida e verá que em muitas ocasiões recebeu conselhos, que nem sempre aproveitou, e que lhe teriam poupado muitos desgostos, se os tivesse escutado.

Influência dos Espíritos nos acontecimentos da vida

525. *Os Espíritos exercem alguma influência nos acontecimentos da vida?*

“Certamente, pois que vos aconselham.”

- 525-a. *Exercem essa influência de outra forma, além dos pensamentos que sugerem, isto é, atuam diretamente sobre a realização das coisas?*

“Sim, mas nunca agem fora das Leis da Natureza.”

Imaginamos erroneamente que a ação dos Espíritos só se deva manifestar por fenômenos extraordinários. Gostaríamos que nos viessem ajudar por meio de milagres e sempre os representamos armados de uma varinha mágica. Mas não é assim, razão por que nos parece oculta a sua intervenção e muito natural o que se faz com o concurso deles. Assim é que, provocando, por exemplo, o encontro de duas pessoas, que julgarão encontrar-se por acaso; inspirando a alguém a ideia de passar por determinado lugar; chamando-lhe a atenção para certo ponto, se disso resulta o que tenham em vista, eles atuam de tal modo que o homem, acreditando seguir apenas o próprio impulso, conserva sempre o seu livre-arbítrio.

526. *Já que os Espíritos têm ação sobre a matéria, poderão provocar certos efeitos, a fim de que se realize um acontecimento? Por exemplo, um*

homem deve morrer: sobe uma escada, a escada se quebra e ele morre. Foram os Espíritos que quebraram a escada para que o destino daquele homem se cumprisse?

“É bem verdade que os Espíritos têm ação sobre a matéria, mas para cumprimento das Leis da Natureza, e não para derrogá-las, fazendo surgir, no momento certo, um acontecimento inesperado e contrário àquelas leis. No exemplo que citaste, a escada se quebrou porque estava podre ou por não ser bastante forte para suportar o peso do homem. Se estivesse no destino daquele homem perecer de tal maneira, os Espíritos lhe inspirariam a ideia de subir a escada em questão, que teria de quebrar-se com o seu peso, e sua morte se daria por um efeito natural, sem necessidade de um milagre para isso.”

527. *Tomemos outro exemplo, em que o estado natural da matéria não entre em questão. Um homem deve morrer fulminado por um raio. Refugia-se debaixo de uma árvore, o raio estoura e ele morre. Os Espíritos poderiam ter provocado o raio, dirigindo-o sobre ele?*

“É ainda a mesma coisa. O raio explodiu sobre aquela árvore, naquele momento, porque estava nas Leis da Natureza que assim acontecesse. Não foi encaminhado à árvore porque o homem se achasse debaixo dela; o homem é que foi inspirado para se refugiar debaixo de uma árvore sobre a qual deveria cair o raio. A árvore não deixaria de ser atingida, estivesse ou não o homem debaixo dela.”

528. *Um homem mal-intencionado dispara um tiro contra alguém, mas o projétil passa apenas de raspão, sem o atingir. Um Espírito benfazejo pode tê-lo desviado?*

“Se o indivíduo não deve ser alvejado, o Espírito benfazejo lhe inspirará a ideia de se desviar ou então poderá ofuscar seu inimigo, de maneira a fazê-lo errar a pontaria, porque o projétil, uma vez lançado, segue a linha que tem de percorrer.”

529. *Que se deve pensar das balas encantadas, de que falam algumas lendas e que fatalmente atingem o alvo?*

“Pura imaginação. O homem gosta do maravilhoso e não se contenta com as maravilhas da Natureza.”

529-a. *Os Espíritos que dirigem os acontecimentos da vida podem ser impedidos em sua ação por outros Espíritos que queiram o contrário?*

“O que Deus quer tem de acontecer. Se houver demora na execução, ou lhe surgirem obstáculos, é porque Ele assim o quis.”

530. *Os Espíritos levianos ou zombeteiros não podem criar pequenos embaraços à realização dos nossos projetos e atrapalhar as nossas previsões? Numa palavra, serão eles os autores das chamadas pequenas misérias da vida humana?*

“Eles se comprazem em vos causar tais aborrecimentos, que apresentam provas para vós, a fim de exercitar a vossa paciência. Cansam-se, porém, quando veem que nada conseguem. Entretanto, não seria justo, nem acertado, responsabilizá-los por todas as decepções que experimentais e de que sois os principais culpados pela vossa irreflexão. Convence-te, pois, de que se a tua louça se quebra, é mais por descuido teu do que por culpa dos Espíritos.”

530-a. *Os Espíritos que provocam contrariedades agem em consequência de animosidade pessoal, ou atacam o primeiro que aparece, sem motivo determinado, unicamente por malícia?*

“Ambas as coisas. Às vezes são inimigos que fizestes nesta vida ou em outra existência e que vos perseguem. De outras vezes, não há motivo algum.”

531. *A malevolência de seres que nos fizeram mal na Terra extingue-se com a sua vida corpórea?*

“Muitas vezes reconhecem a injustiça e o mal que causaram. Mas também não é raro que vos persigam com a sua animosidade, se Deus o permitir, para continuar a vos experimentar.”

531-a. *Pode-se pôr um termo a isso? Por que meio?*

“Sim. Orando por eles e lhes retribuindo o mal com o bem, acabarão por compreender seus erros. Ademais, se souberdes colocar-vos acima de suas maquinações, eles vos deixarão, ao verem que nada ganham com isso.”

A experiência tem provado que alguns Espíritos prosseguem na sua vingança de uma existência a outra e que assim, mais cedo ou mais tarde, o homem expia os males que causou a outras pessoas.

532. *Os Espíritos têm o poder de afastar os males de certas pessoas e de atrair para elas a prosperidade?*

“Não completamente, porque há males que estão nos desígnios da Providência. Contudo, minoram as vossas dores, dando-vos paciência e resignação.

Sabei também que muitas vezes depende de vós afastar esses males, ou, pelo menos, atenuá-los. Deus vos deu inteligência para que vos sirvais dela e é principalmente por meio da vossa inteligência que os Espíritos vos auxiliam, sugerindo-vos pensamentos favoráveis. Mas só assistem os que sabem assistir-se a si mesmos. Esse o sentido destas palavras: Buscai e achareis, batei e se vos abrirá.

Sabei ainda que aquilo que vos parece um mal nem sempre é um mal. Muitas vezes, dele resultará um bem, que será maior que o mal, e é isso que não compreendeis, porque só pensais no momento presente ou em vós mesmos.”

533. *Os Espíritos podem fazer que se obtenham os dons da fortuna, se para isso forem solicitados?*

“Algumas vezes, como prova, mas quase sempre recusam, como se recusa a uma criança um pedido insensato.”

- 533-a. *São os Espíritos bons ou maus que concedem esses favores?*

“Ambos. Depende da intenção. Na maioria das vezes, porém, são Espíritos que vos querem arrastar ao mal e que encontram um meio fácil de o conseguir nos prazeres que a fortuna proporciona.”

534. *Será por influência de algum Espírito que certos obstáculos parecem vir opor-se fatalmente aos nossos projetos?*

“Algumas vezes são os Espíritos; contudo, na maioria das vezes, é que escolheste mal os vossos projetos. A posição e o caráter influem bastante. Se vos obstinais num caminho que não é o vosso,

os Espíritos nada terão a ver com os vossos insucessos. Sois vós mesmos que vos tornais o vosso mau gênio.”

535. *Quando nos acontece alguma coisa boa, é ao nosso Espírito protetor que devemos agradecer?*

“Agradecei primeiramente a Deus, sem cuja permissão nada se faz; depois, aos Espíritos bons, que foram os agentes da sua vontade.”

535-a. *Que aconteceria se nos esquecêssemos de agradecer?*

“O que acontece aos ingratos.”

535-b. *Entretanto, há pessoas que não pedem nem agradecem e para quem tudo sai bem!*

“Sim, mas é preciso ver o final. Pagarão muito caro por essa felicidade passageira que não merecem, pois quanto mais houverem recebido, tanto mais terão de restituir.”

Ação dos Espíritos sobre os fenômenos da Natureza

536. *Os grandes fenômenos da Natureza, os que se consideram como perturbação dos elementos, são devidos a causas fortuitas ou todos eles têm um fim providencial?*

“Tudo tem uma razão de ser e nada acontece sem a permissão de Deus.”

536-a. *Esses fenômenos sempre têm o homem por objeto?*

“Algumas vezes eles têm o homem como razão imediata de ser. Mas também é frequente terem por único objetivo o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia das forças físicas da Natureza.”

536-b. *Concebemos perfeitamente que a vontade de Deus seja a causa primeira, nisto como em todas as coisas. Porém, sabendo que os Espíritos têm ação sobre a matéria e que são os agentes da vontade de Deus, perguntamos se alguns dentre eles não exerceriam certa influência sobre os elementos para os agitar, acalmar ou dirigir?*

“Evidentemente; e nem poderia ser de outro modo. Deus não exerce ação direta sobre a matéria. Ele tem agentes dedicados em todos os graus da escala dos mundos.”

537. *A mitologia dos Antigos se fundava inteiramente sobre as ideias espíritas, com a única diferença de que consideravam os Espíritos como divindades. Representavam esses deuses ou esses Espíritos com atribuições especiais. Assim, uns eram encarregados dos ventos, outros do raio, outros de presidir à vegetação etc. Essa crença é destituída de fundamento?*

“Tão pouco destituída de fundamento que ainda está muito aquém da verdade.”

- 537-a. *Pela mesma razão poderia então haver Espíritos que habitem o interior da Terra e que presidam aos fenômenos geológicos?*

“Esses Espíritos não habitam realmente a Terra, mas regulam os fenômenos e os dirigem, conforme suas atribuições. Um dia tereis a explicação de todos esses fatos e os compreenderéis melhor.”

538. *Os Espíritos que presidem aos fenômenos da Natureza formam categoria à parte no mundo espiritual? Serão seres especiais ou Espíritos que foram encarnados como nós?*

“Que o serão, ou que o foram.”

- 538-a. *Esses Espíritos pertencem às ordens superiores ou inferiores da hierarquia espiritual?*

“Depende do papel mais ou menos material ou mais ou menos inteligente que desempenhem. Uns comandam, outros executam. Os que executam coisas materiais são sempre de ordem inferior, tanto entre os Espíritos como entre os homens.”

539. *Na produção de certos fenômenos, das tempestades, por exemplo, é apenas um Espírito que age, ou eles se reúnem em massa para produzi-lo?*

“Reúnem-se em massas inumeráveis.”

540. *Os Espíritos que exercem ação nos fenômenos da Natureza agem com conhecimento de causa, em virtude do livre-arbítrio, ou por impulso instintivo e irrefletido?*

“Uns sim, outros não. Fazemos uma comparação. Figurai essas miríades de animais que, pouco a pouco, fazem emergir do mar ilhas e arquipélagos. Acreditais que não haja aí um fim providencial e que essa transformação da superfície do globo não seja necessária à harmonia geral? Entretanto, são animais do último grau que realizam essas coisas, provendo às suas necessidades e sem suspeitarem de que são instrumentos de Deus. Pois bem! Do mesmo modo, os Espíritos mais atrasados são úteis ao conjunto. Enquanto *se ensaiam para a vida*, antes que tenham plena consciência de seus atos e estejam no gozo do livre-arbítrio, atuam em certos fenômenos, dos quais são agentes, mesmo de forma inconsciente. Primeiramente, executam; mais tarde, quando suas inteligências estiverem mais desenvolvidas, comandarão e dirigirão as coisas do mundo material; mais tarde ainda, poderão dirigir as do mundo moral. É assim que tudo serve, tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou pelo átomo. Admirável lei de harmonia, da qual o vosso Espírito limitado ainda não pode abranger o conjunto.”

Os Espíritos durante os combates

541. *Durante uma batalha, há Espíritos que sustentam e amparam cada uma das forças contrárias?*

“Sim, e que estimulam sua coragem.”

Outrora, os Antigos figuravam os deuses tomando o partido deste ou daquele povo. Esses deuses nada mais eram do que Espíritos representados sob forma alegórica.

542. *Numa guerra, a justiça está sempre de um dos lados. Como pode haver Espíritos que tomem o partido dos que lutam por uma causa injusta?*

“Sabeis perfeitamente que há Espíritos que só procuram a discórdia e a destruição. Para eles, guerra é guerra: a justiça da causa pouco os preocupa.”

543. *Alguns Espíritos podem influenciar o general na concepção de seus planos de campanha?*

“Sem dúvida alguma. Os Espíritos podem influenciar nesse sentido, como em relação a todas as concepções.”

544. *Os Espíritos maus poderiam induzi-lo a elaborar planos errôneos, a fim de o levar à derrota?*

“Sim, mas não tem ele o livre-arbítrio? Se seu juízo não lhe permite distinguir uma ideia justa de uma ideia falsa, sofrerá as consequências e melhor faria se obedecesse, em vez de comandar.”

545. *Pode o general, algumas vezes, ser guiado por uma espécie de segunda vista, por uma visão intuitiva, que lhe mostre previamente o resultado de seus planos?*

“Isso se dá geralmente com o homem de gênio. É o que ele chama inspiração e que lhe permite agir com uma espécie de certeza. Essa inspiração lhe vem dos Espíritos que o dirigem e que se aproveitam das faculdades de que ele é dotado.”

546. *No tumulto do combate, o que acontece com os Espíritos dos que sucumbem? Continuam a interessar-se pela batalha, após a morte?*

“Alguns continuam a interessar-se, outros se afastam.”

Nos combates, ocorre a mesma coisa que se dá nos casos de morte violenta: no primeiro momento, o Espírito fica surpreendido e como que atordoado. Não acredita estar morto; parece-lhe ainda tomar parte na ação. Só pouco a pouco a realidade lhe aparece.

547. *Após a morte, os Espíritos que em vida se guerreavam continuam a considerar-se inimigos e ainda se mostram obstinados uns contra os outros?*

“Nessas ocasiões, o Espírito nunca está calmo. Pode acontecer que nos primeiros instantes depois da morte ainda odeie o seu inimigo e até o persiga. Quando, porém, suas ideias se clareiam, vê que sua animosidade não tem mais razão de ser. Entretanto, dela ainda pode guardar vestígios mais ou menos fortes, conforme o seu caráter.”

547-a. *Continua a ouvir o ruído das armas?*

“Sim, perfeitamente.”

548. *O Espírito que assiste calmamente a um combate, como espectador, testemunha a separação da alma e do corpo? Como esse fenômeno se apresenta a ele?*

“Há poucas mortes realmente instantâneas. Na maioria das vezes, o Espírito cujo corpo acaba de ser mortalmente ferido não tem consciência imediata desse fato. Somente quando começa a se reconhecer é que pode distinguir o Espírito, movendo-se ao lado do cadáver. Isso parece tão natural ao Espírito que assiste à peleja que a visão do corpo morto não lhe produz nenhum efeito desagradável. Tendo-se a vida concentrado por inteiro no Espírito, somente ele chama a atenção dos outros e é com ele que o espectador conversa ou lhe dá ordens.”

Pactos

549. *Haverá algo de verdadeiro nos pactos com os Espíritos maus?*

“Não, não há pactos, mas naturezas más que simpatizam com os Espíritos maus. Por exemplo: queres atormentar o teu vizinho e não sabes como fazê-lo. Apelas, então, a Espíritos inferiores que, como tu, só querem o mal e que, para te ajudar, exigem que também os sirvas em seus maus propósitos; isto não significa que teu vizinho não possa livrar-se deles, por uma conjuração contrária ou pela própria vontade. Aquele que deseja praticar uma ação má chama os Espíritos maus, a fim de que o auxiliem nessa decisão, mas aos quais, por sua vez, fica obrigado a servir, já que esses Espíritos também precisam dele para o mal que queiram fazer. É somente nisto que consiste o pacto.”

A dependência em que o homem se acha, algumas vezes, em relação aos Espíritos inferiores provém de sua entrega aos maus pensamentos que estes lhe sugerem, e não de quaisquer acordos feitos entre eles. O pacto, no sentido vulgar do termo, é uma alegoria que simboliza uma natureza má simpatizando com Espíritos malfazejos.

550. *Qual o sentido das lendas fantásticas, segundo as quais alguns indivíduos teriam vendido suas almas a satanás para obterem certos favores?*
- “Todas as fábulas encerram um ensinamento e um sentido moral. O vosso erro consiste em tomá-las ao pé da letra. A lenda dos pactos é uma alegoria que se pode explicar assim: aquele que chama em seu auxílio os Espíritos para deles obter os dons da fortuna ou qualquer outro favor rebela-se contra a Providência; renuncia à missão que recebeu e às provas que terá de suportar neste mundo, sofrendo na vida futura as consequências desse ato. Isto não quer dizer que sua alma fique para sempre condenada à infelicidade. Porém, se em vez de se desligar da matéria, nela se enterra cada vez mais, não desfrutará, no mundo espiritual, dos prazeres de que gozou na Terra, até que tenha resgatado suas faltas por meio de novas provas, talvez maiores e mais penosas. Coloca-se, por amor dos gozos materiais, na dependência de Espíritos impuros, estabelecendo-se entre eles um pacto silencioso que leva à perda do delinquente, mas que lhe será sempre fácil romper com a assistência dos Espíritos bons, desde que o queira firmemente.”

Poder oculto. Talismãs. Feiticeiros

551. *Pode um homem mau, com o auxílio de um Espírito mau que lhe seja dedicado, fazer mal ao seu próximo?*
- “Não; Deus não o permitiria.”
552. *Que pensar da crença no poder de enfeitiçar, que teriam certas pessoas?*
- “Algumas pessoas dispõem de um poder magnético muito grande, do qual podem fazer mau uso se o seu próprio Espírito for mau; neste caso, poderão ser secundadas por outros Espíritos maus. Não creias, porém, num pretenso poder mágico, que só existe na imaginação de pessoas supersticiosas, ignorantes das verdadeiras Leis da Natureza. Os fatos que elas citam como prova da existência desse poder são fatos naturais, mal observados e, sobretudo, malcompreendidos.”

553. *Qual pode ser o efeito das fórmulas e práticas mediante as quais certas pessoas pretendem dispor da vontade dos Espíritos?*

“O de torná-las ridículas, se procedem de boa-fé. Em caso contrário, são tratantes que merecem castigo. Todas as fórmulas são enganosas. Não há nenhuma palavra sacramental, nenhum sinal cabalístico, nenhum talismã que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, porque estes só são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais.”

553-a. *Mas alguns Espíritos não têm ditado, eles próprios, fórmulas cabalísticas?*

“Sim, tendes Espíritos que vos indicam sinais, palavras estranhas ou que vos prescrevem certos atos, com a ajuda dos quais fazeis o que chamais conjurações. Mas ficai certos de que são Espíritos que zombam de vós e abusam da vossa credulidade.”

554. *Aquele que, com ou sem razão, confia no que chama a virtude de um talismã não pode atrair um Espírito justamente por essa confiança, visto que, nesse caso, é o pensamento que age, não passando o talismã de um sinal que apenas o auxilia a conduzir o pensamento?*

“É verdade, mas a natureza do Espírito atraído depende da pureza da intenção e da elevação dos sentimentos. Ora, é raro que aquele que seja bastante ingênuo para acreditar na virtude de um talismã não tenha um objetivo mais material do que moral. Em todo caso, essa crença denuncia uma pequenez e uma fraqueza de ideias que favorecem a ação dos Espíritos imperfeitos e zombeteiros.”

555. *Que sentido se deve dar ao qualificativo de feiticeiro?*

“Aqueles a quem chamais feiticeiros são pessoas que, quando de boa-fé, são dotadas de certas faculdades, como o poder magnético ou a segunda vista. Como, então, fazem coisas que não compreendeis, julgai-as dotadas de um poder sobrenatural. Os vossos sábios não têm passado muitas vezes por feiticeiros aos olhos dos ignorantes?”

O Espiritismo e o magnetismo nos dão a chave de uma porção de fenômenos sobre os quais a ignorância teceu uma infinidade de fábulas, em que os fatos são exagerados pela imaginação. O conhecimento

esclarecido dessas duas ciências que, a bem dizer, formam uma só é o melhor preservativo contra as ideias supersticiosas, porque, ao mostrar a realidade das coisas e suas verdadeiras causas, revela o que é possível e o que é impossível, o que está nas Leis da Natureza e o que não passa de uma crença ridícula.

556. *Algumas pessoas têm realmente o dom de curar pelo simples contato?*
“O poder magnético pode chegar até aí, quando secundado pela pureza dos sentimentos e pelo desejo ardente de fazer o bem, porque então os Espíritos bons vêm em seu auxílio. Mas é preciso desconfiar da maneira como as coisas são contadas por pessoas muito crédulas ou muito entusiasmadas, sempre dispostas a ver o maravilhoso nas coisas mais simples e mais naturais. Também se deve desconfiar dos relatos interesseiros, por parte de pessoas que exploram a credulidade em benefício próprio.”

Bênção e maldição

557. *A bênção e a maldição podem atrair o bem e o mal para aqueles sobre os quais são lançadas?*
“Deus não escuta uma maldição injusta, e aquele que a pronuncia é culpado aos seus olhos. Como temos os dois gênios opostos, o bem e o mal, é possível que a maldição exerça uma influência momentânea, até mesmo sobre a matéria. Contudo, essa influência só se verifica pela vontade de Deus, e como acréscimo de provação para aquele que a sofre. Além disso, é mais comum serem amaldiçoados os maus e abençoados os bons. A bênção e a maldição jamais poderão desviar a Providência do caminho da justiça; ela só fere o maldito se ele for mau, e só cobre com sua proteção aquele que a merece.”

CAPÍTULO X



Ocupações e missões dos Espíritos

558. *Os Espíritos têm outra coisa a fazer, além de se melhorarem pessoalmente?*
“Concorrem para a harmonia do Universo, executando as vontades de Deus, de quem são ministros. A vida espiritual é uma ocupação contínua, mas que nada tem de penosa, como a vida na Terra, porque não existe a fadiga corpórea, nem as angústias das necessidades.”
559. *Os Espíritos inferiores e imperfeitos também desempenham função útil no Universo?*
“Todos têm deveres a cumprir. O menos qualificado dos pedreiros não concorre para a construção do edifício, tanto como o arquiteto?” (540)
560. *Cada Espírito tem atribuições especiais?*
“Vale dizer que temos de habitar todas as regiões e adquirir o conhecimento de todas as coisas, presidindo sucessivamente a todos os componentes do Universo. Mas, como diz o Eclesiastes, há tempo para tudo. Assim, tal Espírito cumpre hoje neste mundo o seu destino; tal outro cumprirá ou já cumpriu o seu, em outra época, na terra, na água, no ar etc.”
561. *As funções que os Espíritos desempenham na ordem das coisas são permanentes para cada um deles, ou são atribuições exclusivas de certas classes?*
“Todos têm que percorrer os diferentes graus da escala para se aperfeiçoarem. Deus, que é justo, não poderia ter dado a uns a ciência sem trabalho, enquanto outros só a adquirem com muito esforço.”

Dá-se o mesmo com os homens: ninguém chega ao supremo grau de habilidade numa arte qualquer sem que tenha adquirido os conhecimentos necessários na prática das partes mais ínfimas dessa arte.

562. *Já não tendo o que adquirir, os Espíritos da ordem mais elevada se acham em repouso absoluto ou ainda têm ocupações?*

“Que quererias que fizessem durante a eternidade? A ociosidade eterna seria um eterno suplício.”

562-a. *Qual é a natureza de suas ocupações?*

“Receber diretamente as ordens de Deus, transmiti-las ao Universo inteiro e velar por sua execução.”

563. *As ocupações dos Espíritos são incessantes?*

“Incessantes, sim, se entendermos que o seu pensamento está sempre ativo, posto que vivem pelo pensamento. Mas não devemos equiparar as ocupações dos Espíritos com as ocupações materiais dos homens. Sua própria atividade já é um gozo, pela consciência que têm de ser úteis.”

563-a. *Isto é concebível com relação aos Espíritos bons. Acontecerá, entretanto, a mesma coisa com os Espíritos inferiores?*

“Os Espíritos inferiores têm ocupações apropriadas à sua natureza. Confiais ao trabalhador braçal e ao ignorante os trabalhos do homem intelectual?”

564. *Entre os Espíritos, há os que são ociosos ou que não se ocupem de alguma coisa útil?*

“Sim, mas esse estado é temporário e subordinado ao desenvolvimento de suas inteligências. Certamente que os há, como há homens que só vivem para si mesmos, mas essa ociosidade lhes pesa e, cedo ou tarde, o desejo de progredir faz com que experimentem a necessidade de atividade e se sentirão felizes por poderem tornar-se úteis. Estamos nos referindo a Espíritos que chegaram a ponto de terem consciência de si mesmos e do seu livre-arbítrio, porque, em sua origem, são como crianças que acabam de nascer, agindo mais por instinto do que por vontade firme.”

565. *Os Espíritos examinam os nossos trabalhos de Arte e se interessam por eles?*

“Examinam o que possa provar a elevação dos Espíritos e seus progressos.”

566. *Um Espírito que se dedicou a uma especialidade na Terra, um pintor ou um arquiteto, por exemplo, se interessa mais pelos trabalhos que constituíram objeto de sua predileção durante a vida?*

“Tudo se confunde num objetivo geral. Se for bom, o Espírito se interessará por eles desde que lhe permitam auxiliar as almas a se elevarem para Deus. Aliás, esqueceis que um Espírito que cultivou certa arte na existência em que o conhecestes pode ter cultivado outra, em outra existência, já que é preciso que saiba tudo para ser perfeito. Assim, conforme o grau do seu adiantamento, pode ser que nenhuma delas constitua uma especialidade para ele. É isso que entendo quando digo que tudo se confunde num objetivo geral. Notai ainda o seguinte: o que é sublime para vós, no vosso mundo atrasado, não passa de infantilidade, comparado ao que há nos mundos mais adiantados. Como pretendeis que os Espíritos que habitam esses mundos, onde existem artes que desconheceis, admirem algo que, para eles, não passa do trabalho de um aprendiz? Como eu já vos disse, eles examinam o que possa provar o progresso.”

566-a. *Compreendemos que seja assim, em relação a Espíritos muito adiantados. Entretanto, falamos de Espíritos mais vulgares, que ainda não se elevaram acima das ideias terrenas.*

“Para esses, o caso é diferente. Como o seu ponto de vista é mais limitado, eles podem admirar o que vós mesmos admirais.”

567. *Os Espíritos se intrometem em nossas ocupações e em nossos prazeres?*

“Os Espíritos vulgares, como dizes, sim. Esses vos rodeiam constantemente e por vezes tomam parte muito ativa no que fazeis, conforme suas naturezas. Para impulsionar os homens nos diversos caminhos da vida, é preciso que suas paixões sejam estimuladas ou moderadas.”

Os Espíritos se ocupam das coisas deste mundo segundo o grau de sua elevação ou de sua inferioridade. Certamente, os Espíritos superiores dispõem da faculdade de examiná-las em seus mínimos detalhes, mas só o fazem quando isso é útil ao progresso. Somente os Espíritos inferiores dão importância relativa às coisas deste mundo, em virtude das lembranças que ainda estão presentes em sua memória e das ideias materiais que neles ainda não se extinguiram.

568. *Os Espíritos que têm missões a cumprir, cumprem-nas na erraticidade ou na condição de encarnados?*

“Podem cumpri-las em ambos os estados. Para certos Espíritos errantes, é uma grande ocupação.”

569. *Em que consistem as missões de que podem ser encarregados os Espíritos errantes?*

“São tão variadas que seria impossível descrevê-las. Ademais, existem algumas que nem mesmo podeis compreender. Os Espíritos executam as vontades de Deus, e não podeis penetrar todos os seus mistérios.”

As missões dos Espíritos têm sempre por objetivo o bem. Seja como Espíritos, seja como homens, são incumbidos de auxiliar o progresso da Humanidade, dos povos ou dos indivíduos, dentro de um círculo de ideias mais ou menos amplas, mais ou menos especiais, de preparar os caminhos para certos acontecimentos e velar pela execução de determinadas coisas. Alguns desempenham missões mais restritas e, de certo modo, pessoais ou inteiramente locais, como assistir os enfermos, os agonizantes, os aflitos, velar por aqueles de quem se fizeram guias e protetores e dirigi-los, pelos conselhos que lhes dão ou pelos bons pensamentos que inspiram. Pode-se dizer que há tantos gêneros de missões quantas as espécies de interesses a resguardar, quer no mundo físico, quer no mundo moral. O Espírito se adianta segundo a maneira pela qual desempenha a sua tarefa.

570. *Os Espíritos percebem sempre os designios que lhes compete executar?*

“Não. Há os que são instrumentos cegos. Outros, porém, sabem perfeitamente com que fim atuam.”

571. *Só os Espíritos elevados desempenham missões?*

“A importância das missões guarda relação com as capacidades e com a elevação do Espírito. O estafeta que leva um telegrama também desempenha uma missão, embora bem diversa da de um general.”

572. *A missão de um Espírito lhe é imposta ou depende da sua vontade?*

“Ele a pede e fica feliz em obtê-la.”

572-a. *A mesma missão pode ser pedida por vários Espíritos?*

“Sim, geralmente há muitos candidatos, mas nem todos são aceitos.”

573. *Em que consiste a missão dos Espíritos encarnados?*

“Em instruir os homens, em ajudá-los a progredir, em melhorar suas instituições, por meios diretos e materiais. Mas as missões são mais ou menos gerais e importantes. Aquele que cultiva a terra desempenha uma missão, do mesmo modo que aquele que governa ou que instrui. Tudo se encadeia na Natureza. O Espírito se depura pela encarnação, concorrendo, ao mesmo tempo, para a execução dos desígnios da Providência. Cada um tem sua missão neste mundo, porque todos podem ser úteis em alguma coisa.”

574. *Qual pode ser, na Terra, a missão de pessoas voluntariamente inúteis?*

“Há pessoas que realmente só vivem para si mesmas e que não sabem tornar-se úteis para coisa alguma. São pobres seres que devemos lamentar, porque expiarão cruelmente sua inutilidade voluntária; muitas vezes, seu castigo já começa neste mundo, pelo tédio e pelo desgosto que a vida lhes causa.”

574-a. *Já que podiam escolher, por que preferiram uma existência que não lhes traria nenhum proveito?*

“Entre os Espíritos também há preguiçosos que recuam diante de uma vida de trabalho. Deus lhes permite agir assim; mais tarde compreenderão, à própria custa, os inconvenientes de sua inutilidade e eles mesmos pedirão para recuperar o tempo perdido. Pode ser também que tenham escolhido uma vida mais útil e que hajam recuado diante da execução da obra, deixando-se levar pelas sugestões dos Espíritos que os induzem à ociosidade.”

575. *As ocupações comuns mais nos parecem deveres do que missões propriamente ditas. A missão, conforme a ideia associada a esta palavra, tem um caráter de importância menos exclusivo e, sobretudo, menos pessoal. Deste ponto de vista, como se pode reconhecer que um homem tem realmente uma missão na Terra?*

“Pelas grandes coisas que realiza, pelo progresso a que conduz os seus semelhantes.”

576. *Os homens que trazem uma missão importante foram predestinados a isso antes de nascerem? Têm consciência dessa missão?*

“Algumas vezes, sim, mas quase sempre o ignoram. Ao virem à Terra, têm apenas um vago objetivo. Suas missões só se delineiam após o nascimento e de acordo com as circunstâncias. Deus os impele ao caminho em que devam cumprir os seus desígnios.”

577. *Quando um homem faz uma coisa útil, age sempre em virtude de missão anteriormente predestinada, ou pode ter recebido uma missão não prevista?*

“Nem tudo que o homem faz resulta de missão predestinada. Muitas vezes ele é o instrumento de que se serve um Espírito para fazer que se execute uma coisa que considera útil. Por exemplo, um Espírito julga que seria bom escrever um livro, que ele próprio escreveria se estivesse encarnado. Procura, então, o escritor mais apto a compreender e executar o seu pensamento, transmite-lhe a ideia do livro e o dirige na execução. Assim, esse homem não veio à Terra com a missão de fazer tal obra. Dá-se o mesmo com certos trabalhos artísticos ou com as descobertas. Deve-se dizer ainda que durante o sono corpóreo o Espírito encarnado se comunica diretamente com o Espírito errante, e que os dois se entendem acerca da execução do trabalho.”

578. *O Espírito pode falir em sua missão por sua própria culpa?*

“Sim, se não for um Espírito superior.”

- 578-a. *Quais são para ele as consequências?*

“Terá que retomar a tarefa; essa a sua punição. Depois sofrerá as consequências do mal que haja causado.”

579. *Já que é de Deus que o Espírito recebe a sua missão, como pode Deus confiar missão importante e de interesse geral a um Espírito capaz de falir?*

“Será que Deus não sabe se o seu general alcançará a vitória ou se será vencido? Claro que sabe, e seus planos, *quando importantes*, não são confiados aos que hajam de abandonar a obra pela metade. Para vós, toda a questão está no conhecimento que Deus tem do futuro, mas que não vos é concedido.”

580. *O Espírito que encarna para desempenhar uma missão tem o mesmo receio de outro que o faz por provação?*

“Não; ele tem experiência.”

581. *Os homens que servem de faróis ao gênero humano, que o iluminam com seu gênio, certamente desempenham uma missão. Entre eles, porém, há os que se enganam e que, ao lado de grandes verdades, propagam grandes erros. Como se deve considerar a missão desses homens?*

“Como falseadas por eles próprios. Estão abaixo da tarefa a que se propuseram executar. No entanto, é preciso levar em conta as circunstâncias; os homens de gênio têm que falar de acordo com as épocas em que vivem. Assim, um ensinamento que pareceu errôneo ou pueril numa época adiantada pode ter sido suficiente para o século em que foi divulgado.”

582. *Pode-se considerar a paternidade como missão?*

“Sem dúvida, é uma missão. É, ao mesmo tempo, um dever muito grande e que envolve, mais do que o homem pensa, a sua responsabilidade quanto ao futuro. Deus colocou o filho sob a tutela dos pais, a fim de que estes o dirijam pelo caminho do bem, e lhes facilitou a tarefa dando à criança uma organização física frágil e delicada, que a torna acessível a todas as impressões. Mas há quem se ocupe mais em endireitar as árvores do seu jardim e fazer que deem bons e abundantes frutos, do que em endireitar o caráter de seu filho. Se este vier a sucumbir por culpa dos pais, sofrerão os genitores as consequências dessa queda, recaindo sobre eles os sofrimentos do filho na vida futura, por não terem feito tudo quanto deles dependia para que o filho avançasse na estrada do bem.”

583. *Os pais são responsáveis pelo transviamento de um filho que envereda pela senda do mal, apesar dos cuidados que lhe dispensaram?*

“Não, mas quanto piores forem as propensões do filho, tanto mais pesada é a tarefa e tanto maior o mérito dos pais, se conseguirem desviá-lo do mau caminho.”

583-a. *Se um filho se torna homem de bem, a despeito da negligência ou dos maus exemplos de seus pais, tiram estes algum proveito disto?*

“Deus é justo.”

584. *Qual pode ser a natureza da missão do conquistador, que só tem em vista satisfazer a sua ambição e que, para alcançar esse objetivo, não recua diante de nenhuma das calamidades que vai espalhando?*

“Na maioria das vezes, não passa de um instrumento de que Deus se serve para cumprimento de seus desígnios, representando essas calamidades um meio para fazer que um povo progrida mais rapidamente.”

584-a. *Aquele que é instrumento dessas calamidades passageiras não tem nenhuma parte na produção do bem que daí possa resultar, pois que visava apenas a um fim pessoal. Mesmo assim, tirará algum proveito desse bem?*

“Cada um é recompensado de acordo com as suas obras, com o bem que *quis fazer* e com a retidão de suas intenções.”

Os Espíritos encarnados têm ocupações inerentes às suas existências corpóreas. No estado errante, ou de desmaterialização, tais ocupações são proporcionais ao grau de adiantamento deles.

Uns percorrem os mundos, instruem-se e se preparam para nova encarnação. Outros, mais adiantados, se ocupam com o progresso, dirigindo os acontecimentos e sugerindo ideias que lhe sejam propícias; assistem os homens de gênio que concorrem para o avanço da Humanidade. Há os que encarnam com uma missão de progresso, enquanto outros tomam sob sua tutela os indivíduos, as famílias, os agrupamentos, as cidades e os povos, dos quais se tornam anjos da guarda, gênios protetores e Espíritos familiares. Outros, finalmente, presidem aos fenômenos da Natureza, de que se fazem os agentes diretos.

Os Espíritos vulgares se intrometem em nossas ocupações e diversões. Os Espíritos impuros ou imperfeitos aguardam, em sofrimentos e angústias, o momento em que Deus lhes proporcione os meios de se adiantarem. Se praticam o mal, é pelo despeito de ainda não poderem gozar do bem.

CAPÍTULO XI



Os três reinos

• Os minerais e as plantas • Os animais e o homem • Metempsychose

Os minerais e as plantas

585. *Que pensais da divisão da Natureza em três reinos, ou melhor, em duas classes: a dos seres orgânicos e a dos inorgânicos? Alguns fazem da espécie humana uma quarta classe. Qual destas divisões é preferível?*

“Dependendo do ponto de vista, todas são boas. Do ponto de vista material, só existem seres orgânicos e inorgânicos. Do ponto de vista moral, há evidentemente quatro graus.”

Esses quatro graus apresentam, de fato, características bem distintas, embora seus limites pareçam confundir-se. A matéria inerte, que constitui o reino mineral, só tem em si uma força mecânica. As plantas, embora compostas de matéria inerte, são dotadas de vitalidade. Os animais, também compostos de matéria inerte e igualmente dotados de vitalidade, possuem, além disso, uma espécie de inteligência instintiva, limitada, e a consciência de sua existência e de sua individualidade. O homem, tendo tudo o que há nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes por uma inteligência especial, indefinida, que lhe dá a consciência do seu futuro, a percepção das coisas extramateriais e o conhecimento de Deus.

586. *As plantas têm consciência de sua existência?*

“Não; elas não pensam. Só têm a vida orgânica.”⁴³

⁴³ N.T.: Na 2ª edição francesa (1860), esta resposta estava assim redigida: “Não; elas não pensam. Só têm

587. *As plantas têm sensações? Sofrem, quando mutiladas?*

“As plantas recebem impressões físicas que atuam sobre a matéria, mas não têm percepções. Consequentemente, não têm a sensação da dor.”

588. *A força que atrai as plantas umas para as outras independe da vontade delas?*

“Sim, pois elas não pensam. É uma força mecânica da matéria, que atua sobre a matéria; as plantas não poderiam opor-se a isso.”

589. *Algumas plantas, como a sensitiva⁴⁴ e a dioneia,⁴⁵ por exemplo, têm movimentos que denotam grande sensibilidade e, em certos casos, uma espécie de vontade, como no caso da dioneia, cujos lóbulos apanham a mosca que vem pousar sobre ela para sugá-la, como se preparasse uma armadilha para capturá-la e matá-la. Essas plantas são dotadas da capacidade de pensar? Têm vontade e formam uma classe intermediária entre a natureza vegetal e a natureza animal? Constituem a transição de uma para outra?*

“Tudo é transição na Natureza, pelo simples fato de que nenhuma coisa se assemelha a outra, embora todas se relacionem. As plantas não pensam e, por conseguinte, não têm vontade. A ostra que se abre e todos os zoófitos também não pensam: têm apenas um instinto cego e natural.”

O organismo humano nos fornece exemplos de movimentos análogos, sem a participação da vontade, como ocorre nas funções digestivas e circulatórias. O piloro⁴⁶ se contrai, ao contato de certos corpos, para impedir sua passagem. Deve suceder a mesma coisa com a sensitiva, cujos movimentos não implicam, de modo algum, a necessidade de percepção e, ainda menos, da vontade.

a vida orgânica e intuitiva.” Por razões óbvias, Kardec suprimiu mais tarde a expressão que grifamos, conforme se pode constatar na 10ª edição (1863) e edições seguintes de *O livro dos espíritos*.

⁴⁴ N.E.: Designação comum a algumas plantas da família das leguminosas, com folhas penadas que geralmente se contraem quando tocadas; dormideira.

⁴⁵ N.E.: Planta insetívora (carnívora), nativa do Sudeste dos E.U.A., muito cultivada e comercializada; apanha-moscas, papa-moscas, pega-mosca.

⁴⁶ N.E.: Pequena abertura que faz a comunicação entre o estômago e o duodeno.

590. *Não haverá nas plantas, como nos animais, um instinto de conservação que as leve a procurar o que lhes possa ser útil e a evitar o que lhes possa prejudicar?*

“Há, se quiserdes, uma espécie de instinto, dependendo isso da extensão que se dê ao significado desta palavra; mas é um instinto puramente mecânico. Quando, nas operações químicas, vedes dois corpos se unirem, é que eles se combinam, isto é, que há afinidade entre eles. Não chamais a isto de instinto.”

591. *Nos mundos superiores, as plantas são, como os outros seres, de natureza mais perfeita?*

“Tudo é mais perfeito, mas as plantas são sempre plantas, como os animais são sempre animais e os homens sempre homens.”

Os animais e o homem

592. *Se compararmos o homem e os animais em relação à inteligência, parece difícil estabelecer uma linha de demarcação, porque alguns animais têm, sob esse aspecto, notória superioridade sobre certos homens. Essa linha de demarcação pode ser estabelecida de maneira precisa?*

“Quanto a esse ponto, os vossos filósofos não estão de acordo em quase nada. Uns querem que o homem seja um animal, e outros que o animal seja um homem. Todos estão errados. O homem é um ser à parte, que desce muito baixo algumas vezes ou que pode elevar-se muito alto. Pelo físico, o homem é como os animais, e bem menos dotado do que muitos deles; a Natureza lhes deu tudo que o homem é obrigado a *inventar com a sua inteligência*, para a satisfação de suas necessidades. É certo que o corpo do homem se destrói como o dos animais, mas o seu Espírito tem um destino que só ele pode compreender, porque só ele é completamente livre. Pobres homens, que vos situais abaixo dos brutos! Não sabeis distinguir-vos deles? Reconhecei o homem pela faculdade de pensar em Deus.”

593. *Podemos dizer que os animais só agem por instinto?*

“Isso ainda é um sistema. É bem verdade que o instinto domina a maioria dos animais. Mas não vêes que muitos agem com vontade determinada? É que têm inteligência, embora limitada.”

Além do instinto, não se poderia negar a certos animais a prática de atos combinados, que denotam vontade de agir em determinado sentido, conforme as circunstâncias. Há, pois, neles uma espécie de inteligência, mas cujo exercício se circunscreve quase exclusivamente aos meios de satisfazerem às suas necessidades físicas e de proverem à sua conservação. Entre eles, não há nenhuma criação, nenhuma melhoria. Seja qual for a arte que admiremos em seus trabalhos, fazem hoje o que faziam outrora, nem melhor, nem pior, segundo formas e proporções constantes e invariáveis. O filhote, isolado dos outros de sua espécie, não deixa de construir o seu ninho de acordo com o mesmo modelo, sem que tenha recebido ensino para isso. Se alguns são passíveis de certa educação, seu desenvolvimento intelectual, sempre bastante limitado, é devido à ação do homem sobre uma natureza maleável, pois não há nenhum progresso que lhe seja próprio. Mesmo esse progresso é efêmero e puramente individual, visto que, entregue a si mesmo, o animal não tarda a voltar aos limites traçados pela Natureza.

594. *Os animais têm alguma linguagem?*

“Se vos referis a uma linguagem formada de sílabas e palavras, não; se pensais num meio de se comunicarem entre si, eles têm linguagem. Dizem uns aos outros muito mais coisas do que imaginais. A linguagem deles, porém, assim como as ideias que possam ter, são limitadas às suas necessidades.”

594-a. *Há animais que não têm voz. Estes não parecem destituídos de linguagem?*

“Eles se compreendem por outros meios. Oh! homens, para vos comunicardes reciprocamente, só dispondes da palavra? Que dizeis dos mudos? Sendo dotados da vida de relação, os animais têm meios de se prevenirem e de exprimirem as sensações que experimentam. Julgais que os peixes não se entendem entre si? O homem, pois, não goza do privilégio exclusivo da linguagem. Enquanto a dos animais é instintiva e limitada pelo círculo de suas necessidades e ideias, a linguagem do homem é perfectível e se presta a todas as concepções da sua inteligência.”

De fato, os peixes que, como as andorinhas, emigram em massa, obedientes ao guia que os conduz, devem ter meios de se comunicarem, de se entenderem e de entrarem em acordo. É possível que disponham de uma vista mais penetrante, que lhes permita distinguir os sinais que façam entre si. Pode ser também que a água seja um veículo que lhes transmita certas vibrações. Seja como for, é incontestável que dispõem de meios para se entenderem, assim como todos os animais que, embora privados de voz, fazem trabalhos em comum. Diante disso, devemos nos admirar de que os Espíritos possam comunicar-se entre si, sem o auxílio da palavra articulada? (282)

595. *Os animais gozam do livre-arbítrio de seus atos?*

“Os animais não são simples máquinas, como supondes. Contudo, a liberdade de ação de que desfrutam é limitada às suas necessidades, não podendo ser comparada à do homem. Por serem muito inferiores ao homem, os animais não têm os mesmos deveres. A liberdade de que gozam é restrita aos atos da vida material.”

596. *De onde vem a aptidão de certos animais para imitar a linguagem do homem e por que essa aptidão se revela mais entre as aves do que no macaco, por exemplo, cuja conformação apresenta mais analogia com a humana?*

“De uma conformação peculiar dos órgãos vocais, reforçada pelo instinto de imitação. O macaco imita os gestos; algumas aves imitam a voz.”

597. *Visto que os animais têm uma inteligência que lhes faculta certa liberdade de ação, haverá neles algum princípio independente da matéria?*

“Sim, e que sobrevive ao corpo.”

597-a. *Esse princípio é uma alma semelhante à do homem?*

“É também uma alma, se quiserdes, dependendo do sentido que se der a esta palavra, mas é inferior à do homem. Entre a alma dos animais e a do homem há tanta distância quanto a que existe entre a alma do homem e Deus.”

598. *Após a morte, a alma dos animais conserva a sua individualidade e a consciência de si mesma?*

“Sua individualidade, sim, mas não a consciência do seu *eu*. A vida inteligente permanece em estado latente.”

599. *A alma dos animais pode escolher a espécie de animal em que vai encarnar?*

“Não; a alma dos animais não tem o livre-arbítrio.”

600. *Sobrevivendo ao corpo em que habitou, a alma do animal fica num estado errante semelhante ao em que se acha o homem após a morte?*

“Fica numa espécie de erraticidade, já que não está mais unida ao corpo, mas não é um *Espírito errante*. O Espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade; o dos animais não tem a mesma faculdade. É a consciência de si mesmo que constitui o principal atributo do Espírito. Após a morte, o Espírito do animal é classificado pelos Espíritos que se encarregam dessa tarefa e utilizado quase imediatamente; não dispõe de tempo para se relacionar com outras criaturas.”

601. *Os animais estão sujeitos a uma lei progressiva, como os homens?*

“Sim, e é por isso que nos mundos superiores, onde os homens são mais adiantados, os animais também o são, dispondo de meios de comunicação mais desenvolvidos. Entretanto, são sempre inferiores e subordinados ao homem, para o qual representam servidores inteligentes.”

Nada há nisso de extraordinário. Tomemos os nossos animais mais inteligentes, como o cão, o elefante, o cavalo, e os imaginemos dotados de uma conformação apropriada aos trabalhos manuais. O que não fariam sob a direção do homem?

602. *Os animais progridem, como o homem, por ato da própria vontade, ou pela força das coisas?*

“Pela força das coisas, razão por que não há expiação para eles.”

603. *Nos mundos superiores, os animais conhecem a Deus?*

“Não. Para eles, o homem é um deus, como outrora os Espíritos eram deuses para os homens.”

604. *Se os animais são sempre inferiores ao homem, mesmos os aperfeiçoados, existentes nos mundos superiores, dever-se-á concluir que Deus terá criado seres intelectuais perpetuamente destinados à inferioridade, o que não parece concordar com a unidade de vistas e de progresso que se notam em todas as suas obras?*

“Tudo se encadeia na Natureza, por laços que ainda não podeis compreender. Assim, as coisas aparentemente mais absurdas têm pontos de contato que o homem jamais poderá compreender no seu estado atual. Poderá entrevê-los por um esforço da sua inteligência, mas somente quando essa inteligência estiver plenamente desenvolvida e liberta dos preconceitos do orgulho e da ignorância, é que poderá ver claramente na obra de Deus. Até lá, suas ideias limitadas lhe farão ver as coisas sob um prisma mesquinho e acanhado. Ficai certos de que Deus não pode contradizer-se e de que, na Natureza, tudo se harmoniza por meio de leis gerais que jamais se afastam da sublime sabedoria do Criador.”

- 604-a. *Assim, a inteligência é uma propriedade comum, um ponto de contato entre a alma dos animais e a do homem?*

“Sim, mas os animais só têm a inteligência da vida material. No homem, a inteligência dá lugar à vida moral.”

605. *Considerando-se todos os pontos de contato que existem entre o homem e os animais, não se poderia pensar que o homem possui duas almas: a alma animal e a alma espírita, e que, se esta última não existisse, só como animal ele poderia viver? Em outras palavras, o animal é um ser semelhante ao homem, tendo de menos a alma espírita? Se for assim, os bons e os maus instintos do homem resultariam da predominância de uma ou outra dessas almas.*

“Não, o homem não tem duas almas, mas o corpo tem seus instintos, que resultam da sensação dos órgãos. O que há nele é apenas uma dupla natureza: a natureza animal e a natureza espiritual. Pelo seu corpo, o homem participa da natureza dos animais e de seus instintos; por sua alma, participa da natureza dos Espíritos.”

- 605-a. *Assim, além de suas próprias imperfeições, das quais o Espírito deve despojar-se, o homem ainda tem que lutar contra a influência da matéria?*

“Sim. Quanto mais inferior é o Espírito, tanto mais apertados são os laços que o prendem à matéria. Não o vedes? O homem não tem duas almas; a alma é sempre única em cada ser. A alma do animal e a do homem são distintas uma da outra, de tal maneira que a alma de um não pode animar o corpo criado para o outro. Mas ainda que o homem não tenha alma animal que, por suas paixões, o nivele aos animais, tem o corpo, que muitas vezes o rebaixa até o nível deles, pois o corpo é um ser dotado de vitalidade e que tem instintos, porém ininteligentes e limitados aos cuidados que a sua conservação exige.”

Encarnando no corpo do homem, o Espírito lhe traz o princípio intelectual e moral, que o torna superior aos animais. As duas naturezas existentes no homem dão às suas paixões duas fontes diferentes: umas provêm dos instintos da natureza animal, outras resultam das impurezas do Espírito encarnado, que simpatiza mais ou menos com a grosseria dos apetites animais. Ao purificar-se, o Espírito se liberta pouco a pouco da influência da matéria. Sob essa influência, aproxima-se do bruto; livre dela, eleva-se ao seu verdadeiro destino.

606. *De onde tiram os animais o princípio inteligente que constitui a alma de natureza especial de que são dotados?*

“Do elemento inteligente universal.”

606-a. *A inteligência do homem e a dos animais emanam, portanto, de um único princípio?*

“Sem dúvida alguma, mas no homem a inteligência passou por uma elaboração que a coloca acima da que existe no animal.”

607. *Foi dito que a alma do homem, em sua origem, corresponde ao estado de infância na vida corpórea, que sua inteligência apenas desabrocha e se ensaia para a vida (190). Onde o Espírito cumpre essa primeira fase?*

“Numa série de existências que precedem o período a que chamais Humanidade.”

607-a. *Assim, poder-se-ia considerar a alma como tendo sido o princípio inteligente dos seres inferiores da Criação?*

“Já não dissemos que tudo se encadeia na Natureza e tende para a unidade? É nesses seres, que estais longe de conhecer inteiramente, que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida. É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna *Espírito*. Entra, então, no período de humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos, do mesmo modo que à infância sucede o período da adolescência, depois o da juventude e, finalmente, o da maturidade. Aliás, nada há nessa origem que deva humilhar o homem. Os grandes gênios se sentirão humilhados por terem sido fetos informes no ventre materno? Se alguma coisa deve humilhar o homem, é a sua inferioridade perante Deus e sua impotência para sondar a profundidade dos desígnios divinos e a sabedoria das leis que regem a harmonia do Universo. Reconheci a grandeza de Deus nessa admirável harmonia, que faz que tudo seja solidário na Natureza. Acreditar que Deus pudesse ter feito alguma coisa sem finalidade e criado seres inteligentes sem futuro seria blasfemar da sua bondade, que se estende por sobre todas as criaturas.”

607-b. *Esse período de humanização começa na Terra?*

“A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana. Geralmente, o período de humanização começa em mundos ainda mais inferiores. Isto, entretanto, não é regra absoluta, pois pode acontecer que um Espírito, desde o seu início humano, esteja apto a viver na Terra. Esse caso não é frequente; seria antes uma exceção.”

608. *Após a morte, o Espírito do homem tem consciência de suas existências anteriores ao período de humanização?*

“Não, pois não é nesse período que começa a sua vida de Espírito. Ele mal se lembra de suas primeiras existências humanas, exatamente como o homem já não se lembra dos primeiros tempos de sua infância e ainda menos do tempo que passou no ventre materno. É por isso que os Espíritos dizem que não sabem como começaram.” (78)

609. *Depois que entra no período de humanização, o Espírito conserva alguns vestígios do que era precedentemente, isto é, do estado em que se achava no período a que se poderia chamar ante-humano?*

“Depende da distância que separa os dois períodos e do progresso realizado. Durante algumas gerações, ele pode conservar vestígios mais ou menos pronunciados do estado primitivo, pois nada se faz na Natureza por brusca transição. Há sempre anéis que ligam as extremidades da cadeia dos seres e dos acontecimentos, mas esses vestígios se apagam com o desenvolvimento do livre-arbítrio. Os primeiros progressos se realizam lentamente, porque ainda não têm a vontade para secundá-los; seguem uma progressão mais rápida à medida que o Espírito adquire consciência mais perfeita de si mesmo.”

610. *Ter-se-ão enganado os Espíritos que disseram que o homem é um ser à parte na ordem da Criação?*

“Não, mas a questão não tinha sido desenvolvida e há coisas que não podem vir senão a seu tempo. De fato, o homem é um ser à parte, visto possuir faculdades que o distinguem de todos os outros e ter outro destino. A espécie humana é a que Deus escolheu para a encarnação dos seres que podem conhecê-lo.”

Metempsicose

611. *O fato de os seres vivos terem uma origem comum no princípio inteligente não é a consagração da doutrina da metempsicose?*

“Duas coisas podem ter a mesma origem e absolutamente não se assemelharem mais tarde. Quem reconheceria a árvore, suas folhas, flores e frutos no gérmen informe contido na semente de onde ela saiu? Desde que o princípio inteligente atinge o grau necessário para ser Espírito e entrar no período de humanização, já não guarda relação com o seu estado primitivo e já não é a alma dos animais, como a árvore já não é a semente. No homem, só resta do animal o corpo e as paixões que nascem da influência do corpo e do instinto de conservação inerente à matéria. Não se pode, pois, dizer que tal homem é a encarnação do Espírito de tal animal. Consequentemente, a metempsicose, tal como a entendem, não é exata.”

612. *O Espírito que animou o corpo de um homem poderia encarnar num animal?*

“Isso seria retrogradar, e o Espírito não retrograda. O rio não remonta à sua nascente.” (118)

613. *Por mais errônea que seja, a ideia da metempsicose não resultaria do sentimento intuitivo que o homem possui de suas diferentes existências?*⁴⁷

“Esse sentimento intuitivo está presente nessa crença, como em muitas outras. O homem, porém, o desnaturou, como costuma fazer com a maioria de suas ideias intuitivas.”

A metempsicose seria verdadeira se por esse termo se entendesse a progressão da alma de um estado inferior a um estado superior, em que adquirisse desenvolvimentos que lhe transformassem a natureza. Mas é falsa no sentido de transmigração direta da alma do animal para o homem e vice-versa, o que implicaria a ideia de retrogradação ou de fusão. Ora, o fato de não poder realizar-se essa fusão entre os seres corpóreos das duas espécies mostra que essas espécies se encontram em graus não assimiláveis, devendo dar-se o mesmo com relação aos Espíritos que as animam. Se um mesmo Espírito pudesse animá-las alternativamente, haveria, como resultado, uma identidade de natureza, traduzindo-se pela possibilidade da reprodução material. A reencarnação, tal como os Espíritos a ensinam, se baseia, ao contrário, na marcha ascendente da Natureza e na progressão do homem, dentro da sua própria espécie, o que em nada lhe diminui a dignidade. O que o rebaixa é o mau uso que ele faz das faculdades que Deus lhe concedeu para o seu adiantamento. Seja como for, a antiguidade e a universalidade da doutrina da metempsicose, bem assim o número de homens eminentes que a professaram, provam que o princípio da reencarnação tem suas raízes na própria Natureza. São, pois, antes argumentos a seu favor do que contrários a esse princípio.

O ponto de partida do Espírito é uma dessas questões que se ligam ao princípio das coisas e que fazem parte dos segredos de Deus. Não é permitido ao homem conhecê-las de maneira absoluta, só lhe sendo possível fazer a tal respeito algumas suposições e construir sistemas mais ou menos prováveis. Os próprios Espíritos estão longe de tudo saberem e, acerca do que não sabem, também podem ter opiniões pessoais mais ou menos sensatas.⁴⁸

⁴⁷ N.E.: Ver *Nota Explicativa*, p. 463.

⁴⁸ N.T.: Este parágrafo e os três seguintes não faziam parte da 2ª edição francesa (1860), tendo sido acrescentados mais tarde por Allan Kardec, conforme se pode constatar na 4ª edição, de 1861, e edições posteriores de *O livro dos espíritos*.

É assim, por exemplo, que nem todos pensam da mesma forma quanto às relações existentes entre o homem e os animais. Segundo alguns, o Espírito não chega ao período de humanização senão depois de se haver elaborado e individualizado nos diversos graus dos seres inferiores da Criação. Segundo outros, o Espírito do homem teria pertencido sempre à raça humana, sem passar pela feira animal. O primeiro desses sistemas tem a vantagem de dar um objetivo ao futuro dos animais, que formariam então os primeiros elos da cadeia dos seres pensantes. O segundo é mais conforme a dignidade do homem e pode resumir-se da maneira seguinte:

As diferentes espécies de animais não procedem *intelectualmente* umas das outras pela via da progressão. Assim, o espírito da ostra não se torna sucessivamente o do peixe, do pássaro, do quadrúpede e do quadrúmano. Cada espécie constitui, física e moralmente, um tipo absoluto, haurindo cada indivíduo na fonte universal a quantidade de princípio inteligente que lhe seja necessária, de acordo com a perfeição de seus órgãos e com a obra que tenha de executar nos fenômenos da Natureza, quantidade que, por sua morte, é devolvida à massa. Os animais dos mundos mais adiantados que o nosso (188) constituem igualmente raças distintas, apropriadas às necessidades desses mundos e ao grau de adiantamento dos homens, dos quais são auxiliares, mas que não procedem absolutamente dos da Terra, espiritualmente falando. Com o homem não sucede a mesma coisa. Do ponto de vista físico, ele forma, evidentemente, um elo da cadeia dos seres vivos, mas, do ponto de vista moral, há solução de continuidade entre o homem e o animal. O homem possui, como propriedade sua, a alma ou Espírito, centelha divina que lhe dá o senso moral e um alcance intelectual que os animais não possuem; é o seu ser principal, preexistente e sobrevivente ao corpo, e que conserva a sua individualidade.

Qual é a origem do Espírito? Onde está o seu ponto de partida? Forma-se do princípio inteligente individualizado? Eis um mistério que seria inútil tentar devassar e sobre o qual, como dissemos, só podemos construir sistemas. O que é certo, o que ressalta ao mesmo tempo do raciocínio e da experiência é a sobrevivência do Espírito, a conservação de sua individualidade após a morte, sua faculdade de progredir, seu estado feliz ou infeliz, proporcional ao seu adiantamento no caminho do bem e todas as verdades morais decorrentes deste princípio. Quanto às relações misteriosas que existem entre o homem e os animais, isso, repetimos, está nos segredos de Deus, como tantas outras coisas cujo conhecimento atual não importa ao nosso progresso e sobre as quais seria inútil nos determos.

Livro Terceiro



Leis morais

Capítulo I	Lei divina ou natural
Capítulo II	I. Lei de adoração
Capítulo III	II. Lei do trabalho
Capítulo IV	III. Lei de reprodução
Capítulo V	IV. Lei de conservação
Capítulo VI	V. Lei de destruição
Capítulo VII	VI. Lei de sociedade
Capítulo VIII	VII. Lei do progresso
Capítulo IX	VIII. Lei de igualdade
Capítulo X	IX. Lei de liberdade
Capítulo XI	X. Lei de justiça, amor e caridade
Capítulo XII	Perfeição moral

CAPÍTULO I



Lei divina ou natural

- Características da lei natural • Origem e conhecimento da lei natural⁴⁹ • O bem e o mal • Divisão da lei natural

Características da lei natural

614. *Que se deve entender por lei natural?*
“A lei natural é a Lei de Deus. É a única verdadeira para a felicidade do homem. Indica-lhe o que deve fazer ou não fazer, e ele só é infeliz porque dela se afasta.”
615. *A Lei de Deus é eterna?*
“É eterna e imutável como o próprio Deus.”
616. *É possível que Deus haja prescrito aos homens, em certa época, aquilo que lhes proibiria em outra época?*
“Deus não se engana. Os homens é que são obrigados a modificar suas leis, por serem imperfeitas; mas as Leis de Deus são perfeitas. A harmonia que rege o universo material e o universo moral se baseia em leis estabelecidas por Deus desde toda a eternidade.”
617. *Qual a abrangência das Leis divinas? Referem-se a alguma outra coisa, além da conduta moral?*

⁴⁹ N.T.: A expressão “Origem e” não constava no *Sumário* das edições originais francesas, nem no subtítulo que trata das questões 619 a 628. Consta, porém, no cabeçalho deste capítulo, razão pela qual a inserimos nesta versão.

“Todas as Leis da Natureza são Leis divinas, visto que Deus é o autor de todas as coisas. O sábio estuda as leis da matéria, o homem de bem estuda e pratica as leis da alma.”

617-a. *É permitido ao homem aprofundar-se nessas leis?*

“Sim, mas uma única existência não lhe basta para isso.”

Que são, de fato, alguns anos para se adquirir tudo o que constitui o ser perfeito, mesmo se considerada apenas a distância que separa o selvagem do homem civilizado? A mais longa existência que se possa imaginar é insuficiente, e mais insuficiente ainda quando é curta, como acontece com a maior parte dos homens.

Entre as Leis divinas, umas regulam o movimento e as relações da matéria bruta: são as leis físicas, cujo estudo pertence ao domínio da Ciência. As outras dizem respeito especialmente ao homem em si mesmo e às suas relações com Deus e com seus semelhantes. Abrangem tanto as regras da vida do corpo quanto as da vida da alma: são as leis morais.

618. *As Leis divinas são as mesmas para todos os mundos?*

“A razão nos diz que elas devem ser apropriadas à natureza de cada mundo e proporcionais ao grau de adiantamento dos seres que os habitam.”

Origem e conhecimento da lei natural

619. *Deus facultou a todos os homens os meios de conhecerem sua lei?*

“Todos podem conhecê-la, mas nem todos a compreendem. Os homens de bem e os que desejam pesquisá-la são os que melhor a compreendem. Todos, entretanto, a compreenderão um dia, pois é preciso que o progresso se realize.”

A justiça das diversas encarnações do homem é uma consequência deste princípio, pois a cada nova existência sua inteligência se acha mais desenvolvida e ele compreende melhor o que é bem e o que é mal. Se, para ele, tudo tivesse que se realizar numa única existência, qual seria a sorte de tantos milhões de seres que morrem todos os dias no embrutecimento da selvageria ou nas trevas da ignorância, sem que deles tenha dependido o próprio esclarecimento? (171 e 222)

620. *Antes de se unir ao corpo, a alma compreende melhor a Lei de Deus do que após a sua encarnação?*
“Compreende-a de acordo com o grau de perfeição a que tenha chegado e dela guarda a intuição quando unida ao corpo. Mas os maus instintos do homem fazem frequentemente que ele esqueça a Lei de Deus.”
621. *Onde está escrita a Lei de Deus?*
“Na consciência.”
- 621-a. *Uma vez que o homem traz em sua consciência a Lei de Deus, que necessidade havia de lhe ser ela revelada?*
“Ele a tinha esquecido e desprezado: Deus quis que ela lhe fosse lembrada.”
622. *Deus confiou a alguns homens a missão de revelar sua lei?*
“Sim, certamente. Em todos os tempos houve homens que receberam essa missão. São Espíritos superiores, encarnados com o objetivo de fazer a Humanidade progredir.”
623. *Os que têm pretendido instruir os homens na Lei de Deus não se enganaram algumas vezes, fazendo-os transviar-se frequentemente por meio de falsos caminhos?*
“Os que não eram inspirados por Deus e que, por ambição, se atribuíram uma missão que não lhes fora confiada certamente podem ter dado causa a que os homens se transviassem. Entretanto, como eram, afinal, homens geniais, mesmo entre os erros que ensinaram, muitas vezes se encontram grandes verdades.”
624. *Qual o caráter do verdadeiro profeta?*
“O verdadeiro profeta é um homem de bem, inspirado por Deus. Podeis reconhecê-lo pelas suas palavras e pelos seus atos. Deus não pode servir-se da boca do mentiroso para ensinar a verdade.”
625. *Qual o tipo mais perfeito que Deus já ofereceu ao homem para lhe servir de guia e modelo?*
“Jesus.”

Para o homem, Jesus representa o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque, sendo Jesus o ser mais puro que já apareceu na Terra, o Espírito Divino o animava.

Se alguns dos que pretenderam instruir o homem na Lei de Deus algumas vezes o transviaram por meio de falsos princípios, foi porque se deixaram dominar por sentimentos demasiado terrenos e porque confundiram as leis que regulam as condições da vida da alma com as que regem a vida do corpo. Muitos deles apresentaram como Leis divinas o que eram simples leis humanas, criadas para servir às paixões e para dominar os homens.

626. *As Leis divinas e naturais só foram reveladas aos homens por Jesus? Antes dele, as pessoas só as conheciam por intuição?*

“Já não dissemos que elas estão escritas por toda parte? Todos os homens que meditaram sobre a sabedoria puderam compreendê-las e ensiná-las, desde os séculos mais remotos. Por meio de seus ensinamentos, mesmo incompletos, prepararam o terreno para receber a semente. Estando as Leis divinas escritas no livro da Natureza, o homem pôde conhecê-las quando quis procurá-las. É por isso que os preceitos que elas consagram têm sido proclamados em todos os tempos pelos homens de bem, e é também por isso que encontramos os seus elementos na doutrina moral de todos os povos que já saíram da barbárie, mesmo que incompletos ou desfigurados pela ignorância e pela superstição.”

627. *Já que Jesus ensinou as verdadeiras Leis de Deus, qual a utilidade do ensino dado pelos Espíritos? Terão eles mais alguma coisa a nos ensinar?*

“Muitas vezes a palavra de Jesus era alegórica e em forma de parábolas, porque Ele falava de acordo com a época e os lugares. Agora, é preciso que a verdade seja inteligível para todos. É necessário explicar e desenvolver aquelas leis, já que pouquíssimos são os que as compreendem e menos ainda os que as praticam. Nossa missão é abrir os olhos e os ouvidos de todos para confundir os orgulhosos e desmascarar os hipócritas, que da religião e da virtude só guardam a aparência, a fim de ocultarem suas torpezas. O ensino dos Espíritos deve ser claro e sem equívocos, de sorte

que ninguém possa alegar ignorância e todos possam julgá-lo e apreciá-lo com a razão. Estamos incumbidos de preparar o reino do bem anunciado por Jesus. Daí a necessidade de que ninguém possa interpretar a Lei de Deus ao sabor de suas paixões, nem falsear o sentido de uma lei toda de amor e de caridade.”

628. *Por que nem sempre a verdade foi colocada ao alcance de todos?*

“É necessário que cada coisa venha a seu tempo. A verdade é como a luz: é preciso habituar-se a ela pouco a pouco, senão ofusca.

Deus jamais permitiu que o homem recebesse comunicações tão completas e instrutivas como as que hoje lhe são dadas. Havia na Antiguidade, como sabeis, alguns indivíduos que tinham a posse do que consideravam uma ciência sagrada, e da qual faziam mistério para aqueles que eram tidos como profanos. Pelo que conheceis das leis que regem esses fenômenos, deveis compreender que eles recebiam apenas algumas verdades esparsas, dentro de um conjunto equívoco e, na maioria dos casos, emblemático. Entretanto, para o homem estudioso, não há nenhum sistema antigo de filosofia, nenhuma tradição, nenhuma religião que seja desprezível, porque todos encerram germes de grandes verdades que, embora pareçam contraditórias entre si, já que estão dispersas em meio a acessórios sem fundamento, são facilmente coordenáveis, graças à chave que o Espiritismo vos dá de uma infinidade de coisas que até aqui vos pareciam sem razão alguma, e cuja realidade está hoje demonstrada de maneira incontestável. Não deixeis de tirar temas de estudo desses materiais. Eles são riquíssimos e podem contribuir bastante para vossa instrução.”

O bem e o mal

629. *Que definição se pode dar da moral?*

“A moral é a regra de bem proceder, isto é, a distinção entre o bem e o mal. Funda-se na observância da Lei de Deus. O homem procede bem quando faz tudo pelo bem de todos, porque então cumpre a Lei de Deus.”

630. *Como se pode distinguir o bem do mal?*

“O bem é tudo o que é conforme a Lei de Deus, e o mal é tudo o que dela se afasta. Assim, fazer o bem é proceder de acordo com a Lei de Deus. Fazer o mal é infringir essa lei.”

631. *O homem tem meios de distinguir por si mesmo o que é bem do que é mal?*

“Sim, quando crê em Deus e o quer saber. Deus lhe deu a inteligência para distinguir um do outro.”

632. *Por estar sujeito ao erro, o homem não pode enganar-se na apreciação do bem e do mal e crer que faz o bem, quando na realidade faz o mal?*

“Jesus vos disse: vede o que gostaríeis que vos fizessem ou não vos fizessem. Tudo se resume nisso. Não vos enganareis.”

633. *A regra do bem e do mal, que se poderia chamar de reciprocidade ou de solidariedade, não pode ser aplicada à conduta pessoal do homem para consigo mesmo. Achará ele, na lei natural, a regra dessa conduta e um guia seguro?*

“Quando comeis em excesso, isso vos faz mal. Pois bem, é Deus quem vos dá a medida do que necessitais. Quando ultrapassais essa medida, sois punidos. Dá-se o mesmo em tudo. A lei natural traça para o homem o limite de suas necessidades; quando ele o ultrapassa, é punido pelo sofrimento. Se o homem sempre escutasse essa voz que lhe diz *basta*, evitaria a maior parte dos males de que acusa a Natureza.”

634. *Por que o mal está na natureza das coisas? Falo do mal moral. Deus não podia ter criado a Humanidade em melhores condições?*

“Já te dissemos: os Espíritos foram criados simples e ignorantes (115). Deus deixa ao homem a escolha do caminho. Tanto pior para ele, se toma o mau caminho: sua peregrinação será mais longa. Se não existissem montanhas, o homem não compreenderia que se pode subir e descer; e se não existissem rochas, não compreenderia que há corpos duros. É preciso que o Espírito adquira experiência e, para isso, é necessário que conheça o bem e o mal. Eis por que há união do Espírito ao corpo.” (119)

635. *As diferentes posições sociais criam necessidades novas, que não são as mesmas para todos os homens. Não fica parecendo que a lei natural não constitui regra uniforme?*

“Essas diferentes posições estão na natureza das coisas e segundo a lei do progresso. Isto não impede a unidade da lei natural, que se aplica a tudo.”

As condições da existência do homem mudam de acordo com os tempos e os lugares, resultando para ele necessidades diferentes e posições sociais apropriadas a essas necessidades. Já que essa diversidade está na ordem das coisas, ela é conforme a Lei de Deus, lei que não deixa de ser una em seu princípio. Cabe à razão distinguir as necessidades reais das necessidades artificiais ou convencionais.

636. *O bem e o mal são absolutos para todos os homens?*

“A Lei de Deus é a mesma para todos, mas o mal depende principalmente da vontade que se tenha de o praticar. O bem é sempre o bem e o mal é sempre o mal, seja qual for a posição do homem; a diferença está no grau de responsabilidade.”

637. *Será culpado o selvagem que, cedendo ao seu instinto, se alimenta de carne humana?*

“Eu disse que o mal depende da vontade. Pois bem! O homem é tanto mais culpado quanto melhor sabe o que faz.”

As circunstâncias dão relativa gravidade ao bem e ao mal. Muitas vezes o homem comete faltas que, embora decorrentes da posição em que a sociedade o colocou, não são menos repreensíveis. Mas a sua responsabilidade é proporcional aos meios de que ele dispõe para compreender o bem e o mal. É por isso que o homem esclarecido que comete uma simples injustiça é mais culpado aos olhos de Deus do que o selvagem ignorante que se entrega aos seus instintos.

638. *Parece, às vezes, que o mal é uma consequência da força das coisas. Tal, por exemplo, em certos casos, a necessidade de destruição, até mesmo do nosso semelhante. Pode-se dizer, então, que há infração da Lei de Deus?*

“Embora necessário, o mal não deixa de ser o mal. Mas essa necessidade desaparece à medida que a alma se depura, passando de

uma existência a outra. Então o homem se torna mais culpado quando o comete, porque melhor o compreende.”

639. *O mal que cometemos não resulta muitas vezes da posição em que os outros homens nos colocaram? Quais são, nesse caso, os mais culpados?*

“O mal recai sobre aquele que foi o seu causador. Assim, o homem que é levado a praticar o mal pela posição em que seus semelhantes o colocaram é menos culpado do que aqueles que causaram esse mal, porque cada um será punido não só pelo mal que haja feito, mas também pelo mal que tenha provocado.”

640. *Aquele que não pratica o mal, mas que se aproveita do mal praticado por outrem, é tão culpado quanto este?*

“É como se o houvesse praticado. Aproveitar do mal é participar do mal. Talvez tivesse recuado diante da ação, mas, se tira partido do mal, por encontrá-lo realizado, é que o aprova e o teria praticado, se pudesse *ou se tivesse ousado*.”

641. *O desejo do mal será tão repreensível quanto o próprio mal?*

“Depende. Há virtude em resistir-se voluntariamente ao mal que se deseja praticar, sobretudo quando haja a possibilidade de satisfazer-se a esse desejo. Se, porém, faltou apenas ocasião para isso, o homem é culpado.”

642. *Para agradar a Deus e assegurar a sua posição futura, bastará que o homem não pratique o mal?*

“Não; é preciso que faça o bem no limite de suas forças, pois cada um responderá por todo mal *que haja resultado de não haver praticado o bem*.”

643. *Haverá pessoas que, por sua posição, não tenham possibilidade de fazer o bem?*

“Não há ninguém que não possa fazer o bem. Somente o egoísta nunca encontra oportunidade de o praticar. Basta que se esteja em relação com outros homens para se ter ocasião de fazer o bem, e cada dia da existência oferece essa possibilidade a quem não estiver cego pelo egoísmo. Fazer o bem não consiste somente em

ser caridoso, mas em ser útil, na medida do possível, toda vez que o auxílio se fizer necessário.”

644. *O meio em que certos homens se acham colocados não constitui para eles a fonte principal de muitos vícios e crimes?*

“Sim, mas ainda aí há uma prova que o Espírito escolheu, quando em liberdade. Ele quis se expor à tentação para ter o mérito da resistência.”

645. *Quando o homem se acha, de certo modo, mergulhado na atmosfera do vício, o mal não se torna para ele um arrastamento quase irresistível?*

“Arrastamento, sim; irresistível, não; porque, mesmo dentro dessa atmosfera viciosa, podeis encontrar, algumas vezes, grandes virtudes. São Espíritos que tiveram a força de resistir e que, ao mesmo tempo, receberam a missão de exercer boa influência sobre os seus semelhantes.”

646. *O mérito do bem que se faz está subordinado a certas condições? Em outras palavras: há diferentes graus no mérito do bem?*

“O mérito do bem está na dificuldade em praticá-lo. Não há mérito algum em fazer o bem sem esforço e quando nada custa. Deus leva mais em conta o pobre que reparte o seu único pedaço de pão do que o rico que apenas dá do que lhe sobra. Jesus já disse isto a propósito do óbolo da viúva.”

Divisão da lei natural

647. *Toda a Lei de Deus está contida na máxima do amor ao próximo, ensinada por Jesus?*

“Certamente essa máxima encerra todos os deveres dos homens uns para com os outros. Mas é preciso mostrar a eles a sua aplicação, pois, do contrário, deixarão de praticá-la, como o fazem até hoje. Ademais, a lei natural abrange todas as circunstâncias da vida, e essa máxima é apenas uma parte da lei. Os homens necessitam de regras precisas; os preceitos gerais e muito vagos deixam muitas portas abertas à interpretação.”

648. *Que pensais da divisão da lei natural em dez partes, compreendendo as leis de adoração, trabalho, reprodução, conservação, destruição, sociedade, progresso, igualdade, liberdade e, por fim, a de justiça, amor e caridade?*

“Essa divisão da Lei de Deus em dez partes é a de Moisés e pode abranger todas as circunstâncias da vida, o que é essencial. Podes, pois, adotá-la, sem que, por isso, tenha qualquer coisa de absoluta, como não o têm os demais sistemas de classificação, que dependem do ponto de vista sob o qual se considere uma coisa. A última lei é a mais importante; é por meio dela que o homem pode adiantar-se mais na vida espiritual, visto que resume todas as outras.”

CAPÍTULO II



I. Lei de adoração

• Objetivo da adoração • Adoração exterior • Vida contemplativa • Prece • Politeísmo • Sacrifícios

Objetivo da adoração

649. *Em que consiste a adoração?*
“Na elevação do pensamento a Deus. Pela adoração, o homem aproxima sua alma de Deus.”
650. *A adoração resulta de um sentimento inato ou é fruto de um ensino?*
“Sentimento inato, como o da Divindade. A consciência da sua fraqueza leva o homem a se curvar diante daquele que o pode proteger.”
651. *Houve povos desprovidos de todo sentimento de adoração?*
“Não, porque jamais houve povos ateus. Todos compreendem que acima deles há um Ser supremo.”
652. *Pode-se considerar a adoração como tendo sua fonte na lei natural?*
“Ela faz parte da lei natural, pois resulta de um sentimento inato no homem. É por isso que encontramos a adoração entre todos os povos, embora sob formas diferentes.”

Adoração exterior

653. *A adoração necessita de manifestações exteriores?*

“A verdadeira adoração é a do coração. Em todas as vossas ações, lembrai-vos sempre de que o Senhor vos observa.”

653-a. *A adoração exterior é útil?*

“Sim, se não for um vão simulacro. É sempre útil dar um bom exemplo. Porém, os que somente o fazem por afetação e amor-próprio, mas cuja conduta desmente sua aparente piedade, dão mau exemplo e fazem mais mal do que supõem.”

654. *Deus tem preferência pelos que o adoram desta ou daquela maneira?*

“Deus prefere os que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, aos que julgam honrá-lo com cerimônias que não os tornam melhores para com os seus semelhantes.

Todos os homens são irmãos e filhos de Deus. Ele chama a si todos os que seguem suas leis, qualquer que seja a forma pela qual se exprimam.

É hipócrita todo aquele cuja piedade é apenas aparente. Dá mau exemplo aquele cuja adoração é falsa e está em contradição com a própria conduta.

Aquele que professa adorar o Cristo, mas que é orgulhoso, invejoso e ciumento, duro e implacável para com o próximo, ou ambicioso dos bens deste mundo, eu vos declaro que só tem a religião nos lábios, e não no coração. Deus, que tudo vê, dirá: aquele que conhece a verdade é cem vezes mais culpado do mal que faz do que o selvagem ignorante do deserto e, como tal, será tratado no dia da justiça. Se um cego vos derruba ao passar, vós o desculpais; contudo, se for um homem que enxerga perfeitamente, reclamareis e com razão.

Não pergunteis, pois, se há uma forma de adoração mais conveniente, pois equivaleria a perguntar se é mais agradável a Deus ser adorado num idioma do que em outro. Ainda uma vez vos digo: os cânticos só chegam a Ele pela porta do coração.”

655. *Merece censura aquele que pratica uma religião em que não crê do fundo da alma, fazendo-o apenas por respeito humano e para não escandalizar os que pensam de outra maneira?*

“A intenção, nisto como em tantas outras coisas, é a regra. Aquele que só tenha em vista respeitar as crenças alheias não procede mal. Faz melhor do que um que as ridicularize, porque então falta com a caridade. Mas quem a pratica por interesse ou por ambição se torna desprezível aos olhos de Deus e dos homens. Não podem agradar a Deus os que fingem humilhar-se diante dele apenas para conquistar a aprovação dos homens.”

656. *A adoração em comum é preferível à adoração individual?*

“Reunidos pela comunhão dos pensamentos e dos sentimentos, os homens têm mais força para atrair a si os Espíritos bons. O mesmo se dá quando se reúnem para adorar a Deus. Mas não penseis que, em razão disso, a adoração particular seja menos valiosa, já que cada um pode adorar a Deus pensando nele.”

Vida contemplativa

657. *Os homens que se entregam à vida contemplativa têm algum mérito aos olhos de Deus, já que só pensam nele e não fazem mal a ninguém?*

“Não, pois se não fazem o mal, também não fazem o bem e são inúteis. Além disso, não fazer o bem já é um mal. Deus quer que se pense nele, mas não quer que se pense apenas nele, pois deu ao homem deveres a cumprir na Terra. Aquele que se consome na meditação e na contemplação nada faz de meritório aos olhos de Deus, porque sua vida é toda pessoal e inútil à Humanidade, e Deus lhe pedirá contas do bem que não houver feito.” (640)

Prece

658. *A prece é agradável a Deus?*

“A prece é sempre agradável a Deus, quando ditada pelo coração, pois, para Ele, a intenção é tudo, e a prece do coração é preferível àquela

que podes ler, por mais bela que seja, se for lida mais com os lábios do que com o pensamento. A prece é agradável a Deus quando dita com fé, com fervor e sinceridade. Mas não creiais que o sensibilize a prece do homem vão, orgulhoso e egoísta, a menos que signifique, de sua parte, um ato de sincero arrependimento e de verdadeira humildade.”

659. *Qual o caráter geral da prece?*

“A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele; é aproximar-se dele; é pôr-se em comunicação com Ele. Pela prece podemos fazer três coisas: louvar, pedir, agradecer.”

660. *A prece torna melhor o homem?*

“Sim, pois aquele que ora com fervor e confiança se torna mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia Espíritos bons para o assistir. É um socorro que jamais lhe é recusado, quando pedido com sinceridade.”

660-a. *Como é que certas pessoas, apesar de orarem bastante, têm mau caráter, são ciumentas, invejosas, impertinentes, carentes de benevolência, de indulgência e, algumas vezes, até mesmo viciosas?*

“O essencial não é orar muito, mas orar bem. Essas pessoas acreditam que todo o mérito está na maior duração da prece e fecham os olhos para os seus próprios defeitos. Para elas a prece é uma ocupação, um emprego do tempo, mas não *um estudo de si mesmas*. A ineficácia não é do remédio, mas da maneira como é aplicado.”

661. *Poderemos utilmente pedir a Deus que perdoe as nossas faltas?*

“Deus sabe discernir o bem do mal; a prece não esconde as faltas. Aquele que pede a Deus o perdão de suas faltas só o obtém se mudar de conduta. As boas ações são a melhor prece, porque os atos valem mais do que as palavras.”

662. *É possível orar utilmente pelos outros?*

“O Espírito de quem ora atua pela vontade de fazer o bem. Pela prece, ele atrai para si os Espíritos bons e estes se associam ao bem que deseja fazer.”

Possuímos em nós mesmos, pelo pensamento e pela vontade, um poder de ação que se estende muito além dos limites da nossa esfera corpórea. A prece pelos outros é um ato dessa vontade. Se for ardente e sincera, pode chamar os Espíritos bons em auxílio daquele por quem oramos, a fim de lhe sugerirem bons pensamentos e lhe darem a força de que precisam seu corpo e sua alma. Mas, ainda aqui, a prece do coração é tudo, a dos lábios nada vale.

663. *As preces que fizermos por nós mesmos podem mudar a natureza de nossas provas e desviar-lhes o curso?*

“As vossas provas estão nas mãos de Deus e existem algumas que devem ser suportadas até o fim. Deus, porém, sempre leva em conta a resignação. A prece atrai para vós os Espíritos bons que, ao vos darem a força de suportá-las com coragem, faz que elas vos pareçam menos rudes. Já dissemos que a prece nunca é inútil, quando benfeita, porque fortalece aquele que ora, o que já é um grande resultado. Ajuda-te a ti mesmo e o Céu te ajudará, bem o sabes. Além disso, Deus não pode mudar a ordem da Natureza ao sabor de cada um, porque aquilo que é um grande mal, do vosso ponto de vista mesquinho e do da vossa vida efêmera, é quase sempre um grande bem na ordem geral do Universo. Além disso, de quantos males o homem não é o próprio autor, pela sua imprevidência ou pelas suas faltas! Ele é punido naquilo em que pecou. Entretanto, os vossos pedidos justos são atendidos muito mais vezes do que supondes. Julgais que Deus não vos ouviu porque não fez um milagre em vosso favor, quando vos assiste por meios tão naturais que vos parecem obra do acaso ou da força das circunstâncias. Muitas vezes também, e é o que quase sempre acontece, Ele vos sugere a ideia necessária para vos desembaraçardes por vós mesmos das dificuldades que enfrentais.”

664. *Será útil orar pelos mortos e pelos Espíritos sofredores? Nesse caso, como as nossas preces podem proporcionar-lhes alívio e abreviar seus sofrimentos? Têm o poder de abrandar a Justiça de Deus?*

“A prece não pode ter por efeito mudar os desígnios de Deus, mas a alma por quem se ora experimenta alívio, porque é uma prova do interesse que lhe é dado e também porque o infeliz é sempre consolado quando encontra almas caridosas que se compadecem de suas dores.

Por outro lado, pela prece provoca-se o arrependimento e o desejo de fazer o que é necessário para ser feliz. É nesse sentido que se pode abreviar o sofrimento do Espírito, se, por sua parte, ele contribui com a sua boa vontade. O desejo de melhorar-se, estimulado pela prece, atrai para junto do Espírito sofredor Espíritos melhores, que o vêm esclarecer, consolar e dar-lhe esperanças. Jesus orava pelas ovelhas desgarradas, mostrando-vos, desse modo, que vos tornareis culpados se nada fizerdes por aqueles que mais necessitam de preces.”

665. *Que pensar da opinião dos que rejeitam a prece em favor dos mortos, em virtude de não estar prescrita no Evangelho?*

“O Cristo disse aos homens: *Amai-vos uns aos outros*. Esta recomendação compreende todos os meios possíveis de o homem testemunhar afeição pelos outros homens, sem, por isso, entrar em minúcias quanto à maneira de atingir esse objetivo. Se é verdade que nada pode desviar o Criador de aplicar a justiça — da qual é a personificação por excelência — a todas as ações do Espírito, também não é menos certo que a prece que dirigis a Deus em favor daquele que vos inspira afeição constitui para este uma prova de que não o esqueceste e que não deixa de contribuir para aliviar os seus sofrimentos e consolá-lo. Desde que ele manifeste o mais leve arrependimento, e *só* então, é socorrido; contudo, jamais ignora que uma alma simpática se ocupou com ele, despertando-lhe a doce crença de que a intercessão dessa alma lhe foi útil. Daí resulta, necessariamente, de sua parte, um sentimento de gratidão e de afeto por aquele que lhe deu essa prova de afeição ou de piedade. Consequentemente, o amor que o Cristo recomendava aos homens só vai aumentar entre eles; ambos, pois, obedeceram à lei de amor e de união de todos os seres, Lei divina que deve conduzir à unidade, que é o objetivo e a finalidade do Espírito.”⁵⁰

666. *Pode-se orar aos Espíritos?*

“Pode-se orar aos Espíritos bons como os mensageiros de Deus e os executores de suas vontades. Mas o poder deles é proporcional à superioridade que hajam alcançado e depende sempre do Senhor

⁵⁰ Nota de Allan Kardec: Resposta dada pelo Sr. Monod (Espírito), pastor protestante de Paris, morto em abril de 1856. A resposta precedente (664) é do Espírito São Luís.

de todas as coisas, sem cuja permissão nada se faz. É por isso que as preces que lhes dirigimos só são eficazes se forem aceitas por Deus.”

Politeísmo

667. *Por que o politeísmo é uma das crenças mais antigas e disseminadas, já que é uma crença falsa?*

“A concepção de um Deus único só podia chegar ao homem como resultado do desenvolvimento de suas ideias. Incapaz, pela sua ignorância, de conceber um ser imaterial, sem forma determinada, atuando sobre a matéria, o homem lhe conferiu os atributos da natureza corpórea, isto é, uma forma e uma figura e, desde então, tudo o que lhe parecia ultrapassar os limites da inteligência comum era, para ele, uma divindade. Tudo o que não compreendia devia ser obra de um poder sobrenatural. Daí a crer em tantas potências distintas quanto os efeitos que observava, não havia senão um passo. Mas, em todos os tempos, houve homens esclarecidos, que compreenderam a impossibilidade dessa multidão de poderes para governar o mundo sem uma direção superior, e que se elevaram à concepção de um Deus único.”

668. *Por se terem produzido em todos os tempos e serem conhecidos desde as primeiras idades do mundo, os fenômenos espíritos não terão contribuído para a difusão da crença na pluralidade dos deuses?*

“Sem dúvida. Como os homens chamavam *deus* a tudo o que era sobre-humano, para eles os Espíritos pareciam deuses. É por isso que quando um homem se distinguia dos demais, por suas ações, pelo seu gênio ou por um poder oculto que o povo não compreendia, faziam dele um deus e lhe rendiam culto após a morte.” (603)

Entre os Antigos, a palavra *deus* tinha uma acepção muito ampla. Não significava, como hoje, uma personificação do Senhor da Natureza. Era uma qualificação genérica, que se dava a todo ser colocado acima das condições da Humanidade. Ora, tendo as manifestações espíritas lhes revelado a existência de seres incorpóreos que agiam como forças da Natureza, eles os chamaram *deuses*, como nós os chamamos *Espíritos*. Simples questão de palavras, com a

diferença de que, em sua ignorância, mantida intencionalmente por aqueles que nisso tinham interesse, eles construíram templos e altares muito lucrativos, ao passo que hoje os consideramos simples criaturas como nós, mais ou menos perfeitas e despojadas de seus envoltórios terrenos. Se estudarmos atentamente os diversos atributos das divindades pagãs, reconheceremos sem dificuldade todos os atributos dos nossos Espíritos, em todos os graus da escala espírita, seu estado físico nos mundos superiores, todas as propriedades do perispírito e o papel que desempenham nas coisas da Terra.

Vindo iluminar o mundo com a sua luz divina, o Cristianismo não podia destruir uma coisa que está na Natureza, mas fez que a adoração se voltasse para aquele a quem é devida. Quanto aos Espíritos, a lembrança deles se perpetuou sob diversos nomes, conforme os povos, e suas manifestações, que jamais deixaram de produzir-se, foram interpretadas de maneiras diferentes e muitas vezes exploradas sob o domínio do mistério. Enquanto a religião via nessas manifestações fenômenos miraculosos, os incrédulos os consideravam embustes. Hoje, graças a estudos mais sérios, feitos em plena luz, o Espiritismo, liberto das ideias supersticiosas que o obscureceram durante séculos, nos revela um dos maiores e mais sublimes princípios da Natureza.

Sacrifícios

669. *A prática dos sacrifícios humanos remonta à mais alta antiguidade. Como pôde o homem ser levado a crer que tais coisas pudessem ser agradáveis a Deus?*

“Primeiramente, porque não compreendia Deus como a fonte da bondade. Entre os povos primitivos, a matéria prevalece sobre o espírito; eles se entregam aos instintos do animal selvagem, razão por que, em geral, são cruéis; é que neles o senso moral ainda não se acha desenvolvido. Em segundo lugar, os homens primitivos deviam crer naturalmente que, aos olhos de Deus, uma criatura animada tivesse muito mais valor do que um corpo material. Foi isso que os levou a imolarem, primeiro, animais e, mais tarde, homens, visto que, de acordo com a falsa crença que possuíam, pensavam que o valor do sacrifício era proporcional à importância da vítima. Na vida material, tal como a praticais, se oferecis um presente a alguém, sempre escolheis um de valor tanto maior quanto mais

afeto e consideração quisesdes testemunhar a esse alguém. O mesmo deviam fazer os homens ignorantes, com relação a Deus.”

669-a. *Assim, os sacrifícios de animais teriam precedido os sacrifícios humanos?*
“Sem a menor dúvida.”

669-b. *De acordo com essa explicação, os sacrifícios humanos não teriam sua origem num sentimento de crueldade?*

“Não, mas de uma falsa ideia do que seria agradável a Deus. Vede Abraão. Com o tempo, os homens passaram a cometer abusos, imolando seus inimigos, até mesmo os inimigos pessoais. Entretanto, Deus jamais exigiu sacrifícios, nem de animais, nem de homens. Ele não pode ser honrado com a destruição inútil de sua própria criatura.”

670. *Em alguns casos, os sacrifícios humanos praticados com intenção piedosa poderiam ter sido agradáveis a Deus?*

“Não, jamais, mas Deus julga pela intenção. Sendo ignorantes, os homens deviam acreditar que praticavam ato louvável imolando seus semelhantes. Nesses casos, Deus só levava em conta o pensamento, e não o fato. Ao se melhorarem, os homens tiveram que reconhecer seu erro e reprovar tais sacrifícios, que não se conciliavam com as ideias de Espíritos esclarecidos. Digo esclarecidos, porque os Espíritos estavam então envolvidos pelo véu material, mas, por meio do livre-arbítrio, poderiam vislumbrar sua origem e finalidade, e muitos, por intuição, já compreendiam o mal que faziam, embora nem por isso deixassem de praticá-lo para satisfazer às suas paixões.”

671. *Que devemos pensar das chamadas guerras santas? O sentimento que leva os povos fanáticos a exterminarem o maior número possível dos que não partilham de suas crenças, tendo em vista agradecer a Deus, não teria a mesma origem daquele que os excitava outrora a sacrificarem seus semelhantes?*

“São impelidos pelos Espíritos maus e, fazendo a guerra aos semelhantes, contrapõem-se à vontade de Deus, que manda o homem amar o seu irmão como a si mesmo. Todas as religiões, ou melhor, todos os povos adoram um mesmo Deus, qualquer que seja o nome que lhe

deem. Por que, então, fazer guerra de extermínio a outro, só porque a religião de um é diferente da do outro, ou ainda não alcançou o progresso da religião dos povos esclarecidos? Os povos são desculpáveis por não crerem na palavra daquele que o espírito de Deus animava e que o Pai enviou, sobretudo os que não o viram e não testemunharam seus atos; como quereis que eles acreditem nessa palavra de paz, quando os procurais de espada em punho? Eles têm que ser esclarecidos e devemos nos empenhar em fazê-los conhecer a doutrina do Cristo pela persuasão e pela doçura, e não pela força e pelo sangue. Em vossa maioria, não acreditais nas comunicações que temos com certos mortais; como pretendeis que estranhos acreditem na vossa palavra, quando desmentis com os atos a doutrina que pregais?”

672. *A oferenda de frutos da terra, feita a Deus, tinha mais mérito a seus olhos do que o sacrifício dos animais?*

“Já vos respondi, dizendo que Deus julga segundo a intenção, e que o fato em si tinha pouca importância para Ele. Evidentemente, era mais agradável a Deus que lhe oferecessem frutos da terra do que o sangue das vítimas. Como já vos dissemos e sempre repetiremos, a prece feita do fundo do coração é cem vezes mais agradável a Deus do que todas as oferendas que lhe possais fazer. Repito que a intenção é tudo, que o fato nada vale.”

673. *Não haveria um meio de tornar essas oferendas mais agradáveis a Deus, consagrando-as ao amparo dos que não têm sequer o necessário? Neste caso, o sacrifício dos animais, praticado com fim útil, não seria mais meritório do que o sacrifício abusivo, que não servia para nada, ou só aproveitava aos que não precisavam de coisa alguma? Não haveria qualquer coisa de verdadeiramente piedoso em consagrar-se aos pobres as primícias dos bens que Deus nos concede na Terra?*

“Deus abençoa sempre os que fazem o bem. Amparar os pobres e os aflitos é o melhor meio de honrá-lo. Não quero dizer com isto que Deus desaprove as cerimônias que praticais para orardes a Ele, mas há muito dinheiro que poderia ser empregado mais utilmente. Deus ama a simplicidade em tudo. O homem que se prende às exterioridades e não ao coração é um espírito de visão acanhada. Julgai se Deus deve importar-se mais com a forma do que com o fundo.”



II. Lei do trabalho

- Necessidade do trabalho • Limite do trabalho. Repouso

Necessidade do trabalho

674. *A necessidade do trabalho é uma Lei da Natureza?*
“O trabalho é uma Lei da Natureza, e por isso mesmo é uma necessidade. A civilização obriga o homem a trabalhar mais, porque aumenta as suas necessidades e prazeres.”
675. *Só devemos entender por trabalho as ocupações materiais?*
Não; o Espírito trabalha, assim como o corpo. Toda ocupação útil é trabalho.”
676. *Por que o trabalho é imposto ao homem?*
“Por ser uma consequência de sua natureza corpórea. É uma expiação e, ao mesmo tempo, um meio de aperfeiçoar a sua inteligência. Sem o trabalho, o homem permaneceria na infância intelectual. É por isso que seu alimento, segurança e bem-estar dependem do seu trabalho e da sua atividade. Em compensação, Deus outorgou a inteligência ao que é extremamente fraco de corpo. Mas é sempre um trabalho.”
677. *Por que a Natureza se encarrega, por si mesma, de prover a todas as necessidades dos animais?*

“Tudo trabalha na Natureza. Como tu, os animais trabalham, mas o trabalho deles, como a inteligência de que dispõem, se limita ao cuidado da própria conservação. Eis por que, entre eles, o trabalho não resulta em progresso, ao passo que, entre os homens, tem dupla finalidade: a conservação do corpo e o desenvolvimento da faculdade de pensar, que é também uma necessidade e o eleva acima de si mesmo. Quando digo que o trabalho dos animais é limitado ao cuidado da própria conservação, refiro-me ao objetivo com que trabalham. Entretanto, quando provêm às próprias necessidades materiais, eles se constituem, mesmo de forma inconsciente, em agentes dos desígnios do Criador, e o trabalho que executam não é menos importante para o objetivo final da Natureza, embora quase sempre não possais ver o seu resultado imediato.”

678. *Nos mundos mais aperfeiçoados, o homem é submetido à mesma necessidade de trabalho?*

“A natureza do trabalho é relativa à natureza das necessidades. Quanto menos materiais são as necessidades, menos material é o trabalho. Mas não julgueis daí que o homem se conserve inativo e inútil: a ociosidade seria um suplício, em vez de ser um benefício.”

679. *O homem que possui bens suficientes para garantir a sua subsistência estará isento da lei do trabalho?*

“Do trabalho material, talvez, mas não da obrigação de se tornar útil, de acordo com suas possibilidades, nem do dever de aperfeiçoar a sua inteligência ou a dos outros, o que também é trabalho. Embora o homem a quem Deus concedeu a posse de bens suficientes para assegurar sua existência não seja obrigado a alimentar-se com o suor do seu rosto, a obrigação de ser útil aos seus semelhantes é tanto maior para ele quanto maior tenha sido a cota de tempo livre que lhe coube adiantadamente para fazer o bem.”

680. *Não há homens que se encontram impossibilitados de trabalhar no que quer que seja e cuja existência é inútil?*

“Deus é justo e só condena aquele que voluntariamente tornou inútil a sua existência, pois esse vive à custa do trabalho dos outros. Ele quer que cada um seja útil, de acordo com as suas faculdades.” (643)

681. *A Lei da Natureza impõe aos filhos a obrigação de trabalharem para seus pais?*

“Certamente, assim como os pais devem trabalhar para seus filhos. Foi por isso que Deus fez do amor filial e do amor paterno um sentimento natural, a fim de que, por essa afeição recíproca, os membros de uma mesma família fossem levados a se ajudarem mutuamente. Isto é ignorado com muita frequência na vossa sociedade atual.” (205)

Limite do trabalho. Repouso

682. *Sendo uma necessidade para quem trabalha, o repouso não é também uma Lei da Natureza?*

“Sem dúvida. O repouso serve para reparar as forças do corpo e também é necessário para dar um pouco mais de liberdade à inteligência, a fim de que se eleve acima da matéria.”

683. *Qual o limite do trabalho?*

“O limite das forças. Deus, porém, deixa o homem livre.”

684. *Que pensar dos que abusam de sua autoridade, impondo a seus inferiores excessivo trabalho?*

“É uma das piores ações. Todo homem que tem o poder de mandar é responsável pelo excesso de trabalho que impõe a seus inferiores, porque transgride a Lei de Deus.” (273)

685. *O homem tem o direito de repousar na velhice?*

“Sim, pois está obrigado ao trabalho apenas de acordo com as suas forças.”

- 685-a. *No entanto, que fará o velho que precisa trabalhar para viver, mas está incapacitado para o trabalho?*

“O forte deve trabalhar para o fraco. Na falta da família, a sociedade deve tomar o seu lugar: é a lei de caridade.”

Não basta dizer ao homem que ele deve trabalhar. É necessário que aquele que precisa do trabalho para viver encontre em que se ocupar, o que nem sempre acontece. Quando se generaliza, a falta de trabalho assume as proporções de um flagelo, como a miséria. A ciência econômica procura o remédio para isso no equilíbrio entre a produção e o consumo. Mas esse equilíbrio, mesmo que seja possível estabelecer-se, sempre sofrerá intermitências, durante as quais o trabalhador também precisa continuar vivendo.

Há um elemento a que não se tem dado o devido valor e sem o qual a ciência econômica não passa de simples teoria: a *educação*. Não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos à educação moral pelos livros, e sim à que consiste na *arte de formar os caracteres*, àquela que *cria hábitos*, uma vez que a *educação é o conjunto dos hábitos adquiridos*. Quando se pensa na grande quantidade de indivíduos que todos os dias são lançados na torrente da população, sem princípios, sem freio e entregues a seus próprios instintos, serão de admirar as consequências desastrosas que daí resultam? Quando essa arte for conhecida, compreendida e praticada, o homem terá no mundo hábitos de ordem e de previdência para consigo mesmo e para com os seus, de respeito a tudo o que é respeitável, hábitos que lhe permitirão atravessar com menos dificuldade os dias ruins que não pode evitar. A desordem e a imprevidência são duas chagas que só uma educação *bem entendida* pode curar. Eis aí o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, a garantia da segurança de todos.

CAPÍTULO IV



III. Lei de reprodução

• População do globo • Sucessão e aperfeiçoamento das raças • Obstáculos à reprodução • Casamento e celibato • Poligamia

População do globo

686. *A reprodução dos seres vivos é uma Lei da Natureza?*
“Evidentemente. Sem a reprodução, o mundo corpóreo pereceria.”
687. *Se a população seguir sempre a progressão crescente que vemos, chegará um momento em que ela se tornará excessiva na Terra?*
“Não. Deus a isso provê e mantém sempre o equilíbrio. Ele nada faz de inútil. O homem, que apenas vê um ângulo do quadro da Natureza, não pode julgar da harmonia do conjunto.”

Sucessão e aperfeiçoamento das raças

688. *Há, neste momento, raças humanas que evidentemente diminuem. Chegará o momento em que terão desaparecido da Terra?*⁵¹
“Isto é verdade. É que outras estão lhes tomando o lugar, assim como outras raças um dia tomarão o lugar da vossa.”
689. *Os homens atuais formam uma nova criação ou são descendentes aperfeiçoados dos seres primitivos?*⁵²

^{51, 52} N.E.: Ver Nota Explicativa, p. 463.

“São os mesmos Espíritos que *voltaram*, para se aperfeiçoar em novos corpos, mas que ainda estão longe da perfeição. Assim, a atual raça humana, que, pelo seu crescimento, tende a invadir toda a Terra e a substituir as raças que se extinguem, terá sua fase de decrescimento e de desaparecimento. Será substituída por outras raças mais aperfeiçoadas, que descenderão da atual, como os homens civilizados de hoje descendem dos seres brutos e selvagens dos tempos primitivos.”

690. *Do ponto de vista puramente físico, os corpos da raça atual são de criação especial ou procedem dos corpos primitivos, por meio da reprodução?*⁵³

“A origem das raças se perde na noite dos tempos. Mas como pertencem todas à grande família humana, qualquer que tenha sido o tronco primitivo de cada uma, elas puderam aliar-se entre si e produzir tipos novos.”

691. *Qual é, do ponto de vista físico, o caráter distintivo e dominante das raças primitivas?*⁵⁴

“Desenvolvimento da força bruta, à custa da força intelectual. Agora, dá-se o contrário: o homem faz mais pela inteligência do que pela força física e, não obstante, faz cem vezes mais, porque soube tirar proveito das forças da Natureza, o que não conseguem os animais.”

692. *O aperfeiçoamento das raças animais e vegetais pela Ciência é contrário à lei natural? Seria mais conforme a essa lei deixar que as coisas seguissem seu curso normal?*

“Tudo se deve fazer para chegar à perfeição, e o próprio homem é um instrumento de que Deus se serve para atingir os seus propósitos. Sendo a perfeição o objetivo para o qual tende a Natureza, favorecer essa perfeição é corresponder aos desígnios de Deus.”

- 692-a. *Mas, geralmente, o homem só se esforça para conseguir a melhoria das raças por interesse pessoal, não tendo outro objetivo senão aumentar os seus prazeres. Isto não lhe diminui o mérito?*

^{53, 54} N.E.: Ver Nota Explicativa, p. 463.

“Que importa que seu merecimento seja nulo, contanto que o progresso se realize? Cabe a ele, pela intenção, tornar meritório o seu trabalho. Ademais, por meio desse trabalho ele exercita e desenvolve a inteligência e é sob esse aspecto que tira maior proveito.”

Obstáculos à reprodução

693. *As leis e os costumes humanos que têm por fim ou por efeito criar obstáculos à reprodução são contrários à Lei da Natureza?*

“Tudo o que entrava a marcha da Natureza é contrário à lei geral.”

693-a. *Entretanto, há espécies de seres vivos, animais e plantas, cuja reprodução indefinida seria nociva a outras espécies, e da qual o próprio homem acabaria por ser vítima. Cometeria ele ato repreensível, impedindo essa reprodução?*

“Deus concedeu ao homem, sobre todos os seres vivos, um poder de que ele deve usar para o bem, mas não abusar. Pode, pois, regular a reprodução de acordo com as necessidades, mas não deve entravá-la desnecessariamente. A ação inteligente do homem é um contrapeso instituído por Deus para restabelecer o equilíbrio entre as forças da Natureza e é ainda isso que distingue o homem dos animais, pois ele age com conhecimento de causa. Mas os próprios animais também concorrem para esse equilíbrio, pois o instinto de destruição que lhes foi dado faz com que, ao proverem à própria conservação, eles detenham o desenvolvimento excessivo e talvez perigoso das espécies animais e vegetais de que se alimentam.”

694. *Que se deve pensar dos usos que têm por fim impedir a reprodução, com vistas à satisfação da sensualidade?*

“Isso prova a predominância do corpo sobre a alma e quanto o homem está apegado à matéria.”

Casamento e celibato

695. *O casamento, isto é, a união permanente de dois seres, é contrário à Lei da Natureza?*

“É um progresso na marcha da Humanidade.”

696. *Qual seria o efeito da abolição do casamento sobre a sociedade humana?*

“Uma regressão à vida dos animais.”

A união livre e casual dos sexos é o estado de natureza. O casamento constitui um dos primeiros atos de progresso nas sociedades humanas, porque estabelece a solidariedade fraterna e se encontra entre todos os povos, embora em condições diversas. A abolição do casamento seria, pois, o retorno à infância da Humanidade e colocaria o homem abaixo mesmo de certos animais que lhe dão o exemplo de uniões constantes.

697. *A indissolubilidade absoluta do casamento está na Lei da Natureza ou somente na lei humana?*

“É uma lei humana muito contrária à Lei da Natureza. Mas os homens podem modificar suas leis; só as Leis da Natureza são imutáveis.”

698. *O celibato voluntário é um estado de perfeição meritório aos olhos de Deus?*

“Não, e os que assim vivem, por egoísmo, desagradam a Deus e enganam a todos.”

699. *O celibato voluntário não representa um sacrifício que fazem certas pessoas com o fim de se dedicarem mais inteiramente ao serviço da Humanidade?*

“Isso é muito diferente. Eu disse: por egoísmo. Todo sacrifício pessoal é meritório, quando feito para o bem. Quanto maior o sacrifício, tanto maior o mérito.”

Deus não pode contradizer-se, nem achar ruim o que Ele próprio fez; não pode, pois, ver mérito algum na violação de sua lei. Mas, se o celibato, em si mesmo, não é um estado meritório, o mesmo não sucede quando constitui, pela renúncia às alegrias da família, um sacrifício praticado em favor da Humanidade. Todo sacrifício pessoal, tendo em vista o bem e sem qualquer ideia egoísta, eleva o homem acima da sua condição material.

Poligamia

700. *A igualdade numérica aproximada entre os sexos é um indício da proporção em que devam unir-se?*

“Sim, porquanto tudo na Natureza tem um fim.”

701. *Qual das duas, a poligamia ou a monogamia, é mais conforme a Lei da Natureza?*

“A poligamia é lei humana cuja abolição marca um progresso social. O casamento, segundo as vistas de Deus, deve fundar-se na afeição dos seres que se unem. Na poligamia não há afeição real, mas apenas sensualidade.”

Se a poligamia fosse conforme a Lei da Natureza, deveria tornar-se universal, o que seria materialmente impossível, considerando-se a igualdade numérica dos sexos. A poligamia deve ser considerada como um uso ou legislação particular apropriada a certos costumes, e que o aperfeiçoamento social faz que desapareça pouco a pouco.

CAPÍTULO V



IV. Lei de conservação

• Instinto de conservação • Meios de conservação • Gozo dos bens terrenos • Necessário e supérfluo • Privações voluntárias. Mortificações

Instinto de conservação

702. *O instinto de conservação é uma Lei da Natureza?*

“Sem dúvida. Todos os seres vivos o possuem, seja qual for o grau de sua inteligência. Nuns, é puramente mecânico; noutros, é racional.”

703. *Com que objetivo Deus concedeu a todos os seres vivos o instinto de conservação?*

“Porque todos devem concorrer para o cumprimento dos desígnios da Providência. Foi por isso que Deus lhes deu a necessidade de viver. Além disso, a vida é necessária ao aperfeiçoamento dos seres; eles o sentem instintivamente, sem se darem conta disso.”

Meios de conservação

704. *Tendo dado ao homem a necessidade de viver, Deus sempre lhe facultou os meios para isso?*

“Sim, e se ele não os encontra, é porque não os compreende. Deus não podia dar ao homem a necessidade de viver sem lhe conceder os meios indispensáveis. É por essa razão que faz a Terra

produzir de modo a fornecer o necessário a todos os seus habitantes, visto que só o necessário é útil; o supérfluo nunca o é.”

705. *Por que nem sempre a Terra produz bastante para fornecer ao homem o necessário?*

“É que, por ser ingrato, o homem a despreza! A Terra, no entanto, é excelente mãe. Muitas vezes, também, o homem acusa a Natureza daquilo que só resulta da sua imperícia ou da sua imprevidência. A Terra produziria sempre o necessário, se o homem soubesse contentar-se com o necessário. Se ela não lhe basta a todas as necessidades, é que ele emprega no supérfluo o que poderia ser aplicado no necessário. Vede o árabe no deserto; acha sempre de que viver, porque não cria para si necessidades artificiais. Mas, quando metade dos produtos é desperdiçada na satisfação de fantasias, terá o homem motivo para espantar-se se nada encontra no dia seguinte, ou queixar-se por se achar desprovido de tudo, quando chegam os tempos de penúria? Em verdade vos digo: a Natureza não é imprevidente, o homem é que não sabe moderar o seu modo de viver.”

706. *Por bens da Terra só se devem entender os produtos do solo?*

“O solo é a fonte principal de onde se originam todos os outros recursos, pois, afinal de contas, esses recursos são simples transformações dos produtos do solo. Por bens da Terra se deve entender tudo quanto o homem pode desfrutar neste mundo.”

707. *É comum faltarem a certos indivíduos os meios de subsistência, mesmo quando cercados pela abundância. A que se deve atribuir esse fato?*

“Ao egoísmo dos homens, que nem sempre fazem o que devem. Na maioria das vezes, porém, deve-se atribuir esse fato a eles mesmos. Buscai e achareis. Estas palavras não querem dizer que basta olhar a terra para encontrar o que se deseja, mas que é preciso procurar com ardor e perseverança, e não com indolência, sem se deixar desanimar pelos obstáculos, que muitas vezes são simples meios de experimentar a vossa constância, a vossa paciência e a vossa firmeza.” (534)

Se a civilização multiplica as necessidades, multiplica também as fontes de trabalho e os meios de viver. Mas é preciso admitir que, sob esse

aspecto, muito ainda lhe resta por fazer. Quando ela tiver realizado sua obra, ninguém poderá dizer que lhe falte o necessário, a não ser por sua própria culpa. Para muitas pessoas, a infelicidade resulta do caminho por onde enveredaram, bem diferente daquele que a Natureza lhes traçou. É então que lhes falta a inteligência para vencerem. Para todos há lugar ao sol, mas com a condição de que cada um ocupe o seu, e não o dos outros. A Natureza não pode ser responsável pelos vícios da organização social, nem pelas consequências da ambição e do amor-próprio.

Entretanto, seria preciso que se fosse cego para não se reconhecer o progresso que, nesse sentido, têm realizado os povos mais adiantados. Graças aos louváveis esforços que a Filantropia e a Ciência não cessam de fazer para melhorar a condição material dos homens, e apesar do crescimento incessante das populações, a insuficiência da produção se acha atenuada, pelo menos em grande parte, não se podendo de modo algum comparar os anos mais calamitosos do presente aos de pouco tempo atrás. A higiene pública, esse elemento tão essencial da força e da saúde, desconhecido por nossos pais, é objeto de constante atenção. O infortúnio e o sofrimento encontram locais de refúgio. Por toda parte, a Ciência é chamada a contribuir para aumentar o bem-estar. Significa dizer que já se alcançou a perfeição? Oh! não, certamente; mas, pelo que já se fez, pode-se ter uma ideia do que é possível ser feito com perseverança, se o homem for bastante sensato para procurar a sua felicidade nas coisas positivas e sérias, e não nas utopias, que o fazem recuar em vez de avançar.

708. *Não haverá situações em que os meios de subsistência não dependam de modo algum da vontade do homem, e em que a privação daquilo de que ele mais necessita seja uma consequência da força das coisas?*

“Muitas vezes é uma prova cruel que o homem deve sofrer e à qual sabia que seria exposto. Seu mérito consiste em submeter-se à vontade de Deus, caso sua inteligência não lhe faculte nenhum meio de livrar-se das dificuldades. Se a morte vier a atingi-lo, deverá submeter-se a ela sem murmurar, refletindo que a hora da verdadeira libertação chegou e que o desespero do último momento pode ocasionar-lhe a perda do fruto de sua resignação.”

709. *Terão cometido crime aqueles que, em certas situações críticas, se viram obrigados a sacrificar seus semelhantes para matar a fome? Se*

houve crime, não foi atenuado pela necessidade de viver que resulta do instinto de conservação?

“Já respondi, quando disse que há mais merecimento em sofrer todas as provações da vida com coragem e abnegação. No caso citado, há homicídio e crime de lesa-natureza, falta que deve ser duplamente punida.”

710. *Nos mundos em que a organização fisiológica é mais apurada, os seres vivos precisam alimentar-se?*

“Sim, mas seus alimentos guardam relação com a sua natureza. Tais alimentos não seriam bastante substanciais para os vossos estômagos grosseiros, assim como os deles não poderiam digerir os vossos alimentos.”

Gozo dos bens terrenos

711. *O uso dos bens da Terra é um direito de todos os homens?*

“Esse direito é a consequência da necessidade de viver. Deus não imporia um dever sem dar ao homem o meio de cumpri-lo.”

712. *Com que finalidade Deus pôs atrativos no gozo dos bens materiais?*

“Para estimular o homem ao cumprimento da sua missão e também para experimentá-lo por meio da tentação.”

- 712-a. *Qual o objetivo dessa tentação?*

“Desenvolver-lhe a razão, que deve preservá-lo dos excessos.”

Se o homem só fosse estimulado ao uso dos bens terrenos pela utilidade que têm, sua indiferença poderia comprometer a harmonia do Universo. Deus lhe deu o atrativo do prazer, que o impele ao cumprimento dos desígnios da Providência. Além disso, por meio desse próprio atrativo, quis Deus experimentar o homem pela tentação, que o arrasta ao abuso, do qual a razão deve defendê-lo.

713. *A Natureza traçou limites aos gozos?*

“Sim, para vos indicar o limite do necessário. Mas, pelos vossos excessos, chegais à saciedade e com isso vos punis a vós mesmos.”

714. *Que se deve pensar do homem que procura nos excessos de todo gênero o requinte de seus prazeres?*

“Pobre criatura, que devemos lastimar e não invejar, porque está bem perto da morte!”

714-a. *Perto da morte física ou da morte moral?*

“De ambas.”

O homem que procura nos excessos de todo gênero o requinte dos prazeres coloca-se abaixo dos animais, pois que estes se contentam na satisfação das necessidades. Abdica da razão que Deus lhe deu por guia e quanto maiores forem seus excessos, tanto maior domínio ele confere à sua natureza animal sobre a sua natureza espiritual. As doenças, as enfermidades e a própria morte, que resultam do abuso, são, também, a punição à transgressão da Lei de Deus.

Necessário e supérfluo

715. *Como pode o homem conhecer o limite do necessário?*

“Aquele que é sábio o conhece por intuição. Muitos só o conhecem à custa de suas próprias experiências.”

716. *A Natureza não traçou o limite das nossas necessidades por meio da própria organização física que nos deu?*

“Sim, mas o homem é insaciável. A Natureza traçou o limite de suas necessidades por meio da própria organização que lhe deu, mas os vícios alteraram a sua constituição e criaram para ele necessidades que não são reais.”

717. *Que se deve pensar dos que se apropriam dos bens da Terra para se proporcionarem o supérfluo, com prejuízo daqueles a quem falta o necessário?*

“Desprezam a Lei de Deus e terão que responder pelas privações que houverem causado aos outros.”

O limite do necessário e do supérfluo nada tem de absoluto. A civilização criou necessidades que o selvagem desconhece, e os Espíritos que ditaram esses preceitos não pretendem que o homem civilizado deva viver

como o selvagem. Tudo é relativo, cabendo à razão colocar cada coisa em seu devido lugar. A civilização desenvolve o senso moral e, ao mesmo tempo, o sentimento de caridade que leva os homens a se prestarem mútuo apoio. Os que vivem à custa das privações dos outros exploram os benefícios da civilização em proveito próprio. Desta têm apenas o verniz, como há muitas pessoas que da religião só têm a máscara.

Privações voluntárias. Mortificações

718. *A lei de conservação obriga o homem a prover às necessidades do corpo?*
“Sim; sem força e sem saúde o trabalho é impossível.”
719. *O homem deve ser censurado por procurar o bem-estar?*
“O bem-estar é um desejo natural. Deus só proíbe o abuso, por ser contrário à conservação. Ele não condena a procura pelo bem-estar, desde que não seja conseguido à custa de outras pessoas, nem venha diminuir as vossas forças físicas e morais.”
720. *As privações voluntárias, que visam a uma expiação igualmente voluntária, têm algum mérito aos olhos de Deus?*
“Fazei o bem aos outros e mais mérito tereis.”
- 720-a. *Haverá privações voluntárias que sejam meritórias?*
“Sim, a privação dos prazeres inúteis, porque liberta o homem da matéria e eleva sua alma. Meritório é resistir à tentação que induz aos excessos ou ao gozo das coisas inúteis; é o homem tirar do que lhe é necessário para dar aos que não têm o suficiente. Se a privação não passar de vão simulacro, será um escárnio.”
721. *A vida de mortificações ascéticas tem sido praticada desde a mais remota antiguidade e por diversos povos. Ela tem algum mérito, seja qual for o ponto de vista em que a consideremos?*
“Procurai saber a quem ela aproveita e tereis a resposta. Se somente serve para quem a pratica e o impede de fazer o bem, é egoísmo, seja qual for o pretexto sob o qual se disfarce. A

verdadeira mortificação consiste em privar-se a si mesmo e trabalhar para os outros, segundo a caridade cristã.”

722. *A abstenção de certos alimentos, prescrita na tradição de diversos povos, tem algum fundamento racional?*

“É permitido ao homem alimentar-se de tudo o que não lhe prejudique a saúde. Alguns legisladores, porém, com fim útil, resolveram proibir o uso de certos alimentos e, para dar maior autoridade às suas leis, apresentaram-nas como vindas do próprio Deus.”

723. *Com relação ao homem, a alimentação animal é contrária à Lei da Natureza?*

“Na vossa constituição física, a carne alimenta a carne, pois, do contrário, o homem perece. A lei de conservação impõe ao homem o dever de conservar as suas energias e a sua saúde, para cumprir a lei do trabalho. Ele deve alimentar-se, portanto, conforme o exija o seu organismo.”

724. *A abstenção da alimentação animal ou de outra qualquer, como expiação, tem algum mérito?*

“Sim, se o homem se privar desses alimentos em benefício dos outros. Para Deus, só há mortificação quando há privação *séria e útil*. Foi por isso que dissemos que são hipócritas aqueles que apenas aparentemente se privam de alguma coisa.” (720)

725. *Que se deve pensar das mutilações operadas no corpo do homem ou dos animais?*

“Qual o propósito de semelhante questão? Perguntai sempre se uma coisa é útil. O que é inútil não pode agradar a Deus e o que é prejudicial sempre lhe será desagradável. Porque, ficai sabendo, Deus só é sensível aos sentimentos que elevam a alma até Ele, e é praticando suas leis, em vez de violá-las, que podereis sacudir o jugo de vossa matéria terrestre.”

726. *Já que os sofrimentos deste mundo nos elevam, se os suportarmos devidamente, poderão elevar-nos os que criarmos voluntariamente?*

“Os únicos sofrimentos que elevam são os naturais, porque vêm de Deus. Os sofrimentos voluntários para nada servem, quando não concorrem para o bem dos outros. Acreditais que se adiantem no caminho do progresso aqueles que abreviam a própria vida, por meio de rigores sobre-humanos, como o fazem os bonzos,⁵⁵ os faquires e alguns fanáticos de várias seitas? Por que, em vez disso, não trabalham pelo bem de seus semelhantes? Que visitem o indigente, consolem o que chora, trabalhem pelo que está enfermo, sofram privações para alívio dos infelizes e então suas vidas serão úteis e agradáveis a Deus. Quando, nos sofrimentos voluntários a que se submete, o homem só pensa em si mesmo, é egoísta; quando sofre pelos outros, pratica a caridade. São esses os preceitos do Cristo.”

727. *Se não devemos criar para nós sofrimentos voluntários, que não têm nenhuma utilidade para os outros, devemos procurar preservar-nos daqueles que podemos prever ou dos que nos ameaçam?*

“O instinto de conservação foi dado a todos os seres contra os perigos e os sofrimentos. Fustigai o vosso espírito e não o vosso corpo; mortificai o vosso orgulho; sufocai o vosso egoísmo, que se assemelha a uma serpente a vos roer o coração, e fareis muito mais pelo vosso adiantamento do que vos infligindo rigores que já não são deste século.”

⁵⁵ N.E.: Sacerdote e monge budista. Nome dado pelos ocidentais aos membros de determinadas seitas religiosas budistas da Ásia Ocidental.



V. Lei de destruição

• Destruição necessária e destruição abusiva • Flagelos
destruidores • Guerras • Assassínio • Crueldade • Duelo • Pena de morte

Destruição necessária e destruição abusiva

728. *A destruição é uma Lei da Natureza?*

“É preciso que tudo se destrua para renascer e se regenerar, pois isso a que chamais destruição não passa de uma transformação, que tem por fim a renovação e a melhoria dos seres vivos.”

728-a. *O instinto de destruição teria sido dado aos seres vivos com fins providenciais?*

“As criaturas de Deus são instrumentos de que Ele se serve para alcançar os seus objetivos. Para se alimentarem, os seres vivos se destroem entre si, com o duplo objetivo de manter o equilíbrio na reprodução, que poderia tornar-se excessiva, e de utilizar os despojos do envoltório exterior. Esse envoltório é simples acessório, e não a parte essencial do ser pensante; só ele sofre a destruição. A parte essencial é o princípio inteligente, que não se pode destruir e se elabora nas diversas metamorfoses por que passa.”

729. *Se a destruição é necessária para a regeneração dos seres, por que a Natureza os cerca de meios de preservação e conservação?*

“A fim de evitar que a destruição ocorra antes do tempo necessário. Toda destruição antecipada entrava o desenvolvimento do

princípio inteligente. Foi por isso que Deus concedeu a cada ser a necessidade de viver e de se reproduzir.”

730. *Já que a morte nos leva a uma vida melhor e nos livra dos males deste mundo, seria mais de desejar do que de temer. Por que, então, o homem sente instintivo horror por ela, a ponto de estar sempre apreensivo por sua causa?*

“Já dissemos que o homem deve procurar prolongar sua vida, para cumprir a sua tarefa. Foi por isso que Deus lhe deu o instinto de conservação, e esse instinto o sustenta nas provas. Se não fosse assim, muito frequentemente ele se entregaria ao desânimo. A voz secreta que o faz repelir a morte lhe diz que ainda pode fazer alguma coisa pelo seu progresso. O perigo que o ameaça é uma advertência para que aproveite o tempo que Deus lhe concede, mas, ingrato, o homem rende graças mais vezes à sua estrela do que ao seu Criador.”

731. *Por que, ao lado dos meios de conservação, a Natureza também colocou os agentes de destruição?*

“É o remédio ao lado do mal. Já dissemos: para manter o equilíbrio e servir de contrapeso.”

732. *A necessidade de destruição é a mesma em todos os mundos?*

“É proporcional ao estado mais ou menos material dos mundos. Deixa de existir quando o físico e o moral se acham mais depurados. Nos mundos mais adiantados do que o vosso, as condições de existência são completamente diferentes.”

733. *A necessidade de destruição sempre existirá entre os homens da Terra?*

“A necessidade de destruição se enfraquece no homem à medida que o Espírito domina a matéria. É por isso que o horror à destruição aumenta com o desenvolvimento intelectual e moral.”

734. *Em seu estado atual, o homem tem direito ilimitado de destruição sobre os animais?*

“Esse direito é regulado pela necessidade de prover ao seu sustento e à sua segurança. O abuso nunca foi um direito.”

735. *Que se deve pensar da destruição que ultrapassa os limites das necessidades e da segurança? Da caça, por exemplo, quando só tem por objetivo o prazer de destruir sem utilidade?*

“Predominância da bestialidade sobre a natureza espiritual. Toda destruição que excede os limites da necessidade é uma violação da Lei de Deus. Os animais só destroem para satisfação de suas necessidades, enquanto o homem, dotado de livre-arbítrio, destrói sem necessidade. Terá que prestar contas do abuso da liberdade que lhe foi concedida, pois, nesse caso, cedeu aos maus instintos.”

736. *Os povos que levam o escrúpulo ao excesso, no tocante à destruição dos animais, têm algum mérito especial?*

“Esse sentimento, embora louvável em si mesmo, se torna abusivo quando em excesso; seu mérito acaba neutralizado por abusos de toda sorte. Entre tais povos, há mais temor supersticioso do que verdadeira bondade.”

Flagelos destruidores

737. *Com que fim Deus fere a Humanidade por meio de flagelos destruidores?*

“Para fazê-la progredir mais depressa. Já não dissemos que a destruição é necessária para a regeneração moral dos Espíritos, que em cada nova existência sobem mais um degrau na escala da perfeição? É preciso que se veja o objetivo, para se poder apreciar os resultados. Como os julgais somente do vosso ponto de vista pessoal, dai-lhes o nome de flagelos, em virtude do prejuízo que vos causam. No entanto, muitas vezes esses transtornos são necessários para que mais depressa se chegue a uma ordem melhor de coisas e para que se realize em alguns anos o que teria exigido muitos séculos.” (744)

738. *Para melhorar a Humanidade, Deus não poderia empregar outros meios além dos flagelos destruidores?*

“Sim, e diariamente os emprega, pois deu a cada um os meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal. É o homem que não se aproveita desses meios. É preciso, pois, que seja castigado no seu orgulho e sinta a própria fraqueza.”

738-a. *Mas, nesses flagelos, tanto sucumbe o homem de bem como o perverso. Isso é justo?*

“Durante a vida, o homem refere tudo ao seu corpo; após a morte, porém, outra é a sua maneira de pensar. Como já dissemos, a vida do corpo é bem pouca coisa. Um século do vosso mundo *é um relâmpago na eternidade*. Logo, os sofrimentos de alguns meses ou de alguns dias nada representam; é um ensinamento que vos é dado e que vos servirá no futuro. Os Espíritos, que preexistem e sobrevivem a tudo, constituem o mundo real (85); são esses os filhos de Deus e o objeto de toda a sua solicitude. Os corpos não passam de disfarces com que eles aparecem no mundo. Nas grandes calamidades que dizimam os homens, o panorama é semelhante ao de um exército cujos soldados, durante a guerra, ficassem com seus uniformes estragados, rotos ou perdidos. O general se preocupa mais com seus soldados do que com os uniformes deles.”

738-b. *Mas nem por isso as pessoas vitimadas por esses flagelos deixam de ser vítimas.*

“Se considerásseis a vida qual ela é, e como é insignificante em relação ao infinito, não lhe daríeis tanta importância. Em outra existência, essas vítimas encontrarão larga compensação aos seus sofrimentos, se souberem suportá-los sem murmurar.”

Quer a morte venha por um flagelo ou por uma causa comum, ninguém deixa de morrer quando houver soado a hora da partida. A única diferença, em caso de flagelo, é que parte ao mesmo tempo maior número de pessoas.

Se pudéssemos nos elevar pelo pensamento de maneira a contemplar toda a Humanidade e abrangê-la completamente, esses flagelos tão terríveis não nos pareceriam mais do que tempestades passageiras no destino do mundo.

739. *Os flagelos destruidores têm utilidade do ponto de vista físico, não obstante os males que ocasionam?*

“Sim, algumas vezes eles mudam as condições de uma região, embora o bem que deles resulte só seja sentido pelas gerações futuras.”

740. *Para o homem, os flagelos não seriam também provações morais, ao fazerem que ele se defronte com as mais aflitivas necessidades?*

“Os flagelos são provas que dão ao homem oportunidade de exercitar a sua inteligência, de demonstrar paciência e resignação ante a vontade de Deus, permitindo-lhe manifestar seus sentimentos de abnegação, de desinteresse e de amor ao próximo, caso o egoísmo não o domine.”

741. *É permitido ao homem afastar os flagelos que o torturam?*

“Em parte, sim; não, porém, como geralmente o entendem. Muitos flagelos resultam da imprevidência do homem. À medida que adquire conhecimentos e experiência, ele os pode afastar, isto é, prevenir, se souber pesquisar suas causas. Contudo, entre os males que afligem a Humanidade, há os de caráter geral, que estão nos desígnios da Providência e dos quais cada indivíduo recebe, em maior ou menor grau, o contragolpe. O homem nada pode opor a esse tipo de flagelo, a não ser submeter-se à vontade de Deus. Além disso, muitas vezes esses males são agravados pela negligência do próprio homem.”

Entre os flagelos destruidores, naturais e independentes do homem, devem ser colocados na linha de frente a peste, a fome, as inundações, as intempéries fatais às produções da terra. Entretanto, não tem o homem encontrado na Ciência, nas obras de engenharia, no aperfeiçoamento da agricultura, nos afolhamentos e nas irrigações, no estudo das condições higiênicas, meios de neutralizar, ou, pelo menos, de atenuar tantos desastres? Certas regiões, outrora assoladas por terríveis flagelos, não estão hoje livres deles? Que não fará, então, o homem pelo seu bem-estar material, quando souber aproveitar-se de todos os recursos da sua inteligência e quando, sem prejuízo da sua conservação pessoal, souber aliar o sentimento de verdadeira caridade para com os seus semelhantes? (707)

Guerras

742. *Qual a causa que leva o homem à guerra?*
“Predominância da natureza animal sobre a natureza espiritual e satisfação das paixões. No estado de barbárie, os povos só conhecem o direito do mais forte, daí por que, para eles, a guerra é um estado normal. À medida que o homem progride, a guerra se torna menos frequente, porque ele evita suas causas. E, quando se torna necessária, sabe fazê-la com humanidade.”
743. *A guerra desaparecerá um dia da face da Terra?*
“Sim, quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a Lei de Deus. Nessa época, todos os povos serão irmãos.”
744. *Qual o objetivo da Providência, ao tornar necessária a guerra?*
“A liberdade e o progresso.”
- 744-a. *Se a guerra deve ter por efeito conduzir à liberdade, como se explica que frequentemente tenha por objetivo e por resultado a subjugação?*
“Subjugação momentânea, a fim de *oprimir* os povos e fazê-los progredir mais depressa.”
745. *Que se deve pensar daquele que promove a guerra em benefício próprio?*
“Esse é o verdadeiro culpado. Precisar-se-á de *muitas existências* para expiar todos os assassinios dos quais foi a causa, pois responderá por cada homem cuja morte tenha causado para satisfazer à sua ambição.”

Assassínio

746. *O assassinio é um crime aos olhos de Deus?*
“Sim, um grande crime, pois aquele que tira a vida ao seu semelhante corta *uma existência de expiação ou de missão*. Aí é que está o mal.”

747. *O assassinio tem sempre o mesmo grau de culpabilidade?*
“Como já dissemos, Deus é justo e julga mais a intenção do que o fato.”
748. *Deus desculpa o assassinio em caso de legítima defesa?*
“Só a necessidade pode desculpá-lo. Mas se o agredido puder preservar sua vida sem atentar contra a do agressor, deverá fazê-lo.”
749. *O homem é culpado pelos assassinios que comete durante a guerra?*
“Não, quando constrangido pela força, mas é culpado pelas crueldades que cometa, assim como será levado em conta o seu sentimento humanitário.”
750. *Qual é o mais condenável aos olhos de Deus, o parricídio ou o infanticídio?*
“Ambos o são igualmente, porque todo crime é um crime.”
751. *Como se explica que entre alguns povos, já adiantados sob o ponto de vista intelectual, o infanticídio seja um costume consagrado pela legislação?*
“O desenvolvimento intelectual não implica a necessidade do bem. O Espírito superior em inteligência também pode ser mau. É aquele que muito tem vivido sem se melhorar; apenas sabe.”

Crueldade

752. *Podemos associar o sentimento de crueldade ao instinto de destruição?*
“É o instinto de destruição no que tem de pior. Se algumas vezes a destruição é uma necessidade, a crueldade jamais o é, porque resulta sempre de uma natureza má.”
753. *Por que razão a crueldade é a característica dominante dos povos primitivos?*
“Nos povos primitivos, como os chamais, a matéria predomina sobre o Espírito. Eles se entregam aos instintos animais, e como não têm outras necessidades além das da vida do corpo, só cuidam da conservação pessoal, o que geralmente os torna cruéis. Além disso, os povos

de desenvolvimento imperfeito estão sob o domínio de Espíritos igualmente imperfeitos, que lhes são simpáticos, até que povos mais adiantados venham destruir ou enfraquecer essa influência.”

754. *A crueldade não resulta da ausência de senso moral?*

“Dizei que o senso moral não está desenvolvido, mas não digais que esteja ausente, porque ele existe, em princípio, em todos os homens. Mais tarde, esse senso moral fará com que os homens cruéis se tornem seres bons e humanos. O senso moral, portanto, existe na selvagem, mas nele está como o princípio do perfume no gérmen da flor que ainda não desabrochou.”

Todas as faculdades existem no homem, em estado rudimentar ou latente. Elas se desenvolvem conforme as circunstâncias lhes sejam mais ou menos favoráveis. O desenvolvimento excessivo de umas interrompe ou neutraliza o das outras. A superexcitação dos instintos materiais abafa, por assim dizer, o senso moral, como o desenvolvimento do senso moral enfraquece pouco a pouco as faculdades puramente animais.

755. *Como se explica que no seio da civilização mais adiantada se encontrem às vezes seres tão cruéis quanto os selvagens?*

“Do mesmo modo que numa árvore carregada de bons frutos podem encontrar-se alguns defeituosos. São, se quiseses, selvagens que da civilização só têm a aparência, lobos extraviados em meio a cordeiros. Espíritos de ordem inferior e muito atrasados podem encarnar entre homens adiantados, na expectativa de também se adiantarem; contudo, se a prova for muito pesada, vai predominar a natureza primitiva.”

756. *A sociedade dos homens de bem se verá algum dia expurgada dos seres malfazejos?*

“A Humanidade progride. Esses homens, em quem o instinto do mal predomina e que se acham deslocados entre pessoas de bem, desaparecerão gradualmente, como o mau grão se separa do bom, depois que este é peneirado, só que para renascer sob outro envoltório. Como então terão mais experiência, compreenderão melhor o bem e o mal. Tens disso um exemplo nas plantas e nos animais que o homem tem conseguido aperfeiçoar,

desenvolvendo neles qualidades novas. Pois bem! Só depois de muitas gerações o aperfeiçoamento se torna completo. É a imagem das diversas existências do homem.”

Duelo

757. *O duelo pode ser considerado como um caso de legítima defesa?*
“Não; é um assassinio e um costume absurdo, digno dos bárbaros. Com uma civilização mais adiantada e *mais moralizada*, o homem compreenderá que o duelo é tão ridículo quanto os combates que antigamente se consideravam como o juízo de Deus.”
758. *O duelo pode ser considerado como um assassinio por parte daquele que, conhecendo sua própria fraqueza, tem quase certeza de que sucumbirá?*
“É um suicídio.”
- 758-a. *E quando as possibilidades são as mesmas, é um assassinio ou um suicídio?*
“Ambos.”
Em todos os casos, mesmo naqueles em que as possibilidades são iguais, o duelista é culpado. Primeiro, porque atenta friamente e de propósito deliberado contra a vida de seu semelhante; depois, porque expõe inutilmente a sua própria vida, sem proveito para ninguém.
759. *Qual o valor daquilo que se chama ponto de honra, em matéria de duelo?*
“Orgulho e vaidade: duas chagas da Humanidade.”
- 759-a. *Mas não há casos em que a honra se acha verdadeiramente empenhada e em que uma recusa seria covardia?*
“Isso depende dos usos e costumes. Cada país e cada século tem a esse respeito um modo de ver diferente. Quando os homens forem melhores e mais adiantados em moral, compreenderão que o verdadeiro ponto de honra está acima das paixões terrenas e que não é matando, nem se deixando matar, que repararão uma falta.”

Há mais grandeza e verdadeira honra em confessar-se culpado, quando se cometeu uma falta, ou em perdoar, quando se tem razão, e, qualquer que seja o caso, em desprezar os insultos que não nos podem atingir.

Pena de morte

760. *A pena de morte desaparecerá algum dia da legislação humana?*

“A pena de morte desaparecerá incontestavelmente e sua supressão assinalará um progresso da Humanidade. Quando os homens estiverem mais esclarecidos, a pena de morte será completamente abolida da Terra. Os homens não terão mais necessidade de ser julgados pelos homens. Refiro-me a uma época ainda muito distante de vós.”

Sem dúvida, o progresso social ainda deixa muito a desejar. Mas seríamos injustos para com a sociedade moderna se não víssemos progresso nas restrições impostas à pena de morte entre os povos mais adiantados, e na natureza dos crimes aos quais se limita a sua aplicação. Se compararmos as garantias de que a justiça, entre esses mesmos povos, procura cercar o acusado, a humanidade de que usa para com ele, mesmo quando o reconhece culpado, com o que se praticava em tempos que ainda não estão muito distantes, não poderemos ignorar a marcha progressiva em que caminha a Humanidade.

761. *A lei de conservação dá ao homem o direito de preservar sua própria vida. Não usará ele desse direito, quando elimina da sociedade um membro perigoso?*

“Há outros meios de ele se preservar do perigo, sem matar. Além disso, é preciso abrir ao criminoso a porta do arrependimento, e não fechá-la.”

762. *Se a pena de morte pode vir a ser banida das sociedades civilizadas, não terá sido uma necessidade em épocas menos adiantadas?*

“Necessidade não é o termo. O homem julga uma coisa necessária sempre que não encontra outra melhor. À medida que se esclarece, vai compreendendo melhor o que é justo ou injusto e repudia os excessos cometidos nos tempos de ignorância, em nome da justiça.”

763. *A restrição dos casos em que se aplica a pena de morte é um indício de progresso da civilização?*

“Podes duvidar disso? Teu Espírito não se revolta, quando lêes o relato das carnificinas humanas que antigamente se faziam em nome da justiça, e muitas vezes para honrar a Divindade? Das torturas a que eram submetidos os condenados, e mesmo os acusados, para lhes arrancar, por meio de sofrimentos atrozes, a confissão de um crime que muitas vezes não haviam cometido? Pois bem! Se tivesses vivido naqueles tempos, terias achado isso muito natural e, como juiz, talvez agisses do mesmo modo. Assim, o que parecia justo numa época parece bárbaro em outra. Só as Leis divinas são eternas; as leis humanas modificam-se com o progresso e continuarão a mudar, até que se harmonizem com as Leis divinas.”

764. *Disse Jesus: Quem matou com a espada morrerá pela espada. Estas palavras não consagram a pena de talião e, assim, a morte imposta ao assassino não constitui a aplicação dessa pena?*

“Cuidado! Estais equivocados quanto a estas palavras, *como sobre muitas outras*. A pena de talião é a Justiça de Deus; é Ele quem a aplica. Todos vós sofreis essa pena a cada instante, pois sois punidos naquilo em que haveis pecado, *nesta vida ou em outra*. Aquele que provocou o sofrimento de seus semelhantes virá a achar-se numa condição em que sofrerá o que tenha feito sofrer os outros. É este o sentido das palavras de Jesus. Mas não vos disse Ele também: Perdoai aos vossos inimigos? E não vos ensinou a pedir a Deus que vos perdoe as ofensas como vós mesmos houverdes perdoado, isto é, *na mesma proporção* em que houverdes perdoado? Compreendei bem isso.”

765. *Que se deve pensar da pena de morte imposta em nome de Deus?*

“É tomar alguém o lugar de Deus na aplicação da justiça. Os que assim procedem mostram quão longe estão de compreender a Deus e o muito que ainda têm a expiar. A pena de morte é um crime, quando aplicada em nome de Deus, e os que a impõem se tornam responsáveis por esses assassinios.”



VI. Lei de sociedade

- Necessidade da vida social • Vida de isolamento.
- Voto de silêncio • Laços de família

Necessidade da vida social

766. *A vida social está na Natureza?*
“Certamente. Deus fez o homem para viver em sociedade. Não lhe deu inutilmente a palavra e todas as outras faculdades necessárias à vida de relação.”
767. *O isolamento absoluto é contrário à Lei da Natureza?*
“Sim, pois os homens buscam instintivamente a sociedade e todos devem concorrer para o progresso, ajudando-se mutuamente.”
768. *Ao buscar a sociedade, o homem obedece tão somente a um sentimento pessoal, ou haverá nesse sentimento um objetivo providencial de ordem mais geral?*
“O homem deve progredir. Sozinho, isto não lhe é possível, por não dispor de todas as faculdades; falta-lhe o contato com os outros homens. No isolamento, ele se embrutece e definha.”
Nenhum homem dispõe de faculdades completas. Mediante a união social, eles se completam mutuamente, para assegurarem o seu bem-estar e progredirem. É por isso que, precisando uns dos outros, os homens foram feitos para viver em sociedade, e não isolados.

Vida de isolamento. Voto de silêncio

769. *Concebe-se que, como princípio geral, a vida social esteja na Natureza. Mas como todos os gostos também estão na Natureza, por que o gosto do isolamento absoluto seria condenável, se nele o homem encontra satisfação?*

“Satisfação egoísta. Também há homens que encontram satisfação na embriaguez. Aprovas isso? Não pode agradar a Deus uma vida pela qual o homem se condena a não ser útil a ninguém.”

770. *Que se deve pensar dos homens que vivem em absoluta reclusão para fugir do contato pernicioso do mundo?*

“Duplo egoísmo.”

- 770-a. *Mas não será meritório esse retraimento, se tiver por fim uma expiação, já que o homem se impõe dolorosa privação?*

“A melhor expiação consiste em se fazer maior soma de bem do que de mal. Evitando um mal, o homem cai em outro, pois esquece a lei de amor e de caridade.”

771. *Que pensar dos que fogem do mundo para se devotarem ao amparo dos infelizes?*

“Esses se elevam, ao se rebaixarem. Têm o duplo mérito de se colocarem acima dos prazeres materiais e de fazerem o bem pelo cumprimento da lei do trabalho.”

- 771-a. *E dos que buscam no retiro a tranquilidade que certos trabalhos reclamam?*

“Esse não é o retiro absoluto do egoísta. Eles não se isolam da sociedade, já que trabalham para ela.”

772. *Que pensar do voto de silêncio prescrito por algumas seitas, desde a mais remota antiguidade?*

“Perguntai, antes, a vós mesmos se a palavra é faculdade natural e por que Deus a concedeu ao homem. Deus condena o abuso, e não o uso das faculdades que lhe outorgou. Entretanto, o

silêncio é útil, pois no silêncio te recolhes, teu espírito se torna mais livre e pode entrar em comunicação conosco. Mas o voto de silêncio é uma tolice. Sem dúvida, estão bem-intencionados os que consideram essas privações voluntárias como atos de virtude. Enganam-se, no entanto, porque não compreendem suficientemente as verdadeiras Leis de Deus.”

O voto de silêncio absoluto, do mesmo modo que o voto de isolamento, priva o homem das relações sociais que lhe podem facultar ocasiões de fazer o bem e de cumprir a lei do progresso.

Laços de família

773. *Por que razão, entre os animais, os pais e os filhos deixam de se reconhecer, quando estes não mais precisam de cuidados?*

“Os animais vivem vida material e não vida moral. A ternura da mãe pelos filhotes tem por princípio o instinto de conservação dos seres que ela deu à luz. Quando esses seres podem cuidar de si mesmos, sua tarefa está cumprida e a Natureza nada mais lhe exige. É por isso que ela os abandona, a fim de se ocupar com os outros que chegam.”

774. *Há pessoas que deduzem, do fato de os animais abandonarem suas crias, que os laços de família entre os homens resultam apenas dos costumes sociais e não de uma Lei da Natureza. Que devemos pensar disso?*

“O destino do homem é diferente do dos animais. Por que, então, querer sempre confundi-lo com eles? Há no homem alguma coisa mais, além das necessidades físicas: a necessidade de progredir. Os laços sociais são necessários ao progresso e os de família tornam mais apertados os laços sociais: eis por que os laços de família são uma Lei da Natureza. Quis Deus, dessa forma, que os homens aprendessem a amar-se como irmãos.” (205)

775. *Qual seria, para a sociedade, o resultado do relaxamento dos laços de família?*

“Uma recrudescência do egoísmo.”



VII. Lei do progresso

- Estado de natureza • Marcha do progresso • Povos degenerados • Civilização • Progresso da legislação humana • Influência do Espiritismo no progresso

Estado de natureza

776. *O estado de natureza e a lei natural são a mesma coisa?*

“Não; o estado de natureza é o estado primitivo. A civilização é incompatível com o estado de natureza, enquanto a lei natural contribui para o progresso da Humanidade.”

O estado de natureza é a infância da Humanidade e o ponto de partida do seu desenvolvimento intelectual e moral. Sendo o homem perfectível e trazendo em si o gérmen do seu aperfeiçoamento, não foi destinado a viver perpetuamente no estado de natureza, como não foi destinado a viver eternamente na infância. O estado de natureza é transitório e o homem dele sai em razão do progresso da civilização. A lei natural, ao contrário, rege a Humanidade inteira e o homem se melhora à medida que melhor compreende e pratica essa lei.

777. *Como tem menos necessidades no estado de natureza, o homem não sofre todas as tribulações que cria para si mesmo num estado mais adiantado. Que se deve pensar da opinião dos que consideram aquele estado como o da mais perfeita felicidade na Terra?*

“Que queres? É a felicidade do bruto. Há pessoas que não compreendem outra. É ser feliz à maneira dos animais. As crianças também são mais felizes do que os adultos.”

778. *O homem pode retrogradar para o estado de natureza?*

“Não; o homem deve progredir incessantemente e não pode voltar ao estado de infância. Se progride, é que Deus assim o quer. Pensar que possa retrogradar à sua condição primitiva seria negar a lei do progresso.”

Marcha do progresso

779. *O homem colhe em si mesmo a força para progredir, ou o progresso é apenas fruto de um ensinamento?*

“O homem se desenvolve por si mesmo, naturalmente, mas nem todos progridem ao mesmo tempo e do mesmo modo. É então que os mais adiantados auxiliam o progresso dos outros, por meio do contato social.”

780. *O progresso moral acompanha sempre o progresso intelectual?*

“É a sua consequência, mas nem sempre o segue imediatamente.”
(192 e 365)

780-a. *Como o progresso intelectual pode levar ao progresso moral?*

“Fazendo que se compreenda o bem e o mal; o homem, então, pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio acompanha o da inteligência e aumenta a responsabilidade dos atos.”

780-b. *Nesse caso, como se explica que os povos mais esclarecidos sejam, frequentemente, os mais pervertidos?*

“O progresso completo constitui o objetivo, mas os povos, como os indivíduos, só o atingem gradualmente. Enquanto o senso moral não se houver desenvolvido neles, pode mesmo acontecer que se sirvam da inteligência para a prática do mal. O moral e a inteligência são duas forças que só se equilibram com o passar do tempo.” (365 e 751)

781. *É permitido ao homem deter a marcha do progresso?*

“Não, mas pode entravá-la algumas vezes.”

781-a. *Que pensar dos homens que tentam deter a marcha do progresso e fazer que a Humanidade retrograde?*

“Pobres seres, que Deus castigará. Serão arrastados pela torrente que procuram deter.”

Sendo o progresso uma condição da natureza humana, ninguém tem o poder de opor-se a ele. É uma *força viva*, que as más leis podem retardar, mas não sufocar. Quando estas leis se tornam incompatíveis com o progresso, são aniquiladas com os que se esforçam por mantê-las. E assim será até que o homem tenha posto suas leis em conformidade com a Justiça divina, que quer o bem para todos e não a imposição de leis feitas pelo forte em detrimento do fraco.

782. *Não há homens bem-intencionados que entravam o progresso, acreditando favorecê-lo, porque, do ponto de vista em que se colocam, muitas vezes o veem onde ele não está?*

“Assemelham-se a pequenas pedras que, colocadas debaixo da roda de uma grande viatura, não a impedem de avançar.”

783. *O aperfeiçoamento da Humanidade segue sempre uma marcha progressiva e lenta?*

“Há o progresso regular e lento que resulta da força das coisas. Quando, porém, um povo não progride tão depressa quanto deveria, Deus o sujeita, de tempos em tempos, a um abalo físico ou moral que o transforma.”

O homem não pode manter-se perpetuamente na ignorância, porque deve atingir o objetivo que a Providência lhe assinalou; ele se esclarece pela força das coisas. As revoluções morais, como as revoluções sociais, se infiltram nas ideias pouco a pouco; dormitam durante séculos e depois irrompem subitamente, fazendo desabar o carcomido edifício do passado, que deixou de se harmonizar com as necessidades novas e com as novas aspirações.

O homem geralmente não percebe, nessas comoções, senão a desordem e a confusão momentâneas que o ferem nos seus interesses materiais. Aquele que eleva o pensamento acima da sua própria

personalidade admira os desígnios da Providência, que do mal faz sair o bem. É a tempestade, é o furacão que saneia a atmosfera, depois de a ter agitado com violência.

784. *A perversidade do homem é imensa. Pelo menos do ponto de vista moral, não parece que ele recua, em vez de avançar?*

“Enganas-te. Observa bem o conjunto e verás que ele avança, pois melhor compreende o que é mal, e dia a dia vai corrigindo os abusos. É preciso que o mal chegue ao excesso, para tornar compreensível a necessidade do bem e das reformas.”

785. *Qual o maior obstáculo ao progresso?*

“O orgulho e o egoísmo. Refiro-me ao progresso moral, pois o intelectual avança sempre. À primeira vista, parece mesmo que o progresso intelectual redobra a atividade daqueles vícios, desenvolvendo a ambição e o gosto das riquezas, que, por sua vez, incitam o homem às pesquisas que lhe esclarecem o Espírito. É assim que tudo se inter-relaciona, tanto no mundo moral quanto no mundo físico, e que do próprio mal pode nascer o bem. Mas esse estado de coisas durará apenas algum tempo; mudará à medida que o homem compreender melhor que, além dos gozos dos bens terrenos, existe uma felicidade infinitamente maior e mais duradoura.” (Vide “Egoísmo”, cap. XII.)

Há duas espécies de progresso que, embora se apoiem mutuamente, não marcham lado a lado: o progresso intelectual e o progresso moral. Entre os povos civilizados, o primeiro tem recebido, no correr deste século, todos os estímulos desejáveis. Por isso mesmo atingiu um grau até hoje desconhecido. Muito falta para que o segundo esteja no mesmo nível e, contudo, comparando-se os costumes sociais de alguns séculos atrás, só um cego negaria o progresso realizado. Por que, então, essa marcha ascendente haveria de parar, de preferência com relação ao moral do que com relação ao intelectual? Por que não haveria, entre o século dezenove e o vigésimo quarto século, tanta diferença quanta a existente entre o décimo quarto século e o século dezenove? Duvidar disso seria pretender que a Humanidade está no apogeu da perfeição, o que seria absurdo, ou que ela não é perfectível moralmente, o que a experiência desmente.

Povos degenerados

786. *A História nos mostra que muitos povos, depois de abalos que lhes causaram fortes comoções, recaíram na barbárie. Neste caso, onde está o progresso?*

“Quando tua casa ameaça desabar, mandas demoli-la e constróis outra mais sólida e mais cômoda. Mas, até que seja reconstruída, há perturbação e confusão na tua morada.

Compreende também isto: eras pobre e habitavas um casebre; torna-te rico e o deixas para morar num palácio. Mais tarde, um pobre coitado, como eras antes, vem tomar teu lugar no casebre e fica muito contente, pois antes não tinha abrigo. Muito bem! aprende que os Espíritos que estão encarnados nesse povo degenerado não são os que o constituíam ao tempo do seu esplendor. Os de então, tendo-se adiantado, mudaram-se para habitações mais perfeitas e progrediram, enquanto os outros, menos adiantados, tomaram seu lugar, que também deixarão um dia, quando chegar a vez deles.”

787. *Não há raças que, por sua própria natureza, são rebeldes ao progresso?*

“Sim, mas todos os dias elas vão se aniquilando corporalmente.”

787-a. *Qual será a sorte futura das almas que animam essas raças?*

“Chegarão à perfeição, como todas as outras, passando por várias existências. Deus não deserda a ninguém.”

787-b. *Assim, os homens mais civilizados podem ter sido selvagens e antropófagos?*

“Tu mesmo o foste mais de uma vez, antes de seres o que és.”

788. *Os povos são individualidades coletivas que, como os indivíduos, passam pela infância, pela idade madura e pela decrepitude. Esta verdade, que a História constata, não nos poderá levar a pensar que os povos mais adiantados deste século terão seu declínio e sua extinção, como os da Antiguidade?*

“Os povos que só vivem a vida do corpo, aqueles cuja grandeza se baseia apenas na força e na extensão territorial, nascem, crescem e morrem, porque a força de um povo se esgota, como a de um

homem. Aqueles cujas leis egoístas atentam contra o progresso das luzes e da caridade morrem, porque a luz mata as trevas e a caridade mata o egoísmo. Mas, tanto para os povos, como para os indivíduos, há a vida da alma. Aqueles cujas leis se harmonizam com as leis eternas do Criador viverão e servirão de farol aos outros povos.”

789. *Um dia o progresso reunirá todos os povos da Terra numa só nação?*
“Em uma só nação, não; isto é impossível, pois da diversidade dos climas se originam costumes e necessidades diferentes, que constituem as nacionalidades, razão por que sempre será preciso que haja leis apropriadas a esses costumes e necessidades. A caridade, porém, não leva em conta as latitudes, nem distingue os homens pela cor da pele. Quando, por toda parte, a Lei de Deus servir de base à lei humana, os povos, como os indivíduos, praticarão entre si a caridade; então, viverão felizes e em paz, porque ninguém fará mal ao vizinho, nem viverá à sua custa.”

A Humanidade progride por meio de indivíduos que, pouco a pouco, se melhoram e se esclarecem. Quando estes prevalecem pelo número, tomam a dianteira e arrastam os outros. De tempos em tempos, surgem no seio dela homens de gênio que lhe dão um impulso e, depois, homens investidos de autoridade, instrumentos de Deus que, em alguns anos, fazem a Humanidade avançar de muitos séculos.

O progresso dos povos também realça a justiça da reencarnação. Os homens de bem fazem louváveis esforços em prol do adiantamento moral e intelectual de uma nação. Transformada, a nação será mais feliz neste mundo e no outro. Mas, durante a sua marcha lenta através dos séculos, milhares de indivíduos morrem todos os dias. Qual a sorte de todos os que sucumbem ao longo do trajeto? Sua inferioridade relativa os privará da felicidade reservada aos que chegam por último? Ou sua felicidade também é relativa? A Justiça divina não poderia consagrar semelhante injustiça. Com a pluralidade das existências, o direito à felicidade é igual para todos, porque ninguém fica deserdado do progresso. Como aqueles que viveram no tempo da barbárie podem voltar, na época da civilização, a viver no seio do mesmo povo, ou de outro, é claro que todos se beneficiam da marcha ascensional.

O sistema da unicidade das existências apresenta aqui outra dificuldade. Segundo esse sistema, a alma é criada no momento do nascimento. Portanto, se um homem é mais adiantado do que outro, é que Deus criou para ele uma alma mais adiantada. Por que esse favor? Que mérito tem ele, que não viveu mais do que o outro, que talvez haja vivido menos, para ser dotado de uma alma superior? Esta, porém, não é a dificuldade principal. Em mil anos, uma nação passa da barbárie à civilização. Se os homens vivessem um milênio, conceber-se-ia que nesse intervalo tivessem tempo de progredir, mas, diariamente, morrem pessoas de todas as idades, renovando-se sem cessar, de tal sorte que todos os dias elas aparecem e desaparecem. Ao cabo de mil anos já não há naquela nação qualquer vestígio de seus antigos habitantes; de bárbara que era, a nação tornou-se civilizada. Quem progrediu? Foram os indivíduos outrora bárbaros? Mas eles já morreram há muito tempo. Teriam sido os recém-chegados? Mas, se suas almas foram criadas no momento em que eles nasceram, essas almas não existiam na época da barbárie e então será preciso admitir-se que *os esforços despendidos para civilizar um povo têm o poder não de melhorar almas imperfeitas, porém de fazer com que Deus crie almas mais perfeitas.*

Comparemos esta teoria do progresso com a que nos foi dada pelos Espíritos. As almas vindas no tempo da civilização tiveram sua infância, como todas as outras, mas *já tinham vivido antes* e chegam adiantadas em consequência de um progresso anterior. Vêm atraídas por um meio que lhes é simpático e que se acha em relação com o seu estado atual, de sorte que os cuidados dispensados à civilização de um povo não têm por efeito fazer que se criem almas mais perfeitas no futuro, e sim atrair as que já progrediram, seja as que já tenham vivido no seio desse mesmo povo, ao tempo da sua barbárie, seja as que venham de outra parte. Aqui também encontramos a chave do progresso da Humanidade inteira. Quando todos os povos estiverem no mesmo nível quanto ao sentimento do bem, a Terra será ponto de reunião exclusivamente de Espíritos bons, que viverão fraternalmente unidos, enquanto os maus, sentindo-se aí repelidos e deslocados, irão procurar, em mundos inferiores, o meio que lhes convém, até que sejam dignos de voltar ao nosso, então transformado. A teoria vulgar tem ainda esta consequência: os trabalhos de melhoria social só aproveitam às gerações presentes e futuras; seu resultado é nulo

para as gerações passadas, que cometeram o erro de vir cedo demais e que ficam sendo o que podem ser, sobrecarregadas com o peso de seus atos de barbárie. Segundo a Doutrina dos Espíritos, os progressos ulteriores aproveitam igualmente a essas gerações, que voltam a viver em melhores condições e podem assim aperfeiçoar-se no seio da civilização. (222)

Civilização

790. *A civilização é um progresso ou, segundo alguns filósofos, uma decadência da Humanidade?*

“Progresso incompleto. O homem não passa subitamente da infância à maturidade.”

790-a. *Será racional condenar-se a civilização?*

“Condenai antes os que dela abusam, e não a obra de Deus.”

791. *A civilização se depurará um dia, de modo a fazer que desapareçam os males que haja produzido?*

“Sim, quando o moral estiver tão desenvolvido quanto a inteligência. O fruto não pode surgir antes da flor.”

792. *Por que a civilização não realiza imediatamente todo o bem que poderia produzir?*

“Porque os homens ainda não estão prontos nem dispostos a alcançar esse bem.”

792-a. *Não será também porque, criando novas necessidades, a civilização desperta paixões novas?*

“Sim, e também porque nem todas as faculdades do Espírito progridem ao mesmo tempo. É preciso tempo para tudo. Não podereis esperar frutos perfeitos de uma civilização incompleta.” (751 e 780)

793. *Por que sinais se pode reconhecer uma civilização completa?*

“Reconhecê-la-eis pelo desenvolvimento moral. Credes que estais muito adiantados, porque fizestes grandes descobertas e

invenções maravilhosas; porque vos alojais e vos vestis melhor do que os selvagens. Contudo, não tereis verdadeiramente o direito de dizer-vos civilizados, senão quando houverdes banido de vossa sociedade os vícios que a desonram e quando viverdes como irmãos, praticando a caridade cristã. Até então, sereis apenas povos esclarecidos, que só percorreram a primeira fase da civilização.”

A civilização, como todas as coisas, apresenta gradações. Uma civilização incompleta é um estado transitório, que gera males especiais, desconhecidos do homem no estado primitivo, mas nem por isso deixa de constituir um progresso natural, necessário, que traz consigo o remédio para o mal que causa. À medida que a civilização se aperfeiçoa, faz cessar alguns dos males que gerou, e esses males desaparecerão com o progresso moral.

De dois povos que tenham chegado ao mais alto grau da escala social, somente pode considerar-se o mais civilizado, na verdadeira acepção do termo, aquele em que exista menos egoísmo, menos cobiça e menos orgulho; em que os hábitos sejam mais intelectuais e morais do que materiais; em que a inteligência possa desenvolver-se com maior liberdade; em que haja mais bondade, boa-fé, benevolência e generosidade recíprocas; em que os preconceitos de casta e de nascimento sejam menos arraigados, porque tais preconceitos são incompatíveis com o verdadeiro amor do próximo; em que as leis não consagrem nenhum privilégio e sejam as mesmas para todos, tanto para o último, como para o primeiro; em que a justiça se exerça com menos parcialidade; em que o fraco encontre sempre amparo contra o forte; em que a vida do homem, suas crenças e opiniões sejam mais bem respeitadas; em que haja menos infelizes; enfim, em que todo homem de boa vontade esteja certo de não lhe faltar o necessário.

Progresso da legislação humana

794. *A sociedade poderia reger-se unicamente pelas leis naturais, sem o concurso das leis humanas?*

“Poderia, se todos as compreendessem bem e quisessem praticá-las; então, elas bastariam. Mas a sociedade tem suas exigências e precisa de leis especiais.”

795. *Qual a causa da instabilidade das leis humanas?*

“Nos tempos de barbárie, eram os mais fortes que faziam as leis e eles as fizeram para si. Contudo, à proporção que os homens foram compreendendo melhor a justiça, foi preciso modificá-las. As leis humanas são tanto menos instáveis quanto mais se aproximam da verdadeira justiça, isto é, à medida que são feitas para todos e se identificam com a lei natural.”

A civilização criou necessidades novas para o homem e essas necessidades são relativas à posição social que ele ocupe. Foi preciso regular os direitos e deveres dessa posição, por meio de leis humanas. Mas, influenciado pelas suas paixões, muitas vezes o homem tem criado direitos e deveres imaginários, que a lei natural condena e que os povos suprimem de seus códigos à medida que progridem. A lei natural é imutável e a mesma para todos; a lei humana é variável e progressiva; somente ela poderia ter consagrado, na infância das sociedades, o direito do mais forte.

796. *No estado atual da sociedade, a severidade das leis penais não constitui uma necessidade?*

“Uma sociedade depravada certamente precisa de leis mais severas. Infelizmente, essas leis mais se destinam a punir o mal depois de feito, do que a cortar a raiz do mal. Só a educação poderá reformar os homens, que assim não precisarão mais de leis tão rigorosas.”

797. *Como o homem poderá ser levado a reformar suas leis?*

“Isso ocorre naturalmente, pela força das coisas e pela influência das pessoas de bem que o guiam no caminho do progresso. O homem já reformou muitas leis e ainda reformará muitas outras. Espera!”

Influência do Espiritismo no progresso

798. *O Espiritismo se tornará crença geral ou continuará sendo professado apenas por algumas pessoas?*⁵⁶

“Certamente ele se tornará crença geral e marcará uma Nova Era na História da Humanidade, porque está na Natureza e chegou o

⁵⁶ N.E.: Ver Nota Explicativa, p. 463.

tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos. Entretanto, terá que sustentar grandes lutas, mais contra os interesses do que contra a convicção, pois não se pode dissimular a existência de pessoas interessadas em combatê-lo, umas por amor-próprio, outras por causas inteiramente materiais. Porém, como seus contraditores se tornarão cada vez mais isolados, serão forçados a pensar como os demais, sob pena de se tornarem ridículos.”

As ideias só se transformam com o tempo, e nunca subitamente. Elas se enfraquecem de geração em geração e, pouco a pouco, acabam por desaparecer com os que as professavam, os quais são substituídos por outros indivíduos imbuídos de novos princípios, como acontece com as ideias políticas. Vede o paganismo. Certamente, não há mais quem professe hoje as ideias religiosas daquela época. Todavia, muitos séculos após o advento do Cristianismo, tais ideias deixaram vestígios que somente a renovação integral das raças conseguiu apagar. Dar-se-á o mesmo com o Espiritismo, que tem progredido bastante, mas, durante duas ou três gerações, ainda haverá um fermento de incredulidade que só o tempo dissipará. Sua marcha, porém, será mais rápida que a do Cristianismo, porque é o próprio Cristianismo que lhe abre o caminho e serve de apoio. O Cristianismo tinha que destruir; o Espiritismo só tem que edificar.

799. *De que maneira o Espiritismo pode contribuir para o progresso?*

“Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, o Espiritismo pode fazer com que os homens compreendam onde estão seus verdadeiros interesses. Como a vida futura não mais estará velada pela dúvida, o homem perceberá melhor que pode garantir seu futuro por meio do presente. Destruindo os preconceitos de seitas, castas e cores, o Espiritismo ensina aos homens a grande solidariedade que os há de unir como irmãos.”

800. *Não será de temer que o Espiritismo não consiga vencer a indiferença dos homens e o seu apego às coisas materiais?*

“Seria conhecer bem pouco os homens imaginar que uma causa qualquer pudesse transformá-los como que por encanto. As ideias se modificam pouco a pouco, conforme os indivíduos, e é preciso que passem algumas gerações para que se apaguem completamente os vestígios dos velhos hábitos. A transformação,

portanto, só poderá operar-se com o tempo, gradualmente e de modo progressivo. A cada geração, uma parte do véu se dissipa. O Espiritismo vem rasgá-lo inteiramente. Entretanto, mesmo que só conseguisse corrigir um único defeito do homem, já lhe teria feito dar um passo e, por isso mesmo, produzido um grande bem, pois esse primeiro passo lhe tornará mais fácil os outros.”

801. *Por que os Espíritos não ensinaram, em todos os tempos, o que ensinam hoje?*

“Não ensinai às crianças o que ensinai aos adultos e não dai ao recém-nascido um alimento que ele não possa digerir. Cada coisa tem o seu tempo. Eles ensinaram muitas coisas que os homens não compreenderam ou desfiguraram, mas que podem compreender agora. Por meio de seus ensinamentos, mesmo incompletos, prepararam o terreno para receber a semente que agora começa a frutificar.”

802. *Visto que o Espiritismo deve marcar um progresso na Humanidade, por que os Espíritos não apressam esse progresso, por meio de manifestações tão generalizadas e evidentes que pudessem convencer até os mais incrédulos?*

“Desejaríeis milagres, mas Deus os semeia em abundância diante dos vossos passos, embora ainda haja homens que o reneguem. Consegui, porventura, o próprio Cristo convencer os seus contemporâneos com os prodígios que realizou? Não vedes hoje alguns homens que negam os fatos mais evidentes que se passam sob os seus olhos? Não há os que dizem que não acreditariam mesmo que vissem? Não; não é por meio de prodígios que Deus quer conduzir os homens. Em sua bondade, Ele lhes quer deixar o mérito de se convencerem pela razão.”



VIII. Lei de igualdade

- Igualdade natural • Desigualdade das aptidões • Desigualdades sociais • Desigualdade das riquezas • Provas da riqueza e da miséria • Igualdade dos direitos do homem e da mulher • Igualdade perante o túmulo

Igualdade natural

803. *Todos os homens são iguais perante Deus?*

“Sim, todos tendem para o mesmo fim e Deus fez suas leis para todos. Frequentemente dizeis: O Sol brilha para todos, e com isso enunciais uma verdade maior e mais geral do que pensais.”

Todos os homens estão submetidos às mesmas Leis da Natureza. Todos nascem igualmente fracos, acham-se sujeitos às mesmas dores e o corpo do rico se destrói como o do pobre. Portanto, Deus não concedeu superioridade natural a nenhum homem, nem pelo nascimento, nem pela morte; diante dele, todos são iguais.

Desigualdade das aptidões

804. *Por que Deus não concedeu as mesmas aptidões a todos os homens?*

“Deus criou iguais todos os Espíritos. Cada um deles, porém, viveu mais ou menos tempo e, por conseguinte, obteve maior ou menor soma de aquisições. A diferença entre eles está na diversidade da experiência alcançada e da vontade com que procedem, vontade que é

o livre-arbítrio. É por isso que uns se aperfeiçoam mais rapidamente do que outros, o que lhes dá aptidões diversas. A variedade de aptidões é necessária, a fim de que cada um possa concorrer para a execução dos desígnios da Providência, no limite do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais: o que um não faz, o outro fará. Assim, cada um tem seu papel útil a desempenhar. Além disso, como todos os mundos são *solidários entre si*, importa que os habitantes dos mundos superiores, que, na sua maioria, foram criados antes do vosso, venham habitá-lo, para vos dar o exemplo.” (361)

805. *Passando de um mundo superior para um mundo inferior, o Espírito conserva integralmente as faculdades adquiridas?*

“Sim, já o dissemos: o Espírito que progrediu nunca retrocede. Poderá escolher, no estado de Espírito livre, um envoltório mais grosseiro ou uma posição mais precária do que as que já teve, mas tudo isso para lhe servir de ensinamento e ajudá-lo a progredir.” (180)

Assim, a diversidade de aptidões entre os homens não provém da natureza íntima da sua criação, mas do grau de aperfeiçoamento a que tenham chegado os Espíritos encarnados neles. Deus, portanto, não criou faculdades desiguais, mas permitiu que os Espíritos em graus diversos de desenvolvimento estivessem em contato, a fim de que os mais adiantados pudessem auxiliar o progresso dos mais atrasados e também para que os homens, necessitando uns dos outros, compreendessem a lei de caridade que os deve unir.

Desigualdades sociais

806. *A desigualdade das condições sociais é uma Lei da Natureza?*

“Não; é obra do homem, não de Deus.”

- 806-a. *Essa desigualdade desaparecerá algum dia?*

“Só as Leis de Deus são eternas. Não vês a desigualdade diminuir pouco a pouco a cada dia? Desaparecerá quando o egoísmo e o orgulho deixarem de predominar, restando apenas a desigualdade do merecimento. Dia virá em que os membros da grande

família dos filhos de Deus não mais se considerarão como de sangue mais ou menos puro. Só o Espírito é mais ou menos puro, e isso não depende da posição social.”

807. *Que se deve pensar dos que abusam da superioridade de suas posições sociais para oprimir os fracos em benefício próprio?*

“Merecem anátema. Ai deles! Serão oprimidos por sua vez e *renascerão* numa existência em que sofrerão tudo o que tiverem feito sofrer aos outros.” (684)

Desigualdade das riquezas

808. *A desigualdade das riquezas não tem sua origem na desigualdade das faculdades, que faculta a uns mais meios de adquirir bens do que outros?*

“Sim e não. Que dizes da astúcia e do roubo?”

- 808-a. *Entretanto, a riqueza herdada não é fruto das más paixões.*

“Que sabes disso? Busca a fonte de tal riqueza e verás que nem sempre ela é pura. Sabes, porventura, se não resultou de uma espoliação ou de uma injustiça? Mesmo sem falar da origem, que pode ser má, acreditas que a cobiça de bens, ainda quando adquiridos corretamente, os desejos secretos de possuí-los o mais depressa possível sejam sentimentos louváveis? É isso que Deus julga, e eu te asseguro que o seu juízo é mais severo que o dos homens.”

809. *Se uma fortuna foi mal adquirida inicialmente, os que a herdaram mais tarde serão responsáveis por esse fato?*

“Certamente eles não são responsáveis pelo mal que outros haviam feito, sobretudo se ignoraram o fato. Mas fica sabendo que muitas vezes a fortuna só vem ter às mãos de um homem para lhe dar oportunidade de reparar uma injustiça. Feliz dele se o compreende! Se o fizer em nome daquele que cometeu a injustiça, a reparação será levada em conta para ambos, porque é quase sempre este último quem a provoca.”

810. *Sem se afastar da legalidade, qualquer pessoa pode dispor de seus bens de modo mais ou menos equitativo. Quem assim procede será responsável, depois da morte, pelas disposições que haja tomado?*
“Toda ação produz seus frutos. Os frutos das boas ações são doces; os das outras são sempre amargos. *Sempre*, entendei bem isso.”
811. *A igualdade absoluta das riquezas é possível? Já terá existido alguma vez?*
“Não; não é possível. A diversidade das faculdades e dos caracteres a isso se opõe.”
- 811-a. *No entanto, há homens que creem ser esse o remédio aos males da sociedade. Que pensais a respeito?*
“São sistemáticos ou ambiciosos e invejosos. Não compreendem que a igualdade com que sonham logo seria desfeita pela força das coisas. Combatei o egoísmo, que é a vossa chaga social, e não corrais atrás de quimeras.”
812. *Se a igualdade das riquezas não é possível, sucederá o mesmo com o bem-estar?*
“Não, mas o bem-estar é relativo e todos poderiam desfrutá-lo, se se entendessem convenientemente. O verdadeiro bem-estar consiste em cada um empregar o seu tempo naquilo que lhe seja agradável, e não na execução de trabalhos pelos quais não sinta nenhum prazer. Como cada um tem aptidões diferentes, nenhum trabalho útil ficaria por fazer. Em tudo existe o equilíbrio; o homem é quem o perturba.”
- 812-a. *Será possível que todos se entendam?*
“Os homens se entenderão quando praticarem a lei de justiça.”
813. *Há pessoas que caem na privação e na miséria por sua própria culpa. A sociedade pode ser responsabilizada por isso?*
“Sim. Como já dissemos, muitas vezes a sociedade é a causa principal dessas faltas. Ademais, não lhe cabe velar pela educação moral de seus membros? Quase sempre, é a má educação que falseia o julgamento dessas pessoas, em vez de sufocar suas tendências perniciosas.” (685)

Provas da riqueza e da miséria

814. *Por que Deus concedeu a uns a riqueza e o poder, e a outros a miséria?*
“Para experimentá-los de modos diferentes. Além disso, como sabeis, essas provas foram escolhidas pelos próprios Espíritos que, no entanto, nelas sucumbem frequentemente.”
815. *Qual das duas provas é mais perigosa para o homem, a da miséria ou a da riqueza?*
“Ambas o são igualmente. A miséria provoca as *queixas* contra a Providência; a riqueza leva a todos os excessos.”
816. *Se o rico está sujeito a maiores tentações, não dispõe também de mais meios para fazer o bem?*
“É justamente o que nem sempre faz. Torna-se egoísta, orgulhoso e insaciável. Suas necessidades aumentam com a riqueza, e ele nunca julga ter o bastante para si mesmo.”

A posição elevada neste mundo e a autoridade sobre os semelhantes são provas tão grandes e tão arriscadas quanto a miséria, porque, quanto mais rico e poderoso é o homem, *tanto mais obrigações tem a cumprir* e tanto maiores são os meios de que dispõe para fazer o bem e o mal. Deus experimenta o pobre pela resignação e o rico pelo emprego que dá aos seus bens e ao seu poder.

A riqueza e o poder fazem nascer todas as paixões que nos prendem à matéria e nos afastam da perfeição espiritual. Foi por isso que Jesus disse: “Em verdade vos digo que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus.”
(266)

Igualdade dos direitos do homem e da mulher

817. *O homem e a mulher são iguais perante Deus e têm os mesmos direitos?*
“Deus não deu a ambos o conhecimento do bem e do mal e a faculdade de progredir?”

818. *De onde procede a inferioridade moral da mulher em certos países?*
“Do domínio injusto e cruel que o homem assumiu sobre ela. É resultado das instituições sociais e do abuso da força sobre a fraqueza. Entre homens moralmente pouco adiantados, a força faz o direito.”
819. *Com que objetivo a mulher, do ponto de vista físico, é mais fraca do que o homem?*
“Para lhe determinar funções especiais. Cabe ao homem, por ser o mais forte, os trabalhos rudes; à mulher, os trabalhos leves; a ambos o dever de se ajudarem mutuamente a suportar as provas de uma vida cheia de amargor.”
820. *A fraqueza física da mulher não a coloca naturalmente sob a dependência do homem?*
“Deus deu a uns a força para protegerem o fraco e não para o escravizarem.”

Deus apropriou o organismo de cada ser às funções que lhe cumpre desempenhar. Se deu à mulher menor força física, deu-lhe ao mesmo tempo maior sensibilidade apropriada à delicadeza das funções maternas e à fragilidade dos seres confiados aos seus cuidados.
821. *As funções a que a mulher é destinada pela Natureza terão importância tão grande quanto as conferidas ao homem?*
“Sim, e até maiores. É ela quem lhe dá as primeiras noções da vida.”
822. *Sendo os homens iguais perante a Lei de Deus, devem sê-lo igualmente perante as leis humanas?*
“O primeiro princípio de justiça é este: Não façais aos outros o que não gostaríeis que vos fizessem.”
- 822-a. *Sendo assim, uma legislação, para ser perfeitamente justa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher?*
“De direitos, sim; de funções, não. É preciso que cada um tenha um lugar determinado; que o homem se ocupe do exterior e a mulher do interior, cada um de acordo com a sua aptidão. A lei humana, para ser justa, deve consagrar a igualdade dos direitos

do homem e da mulher. Qualquer privilégio concedido a um ou a outro é contrário à justiça. *A emancipação da mulher acompanha o progresso da civilização*; sua escravização marcha com a barbárie. Além disso, os sexos só existem na organização física. Já que os Espíritos podem encarnar num e noutro, sob esse aspecto não há nenhuma diferença entre eles, devendo, por conseguinte, gozar dos mesmos direitos.”

Igualdade perante o túmulo

823. *De onde vem o desejo do homem de perpetuar sua memória por meio de monumentos fúnebres?*

“Derradeiro ato de orgulho.”

- 823-a. *Na maioria das vezes, porém, a suntuosidade dos monumentos fúnebres não se deve mais aos parentes do defunto, que desejam honrar sua memória, do que ao próprio defunto?*

“Orgulho dos parentes, desejosos de se glorificarem a si mesmos. Oh! sim, nem sempre é pelo morto que se fazem todas essas demonstrações, mas por amor-próprio, por consideração ao mundo e para ostentação de riqueza. Supões que a lembrança de um ser querido dure menos no coração do pobre, que só lhe pode colocar sobre o túmulo uma singela flor? Acreditas, porventura, que o mármore salve do esquecimento aquele que foi inútil na Terra?”

824. *Reprovais de maneira absoluta as pompas fúnebres?*

“Não; quando têm em vista honrar a memória de um homem de bem, são justas e dão bom exemplo.”

O túmulo é o ponto de reunião de todos os homens. Aí terminam implacavelmente todas as distinções humanas. É em vão que o rico tenta perpetuar sua memória por meio de faustosos monumentos: o tempo os destruirá, como ao seu próprio corpo. Assim o quer a Natureza. A lembrança de suas boas e más ações será menos perecível do que o seu túmulo. A pompa dos funerais não o limpará de suas torpezas, nem o fará subir um único degrau na hierarquia espiritual. (320 e seguintes.)

CAPÍTULO X



IX. Lei de liberdade

- Liberdade natural • Escravidão • Liberdade de pensar • Liberdade de consciência • Livre-arbítrio • Fatalidade • Conhecimento do futuro • Resumo teórico do móvel das ações do homem

Liberdade natural

825. *Haverá posições no mundo em que o homem possa vangloriar-se de gozar de absoluta liberdade?*
“Não, porque todos precisais uns dos outros, tanto os pequenos como os grandes.”
826. *Em que condições o homem poderia gozar de absoluta liberdade?*
“Nas do eremita no deserto. Desde que dois homens estejam juntos, há entre eles direitos a serem respeitados e, portanto, nenhum deles gozará de liberdade absoluta.”
827. *A obrigação de respeitar os direitos alheios tira ao homem o direito de ser senhor de si mesmo?*
“De modo algum, pois é um direito que lhe vem da Natureza.”
828. *Como conciliar as opiniões liberais de certos homens com o despotismo que costumam exercer no próprio lar e sobre os seus subordinados?*
“Eles têm a compreensão da lei natural, mas contrabalançada pelo orgulho e pelo egoísmo. Quando seus princípios não representam

calculadamente uma comédia, compreendem como as coisas devem ser, mas não agem como deveriam.”

- 828-a. *Ser-lhes-ão levados em conta, na outra vida, os princípios que professaram neste mundo?*

“Quanto mais inteligência tem o homem para compreender um princípio, tanto menos desculpável será de não o aplicar a si mesmo. Em verdade vos digo que o homem simples, porém sincero, está mais adiantado no caminho de Deus do que outro que pretenda parecer o que não é.”

Escravidão

829. *Haverá homens que estejam, naturalmente, destinados a ser propriedade de outros homens?*

“Toda sujeição absoluta de um homem a outro homem é contrária à Lei de Deus. A escravidão é um abuso da força e desaparecerá com o progresso, como desaparecerão pouco a pouco todos os abusos.”

A lei humana que consagra a escravidão é contrária à Natureza, pois equipara o homem ao animal e o degrada moral e fisicamente.

830. *Quando a escravidão faz parte dos costumes de um povo, os que dela se aproveitam merecem ser condenados, embora apenas se sujeitem a um hábito que lhes parece natural?*

“O mal é sempre o mal e nenhum dos vossos sofismas fará que uma má ação se torne boa. Mas a responsabilidade do mal é relativa aos meios de que o homem disponha para compreendê-lo. Aquele que tira proveito da lei da escravidão é sempre culpado de violação da Lei da Natureza. Mas aí, como em tudo, a culpabilidade é relativa. Como a escravidão tem feito parte dos costumes de certos povos, foi possível ao homem aproveitar-se dela, ainda que de boa-fé, como de uma coisa que lhe parecia natural. Desde, porém, que sua razão, mais desenvolvida e, sobretudo, esclarecida pelas luzes do Cristianismo, lhe mostrou

que o escravo era um seu igual perante Deus, ele não tem mais nenhuma desculpa.”

831. *A desigualdade natural das aptidões não coloca certas raças humanas sob a dependência de raças mais inteligentes.*⁵⁷

“Sim, para as elevar, e não para embrutecê-las ainda mais pela servidão. Durante muito tempo os homens consideraram certas raças humanas como animais de trabalho, munidos de braços e mãos, e se julgaram no direito de vendê-las como bestas de carga. Acreditavam ter o sangue mais puro. Insensatos! Nada veem além da matéria! Não é o sangue que deve ser mais ou menos puro, mas o Espírito.” (361 e 803)

832. *Há homens que tratam seus escravos com humanidade, não lhes deixam faltar coisa alguma e acreditam que a liberdade os exporia a maiores privações. Que dizeis disso?*

“Digo que esses compreendem melhor os seus interesses. Eles também dispensam muito cuidado aos seus bois e cavalos, para que obtenham bom preço no mercado. Não são tão culpados como os que maltratam os escravos, mas, nem por isso, deixam de dispor deles como de uma mercadoria, privando-os do direito de serem donos de si mesmos.”

Liberdade de pensar

833. *Haverá no homem alguma coisa que escape a todo constrangimento e pela qual ele goze de absoluta liberdade?*

“É pelo pensamento que o homem goza de liberdade sem limites, pois o pensamento não admite barreiras. Pode-se deter o seu ímpeto, mas não aniquilá-lo.”

834. *O homem é responsável pelo seu pensamento?*

“É responsável perante Deus. Como, porém, somente Deus é capaz de conhecê-lo, Ele o condena ou absolve, segundo a sua justiça.”

⁵⁷ N.E.: Ver Nota Explicativa, p. 463.

Liberdade de consciência

835. *A liberdade de consciência é uma consequência da liberdade de pensar?*
“A consciência é um pensamento íntimo que pertence ao homem, como todos os outros pensamentos.”
836. *O homem tem direito de pôr obstáculos à liberdade de consciência?*
“Não mais do que à liberdade de pensar, porque somente a Deus pertence o direito de julgar a consciência. Assim como os homens, mediante suas leis, regulam as relações de homem para homem, Deus, pelas Leis da Natureza, regula as relações entre Ele e os homens.”
837. *Qual o resultado dos obstáculos interpostos à liberdade de consciência?*
“Constranger os homens a procederem de modo diverso do que pensam, é torná-los hipócritas. A liberdade de consciência é uma das características da verdadeira civilização e do progresso.”
838. *Toda crença é respeitável, mesmo quando notoriamente falsa?*
“Toda crença é respeitável, desde que sincera e quando conduz à prática do bem. Condenáveis são as crenças que conduzem ao mal.”
839. *Será repreensível ofender a crença de alguém que não pense como nós?*
“Isso é faltar com a caridade e atentar contra a liberdade de pensar.”
840. *Será atentar contra a liberdade de consciência interpor obstáculos a crenças capazes de causar perturbações à sociedade?*
“Podem reprimir-se os atos, mas a crença íntima é inacessível.”
Reprimir os atos exteriores de uma crença, quando acarretam qualquer prejuízo a terceiros, não é atentar contra a liberdade de consciência, pois essa repressão deixa à crença sua inteira liberdade.
841. *Por respeito à liberdade de consciência, devemos deixar que se propaguem doutrinas perniciosas, ou podemos, sem atentar contra aquela liberdade, procurar trazer ao caminho da verdade aqueles que se transviaram obedecendo a falsos princípios?*

“Certamente que podeis e até deveis. Mas, a exemplo de Jesus, ensinaí *pela persuasão e pela brandura*, e não pela força, o que seria pior do que a crença daquele a quem desejaríeis convencer. Se alguma coisa se pode impor, é o bem e a fraternidade. Não acreditamos, porém, que o melhor meio de fazê-los admitidos seja agir com violência, pois a convicção não se impõe.”

842. *Considerando-se que todas as doutrinas têm a pretensão de ser a única expressão da verdade, por que sinais podemos reconhecer a que tem o direito de se apresentar como tal?*

“Será aquela que fizer mais homens de bem e menos hipócritas, isto é, homens que pratiquem a lei de amor e de caridade na sua maior pureza e na sua mais ampla aplicação. Por esse sinal reconheceréis que uma doutrina é boa, visto que toda doutrina que tiver por efeito semear a desunião e estabelecer linha de separação entre os filhos de Deus só pode ser falsa e perniciosa.”

Livre-arbítrio

843. *O homem tem o livre-arbítrio de seus atos?*

“Já que tem a liberdade de pensar, tem também a de agir. Sem o livre-arbítrio, o homem seria uma máquina.”

844. *O homem goza do livre-arbítrio desde o seu nascimento?*

“Há liberdade de agir, desde que haja vontade de fazê-lo. Nas primeiras fases da vida, a liberdade é quase nula; desenvolve-se e muda de objeto com o desenvolvimento das faculdades. Estando os pensamentos da criança relacionados com as necessidades que a sua idade reclama, ela aplica o seu livre-arbítrio às coisas que lhe são necessárias.”

845. *As predisposições instintivas que o homem traz ao nascer não constituem obstáculos ao exercício do livre-arbítrio?*

“As predisposições instintivas são as do Espírito antes de encarnar. Conforme este seja mais ou menos adiantado, elas podem impeli-lo à prática de atos repreensíveis, e nisso será secundado

pelos Espíritos que simpatizam com essas disposições. Não há, porém, arrastamento irresistível, desde que se tenha vontade de resistir. Lembrai-vos de que querer é poder.” (361)

846. *O organismo não exerce alguma influência sobre os atos da vida? Caso haja essa influência, não será exercida com prejuízo do livre-arbítrio?*

“O Espírito certamente é influenciado pela matéria, que pode dificultar as suas manifestações. Daí por que, nos mundos em que os corpos são menos materiais do que na Terra, as faculdades se desenvolvem com mais liberdade; o instrumento, porém, não confere a faculdade. Ademais, é preciso que se distingam as faculdades morais das intelectuais. Se um homem tem o instinto do assassinio, seguramente é seu próprio Espírito que o possui e lhe transmite, e não os seus órgãos. Aquele que aniquila o pensamento para ocupar-se apenas da matéria torna-se semelhante ao bruto e ainda pior que este, pois não pensa mais em se prevenir contra o mal. É nisto que incorre em falta, visto que assim procede pela própria vontade.” (Vede 367 e seguintes – “Influência do organismo”.)

847. *A aberração das faculdades tira ao homem o livre-arbítrio?*

“Aquele cuja inteligência é perturbada por uma causa qualquer não é mais senhor do seu pensamento e, desde então, já não tem liberdade. Essa aberração constitui muitas vezes uma punição para o Espírito que, em outra existência, tenha sido fútil e orgulhoso ou possa ter utilizado mal as suas faculdades. Esse Espírito poderá renascer no corpo de um idiota, como o déspota no corpo de um escravo e o mau rico no de um mendigo. Mas o Espírito sofre por efeito desse constrangimento, do qual tem perfeita consciência; é aí que está a ação da matéria.” (371 e seguintes.)

848. *A aberração das faculdades intelectuais pela embriaguez servirá de desculpa aos atos reprováveis?*

“Não, porque foi voluntariamente que o ébrio se privou de sua razão para satisfazer a paixões brutais. Em vez de uma falta, comete duas.”

849. *Qual a faculdade predominante no homem em estado de selvageria: o instinto ou o livre-arbítrio?*

“O instinto, o que não o impede de agir com inteira liberdade em certas coisas. Mas, assim como a criança, aplica essa liberdade às suas necessidades, e ela se desenvolve com a inteligência. Por conseguinte, tu, que és mais esclarecido do que um selvagem, também és mais responsável pelo que fazes do que ele.”

850. *A posição social não constitui às vezes, para o homem, um obstáculo à inteira liberdade de seus atos?*

“O mundo tem, sem dúvida, suas exigências. Deus é justo e tudo leva em conta, mas vos deixa a responsabilidade pelo pouco esforço que fizerdes para superar os obstáculos.”

Fatalidade

851. *Haverá fatalidade nos acontecimentos da vida, de acordo com o sentido atribuído a este vocábulo? Em outras palavras, todos os acontecimentos são predeterminados? Neste caso, que vem a ser do livre-arbítrio?*

“A fatalidade só existe pela escolha que o Espírito fez, ao encarnar, de sofrer esta ou aquela prova. Ao escolhê-la, elege para si uma espécie de destino, que é a consequência mesma da posição em que se achará colocado. Refiro-me às provas físicas, porque, no tocante às provas morais e às tentações, o Espírito, conservando o livre-arbítrio quanto ao bem e ao mal, é sempre senhor de ceder ou de resistir. Ao vê-lo fraquejar, um Espírito bom pode vir em seu auxílio, embora não possa influir sobre ele de maneira a dominar-lhe a vontade. Um Espírito mau, isto é, inferior, ao lhe mostrar de forma exagerada um perigo físico, poderá abalá-lo e amedrontá-lo, mas nem por isso a vontade do Espírito encarnado deixará de prevalecer.”

852. *Há pessoas que parecem perseguidas por uma fatalidade, independentemente da maneira como procedem. A desgraça não estará no seu destino?*

“São talvez provas que devam sofrer e que elas mesmas escolheram. Ainda uma vez lançais à conta do destino o que muitas vezes

é apenas consequência de vossas próprias faltas. Nos males que vos afligem, tratai de conservar pura a consciência e já vos sentireis bastante consolados.”

As ideias justas ou falsas que fazemos das coisas nos levam a ser bem ou malsucedidos, de acordo com o nosso caráter e a nossa posição social. Achamos mais simples e menos humilhante para o nosso amor-próprio atribuir nossos fracassos à sorte ou ao destino, do que à nossa própria falta. A influência dos Espíritos contribui algumas vezes para isso; entretanto, sempre podemos nos livrar dessa influência, repelindo as ideias que eles nos sugerem, quando más.

853. *Algumas pessoas só escapam de um perigo mortal para cair em outro. Parece que não podiam escapar da morte. Não há nisso fatalidade?*

“Fatal, no verdadeiro sentido do termo, só o instante da morte. Chegado esse momento, de uma forma ou de outra, não podeis livrar-vos dele.”

853-a. *Assim, qualquer que seja o perigo que nos ameace, não morreremos se a hora da morte ainda não chegou?*

“Não; não perecerás e tens disso milhares de exemplos. Quando, porém, chegar a hora da tua partida, nada poderá impedir que partas. Deus sabe com antecedência qual o gênero de morte que te levará da Terra e muitas vezes teu Espírito também o sabe, já que isso lhe foi revelado ao fazer a escolha desta ou daquela existência.”

854. *Por ser fatal a hora da morte, serão inúteis as precauções que tomemos para evitá-la?*

“Não, pois as precauções que tomais vos são sugeridas com o fim de evitardes a morte que vos ameaça. São um dos meios empregados para que ela não ocorra.”

855. *Qual o objetivo da Providência ao nos fazer correr perigos que acabam não tendo nenhuma consequência?*

“O fato de tua vida ser posta em perigo constitui um aviso que tu mesmo desejaste, a fim de te desviares do mal e te tornares melhor. Se escapas desse perigo, refletas mais ou menos seriamente, ainda sob a influência do risco que correste, em te melhorares,

conforme seja mais ou menos forte sobre ti a influência dos Espíritos bons. Vindo em seguida o Espírito mau — digo mau, subentendendo o mal que ainda existe nele — pensas que escaparás igualmente de outros perigos e deixas que tuas paixões se desencadeiem novamente. Por meio dos perigos que correis, Deus vos lembra a vossa fraqueza e a fragilidade da vossa existência. Se examinardes a causa e a natureza do perigo, vereis, na maioria das vezes, que suas consequências teriam sido a punição de uma falta cometida ou de *um dever negligenciado*. Deus vos adverte dessa forma para que reflitais e vos corrijais.” (526 e 532)

856. *O Espírito sabe previamente qual o gênero de morte que irá sofrer?*
 “Sabe que o gênero de vida que escolheu o expõe a morrer mais desta maneira do que de outra. Sabe igualmente quais as lutas que terá de sustentar para evitar a morte e que, se Deus o permitir, não sucumbirá.”
857. *Há homens que afrontam os perigos dos combates, certos de que sua hora ainda não chegou. Haverá algum fundamento nessa confiança?*
 “Com muita frequência o homem tem o pressentimento do seu fim, como pode ter o de que ainda não morrerá. Esse pressentimento lhe vem de seus Espíritos protetores, que assim o advertem para que esteja pronto a partir, ou lhe fortalecem a coragem nos momentos em que ela se torna mais necessária. Pode vir-lhe também da intuição que tem da existência que escolheu, ou da missão que aceitou e que sabe que terá de cumprir.” (411 e 522)
858. *Por que razão aqueles que pressentem a morte geralmente a temem menos do que os outros?*
 “Quem teme a morte é o homem, não o Espírito. Aquele que a pressente pensa mais como Espírito do que como homem. Compreende ser ela a sua libertação e a espera calmamente.”
859. *Se a morte não pode ser evitada quando tem de ocorrer, dar-se-á o mesmo com todos os acidentes que nos sobrevêm no curso da vida?*
 “Geralmente são fatos muito insignificantes, a fim de que vos possamos prevenir deles e fazer que os eviteis algumas vezes,

dirigindo o vosso pensamento, pois nos desagrada o sofrimento material. Mas isso é pouco relevante para a vida que escolheste. A fatalidade, verdadeiramente, só existe quanto ao momento em que deveis aparecer e desaparecer deste mundo.”

859-a. *Haverá fatos que devam acontecer inevitavelmente e que a vontade dos Espíritos não possa afastar?*

“Sim, mas que tu viste e pressentiste quando, na condição de Espírito desencarnado, fizeste a tua escolha. Entretanto, não creias que tudo o que acontece esteja escrito, como se costuma dizer. Muitas vezes um acontecimento qualquer é a consequência de um ato que praticaste por tua livre vontade, de modo que, se não o houvesses praticado, o fato não se teria dado. Se queimas o dedo, isso nada mais é que o resultado da tua imprudência e efeito da matéria. Só as grandes dores, os acontecimentos importantes que podem influir sobre o moral, são previstos por Deus, porque são úteis à tua depuração e à tua instrução.”

860. *Pode o homem, pela sua vontade e por seus atos, evitar acontecimentos que deveriam realizar-se e vice-versa?*

“Pode, desde que esse aparente desvio possa caber na vida que escolheu. Além disso, para fazer o bem que lhe cumpre — único objetivo da vida —, é permitido ao homem impedir o mal, sobretudo aquele que possa contribuir para a produção de um mal maior.”

861. *Ao escolher sua existência, o homem que comete um homicídio já sabia que se tornaria assassino?*

“Não. Escolhendo uma vida de luta, sabe que terá oportunidade de matar um de seus semelhantes, mas ignora se o fará, visto caber quase sempre a ele, antes de cometer o crime, a deliberação de praticá-lo. Ora, aquele que delibera sobre uma coisa é sempre livre de fazê-la ou não. Se soubesse previamente que, como homem, deveria cometer um assassinio, é porque o Espírito estaria predestinado a isso. Sabei, portanto, que ninguém é predestinado ao crime e que todo crime, como qualquer outro ato, resulta sempre da vontade e do livre-arbítrio.

Ademais, sempre confundis duas coisas muito distintas: os acontecimentos materiais da vida e os atos da vida moral. Se por vezes há fatalidade, é apenas com relação aos acontecimentos materiais, cuja causa está fora de vós e que independem da vossa vontade. Quanto aos atos da vida moral, esses emanam sempre do próprio homem, que, por conseguinte, tem sempre a liberdade de escolher. Em relação a tais atos, portanto, *nunca* há fatalidade.”

862. *Há pessoas que nunca obtêm sucesso em coisa alguma e que parecem perseguidas por um mau gênio em todas as suas ações. Não se pode chamar a isso fatalidade?*

“É fatalidade, se assim quiseres chamá-la, mas que decorre do gênero da existência escolhida. É que essas pessoas quiseram ser provadas por uma vida de decepções, a fim de exercitarem a paciência e a resignação. Não creiais, no entanto, que essa fatalidade seja absoluta. Resulta muitas vezes do caminho falso que tomaram, em desacordo com suas inteligências e aptidões. Quem pretende atravessar um rio a nado, sem saber nadar, tem grande probabilidade de se afogar. Dá-se a mesma coisa com a maioria dos acontecimentos da vida. Se o homem só se dispusesse à realização de coisas compatíveis com as suas faculdades, triunfaria quase sempre. O amor-próprio e a ambição fazem que ele se perca, desviando-o do caminho que lhe é próprio e levando-o a considerar vocação o simples desejo de satisfazer a certas paixões. Fracassa por sua culpa. Mas, em vez de admitir o erro, prefere acusar a sua estrela. Aquele que seria bom operário e ganharia honestamente a vida, mas que se fez mau poeta, morre de fome. Haveria lugar para todos, se cada um soubesse colocar-se no lugar que lhe compete.”

863. *Frequentemente, os costumes sociais não obrigam o homem a seguir determinado caminho, em vez de outro? Nesse caso, não estará ele submetido ao controle da opinião geral quanto à escolha de suas ocupações? Aquilo que se chama respeito humano não constitui obstáculo ao exercício do livre-arbítrio?*

“São os homens que fazem os costumes sociais, e não Deus. Se eles se submetem a tais costumes, é porque lhes convêm. Essa

submissão, portanto, representa um ato de livre-arbítrio, visto que, se quisessem, poderiam livrar-se deles. Por que, então, se queixam? Não são os costumes sociais que os homens devem acusar, e sim o seu tolo amor-próprio, que faz com que prefiram morrer de fome a infringi-los. Ninguém lhes leva em conta esse sacrifício feito à opinião pública, ao passo que Deus lhes levará em conta o sacrifício que fizerem de suas vaidades. Isto não quer dizer que o homem deva afrontar sem necessidade aquela opinião, como fazem certas pessoas em que há mais originalidade do que verdadeira filosofia. Há tanto desatino em procurar alguém ser apontado a dedo ou exibido como animal curioso, quanto sabedoria naquele que desce voluntariamente e sem murmurar, desde que não possa manter-se no alto da escala.”

864. *Há pessoas para as quais a sorte é contrária, enquanto outras parecem favorecidas por ela, visto que tudo lhes sai bem. A que se deve isso?*

“Quase sempre é porque essas pessoas sabem conduzir-se melhor na vida. Mas também pode ser um gênero de prova. O sucesso as embriaga; confiam em seu destino e muitas vezes pagam mais tarde esse sucesso, mediante reveses cruéis, que poderiam ter evitado com a prudência.”

865. *Como explicar a boa sorte que favorece certas pessoas em circunstâncias que independem completamente da vontade e da inteligência delas? No jogo, por exemplo?*

“Alguns Espíritos escolheram previamente certas formas de prazer. A sorte que os favorece é uma tentação. Aquele que ganha como homem perde como Espírito: é uma prova para o seu orgulho e para a sua cupidez.”

866. *Então, a fatalidade que parece presidir aos destinos materiais de nossa vida também é resultante do nosso livre-arbítrio?*

“Tu mesmo escolheste a tua prova. Quanto mais rude ela for e melhor a suportares, mais te elevarás. Os que passam a vida na abundância e na felicidade humana são Espíritos de ânimo fraco, que permanecem estacionários. Assim, o número de infelizes é muito maior do que o de felizes deste mundo,

considerando-se que os Espíritos, na sua maioria, procuram as provas que lhes sejam mais proveitosas. Eles veem muito bem a futilidade das vossas grandezas e prazeres. Além disso, a vida mais venturosa é sempre agitada, sempre atormentada, mesmo na ausência da dor.” (525 e seguintes.)

867. *De onde vem a expressão: Nascer sob uma boa estrela?*

“Antiga superstição, segundo a qual as estrelas estariam ligadas ao destino de cada homem. Alegoria que algumas pessoas cometem a tolice de tomar ao pé da letra.”

Conhecimento do futuro

868. *Pode o futuro ser revelado ao homem?*

“Em princípio, o futuro lhe é oculto e somente em casos raros e excepcionais Deus permite que seja revelado.”

869. *Com que objetivo o futuro é oculto ao homem?*

“Se o homem conhecesse o futuro, negligenciaria o presente e não agiria com a mesma liberdade, porque seria dominado pela ideia de que, se uma coisa tem que acontecer, não adianta ocupar-se com ela, ou então tentaria impedir que acontecesse. Deus não quis que assim fosse, a fim de que cada um concorra para a realização das coisas, *até daquelas a que desejaria opor-se*. Assim é que, muitas vezes e sem desconfiares, tu mesmo preparas os acontecimentos que sobrevirão no curso da tua vida.”

870. *Se convém que o futuro permaneça oculto, por que Deus permite que ele seja revelado algumas vezes?*

“Ele o permite quando esse conhecimento prévio deve facilitar a execução de alguma coisa, ao invés de dificultá-la, induzindo o homem a agir de modo diverso do que faria, caso não tivesse esse conhecimento. Além disso, muitas vezes também é uma prova. A perspectiva de um acontecimento pode despertar pensamentos mais ou menos bons. Se um homem vem a saber, por exemplo, que receberá uma herança com a qual não contava, pode ser

tomado pelo sentimento da cobiça, pela satisfação de aumentar seus gozos terrenos, pela vontade de possuir mais depressa a herança e, talvez, até mesmo pelo desejo de que venha a morrer aquele que lhe deixará a fortuna. Ou, então, essa perspectiva despertará nele bons sentimentos e ideias generosas. Se a previsão não se cumprir, ele se defrontará com outra prova: a da maneira pela qual suportará a decepção. Nem por isso, no entanto, deixará de ter o mérito ou o demérito dos pensamentos bons ou maus que a crença na ocorrência daquele fato lhe despertou interiormente.”

871. *Visto que Deus sabe tudo, também deve saber se um homem sucumbirá ou não em determinada prova. Assim sendo, qual a necessidade dessa prova, uma vez que nada acrescentará ao que Deus já sabe a respeito desse homem?*

“Isso equivale a perguntar por que Deus não criou o homem perfeito e acabado (119); por que o homem passa pela infância, antes de chegar à idade adulta (379). A prova não tem por fim esclarecer a Deus sobre o mérito do homem, pois Deus sabe perfeitamente o que ele vale, mas dar ao homem toda a responsabilidade de sua ação, já que tem a liberdade de fazer ou não fazer. Podendo o homem escolher entre o bem e o mal, a prova tem por efeito instigá-lo à luta contra a tentação do mal, deixando-lhe todo o mérito da resistência. Embora Deus saiba previamente se o homem vencerá ou não, Ele não pode, em sua justiça, nem puni-lo, nem recompensá-lo por um ato ainda não praticado.” (258)

É assim também entre os homens. Por mais capaz que seja um estudante, por grande que seja a certeza do seu triunfo, ninguém lhe confere grau algum sem exame, isto é, sem prova. Da mesma forma, um juiz só condena um acusado com fundamento num ato consumado, e não na previsão de que ele possa ou deva consumir esse ato.

Quanto mais se reflete nas consequências que teriam para o homem o conhecimento do futuro, melhor se vê quanto foi sábia a Providência em lhe ocultar esse futuro. A certeza de um acontecimento feliz o mergulharia na inércia; a de um acontecimento infeliz o encheria de desânimo. Em ambos os casos, suas forças ficariam paralisadas. É por isso que o futuro só é mostrado ao homem como meta que lhe cumpre atingir

por seus esforços, mas ignorando os processos por que terá de passar para alcançá-lo. O conhecimento de todos os incidentes do caminho lhe tiraria a iniciativa e o uso do livre-arbítrio. Ele se deixaria arrastar pelo declive fatal dos acontecimentos, sem exercer suas faculdades. Quando a realização de uma coisa está assegurada, ninguém mais se preocupa com ela.

Resumo teórico do móvel das ações do homem

872. A questão do livre-arbítrio pode ser resumida assim: o homem não é fatalmente levado ao mal; os atos que pratica não foram previamente determinados; os crimes que comete não resultam de uma sentença do destino. Ele pode, como prova ou expiação, escolher uma existência em que seja arrastado ao crime, quer pelo meio em que se ache colocado, quer pelas circunstâncias que sobrevenham, mas terá sempre a liberdade de agir ou não agir. Assim, o livre-arbítrio existe na escolha da existência e das provas que o Espírito elegeu no estado de erraticidade e, na condição de encarnado, na faculdade de ceder ou de resistir aos arrastamentos a que todos estamos voluntariamente submetidos. Cabe à educação combater essas más tendências, e ela o fará de maneira eficiente quando se basear no estudo aprofundado da natureza moral do homem. Pelo conhecimento das leis que regem essa natureza moral, chegar-se-á a modificá-la, como se modifica a inteligência pela instrução e o temperamento pela higiene. Desprendido da matéria e no estado errante, o Espírito procede à escolha de suas futuras existências corpóreas, de acordo com o grau de perfeição a que tenha chegado, e é principalmente nisto, como já dissemos, que consiste o seu livre-arbítrio. Essa liberdade não é anulada pela encarnação. Se cede à influência da matéria, é porque sucumbe nas provas que ele mesmo escolheu. Para o ajudar a superá-las, pode invocar a assistência de Deus e dos Espíritos bons. (337)
- Sem o livre-arbítrio o homem não teria nem culpa por praticar o mal, nem mérito em praticar o bem. Isto é de tal modo

reconhecido que a censura ou o elogio, em nosso mundo, são feitos à intenção, isto é, à vontade. Ora, quem diz vontade, diz liberdade. O homem, portanto, não poderá buscar no seu organismo físico nenhuma desculpa para os seus delitos, sem abdicar da razão e da sua condição de ser humano, para se equiparar aos animais. Se fosse assim quanto ao mal, também deveria ser em relação ao bem. Mas, quando o homem pratica o bem, tem grande cuidado em garantir o mérito para si, e não cogita de o atribuir aos seus órgãos, o que prova que, por instinto, não renuncia, apesar da opinião de alguns cultores de sistemas, ao mais belo privilégio de sua espécie: a liberdade de pensar.

Tal como é vulgarmente entendida, a fatalidade supõe a decisão prévia e irrevogável de todos os acontecimentos da vida, seja qual for a sua importância. Se fosse esta a ordem das coisas, o homem seria qual máquina sem vontade própria. Para que lhe serviria a inteligência, já que seria invariavelmente dominada, em todos os seus atos, pela força do destino? Se verdadeira, semelhante doutrina seria a destruição de toda liberdade moral; não haveria mais responsabilidade para o homem e, por conseguinte, nem bem, nem mal, nem crimes, nem virtudes. Sendo Deus soberanamente justo, não poderia castigar suas criaturas por faltas que não dependiam delas cometer, nem recompensá-las por virtudes de que não teriam qualquer mérito. Tal lei seria, além disso, a negação da lei do progresso, considerando-se que o homem, por esperar tudo da sorte, não tentaria fazer coisa alguma para melhorar a sua posição, visto que não conseguiria ser melhor nem pior.

Apesar disso, a fatalidade não é uma palavra sem valor. Existe na posição que o homem ocupa na Terra e nas funções que aí desempenha, em consequência do gênero de existência que seu Espírito escolheu como *prova, expiação ou missão*. Ele sofre fatalmente todas as vicissitudes dessa existência e todas as *tendências* boas ou más que lhe são inerentes. Aí, porém, acaba a fatalidade, pois depende de sua vontade ceder ou não ceder a essas tendências. *Os detalhes dos acontecimentos estão subordinados às circunstâncias que ele próprio cria por seus atos*, e sobre os quais os Espíritos podem influir pelos pensamentos que lhe sugerem. (459)

A fatalidade, portanto, está nos acontecimentos que se apresentam, por serem consequência da escolha feita pelo Espírito antes de encarnar. Pode deixar de haver fatalidade no resultado de tais acontecimentos, visto depender do homem, pela sua prudência, modificar o curso das coisas. *Nunca há fatalidade nos atos da vida moral.*

É na morte que o homem se acha submetido de maneira absoluta à inexorável lei da fatalidade, pois não pode escapar à sentença que marca o termo da sua existência, nem ao gênero de morte que deve interromper o seu curso.

Segundo a doutrina vulgar, o homem tiraria dele mesmo todos os seus instintos, e estes resultariam tanto da sua organização física, pela qual não poderia ser responsabilizado, quanto da sua própria natureza, situação em que poderá desculpar-se aos seus próprios olhos, dizendo que não é culpado de ter sido feito como é. A Doutrina Espírita, evidentemente, é muito mais moral: ela admite no homem o livre-arbítrio em toda a sua plenitude. Ao dizer-lhe que, praticando o mal, ele cede a uma sugestão má que lhe vem de fora, deixa-lhe toda a responsabilidade, pois lhe reconhece o poder de resistir, coisa evidentemente muito mais fácil do que se tivesse de lutar contra a sua própria natureza. Assim, de acordo com a Doutrina Espírita, não há arrastamento irresistível: o homem pode sempre fechar os ouvidos à voz oculta que lhe fala no íntimo, induzindo-o ao mal, como pode fechá-los à voz material de alguém que lhe fale. O homem pode fazê-lo por sua vontade, pedindo a Deus a força necessária e reclamando, para esse fim, a assistência dos Espíritos bons. Foi o que Jesus nos ensinou na sublime prece da *Oração Dominical*, quando nos manda dizer: *Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.*

Essa teoria da causa determinante dos nossos atos destaca-se com evidência de todos os ensinamentos dados pelos Espíritos. Não só é sublime em moralidade, mas, acrescentamos, eleva o homem aos seus próprios olhos. Mostra-lhe que ele é livre para sacudir um jugo obsessor, assim como também é livre para fechar sua casa aos importunos. O homem já não é uma máquina que atua por efeito de uma impulsão independente da sua vontade, mas

um ser racional que ouve, julga e escolhe livremente entre dois conselhos. Acrescentemos ainda que, apesar disto, o homem não se acha privado de iniciativa, nem deixa de agir por impulso próprio; afinal de contas, ele é apenas um Espírito encarnado que conserva, sob o invólucro corpóreo, as qualidades e os defeitos que tinha como Espírito.

Consequentemente, as faltas que cometemos têm como fonte primeira a imperfeição do nosso Espírito, que ainda não conquistou a superioridade moral que um dia alcançará, mas que não deixa, por isso, de ter o seu livre-arbítrio. A vida corpórea lhe foi dada para purgar-se de suas imperfeições, mediante as provas a que é submetido, e são justamente essas imperfeições que o tornam mais fraco e mais acessível às sugestões de outros Espíritos imperfeitos, que delas se aproveitam para tentar fazê-lo sucumbir na luta em que se empenhou. Se sai vitorioso dessa luta, ele se eleva; se fracassa, permanece o que era, nem pior, nem melhor: é uma prova que terá de recomençar e que poderá durar muito tempo. Quanto mais se depura, tanto mais diminuem os seus pontos fracos e menos vulnerável ele se mostra aos que procuram atraí-lo para o mal. Sua força moral cresce na razão de sua elevação, fazendo que se afastem dele os Espíritos maus.

Todos os Espíritos, mais ou menos bons, quando encarnados, constituem a espécie humana e, como a nossa Terra é um dos mundos menos adiantados, nela se encontram mais Espíritos maus do que bons. Essa a razão por que aqui vemos tanta perversidade. Façamos, pois, todos os esforços para não voltarmos a este planeta, depois da presente estada, e para merecermos repousar num mundo melhor, num desses mundos privilegiados onde o bem reina sem mescla e onde não nos lembraremos da nossa passagem na Terra senão como de um exílio temporário.

CAPÍTULO XI



X. Lei de justiça, amor e caridade

• Justiça e direitos naturais • Direito de propriedade.
Roubo • Caridade e amor ao próximo • Amor materno e filial

Justiça e direitos naturais

873. *O sentimento da justiça está na Natureza ou é resultado de ideias adquiridas?*

“Está de tal modo na Natureza que vos revoltais à simples ideia de uma injustiça. Sem dúvida, o progresso moral desenvolve esse sentimento, mas não o dá; Deus o pôs no coração do homem. Eis por que encontrais, frequentemente, em homens simples e incultos, noções mais exatas da justiça do que entre pessoas de muito saber.”

874. *Sendo a justiça uma Lei da Natureza, como se explica que os homens a entendam de modos tão diferentes, fazendo que uns considerem justo o que a outros parece injusto?*

“É porque em geral se misturam paixões que alteram esse sentimento, como acontece com a maior parte dos outros sentimentos naturais, fazendo que os homens vejam as coisas sob um falso ponto de vista.”

875. *Como se pode definir a justiça?*

“A justiça consiste no respeito aos direitos de cada um.”

875-a. *O que é que determina esses direitos?*

“Duas coisas: a lei humana e a lei natural. Tendo os homens elaborado leis apropriadas aos seus costumes e ao seu caráter, elas estabeleceram direitos que variam conforme o progresso das luzes. Vede se as vossas leis de hoje, embora imperfeitas, consagram os mesmos direitos que as da Idade Média. Entretanto, esses direitos antiquados, que agora vos parecem monstruosos, pareciam justos e naturais naquela época. Nem sempre, portanto, o direito instituído pelos homens é conforme a justiça. Além disso, ele regula apenas algumas relações sociais, enquanto na vida privada há uma infinidade de atos que competem exclusivamente ao tribunal da consciência.”

876. *Com exceção do direito consagrado pela lei humana, qual a base da justiça, segundo a lei natural?*

“O Cristo vos disse: *Desejai para os outros o que quereríeis para vós mesmos*. Deus imprimiu no coração do homem a regra da verdadeira justiça, fazendo que cada um veja respeitados os seus direitos. Na incerteza de como deve proceder em relação ao semelhante em dada circunstância, o homem deve perguntar a si mesmo como gostaria que os outros procedessem com ele em idêntica circunstância. Deus não lhe podia ter dado guia mais seguro do que a própria consciência.”

Realmente, o critério da verdadeira justiça está em cada um querer para os outros aquilo que desejaria para si mesmo, e não em querer para si o que desejaria para os outros, o que absolutamente não é a mesma coisa. Como não é natural que alguém deseje o mal para si, se cada um tomar por modelo ou ponto de partida o seu desejo pessoal, por certo ninguém jamais desejará ao próximo senão o bem. Em todos os tempos e sob todas as crenças, o homem sempre se esforçou para que prevalecesse o seu direito pessoal. *A sublimidade da religião cristã está no fato de haver tomado o direito pessoal por base do direito do próximo.*

877. *A necessidade que tem o homem de viver em sociedade acarreta para ele obrigações particulares?*

“Sim, e a primeira de todas é a de respeitar os direitos de seus semelhantes. Aquele que respeitar esses direitos sempre agirá com justiça. Em vosso mundo, em que tantos homens não praticam a lei de justiça, cada um usa de represálias, e é essa a causa da perturbação e da confusão da vossa sociedade. A vida social dá direitos e impõe deveres recíprocos.”

878. *Podendo o homem iludir-se quanto à extensão do seu direito, o que deve fazer para conhecer o limite desse direito?*

“O limite do direito que, em relação a si mesmo, reconhecer ao seu semelhante, em idênticas circunstâncias e reciprocamente.”

- 878-a. *Mas, se cada um atribuir a si mesmo direitos iguais aos de seus semelhantes, que virá a ser da subordinação aos seus superiores? Não seria a anarquia de todos os poderes?*

“Os direitos naturais são os mesmos para todos os homens, desde o menor até o maior. Deus não fez uns de limo mais puro do que outros, e todos são iguais perante Ele. Esses direitos são eternos. Os que o homem estabeleceu perecem com as suas instituições. Além disso, cada um sente bem a sua força ou a sua fraqueza e saberá sempre ter uma certa deferência para com os que o mereçam por suas virtudes e sabedoria. É importante destacar isto, para que os que se julgam superiores conheçam seus deveres, a fim de merecer essas deferências. A subordinação não estará comprometida, quando a autoridade for conferida à sabedoria.”

879. *Qual seria o caráter do homem que praticasse a justiça em toda a sua pureza?*

“O do verdadeiro justo, a exemplo de Jesus, porque praticaria também o amor ao próximo e a caridade, sem os quais não há verdadeira justiça.”

Direito de propriedade. Roubo

880. *Qual o primeiro de todos os direitos naturais do homem?*

“O de viver. Por isso ninguém tem o direito de atentar contra a vida de seu semelhante, nem de fazer o que quer que possa comprometer a sua existência corpórea.”

881. *O direito de viver confere ao homem o direito de acumular bens que lhe permitam repousar quando não mais puder trabalhar?*

“Sim, mas deve fazê-lo em família, como a abelha, por meio de um trabalho honesto, e não acumular como um egoísta. Até mesmo alguns animais lhe dão o exemplo da previdência.”

882. *O homem tem o direito de defender os bens que acumulou pelo seu trabalho?*

“Não disse Deus: *Não roubarás?* E Jesus: *Dai a César o que é de César?*”

Aquilo que o homem acumula por meio de trabalho honesto constitui legítima propriedade sua, que ele tem o direito de defender, porque a propriedade que é fruto do trabalho é um direito natural, tão sagrado quanto o de trabalhar e de viver.

883. *É natural o desejo de possuir?*

“Sim, mas quando o homem só deseja para si e para sua satisfação pessoal, é puro egoísmo.”

- 883-a. *Entretanto, não será legítimo o desejo de possuir, visto que aquele que tem de que viver não se torna pesado para ninguém?*

“Há homens insaciáveis, que acumulam bens sem utilidade para ninguém, ou apenas para saciar suas paixões. Julgas que Deus aprova isso? Aquele que, ao contrário, junta pelo trabalho, tendo em vista socorrer os seus semelhantes, pratica a lei de amor e de caridade, e Deus abençoa o seu trabalho.”

884. *Qual o caráter da legítima propriedade?*

“Só é legítima a propriedade que foi adquirida sem prejuízo de outrem.” (808)

A lei de amor e de justiça proíbe que se faça aos outros o que não desejáramos que nos fizessem, condenando, por isso mesmo, a aquisição de bens por quaisquer meios que lhe sejam contrários.

885. *O direito de propriedade não tem limites determinados?*

“Sem dúvida, tudo o que é legitimamente adquirido constitui uma propriedade. Mas, como já dissemos, a legislação humana é imperfeita e consagra muitos direitos convencionais que a justiça natural reprovava. É por isso que os homens reformam suas leis à medida que o progresso se efetua e que melhor compreendem a justiça. O que num século parece perfeito afigura-se bárbaro no século seguinte.” (795)

Caridade e amor ao próximo

886. *Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, tal como Jesus a entendia?*

“Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.”

O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejaríamos que nos fosse feito. Tal o sentido destas palavras de Jesus: *Amai-vos uns aos outros como irmãos.*

A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola; abrange todas as relações com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais ou nossos superiores. Ela nos prescreve a indulgência, porque nós mesmos precisamos de indulgência; ela nos proíbe humilhar os desafortunados, ao contrário do que comumente fazemos. Quando uma pessoa rica se apresenta, todas as atenções e deferências se voltam para ela; se for pobre, é como se não nos devêssemos incomodar com ela. Entretanto, quanto mais lastimável for a posição da pessoa, maior deve ser o cuidado em não lhe aumentarmos o infortúnio pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar, aos seus próprios olhos, aquele que lhe é inferior, diminuindo a distância que os separa.

887. *Jesus também disse: Amai até mesmo os vossos inimigos. Ora, o amor aos inimigos não será contrário às nossas tendências naturais e a inimizade não provirá da falta de simpatia entre os Espíritos?*

“Sem dúvida não se pode ter pelos inimigos um amor terno e apaixonado. Não foi isso que Jesus quis dizer. Amar os inimigos é perdoar-lhes e lhes retribuir o mal com o bem. Assim procedendo, tornamo-nos superiores a eles, ao passo que, pela vingança, nós nos colocamos abaixo deles.”

888. *Que se deve pensar da esmola?*

“O homem condenado a pedir esmola se degrada moral e fisicamente: embrutece-se. Uma sociedade que se baseie na Lei de Deus e na justiça deve prover à vida do *fraco*, sem que ele seja humilhado. Deve assegurar a existência dos que não podem trabalhar, sem lhes deixar a vida à *mercê do acaso* e da boa vontade de alguns.”

888-a. *Então reprovais a esmola?*

“Não; não é a esmola que é reprovável, mas a maneira pela qual habitualmente é dada. O homem de bem, que compreende a caridade segundo Jesus, vai ao encontro do infeliz, sem esperar que este lhe estenda a mão.

A verdadeira caridade é sempre boa e benevolente; está tanto na maneira por que é dada, quanto no ato em si. Um serviço prestado com delicadeza tem duplo valor. Se o for com arrogância, a necessidade pode obrigar quem o recebe a aceitá-lo, mas o seu coração pouco se comoverá.

Lembra-vos também de que a ostentação, aos olhos de Deus, tira o mérito do benefício. Disse Jesus: Que a vossa mão esquerda ignore o que der a vossa mão direita. Com isso Ele vos ensina a não macular a caridade com o orgulho.

É preciso distinguir a esmola propriamente dita da beneficência. Nem sempre o mais necessitado é o que pede. O temor de uma humilhação detém o verdadeiro pobre que, muitas vezes, sofre sem se queixar. É a esse que o homem verdadeiramente humano sabe ir procurar, sem ostentação.

Amai-vos uns aos outros: eis toda a lei, lei divina, mediante a qual Deus governa os mundos. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados. A atração é a lei de amor para a matéria inorgânica.

Não olvideis jamais que o Espírito, qualquer que seja o grau de seu adiantamento, sua situação como reencarnado, ou na erradicidade, está *sempre* colocado entre um superior, que o guia e aperfeiçoa, e um inferior, para com o qual tem que cumprir esses mesmos deveres. Sede, pois, caridosos, não somente dessa caridade que vos faz tirar do bolso o óbolo que dais friamente a quem vos ousa pedi-lo, mas da que vos leve ao encontro das misérias ocultas. Sede indulgentes com os defeitos dos vossos semelhantes. Em vez de desprezardes os ignorantes e os viciados, instruí-os e moralizai-os. Sede brandos e benevolentes para com tudo o que vos seja inferior, mesmo para com os seres mais ínfimos da Criação, e tereis obedecido à Lei de Deus.”

São Vicente de Paulo

889. *Não haverá homens reduzidos à mendicância por sua própria culpa?*
“Sem dúvida, mas, se uma boa educação moral lhes tivesse ensinado a praticar a Lei de Deus, não teriam caído nos excessos que ocasionaram a sua perdição. É disso, sobretudo, que depende a melhoria do vosso globo.” (707)

Amor materno e filial

890. *O amor materno é uma virtude ou um sentimento instintivo, comum aos homens e aos animais?*
“É uma coisa e outra. A Natureza deu à mãe o amor pelos filhos no interesse da conservação deles. No animal, porém, esse amor é limitado às necessidades materiais; cessa quando os cuidados se tornam inúteis. No homem, persiste pela vida inteira e comporta um devotamento e uma abnegação que são virtudes. Sobrevive mesmo à morte e acompanha o filho além do túmulo. Bem vedes que há nele outra coisa a mais que no animal.” (205 e 385)
891. *Visto que o amor materno está na Natureza, por que há mães que odeiam os filhos, e isto, muitas vezes, desde o nascimento deles?*

“Algumas vezes, é uma prova escolhida pelo Espírito do filho, ou uma expiação, se ele mesmo foi mau pai, ou mãe perversa, ou mau filho, em outra existência (392). Em todos os casos, a mãe má não pode ser animada senão por um Espírito mau, que procura criar embaraços ao filho, a fim de que sucumba na prova que buscou. Mas essa violação das Leis da Natureza não ficará impune e o Espírito do filho será recompensado pelos obstáculos que haja superado.”

892. *Os pais que têm filhos que lhes causam desgostos não são desculpáveis pelo fato de não lhes dispensarem a ternura a que teriam direito, em caso contrário?*

“Não, porque é um encargo que lhes é confiado e a missão deles consiste em se esforçarem por encaminhar os filhos para o bem (582 e 583). Ademais, esses desgostos resultam, frequentemente, dos maus hábitos que os pais deixaram que seus filhos tomassem desde o berço. Colhem, então, o que semearam.”

CAPÍTULO XII



Perfeição moral

- As virtudes e os vícios • Paixões • Egoísmo • Características do homem de bem • Conhecimento de si mesmo

As virtudes e os vícios⁵⁸

893. *Qual a mais meritória de todas as virtudes?*

“Todas as virtudes têm seu mérito, porque todas são sinais de progresso no caminho do bem. Há virtude sempre que há resistência voluntária ao arrastamento dos maus pendores. Mas a sublimidade da virtude consiste no sacrifício do interesse pessoal pelo bem do próximo, sem segundas intenções. A mais meritória é a que se baseia na mais desinteressada caridade.”

894. *Há pessoas que fazem o bem espontaneamente, sem que precisem vencer quaisquer sentimentos contrários. Terão tanto mérito quanto as que têm de lutar contra a natureza que lhes é própria e a vencem?*

“As que não têm que lutar são aquelas em quem o progresso já está realizado; lutaram outrora e triunfaram. É por isso que os bons sentimentos não lhes custam nenhum esforço e suas ações lhes parecem muito naturais; para elas o bem se tornou um hábito. Deve-se, pois, honrá-las como a velhos guerreiros, pela posição elevada que conquistaram.

⁵⁸ N.T.: Na 2ª edição francesa (1860), este subtítulo estava assim concebido: “Questões morais diversas”. A partir da 5ª edição (1861), Kardec deu-lhe a redação definitiva, tal como se acha grafada acima.

Como ainda estais longe da perfeição, esses exemplos vos espantam pelo contraste e os admirais tanto mais, quanto mais raros são. Ficai sabendo, porém, que, nos mundos mais adiantados do que o vosso, o que entre vós constitui exceção, lá, é a regra. Nelles, o sentimento do bem é espontâneo em toda parte, porque são habitados somente por Espíritos bons. Ali, uma só intenção maligna seria monstruosa exceção. Eis por que, nesses mundos, os homens são felizes. Assim se dará na Terra, quando a Humanidade se houver transformado e quando compreender e praticar a caridade na sua verdadeira aceção.”

895. *À exceção dos defeitos e vícios acerca dos quais ninguém se pode equivocar, qual o sinal mais característico da imperfeição?*

“O interesse pessoal. Muitas vezes as qualidades morais se assemelham, como num objeto de cobre, à douração que não resiste à pedra de toque. Um homem pode possuir qualidades reais que levem o mundo a considerá-lo homem de bem, mas essas qualidades, embora assinalem um progresso, nem sempre suportam certas provas, bastando algumas vezes que se fira a corda do interesse pessoal para que o fundo fique a descoberto. O verdadeiro desinteresse é coisa tão rara na Terra que é admirado como fenómeno quando se manifesta.

O apego às coisas materiais constitui sinal notório de inferioridade, porque, quanto mais o homem se aferra aos bens deste mundo, tanto menos compreende o seu destino. Pelo desinteresse, ao contrário, ele prova que vê o futuro de um ponto de vista mais elevado.”

896. *Há pessoas desinteressadas, mas sem discernimento, que prodigalizam seus haveres sem proveito real, por não lhes darem um emprego racional. Terão mérito nisso?*

“Têm o mérito do desinteresse, mas não o do bem que poderiam fazer. Se o desinteresse é uma virtude, a prodigalidade irrefletida constitui sempre, quando menos, falta de juízo. A fortuna não é dada a uns para ser lançada ao vento, nem a outros para ser enterrada num cofre-forte. É um depósito de que terão de prestar contas, porque responderão por todo o bem que podiam fazer e

não fizeram, por todas as lágrimas que podiam ter enxugado com o dinheiro que deram aos que dele não precisavam.”

897. *Merecerá reprovção aquele que faz o bem sem visar a qualquer recompensa, mas na esperança de que isto lhe seja levado em conta na outra vida e que lá venha a ser melhor a sua situação? Esse pensamento não prejudicará o seu progresso?*

“É preciso fazer o bem por caridade, isto é, com desinteresse.”

- 897-a. *Entretanto, todos nutrem o desejo muito natural de progredir para escapar da condição penosa desta vida. Os próprios Espíritos nos ensinam a praticar o bem com esse objetivo. Será, então, um mal pensarmos que, praticando o bem, podemos esperar coisa melhor do que temos na Terra?*

“Não, certamente, mas aquele que faz o bem sem segundas intenções, unicamente pelo prazer de ser agradável a Deus e ao seu próximo que sofre, já se acha num certo grau de progresso que lhe permitirá alcançar a felicidade muito mais depressa do que seu irmão que, mais positivo, faz o bem por cálculo, e não impelido pelo calor natural do seu coração.” (894)

- 897-b. *Não haverá aqui uma distinção a ser estabelecida entre o bem que podemos fazer ao nosso próximo e os cuidados que empregamos para corrigir os nossos defeitos? Concebemos que seja pouco meritório fazermos o bem com a ideia de que nos seja levado em conta na outra vida. Mas o fato de nos emendarmos, vencermos as nossas paixões e corrigirmos o nosso caráter, com o propósito de nos aproximarmos dos Espíritos bons e de nos elevarmos, constitui igualmente sinal de inferioridade?*

“Não, não. Pela expressão fazer o bem, queremos dizer ser caridoso. Aquele que calcula o que cada uma de suas boas ações possa lhe render na vida futura, tanto quanto na vida terrena, age como egoísta. Mas não há nenhum egoísmo em querer o homem melhorar-se para se aproximar de Deus, porquanto esse é o objetivo para o qual todos devem tender.”

898. *Visto que a vida corpórea não passa de uma estada temporária neste mundo e que o nosso futuro deve constituir objeto da nossa principal preocupação, haverá utilidade em nos esforçarmos por adquirir conhecimentos científicos que apenas se refiram às coisas e às necessidades materiais?*

“Sem dúvida. Primeiramente, isso vos põe em condições de auxiliar os vossos irmãos; depois, o vosso Espírito subirá mais depressa se já houver progredido em inteligência. Nos intervalos das encarnações, aprendereis numa hora o que na Terra demandaria anos de aprendizado. Nenhum conhecimento é inútil; todos contribuem mais ou menos para o progresso, porque o Espírito perfeito tem que saber tudo, e porque, devendo o progresso realizar-se em todos os sentidos, todas as ideias adquiridas ajudam o desenvolvimento do Espírito.”

899. *De dois homens ricos, um nasceu na opulência e jamais conheceu a necessidade, o outro deve a fortuna ao seu trabalho; ambos a empregaram exclusivamente em sua satisfação pessoal. Qual o mais culpado?*

“Aquele que conheceu os sofrimentos, porque sabe o que é sofrer. Conhece a dor, mas não a alivia nos outros; como sucede frequentemente, nem mesmo se lembra dela.”

900. *Aquele que acumula incessantemente, sem fazer o bem a quem quer que seja, achará desculpa válida na ideia de que acumula com o objetivo de legar maior soma aos seus herdeiros?*

“É um pacto com a consciência má.”

901. *De dois avarentos, o primeiro se priva do necessário e morre de miséria sobre o seu tesouro; o segundo só é avarento para com os outros, mostrando-se pródigo para consigo mesmo; enquanto recua diante do mais ligeiro sacrifício para prestar um serviço ou fazer uma coisa útil, nada lhe custa para satisfazer aos seus gostos ou às suas paixões. Peçam-lhe um favor e estará sempre indisposto a fazê-lo; contudo, se quiser realizar uma fantasia, terá sempre o bastante para isso. Qual o mais culpado e qual se achará em pior situação no mundo dos Espíritos?*

“Aquele que goza, porque é mais egoísta do que o avarento. O outro já recebeu parte de seu castigo.”

902. *Será repreensível cobiçar a riqueza, quando se é levado pelo desejo de fazer o bem?*

“Não resta dúvida de que tal sentimento é louvável, quando puro. Mas será sempre bastante desinteressado esse desejo? Não ocultará nenhuma intenção pessoal dissimulada? Na maioria das vezes, a primeira pessoa a quem desejamos fazer o bem não será a nós mesmos?”

903. *Incorre em culpa a pessoa que estuda os defeitos alheios?*

“Se for para os criticar e divulgar, incorrerá em grande culpa, porque será faltar com a caridade. Mas, se o fizer para daí tirar algum proveito, para evitá-los, tal estudo poderá ter alguma utilidade. Não se deve esquecer, porém, de que a indulgência para com os defeitos alheios é uma das virtudes que fazem parte da caridade. Antes de censurardes as imperfeições dos outros, vede se não poderão dizer o mesmo a vosso respeito. Tratai, pois, de possuir as qualidades opostas aos defeitos que criticais nos semelhantes; esse é o meio de vos tornardes superiores a eles. Se os censurais por serem avaros, sede generosos; por serem orgulhosos, sede humildes e modestos; por serem duros, sede brandos; por agirem com mesquinhez, sede grandes em todas as vossas ações. Em suma, procedei de forma a que não vos possam ser aplicadas estas palavras de Jesus: *Vedes o argueiro no olho do vizinho e não enxergais uma trave no vosso.*”

904. *Incorrerá em culpa aquele que sonda as chagas da sociedade e as expõe em público?*

“Depende do sentimento que o inspire. Se o escritor apenas visa produzir escândalo, trata-se de um prazer pessoal que proporciona a si mesmo, apresentando quadros que constituem antes mau do que bom exemplo. O Espírito aprecia isso, mas pode vir a ser punido por essa espécie de prazer que sente em revelar o mal.”

- 904-a. *Nesse caso, como julgar a pureza das intenções e a sinceridade do escritor?*

“Isso nem sempre é útil. Se ele escrever boas coisas, aproveitai-as. Se proceder mal, é uma questão de consciência que só a ele interessa. Ademais, se o escritor quiser provar a sua sinceridade, cabe-lhe apoiar o que disser no seu próprio exemplo.”

905. *Alguns autores publicaram belíssimas obras de grande moral, que auxiliam o progresso da Humanidade, mas das quais eles mesmos não tiraram nenhum proveito. Ser-lhes-á levado em conta, como Espíritos, o bem que suas obras hajam produzido?*

“A moral sem as ações é como a semente sem o trabalho. De que vos serve a semente, se não a fazeis dar frutos que vos alimentem? Esses homens são mais culpados, porque dispunham de inteligência para compreender. Não praticando as máximas que ofereciam aos outros, renunciaram a colher os seus frutos.”

906. *Será passível de censura o homem que tem consciência do bem que faz e o confessa a si mesmo?*

“Desde que pode ter consciência do mal que pratica, deve tê-la igualmente do bem, a fim de saber se agiu bem ou mal. É pensando todas as suas ações na balança da Lei de Deus e, sobretudo, na da lei de justiça, amor e caridade, que poderá dizer a si mesmo se suas obras são boas ou más, aprová-las ou desaprová-las. Não pode, pois, ser censurado por reconhecer que triunfou dos maus pendoros e que se sinta satisfeito, contanto que não se envaideça, porque então cairia em outra falta.” (919)

Paixões

907. *O princípio das paixões será mau em si mesmo, embora esteja na Natureza?*

“Não; a paixão está no excesso aliado à vontade, visto que o princípio que lhe dá origem foi posto no homem para o bem, e pode levá-lo a grandes coisas. O abuso que delas se faz é que causa o mal.”

908. *Como definir o limite em que as paixões deixam de ser boas para se tornarem más?*

“As paixões são como um cavalo, que só tem utilidade quando é governado e que se torna perigoso quando passa a governar. Reconhecei, pois, que uma paixão se torna perniciosa a partir

do momento em que não mais conseguis dominá-la, resultando num prejuízo qualquer para vós mesmos ou para os outros.”

As paixões são alavancas que decuplicam as forças do homem e o auxiliam na execução dos desígnios da Providência. Mas, se, em vez de as dirigir, deixa que elas o dirijam, o homem cai nos excessos e a própria força, que em suas mãos poderia fazer o bem, recai sobre ele e o esmaga.

Todas as paixões têm seu princípio num sentimento ou numa necessidade natural. O princípio das paixões não é, portanto, um mal, já que repousa sobre uma das condições providenciais da nossa existência. A paixão propriamente dita é o exagero de uma necessidade ou de um sentimento; está no excesso e não na causa, e este excesso se torna um mal, quando tem como consequência um mal qualquer.

Toda paixão que aproxima o homem da natureza animal afasta-o da natureza espiritual. Todo sentimento que eleva o homem acima da natureza animal denota predominância do Espírito sobre a matéria e o aproxima da perfeição.

909. *O homem sempre poderia vencer suas más tendências mediante seus próprios esforços?*

“Sim, e às vezes com pouco esforço. O que lhe falta é a vontade. Ah! como são poucos os que se esforçam entre vós!”

910. *O homem pode encontrar nos Espíritos assistência eficaz para superar suas paixões?*

“Se pedir a Deus e ao seu bom gênio, com sinceridade, os Espíritos bons lhe virão certamente em auxílio, porque essa é a missão deles.” (459)

911. *Não existem paixões tão vivas e irresistíveis que a vontade seja impotente para dominá-las?*

“Há muitas pessoas que dizem: *Quero*, mas sua vontade está apenas nos lábios. *Querem*,⁵⁹ mas ficam muito satisfeitas que assim

⁵⁹ N.T.: Na 2ª edição francesa (1860), houve um erro de concordância entre o pronome pessoal *eles* e o verbo *querer*, corrigido por Allan Kardec a partir da 5ª edição (1861). Em vez de *elas* querem, referindo-se à palavra *pessoas*, que seria a forma correta, por engano foi grafado *eles* querem. Nossa tradução, como já havia feito antes Guillon Ribeiro, simplesmente suprimiu o pronome indicado (elipse), resolvendo a questão.

não seja. Quando o homem crê que não pode vencer suas paixões, é que seu Espírito nelas se compraz, em consequência da sua inferioridade. Aquele que procura reprimi-las compreende sua natureza espiritual. Vencê-las, para ele, é um triunfo do Espírito sobre a matéria.”

912. *Qual o meio mais eficaz de combater-se o predomínio da natureza corpórea?*

“Praticar a abnegação.”

Egoísmo

913. *Dentre os vícios, qual o que se pode considerar radical?*

“Já o dissemos inúmeras vezes: o *egoísmo*. Dele deriva todo o mal. Estudai todos os vícios e vereis que no fundo de todos há egoísmo. Por mais que luteis contra eles, não conseguireis extirpá-los enquanto não atacardes o mal pela raiz, enquanto não lhe houverdes destruído a causa. Que todos os vossos esforços tendam, pois, para esse fim, porque aí é que está a verdadeira chaga da sociedade. Quem quiser aproximar-se da perfeição moral, já nesta vida, deve extirpar do seu coração todo sentimento de egoísmo, pois o egoísmo é incompatível com a justiça, o amor e a caridade; ele neutraliza todas as outras qualidades.”

914. *Fundando-se o egoísmo no sentimento do interesse pessoal, parece bem difícil extirpá-lo inteiramente do coração do homem. Chegar-se-á a isso?*

“À medida que os homens se esclarecem sobre as coisas espirituais, passam a dar menos valor às coisas materiais. Além disso, é preciso que se reformem as instituições humanas que o entretêm e excitam. Isso depende da educação.”

915. *Por ser inerente à espécie humana, o egoísmo não constituirá sempre um obstáculo ao reinado do bem absoluto na Terra?*

“É certo que o egoísmo é o vosso maior mal, porém ele se prende à inferioridade dos Espíritos encarnados na Terra, e não à

Humanidade em si mesma. Ora, depurando-se por encarnações sucessivas, os Espíritos perdem o egoísmo, assim como perdem as outras impurezas. Não haverá na Terra nenhum homem isento de egoísmo e praticante da caridade? Há muito mais homens assim do que pensais, mas pouco os conheceis, porque a virtude não busca ostentação. Se há um, por que não haverá dez? Se há dez, por que não haverá mil, e assim por diante?”

916. *Longe de diminuir, o egoísmo cresce com a civilização, que parece excitá-lo e entretê-lo. Como poderá a causa destruir o efeito?*

“Quanto maior é o mal, mais hediondo se torna. Era preciso que o egoísmo produzisse muito mal, para que se tornasse compreensível a necessidade de extirpá-lo. Quando os homens se houverem despojado do egoísmo que os domina, viverão como irmãos, sem se fazerem mal algum, auxiliando-se reciprocamente pelo sentimento mútuo da *solidariedade*. Então, o forte será o amparo e não o opressor do fraco, e não mais serão vistos homens a quem falte o necessário, porque todos praticarão a lei de justiça. Esse o reinado do bem, que os Espíritos estão encarregados de preparar.” (784)

917. *Qual o meio de destruir-se o egoísmo?*

“De todas as imperfeições humanas, a mais difícil de extirpar é o egoísmo, porque resulta da influência da matéria, influência de que o homem, *ainda muito próximo de sua origem*, não pôde libertar-se, já que tudo concorre para mantê-la: suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a vida material e, sobretudo, com a compreensão que o Espiritismo vos dá sobre o vosso estado futuro *real*, e não desfigurado por ficções alegóricas. Quando bem compreendido e identificado com os costumes e as crenças, o Espiritismo transformará os hábitos, os usos e as relações sociais. O egoísmo se baseia na importância da personalidade. Ora — repito —, o Espiritismo, bem compreendido, mostra as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece, de certo modo, diante da imensidade. Destruindo essa importância, ou, pelo menos, reduzindo-a às suas reais proporções, ele necessariamente combate o egoísmo.

O choque que o homem experimenta do egoísmo dos outros é o que muitas vezes o torna egoísta, porque sente a necessidade de colocar-se na defensiva. Vendo que os outros pensam em si mesmos e não nele, é levado a ocupar-se consigo, mais do que com os outros. Que o princípio da caridade e da fraternidade seja a base das instituições sociais, das relações *legais* de povo a povo e de homem a homem, e este pensará menos em si, quando vir que outros pensaram nele; sofrerá assim a influência moralizadora do exemplo e do contato. Em face do atual transbordamento de egoísmo, é preciso verdadeira virtude para que alguém renuncie à sua personalidade em proveito dos outros, que, quase sempre, não o reconhecem. É principalmente aos que possuem essa virtude que o Reino dos céus se acha aberto. A esses, sobretudo, está reservada a felicidade dos eleitos, pois em verdade vos digo que, no dia da justiça, todo aquele que só houver pensado em si mesmo será posto de lado e sofrerá pelo abandono a que será relegado.” (785)

Fénelon

Louváveis esforços são empregados para fazer que a Humanidade progreda. Os bons sentimentos são animados, estimulados e honrados mais do que em qualquer outra época; não obstante, o verme roedor do egoísmo continua a ser a praga social. É um mal real, que se espalha por todo o mundo e do qual cada homem é mais ou menos vítima. Assim, é preciso combatê-lo como se combate uma moléstia epidêmica. Para isso, deve-se proceder como procedem os médicos: remontando à causa do mal. Que se procurem em todas as partes do organismo social, da família aos povos, da choupana ao palácio, todas as causas, todas as influências, patentes ou ocultas, que excitam, alimentam e desenvolvem o sentimento do egoísmo. Conhecidas as causas, o remédio se apresentará por si mesmo. Só restará então combatê-las, se não todas ao mesmo tempo, pelo menos parcialmente, e o veneno pouco a pouco será eliminado. A cura poderá ser demorada, porque numerosas são as causas, mas não é impossível. Contudo, ela só se obterá se o mal for cortado pela raiz, isto é, pela educação, não por essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas pela que tende a fazer homens de bem. Bem entendida, a educação constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, poder-se-á endireitá-los, como se faz

com as plantas novas. Mas essa arte exige muito tato, muita experiência e profunda observação. É grave erro acreditar que baste o conhecimento da Ciência para exercê-la com proveito. Quem quer que acompanhe o filho do rico, assim como o do pobre, desde o instante do nascimento, e observar todas as influências perniciosas que atuam sobre eles, em consequência da fraqueza, da incúria e da ignorância dos que os dirigem, e como falham quase sempre os meios empregados para moralizá-los, não poderá admirar-se de encontrar tantas imperfeições no mundo. Faça-se com o moral o que se faz com a inteligência e ver-se-á que, se há naturezas refratárias, também há, em maior número do que se pensa, as que apenas reclamam boa cultura para produzir bons frutos. (872)

O homem quer ser feliz e esse sentimento é muito natural. Por isso ele trabalha incessantemente para melhorar a sua posição na Terra; procura as causas de seus males, a fim de remediá-los. Quando compreender bem que o egoísmo é uma das causas, a que gera o orgulho, a ambição, a cupidez, a inveja, o ódio, o ciúme, que a cada instante o magoam, que leva a perturbação a todas as relações sociais, provoca as dissensões, destrói a confiança, obrigando-o a manter-se constantemente na defensiva contra o seu vizinho, enfim, a causa que faz do amigo um inimigo, então ele compreenderá também que esse vício é incompatível com a sua própria felicidade e, acrescentamos, com a sua própria segurança. Quanto mais tiver sofrido por conta desse vício, mais sentirá a necessidade de combatê-lo, como combate a peste, os animais nocivos e todos os outros flagelos; será induzido a isso pelo seu próprio interesse. (784)

O egoísmo é a fonte de todos os vícios, como a caridade é a fonte de todas as virtudes. Destruir um e desenvolver a outra, tal deve ser o alvo de todos os esforços do homem, caso queira assegurar a sua felicidade tanto neste mundo quanto no futuro.

Características do homem de bem

918. *Por que sinais se pode reconhecer num homem o progresso real que deve elevar o seu Espírito na hierarquia espiritual?*⁶⁰

⁶⁰ N.E.: Ver Nota Explicativa, p. 463.

“O Espírito prova a sua elevação quando todos os atos de sua vida corpórea representam a prática da Lei de Deus e quando compreende antecipadamente a vida espiritual.”

O verdadeiro homem de bem é o que pratica a lei de justiça, amor e caridade na sua maior pureza. Se interroga a própria consciência sobre os atos que praticou, perguntará se não violou essa lei, se não fez o mal, se fez todo o bem *que podia*, se ninguém tem motivos para se queixar dele, enfim, se fez aos outros tudo quanto queria que os outros lhe fizessem.

Imbuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar recompensa, e sacrifica seus interesses à justiça.

É bondoso, humanitário e benevolente para com todos, porque vê irmãos em todos os homens, sem distinção de raças, nem de crenças.

Se Deus lhe concedeu o poder e a riqueza, considera essas coisas como *um depósito*, de que deve usar para o bem, e disso não se envaidece, por saber que Deus, que lhe deu tudo isso, também poderá retirá-los.

Se a ordem social colocou outros homens sob a sua dependência, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus. Usa da sua autoridade para lhes levantar o moral, e não para os esmagar com o seu orgulho.

É indulgente para com as fraquezas alheias, porque sabe que ele mesmo precisa da indulgência dos outros e se lembra destas palavras do Cristo: *Aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra.*

Não é vingativo; a exemplo de Jesus, perdoa as ofensas, para só se lembrar dos benefícios, pois sabe que *será perdoado na medida em que houver perdoado.*

Respeita, enfim, em seus semelhantes, todos os direitos que as Leis da Natureza lhes concedem, como gostaria que respeitassem os seus.

Conhecimento de si mesmo

919. *Qual o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e de resistir ao arrastamento do mal?*

“Um sábio da Antiguidade vos disse: *Conhece-te a ti mesmo.*”⁶¹

⁶¹ N.E.: Aforismo grego que, segundo a tradição, estaria inscrito nos pórticos do Oráculo de Delfos, originalmente de Pítia, em Delfos, na Antiga Grécia. Pedra angular da filosofia de Sócrates e do seu método, a maiêutica, e é muito citado pelo filósofo nos relatos de Platão e Xenofonte.

- 919-a. *Compreendemos toda a sabedoria desta máxima, mas a dificuldade está precisamente em cada um conhecer-se a si mesmo. Qual o meio de consegui-lo?*

“Fazei o que eu fazia quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava em revista o que havia feito e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever, se ninguém tivera motivo para se queixar de mim. Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim precisava de reforma. Aquele que, todas as noites, recordasse todas as ações que praticara durante o dia e perguntasse a si mesmo o bem ou o mal que houvera feito, rogando a Deus e ao seu anjo da guarda que o esclarecessem, adquiriria grande força para se aperfeiçoar, porque, crede-me, Deus o assistirá. Portanto, questionai-vos, interrogai-vos sobre o que tendes feito e com que objetivo agistes em dada circunstância; se fizestes alguma coisa que censuraríeis, se feita por outrem; se praticastes alguma ação que não ousaríeis confessar. Perguntai ainda isto: Se aprovesse a Deus chamar-me neste momento, teria que temer o olhar de alguém, ao entrar de novo no mundo dos Espíritos, onde nada é oculto? Examinai o que podeis ter feito contra Deus, depois contra o vosso próximo e, finalmente, contra vós mesmos. As respostas acalmarão a vossa consciência ou indicarão um mal que precise ser curado.

O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do progresso individual. Mas, direis, como pode alguém julgar-se a si mesmo? Não está aí a ilusão do amor-próprio, que atenua as faltas e as torna desculpáveis? O avaro se considera simplesmente econômico e previdente; o orgulhoso acredita ter apenas dignidade. Tudo isso é muito certo, mas tendes um meio de controle que não vos pode enganar. Quando estiverdes indecisos sobre o valor de uma de vossas ações, perguntai como a qualificaríeis se praticada por outra pessoa. Se a censurais nos outros, ela não poderia ser mais legítima, caso fôsseis o seu autor, porque Deus não usa de duas medidas na aplicação de sua justiça. Procurai também saber o que pensam os outros e não desprezeis a opinião dos vossos inimigos, já que estes não têm nenhum interesse em disfarçar a verdade e Deus muitas vezes os coloca ao vosso lado como um espelho, a fim de que sejais advertidos com mais franqueza do que o faria

um amigo. Aquele, pois, que tem o sério desejo de melhorar-se perscrute a sua consciência, a fim de extirpar de si as más tendências, como arranca as ervas daninhas do seu jardim; faça o balanço de sua jornada moral, avaliando, a exemplo do comerciante, seus lucros e perdas, e eu vos garanto que o lucro sobrepujará os prejuízos. Se puder dizer que foi bom o seu dia, poderá dormir em paz e aguardar sem temor o despertar na outra vida.

Formulai, portanto, a vós mesmos, perguntas claras e precisas e não temais multiplicá-las: pode-se muito bem consagrar alguns minutos para conquistar a felicidade eterna. Não trabalhais todos os dias com vistas a juntar haveres que vos garantam repouso na velhice? Esse repouso não é o objeto de todos os vossos desejos, o fim que vos faz suportar fadigas e privações passageiras? Pois bem! Que é esse descanso de alguns dias, perturbado pelas enfermidades do corpo, em comparação com o que espera o homem de bem? Não valerá a pena fazer alguns esforços? Sei que muitos dizem que o presente é positivo e o futuro é incerto. Ora, é exatamente esta a ideia que estamos encarregados de destruir em vossas mentes, pois desejamos fazer que compreendais esse futuro, de modo a não restar nenhuma dúvida em vossa alma. Foi por isso que primeiro chamamos a vossa atenção por meio de fenômenos capazes de ferir-vos os sentidos e que agora vos damos instruções que cada um de vós está encarregado de espalhar. Com esse objetivo é que ditamos *O livro dos espíritos*.”

Santo Agostinho

Muitas faltas que cometemos nos passam despercebidas. Se, de fato, seguindo o conselho de Santo Agostinho, interrogássemos com mais frequência a nossa consciência, veríamos quantas vezes falimos sem o suspeitarmos, simplesmente por não examinarmos com atenção a natureza e o móvel dos nossos atos. A forma interrogativa tem alguma coisa de mais preciso do que qualquer máxima, que muitas vezes não aplicamos a nós mesmos. Ela exige respostas categóricas, por um sim ou um não, que não deixam lugar a alternativas; são outros tantos argumentos pessoais e, pela soma que derem as respostas, podemos computar a soma de bem ou de mal que existe em nós.

Livro Quarto



Esperanças e consolações

Capítulo I Penas e gozos terrenos

Capítulo II Penas e gozos futuros

CAPÍTULO I



Penas e gozos terrenos

• Felicidade e infelicidade relativas • Perda dos entes queridos • Decepções. Ingratidão. Afeições destruídas • Uniões antipáticas • Temor da morte • Desgosto da vida. Suicídio

Felicidade e infelicidade relativas

920. *O homem pode gozar de completa felicidade na Terra?*

“Não, porque a vida lhe foi dada como prova ou expiação. Depende dele, porém, amenizar os seus males e ser tão feliz quanto possível na Terra.”

921. *Concebe-se que o homem será feliz na Terra quando a Humanidade estiver transformada. Mas, enquanto isso não acontece, poderá conseguir uma felicidade relativa?*

“O homem é quase sempre o artífice da sua própria infelicidade. Praticando a Lei de Deus, ele pode poupar-se de muitos males e alcançar felicidade tão grande quanto o comporte a sua existência grosseira.”

O homem que se acha bem compenetrado de seu destino futuro não vê na vida corpórea mais do que uma estação temporária; é como uma parada momentânea numa hospedaria precária. Consola-se facilmente de alguns aborrecimentos passageiros de uma viagem que deve conduzi-lo a uma posição tanto melhor, quanto melhor tenha cuidado dos preparativos para realizá-la.

Somos punidos já nesta vida pelas infrações que cometemos às leis que regem a existência corpórea, por meio dos males decorrentes

dessas mesmas infrações e dos nossos próprios excessos. Se remontarmos pouco a pouco à origem do que chamamos nossas desgraças terrenas, veremos que, na maioria dos casos, são a consequência de um primeiro afastamento do caminho reto. Em virtude desse desvio, enveredamos por outro, mau, e, de consequência em consequência, caímos na desgraça.

922. *A felicidade terrestre é relativa à posição de cada um. O que basta para a felicidade de um constitui a desgraça de outro. Haverá, contudo, algum critério de felicidade para todos os homens?*

“Para a vida material, é a posse do necessário; para a vida moral, a consciência tranquila e a fé no futuro.”

923. *Aquilo que seria supérfluo para um não representará, para outro, o necessário, e vice-versa, conforme as posições?*

“Sim, de acordo com as vossas ideias materiais, os vossos preconceitos, a vossa ambição e todos os vossos caprichos ridículos, para os quais o futuro fará justiça, quando compreenderdes a verdade. Sem dúvida, aquele que tinha cinquenta mil libras de renda e a vê reduzida a dez mil se considera muito infeliz, por não mais poder fazer a mesma figura, conservar o que chama a sua posição, ter cavalos, lacaios, satisfazer a todas as paixões etc. Julga que lhe falta o necessário. Mas, francamente, achas que seja digno de lástima, quando, ao seu lado, há muitas pessoas que morrem de fome e de frio, sem um abrigo para repousar a cabeça? O homem sábio, para ser feliz, olha para baixo e jamais para cima, a não ser para elevar sua alma ao infinito.” (715)

924. *Há males que independem da maneira de agir e que atingem o homem mais justo. Haverá algum meio de ele se preservar deles?*

“O homem deve resignar-se e sofrê-los *sem murmurar*, se quer progredir. Entretanto, sempre encontra consolação na própria consciência, que lhe dá a esperança de um futuro melhor, desde que faça o que é preciso para obtê-lo.”

925. *Por que Deus favorece, com os dons da riqueza, certos homens que não parecem tê-los merecido?*

“É um favor aos olhos dos que apenas veem o presente. Mas, sabeí-o bem, a riqueza é, quase sempre, uma prova mais perigosa do que a miséria.” (814 e seguintes.)

926. *Criando novas necessidades, a civilização não é fonte de novas aflições?*

“Os males deste mundo estão na razão das necessidades *artificiais* que criais para vós mesmos. Aquele que sabe limitar seus desejos e olha sem inveja o que esteja acima de si poupa-se a muitos desgostos nesta vida. O mais rico é o que tem menos necessidades. Invejais os gozos dos que vos parecem os felizes do mundo. Sabeis, porventura, o que lhes está reservado? Se não gozam senão pessoalmente, são egoístas e sofrerão as consequências. Antes, deveis lastimá-los. Deus permite algumas vezes que o mau prospere, mas a sua felicidade não é de causar inveja, porque a pagará com lágrimas amargas. Quando o justo é infeliz, trata-se de uma prova que lhe será levada em conta, se a suportar com coragem. Lembrai-vos destas palavras de Jesus: *Bem-aventurados os que sofrem, porque serão consolados.*”

927. *Certamente o supérfluo não é indispensável à felicidade, porém o mesmo não se dá com o necessário. Ora, não será real a infelicidade daqueles que estão privados do necessário?*

“Na verdade, o homem só é infeliz quando sofre a falta do necessário à vida e à saúde do corpo. Essa privação talvez se deva à sua própria culpa, daí por que só tem que se queixar de si mesmo. Se a culpa for de outrem, a responsabilidade recairá sobre aquele que lhe tiver dado causa.”

928. *Evidentemente, pelas características de nossas aptidões naturais, Deus indica a nossa vocação neste mundo. Muitos males não provêm do fato de não seguirmos essa vocação?*

“É verdade, e muitas vezes são os pais que, por orgulho ou avareza, desviam seus filhos do caminho que a Natureza lhes traçou, comprometendo-lhes, assim, a felicidade. Serão responsabilizados por isto.”

- 928-a. *Então considerais justo que o filho de um homem altamente colocado no mundo fabrique tamancos, por exemplo, desde que tenha aptidão para tanto?*

“Não se precisa cair no absurdo, nem exagerar coisa alguma: a civilização tem suas necessidades. Por que o filho de um homem altamente colocado, como dizes, haveria de fabricar tamancos, se pode fazer outra coisa? Poderá sempre tornar-se útil na medida de suas faculdades, desde que não as aplique em sentido contrário. Assim, por exemplo, em vez de mau advogado, talvez pudesse ser um bom mecânico etc.”

O afastamento dos homens da sua esfera intelectual é, seguramente, uma das causas mais frequentes de decepção. A inaptidão para a carreira abraçada é uma fonte inesgotável de reveses. Depois, o amor-próprio, aliando-se a tudo isso, impede que o homem que fracassou procure recursos numa profissão mais humilde, mostrando-lhe o suicídio como remédio extremo para escapar ao que ele julga ser humilhação. *Se uma educação moral o tivesse colocado acima dos tolos preconceitos do orgulho, jamais teria sido apanhado desprevenido.*

929. *Há pessoas que, privadas de todos os recursos, mesmo quando reine a abundância em seu redor, só têm a morte como perspectiva. Que partido devem tomar? Deverão deixar-se morrer de fome?*

“Ninguém jamais deve ter a ideia de deixar-se morrer de fome. O homem acharia sempre meio de se alimentar se o orgulho não se colocasse entre a necessidade e o trabalho. Costuma-se dizer que não há ofício desprezível e que não é a posição do homem que o desonra. Mas isto é dito para os outros, e não para si.”

930. *É evidente que, se não fossem os preconceitos sociais, pelos quais o homem se deixa dominar, ele sempre acharia um trabalho qualquer que pudesse ajudá-lo a viver, mesmo deslocado de sua posição. Mas, entre os que não têm preconceitos ou os põem de lado, não há pessoas que estão impossibilitadas de prover às suas necessidades, em consequência de moléstias ou outras causas independentes de sua vontade?*

“Numa sociedade organizada segundo a Lei do Cristo, ninguém deve morrer de fome.”

Com uma organização social criteriosa e providente, ao homem só pode faltar o necessário por culpa sua. Porém, muitas vezes suas próprias faltas resultam do meio em que se acha colocado. Quando o homem praticar a Lei de Deus, terá uma ordem social fundada na justiça e na solidariedade e ele próprio também será melhor. (793)

931. *Por que, na sociedade, as classes sofredoras são mais numerosas do que as felizes?*

“Nenhuma é perfeitamente feliz, pois o que se julga ser a felicidade muitas vezes oculta pungentes aflições. O sofrimento está por toda parte. Entretanto, para responder ao teu pensamento, direi que as classes a que chamas sofredoras são mais numerosas porque a Terra é lugar de expiação. Quando a houver transformado em morada do bem e de Espíritos bons, o homem deixará de ser infeliz e ela será para ele o paraíso terrestre.”

932. *Por que, neste mundo, a influência dos maus geralmente sobrepuja a dos bons?*

“Por fraqueza dos bons. Os maus são intrigantes e audaciosos; os bons são tímidos. Quando estes o quiserem, haverão de preponderar.”

933. *Se o homem é, quase sempre, o artífice de seus sofrimentos materiais, também será o causador de seus sofrimentos morais?*

“Mais ainda, porque os sofrimentos materiais algumas vezes independem da vontade, mas o orgulho ferido, a ambição frustrada, a ansiedade da avareza, a inveja, o ciúme, todas as paixões, em suma, são torturas da alma.

A inveja e o ciúme! Felizes os que desconhecem estes dois vermes roedores! Com a inveja e o ciúme não existe calma, não há repouso possível para aquele que é acometido por esse mal: os objetos da sua cobiça, do seu ódio e do seu despeito se erguem diante dele como fantasmas que nunca lhe dão trégua e o perseguem até no sono. O invejoso e o ciumento vivem num estado de febre contínua. Será essa uma situação desejável? Não compreendeis que, com suas paixões, o homem cria para si mesmo suplícios voluntários e a Terra se torna para ele verdadeiro inferno?”

Muitas expressões pintam rigorosamente os efeitos de certas paixões. Diz-se: encher-se de orgulho, morrer de inveja, secar de ciúme ou de despeito, não comer nem beber de ciúmes etc., e esse quadro é bem real. Às vezes, o ciúme nem mesmo tem objeto determinado. Há pessoas ciumentas por natureza: sentem ciúme por tudo o que se eleva, por tudo o que escapa da vulgaridade, mesmo quando não são movidas por nenhum interesse direto, mas unicamente por não poderem atingir o mesmo plano. Tudo o que lhes parece estar acima do horizonte as ofusca; caso constituíssem maioria na sociedade, fariam o possível para reduzir tudo ao nível em que se acham. É o ciúme aliado à mediocridade.

Na maioria das vezes o homem só é infeliz pela importância que atribui às coisas deste mundo. A vaidade, a ambição e a cupidez, quando frustradas, fazem-no infeliz. Se ele se colocar acima do círculo acanhado da vida material, se elevar seus pensamentos para o infinito, que é seu destino, as vicissitudes da Humanidade lhe parecerão mesquinhas e pueris, como a tristeza da criança que se aflige pela perda de um brinquedo, que constituía a sua felicidade suprema.

Aquele que só vê felicidade na satisfação do orgulho e dos apetites grosseiros é infeliz quando não pode satisfazê-los, ao passo que aquele que nada pede ao supérfluo é feliz com o que os outros consideram calamidades.

Referimo-nos ao homem civilizado, pois o selvagem, cujas necessidades são mais limitadas, não tem os mesmos motivos de cobiça e de angústias, já que diversa é a sua maneira de ver as coisas. Como civilizado, o homem raciocina sobre a sua infelicidade e a analisa; por isso é mais afetado por ela, mas também lhe é possível raciocinar sobre os meios de obter consolação e de analisá-los. Ele encontra essa consolação no *sentimento cristão, que lhe dá a esperança de um futuro melhor, e no Espiritismo, que lhe dá a certeza desse futuro.*

Perda dos entes queridos

934. *A perda dos entes que nos são caros não nos causa dor tanto mais legítima quanto é irreparável e independente da nossa vontade?*

“Essa causa de sofrimento atinge tanto o rico quanto o pobre: representa uma prova, ou expiação, e a lei é comum para todos.

Mas já é um consolo poderdes comunicar-vos com os vossos amigos pelos meios que vos estão ao alcance, *enquanto não dispõdes de outros mais diretos e mais acessíveis aos vossos sentidos.*”

935. *Que se deve pensar da opinião dos que consideram profanação as comunicações com o além-túmulo?*

“Não pode haver profanação quando há recolhimento e quando a evocação é praticada com respeito e convenientemente. O que o prova é que os Espíritos que vos consagram afeição atendem com prazer ao vosso chamado. Sentem-se felizes por vos lembrardes deles e por se comunicarem convosco. Haveria profanação se as evocações fossem feitas com leviandade.”

A possibilidade de nos pormos em comunicação com os Espíritos é uma dulcíssima consolação, pois nos proporciona meio de conversarmos com os nossos parentes e amigos que deixaram a Terra antes de nós. Pela evocação eles se aproximam de nós, colocam-se ao nosso lado, nos ouvem e respondem. Não existe mais, por assim dizer, separação entre eles e nós. Auxiliam-nos com seus conselhos e nos dão provas do afeto que nos guardam e da alegria que experimentam por nos lembrarmos deles. Para nós é uma satisfação sabê-los felizes e tomar conhecimento, *por intermédio deles mesmos*, dos detalhes da sua nova existência, adquirindo a certeza de que um dia, quando chegar a nossa vez, a eles nos juntaremos.

936. *De que maneira as dores inconsoláveis dos que ficaram na Terra afetam os Espíritos desencarnados que as provocam?*

“O Espírito é sensível à lembrança e às saudades daqueles que amou na Terra, mas uma dor incessante e fora de propósito o afeta penosamente, porque ele vê, nessa dor excessiva, falta de fé no futuro e de confiança em Deus e, por conseguinte, um obstáculo ao progresso e talvez ao reencontro com os que ficaram.”

Estando o Espírito mais feliz no plano espiritual do que na Terra, lamentar que ele tenha deixado a vida corpórea é deplorar que seja feliz. Imaginemos dois amigos que se achem presos na mesma cela. Ambos devem alcançar um dia a liberdade, mas um a obtém antes do outro. Seria caridoso que aquele que continua preso se entristecesse porque seu amigo foi libertado primeiro? Não haveria, de sua parte, mais egoísmo do que afeição em querer que o outro partilhasse do seu cativeiro e do

seu sofrer tanto tempo quanto ele? Dá-se o mesmo com dois seres que se amam na Terra. O que parte antes é o primeiro que se liberta e devemos felicitá-lo por isso, aguardando com paciência o momento em que também seremos libertados.

Façamos ainda, a respeito, outra comparação. Tendes um amigo que, junto de vós, se acha em situação muito penosa. Sua saúde ou seus interesses exigem que ele vá para outro país, onde estará melhor sob todos os aspectos. Durante algum tempo ele não estará mais ao vosso lado, mas estareis sempre vos correspondendo com ele: a separação será apenas material. Ficareis aborrecido com o seu afastamento, embora para o bem dele?

A Doutrina Espírita, pelas provas patentes que oferece da vida futura, pela presença, em torno de nós, daqueles a quem amamos, pela continuidade da afeição e da solicitude que devotam a nós e pelas relações que ela nos permite estabelecer com eles, oferece-nos suprema consolação numa das causas mais legítimas de dor. Com o Espiritismo, não há mais solidão nem abandono. O homem, por mais isolado que esteja, terá sempre amigos ao seu redor, com os quais pode comunicar-se.

Suportamos com impaciência as tribulações da vida; elas nos parecem tão intoleráveis que não compreendemos como podemos aguentá-las. E, contudo, se as tivermos suportado corajosamente, se soubermos impor silêncio às nossas queixas, felicitar-nos-emos por isso quando estivermos fora desta prisão terrena, como o doente que sofre se regozija quando se vê curado, por se haver submetido com resignação a um tratamento doloroso.

Decepções. Ingratidão. Afeições destruídas

937. *As decepções que se originam da ingratidão e da fragilidade dos laços de amizade não constituem também, para o homem de coração, uma fonte de amarguras?*

“Sim, mas deveis lastimar os ingratos e os amigos infiéis: serão mais infelizes do que vós. A ingratidão é filha do egoísmo, e o egoísta encontrará mais tarde corações insensíveis, como ele mesmo o foi. Lembrai-vos daqueles que fizeram mais bem do que vós, que valeram muito mais do que vós e que foram pagos com ingratidão. Lembrai-vos de que o próprio Jesus foi injuriado e desprezado

neste mundo, tratado de velhaco e impostor, e não vos admireis de que o mesmo aconteça convosco. Que o bem que houverdes feito seja a vossa recompensa na Terra e não vos importeis com o que dizem os que receberam os vossos benefícios. A ingratidão é uma prova para a vossa perseverança na prática do bem; ser-vos-á levada em conta e aqueles que vos desprezaram serão tanto mais punidos, quanto maior lhes tenha sido a ingratidão.”

938. *As decepções oriundas da ingratidão não contribuem para endurecer o coração e fechá-lo à sensibilidade?*

“Seria um erro, pois, como dizes, o homem de coração se sente sempre feliz pelo bem que faz. Sabe que, se este bem não for lembrado nesta vida, será lembrado em outra e que o ingrato se envergonhará e terá remorsos da sua ingratidão.”

- 938-a. *Tal raciocínio, porém, não impede que seu coração se ulcere. Ora, daí não poderá surgir-lhe a ideia de que seria mais feliz se fosse menos sensível?*

“Sim, se preferir a felicidade do egoísta. Triste felicidade, essa! Saiba ele, pois, que os amigos ingratos que o abandonam não são dignos de sua amizade e que se enganou a respeito deles; por isso, não deve lamentá-los. Mais tarde encontrará outros amigos que saberão compreendê-lo melhor. Lastimai os que procedem com maldade em relação a vós, sem que o mereçais, pois bem triste lhes será o reverso da moeda. Mas não vos aflijais com isso: é o meio de vos colocardes acima deles.”

A Natureza deu ao homem a necessidade de amar e de ser amado. Um dos maiores prazeres que lhe são concedidos na Terra é o de encontrar corações que simpatizem com o seu; dá-lhe ela, assim, as primícias da felicidade que lhe está reservada no mundo dos Espíritos perfeitos, em que tudo é amor e benevolência. Esse prazer é recusado ao egoísta.

Unões antipáticas

939. *Uma vez que os Espíritos simpáticos são levados a unir-se, como é que, entre os encarnados, muitas vezes a afeição existe apenas de um dos lados e o amor mais sincero seja acolhido com indiferença e até*

com repulsa? Como é, além disso, que a mais viva afeição entre dois seres pode transformar-se em antipatia e mesmo em ódio?

“Então não compreendes que se trata de punição, embora passageira? Depois, quantos não são os que acreditam amar perdidamente, porque apenas julgam pelas aparências, mas que, quando obrigados a viver com as pessoas, não tardam a reconhecer que não passava de um entusiasmo material! Não basta uma pessoa estar enamorada de outra que lhe agrada e em quem supõe belas qualidades; é vivendo realmente com ela que poderá apreciá-la. Por outro lado, quantas uniões, que a princípio parecem destinadas à antipatia, acabam se transformando em amor terno e duradouro, porque baseado na estima, depois que o casal passa a conhecer-se melhor e a analisar-se mais de perto! Cumpre não esquecer que é o Espírito quem ama, e não o corpo, de modo que, dissipada a ilusão material, o Espírito vê a realidade.

Há duas espécies de afeição: a do corpo e a da alma, tomando-se muitas vezes uma pela outra. A afeição da alma, quando pura e simpática, é durável; a do corpo é perecível. Eis por que, com muita frequência, os que julgavam amar-se eternamente acabam por odiar-se, desde que a ilusão se desfaça.”

940. *A falta de simpatia entre seres destinados a viver juntos não constitui igualmente fonte de dissabores, tanto mais amargos porque envenenam toda a existência?*

“Muito amargos, realmente. Trata-se, porém, de uma dessas infelicidades de que sois, na maioria das vezes, a causa principal. Em primeiro lugar, são vossas leis que estão erradas, pois acreditais, porventura, que Deus vos obrigaria a permanecer junto dos que vos desagradam? Depois, nessas uniões, geralmente buscais a satisfação do orgulho e da ambição, mais do que a felicidade de uma afeição mútua. Então sofreis as consequências de vossos preconceitos.”

- 940-a. *Mas, nesse caso, não há quase sempre uma vítima inocente?*

“Sim, e para ela constitui dura expiação. Mas a responsabilidade de sua desgraça recairá sobre aqueles que a causaram.

Se a luz da verdade já houver penetrado sua alma, a vítima buscará o consolo em sua fé no futuro. Todavia, à medida que os preconceitos diminuïrem, as causas dessas desgraças íntimas também desaparecerão.”

Temor da morte

941. *Para muitas pessoas, o temor da morte é uma causa de perplexidade. De onde lhes vêm esse temor, já que têm diante de si o futuro?*

“Não há fundamento para semelhante temor. Mas que queres! Desde a infância procuram convencê-las de que há um inferno e um paraíso e que mais certo é irem para o inferno, visto que também lhes disseram que o que está na Natureza constitui pecado mortal para a alma. Assim, quando essas pessoas se tornam adultas, se tiverem um pouco de discernimento, não poderão admitir tais coisas e se tornam ateias ou materialistas. É dessa maneira que são levadas a crer que nada mais existe além da vida presente. Quanto aos que persistiram em suas crenças da infância, esses temem o fogo eterno que os queimará sem os consumir.

A morte não inspira ao justo nenhum temor, porque, com a *fé*, ele tem a certeza do futuro; a *esperança* o faz esperar por uma vida melhor; e a *caridade*, a cuja lei obedece, lhe dá a segurança de que não encontrará, no mundo em que terá de ir, nenhum ser cujo olhar ele deva temer.” (730)

O homem carnal, mais preso à vida corpórea do que à vida espiritual, tem, na Terra, penas e gozos materiais. Sua felicidade consiste na satisfação fugaz de todos os seus desejos. Sua alma, constantemente preocupada e angustiada pelas vicissitudes da vida, mantém-se num estado de ansiedade e de tortura perpétuas. A morte o assusta, porque ele duvida do futuro e porque tem de deixar no mundo todas as suas afeições e esperanças.

O homem moral, que se colocou acima das necessidades artificiais criadas pelas paixões, experimenta, já neste mundo, prazeres que o homem material desconhece. A moderação dos desejos dá ao seu Espírito calma e serenidade. Feliz pelo bem que faz, não há decepções para ele e as contrariedades deslizam sobre sua alma sem lhe deixarem nenhuma impressão dolorosa.

942. *Algumas pessoas não acharão um tanto banais esses conselhos para se ser feliz na Terra? Neles não verão o que chamam lugares-comuns, verdades repisadas? E não dirão, finalmente, que o segredo da felicidade consiste em saber cada um suportar a sua desgraça?*

“Há as que dirão isso e não são poucas. Muitas, porém, procedem como certos doentes a quem o médico prescreve a dieta: gostariam de ser curadas sem remédios, continuando sujeitas a apanhar indigestões.”

Desgosto da vida. Suicídio

943. *De onde vem o desgosto pela vida que se apodera de certos indivíduos sem motivos que o justifiquem?*

“Efeito da ociosidade, da falta de fé e, muitas vezes, da saciedade. Para aquele que exerce suas faculdades com fim útil e *de acordo com suas aptidões naturais*, o trabalho nada tem de árido e a vida se escoia com mais rapidez. Suporta as suas vicissitudes com tanto mais paciência e resignação, quanto mais age tendo em vista a felicidade mais sólida e mais durável que o espera.”

944. *O homem tem o direito de dispor da sua própria vida?*

“Não; somente Deus tem esse direito. O suicídio voluntário é uma transgressão da Lei divina.”

- 944-a. *Nem sempre o suicídio é voluntário?*

“O louco que se mata não sabe o que faz.”

945. *Que se deve pensar do suicídio que tem como causa o desgosto da vida?*

“Insensatos! Por que não trabalhavam? A existência não lhes teria sido tão pesada!”

946. *E do suicídio cujo fim é escapar às misérias e às decepções deste mundo?*

“Pobres Espíritos, que não tiveram a coragem de suportar as misérias da existência! Deus ajuda aos que sofrem, e não aos que não têm força nem coragem. As tribulações da vida são provas ou expiações. Felizes os que as suportam sem se queixar, porque

serão recompensados! Mas aí daqueles que, na sua impiedade, esperam a salvação no que chamam acaso, ou fortuna! O acaso ou a fortuna, para me servir da linguagem deles, podem, de fato, favorecê-los por um instante, mas para lhes fazer sentir mais tarde e de forma mais cruel o vazio dessas palavras.”

946-a. *Aqueles que levaram o infeliz a esse ato de desespero sofrerão as devidas consequências?*

“Oh! aí deles! Responderão como por um assassinio.”

947. *O homem que se vê a braços com as maiores necessidades e que se deixa morrer de desespero pode ser considerado suicida?*

“É um suicida, mas os que causaram o suicídio ou poderiam tê-lo impedido são mais culpados do que ele, a quem a indulgência espera. Entretanto, não pensem que o suicida seja totalmente absolvido, se lhe faltaram firmeza e perseverança e se não usou de toda a sua inteligência para sair do atoleiro. Aí dele, principalmente se o seu desespero nasce do orgulho. Refiro-me a esses homens em quem o orgulho paralisa os recursos da inteligência, que corariam de dever a existência ao trabalho de suas mãos e que preferem morrer de fome a renunciar ao que chamam sua posição social! Não haverá cem vezes mais grandeza e dignidade em lutar contra a adversidade, em afrontar a crítica de um mundo fútil e egoísta, que só tem boa vontade para aqueles a quem nada falta e que vos vira as costas tão logo precisais dele? Sacrificar a vida à consideração desse mundo é uma estupidez, pois ele não levará em conta nada disso.”

948. *O suicídio que tem por fim escapar à vergonha de uma ação má é tão reprovável quanto o que tem por causa o desespero?*

“O suicídio não apaga a falta. Ao contrário, em vez de uma, haverá duas. Quando se teve a coragem de praticar o mal, é preciso tê-la também para lhe sofrer as consequências. Deus é quem julga e, algumas vezes, conforme a causa, pode abrandar os rigores de sua justiça.”

949. *O suicídio será desculpável, quando tenha por objetivo impedir que a vergonha recaia sobre os filhos ou sobre a família?*

“Aquele que assim procede não age bem, embora acredite fazê-lo, e Deus lhe levará em conta esse gesto, mas é uma expiação que o suicida se impõe a si mesmo. A intenção lhe atenua a falta, mas nem por isso deixa de haver falta. Além disso, se abolirdes da vossa sociedade os abusos e os preconceitos, não mais tereis suicídios.”

Aquele que tira sua própria vida para fugir à vergonha de uma ação má prova que dá mais valor à estima dos homens do que à de Deus, visto que retorna à vida espiritual carregado de suas iniquidades, tendo-se privado dos meios de repará-las durante a vida na Terra. Deus é muito menos inexorável do que os homens; perdoa o arrependimento sincero e leva em conta o nosso esforço de reparação. O suicídio nada repara.

950. *Que pensar daquele que se mata na esperança de chegar mais depressa a uma vida melhor?*

“Outra loucura! Que faça o bem e estará mais seguro de lá chegar, pois, suicidando-se, retarda a sua entrada num mundo melhor e ele mesmo pedirá para *vir concluir a vida* que interrompeu, movido por uma ideia falsa. Uma falta, não importa a sua natureza, jamais abre a quem quer que seja o santuário dos eleitos.”

951. *Não é, algumas vezes, meritório o sacrifício da vida, quando tem por objetivo salvar a vida de outrem ou ser útil aos seus semelhantes?*

“Isso é sublime, conforme a intenção, e, em tal caso, o sacrifício da vida não constitui suicídio. Deus, porém, se opõe a todo sacrifício inútil e não pode vê-lo com prazer, se estiver manchado pelo orgulho. O sacrifício só é meritório quando feito com desinteresse. Algumas vezes, no entanto, aquele que o pratica é movido por segundas intenções, o que lhe diminui o valor aos olhos de Deus.”

Todo sacrifício feito à custa da própria felicidade é um ato soberanamente meritório aos olhos de Deus, porque é a prática da lei de caridade. Ora, sendo a vida o bem terreno a que o homem dá maior apreço, aquele que a ela renuncia pelo bem de seus semelhantes não comete nenhum atentado: apenas cumpre um sacrifício. Mas, antes de o cumprir, deve refletir se sua vida não será mais útil do que sua morte.

952. *Comete suicídio o homem que perece vítima do abuso de paixões que ele sabia que iriam apressar o seu fim, mas às quais não lhe foi possível resistir, porque o hábito as transformou em verdadeiras necessidades físicas?*
“É um suicídio moral. Não compreendeis que, nesse caso, o homem é duplamente culpado? Há nele falta de coragem, bestialidade e, além disso, esquecimento de Deus.”
- 952-a. *Será mais ou menos culpado do que aquele que tira a própria vida por desespero?*
“É mais culpado, porque tem tempo de refletir sobre o seu suicídio. Naquele que o faz instantaneamente, há, por vezes, uma espécie de desvario, que tem alguma coisa da loucura. O outro será muito mais punido, porque as penas são sempre proporcionais à consciência que se tenha das faltas cometidas.”
953. *Quando uma pessoa vê diante de si uma morte inevitável e terrível, será culpada se abreviar por alguns instantes os seus sofrimentos, apressando voluntariamente a morte?*
“Sempre se é culpado por não aguardar o termo fixado por Deus para a existência. Além disso, quem poderá estar certo de que esse termo tenha chegado, apesar das aparências, e de que um socorro inesperado não venha no último momento?”
- 953-a. *Compreende-se que, nas circunstâncias habituais, o suicídio seja condenável, mas figuramos o caso em que a morte é inevitável e em que a vida só é abreviada por alguns instantes.*
“É sempre uma falta de resignação e de submissão à vontade do Criador.”
- 953-b. *Nesse caso, quais são as consequências de tal ato?*
“Como sempre, e de acordo com as circunstâncias, uma expiação proporcional à gravidade da falta.”
954. *Será condenável uma imprudência que compromete a vida sem necessidade?*
“Não há culpabilidade quando não há intenção ou perfeita consciência da prática do mal.”

955. *As mulheres que, em certos países, se queimam voluntariamente sobre os corpos dos maridos podem ser consideradas suicidas, sofrendo, assim, as consequências de um suicídio?*

“Elas obedecem a um preconceito e muitas vezes agem mais pela força do que pela própria vontade. Julgam cumprir um dever e não é esse o caráter do suicídio. O que torna desculpável o ato que praticam é a ignorância, bem como a nulidade moral em que se acha a maioria delas. Esses usos bárbaros e estúpidos desaparecem com a civilização.”

956. *Aqueles que, não podendo suportar a perda dos entes queridos, se matam na esperança de se juntarem a eles atingem o seu objetivo?*

“O resultado que colhem é muito diverso do que esperavam: em vez de se unirem ao objeto de sua afeição, dele se afastam por mais tempo, já que Deus não pode recompensar um ato de covardia, nem o insulto que lhe fazem ao duvidarem da sua providência. Pagarão esse instante de loucura com aflições ainda maiores do que as que pensavam abreviar e não terão, para compensá-las, a satisfação que esperavam.” (934 e seguintes.)

957. *Quais são, em geral, com relação ao estado do Espírito, as consequências do suicídio?*

“As consequências do suicídio são muito diversas. Não há penas fixadas e, em todos os casos, são sempre relativas às causas que o produziram. Há, porém, uma consequência à qual o suicida não pode escapar: *o desapontamento*. Ademais, a sorte não é a mesma para todos; depende das circunstâncias. Alguns expiam sua falta imediatamente, outros em nova existência, que será pior do que aquela cujo curso interromperam.”

A observação mostra, realmente, que os efeitos do suicídio não são idênticos. Há, porém, os que são comuns a todos os casos de morte violenta e que resultam da interrupção brusca da vida. Isto se deve principalmente à persistência mais prolongada e tenaz do laço que une o Espírito ao corpo, já que esse laço se encontra em todo o seu vigor no momento em que é rompido, enquanto na morte natural ele se enfraquece gradualmente e muitas vezes se desfaz antes mesmo que a vida

se haja extinguido completamente. As consequências deste estado de coisas são o prolongamento da perturbação espiritual, sucedendo um período de ilusão em que o Espírito, durante mais ou menos tempo, julga pertencer ainda ao número dos vivos. (155 e 165)

A afinidade que persiste entre o Espírito e o corpo produz, em alguns suicidas, uma espécie de repercussão do estado do corpo sobre o Espírito, que assim sente, à sua revelia, os efeitos da decomposição, fazendo-o experimentar uma sensação cheia de angústias e de horror, estado esse que também pode persistir pelo tempo que devia durar a vida que foi interrompida. Esse efeito não é geral, mas, em caso algum, o suicida se livra das consequências da sua falta de coragem e, mais cedo ou mais tarde, expia, de um modo ou de outro, a culpa em que incorreu. É assim que certos Espíritos, que haviam sido muito infelizes na Terra, disseram ter-se suicidado na existência anterior e submetido voluntariamente a novas provas, para tentarem suportá-las com mais resignação. Em alguns é uma espécie de apego à matéria, de que inutilmente procuram desembaraçar-se, a fim de voarem para mundos melhores, cujo acesso, porém, lhes é interdito. Na maior parte deles é o pesar de haver feito uma coisa inútil, que só redundou em decepções.

A religião, a moral, todas as filosofias condenam o suicídio como contrário às Leis da Natureza. Todas nos dizem, em princípio, que ninguém tem o direito de abreviar voluntariamente a vida. Mas por que não se tem esse direito? Por que o homem não é livre para pôr termo aos seus sofrimentos? Estava reservado ao Espiritismo demonstrar, pelo exemplo dos que sucumbiram, que o suicídio não é uma falta apenas por constituir infração de uma lei moral, consideração de pouco peso para certos indivíduos, mas um ato estúpido, pois que nada ganha quem o pratica, antes é o contrário que se dá. Não é pela teoria que o Espiritismo nos ensina isso, mas pelos fatos que ele nos põe sob as vistas.

CAPÍTULO II



Penas e gozos futuros

- O nada. Vida futura • Intuição das penas e gozos futuros • Intervenção de Deus nas penas e recompensas • Natureza das penas e gozos futuros • Penas temporais • Expição e arrependimento • Duração das penas futuras • Ressurreição da carne⁶² • Paraíso, inferno, purgatório. Paraíso perdido. Pecado original⁶³

O nada. Vida futura

958. *Por que o homem tem, instintivamente, horror ao nada?*
“Porque o nada não existe.”
959. *De onde vem para o homem o sentimento instintivo da vida futura?*
“Já o dissemos: antes de encarnar, o Espírito conhecia todas essas coisas e a alma guarda vaga lembrança do que sabe e do que viu no estado espiritual.” (393)

Em todos os tempos, o homem se preocupou com o seu futuro de além-túmulo, e isso é muito natural. Seja qual for a importância que ele ligue à vida presente, não pode deixar de considerar quanto essa vida é curta e, sobretudo, precária, pois pode ser interrompida a qualquer instante, nunca se achando ele seguro quanto ao dia seguinte. Que será dele após o

⁶² N.T.: Este subtítulo não fazia parte do cabeçalho deste capítulo. Como, porém, Allan Kardec o registrou no *Sumário* da edição original de 1860 (2ª impressão da 2ª edição), julgamos por bem inseri-lo nesta versão.

⁶³ N.T.: As expressões “Paraíso perdido” e “Pecado original” não constavam do cabeçalho deste capítulo, nem do subtítulo localizado na p. 448 deste livro. Como, porém, faziam parte do *Sumário* da edição original de 1860 (2ª impressão da 2ª edição), julgamos por bem inseri-las nesta versão.

instante fatal? A questão é grave, pois não se trata de alguns anos apenas, mas da eternidade. Aquele que deve passar longos anos num país estrangeiro, se preocupa com a situação em que lá se achará. Como, então, não haveríamos de nos preocupar com a que teremos ao deixar este mundo, uma vez que é para sempre?

A ideia do nada tem qualquer coisa que repugna à razão. Por mais despreocupado que seja o homem nesta vida, chegando o momento supremo, pergunta a si mesmo o que vai ser dele e, involuntariamente, espera.

Crer em Deus sem admitir a vida futura seria um contrassenso. O sentimento de uma existência melhor reside no foro íntimo de todos os homens e não é possível que Deus o tenha posto ali em vão.

A vida futura implica a conservação da nossa individualidade após a morte. Com efeito, de que nos adiantaria sobreviver ao corpo, se a nossa essência moral devesse perder-se no oceano do infinito? As consequências para nós seriam as mesmas dos que defendem o nada.

Intuição das penas e gozos futuros

960. *Qual a origem da crença nas penas e recompensas futuras, que se encontra no seio de todos os povos?*

“É sempre a mesma coisa: pressentimento da realidade, trazido ao homem pelo Espírito nele encarnado. Porque, sabei-o bem, não é em vão que uma voz interior vos fala, e o vosso erro consiste em não ouvi-la com bastante atenção. Se pensásseis nisso com mais frequência, tornar-vos-íeis melhores.”

961. *Qual o sentimento que domina a maioria dos homens no momento da morte: a dúvida, o temor ou a esperança?*

“A dúvida, nos céticos endurecidos; o temor, nos culpados; a esperança, nos homens de bem.”

962. *Por que existem céticos, já que a alma traz ao homem o sentimento das coisas espirituais?*

“Eles são em menor número do que pensais. Muitos se fazem de espíritos fortes, durante a vida, por orgulho, mas, no momento da morte, deixam de ser tão fanfarrões.”

A consequência da vida futura decorre da responsabilidade dos nossos atos. A razão e a justiça nos dizem que, na partilha da felicidade a que todos aspiram, os bons e os maus não podem estar confundidos. Não é possível que Deus queira que uns gozem, sem trabalho, de bens que outros só alcançam com esforço e perseverança.

A ideia que Deus nos dá de sua justiça e de sua bondade, mediante a sabedoria de suas leis, não nos permite acreditar que o justo e o mau estejam na mesma categoria a seus olhos, nem duvidar de que recebam, algum dia, um a recompensa, o outro o castigo, pelo bem ou pelo mal que tenham feito. É por isso que o sentimento inato que temos da justiça nos dá a intuição das penas e recompensas futuras.

Intervenção de Deus nas penas e recompensas

963. *Deus se ocupa com cada homem individualmente? Não é Ele muito grande e nós pequenos demais para que cada indivíduo em particular tenha alguma importância a seus olhos?*

“Deus se ocupa de todos os seres que criou, por menores que sejam. Nada é demasiado pequeno para a sua bondade.”

964. *Há necessidade de que Deus se ocupe de cada um dos nossos atos, para nos recompensar ou punir? A maioria desses atos não são insignificantes para Ele?*

“Deus tem suas leis, que regulam todas as vossas ações. Se as violais, a culpa é vossa. Sem dúvida, quando um homem comete um excesso qualquer, Deus não profere contra ele uma sentença, dizendo-lhe, por exemplo: Foste guloso, vou punir-te. Ele traçou um limite: as doenças e, muitas vezes, a morte são a consequência dos excessos. Eis a punição; ela resulta da infração da lei, como, aliás, sucede em tudo.”

Todas as nossas ações estão submetidas às Leis de Deus. Não há nenhum ato, *por mais insignificante que nos pareça*, que não possa ser uma violação

daquelas leis. Se sofremos as consequências dessa violação, só nos devemos queixar de nós mesmos, que desse modo nos tornamos os artífices da nossa felicidade ou da nossa infelicidade futuras.

Essa verdade se torna evidente por meio do seguinte apólogo:

“Um pai deu a seu filho educação e instrução, isto é, os meios para saber conduzir-se. Cede-lhe um campo para que o cultive e lhe diz: ‘Eis a regra a seguir e todos os instrumentos necessários para tornares fértil este campo e assegures a tua existência. Dei-te a instrução para compreenderes esta regra. Se a seguires, teu campo produzirá muito e te proporcionará repouso na velhice; se não a seguires, nada produzirá e morrerás de fome.’ Dito isto, deixa-o agir à vontade.”

Não é verdade que esse campo produzirá na razão dos cuidados que forem dispensados à sua cultura e que toda negligência redundará em prejuízo da colheita? Na velhice, portanto, o filho será feliz ou infeliz, conforme haja seguido ou não a regra que seu pai lhe traçou. Deus é ainda mais providente, pois nos adverte a cada instante se estamos procedendo bem ou mal. Envia-nos os Espíritos para nos inspirarem, mas não os escutamos. Há mais esta diferença: ao conceder ao homem novas existências, Deus sempre lhe faculta recursos para reparar os erros do passado, enquanto o filho de quem falamos, se empregou mal o seu tempo, não mais disporá de nenhum recurso.

Natureza das penas e gozos futuros

965. *As penas e gozos da alma depois da morte têm alguma coisa de material?*

“Diz o bom senso que não podem ser materiais, já que a alma não é matéria. Essas penas e esses gozos nada têm de carnal; entretanto, são mil vezes mais vivos do que os que experimentais na Terra, porque o Espírito, uma vez liberto, é mais impressionável; a matéria já não lhe entorpece as sensações.” (237 a 257)

966. *Por que, em geral, o homem faz ideias tão grosseiras e absurdas das penas e gozos da vida futura?*

“Inteligência que ainda não se desenvolveu bastante. A criança compreende da mesma forma que o adulto? Ademais, isso depende também do que lhe ensinaram: é aí que há necessidade de uma reforma.

“Vossa linguagem é incompleta demais para exprimir o que está fora de vós. Foi preciso, então, que se recorresse a comparações e tomastes estas imagens e figuras como a própria realidade. No entanto, à medida que o homem se esclarece, vai compreendendo melhor as coisas que a sua linguagem não pode exprimir.”

967. *Em que consiste a felicidade dos Espíritos bons?*

“Em conhecerem todas as coisas; em não sentirem ódio, nem ciúme, nem inveja, nem ambição, nem qualquer das paixões que causam a desgraça dos homens. Para eles, o amor que os une é fonte de suprema felicidade. Não experimentam as necessidades, nem os sofrimentos, nem as angústias da vida material. São felizes pelo bem que fazem. Ademais, a felicidade dos Espíritos é diretamente proporcional à elevação de cada um. Na verdade, somente os Espíritos puros gozam da felicidade suprema, mas nem todos os outros são infelizes. Entre os maus e os perfeitos há uma infinidade de graus em que os gozos são relativos ao estado moral. Os que já estão bastante adiantados compreendem a felicidade dos que chegaram primeiro e aspiram a alcançá-la, constituindo-lhes essa aspiração uma causa de emulação, e não de ciúme. Sabem que depende deles conseguí-la e trabalham com esse objetivo, porém com a calma da consciência tranquila; consideram-se felizes por não terem que sofrer o que sofrem os maus.”

968. *Colocais a ausência das necessidades materiais entre as condições de felicidade dos Espíritos bons. Mas a satisfação dessas necessidades não representa para o homem uma fonte de gozos?*

“Sim, de gozos animais. É uma tortura, porém, quando não podes satisfazer a essas necessidades.”

969. *O que se deve entender quando se diz que os Espíritos puros se acham reunidos no seio de Deus e ocupados em lhe cantar louvores?*

“É uma alegoria que traduz a inteligência que eles têm das perfeições de Deus, porque o veem e o compreendem, mas que, como tantas outras, não deve ser tomada ao pé da letra. Tudo na Natureza, desde o grão de areia, canta, isto é, proclama o poder, a sabedoria e a bondade de Deus. Não creiais, porém, que os

Espíritos bem-aventurados estejam em contemplação por toda a eternidade. Seria uma felicidade estúpida e monótona; mais ainda: a felicidade do egoísta, visto que a felicidade deles seria uma inutilidade sem fim. Não sofrem mais as tribulações da existência corpórea, o que já é um gozo. Depois, como dissemos, conhecem e sabem todas as coisas; empregam com proveito a inteligência que adquiriram, auxiliando o progresso dos outros Espíritos. Essa a sua ocupação, que é, ao mesmo tempo, um gozo.”

970. *Em que consistem os sofrimentos dos Espíritos inferiores?*

“São tão variados quanto as causas que os produzem e proporcionais ao grau de inferioridade, como os gozos guardam relação direta com o grau de superioridade. Podem resumir-se assim: invejarem tudo que lhes falta para ser felizes e não obterem; verem a felicidade e não poderem alcançá-la; pesar, ciúme, raiva, desespero por tudo aquilo que os impede de ser felizes; remorsos, ansiedade moral indefinível. Desejam todos os gozos e não os podem satisfazer. É isso que os tortura.”

971. *A influência que os Espíritos exercem uns sobre os outros é sempre boa?*

“Sempre boa, é claro, da parte dos Espíritos bons. Mas os Espíritos perversos procuram desviar do caminho do bem e do arrependimento aqueles que lhes parecem suscetíveis de se deixarem levar e que são, muitas vezes, os que eles mesmos arrastaram ao mal durante a vida terrena.”

971-a. *Assim, a morte não nos livra da tentação?*

“Não, mas a ação dos Espíritos maus é muito menor sobre os outros Espíritos do que sobre os homens, por lhes faltar o auxílio das paixões materiais.” (996)

972. *Como procedem os Espíritos maus para tentar os outros Espíritos, já que não podem contar com o auxílio das paixões?*

“Embora as paixões não existam materialmente, ainda persistem no pensamento dos Espíritos atrasados. Os maus entretêm esses pensamentos, conduzindo suas vítimas a lugares que ofereçam o espetáculo daquelas paixões e de tudo que as possa excitar.”

972-a. *De que servem, porém, essas paixões, já que não têm objeto real?*

“É justamente nisso que consiste o seu suplício: o avarento vê o ouro que não pode possuir; o devasso, as orgias de que não pode participar; o orgulhoso, as honras que lhe causam inveja e de que não pode gozar.”

973. *Quais são os maiores sofrimentos que os Espíritos maus podem suportar?*

“Não há descrição possível das torturas morais que constituem a punição de certos crimes. Mesmo o que as sofre teria dificuldade em vos dar uma ideia desses suplícios. Mas, com toda certeza, a mais terrível é o pensamento de que estão condenados para sempre.”

A ideia que os homens fazem das penas e gozos da alma após a morte será mais ou menos elevada, conforme o estado de sua inteligência. Quanto mais ele se desenvolve, mais essa ideia se depura e se liberta da matéria; compreende as coisas de um ponto de vista mais racional, deixando de tomar ao pé da letra as imagens de uma linguagem figurada. Diz-nos a razão mais esclarecida que a alma é um ser espiritual e que, por isso mesmo, não pode ser afetada pelas impressões que atuam apenas sobre a matéria, o que não significa que esteja isenta de sofrimentos, nem que não receba o castigo de suas faltas. (237)

As comunicações espíritas têm como resultado mostrar-nos o estado futuro da alma, não mais em teoria, mas como realidade. Põe-nos diante dos olhos todas as peripécias da vida de além-túmulo. Ao mesmo tempo, mostram-nos essas peripécias como consequências perfeitamente lógicas da vida terrena e, embora despojadas do aparato fantástico criado pela imaginação dos homens, não deixam de ser menos penosas para os que fizeram mau uso de suas faculdades. A diversidade dessas consequências é infinita, mas, em tese geral, pode-se dizer que cada um é punido por aquilo em que pecou. Assim é que uns o são pela incessante visão do mal que fizeram; outros, pelo pesar, pelo temor, pela vergonha, pela dúvida, pelo isolamento, pelas trevas, pela separação dos seres que lhes são caros etc.

974. *De onde procede a doutrina do fogo eterno?*

“Imagem, como tantas outras coisas, tomada como realidade.”

974-a. *Mas o temor desse fogo não produzirá bom resultado?*

“Vede se serve de freio, mesmo entre os que o ensinam. Se ensinardes coisas que a razão rejeitará mais tarde, causareis uma impressão que não será durável nem salutar.”

Incapaz de expressar, por sua linguagem, a natureza daqueles sofrimentos, o homem não encontrou comparação mais enérgica do que a do fogo, porque, para ele, o fogo simboliza o tipo de suplício mais cruel, de ação mais violenta. É por isso que a crença no fogo eterno remonta à mais alta antiguidade, tendo-a os povos modernos herdado dos mais antigos. É pela mesma razão que se diz, em sua linguagem figurada: o fogo das paixões; queimar de amor, de ciúme etc.

975. *Os Espíritos inferiores compreendem a felicidade do justo?*

“Sim, e isso lhes é um suplício, porque compreendem que estão privados dela por sua culpa. Daí por que o Espírito, liberto da matéria, aspira a uma nova existência corpórea, pois cada existência, *se for bem empregada*, pode abreviar a duração desse suplício. É então que ele escolhe as provas por meio das quais possa expiar suas faltas. Porque, ficai sabendo, o Espírito sofre por todo o mal que praticou, ou de que foi causa voluntária, por todo o bem que poderia ter feito e não fez *e por todo o mal que resulte de não haver feito o bem*.

Para o Espírito errante, já não há véus; *é como se tivesse saído de um nevoeiro* e visse o que o afasta da felicidade. Então sofre ainda mais, porque compreende quanto foi culpado. Para ele, *não há mais ilusão*: vê a realidade das coisas.”

Na erraticidade, o Espírito descortina, de um lado, todas as suas existências passadas e, de outro, o futuro que lhe está prometido, compreendendo o que lhe falta para alcançá-lo. É como o viajante que, ao chegar ao cume de uma montanha, vê o caminho que percorreu e o que lhe resta percorrer para atingir o seu destino.

976. *A visão dos Espíritos que sofrem não constitui, para os bons, uma causa de aflição? Nesse caso, em que se transforma a felicidade deles assim perturbada?*

“Isto não constitui uma aflição, pois eles sabem que o mal terá um fim. Auxiliam os outros a se melhorarem e lhes estendem as

mãos: essa é a ocupação deles e que se torna um prazer quando bem-sucedidos.”

- 976-a. *Isto se concebe da parte de Espíritos estranhos ou indiferentes. Mas a visão das tristezas e dos sofrimentos daqueles a quem amaram na Terra não lhes perturba a felicidade?*

“Se não vissem esses sofrimentos, é que eles vos seriam estranhos depois da morte. Ora, a religião vos diz que as almas vos veem, embora considerem vossas aflições de outro ponto de vista. Sabem que esses sofrimentos são úteis ao vosso progresso, se os suportardes com resignação; portanto, afligem-se muito mais com a falta de ânimo que vos retarda a marcha, do que com os sofrimentos em si mesmos, que são passageiros.”

977. *Já que os Espíritos não podem ocultar um dos outros os seus pensamentos e sendo conhecidos todos os atos da vida, dever-se-á concluir que o culpado está perpetuamente em presença de sua vítima?*

“Diz o bom senso que isso não pode ser de outro modo.”

- 977-a. *Essa divulgação de todos os nossos atos reprováveis e a presença constante dos que foram vítimas desses atos não serão um castigo para os culpados?*

“Maior do que se pensa, mas somente até que o culpado tenha expiado suas faltas, quer como Espírito, quer como homem, em novas existências corpóreas.”

Quando nos acharmos no mundo dos Espíritos, todo o nosso passado ficará à mostra, de sorte que o bem e o mal que houvermos feito serão igualmente conhecidos. Em vão, aquele que haja praticado o mal tentará escapar ao olhar de suas vítimas: a presença inevitável destas lhe será um castigo e um remorso incessante, até que tenha expiado seus erros, ao passo que o homem de bem, ao contrário, só encontrará em toda parte olhares amigos e benevolentes.

Para o mau, não há maior tormento na Terra do que a presença de suas vítimas, por isso ele as evita sem cessar. Que será dele, quando a ilusão das paixões se dissipar e compreender o mal que fez, vendo revelados os seus atos mais secretos, desmascarada a sua hipocrisia e não puder subtrair-se à

visão delas? Enquanto a alma do homem perverso está presa da vergonha, do pesar e do remorso, a do justo goza de perfeita serenidade.

978. *A lembrança das faltas que a alma tenha cometido, quando imperfeita, não lhe turba a felicidade, mesmo depois de se haver purificado?*

“Não, porque resgatou suas faltas e saiu vitoriosa das provas a que se submetera *para esse fim*.”

979. *As provas que a alma ainda tenha de sofrer para concluir a sua purificação não serão para ela uma causa de penosa apreensão, que perturba a sua felicidade?*

“Para a alma ainda maculada, sim. É por isso que ela não pode gozar de perfeita felicidade senão quando estiver completamente pura. Mas, para a alma que já se elevou, nada tem de penoso o pensar nas provas que ainda haja de sofrer.”

A alma que chegou a certo grau de pureza já goza da felicidade. Um sentimento de doce satisfação a envolve. Sente-se feliz por tudo o que vê, por tudo o que a cerca. Levanta-se para ela o véu que encobria os mistérios e as maravilhas da Criação e lhe aparecem as perfeições divinas em todo o seu esplendor.

980. *O laço de simpatia que une os Espíritos da mesma ordem constitui para eles uma fonte de felicidade?*

“A união dos Espíritos comprometidos *com o bem* é, para eles, um dos maiores prazeres, porque não temem ver essa união turbada pelo egoísmo. Nos mundos totalmente espiritualizados, eles formam famílias unidas pelo mesmo sentimento, consistindo nisso a felicidade espiritual, do mesmo modo que no vosso mundo vos agrupais em categorias e experimentais certo prazer quando vos achais reunidos. A afeição pura e sincera que experimentam, e da qual são o objeto, é fonte de perene felicidade, pois lá não há falsos amigos nem hipócritas.”

Na Terra, o homem goza das primícias dessa felicidade, quando encontra almas com as quais pode confundir-se numa união pura e santa. Em uma vida mais depurada, esse prazer será inefável e ilimitado, pois aí ele só encontrará almas simpáticas, *que o egoísmo não arrefece*. Tudo é amor na Natureza: o egoísmo é que o mata.

981. *Em relação ao estado futuro do Espírito, haverá diferença entre aquele que em vida temia a morte e aquele que a encara com indiferença e mesmo com alegria?*

“A diferença pode ser muito grande. Entretanto, desaparece muitas vezes diante das causas que determinam esse temor ou esse desejo. Seja porque a tema, seja porque a deseje, o homem pode ser impelido por sentimentos muito diversos, e são estes sentimentos que influem no estado do Espírito. É evidente, por exemplo, que naquele que deseja a morte unicamente porque vê nela o termo de suas tribulações, há uma espécie de queixa contra a Providência e contra as provas que deve suportar.”

982. *Será necessário que profusemos o Espiritismo e creiamos nas manifestações espíritas para garantirmos a nossa sorte na vida futura?*

“Se assim fosse, todos os que não creem ou não tiveram oportunidade de esclarecer-se estariam deserdados, o que seria absurdo. É o bem que garante a sorte futura. Ora, o bem é sempre o bem, seja qual for o caminho que a ele conduza.” (165 e 799)

A crença no Espiritismo ajuda o homem a se melhorar, ao lhe firmar as ideias sobre certos pontos do futuro. Apressa o adiantamento dos indivíduos e das massas, porque permite que nos inteiremos do que seremos um dia; é um ponto de apoio, uma luz que nos guia. O Espiritismo ensina o homem a suportar as provas com paciência e resignação; afasta-o dos atos que possam retardar-lhe a felicidade futura, e é assim que contribui para essa felicidade, mas nunca se disse que sem ele não se possa consegui-la.

Penas temporais

983. *O Espírito que expia suas faltas em nova existência não experimenta sofrimentos materiais? Será então exato dizer-se que para a alma, depois da morte, só há sofrimentos morais?*

“É bem verdade que, quando a alma está reencarnada, as tribulações da vida representam um sofrimento para ela, mas só o corpo sofre materialmente.

Muitas vezes, falando de alguém que morreu, dizeis que ele deixou de sofrer. Nem sempre isto é verdade. Como Espírito, não sofre mais dores físicas, embora esteja sujeito, conforme as faltas que cometeu, a dores morais mais agudas; pode mesmo vir a ser ainda mais infeliz em nova existência. O mau rico pedirá esmola e estará sujeito a todas as privações da miséria; o orgulhoso, a todas as humilhações; o que abusa de sua autoridade e trata com desprezo e crueldade os seus subordinados se verá forçado a obedecer a um patrão mais duro do que ele o foi. Todas as penas e tribulações da vida são expiação das faltas de outra existência, quando não resultam de faltas da vida atual. Logo que houverdes saído daqui, compreenderéis isso. (273, 393 e 399)

O homem que se considera feliz na Terra, porque pode satisfazer às suas paixões, é o que emprega menos esforços para se melhorar. Se muitas vezes ele começa a expiar essa felicidade efêmera já nesta vida, com certeza a expiará em outra existência tão material quanto aquela.”

984. *As vicissitudes da vida são sempre a punição das faltas atuais?*

“Não; como já dissemos, são provas impostas por Deus ou que vós mesmos escolhestes como Espírito, antes de encarnardes, para expiação das faltas cometidas em outra existência, porque jamais fica impune a infração das Leis de Deus e, sobretudo, da lei de justiça. Se não for nesta existência, será necessariamente em outra. Eis por que aquele que vos parece justo, muitas vezes, sofre. É o passado que o pune.” (393)

985. *A reencarnação da alma num mundo menos grosseiro é uma recompensa?*

“É a consequência de sua depuração, visto que, à medida que os Espíritos se depuram, passam a encarnar em mundos cada vez mais perfeitos, até que se tenham despojado totalmente da matéria e se lavado de todas as impurezas, para então gozarem eternamente da felicidade dos Espíritos puros no seio de Deus.”

Nos mundos onde a existência é menos material do que na Terra, as necessidades são menos grosseiras e menos intensos os sofrimentos físicos. Os homens desconhecem as más paixões que, nos mundos inferiores,

os fazem inimigos uns dos outros. Não tendo nenhum motivo de ódio nem de ciúme, vivem em paz, porque praticam a lei de justiça, amor e caridade. Não conhecem os aborrecimentos e os cuidados que nascem da inveja, do orgulho e do egoísmo e que constituem o tormento de nossa existência terrestre. (172 e 182)

986. *O Espírito que progrediu em sua existência terrena pode reencarnar algumas vezes no mesmo mundo?*

“Sim; caso não tenha concluído sua missão, ele próprio pode pedir para completá-la em nova existência. Mas, então, já não será para ele uma expiação.” (173)

987. *O que acontece ao homem que, embora não fazendo o mal, também nada faz para libertar-se da influência da matéria?*

“Desde que não deu nenhum passo rumo à perfeição, deve recommençar uma existência de natureza idêntica à que deixou. Fica estacionário, podendo, assim, prolongar os sofrimentos da expiação.”

988. *Há pessoas cuja vida transcorre em perfeita calma; que, nada precisando fazer por si mesmas, estão livres de preocupações. Essa existência feliz é uma prova de que nada têm a expiar de existência anterior?*

“Conheces muitas dessas pessoas? Se acreditas que sim, tu te enganas. Muitas vezes, a calma é apenas aparente. Podem ter escolhido essa existência, mas, quando a deixam, percebem que não lhes serviu para progredirem. Então, tal como o preguiçoso, lamentam o tempo perdido. Sabei que o Espírito não pode adquirir conhecimentos e elevar-se senão exercendo a sua atividade. Se adormece na indolência, não se adianta. Assemelha-se àquele que, segundo os vossos costumes, precisa trabalhar e vai passear ou deitar-se, com a intenção de nada fazer. *Sabei também que cada um terá de prestar contas da inutilidade voluntária da sua existência; essa inutilidade é sempre fatal à felicidade futura.* A soma da felicidade futura é proporcional à soma do bem que tenha feito; a da infelicidade está na razão do mal que haja praticado e das pessoas a quem tenha infelicitado.”

989. *Há pessoas que, embora não sejam realmente más, tornam infelizes, em virtude do seu caráter, todos os que as cercam. Qual para elas a consequência disso?*

“Essas pessoas certamente não são boas e expiarão suas faltas pela visão daqueles a quem infelicitaram, cuja presença constituirá para elas uma reprimenda. Depois, em outra existência, sofrerão o que fizeram sofrer aos outros.”

Expição e arrependimento

990. *O arrependimento se dá no estado corpóreo ou no estado espiritual?*

“No estado espiritual, mas também pode ocorrer no estado corpóreo, quando bem compreendeis a diferença entre o bem e o mal.”

991. *Qual a consequência do arrependimento no estado espiritual?*

“O desejo de uma nova encarnação para se purificar. O Espírito compreende as imperfeições que o impedem de ser feliz e por isso aspira a uma nova existência em que possa expiar suas faltas.” (332 e 975)

992. *Qual a consequência do arrependimento no estado corpóreo?*

“Avançar, já na vida presente, se ainda houver tempo para reparar suas faltas. Quando a consciência o censura e lhe mostra uma imperfeição, o homem pode sempre melhorar-se.”

993. *Não há homens que só têm o instinto do mal e que são inacessíveis ao arrependimento?*

“Já te disse que o Espírito deve progredir sem cessar. Aquele que, nesta vida, só tem o instinto do mal terá o do bem em outra existência e é por isso que renasce muitas vezes, pois é preciso que todos progridam e atinjam a meta, uns em tempo mais curto, outros com mais lentidão, conforme os seus desejos. Aquele que só tem o instinto do bem já se purificou, pois talvez tenha tido o do mal numa existência anterior.” (894)

994. *O homem perverso que não reconheceu suas faltas durante a vida sempre as reconhece depois da morte?*

“Sim; sempre as reconhece, e então sofre mais, porque *sente em si todo o mal que praticou* ou de que foi a causa voluntária. Entretanto, o arrependimento nem sempre é imediato. Há Espíritos que se obstinam no mau caminho, apesar dos sofrimentos por que passam. Porém, cedo ou tarde, reconhecerão haver tomado o caminho errado e o arrependimento virá. É para os esclarecer que trabalham os Espíritos bons e que vós mesmos podeis trabalhar.”

995. *Haverá Espíritos que, sem serem maus, sejam indiferentes à sua sorte?*

“Há Espíritos que não se ocupam de coisa alguma que seja útil. Estão na expectativa. Mas, nesse caso, sofrem proporcionalmente e, como em tudo deve haver progresso, neles o progresso se manifesta pela dor.”

995-a. *Esses Espíritos não desejam abreviar seus sofrimentos?*

“Desejam-no, sem dúvida, mas não têm energia suficiente para quererem o que os pode aliviar. Quantas pessoas entre vós preferem morrer de miséria a trabalhar?”

996. *Já que os Espíritos veem o mal que lhes resulta de suas imperfeições, como é possível que alguns agravem suas situações e prolonguem o seu estado de inferioridade, fazendo o mal como Espíritos e desviando os homens do bom caminho?*

“Procedem assim aqueles cujo arrependimento é tardio. O Espírito que já se arrependeu pode deixar-se arrastar novamente ao caminho do mal, por outros Espíritos ainda mais atrasados.”
(971)

997. *Veem-se Espíritos de notória inferioridade acessíveis aos bons sentimentos e sensíveis às preces que fazemos por eles. Como se explica que outros Espíritos, que deveríamos supor mais esclarecidos, revelem um endurecimento e um cinismo que nada pode vencer?*

“A prece só tem efeito em favor do Espírito que se arrepende. Em relação àqueles que, impelidos pelo orgulho, se revoltam contra Deus e persistem nos seus desvarios, exagerando-os ainda mais,

como o fazem alguns Espíritos infelizes, a prece nada pode e nada poderá fazer, até o dia em que um clarão de arrependimento se manifeste neles.” (664)

Não se deve perder de vista que o Espírito, após a morte do corpo, não se transforma subitamente. Se sua vida foi condenável, é porque era imperfeito. Ora, a morte não o torna imediatamente perfeito. Pode, pois, persistir em seus erros, em suas falsas opiniões, em seus preconceitos, até que se haja esclarecido pelo estudo, pela reflexão e pelo sofrimento.

998. *A expiação se realiza no estado corpóreo ou no estado espiritual?*

“A expiação se cumpre durante a existência corpórea, por meio de provas a que o Espírito se acha submetido e, na vida espiritual, pelos sofrimentos morais inerentes ao estado de inferioridade do Espírito.”

999. *Basta o arrependimento sincero durante a vida para apagar as faltas do Espírito e fazer que ele encontre graça diante de Deus?*

“O arrependimento contribui para a melhoria do Espírito, mas o passado deve ser expiado.”

999-a. *De acordo com isso, se um criminoso dissesse que não precisa arrepender-se, já que deve expiar o passado de uma maneira ou de outra, quais seriam para ele as consequências?*

“Se ele se obstinar no mal, sua expiação será mais longa e mais penosa.”

1000. *Podemos, já nesta vida, resgatar nossas faltas?*

“Sim, reparando-as. Mas não creiais em resgatá-las por meio de algumas privações pueris, ou mediante doações póstumas, quando de nada mais precisais. Deus não leva em conta um arrependimento estéril, sempre fácil e que apenas custa o esforço de bater no peito. A perda de um dedo mínimo, quando se esteja prestando um serviço, apaga mais faltas do que o suplício da carne suportado durante anos, sem outro objetivo senão o bem de si mesmo. (726)

Só por meio do bem se repara o mal, e a reparação não apresenta nenhum mérito se não atinge o homem no seu orgulho, nem nos seus interesses materiais.

De que lhe adianta, como justificativa, restituir depois de morrer os bens mal adquiridos, quando já não lhe servem para nada e deles tirou todo o proveito?

De que lhe serve privar-se de alguns gozos fúteis e de algumas superfluidades, se o dano que causou a outrem permanece o mesmo?

De que lhe serve, finalmente, humilhar-se perante Deus, se continua orgulhoso diante dos homens?” (720 e 721)

1001. *Então não haverá nenhum mérito em assegurarmos, para depois de nossa morte, o emprego útil dos bens que possuímos?*

“Nenhum mérito não é bem o termo, pois isso sempre é melhor do que nada. O mal, porém, é que aquele que só faz doações depois de morto é quase sempre mais egoísta do que generoso. Quer ter as honras do bem, sem o trabalho de praticá-lo. Quem se priva em vida de alguma coisa tem dupla vantagem: o mérito do sacrifício e o prazer de ver felizes os que beneficiou. Mas lá está o egoísmo a dizer-lhe: ‘O que dás, tiras dos teus próprios gozos’. E como o egoísmo fala mais alto do que o desinteresse e a caridade, o homem guarda para si, pretextando suas necessidades pessoais e as exigências de sua posição. Ah! lastimai aquele que desconhece o prazer de dar, pois se acha realmente privado de uma das satisfações mais puras e mais sublimes. Deus, ao submetê-lo à prova da fortuna, tão escorregadia e perigosa para o seu futuro, quis dar-lhe como compensação a ventura da generosidade, de que já neste mundo pode gozar.” (814)

1002. *Que deve fazer aquele que, chegando a hora da morte, reconhece suas faltas, mas já não tem tempo de repará-las? Basta-lhe arrepender-se nesse caso?*

“O arrependimento apressa a sua reabilitação, mas não o absolve. Não tem ele o futuro pela frente, que jamais lhe é fechado?”

Duração das penas futuras

1003. *A duração dos sofrimentos do culpado na vida futura é arbitrária ou está subordinada a alguma lei?*

“Deus nunca age por capricho e tudo no Universo é regido por leis que revelam a sua sabedoria e a sua bondade.”

1004. *Em que se baseia a duração dos sofrimentos do culpado?*

“No tempo necessário ao seu melhoramento. Sendo o estado de sofrimento ou de felicidade proporcionais ao grau de purificação do Espírito, a duração e a natureza de seus sofrimentos dependem do tempo que ele gaste em melhorar-se. À medida que progride e que seus sentimentos se depuram, diminuem e mudam de natureza os seus sofrimentos.”

São Luís

1005. *Para o Espírito sofredor, o tempo parece tão longo ou menos longo do que quando estava vivo?*

“Parece-lhe mais longo: o sono não existe para ele. Só para os Espíritos que chegaram a certo grau de purificação, o tempo, por assim dizer, se apaga diante do infinito.” (240)

1006. *Os sofrimentos do Espírito poderão durar eternamente?*

“Se fosse eternamente mau, isto é, se nunca se arrependesse nem melhorasse, por certo o Espírito sofreria eternamente. Deus, porém, não criou seres destinados a permanecerem votados perpetuamente ao mal. Apenas os criou simples e ignorantes, tendo todos que progredir em tempo mais ou menos longo, segundo a vontade de cada um. A vontade pode ser mais ou menos tardia, do mesmo modo que há crianças mais ou menos precoces, mas, cedo ou tarde, ela aparece por efeito da irresistível necessidade que o Espírito sente de sair da sua inferioridade e de se tornar feliz. A lei que rege a duração das penas é, portanto, eminentemente sábia e magnânima, pois subordina essa duração aos

esforços do Espírito. Jamais o priva do seu livre-arbítrio; se des-te faz mau uso, sofrerá as consequências.”

São Luís

1007. *Haverá Espíritos que jamais se arrependem?*

“Existem aqueles cujo arrependimento é muito tardio; porém, pretender-se que nunca se melhorarão seria negar a lei do progresso e dizer que a criança não pode tornar-se adulta.”

São Luís

1008. *A duração das penas depende sempre da vontade do Espírito? Não haverá aquelas que lhe sejam impostas por tempo determinado?*

“Sim, há penas que podem ser impostas ao Espírito por determinado tempo, mas Deus, que só quer o bem de suas criaturas, acolhe sempre o arrependimento, de sorte que o desejo de melhorar-se nunca é estéril.”

São Luís

1009. *Sendo assim, as penas jamais serão impostas por toda a eternidade?*

“Interrogai o vosso bom senso, a vossa razão e perguntai-lhes se uma condenação perpétua, motivada por alguns momentos de erro, não seria a negação da bondade de Deus. Que é, de fato, a duração da vida, ainda quando de cem anos, em face da eternidade? Eternidade! Compreendeis bem esta palavra? Sofrimentos, torturas sem-fim, sem esperanças, por causa de algumas faltas! O vosso juízo não repele semelhante ideia? Que os Antigos tenham considerado o Senhor do Universo um Deus terrível, ciumento e vingativo, é compreensível. Na ignorância em que se achavam, atribuíram à Divindade as paixões dos homens. Mas não é esse o Deus dos cristãos, que coloca o amor, a caridade, a misericórdia, o esquecimento das ofensas entre as principais virtudes. Poderiam faltar-lhe as qualidades que Ele mesmo estabeleceu como um dever às suas criaturas? Não haverá contradição em lhe atribuir a bondade infinita e a vingança infinita? Dizeis que, antes de tudo, Ele é

justo e que o homem não compreende a sua justiça. Mas a justiça não exclui a bondade e Ele não seria bom se condenasse a penas horríveis, perpétuas, a maioria das suas criaturas. Poderia fazer da justiça uma obrigação para seus filhos, se não lhes desse os meios de compreendê-la? Aliás, a sublimidade da justiça, aliada à bondade, não consiste em fazer que a duração das penas dependa dos esforços do culpado para melhorar-se? Aí é que se encontra a verdade deste preceito: A cada um segundo as suas obras.”

Santo Agostinho

“Empenhai-vos, por todos os meios ao vosso alcance, em combater, em aniquilar a ideia da eternidade das penas, ideia blasfematória da justiça e da bondade de Deus, fonte mais fecunda da incredulidade, do materialismo e da indiferença que invadiram as massas humanas, desde que suas inteligências começaram a desenvolver-se. O Espírito, prestes a esclarecer-se, ou apenas saído da ignorância, logo compreendeu essa monstruosa injustiça. Sua razão a repele e, então, raramente deixa de confundir na mesma condenação a pena que o revolta e o Deus a quem a atribui. Daí os males sem conta que desabaram sobre vós e aos quais vimos trazer remédio. A tarefa que vos apontamos será fácil, considerando-se que até mesmo as autoridades em que se apoiam os defensores de tal crença evitaram pronunciar-se formalmente a respeito. Nem os concílios, nem os pais da Igreja resolveram essa grave questão. Se, de acordo com os próprios evangelistas, e tomando-se ao pé da letra as palavras emblemáticas do Cristo, Ele ameaçou os culpados com um fogo que não se extingue, com um fogo eterno, não há absolutamente nada em suas palavras capaz de provar que Ele os tenha condenado *eternamente*.

Pobres ovelhas desgarradas, aprendei a ver aproximar-se de vós o bom Pastor, que, longe de vos querer banir para sempre de sua presença, vem pessoalmente ao vosso encontro, para vos reconduzir ao aprisco. Filhos pródigos, deixai o vosso exílio voluntário; voltai para a morada paterna. O Pai vos estende os braços e está sempre pronto para festejar o vosso regresso ao seio da família.”

Lamennais

“Guerras de palavras! guerras de palavras! Já não fizestes derramar sangue suficiente? Será ainda preciso reacender as fogueiras? Discutem sobre palavras: eternidade das penas, eternidade dos castigos. Ignorais, então, que o que hoje entendeis por *eternidade* não é a mesma coisa que os Antigos entendiam? O teólogo que consultar as fontes lá descobrirá, como todos vós, que o texto hebreu não atribuía a essa palavra a mesma significação que os gregos, os latinos e os Modernos traduziram por *penas sem-fim, irremissíveis*. Eternidade dos castigos corresponde à eternidade do mal. Sim, enquanto o mal existir entre os homens, os castigos subsistirão. Os textos sagrados devem ser interpretados no sentido relativo. A eternidade das penas é, pois, relativa, e não absoluta. Dia virá em que todos os homens se revestirão, pelo arrependimento, da túnica da inocência, e nesse dia não haverá mais gemidos nem ranger de dentes. É verdade que a vossa razão humana é limitada, porém, tal como a tendes, é uma dádiva de Deus e, com o auxílio dessa razão, não haverá um só homem de boa-fé que compreenda de outra forma a eternidade dos castigos. Eternidade dos castigos? Ora! Seria preciso então admitir que o mal fosse eterno. Somente Deus é eterno e não poderia ter criado o mal eterno; caso contrário, seria preciso tirar-lhe o mais magnífico dos seus atributos: o soberano poder, porque não é soberanamente poderoso aquele que cria um elemento destruidor de suas obras. Humanidade! Humanidade! Não mergulhes mais os teus tristes olhares nas profundezas da terra, procurando aí os castigos. Chora, espera, expia e refugia-te na ideia de um Deus intrinsecamente bom, absolutamente poderoso, essencialmente justo.”

Platão

“Gravitar para a unidade divina, tal é o objetivo da Humanidade. Para atingi-lo, são necessárias três coisas: a justiça, o amor e a ciência. Três coisas lhe são opostas e contrárias: a ignorância, o ódio e a injustiça. Pois bem! Em verdade vos digo que mentis a estes princípios fundamentais, comprometendo a ideia de Deus ao exagerardes a sua severidade. Duplamente a comprometeis, deixando que penetre no Espírito da criatura a suposição de que há nela mais

clemência, mansidão, amor e verdadeira justiça, do que atribuíis ao Ser infinito. Destruíis mesmo a ideia do inferno, tornando-o ridículo e inadmissível às vossas crenças, como o é aos vossos corações o horrendo espetáculo das execuções, das fogueiras e das torturas da Idade Média! Pois bem! Justamente quando a era das represálias cegas foi banida para sempre das legislações humanas é que esperais mantê-la no ideal? Oh! crede-me, crede-me, irmãos em Deus e em Jesus Cristo, crede-me: ou vos resignais a deixar que pereçam nas vossas mãos todos os vossos dogmas, em vez de modificá-los, ou então vivificai-os, abrindo-os aos benfazejos eflúvios que os bons derramam neste momento sobre eles. A ideia do inferno, com as suas fornalhas ardentes, com as suas caldeiras ferventes, pôde ser tolerada, isto é, perdoável num século de ferro, mas, no século XIX, não passa de vão fantasma, que só serve, quando muito, para amedrontar criancinhas, e no qual estas não mais acreditam quando se tornam maiores. Se persistirdes nessa mitologia aterradora, gerareis a incredulidade, mãe de toda a desorganização social. Estremeço ao entrever toda uma ordem social abalada e a desmoronar sobre os seus fundamentos, por falta de sanção penal. Homens de fé ardente e viva, vanguardeiros do dia da luz, mãos à obra, não para manter fábulas ultrapassadas e desacreditadas, mas para reavivar e revigorar a verdadeira sanção penal, sob formas mais condizentes com os vossos costumes, com os vossos sentimentos e com as luzes da vossa época. Quem é, de fato, o culpado? É aquele que, por um desvio, por um falso movimento da alma, se afasta do objetivo da Criação, que consiste no culto harmonioso do belo, do bem, idealizados pelo arquétipo humano, pelo Homem-Deus, por Jesus Cristo. Que é o castigo? A consequência natural, derivada desse falso movimento; uma soma de dores necessária a desgostá-lo da sua deformidade, pela experimentação do sofrimento. O castigo é o aguilhão que excita a alma, pela amargura, a se dobrar sobre si mesma e a voltar ao porto da salvação. O objetivo do castigo não é outro senão a reabilitação, a redenção. Querer que o castigo seja eterno, por uma falta que não é eterna, é negar-lhe toda a razão de ser. Oh! em verdade vos digo, deixai de comparar, na sua eternidade, o Bem, essência do Criador, com o Mal, essência da criatura; seria

criar uma penalidade injustificável. Afirmar, ao contrário, o abrandamento gradual dos castigos e das penas pelas transmigrações, e, aliando o sentimento à razão, consagrareis a unidade divina.”

Paulo, apóstolo

Procura-se estimular o homem ao bem e desviá-lo do mal pelo incentivo das recompensas e pelo temor dos castigos. Mas se esses castigos lhe são apresentados de forma que sua razão se recuse a admiti-los, não terão nenhuma influência sobre ele. Longe disso, o homem rejeitará tudo: a forma e o fundo. Se, ao contrário, lhe apresentarem o futuro de maneira lógica, ele não o repelirá. O Espiritismo lhe dá essa explicação.

A doutrina da eternidade das penas, em sentido absoluto, faz do Ser supremo um Deus implacável. Seria lógico dizer-se que um soberano é muito bom, muito magnânimo, muito indulgente, que só quer a felicidade dos que o cercam, mas que ao mesmo tempo é cioso, vingativo, inflexível em seu rigor e pune com o suplício máximo as três quartas partes de seus súditos, por uma ofensa ou uma infração às suas leis, mesmo aqueles que faliram por não as haver conhecido? Não haverá aí contradição? Ora, pode Deus ser menos bom do que o seria um homem?

Outra contradição se apresenta aqui. Visto que Deus sabe tudo, já sabia, ao criar uma alma, que esta viria a falir ou não; ela estava, pois, desde a sua formação, predestinada à desgraça eterna. Isto será possível, racional? Com a doutrina das penas relativas, tudo se justifica. Deus sabia, sem dúvida, que ela faliria, mas lhe deu meios de se instruir pela sua própria experiência, pelas suas próprias faltas. É necessário que expie seus erros para melhor se firmar no bem, mas a porta da esperança nunca lhe é fechada para sempre e Deus faz depender o momento da sua redenção dos esforços que ela empregar para o conseguir. Isto todo mundo pode compreender e a lógica mais meticulosa pode admitir. Se as penas futuras tivessem sido apresentadas desta maneira, haveria muito menos incrédulos.

Na linguagem vulgar, a palavra *eterno* é muitas vezes empregada em sentido figurado, para designar uma coisa de longa duração, cujo termo não se prevê, conquanto se saiba muito bem que esse termo existe. Dizemos, por exemplo, os gelos eternos das altas montanhas, dos polos, embora saibamos, de um lado, que o mundo físico pode ter fim e, de outro lado, que o estado dessas regiões pode mudar pelo deslocamento normal do eixo

da Terra ou por um cataclismo. O vocábulo *eterno*, neste caso, não quer dizer perpétuo até o infinito. Quando sofremos uma moléstia de longa duração, dizemos que o nosso mal é eterno. Que há, pois, de surpreendente em que os Espíritos que sofrem há anos, há séculos, há milênios mesmo, também se exprimam do mesmo modo? Não nos esqueçamos, principalmente, de que a inferioridade dos Espíritos, por não lhes permitir divisar o ponto extremo do caminho, leva-os a acreditar que sofrerão para sempre, o que, para eles, é uma punição.

Ademais, a doutrina do fogo material, das fomalhas e das torturas, tomadas ao Tártaro do paganismo, está hoje completamente abandonada pela alta Teologia. É somente nas escolas que esses assustadores quadros alegóricos ainda são apresentados como verdades positivas, por alguns homens mais zelosos do que instruídos, que assim cometem grave erro, pois essas imaginações juvenis, libertando-se dos terrores, poderão ir aumentar o número dos incrédulos. A Teologia reconhece atualmente que a palavra *fogo* é empregada em sentido figurado e que deve ser entendida como significando fogo moral (974). Aqueles que acompanharam, como nós, as peripécias da vida e dos sofrimentos de além-túmulo, por intermédio das comunicações espíritas, puderam convencer-se de que, por nada terem de material, nem por isso são menos pungentes. Mesmo relativamente à sua duração, alguns teólogos começam a admiti-la no sentido restritivo a que já nos referimos e pensam que, de fato, a palavra *eterno* pode ser entendida como as penas em si mesmas, como consequência de uma lei imutável, e não à sua aplicação a cada indivíduo. No dia em que a religião admitir esta interpretação, assim como algumas outras também decorrentes do progresso das luzes, reunirá em seu seio muitas ovelhas desgarradas.

Ressurreição da carne

1010. *O dogma da ressurreição da carne será a consagração da doutrina da reencarnação ensinada pelos Espíritos?*

“Como quereis que seja de outro modo? Essas palavras, como tantas outras, só parecem despropositadas aos olhos de algumas pessoas porque são tomadas ao pé da letra, levando, por isso, à incredulidade. Dai-lhes uma interpretação lógica e os que chamais

livres-pensadores as admitirão sem dificuldade, precisamente porque refletem. Não vos enganeis quanto a isso: esses livres-pensadores nada mais pedem e desejam do que acreditar. Como os outros, ou talvez mais que os outros, eles têm a sede do futuro, mas não podem admitir o que a Ciência desmente. A doutrina da pluralidade das existências é conforme a Justiça de Deus; só ela pode explicar o que, sem ela, é inexplicável. Como poderíeis querer que o seu princípio não estivesse na própria religião?”

1011. *Assim, pelo dogma da ressurreição da carne, a própria Igreja ensina a doutrina da reencarnação?*⁶⁴

“É evidente. Ademais, essa doutrina decorre de muitas coisas que têm passado despercebidas e que logo se compreenderão neste sentido. Dentro de pouco tempo se reconhecerá que o Espiritismo se destaca a cada passo do próprio texto das Escrituras Sagradas. Os Espíritos, portanto, não vêm subverter a religião, como alguns o pretendem. Vêm, ao contrário, confirmá-la, sancioná-la por provas irrecusáveis. Porém, como são chegados os tempos de não mais empregarem linguagem figurada, eles se exprimem sem alegorias e dão às coisas sentido claro e preciso, que não possa estar sujeito a nenhuma interpretação falsa. Eis por que, dentro de algum tempo, tereis mais pessoas sinceramente religiosas e crentes do que hoje.”

São Luís

De fato, a Ciência demonstra a impossibilidade da ressurreição, segundo a ideia vulgar. Se os despojos do corpo humano se conservassem homogêneos, embora dispersos e reduzidos a pó, ainda se conceberia que pudessem reunir-se em dado momento. As coisas, porém, não se passam assim. O corpo é formado de elementos diversos: oxigênio, hidrogênio, azoto, carbono etc. Pela decomposição, esses elementos se

⁶⁴ N.T.: Na 2ª impressão da 2ª edição de *O livro dos espíritos*, que serve de base para esta tradução, as questões 1012 a 1019 correspondiam às questões 1011 a 1018 da 1ª impressão da mesma edição. Esta mudança nos leva à conclusão de que era propósito do autor identificar pelo nº 1011 a questão que se segue à de nº 1010 e que antecede a de nº 1012, o que nos parece perfeitamente lógico. Todavia, esta identificação permaneceu em aberto nas demais edições francesas publicadas quando Kardec estava encarnado. Visando a dar referência objetiva à questão, estamos atribuindo a esta pergunta o nº 1011, acreditando superar, com isso, o que entendemos não passar de um simples descuido de revisão gráfica.

dispersam, mas para servir à formação de novos corpos, de tal sorte que a mesma molécula, de carbono, por exemplo, terá entrado na composição de muitos milhares de corpos diferentes (falamos unicamente dos corpos humanos, sem contar os dos animais); que um indivíduo tem talvez em seu corpo moléculas que já pertenceram a homens das primeiras eras; que essas mesmas moléculas orgânicas que absorveis nos alimentos talvez provenham do corpo de outro indivíduo que conhecestes e assim por diante. Existindo a matéria em quantidade definida e sendo indefinidas as suas combinações, como poderia cada um daqueles corpos reconstituir-se com os mesmos elementos? Há aí uma impossibilidade material. Não se pode, pois, racionalmente, admitir a ressurreição da carne senão como uma figura simbólica do fenômeno da reencarnação, nada havendo aí que choque a razão ou que esteja em contradição com os dados da Ciência.

É verdade que, segundo o dogma, essa ressurreição só se dará no fim dos tempos, ao passo que, segundo a Doutrina Espírita, ocorre todos os dias. Mas, nesse quadro do juízo final, não haverá uma grande e bela imagem a ocultar, sob o véu da alegoria, uma dessas verdades imutáveis que não encontrará mais incrédulos quando lhe for restituída a sua verdadeira significação? Que se medite bem a teoria espírita sobre o futuro das almas e sobre a sorte que lhes cabe, em razão das diferentes provas que devem sofrer, e verá que, com exceção da simultaneidade, o juízo que as condena ou absolve não é uma ficção, como pensam os incrédulos. Notemos ainda que aquela teoria é a consequência natural da pluralidade dos mundos, hoje perfeitamente admitida, enquanto, segundo a doutrina do juízo final, a Terra é considerada como o único mundo habitado.

Paraíso, inferno, purgatório. Paraíso perdido. Pecado original

1012. *Haverá no Universo lugares circunscritos para as penas e gozos dos Espíritos, segundo seu merecimento?*

“Já respondemos a esta pergunta. As penas e os gozos são inerentes ao grau de perfeição do Espírito. Cada um tira de si mesmo o

princípio de sua felicidade ou de sua desventura. E como eles estão por toda parte, não existe nenhum lugar circunscrito ou fechado especialmente destinado a uns ou a outros. Quanto aos Espíritos encarnados, esses são mais ou menos felizes ou infelizes, conforme seja mais ou menos adiantado o mundo em que habitam.”

- 1012-a. *De acordo com isso, o inferno e o paraíso não existem, tais como o homem os imagina?*

“São simples alegorias: por toda parte há Espíritos felizes e infelizes. Entretanto, conforme também já dissemos, os Espíritos de uma mesma ordem se reúnem por simpatia, mas, quando são perfeitos, podem reunir-se onde queiram.”

A localização absoluta das regiões de penas e recompensas só existe na imaginação do homem. Provém da sua tendência a *materializar e circunscrever* as coisas, cuja essência infinita é incapaz de compreender.

1013. *Que se deve entender por purgatório?*

“Dores físicas e morais: o tempo da expiação. É quase sempre na Terra que fazeis o vosso purgatório e que Deus vos faz expiar as vossas faltas.”

O que o homem chama *purgatório* é igualmente uma alegoria, pela qual se deve entender não um local determinado, mas o estado dos Espíritos imperfeitos que estão em expiação até alcançarem a purificação completa, que os elevará à categoria dos Espíritos bem-aventurados. Operando-se essa purificação por meio das diversas encarnações, o purgatório consiste nas provas da vida corpórea.

1014. *Como se explica que Espíritos, cuja superioridade se revela por sua linguagem, tenham respondido a pessoas muito sérias, a respeito do inferno e do purgatório, segundo a ideia que deles fazemos vulgarmente?*

“É que falam uma linguagem que possa ser compreendida pelas pessoas que os interrogam. Quando essas pessoas estão imbuídas de certas ideias, eles evitam chocá-las muito bruscamente, a fim de não ferir suas convicções. Se um Espírito dissesse a um muçulmano, sem precauções oratórias, que Maomé não foi profeta, seria muito mal acolhido.”

- 1014-a. *Compreende-se isso da parte dos Espíritos que desejam instruir-nos. Como, porém, se explica que alguns Espíritos, quando interrogados acerca de sua situação, tenham respondido que sofriam as torturas do inferno ou do purgatório?*

“Quando são inferiores e ainda não completamente desmaterializados, os Espíritos conservam em parte as suas ideias terrenas e, para dar suas impressões, se servem dos termos que lhes são familiares. Encontram-se num meio que não lhes permite sondar o futuro senão imperfeitamente, razão pela qual alguns Espíritos errantes, ou recém-desencarnados, falam como o fariam se estivessem encarnados. *Inferno* pode traduzir-se por uma vida de provas extremamente dolorosa, com a *incerteza* de haver outra melhor; *purgatório*, por uma vida também de provas, mas com a consciência de um futuro melhor. Quando sentes uma grande dor, não dizes que sofres como um condenado? Tudo isso não passa de palavras, e sempre ditas em sentido figurado.”

1015. *Que se deve entender por alma penada?*

“Uma alma errante e sofredora, incerta de seu futuro e à qual podeis proporcionar o alívio que ela muitas vezes solicita, quando vem comunicar-se convosco.” (664)

1016. *Em que sentido se deve entender a palavra céu?*

“Julgas que seja um lugar, como os Campos Elíseos dos Antigos, onde todos os Espíritos bons estão aglomerados sem nenhuma ordem e sem outra preocupação que a de gozar, por toda a eternidade, de uma felicidade passiva? Não; é o espaço universal; são os planetas, as estrelas e todos os mundos superiores, onde os Espíritos gozam de todas as suas faculdades, sem as tribulações da vida material, nem as angústias inerentes à inferioridade.”

1017. *Alguns Espíritos disseram estar habitando o quarto, o quinto céus etc. Que queriam dizer com isso?*

“Quando lhes perguntais em que céu habitam, é porque formais ideia de muitos céus superpostos como os andares de uma casa. Eles, então, respondem de acordo com a vossa linguagem, mas,

para eles, as palavras quarto e quinto céus exprimem diferentes graus de purificação e, por conseguinte, de felicidade. É exatamente como quando se pergunta a um Espírito se está no inferno. Se for infeliz, dirá que *sim*, porque *inferno*, para ele, é sinônimo de sofrimento, mas sabe perfeitamente que não se trata de uma fornalha. Um pagão diria estar no *Tártaro*.”

Dá-se a mesma coisa com outras expressões análogas, tais como: cidade das flores, cidade dos eleitos, primeira, segunda ou terceira esfera etc., que são apenas alegorias usadas por alguns Espíritos, quer como figuras, quer, algumas vezes, por ignorância da realidade das coisas, e até das mais simples noções científicas.

Segundo a ideia restrita que outrora se fazia dos lugares das penas e das recompensas e, sobretudo, conforme a opinião de que a Terra era o centro do Universo, de que o céu formava uma abóbada e que havia uma região das estrelas, colocava-se *o céu no alto e o inferno embaixo*. Daí as expressões: subir ao céu, estar no mais alto dos céus, ser precipitado nos infernos. Hoje, que a Ciência demonstrou que a Terra, entre tantos milhões de mundos, não passa de um dos menores orbes, sem importância especial; que traçou a história de sua formação e lhe descreveu a constituição; que provou que o Espaço é infinito, que não há nem alto nem baixo no Universo, teve-se que renunciar a situar o céu acima das nuvens e o inferno nos lugares inferiores. Quanto ao purgatório, nenhum lugar lhe foi designado. Estava reservado ao Espiritismo dar de tudo isso a explicação mais racional, mais grandiosa e, ao mesmo tempo, mais consoladora para a Humanidade. Assim, podemos dizer que trazemos em nós mesmos o nosso inferno e o nosso paraíso. Nosso purgatório, nós o encontramos na encarnação, nas vidas corpóreas ou físicas.

1018. *Em que sentido se devem entender estas palavras do Cristo: Meu reino não é deste mundo?*

“Respondendo assim, o Cristo falava em sentido figurado. Querria dizer que só reina sobre corações puros e desinteressados. Ele está onde quer que domine o amor do bem, mas os homens, ávidos das coisas deste mundo e apegados aos bens da Terra, não estão com Ele.”

1019. *O reinado do bem poderá implantar-se algum dia na Terra?*

“O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que a vêm habitar, os bons predominarem, porque, então, farão que aí reinem o amor e a justiça, fonte do bem e da felicidade. É pelo progresso moral e pela prática das Leis de Deus que o homem atrairá para a Terra os Espíritos bons e dela afastará os maus. Estes, porém, só a deixarão quando o homem tiver banido daí o orgulho e o egoísmo. Aproximai-vos do momento em que se dará a transformação da Humanidade, transformação que foi predita e cuja chegada é acelerada por todos os homens que auxiliam o progresso. Ela se verificará por meio da encarnação de Espíritos melhores, que constituirão na Terra uma geração nova. Então, os Espíritos dos maus, que a morte vai ceifando dia a dia, e todos os que tentam deter a marcha das coisas serão daí excluídos, pois que viriam a estar deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbariam. Irão para mundos novos, menos adiantados, desempenhar missões *penosas*, em que poderão trabalhar pelo seu próprio adiantamento e, ao mesmo tempo, pelo progresso de seus irmãos mais atrasados. Não percebeis, nessa exclusão de Espíritos da Terra transformada, a sublime alegoria do *paraíso perdido*? e na vinda do homem para a Terra em semelhantes condições, trazendo em si o germen de suas paixões e os vestígios da sua inferioridade primitiva, a alegoria não menos sublime do *pecado original*? Considerado desse ponto de vista, o pecado original se prende à natureza ainda imperfeita do homem que, assim, só é responsável por si mesmo, pelos seus próprios erros, e não pelas faltas de seus pais.

Todos vós, homens de fé e de boa vontade, trabalhai, pois, com zelo e coragem na grande obra da regeneração, porque colhereis centuplicado o grão que houverdes semeado. Ai dos que fecham os olhos à luz, pois preparam para si mesmos longos séculos de trevas e decepções! Ai dos que fazem dos bens deste mundo a fonte de todas as suas alegrias, pois sofrerão muito mais privações do que os gozos de que desfrutaram! Ai, sobretudo, dos egoístas! Não encontrarão ninguém que os ajude a carregar o fardo de suas misérias.”

São Luís

CONCLUSÃO

I

Quem, de magnetismo terrestre, apenas conhece a brincadeira dos patinhos imantados que executam evoluções numa bacia com água, dificilmente compreenderá que ali está o segredo do mecanismo do Universo e do movimento dos mundos. Dá-se a mesma coisa com quem, de Espiritismo, só conhece o movimento das mesas, não vendo, nesse fato, mais que uma diversão, um passatempo da sociedade, sem compreender que esse fenômeno tão simples e tão vulgar, conhecido na Antiguidade e até pelos povos semisselvagens, possa ter ligação com as mais graves questões da ordem social. Realmente, para o observador superficial, que relação pode ter uma mesa com a moral e o futuro da Humanidade? E, contudo, quem quer que reflita se lembrará de que, do vapor que levantava a tampa de uma simples panela que fervia, fato que se repete desde toda a antiguidade, saiu o possante motor com o qual o homem transpõe o espaço e suprime as distâncias.

Pois bem! Vós que em nada acreditais fora do mundo material, sabeis que, dessa mesa que gira e vos faz sorrir desdenhosamente, surgiu uma ciência completa, bem como a solução de problemas que até então nenhuma filosofia pudera resolver. Apelo a todos os adversários de boa-fé e os desafio a que digam se se deram ao trabalho de estudar o que criticam, porque, em boa lógica, a crítica só tem valor quando o crítico é conhecedor daquilo de que fala. Zombar de uma coisa que não se conhece, que não se sondou com o escalpelo do observador consciencioso, não é criticar, é dar prova de leviandade e de falta de critério para julgar. Certamente, se tivéssemos apresentado esta filosofia como obra de um cérebro humano, ela teria suscitado menos desdém e merecido as honras do exame dos que pretendem dirigir a

opinião. Contudo, ela vem dos Espíritos. Que absurdo! mal lhe dispensam um simples olhar. Julgam-na pelo título, como o macaco da fábula julgava a noz pela casca. Fazei, se quiserdes, abstração da sua origem. Suponde que este *livro* seja obra de um homem e dizeis, do vosso íntimo e em sã consciência, depois de o terdes lido *seriamente*, se nele achastes matéria para zombaria.

II

O Espiritismo é o mais temível antagonista do materialismo. Não é, pois, de admirar que tenha por adversários os materialistas. Mas como o materialismo é uma doutrina que mal se ousa confessar, prova de que seus adeptos não se consideram bastante fortes e de que são dominados por sua consciência, eles se acobertam com o manto da razão e da Ciência. E, coisa estranha! os mais céticos chegam a falar em nome da religião, que não conhecem e não compreendem melhor do que o Espiritismo. Tomam por alvo o *maravilhoso* e o *sobrenatural*, que não admitem. Como o Espiritismo, na opinião deles, se baseia no maravilhoso, não pode deixar de ser uma suposição ridícula. Não refletem que, condenando o maravilhoso e o sobrenatural, também condenam a religião.

Com efeito, a religião se assenta na revelação e nos milagres. Ora, que é a revelação senão comunicações extra-humanas? Todos os autores sagrados, desde Moisés, têm falado dessa espécie de comunicações. Que são os milagres senão fatos maravilhosos e sobrenaturais por excelência, visto que constituem, no sentido litúrgico, derrogações das Leis da Natureza? Logo, rejeitando o maravilhoso e o sobrenatural, rejeitam as próprias bases da religião. Mas não é deste ponto de vista que devemos encarar a questão.

Não cabe ao Espiritismo examinar se há ou não milagres, isto é, se é aprazível a Deus, em certos casos, derrogar as leis eternas que regem o Universo. Acerca disto, ele permite inteira liberdade de crença. Diz e prova que os fenômenos em que se baseia só têm de sobrenatural a aparência. Esses fenômenos só não parecem naturais a algumas pessoas porque são excepcionais e por estarem fora dos fatos conhecidos. Entretanto, não são mais sobrenaturais do que todos os fenômenos cuja explicação a Ciência hoje dá e que pareceram maravilhosos em outra época. Todos os fenômenos espíritos, *sem exceção*, resultam de leis gerais. Revelam-nos uma das potências da Natureza, potência desconhecida, ou, melhor dizendo, incompreendida até agora, mas que a observação demonstra estar na ordem das coisas.

Desse modo, o Espiritismo se apoia menos no maravilhoso e no sobrenatural do que a própria religião. Os que o atacam sob esse prisma mostram que não o conhecem e, ainda que fossem os maiores sábios, nós lhes diríamos: se a vossa ciência, que vos ensinou tantas coisas, não vos ensinou que o domínio da Natureza é infinito, não sois sábios senão pela metade.

III

Dizeis que desejais curar o vosso século de uma mania que ameaça invadir o mundo. Preferiríeis que o mundo fosse invadido pela incredulidade que procurais propagar? Não é à ausência de toda crença que se deve atribuir o relaxamento dos laços de família e a maior parte das desordens que minam a sociedade? Demonstrando a existência e a imortalidade da alma, o Espiritismo reaviva a fé no futuro, levanta os ânimos abatidos, faz suportar com resignação as vicissitudes da vida. Ousaríeis chamar a isso um mal? Duas doutrinas se defrontam: uma, que nega o futuro; outra, que o proclama e o prova; uma, que nada explica; outra, que explica tudo e que, por isso mesmo, se dirige à razão; uma, que é a sanção do egoísmo, outra, que oferece base à justiça, à caridade e ao amor aos semelhantes. A primeira não mostra senão o presente e aniquila toda esperança; a segunda consola e torna evidente o vasto campo do futuro. Qual a mais perniciosa?

Algumas pessoas, e dentre elas as mais céticas, se fazem apóstolos da fraternidade e do progresso. A fraternidade, porém, pressupõe desinteresse, abnegação da personalidade. Onde há verdadeira fraternidade, o orgulho é uma anomalia. Com que direito impondes um sacrifício àquele a quem dizeis que, com a morte, tudo se acabará para ele? que, amanhã, talvez, ele não passe de velha máquina desmantelada e atirada fora? que razão terá ele para impor a si mesmo uma privação qualquer? não será mais natural que trate de viver o melhor possível durante os breves instantes que lhe concedeis? Daí o desejo de possuir muito para melhor gozar. Desse desejo nasce a inveja dos que possuem mais; e dessa inveja à vontade de apoderar-se do que os outros possuem, não há mais que um passo. Que é que o detém? A lei? A lei, porém, não abrange todos os casos. Direis que é a consciência, o sentimento do dever. Mas em que baseais o sentimento do dever? Esse sentimento é compatível com a crença de que tudo se acaba com a vida? Com semelhante crença, uma única máxima é racional: *cada um por si*. As ideias de fraternidade, de consciência, de dever, de humanidade e mesmo de progresso não passam de palavras vãs.

Oh! vós que proclamais semelhantes doutrinas não sabeis todo o mal que fazeis à sociedade, nem de quantos crimes assumis a responsabilidade! Mas por que estou falando de responsabilidade? Para quem duvida de tudo, tal coisa não existe, pois ele só rende homenagem à matéria.

IV⁶⁵

O progresso da Humanidade tem seu princípio na aplicação da lei de justiça, amor e caridade; essa lei é fundada na certeza do futuro. Tirai essa certeza e lhe tirareis sua pedra fundamental. Dessa lei derivam todas as outras, porque ela encerra todas as condições da felicidade do homem. Só ela pode curar as chagas da sociedade e, pela comparação das idades e *dos povos*, se pode julgar quanto melhora a condição do homem, à medida que essa lei vai sendo mais bem compreendida e melhor praticada. Ora, se uma aplicação parcial e incompleta dessa lei já produz tanto bem, o que não conseguirá o homem quando fizer dela a base de todas as suas instituições sociais! Isso é possível? Sim, porque se ele já deu dez passos, pode dar vinte, e assim por diante. Pode-se, pois, julgar o futuro com base no passado.

Já vemos que as antipatias entre os povos se extinguem pouco a pouco; diminuem as barreiras que os separavam diante da civilização; eles se estendem as mãos de um extremo a outro do mundo; há mais justiça presidindo à elaboração das leis internacionais; as guerras se tornam cada vez mais raras e não excluem os sentimentos de humanidade; estabelece-se a uniformidade nas relações sociais; apagam-se as distinções de raças e de castas e os homens que professam crenças diferentes fazem calar os preconceitos sectários, para se confundirem na adoração de um único Deus. Referimo-nos aos povos que marcham à frente da civilização. (789 e 793)

Mesmo considerando todos esses aspectos, ainda estamos longe da perfeição, e inúmeras são as ruínas antigas que ainda devemos abater, até que não restem mais vestígios da barbárie. Mas poderão essas ruínas prevalecer contra a força irresistível do progresso, contra essa força viva que é, ao mesmo tempo, uma Lei da Natureza? Se a geração atual é mais adiantada do que a anterior, por que a que nos sucederá não seria mais adiantada do que a nossa? Ela o será pela força das coisas. Primeiro, porque, com as gerações que passam, todos os dias se extinguem alguns campeões dos velhos abusos, o que permite à sociedade formar-se de elementos novos, livres dos velhos

⁶⁵ N.E.: Ver *Nota Explicativa*, p. 463.

preconceitos. Em segundo lugar, porque o homem, desejando o progresso, estuda os obstáculos e se empenha em removê-los. Visto que o movimento progressivo é incontestável, não há razão para duvidar do progresso vindouro. O homem quer ser feliz e é natural esse desejo. Ora, ele só busca o progresso para aumentar a soma da sua felicidade, sem o que o progresso não teria qualquer objetivo. De que lhe adiantaria esse progresso, se não servisse para melhorar a sua posição?

Quando, porém, o homem conseguir a soma de gozos que o progresso intelectual lhe pode proporcionar, dar-se-á conta de que sua felicidade não está completa; reconhecerá que essa felicidade é impossível sem a segurança das relações sociais, segurança que somente no progresso moral ele pode encontrar. Então, por força das circunstâncias, ele próprio dirigirá o progresso nessa direção, e o Espiritismo lhe oferecerá a mais poderosa alavanca para alcançar tal objetivo.

V

Os que dizem que as crenças espíritas ameaçam invadir o mundo proclamam, por isso mesmo, a sua força, porque jamais poderia tornar-se universal uma ideia sem fundamento e destituída de lógica. Se, pois, o Espiritismo se implanta por toda parte, se recruta adeptos principalmente nas classes esclarecidas, como todos o reconhecem, é que tem um fundo de verdade. Contra essa tendência serão inúteis todos os esforços de seus detratores, e a prova é que o próprio ridículo, de que procuram cobri-lo, longe de lhe deter o impulso, parece ter-lhe dado novo vigor. Esse resultado justifica plenamente o que tantas vezes os Espíritos nos têm dito: “Não vos inquieteis com a oposição; tudo o que fizerem contra vós se tornará a vosso favor e os *vossos maiores adversários, sem o quererem, servirão à vossa causa*. Contra a vontade de Deus não poderá prevalecer a má vontade dos homens”.

Por meio do Espiritismo, a Humanidade deve entrar numa nova fase, a do progresso moral, que é a sua consequência inevitável. Não mais, pois, vos espanteis da rapidez com que as ideias espíritas se propagam; sua causa está na satisfação que proporcionam a todos os que as aprofundam e nelas veem algo mais do que fútil passatempo. Ora, como o homem, acima de tudo, deseja a própria felicidade, não é de admirar que cada um se apegue a uma ideia que o torna feliz.

O desenvolvimento dessas ideias apresenta três períodos distintos: primeiro, o da curiosidade, provocada pela singularidade que os fenômenos produzem; segundo, o do raciocínio e da filosofia; terceiro, o da aplicação e das consequências. O período da curiosidade já passou, pois dura pouco tempo e, uma vez satisfeita, muda de objeto. O mesmo não acontece com aquilo que se dirige à razão e evoca reflexões sérias. O segundo período já começou e o terceiro o seguirá inevitavelmente.

O Espiritismo progrediu principalmente depois que foi sendo mais bem compreendido na sua essência íntima, depois que lhe perceberam o alcance, porque toca nas fibras mais sensíveis do homem: as da sua felicidade, mesmo neste mundo. Aí está a causa da sua propagação, o segredo da força que o fará triunfar. Enquanto aguarda que sua influência se estenda sobre as massas, ele já torna felizes os que o compreendem. Mesmo os que não tenham presenciado qualquer fenômeno material, dizem: fora desses fenômenos, há a filosofia, que me explica o que *nenhuma* outra me havia explicado; nela encontro, tão somente pelo raciocínio, uma demonstração *racional* dos problemas que interessam no mais alto grau ao meu futuro; ela me dá calma, segurança, confiança e me livra do tormento da incerteza. Ao lado de tudo isso, a questão dos fatos materiais se torna secundária.

Todos vós que atacaís o Espiritismo quereis um meio mais eficaz de combatê-lo? Aqui o tendes. Substituí-o por alguma coisa melhor; indicai uma solução *mais filosófica* para todas as questões que ele resolve; dai ao homem *outra certeza* que o faça mais feliz; porém compreendei bem o alcance desta palavra *certeza*, porque o homem só aceita como *certo* o que lhe parece lógico. Não vos contenteis em dizer que isto não existe, pois é muito fácil negar. Provai, não por negação, mas por fatos, que isto não é real, nunca o foi e *não pode* ser. Se não for, dizei o que o seria em seu lugar. Provai, finalmente, que as consequências do Espiritismo não tornam melhores os homens e, portanto, mais felizes, pela prática da mais pura moral evangélica, moral que muito se louva, mas pouco se pratica. Quando houverdes feito isso, tereis o direito de o atacar.

O Espiritismo é forte porque se apoia sobre as próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras; é forte, sobretudo, porque mostra essas penas e recompensas como consequências naturais da vida terrestre e também porque, no quadro que apresenta do futuro, nada há que a razão mais exigente possa recusar. Vós, cuja doutrina consiste

na negação do futuro, que compensação ofereceis aos sofrimentos deste mundo? Enquanto vos apoiáis na incredulidade, ele se apoia na confiança em Deus; ao passo que convida os homens à felicidade, à esperança, à verdadeira fraternidade, vós lhe ofereceis o *nada* por perspectiva e o *egoísmo* por consolação. Ele prova pelos fatos, vós nada provais. Como quereis que o homem vacile entre essas duas doutrinas?

VI

Seria formar ideia muito falsa do Espiritismo quem julgasse que ele haure suas forças na prática das manifestações materiais e que, impedindo-se tais manifestações, é possível minar-lhe a base. Sua força está na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom senso. Na Antiguidade, era objeto de estudos misteriosos, que cuidadosamente se ocultavam do vulgo. Hoje, ele não tem segredos para ninguém. Fala uma linguagem clara, sem ambiguidades. Nada há nele de místico, nada de alegorias suscetíveis de falsas interpretações. Quer ser compreendido por todos, porque são chegados os tempos de fazer-se que os homens conheçam a verdade. Longe de se opor à difusão da luz, ele a quer para todo o mundo. Não exige crença cega; quer que o homem saiba por que crê. Apoiando-se na razão, o Espiritismo será sempre mais forte do que os que se apoiam no nada.

Os obstáculos que tentassem interpor à liberdade das manifestações poderiam abafá-las? Não, porque produziriam o efeito de todas as perseguições: o de excitar a curiosidade e o desejo de conhecer o que foi proibido. Por outro lado, se as manifestações espíritas fossem privilégio de um único homem, sem dúvida que, isolando-se esse homem, as manifestações cessariam. Infelizmente para os seus adversários, elas estão à disposição de todos e a elas recorrem desde o menor até o maior, desde o palácio até a choupana. Pode-se proibir o seu exercício público; sabe-se, porém, perfeitamente que não é em público que elas melhor se dão, e sim na intimidade. Ora, como qualquer pessoa pode ser médium, quem poderá impedir que uma família, no seu lar, um indivíduo, no silêncio de seu gabinete, e o prisioneiro, na sua cela, entrem em comunicação com os Espíritos, não obstante os que os vigiam e mesmo na presença deles? Se as proibirem num país, conseguirão impedir que ocorram num país vizinho, no mundo inteiro, visto que em todos os continentes não há lugar onde não existam médiuns? Para se encarcerarem todos os médiuns, seria preciso que se

prendesse a metade do gênero humano. Mesmo que conseguissem, o que não seria mais fácil, queimar todos os livros espíritas, no dia seguinte eles já estariam reproduzidos, porque sua fonte é inatacável e porque ninguém pode encarcerar nem queimar os Espíritos, seus verdadeiros autores.

O Espiritismo não é obra de um homem. Ninguém pode dizer que é seu criador, pois ele é tão antigo quanto a Criação. Encontra-se por toda parte, em todas as religiões, principalmente na religião católica, e aí com mais autoridade do que em todas as outras, pois no catolicismo se acha o princípio de tudo quanto existe no Espiritismo: os Espíritos em todos os graus de elevação, suas relações ocultas e ostensivas com os homens, os anjos da guarda, a reencarnação, a emancipação da alma durante a vida, a segunda vista, as visões, todos os gêneros de manifestações, as aparições e mesmo as aparições tangíveis. Quanto aos demônios, não passam de Espíritos maus e, salvo a crença de que os primeiros foram destinados a permanecer perpetuamente no mal, ao passo que a via do progresso não está proibida aos outros, não há entre eles mais do que simples diferença de nomenclatura.

Que faz a moderna ciência espírita? Reúne em corpo de doutrina o que estava esparso; explica, em termos apropriados, o que só era dito em linguagem alegórica; suprime o que a superstição e a ignorância haviam criado, para só deixar o que é real e positivo: eis o seu papel. Mas não lhe cabe o papel de fundadora. Mostra o que existe, coordena, mas não cria nada, porque suas bases são de todos os tempos e de todos os lugares. Quem, pois, ousaria considerar-se bastante forte para abafá-la com sarcasmos e mesmo com perseguições? Se a proscreverem de um lado, renascerá em outros locais, no próprio terreno em que a tenham banido, porque está na Natureza e não é permitido ao homem aniquilar uma força da Natureza, nem opor *veto* aos decretos de Deus.

Além disso, que interesse haveria em se impedir a propagação das ideias espíritas? É verdade que elas se erguem contra os abusos que nascem do orgulho e do egoísmo. Mas esses abusos, de que alguns se aproveitam, prejudicam as massas. O Espiritismo, portanto, terá as massas do seu lado e por adversários sérios apenas os que têm interesse na manutenção desses abusos. Pela influência que exercem, as ideias espíritas são uma garantia de ordem e tranquilidade, pois tornam melhores os homens uns para com os outros, menos ávidos de interesses materiais e mais resignados aos decretos da Providência.

VII

O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o fato das manifestações, os princípios de filosofia e de moral que delas decorrem e a aplicação desses princípios. Daí, três classes, ou melhor, três graus de adeptos: 1^a) os que creem nas manifestações e se limitam a constatá-las; para esses, o Espiritismo é uma ciência experimental; 2^a) os que compreendem as suas consequências morais; 3^a) os que praticam ou se esforçam por praticar essa moral. Seja qual for o ponto de vista, científico ou moral, sob o qual considerem esses estranhos fenômenos, todos compreendem que eles constituem uma ordem inteiramente nova de ideias, cujas consequências não podem deixar de ser uma profunda modificação no estado da Humanidade, modificação que só pode operar-se no sentido do bem, o que também é fácil de compreender.

Quanto aos adversários, igualmente podemos classificá-los em três categorias: 1^a) a dos que negam sistematicamente tudo o que é novo, ou deles não venha, e que falam sem conhecimento de causa. A essa classe pertencem todos os que nada admitem fora do que possa ser testemunhado pelos sentidos. Nada viram, nada querem ver e ainda menos aprofundar. Ficariam mesmo aborrecidos, se vissem as coisas muito claramente, temerosos de serem forçados a admitir que não têm razão. Para eles, o Espiritismo é uma quimera, uma loucura, uma utopia; não existe: eis tudo. São os incrédulos de opinião formada. Ao lado desses, podem colocar-se os que não se dignaram dar aos fatos a mínima atenção, nem sequer por descargo de consciência, a fim de poderem dizer: Quis ver e nada vi. Não compreendem que seja preciso muito mais do que meia hora para se darem conta de toda uma ciência. 2^a) a dos que, sabendo muito bem o que pensar da realidade dos fatos, os combatem, todavia, por motivos de interesse pessoal. Para estes, o Espiritismo existe, mas temem as suas consequências. Atacam-no como a um inimigo. 3^a) a dos que acham na moral espírita uma censura severa demais aos seus atos ou às suas tendências. Tomado a sério, o Espiritismo os embaraçaria; não o rejeitam nem o aprovam: preferem fechar os olhos. Os primeiros são movidos pelo orgulho e pela presunção; os segundos, pela ambição; os terceiros, pelo egoísmo. Concebe-se que essas causas de oposição, por não terem nenhuma solidez, deverão desaparecer com o tempo, pois em vão procuraríamos uma quarta classe de antagonistas, a dos que se apoiassem em patentes provas contrárias, demonstrando

estudo consciencioso e laborioso da questão. Como todos os adversários só lhe opõem a negação, nenhum deles apresenta demonstração séria e irrefutável.

Seria exigir demais da natureza humana acreditar que ela pudesse transformar-se subitamente por efeito das ideias espíritas. A ação que elas exercem não é certamente a mesma, nem do mesmo grau, em todos os que as professam. Seja, porém, qual for o resultado dessa ação, por menor que seja, representa sempre uma melhora, ainda que fosse somente o de dar a prova da existência de um mundo extracorpóreo, o que implica a negação das doutrinas materialistas. Isso decorre da simples observação dos fatos, mas, para os que compreendem o Espiritismo filosófico e nele veem outra coisa além de fenômenos mais ou menos curiosos, os efeitos são diferentes.

O primeiro efeito, e o mais geral, consiste em desenvolver o sentimento religioso naquele que, mesmo não sendo materialista, olha com indiferença para as questões espirituais. Daí lhe advém o desprezo pela morte. Não dizemos o desejo de morrer; longe disso, pois o espírita defenderá sua vida como qualquer outro, mas uma indiferença que o leva a aceitar, sem queixa, nem pesar, uma morte inevitável como coisa mais de alegrar do que de temer, pela certeza do estado que lhe sobrevirá.

O segundo efeito, quase tão geral quanto o primeiro, é a resignação nas vicissitudes da vida. O Espiritismo dá a ver as coisas de tão alto, faz a vida terrena perder três quartas partes de sua importância, que o homem não se aflige tanto com as tribulações que a acompanham. Daí, mais coragem nas aflições, mais moderação nos desejos; daí, também, o banimento da ideia de abreviar os dias da existência, pois a ciência espírita ensina que, pelo suicídio, sempre se perde o que se queria ganhar. A certeza de um futuro, que depende de nós tornar venturoso, e a possibilidade de estabelecermos relações com os seres que nos são caros oferecem ao espírita suprema consolação. Seu horizonte se alarga ao infinito, graças ao espetáculo incessante que ele tem da vida de além-túmulo, cujas misteriosas profundezas lhe é possível sondar.

O terceiro efeito do Espiritismo é o de estimular no homem a indulgência para com os defeitos alheios. Cumpre, porém, ressaltar que o princípio egoísta e tudo que dele decorre são o que há de mais tenaz no homem e, por conseguinte, o mais difícil de extirpar. Muitas pessoas fazem sacrifícios com prazer, contanto que nada custem e de nada se privem. O dinheiro ainda

exerce, para a maioria dos homens, uma atração irresistível, e bem poucos compreendem a palavra supérfluo, quando se trata de si. Por isso mesmo, a abnegação da personalidade constitui sinal do mais eminente progresso.

VIII

Os Espíritos, perguntam algumas pessoas, nos ensinam uma moral nova, alguma coisa superior ao que disse o Cristo? Se a moral deles não é senão a do Evangelho, de que serve o Espiritismo? Esse raciocínio se assemelha singularmente ao do califa Omar, referindo-se à biblioteca de Alexandria: “Se ela não contém”, dizia ele, “mais do que está no *Alcorão*, é inútil e, portanto, deve ser queimada; se contém coisa diversa, é nociva e também deve ser queimada.” Não, o Espiritismo não traz moral diferente da de Jesus. Mas perguntamos, por nossa vez: Antes que viesse o Cristo, os homens não tinham a lei dada por Deus a Moisés? A doutrina do Cristo não se acha contida no Decálogo? Dir-se-á, por isso, que a moral de Jesus era inútil? Perguntaremos ainda aos que negam a utilidade da moral espírita: Por que é tão pouco praticada a moral do Cristo? E por que, justamente, os que lhe proclamam a sublimidade são os primeiros a violar a primeira de suas leis: *a caridade universal*? Os Espíritos vêm não só confirmá-la, mas também nos mostrar a sua utilidade prática. Tornam inteligíveis e patentes verdades que só haviam sido ensinadas sob a forma alegórica. E, com a moral, trazem-nos a definição dos mais abstratos problemas da Psicologia.

Jesus veio mostrar aos homens o caminho do verdadeiro bem. Por que Deus, que o enviou para fazer lembrada sua lei que estava esquecida, não enviaria hoje os Espíritos para lembrá-la novamente e com maior precisão, quando os homens a esquecem para sacrificar tudo ao orgulho e à cobiça? Quem ousaria impor limites ao poder de Deus e lhe traçar caminhos? Quem nos diz, como o afirmam os Espíritos, que não estão chegados os tempos preditos e que não alcançamos aqueles em que verdades malcompreendidas, ou falsamente interpretadas, devam ser ostensivamente reveladas ao gênero humano para apressar o seu adiantamento? Não haverá alguma coisa de providencial nessas manifestações que se produzem simultaneamente em todos os pontos do globo? Não é um único homem, um profeta, quem nos vem instruir, pois a luz se derrama por toda parte; é todo um mundo novo que se desdobra aos nossos olhos. Assim como a invenção do microscópio nos revelou o mundo dos infinitamente pequenos, de que

nem mesmo suspeitávamos; assim como o telescópio nos revelou milhares de mundos cuja existência igualmente não suspeitávamos, as comunicações espíritas nos revelam o mundo invisível que nos cerca, nos acotovela constantemente e que, à nossa revelia, toma parte em tudo o que fazemos.

Mais algum tempo ainda e a existência desse mundo, que nos espera, se tornará tão incontestável como a do mundo microscópico e dos globos perdidos no Espaço. De nada valerá, então, nos terem eles revelado todo um mundo e nos terem iniciado nos mistérios da vida de além-túmulo? É verdade que essas descobertas, se é que lhes podemos dar esse nome, não deixam de contrariar certas ideias estabelecidas. Mas não é igualmente certo que todas as grandes descobertas científicas também modificaram, e até mesmo subverteram, muitas das ideias que mais predominavam? E o nosso amor-próprio não teve que se curvar diante da evidência? O mesmo acontecerá em relação ao Espiritismo, que, em breve, gozará do direito de cidadania entre os conhecimentos humanos.

As comunicações com os seres de além-túmulo tiveram por resultado fazer-nos compreender a vida futura, fazer-nos vê-la, iniciar-nos no conhecimento das penas e gozos que nos esperam, de acordo com os nossos méritos e, assim, encaminhar para o *espiritualismo* aqueles que no homem só viam matéria, uma máquina organizada. Estávamos cobertos de razão quando dissemos que o Espiritismo matou o materialismo por meio dos fatos. Tivesse produzido este único resultado e a ordem social já lhe deveria muita gratidão. Ele, porém, faz mais: mostra os inevitáveis efeitos do mal e, por conseguinte, a necessidade do bem. O número dos que ele levou a melhores sentimentos, neutralizando as más tendências e desviado do mal, é muito maior do que se pensa e cresce todos os dias. É que para esses o futuro deixou de ser coisa vaga; já não é simples esperança, mas uma verdade que se compreende e explica, quando se *veem* e *ouvem* os que partiram lamentar-se ou felicitar-se pelo que fizeram na Terra. Quem quer que testemunhe isso é levado a refletir e sente a necessidade de se conhecer, de se julgar e de se emendar.

IX

Os adversários do Espiritismo não deixaram de armar-se contra ele de algumas divergências de opinião sobre certos pontos da doutrina. Não é de admirar que, no início de uma ciência, quando as observações ainda são incompletas e cada um a considera do seu ponto de vista, apareçam sistemas

contraditórios. Todavia, três quartas partes desses sistemas já caíram diante de um estudo mais aprofundado, a começar pelo que atribuía todas as comunicações ao Espírito do mal, como se a Deus fosse impossível enviar Espíritos bons ao homem: doutrina absurda, porque é desmentida pelos fatos; ímpia, porque é a negação do poder e da bondade do Criador. Os Espíritos sempre disseram que não nos inquietássemos com essas divergências, pois que a unidade se faria. Ora, a unidade já se fez sobre a maioria dos pontos e as divergências tendem cada vez mais a desaparecer. Ao se perguntar aos Espíritos: “Enquanto não se faz a unidade, em que o homem imparcial e desinteressado pode basear-se para formar um juízo?”, eis a resposta que nos deram:

“A mais pura luz não pode ser obscurecida por nuvem alguma. O diamante sem jaça é o que tem mais valor. Julgai, pois, os Espíritos pela pureza de seus ensinamentos. Não vos esqueçais de que, entre os Espíritos, há os que ainda não se despojaram das ideias da vida terrena. Sabei distingui-los pela linguagem de que se utilizam; julgai-os pelo conjunto do que vos dizem; vede se há encadeamento lógico nas suas ideias e se nestas nada revela ignorância, orgulho ou malevolência; em suma, se suas palavras são sempre marcadas pelo cunho de sabedoria que denota a verdadeira superioridade. Se o vosso mundo fosse inacessível ao erro, seria perfeito, mas está longe disso. Ainda estais aprendendo a distinguir o erro da verdade. Precisais das lições da experiência para exercerdes vosso juízo e para fazer-vos avançar. A unidade se fará do lado em que o bem jamais esteve misturado ao mal; é desse lado que os homens se unirão pela própria força das coisas, pois julgarão que é aí que está a verdade.

“Aliás, que importam algumas dissidências, mais de forma que de fundo! Notai que os princípios fundamentais são os mesmos por toda parte e haverão de unir-vos num pensamento comum: o amor de Deus e a prática do bem. Logo, quaisquer que sejam o modo de progresso, ou as condições normais de existência que se suponham para a vida futura, o objetivo final é um só: fazer o bem. Ora, não há duas maneiras de fazê-lo.”

Se é certo que entre os adeptos do Espiritismo há os que divergem de opinião sobre alguns pontos da teoria, todos, por outro lado, estão de acordo quanto aos pontos fundamentais. Portanto, existe unidade, à exceção daqueles, em número muito reduzido, que ainda não admitem a intervenção dos Espíritos nas manifestações, atribuindo-as ou a causas puramente físicas — contrariando o axioma segundo o qual todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente — ou ainda a um reflexo do nosso próprio

pensamento, o que é desmentido pelos fatos. Os outros pontos são secundários e em nada comprometem as bases fundamentais. Pode, pois, haver escolas que procurem esclarecer-se sobre as partes ainda controvertidas da ciência, porém não deve haver seitas rivais umas das outras. Só poderia existir antagonismo entre os que querem o bem e os que quisessem ou praticassem o mal. Ora, não há espírito sincero e compenetrado das grandes máximas morais ensinadas pelos Espíritos que possa querer mal ao seu próximo, nem lhe desejar mal, sem distinção de opiniões. Se uma dessas escolas estiver errada, cedo ou tarde a luz brilhará para ela, caso a procure de boa-fé e sem prevenção. Enquanto isso não acontece, há um laço comum que deve uni-las num mesmo pensamento; todas têm uma única meta, pouco importando o caminho, contanto que conduza a essa meta. Nenhuma deve impor-se por meio de constrangimento material ou moral e só estaria em caminho falso aquela que lançasse anátema sobre outra, porque, evidentemente, estará agindo sob a influência de Espíritos maus.

O argumento supremo deve ser a razão. A moderação garantirá melhor a vitória da verdade do que as críticas envenenadas pela inveja e pelo ciúme. Os Espíritos bons só pregam a união e o amor ao próximo, e nunca um pensamento malévolo ou contrário à caridade pôde provir de uma fonte pura. E, para encerrar este assunto, meditemos sobre os conselhos do Espírito Santo Agostinho:

“Durante muito tempo, os homens se têm estraçalhado e anatematizado mutuamente em nome de um Deus de paz e de misericórdia, ofendendo-o com semelhante sacrilégio. O Espiritismo é o laço que os unirá um dia, porque lhes mostrará onde está a verdade e onde está o erro. Mas, por muito tempo ainda, escribas e fariseus o negarão, como negaram o Cristo. Quereis saber sob a influência de que Espíritos estão as diversas seitas que entre si dividiram o mundo? Julgai-as pelas suas obras e pelos seus princípios. Nunca os Espíritos bons instigaram o mal; jamais aconselharam ou legitimaram o assassinio e a violência; nunca estimularam os ódios dos partidos, nem a sede das riquezas e das honras, nem a avidez dos bens da Terra. Os que são bons, humanitários e benevolentes para com todos, esses são os prediletos dos Espíritos bons e os preferidos de Jesus, porque seguem o caminho que este lhes indicou para chegarem até Ele.”

SANTO AGOSTINHO

ERRATA⁶⁶

Página 73,⁶⁷ ao final da observação, acrescentar: Na morte natural, a perturbação começa antes da cessação da vida orgânica, perdendo o Espírito toda a consciência de si mesmo no instante da morte. Segue-se daí que jamais testemunha o seu último suspiro; as próprias convulsões da agonia são efeitos nervosos que *quase* nunca o afetam. Dizemos *quase* porque, em certos casos, esses sofrimentos lhe podem ser impostos como expiação.

Página 109, questão 226, ao final da observação, acrescentar: Entre os Espíritos não encarnados, há os que têm missões a cumprir, ocupações ativas, e que gozam de relativa felicidade; outros vagueiam na incerteza. *Errantes*, na verdadeira acepção da palavra, são, na realidade, estes últimos, os quais se designam sob o nome de *almas penadas*. Nem sempre os primeiros são considerados *errantes*, já que fazem uma distinção entre a sua situação e a dos outros (1015).

Página 137, questão 285, acrescentar: Quando necessário, podem igualmente se reconhecer pela aparência que tinham em vida. Ao Espírito recém-chegado e ainda pouco familiarizado com o seu novo estado, os Espíritos que o vêm receber apresentam-se sob uma forma que lhe permite reconhecê-los.⁶⁸

⁶⁶ N.T.: Esta *Errata* só apareceu na 5ª edição francesa (1861), na última página do livro, tendo sido omitida nas edições posteriores. Não foi incorporada ao texto de *O livro dos espíritos*, salvo a supressão da expressão “e intuitiva” no final da resposta à pergunta 586, conforme se pode constatar na 10ª edição (1863) e edições seguintes do livro em referência. As páginas aqui citadas: 73, 109, 137, 191, 210 e 252, referem-se às de iguais números da 2ª edição francesa (2ª impressão) de 1860.

⁶⁷ N.E.: Ver comentário de Kardec à questão 165.

⁶⁸ N.T.: Kardec faz alusão à questão 285-a.

Página 191, questão 437, acrescentar: Ver a questão 257 – “Ensaio teórico sobre a sensação dos Espíritos”.

Página 210, questão 479, acrescentar: Ver *O livro dos médiuns*, capítulo sobre a obsessão.

Página 252,⁶⁹ segunda linha, suprimir: e intuitiva.

⁶⁹ N.E.: Ver questão 586, resposta dos Espíritos.

NOTA EXPLICATIVA⁷⁰

Hoje creem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoadando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo metódico e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso

⁷⁰ N.E.: Esta *Nota Explicativa*, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do planeta, e que, em contato com outros polos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as ideias frenológicas de Gall, e as da fisiognomonia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 — dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* — do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consanguinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebeia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são consequentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe

ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa Lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores Europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada creem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão,

decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana Justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A EDITORA

ÍNDICE GERAL⁷¹

A

Aberração

faculdades do homem e – 847

Aborto

consequências do – 357

gestação e – 358

provocação do – 358

vida da mãe em perigo e – 359

Abuso

direito e – 734

Ação

dos mortos como força

invisível – introd., IV

mérito e – 919-a

reciprocidade de – 375-a

Acaso

Deus e – 663

Aceitação

perda de entes queridos e – 936

Acerto

erro e – 715

Adão

criação dos mundos e – 59

notícia histórica sobre – 51

povoamento da Terra e – 50

Adolescência

caráter na – 385

Adoração

bom exemplo e – 653-a

busca de amparo e – 650

Cristianismo e – 668

fraqueza e – 650

lei de – 649-673

lei natural e – 652

objetivo da – 649

prática do bem e – 673

rituais e – 654

sacrifício animal e – 669-a

sacrifício humano e – 669, 669-b

sentimento puro e – 653

Afeição

encarnados, desencarnados e – 484-485

física e espiritual – 939

Afinidade

atração por – 521

Espírito e corpo físico em total – 957

Aflição

desejos e – 926

inveja e – 926

necessidades e – 926

Agostinho, Santo

conselho de – 919-a; concl., IX

eternidade das penas e – 1009

Agradecimento

Providência divina e – 535

⁷¹ N.E.: Os números arábicos remetem às questões. Os números romanos remetem aos itens da *Introdução* (introd.) e da *Conclusão* (concl.).

Alcorão – concl., VIII

Além-túmulo

amizade e – 488

comunicação com o – 935

continuação da existência no – 158

hierarquia no – 274

suicídio e falso entendimento

das relações no – 956

Alimentação

mortificação e – 724

mundos elevados e – 710

Alimento

saúde e – 722

Allan Kardec *ver* Kardec, Allan

Alma – 134-146

afeição do corpo e da – 939

animais e – 600

animais, homem e – 597-a

anterioridade da – 222

atributos da – 428

conceitos de – introd., II, 134,

134-a, 134-b, 139

corpo físico e – 136-b, 146-a, 222

corpo, perispírito e – 135-a

criação da – 222, 789

desgoverno do extático e

abandono pela – 442

desprendimento da – 155

destino da – 787-a

do mundo e da Terra – 144

dos cretinos e dos idiotas – 371

elasticidade do termo – 144

emancipação da – 400

Espírito errante e – 224, 1015

existência do corpo e – 136-a

individualidade da – 150

invólucros da – 141

irmãos siameses e – 212

irradiação da – 454

Lei divina e – 620

ligação da * ao corpo – 135

matéria e – 965

metempsicose e evolução da – 613

morte e – 149-153

organismo humano e – 369

pensamento e – 89-a

percepção visual da – 286

perturbação espiritual da – 163

primeira encarnação da – 190

princípio vital e – 136

prova da existência e

independência da – 455

questionamentos sobre a – 148

reencarnação da – 223

retorno ao mundo espiritual – 157, 159

sede da – 146

segunda vista e exteriorização da – 447

selvagens e – 191

sensações da – 965

sentimento e – 725

separação da * do corpo – 154, 156, 455

sofredora – 1015

sonhos e – 402

teoria da subdivisão da – 140

todo universal e – 151

torturas da – 933

união do corpo e da – 344

unicidade das existências e

vida futura da – 222

vida material e – 138

vista da – 455

Alma *ver também* Espírito

Ambição

culpa por guerras e – 745

privação alheia e – 717

supérfluo e – 717

Ambiente

criminalidade e – 644

provas e – 260-a

Amizade

além-túmulo e – 488

ingratidão e – 937, 938-a

Amor

conceito de – 888-a

Espíritos e sentimento de – 291, 485

felicidade e – 938-a

filial e paterno – 681

homem de bem e – 918

inimigos e – 887

materno e filial – 890

- necessidade do – 938-a
- reciprocidade no – 939
- Ancianidade
 - Espiritismo e – 221-a
- Animais
 - alma dos – 600
 - comunicação entre os – 594-a
 - destruição dos – 734
 - Deus nos mundos superiores e os – 603
 - encarnação e – 599
 - evolução dos – 602
 - expição e – 602
 - homem e – 592
 - individualidade e – 598
 - instinto e – 593
 - inteligência e – 593, 604-a
 - liberdade de ação dos – 595
 - livre-arbítrio e – 595
 - mundos superiores e – 601
 - princípio sobrevivente ao corpo dos – 597
 - respeito aos – 734
 - sacrifício de – 669-a
 - trabalho dos – 677
 - vida dos – 773
- Anjo
 - alegoria representativa de – 131
 - demônio e – 128-131
 - perfeição e – 129
- Anjo da guarda – 489-514
 - assistência do – 495
 - conceito de – 490, 514
 - doutrina de – 495
 - identidade civil de – 504
 - proteção de – 489
- Antepassados
 - culto aos – 206
- Antiguidade
 - teor das comunicações mediúnicas na – 628
- Antipatia
 - casamento e – 940
 - causas e efeitos da – 391
 - instintiva – 389, 390
 - simpatia e – 293
 - união e – 939
- Antropofagia
 - fome e – 709
 - homicídio e crime de lesa-natureza na – 709
 - mal e – 637
 - selvagem e – 637
- Apego
 - bens terrenos e – 895
 - produção intelectual e – 315
- Aperfeiçoamento
 - esforço e – 988
 - necessidade do – 988
 - reprovação aos sacrifícios e – 670
 - seres vivos e – 703
- Aposentadoria
 - idoso e – 685-a
- Aptidão
 - aquisições de – 366, 804
 - desigualdade de – 222, 804
 - exercício de – 370-a
 - grau de aperfeiçoamento e – 805
 - influência do organismo e – 372-a
 - nascimento e desenvolvimento de – 352
 - trabalho conforme a – 680
- Arrendimento
 - demora para o – 993
 - desencarnado e – 990, 994
 - encarnado e – 990, 992
 - expição e – 999
 - lei do progresso e – 1007
 - necessidade do – 999-a
 - progresso e – 992
 - reabilitação e – 1002
 - reencarnação e – 194-a, 991
 - tardio – 1007
 - última hora para o – 1002
- Arte
 - assistência espiritual e – 521
- Assassinato
 - culpa e – 747
 - guerra e – 749
 - legítima defesa e – 748, 757
 - responsabilidade decorrente do – 746
 - suicídio e – 758-a

Assembleia

Espíritos encarnados em – 417

Assistência espiritual

Allan Kardec e – proleg.

artes, artistas e – 521

de superior a inferior – 495

família e – 517

gradações na – 514

oportunidade para – 410

pedidos de – 910

ser humano e – 512

Assistência social

previdência e – 685-a

Ateísmo

sentimento de adoração e – 651

Atração mecânica

minerais e – 585

Autenticidade

autoconhecimento e – 919

fenômeno espírita e – introd., IX

Automatismo

conveniência e – 590

matéria e – 588

rejeição e – 589

transição e – 589

Autoridade

providências para o bem público e – 483

superioridade e – 274-a

Avaliação

ações e atitudes do cotidiano e – 919-a

Avareza

demonstrações da – 901

Avoengos *ver* Antepassados

B

Batista, João

Elias e – 222

Bem

adoração e prática do – 673

aptidão e disposição para o – 792

associação na obra do – 314

constância na prática do – 466

desinteresse na prática do – 897

eternidade do – 1009

mal e – 511, 630, 780-a, 932

mal e possibilidade de nascimento do – 785

mal, erro e – 632

más tendências e práticas

espontâneas do – 894

mérito e prática do – 646

missão dos Espíritos e o – 569

mundos mais adiantados e o – 894

necessidade do – 982

passagem pelas provas do mal e o – 466

prática do * e benefício próprio – 897-a

prática do mal ou do – 636

presença do mal e ausência do – 632

reinado do * na Terra – 1019

sentimento do mal por falta

de prática do – 657

tentações e recursos para a prática do – 816

trabalho no – 494

Bem-estar

conceito de – 812

desejo de – 719

extensão do – 812

Bênção

maldição e – 557

Beneficência

esmola e – 888-a

Benevolência

Espírito protetor e – 493-a

sofrimento e – 486

Bens terrenos

acumulação incessante de – 900

defesa de – 882

desencarnado e partilha de – 328

disposições sobre – 810

distribuição após a morte de – 1000

distribuição em vida dos – 1001

gozo dos – 711, 712-a

justiça, amor e caridade na

aquisição de – 884

mal adquiridos – 1000

Bíblia

criação e – 59

linguagem figurada e a – 59

C

Calamidades

- Espíritos e – 738-a
- recompensa ao provocador de – 584

Caligrafia

- mudança de – introd., V, introd., XII

Calma

- aparente – 988

Canibais

- escala espiritual e – 271

Caráter

- encarnação e – 362
- físico e reencarnação – 217
- formação de – 917
- homem de bem e – 918
- moral e reencarnação – 216

Caridade – 917

- auxílios mútuos e – 779
- desinteressada – 893
- discriminação racial e – 789
- egoísmo e – 917
- indulgência e – 888-a
- Jesus e – 886
- prática da – 771, 789
- procedimento com – 897-b
- próximo e – 770-a, 903
- religião alheia e falta de – 655
- solidariedade e – 805

Carne

- alimentação com a * dos animais – 723

Casamento

- antipatia e – 940
- celibato e – 695
- consequências da abolição do – 696
- ilusão do amor e – 939
- interesse e – 940
- sociedade e – 696
- vivência do – 939

Castigo

- duração do – 1008, 1009
- eterno – 1009
- imposição do – 1008
- local destinado ao * dos Espíritos – 1012

Cataclismo

- dilúvio de Noé e – 59

Catalepsia

- letargia e – 424

Causa primeira

- formação da matéria e – 7
- revelação de inteligência suprema e – 9

Celibato

- casamento e – 696
- Lei da Natureza e – 699

Censura

- retorno ao mundo dos Espíritos e – 919-a

Centros de força

- fluido vital e – 140-a

Cepa

- emblemata do trabalho divino – proleg.

Ceticismo

- ideia inata da espiritualidade e – 962
- orgulho e – 962

Cérebro

- desencarnado e – 378
- desenvolvimento dos órgãos e – 370
- desorganizado e loucura – 375

Céu

- Espíritos no – 1016
- graus de purificação e – 1017
- localização do – 1016, 1017

Charlatanismo

- acusação de – introd., IX
- boa-fé e – 553
- magnetismo e – 481
- sonambulismo magnético e – 455

Choro

- nascimento e – 384

Ciência

- caridade material e – 707
- esforço para chegar à perfeição e – 692
- Espiritismo e – introd., VII
- falibilidade e – introd., VII
- fenômenos sobrenaturais e – concl., II
- flagelos destruidores e – 741
- mistério e – 19

- moral e – 192
- movimento das mesas girantes
 - e – introd., III
- obra divina e – 59
- religião e – 59
- sábio e – introd., XIII
- Ciência espírita – introd., XVII
- consolidação da – concl., VI
- Ciúme
 - inveja e – 933
- Civilização
 - barbárie e – 272
 - conceito de – 790
 - condenação e – 790
 - estado de natureza e – 776
 - gradações de – 793
 - pena de morte e – 763
 - primeira fase de – 793
 - progresso e – 707
 - progresso moral e – 793
 - reencarnação de Espíritos inferiores
 - em adiantada – 755
 - sofrimento e – 926
- Clarividência
 - alma e – 455
 - desprendimento e – 433
 - Espíritos imperfeitos e – 430
- Classificação
 - Espíritos e – 97, 100, 124
 - mundo espiritual e – 100
- Clausura
 - vida em – 770
- Colônia
 - de transição – 234
 - espiritual – 234
 - espiritual e destinação – 236
 - espiritual e seres corpóreos – 236-a
 - moradia em * de transição – 235
 - permanência de Espírito em – 234-a
- Combate(s)
 - ao egoísmo – 917
 - Espíritos durante – 541
 - morte em – 546
 - predomínio da natureza corpórea e – 912
- Começo dos tempos
 - Terra e – 236-e
- Cometa
 - formação dos mundos e – 40
- Comportamento
 - respeito ao próximo e observância de igual – 876
- Compreensão
 - dificuldades de – 604
 - lei de justiça e – 812-a
 - natureza íntima de Deus e – 11
- Comunhão
 - pensamentos e sentimentos em – 656
- Comunicabilidade dos Espíritos – 282
 - consolo pela – 935
 - desprendimento e – 455
 - entes queridos falecidos e – 935
 - Espírito e – 408
 - facilitação da – introd., IV
 - impedimento da – 422
 - meios de – 934
 - meios primitivos da – introd., IV
 - Moisés e – concl., II
 - mundo corpóreo e – proleg.
 - palavra articulada e – 594-a
 - pensamento e – 421
 - preceitos divinos e – 244-b
 - resultado da – concl., VIII
 - tiptologia e – introd., XVI
 - vida futura e – 973
- Concepção
 - nascimento e – 351
 - união da alma ao corpo físico e – 345
- Condenação
 - eterna – 1009
 - imposta – 1008
- Conduta
 - tentativas e – 472
- Confiança
 - revelações dos extáticos e – 444
- Conhecimento
 - aquisição do – 561
 - de faltas – 398

- esforço próprio e – 532
- Espíritos e – 239
- improficuo – 462
- inteligência superior,
 - prática do mal e – 751
- princípio das coisas e – 17-20
- reencarnação e – 192
- responsabilidade e – 535-b
- sentimento e – 751
- vidas anteriores e – 395
- Consciência – 952
 - censura da – 992
 - conceito de – 835
 - escolha do caminho reto e – 466
 - interrogações à – 906, 919-a
 - Lei divina e – 621
 - tribunal da – 875-a
- Conselho
 - advertências mediante – 524
- Conservação
 - instinto de – 702
 - meios de – 704
 - seres vivos e – 727
 - submissão às Leis divinas e – 725
- Consolação
 - consciência da pessoa e – 924
 - esperança e – 924
- Contradição
 - ideia fundamental e – introd., XIII
- Convenção
 - coisa importante e – introd., XIII
- Convulsionários
 - efeitos do magnetismo e – 483
 - fenômenos com os – 481
- Coração
 - corpo físico e – 156
 - morte e – 69
- Cordão fluídico
 - sensações do sonâmbulo e – 47
- Corpo físico
 - abandono provisório do – 402, 425
 - ação do fluido vital no – 140-a
 - alimentação e – 723
 - alma, perispírito e – 135-a
 - coração e – 156
 - decomposição do – 309-a
 - despojos mortais e – 310
 - direito à vida e – 880
 - dor e – 257
 - escolha pelo Espírito de seu futuro – 335
 - Espírito e – 196-a, 309
 - funcionamento do – 422-a
 - limite das necessidades e – 716
 - morte e – 68-a
 - necessidades do – 718
 - reencarnação e novo – 166-c
 - sede da alma e – 146-a
 - segunda vista e – 450-a
 - separação da alma do – 154
 - união da alma e do – 344
 - vida do – 738-a
- Costume
 - crime e – 751
- Cotidiano
 - intromissão de Espíritos vulgares nas ocupações do – 567
- Cremação
 - costume de – 955
- Crença
 - sentimento intuitivo e – 613
 - vontade e – 631
- Criação
 - Bíblia e – 59
 - concordâncias bíblicas e – 59
 - das almas – 789
 - divina – 805
 - espécie humana como ser à parte da – 610
 - Espíritos e – 79, 115
 - Espíritos e igualdade na – 127
 - passagem do Espírito pelos reinos inferiores da – 613
- Criança
 - desencarnação de – 197-199, 381
 - inocência e – 385
 - manifestações da alma e – 142
 - nascimento de – 356-b
 - oração pelo nascimento de – 210
 - pensamentos da – 380

perversidade em – 199-a
progresso moral e intelectual de – 379
teoria da encarnação gradativa da – 142

Criatura

nivelamento do Criador à – 15

Crime

guerra, crueldade e – 749
pena de morte e – 760
prática de * de morte – 638
predestinação ao – 861

Criminalidade

meio e – 644
vício e – 645

Criminoso

punição do – 761
reabilitação do – 761

Cristianismo

escravidão e – 830
Espiritismo e – 933
Espiritismo, paganismo e – 798
justiça e sublimidade do – 876
missão do – 668

Cristo *ver* Jesus

Crítica

imperfeições alheias e – 903

Crueldade

civilização e – 755
conceito de – 752
conservação pessoal e – 753
crimes de guerra e – 749
instinto de destruição e – 752
povos primitivos e – 753
procedência do sentimento de – 754
sociedade e – 756

Culpa

assassinato e – 747
mal e – 639

Culpado

insensibilidade ao
sofrimento alheio e – 899
manifestações do egoísmo e – 901
suicídio e – 947
tempo para reflexão da falta e – 952-a

Cura

da desordem e da imprevidência – 685-a
mediunidade de – 556

D

Decálogo – concl., VIII

sistema de classificação da lei
natural e o – 648

Decapitação

cérebro e – 162
consciência e – 162

Decepção

ingratidão e – 938

Decisão

livre-arbítrio e – 544

Demônio

anjo e – 128
comunicação espírita e – introd., X
Espíritos maus e – concl., VI
expulsão do – 480

Desânimo

vida e – 943

Descanso

trabalho e – 682

Descobrimentos

obras artísticas e ação dos
Espíritos nos – 577
progresso de povos e – 584

Desejo

influenciação para o mal e – 467

Desencarnação

afinidade do espírito com a
matéria e – 155-a
aparente – 423
criança e – 381
despojos mortais e – 326
Espíritos e – 149, 435
fatalidade e – 859
fome e – 929
infância e – 197
loucura e – 377
medo da – 941

- paixões más e – 229
- perturbação do Espírito e – 319
- prematura – 346-a
- Desencarnado
 - cérebro e – 378
 - forma visível de – 321-b
 - intenção de ajuda por – 508
 - lembança de sofrimentos da
 - vida corpórea pelo – 312
 - ocultação a encarnado e a – 457-a
 - oração no lar para – 323
 - percepções de – 547-a
 - sonâmbulo e – 434
 - valor da recordação amiga para o – 320
- Desencarnado *ver também* Morto
- Desenvolvimento
 - faculdades do homem e seu – 754
 - senso moral e seu – 754
- Desequilíbrio
 - emocional – introd., XV
- Desespero
 - momento derradeiro e – 708
- Desigualdades sociais
 - desaparecimento das – 806-a
 - homem e – 806
- Desmaterialização
 - Espírito e – introd., XII
 - influência da matéria e – 318
 - ocupações dos Espíritos no
 - estado de – 584-a
- Despertamento
 - oração e – 664
 - perturbação e – 319
- Desprendimento
 - comunicabilidade dos Espíritos e – 455
 - corpo físico, perispírito e – 257
 - desatamento dos laços do
 - perispírito e – 155-a
- Destino
 - homem e – 774, 778
- Destruição
 - abuso e direito de – 734, 735
 - agentes de – 731
 - animais e o homem perante a lei de – 735
 - desenvolvimento intelectual e moral e – 733
 - Deus e – 728-a
 - dos animais – 734
 - escrúpulo e – 736
 - estado material dos mundos e – 732
 - faceta peculiar da lei de – 731
 - instinto de – 728-a, 752
 - Lei da Natureza – 728
 - necessária – 728-a, 732
 - outros mundos e – 732
 - preservação e – 729
 - regeneração e – 729
 - sentimento de repulsa à – 733
 - seres vivos e – 728
- Destruição *ver também* Lei de destruição
- Deturpação
 - sentimento de justiça e – 874
- Deus
 - amor de – 126
 - atos humanos e – 964
 - atributos de – 13, 16
 - auxílio de – 964
 - bondade e – 1009
 - cada pessoa e – 963
 - cepa como emblema do
 - trabalho de – proleg.
 - conceito de – 1, 668
 - criação de Espíritos e – 115
 - criação de Espíritos e atributos de – 131
 - Espírito e – 77
 - ideias humanas de – 13
 - igualdade de direitos perante – 878-a
 - infinito e – 3
 - intervenção de – 963
 - julgamento de – 670, 672
 - Justiça divina e – 964
 - lacuna entre o homem e – introd., XVII
 - leis de – 964
 - mensageiros de – 562-a
 - missão dos Espíritos e – 569
 - natureza íntima de – 10, 11
 - onisciência de – 616
 - oração sincera e – 672
 - penas eternas e – 1009

percepção, pelos Espíritos, de – 244
posição dos homens perante – 654
presciência de – 579
provas da existência de – 4-9
sentimento da existência de – 221
trabalho de – 21
universalidade de sentimento
da existência de – 6
Universo e – 38

Dever
defesa da mulher como – 820
missão e – 575

Diabrete – 103

Dificuldade
passagem pela prova da riqueza com – 816
responsabilidade pelo triunfo sobre a – 850

Dignidade
combate à fascinação e – 476

Dilúvio
data provável do – 59

Dinheiro
achado na rua – 472

Direito
abuso e – 734
mais forte e – 795

Direitos humanos
do homem e da mulher – 817
indivíduo, limite e – 878
justiça e – 873, 878-a
lei humana, lei natural e
formulação dos – 875-a
primeiro de todos os – 880

Dirigente
espiritual e coletividades – 519

Discórdia
concórdia e – 298

Discriminação
mulher e – 818

Divergências
Espiritismo e – concl., IX

Diversidade
procedimento da lei natural na – 635

Divindade
atributos da – 10-13

Divórcio
indissolubilidade do casamento e – 697
Leis divinas e – 940

Divulgação
defeitos da sociedade e – 904
ensino e época de – 581

Doação
alegria da – 1001
após a morte – 1001
generosidade e – 1001

Doença *ver* Enfermidade

Doutrina
dos amigos guardiães – 495
lógica e – 131
sinal de pureza em – 842

Duelo
conceito de – 757
suicídio e – 758

Duende – 103

E

Eclesiastes – 560

Economia
equilíbrio entre produção e
consumo – 685-a

Educação
conceito de – 685-a
dos filhos – 928
homens de bem e – 917
instituições humanas e – 914
regeneração do homem e – 796

Efeitos inteligentes
causas dos – proleg., introd., V

Egoísmo
adesão ao – 917
avareza e – 901
cálculo do valor de boas ações e – 897-b
caridade e – 917
celibato voluntário e – 698

- chaga social – 811-a
- cobiça pela posse de bens e – 883
- consequências do – 707
- desamor e – 938-a
- desunião e – 980
- extirpação do – 914
- inferioridade dos Espíritos
 - encarnados e – 915
- insulamento absoluto e – 769
- laços de família e – 775
- libertação e – 936
- mal e – 913
- obstáculos ao desenraizamento do – 917
- prática do bem e – 643
- sentimentos e virtudes
 - incompatíveis com o – 913
- Elementos orgânicos
 - formação da Terra e – 45
 - presença da espécie humana entre os – 47
- Eletricidade
 - fluido universal e – 27-a
- Elias
 - João Batista e – 222
- Emancipação
 - mulher e – 822-a
- Emancipação da alma
 - atuação de encarnado como
 - Espírito e – 418
 - condições necessárias à – 407
 - fenômeno da – 402
 - segunda vista e – 455
 - visita espiritual e – 413
- Encarnação
 - caráter e – 362
 - diferentes mundos e – 172-188
 - esforço e – 133
 - Espírito bom e – 361-a
 - Espírito mau e – 361-a
 - evolução e – 987
 - expição dos erros e – 983
 - inútil – 988
 - libertação da matéria durante a – 987
 - mesmo Espírito em dois corpos e – 137
 - necessidade da – 132
 - objetivo da – 132-133
 - período de infância e – 383
 - perturbação e – 380
 - peçoas exóticas do planeta e – 176-a
 - primeira – 190
 - purificação dos Espíritos e – 226
 - sexo e – 822-a
 - sinal de primeira * na Terra – 176-b
 - Terra e – 176
 - teoria de períodos, na criança,
 - para o término da – 142
- Encarnado(s)
 - assembleias espirituais de – 417
 - escolha de provas e – 267
 - Espírito errante e – 226
 - influenciação espiritual e morte de – 528
 - inspiração e – 463
 - missão do – 573
 - sensações da vida do – 256
 - vivência na erraticidade e
 - condição de – 175-b
- Encontro
 - busca recíproca no plano físico e – 386
 - provocação de * no mundo espiritual – 416
- Enfermidade
 - cérebro e – 375
 - morte e – 68-a
- Engano
 - missão e – 581
- Ensino
 - divulgação de – 581
 - dos Espíritos e Leis divinas – 627
 - Espíritos superiores e transmissão
 - do – introd., VI
 - oportunidade favorável ao – 801
- Entendimento
 - perfeições divinas e * humano – 12
- Entes queridos
 - intercâmbio no
 - além-túmulo com – 934
 - lembança do Espírito e
 - separação dos – 936
 - perda dos – 934
 - proteção por desencarnado a – 508

- Epilepsia
 posseção e – 474
- Época
 julgamento do justo e do injusto
 conforme a – 763
- Equilíbrio
 forças da Natureza e – 693
 populacional e lei de reprodução – 687
- Errante
 Espírito – 224
- Erraticidade
 conhecimento de vidas passadas e – 975
 evolução na – 230
 livre-arbítrio e – 224-b
 mudança de ideias na – 318
 povoamento do Espaço e – 87
 prazo no estado de – 224-a
 reencarnação e – 225
- Erro
 acerto e – 623, 715
 bem, mal e – 632
 castigo pelo – 1009
 constrangimento e – 977-a
 demonstração do – 222
 infallibilidade e – introd., VII
 lembrança do – 978
 resgate do – 978
 revelação do – 977-a
 suicídio pelo – 948
- Escala espírita
 ascensão nos graus da – 561
 elevação na – 100
 Espíritos e – 96, 100, 538-a
 grau de conhecimento
 dos Espíritos e – 143
 idade do corpo físico e – 198
- Escândalo
 liberdade de pensamento e
 provocação de – 839
- Esclarecimento
 teoria inexplicável e – 222
 utilidade do período da infância e – 385
- Escolha
 das provas – 258, 266, 335
 juízo e * das provas – 269
 moradia do Espírito e – 184
- Escravidão
 conceito de – 829
 cooperação da mulher e – 820
 desaparecimento da – 829
 Lei divina e – 829
 liberdade e – 832
 responsabilidade do mal e – 830
- Escrita
 manifestação inteligente e
 obtenção de – introd., IX
 substituição de cesta e prancheta
 pela * a mão – introd., V
- Escritor
 chagas da sociedade e – 904, 904-a
 pregação e – 905
- Esforço
 encarnação e – 133
 evolução com – 987
 más inclinações e – 909
- Esmola
 beneficência e – 888-a
 consequências do pedido de – 888
- Espaço
 universal – 35-36
- Espiritismo
 adepto do – introd., I
 adversários do – concl., VII
 ancianidade do – 221-a
 apelo aos adversários do – concl., I
 aspectos do – concl., VII
 bases do – concl., V
 ciência e – introd., VII
 ciência, filosofia e – concl., I
 conhecimento do fenômeno
 da morte e – 165
 consequências do – concl., VII
 consolação pelo – 936, concl., V
 crença geral e o – 798
 crença no – 982

- curiosidade, entendimento e
 - aplicação do – concl., V
 - difusão do – concl., V
 - divergências no – concl., IX
 - duração do castigo segundo o – 1009
 - eliminação da solidão pelo – 936
 - ensinamentos do – 800, 917, 982
 - espiritualismo e – introd., I
 - estudo do – introd., VIII, introd., XIII
 - existência dos Espíritos e – introd., XVII
 - fé, resignação e – concl., III
 - felicidade e – concl., V
 - fenômeno, moral e prática do – concl., VII
 - filosofia e – concl., V
 - imortalidade e – concl., III
 - individualidade da alma e – 152
 - influência do * no progresso – 798
 - loucura e – introd., XV
 - magnetismo e – 555
 - manifestações materiais e – concl., VI
 - marcha através do tempo e – 798
 - materialismo e – 799, concl., II
 - mesas girantes e – concl., I
 - milagres e – concl., II
 - missão do – 148
 - necessidade do – 982
 - livro dos espíritos e (O) – proleg.
 - oposição ao – concl., V, concl., VI
 - origem da palavra – introd., I
 - povos antigos e o – 221-a
 - princípios básicos do – introd., VI
 - ressurreição, reencarnação e – 1010
 - resumo do – introd., VI
 - Santo Agostinho e o – concl., IX
 - sonambulismo e – 455
 - teoria da pluralidade das
 - existências e o – 789
 - unidade do – concl., IX
 - universalidade do – concl., VI
- Espírito(s)
- ação do – 403
 - amor dos * a certas pessoas – 485
 - aptidões do – 370
 - calamidades e – 738-a
 - classificação dos – 97, 100, 124
 - comunicação com os – 935
 - conceitos de pátria e Universo para os – 317
 - corpo físico e – 196-a, 309
 - criação do – 78, 115
 - decomposição do corpo físico e – 309-a
 - definição de – 23, 76, 613
 - desigualdade nas provas e – 119
 - desigualdade racional e moral
 - entre os – introd., X
 - deslocamento do – 90
 - desmaterialização e – introd., XII
 - desorganização do cérebro e o – 375
 - Deus e – 77
 - dia de finados e presença de – 321
 - diferentes ordens de – 96-99
 - encarnação de – 271
 - encarnações diferentes de um
 - mesmo – 218-a
 - ensino dos – 222
 - entorpecimento do corpo e – 409
 - escala dos – 96
 - Espiritismo e existência do – introd., XVII
 - estacionamento e retrogradação do – 118
 - evolução do – 114-127, 364, 778
 - existência dos – introd., V
 - famílias e grupos de – introd., XII
 - fases da vida do – 191-a
 - fenômeno da Natureza e os – 527, 540
 - feto e – 353
 - forma e ubiquidade dos – 88-92
 - humanização do – 607-a, 607-b
 - imortalidade do – 83
 - indivisibilidade do – 92, 137, 299
 - infância do – 189
 - influências dos – 971
 - inteligência e – 24
 - intervenção dos – 456
 - Leis da Natureza e atuação dos – 526, 527
 - linguagem dos – introd., XIII
 - locomoção do – 89-a
 - matéria e – 25, 27, 368-a, 375-a, 412, 605-a
 - medição do tempo e – 240
 - migração de – 985, 1019
 - missão dos – proleg., 348, 470
 - mistificação dos – introd., XII
 - moradia do – 76
 - movimentação de objetos e
 - revelação por – introd., IV
 - natimorto e – 356

- natureza do – 82, 88
- objetos pessoais de desencarnado e atração do – 311
- ociosos – 995
- órgãos sensitivos e – 257
- origem e natureza dos – 76-83
- percepções, sensações e sofrimentos dos – 237, 246, 249-a, 257
- perispírito e – 186
- ponto de partida do – 613
- povos primitivos e influência da matéria sobre o – 753
- prática do bem por – 532
- principal atributo do – 600
- progresso humano e – 316
- qualidades do – 370-a
- recuo diante da escolha e reencarnações do – 266, 331
- reencarnante e partida para o mundo corpóreo – 342
- regeneração moral dos – 737
- repouso e – 254
- retrogradação do – 193, 194, 194-a, 778, 805
- sensações no homem e no – 257
- sexo nos – 200
- simpatia e – 387
- sofrimentos do – 253, 255, 257, 983
- transmissão de impressões do corpo físico ao – 257
- transporte do – 90
- ubiquidade e – 92
- vida do – 189
- vidas anteriores ao período de humanidade pelo – 608
- vida terrena e – 306-b
- visão do – 245, 248, 429
- vontade do – 345
- Espírito bom – 107-111
 - características do – 107
 - conselhos de – concl., IX
 - encarnação de – 361-a
 - homens de bem e – 484
 - locomoção de – 279
 - missão de – 280
 - poder de – 666
 - prática do bem e – 496
 - preocupação do – 98
 - reencarnação de – 273
 - sofrimentos e benevolência de – 486
- Espírito desencarnado *ver* Desencarnado
- Espírito de Verdade (O)
 - equipe de – proleg.
- Espírito encarnado *ver* Encarnado
- Espírito endurecido
 - falta de arrependimento do – 997
 - insensibilidade às orações do – 997
 - revolta e orgulho do – 997
- Espírito errante
 - aprendizado de – 227
 - conceito de – 224, 226, 600
 - missão de – 569
 - reencarnação e – 333
- Espírito familiar
 - conceito de – 514
- Espírito(s) imperfeito(s) – 101-106
 - ação com permissão divina – 466
 - características dos – 101
 - conceito de – 514
 - exaltação do fanatismo e – 481-a
 - influência de – 122-a
 - mal e – 99
 - regiões interditadas a – 279
- Espírito(s) impuro(s)
 - características dos – 102
 - chegada ao mundo espiritual de – 288
 - ódio e – 292
- Espírito(s) inferior(es)
 - arrependimento de – 975
 - arrependimento tardio de – 996
 - desejo à felicidade de – 975
 - encarnação em meio civilizado de – 755
 - homem vicioso e – 484
 - má influência de – 996
 - ocupação de – 563-a
 - pactos com – 549
 - percepção de Deus por – 244-a
 - persistência no mal de – 996
 - prazeres mundanos e – 313

- rejeição à influência de – 469
- sofrimentos do – 970
- Espírito(s) leviano(s)
 - características dos – 103
 - credulidade e – 553-a
 - responsabilidade de – 530
- Espírito(s) mau(s)
 - ausência de arrependimento do – 993
 - companhias malfazejas e – 515
 - encarnação de – 361-a
 - influenciação de – 474
 - influência sobre os mortos de
 - um – 971-a, 972
 - sofrimentos do – 973
- Espírito(s) protetor(es)
 - aceitação de missão por – 493
 - acompanhamento por parte do – 492
 - aptidões e tarefa do – 495
 - benevolência de – 493-a
 - coletividades e grau de
 - adiantamento de – 520
 - conselhos de – 524
 - dispensa da presença de – 500
 - missão do – 491
 - personificação alegórica de – 521
 - protegidos e – 499
 - relacionamento com – 495
 - ser humano e – 509
 - trabalho do – 497
- Espírito(s) puro(s) – 112-113
 - ações e alegrias do – 969
 - afeições individuais de – 296
 - anjos, arcanjos, serafins e – 128
 - características dos – 112, 113
 - conhecimento do
 - futuro pelo – 243-a
 - despojamento da matéria e – 985
 - habitação de – 188
 - mundos inferiores e – 233
 - perispírito e – 186-a
 - última encarnação e – 170
 - união de – 300
- Espírito simpático
 - conceito de – 514
- Espírito sofredor
 - orações pelo – 664
 - passagem do tempo para o – 1005
- Espírito(s) superior(es)
 - características dos – 111
 - encarnação de – 402
 - local de reunião dos – 188
 - reuniões sérias e – introd., VIII
- Espíritos batedores e perturbadores
 - características dos – 106
- Espíritos benévolos
 - características dos – 108
- Espíritos neutros
 - características dos – 105
- Espíritos pseudossábios
 - características dos – 104
- Espíritos sábios
 - características dos – 109, 110
- Espíritos simpáticos
 - atração ou repulsão de – 518
- Espiritualismo
 - adepto do – introd., I
 - conceito de alma e – introd., II
 - Espiritismo e – introd., I
- Esquecimento
 - maus instintos e – 620
 - passado e – 392
 - primeiras existências e – 308
- Estado de natureza
 - conceito de – 776
 - felicidade e – 777
 - lei do progresso e volta ao – 778
 - progresso e – 776
- Esterilidade
 - mundos transitórios e – 236-b
- Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita
 - aprendizado pelo – introd., VIII
 - Espiritismo e seriedade no – introd., VIII
 - procedência da sugestão e – 464
- Eternidade
 - conceito de – 125

contagem do tempo no mundo
físico e na – 738-a
linguagem figurada e – 1009
vida presente e – 222

Eutanásia
consequências da – 953-b
revolta e desobediência ao
Criador pela – 953-a
socorro inesperado e – 953
suicídio e – 953

Evangelho
Espiritismo e – concl., VIII
expulsão dos demônios e – 480

Evocação
aproximação de Espíritos por – 934

Evolução *ver* Progresso

Excessos
consequências de – 714-a

Exemplo
direcionamento da censura e – 904-a

Exílio
saída da vida espiritual e chegada ao – 340

Existência
condições de – 732
corpórea sem sobressaltos – 988
lembrança da * corpórea – 304
recomeço da mesma – 178-b

Exorcismo
epilepsia, loucura e – 474
ineficácia do – 477

Experiência
missão e – 580

Experimentação
reprodução idêntica de fenômeno
na – introd., III

Expiação
animais e – 602
arrependimento e – 999
ausência de – 988
conceito de – 770-a
convivência compulsória e – 940-a
encarnado e – 998

genialidade e – 373-a
má compreensão do amor e – 765
perfeição e – 132
reencarnação e – 178-a, 262-a, 273
sofrimento material e moral e – 998
vida espiritual e – 998
vontade divina e – 262-a

Êxtase

características do estado de – 455
conceito de – 455
mundo desconhecido e – 455
sonambulismo e – 439

F

Falibilidade

ciência e – introd., VII
humana e Espírito superior – 578

Falsidade

conhecimento da verdade e uso da – 654

Falta

cometimento de – 398, 398-a, 852, 872, 919-a
expiação e – 957
suicídio e – 948

Família

Espíritos e – introd., XII
Espíritos protetores e – 517
humana – 53-a
humana e miscigenação – 690
mundo espiritual e – 980
reencarnação e – 205
reunião dos despojos mortais de – 325-a
sociedade e – 775
suicídio e – 949

Fanatismo

exaltação do – 483

Fascinação

luta contra a – 476

Fatalidade

consequências das próprias faltas e – 852
desencarnação e – 859
destino e – 851
escolha do gênero de vida e – 862, 872

- existência de – 859
- limite da duração da vida corpórea e – 853
- livre-arbítrio e – 866, 872
- morte e – 853-a, 872
- Fato
 - novo e ciência conhecida – introd., VII
- Fé
 - falta de – 943
 - felicidade e – 922
 - no futuro – 922
 - prática do bem e – 838
- Feitiçaria
 - conceito de – 555
 - magnetismo e – 552
- Feiticeiro
 - talismã e – 554
- Felicidade
 - afeição e – 980
 - almas elevadas e – 979
 - comum aos homens – 922
 - desprezo pelos
 - conselhos para a – 942
 - egoísmo e – 917
 - Espíritos bons e – 967
 - Espíritos errantes e – 231
 - Espíritos puros e – 153-a, 967
 - estado de natureza e – 777
 - infelicidade e – 921
 - local onde existe a – 1012
 - mundos evoluídos e – 394
 - mundos habitados e – 1012
 - necessário e – 927
 - necessidades materiais e – 968
 - posição social e – 931
 - profissão e – 928
 - relativa ao estado moral – 967
 - responsabilidade
 - pela própria – 921
 - sofrimento e – 931
 - Terra e – 920, 921, 931
 - terrestre e moral – 922
 - vida e – 942
- Fenômeno espírita
 - ação inteligente e – introd., VII
 - autenticidade do – introd., IX
 - causa inteligente do – introd., IV
 - ciência e – introd., III
 - demônio e – introd., X
 - do sonambulismo, do êxtase e consequências – 445
 - espontâneo – 408
 - livro dos espíritos (O) e – 919-a
 - médium e – 425
 - mediunidade e – 409
 - mesas girantes e – introd., III
 - natureza e – 536-b
 - politeísmo e – 668
 - produção de – 539
 - revelado – concl., VI
 - sonambulismo, influência e – introd., XVI
- Fenomenologia
 - conhecimento de novas leis e – introd., III
- Feto
 - Espírito e – 353
 - respeito ao – 360
- Filantropia
 - condição material do homem e – 707
- Filho
 - amor materno e de – 892
 - reencarnação de protetor e prosseguimento de amparo a – 510
 - transmissão de aparência moral de pais ao – 207-a
- Filosofia
 - Espiritismo e – concl., V
 - racional e estabelecimento de fundamentos – proleg.
- Finados
 - comemoração do dia de – 321
- Flagelos
 - agravo de – 741
 - conceito de – 740
 - desencarnação coletiva e – 738-b
 - destruidores – 737, 739
 - frequência dos – 737
 - Humanidade e – 737

- necessidade regenerativa e – 737
- prevenção de – 741
- Fluido universal
 - eletricidade e – 27-a
 - Espírito, matéria e – 27
 - fluido magnético e – 427
 - indispensabilidade do – 27
 - princípio vital e – 65
- Fluido vital
 - centros de força e – 140-a
 - dosagem variada de – 70
 - esgotamento do * e morte – 70
 - Espírito encarnado e – 140-a
 - funcionamento dos órgãos e – 424
 - teoria da alma subdividida e – 140
 - transmissão do – 70
- Fogo
 - imagem do – 974
 - linguagem figurada e – 1009
- Fome
 - antropofagia e – 709
 - desemprego e – 929
 - desencarnação e – 929
 - inteligência para suprimir a – 947
 - orgulho e – 929
 - sociedade e – 930
 - suicídio e – 947
- Força mecânica
 - movimento de objetos por – introd., IV
- Fortalecimento
 - tentações do mal e – 660
- Fracasso
 - consequências do – 578-a
 - pretensão de igualdade de riquezas e – 811-a
- Fraqueza
 - adoração e sentimento de – 650
- Fraude
 - explicação ignorada de fenômeno e – introd., III
 - rejeição de – introd., IX
- Fuga
 - contratempos da vida e – 770
- Funeral
 - comemoração dos mortos e – 320
 - pompas e – 824
- Futuro
 - certeza do – 919-a, 941
 - conhecimento do – 243, 243-a, 870, 871
 - esperança no – 222
 - predição e – 399
 - revelação do – 868
 - vida corpórea e certeza do – 921
- G
- Gêmeos
 - encarnação de – 213
- Genealogia
 - orgulho pela – 205-a
 - reencarnação e – 205-a
- Gênio
 - idiotia e – 373-a
- Geração espontânea
 - espécie humana e – 49
 - seres vivos e – 44
- Gerações
 - substituição de – 786
- Gestação
 - aborto e – 358
 - reencarnação e – 214
- Gnomo – 103
- Gozo
 - excessos de todo gênero e – 714
 - homem espiritualizado e – 941
 - limite do necessário e – 713
- Guerra
 - ambição e – 745
 - conduta do homem na – 749
 - desaparecimento da – 743
 - liberdade, progresso e – 744
 - luta contra causas justas e – 542
 - natureza animal da – 742
 - necessidade da – 742
 - santa – 671

H

Harmonia

- lei humana e Lei divina em – 788
- Leis da Natureza e – 604
- Universo e – 8, 607-a

Herança

- desencarnado e – 328

Hereditariedade

- física – 207

Hierarquia

- atribuições na – 538-a
- escala espiritual e – 97, 114
- Espíritos e – 274

Hipocrisia

- atos exteriores de adoração e – 654
- vontade inflexível de
enriquecimento e – 902

Homem

- animais e – 592
- aparecimento do – 53
- aquisições do Espírito no termo
da jornada e o – 266
- carnal – 941
- civilizado – 933
- composição do – 135-a
- comunicação espírita e *
eminente – introd., XI
- conceito de – 918
- consequências dos atos do – 714-a, 964
- destino do – 774
- direitos da mulher e do – 817
- época do aparecimento do – 48
- existência do – 59
- faculdade inerente ao – 592, 754
- funções do corpo físico do – 819
- geração espontânea e – 49
- imprevidência do – 705
- influência da matéria no – 987
- inteligência e – 604-a
- moral – 941
- motivação de queda do – 262
- natureza do – 605
- necessidade comum a todo – 938-a
- necessidade da destruição e o – 733

- objetivo do trabalho do – 677
- origem do – 607-a
- parte essencial do – 728-a
- perispírito e – 135
- preocupação de Deus com o – 963
- princípio intelectual comum aos animais
e superioridade do – 605-a
- qualidades do – 361
- raciocínio e consolação do – 933
- relacionamento e – 768
- retrogradação e – 194-a
- sentimento de perpetuação da
memória e o – 823
- universalidade de gozos para o – 938-a

Homenagem

- comparecimento de Espírito a – 324
- desencarnado e – 326

Humanidade

- conservação no Espírito do estado
precedente ao período de – 609
- dupla chaga da – 759
- flagelos e – 737
- marcha do progresso e
aperfeiçoamento da – 783
- melhora da – 738
- origem exclusiva da – 59
- paixões e – 363
- progresso da – 756
- promotores do progresso e – 789
- sacrifício pessoal para o bem da – 699
- transformação da – 1019

Humanização

- período de – 607-b

Humildade

- desinteresse e – proleg.

I

Ideia

- forma e – introd., XIV
- intuição de – 415
- modificação de – 800
- nova e oposição – introd., VII
- terrena, conforme ponto de
vista do extático – 443

- Ideia religiosa
paganismo e gerações na substituição da – 798
- Ideias inatas – 218-221
reencarnação e – 218
sonâmbulos e – 431
teoria das – 218-a
- Identidade
adoção de – 505
Espírito comunicante e usurpação
de – introd., XII
linguagem, caráter e – introd., XII
revelação de – 504-a
- Identificação
Espírito antes da desmaterialização
e – introd., XII
indagação sobre a autoria de fatos
extraordinários e – introd., IV
indícios de – introd., XII
- Idiota
estado mental e – 374
- Idiotia
faculdades morais e intelectuais na – 373-a
gênio e – 373-a
- Idiotismo
manifestações anímicas e – 372-a
- Ignorância
mal e – 120
tratamento do vício e da – 888-a
- Igualdade
absoluta das riquezas – 811
criação por Deus e – 878-a
natural – 803
túmulo e – 823
- Ilusão
vítimas de – introd., IX
- Imaginação
lendas e – 529
- Imortalidade
alma e – 222
consolo pela – concl., III
Espírito e – 83
- Impedimento
direito à liberdade
de consciência e – 836
igualdade absoluta das riquezas e – 811
- Imperfeição
reforma íntima e – 14
sofrimentos e – 133-a
- Individualidade
alma e – 150
desencarnação e prova da – 152
Espírito e – 366
perispírito e – 284
retorno à vida espiritual e – 151
- Indivíduo
conhecimento de si mesmo pelo – 919
faculdades extraordinárias do – 219
posição e caráter do – 534
- Indução
suicídio e – 946-a
- Indulgência
caridade e – 888-a
erro e – 903
Espiritismo e – concl., VII
homem de bem e – 918
- Infância
desencarnação na – 197, 381
formação religiosa na – 941
período da – 183, 379, 385
período de repouso do Espírito e – 382
- Infanticídio
parricídio e – 750
prática de – 751
- Infelicidade
ambição e – 933
falta do necessário e – 927
orgulho e – 933
provocada nos outros – 989
- Inferior
superior e – 277
- Inferioridade
apego aos bens terrenos e – 895
influência e – 465

- oportunidade para a reabilitação e – 171
- predomínio das más paixões e – 911
- Inferno
 - alegoria do – 1012
 - crença no – 974
 - ideia do – 1009
 - localização do – 1017
 - paraíso e – 1012
- Infinito
 - conceito de – 2
 - Deus e – 3
- Influência
 - do organismo – 367-370
 - país e – 208
- Influenciação
 - bem-estar das pessoas sob – 989
 - Espírito mau e – 473
 - Espíritos imperfeitos e – 122-a
 - espiritual – 525, 971
 - fenômeno espírita e * do meio – introd., XVI
 - inferioridade e – 465
 - inspiração e – 545
 - inteligência e – 462
 - má e força de vontade – 468, 469
 - oculta dos Espíritos – 459
 - ostensiva e oculta – 525-a
 - pensamentos e formas de – 525-a
 - pensamentos em geral sob – 543
- Ingratidão
 - amizade e – 937
 - assistência espiritual e – 730
 - conceito de – 937
 - consequências da – 535-a
 - decepção pela – 938
 - infelicidade dos que causam a – 937
 - provação pela – 937
 - remorso do ingrato e – 938
 - sensibilidade e – 938-a
- Inimigo
 - amor ao – 887
 - perdão ao – 764
- Inimizado
 - perdão e – 887
- Inocência
 - infância e – 199-a, 385
- Inspiração
 - encarnado e – 463
 - influenciação e – 545
- Instinto
 - animais e – 593
 - atos da inteligência e – 74
 - conservação e – 702, 730
 - inteligência e – 73
 - inteligência limitada e – 593
 - mau e esquecimento da Lei divina – 620
 - povos primitivos e – 753
 - prática de crimes por criança e – 199-a
 - raciocínio e – 75-a
 - selvagens e – 849
- Instrução
 - leis morais e falseamento de – 625
- Inteligência
 - aberração da * e materialismo – 148
 - conceito de – 72-a
 - desenvolvimento da – 189
 - Espírito e – 24
 - fonte da – 72
 - influência do organismo e – 180
 - influenciação e – 462
 - instinto e – 71
 - livre-arbítrio e – 780-a
 - moral e – 365
 - permanência em
 - estado latente da – 220
 - princípio vital e – 71
 - superioridade do homem e sua – 606-a
- Intercessão
 - prática do bem e – 662
- Interesse
 - pessoal – 895
- Intuição
 - penas e recompensas futuras por – 960
 - tendências instintivas e – 393
 - vida futura e – 329
- Inutilidade
 - lembrança do passado e – 306-a
 - voluntária – 574

Inveja

- ciúme e – 933
- felicidade dos outros e – 926
- suplícios do ciúme e da – 933
- tormentos da – 281

Investigação

- vida espiritual e – 257

Irmãos

- criação divina e fraternidade entre – 54
- semelhança de caráter entre – 211

Irradiação

- alma e – 454
- Espírito e – 92-a, 420

Isolamento

- sociedade e – 769

J

Jesus

- caridade e – 886
- entendimento da palavra de – 131
- Espiritismo e – concl., VIII
- fanatismo e divulgação da doutrina de – 671
- linguagem alegórica de – 131
- perfeição de – 625
- reino de – 1018

Juízo

- formação de – 458

Juízo final

- pluralidade dos mundos e – 1010

Julgamento

- escolha de provas e capacidade de – 269
- participação no próprio – 919-a
- superficial e necessidade de observação – introd., X

Júpiter

- Terra, Marte e – 188

Justiça

- compreensão da – 795
- conceito de – 875
- critério da verdadeira – 876
- direitos naturais e – 873
- distribuição da – 765

- igualdade de direitos e – 878-a
- lei de – concl., IV
- progresso moral e – 873
- regra da verdadeira – 876
- revelação do caráter pela prática da – 879

Justiça divina

- doutrina da reencarnação e – 171
- julgamento da – 747
- negligência paterna e – 583-a
- parricídio e infanticídio perante a – 750
- passado e – 393
- vida futura e – 962

Justo

- consolo do – 926

K

Kardec, Allan

- assistência espiritual a – proleg.
- conselhos a – proleg.

L

Laços de família

- Lei da Natureza e – 774

Lamennais

- eternidade das penas – 1009

Legislação

- direitos da mulher e equidade na – 822-a
- humana e lei moral – 794
- humana e necessidades novas – 795
- progresso da – 794
- progresso da Humanidade e – 760

Legítima defesa

- crime de – 638
- culpa de assassinio e arguição de – 748
- duelo e – 757

Lei de atração

- aplicação da – 60

Lei de causa e efeito

- aplicação da – 399
- opressão aos fracos e – 807

Lei de destruição

- renovação e – 41, 728

Lei de destruição *ver também* Destruição

Lei de progresso

- evolução moral e – concl., IV
- força da – concl., IV

Lei divina

- abrangência da – 618
- adoração e – 652
- alcance da – 635
- alma e – 620
- amor ao próximo e – 647
- aplicação universal da – 635
- balanço perante a – 906
- características da – 617-a
- casamento e – 695
- conhecimento da – 619
- consciência e – 621
- conteúdo da – 617
- cumprimento da – 526
- destruição e – 728
- divisão da – 647
- ensino dos Espíritos e – 627
- escravidão e – 829
- homem de bem e prática da – 918
- imutabilidade da – 663
- insulamento absoluto e – 767
- isonomia da – 803
- Jesus e revelação da – 626
- justiça das reencarnações e – 619
- laços de família e – 774
- lei humana e – 697

Leis da Natureza e – 617

- limite das necessidades e – 633
- livre-arbítrio e – 258-a
- localização da – 621
- prática da – 812-a
- suicídio voluntário e – 944
- suporte da lei humana – 789
- violação da – 758-a

Lei humana

- instabilidade da – 795
- mutabilidade da – 616
- princípio de justiça e – 822

Lei natural

- caracteres da – 614
- Lei divina e – 614

Lembrança

- resgate dos erros e sua – 978
- vida corpórea e – 304, 306, 306-a
- vidas passadas – 386-a, 393, 397

Letargia

- cataplexia e – 424
- morte e – 423

Leviandade

- ser humano e – introd., III

Liberdade

- abuso da – 735
- cerceamento da – 826, 828
- escravidão e – 832
- natural – 825
- pensamento e – 833

Liberdade de consciência

- conceito de – 837
- embaraços à – 836
- propagação de
 - doutrinas perniciosas e – 841
- repressão a atos de efeitos danosos e – 840
- transviamento do caminho
 - da verdade e – 841

Libertação

- desencarnação e – 936
- egoísmo e – 936

Linguagem

- adequação de – 28
- alegorias pelo Cristo e – 131
- anfibologia e – introd., II
- animais e – 594
- entendimento sobre a palavra alma e – 139
- Espíritos e – introd., XIII
- Espíritos superiores e – 1014
- humana e particular conformação
 - dos órgãos vocais – 596
- imperfeição da * humana – introd., XIV
- palavra “alma” e a * humana – introd., II
- palavra e – 594-a

Livre-arbítrio

- ação dos Espíritos protetores e – 501
- animais e – 595
- caminho do bem ou do mal e – 121
- conceito de – 804

- consciência de si mesmo e – 122
- criança e – 844
- crime e – 861
- decisões e – 544
- desencarnado e características do – 872
- embriaguez e – 848
- encarnado e características do – 872
- estado de erraticidade e – 224-b
- exercício do – 259, 266, 845
- faculdades morais, intelectuais e – 847
- fases da vida e – 844
- fatalidade e – 866, 872
- futuras encarnações e – 872
- gênero de provas e – 258, 259
- hipótese da ausência do – 872
- homem e – 634, 843
- influência do organismo e exercício do – 846
- inteligência e – 780-a
- lei de causa e efeito e – 847
- Lei divina e – 258-a
- missão e – 572
- ocorrência de fatos e – 859-a
- percepções e – 250
- posição social e exercício pleno do – 850
- provas, bem, mal e – 399
- razão e – 75-a
- respeito ao – 495
- responsabilidade pela prática do mal e – 872
- sabedoria divina e – 123
- Livro dos espíritos, (O)
 - autoria de – proleg.
 - Espiritismo e – proleg.
 - filosofia espiritualista e – introd., I
- Locomoção
 - Espírito e – 89, 247
- Lógica
 - doutrina e – 131
 - reencarnação e – 222
- Loucura
 - causas da – introd., XV
 - cérebro desorganizado e – 375
 - desencarnação e – 377
 - Espiritismo e – introd., XV
 - manifestações da alma e – 372-a
 - preservativo contra a – introd., XV
 - suicídio e – 376
- Lucidez sonambúlica
 - limitações à – 455
- Luís, São
 - duração das penas futuras – 1004, 1006-1008
 - ressurreição e reencarnação – 1010
 - transformação da Humanidade e pecado original – 1019
- Luís, São e Agostinho, Santo
 - abandono do protegido pelo protetor conforme elucidações de – 495
- Luta
 - progresso e – 894
- M
- Mãe
 - aborto de risco de vida da – 359
 - amor filial e – 891
- Magnetismo
 - ação do – 482
 - charlatanismo e – 481
 - cura pelo – 556
 - exercício inconsciente do – 482
 - simpatia e – 388
- Mal
 - antropofagia e – 637
 - atração para o – 472
 - bem e – 511, 630, 780-a, 932
 - bem, erro e – 632
 - causa do – 907, 917
 - consequências do – 784
 - culpa e – 639, 640
 - cumprimento da Lei divina e ausência do – 632
 - egoísmo e – 913
 - eterno – 1009
 - ignorância e – 120
 - impedimento do – 860
 - indução ao – 281
 - moral – 634
 - necessidade do – 638
 - pedido de riqueza e arrastamento ao – 533-a

- prática do – 551, 640
- resistência ao – 641
- transviamento para o – 583
- Maldição**
 - bênção e – 557
- Mandamento**
 - amor ao próximo e extensão do – 665
- Manifestação**
 - espírita e liberdade da – concl., VI
 - inteligente por meio de mesas – introd., IV
- Marte**
 - Terra, Júpiter e – 188
- Matéria**
 - atuação recíproca do Espírito
 - sobre a – 135-a
 - criação da – 21
 - definições de – 22-a
 - desligamento da – 266
 - destruição da – 728-a
 - Espírito e – 25, 27, 155-a,
 - 368-a, 375-a, 605-a
 - estados da – 22
 - força, movimento e demais
 - propriedades da – 33-a
 - formação da – 30
 - individualização da – 79
 - modificações e propriedades possíveis à – 33
 - moléculas orgânicas, ressurreição e – 1010
 - ponderabilidade da – 29
 - princípio vital e – 62
 - propriedades da – 7, 29-34, 64-a
 - seres vivos e – 61
 - tangibilidade da – 91
- Materialismo** – 147
 - aberração da inteligência e – 148
 - conceito de alma e – introd., II
 - Espiritismo e – concl., II, 799
 - fenômenos do sonambulismo,
 - do êxtase e – 446
 - morte do – concl., VIII
 - negação do – concl., VII
 - oposição ao – introd., I
 - orgulho e – 147
- Maternidade**
 - risco de aborto e – 359
- Mau**
 - características do bom e do – 932
 - influência do – 932
 - prosperidade do – 926
- Médium**
 - comunicabilidade dos Espíritos
 - e – introd., IV
 - grande número de – concl., VI
 - participação de – introd., V
 - teoria espírita e contribuição do – introd., XVI
- Mediunidade**
 - afioramento sutil da – 409
 - gêneros de – introd., V
 - proibição da – concl., VI
- Mediunidade** *ver também*
 - Fenômeno espírita
- Medo**
 - desencarnação e – 941
 - inferno e – 974
 - morte e – 730, 941
- Memória**
 - vidas passadas e – 307
- Mendicância**
 - educação moral e – 889
- Merecimento** *ver* Mérito
- Mérito**
 - conquista de – 133
 - desigualdade do – 806-a
 - escala espírita e – 275-a
 - prática do bem e – 646
 - privação voluntária e – 720-a
 - progresso e – 692-a
 - submissão a provas e – 708
- Mesas girantes**
 - Espiritismo e – concl., I
 - fenômeno das – introd., III
 - manifestações inteligentes e – introd., IV
 - tiptologia e – introd., IV

Metempsicose
reencarnação e – 611

Milagre
ciência e – concl., II
desejo por – 802

Minerais
vegetais e – 585

Miséria
opulência e – 707
prova da – 815
riqueza e – 814

Missão
candidatos a uma mesma – 572-a
capacitação e elevação para
desempenho da – 571
conhecimento prévio da – 570, 576
cumprimento de – 568
dever e – 575
encarnação e – 132
engano e – 581
Espírito bom e – 280
Espírito encarnado e – 573
Espírito, influência maléfica e – 470
Espírito protetor e – 491, 493
experiência adquirida e – 580
previsão ou não de – 577
realização de – 575
reencarnação e – 175, 178, 273, 338
resistência ao mal e – 645
tentação e cumprimento de – 712

Mistério
ciência e – 19
conhecimento e – 18
criação do Espírito e – 78

Mistificação
incerteza sobre – introd., IX

Mitologia
combates e – 541
ideia espírita e – 537

Moisés – concl., VIII

Molécula
forma da – 34-a
matéria e – 34

Monogamia
poligamia e – 701

Moradia
escolha pelo Espírito de – 184
graus de adiantamento moral e – 188

Moral
ciência e – 192
definição de – 629
inteligência – 365
progresso – concl., V

Morte
agonia e – 156
caridade na – 941
coração e – 69
culpabilidade no apressamento da – 953
entes queridos e – 934
escolha de novo corpo físico
logo após a – 263
esperança e – 941
fatalidade da hora da – 854
fatalidade e – 872
fé e – 941
fenômeno da – 548
imprudência e – 954
inferno e – 941
lembrança da vida terrena após a – 305
letargia e – 423
momento da – 165
natural por esgotamento dos órgãos – 154
pressentimento e – 411
sentimento da pessoa no momento da – 961
sentimentos depois da – 295
sofrimento e alegria após a – 965
temor da – 730, 858, 941
temor ou desejo da – 981
vida e – 68, 738-a
violenta e reação do Espírito – 546
visão do Espírito após a – 257

Morte *ver também* Desencarnação

Mortificação
alimentação e – 724
exemplo de verdadeira – 721

Morto
oração pelo – 323, 664, 665
respeito ao – 329

Mulher

- direitos do homem e da – 817
- discriminação à – 818
- funções do corpo físico da – 819

Mundo(s)

- criação em seis dias do – 59
- formação dos – 37-42
- lei de destruição e – 732
- superior e inferior – 805
- transitórios – 234

Mundo de expiação e provas

- predominância de Espíritos maus em – 872

Mundo espiritual – 84 a 87

- afeições entre Espíritos no – 297
- classificação dos Espíritos e – 100
- composição do – introd., VI
- comunicação entre mundo corpóreo e – proleg.
- culpado e vítima no – 977-a
- Espíritos e – proleg., 84
- habitantes da Terra e – 495
- hierarquia e – 540
- inimigos no – 293
- lado mau do – introd., X
- locomoção no – 232
- malevolência e – 531
- mundo corpóreo e – 86
- preexistência do – 85
- recepção por parentes e amigos do Espírito no – 289
- reconhecimento de Espírito protetor no – 506
- regresso da alma ao – 287
- relacionamento no – 274
- revelação dos erros no – 977-a
- vida no – 150-b, 159

Mundo físico *ver* Plano físico

Mundos evoluídos

- animais em – 601
- conhecimento de Deus pelos animais em – 603
- Espírito extático e – 440
- felicidade em – 394
- lembrança de vidas passadas e – 394
- período para reencarnação em – 223

- reminiscência do passado em – 394
- vida em – 985

Mundos habitados

- encarnação nos – 172
- esquecimento do passado em – 394
- pluralidade dos – 55-58
- vida nos diferentes – 57, 58

Mundos transitórios

- destinação dos – 236
- objetivo de moradia em – 235
- seres corpóreos e – 236-a
- Terra e – 236-d
- topografia de – 236-a

Música

- sensibilidade dos Espíritos para a – 251

N

Nação

- amor à * após a desencarnação – 317
- caráter de uma – 521
- faculdades morais em uma – 793
- única – 789

Nada

- entendimento dos Espíritos sobre o – 23-a
- horror ao – 958
- linguagem humana e o – 23-a
- vida futura e o – 148

Namoro

- vivência comum e – 939

Nascimento

- alma e – 336
- ambiente de – 260
- choro e – 384
- concepção e – 351
- criação da alma e – 222
- criança e – 336
- desenvolvimento de faculdades do Espírito com o – 352
- espontaneidade do – 46
- morte antes do – 346
- morte após o – 347
- oração pelo * de criança – 210
- origem e meio de – 272

perturbação e – 351
união do Espírito ao corpo e – 337

Natimorto
Espírito e – 356
nascimento e – 356-a

Natureza
ação dos Espíritos na – 536
beleza da – 236-c
belezas da * e sensações do Espírito – 252
encadeamento e solidariedade na – 132
fenômenos da – 536-a
reinos da – 585
ser à parte dos três reinos da – 592
universalidade da criação e – 573, 607-a
vazio e – 236-e

Necessário
felicidade e – 922, 927
Lei divina e o – 930
limite do – 715
mau uso do – 705
posse do – 922
privação do – 927
satisfação com o – 705
supérfluo e – 704
superstição e – 736

Necessidade
equivocos no entendimento sobre – 762
paixões e – 792-a

Negação
evidência e – 802

Nome
importância espiritual do – introd., XII

O

Obsessão
cura da – 475
Espírito imperfeito e – 122-a
mundo espiritual e – 972
oração e – 479
requisitos para ocorrência de – 474
tratamento da – 478

Obstáculos
enfrentamento de – 707

Ociosidade
consequências da – 678
desejo de progresso e – 564
desgosto pela vida e – 943
Espírito puro e – 562
inconveniência da – 574-a
trabalho e – 943

Ocupação
demonstração de progresso em – 566
Espíritos errantes e
desmaterializados e – 584-a
incessante dos Espíritos – 563
trabalho e – 675

Ódio
dificuldade para libertação do – 547
Espírito impuro e – 292

Ofensa
homem de bem e – 918
reparação de – 759-a

Oferenda
prática do bem e – 673
sacrifício animal e – 672

Opinião
sábios e – introd., VII

Oposição
Espiritismo e – 798
ideias novas e – introd., VII
liberdade de consciência e – 837

Oração
conceito de – 659
direcionamento no rumo de vida e – 523
eficácia da – 660-a, 664
Espíritos arrependidos e – 997
estudo de si mesmo e – 660-a
exemplo de Jesus e – 664
expressão de amor a Deus pela – 659
fortalecimento pela – 663
intenção e – 658, 659
intercessória – 662
nascimento de criança e – 210
obsessão e – 479, 531-a
perdão das faltas e – 661
poder da – 663
suavização de sofrimento e – 665

Organismo

alma e – 369

reencarnação e influência do – 369

Orgulho

demonstrações de – 823-a

genealogia e – 205-a

materialismo e – 147

necessidade, trabalho e – 929

profissões modestas e – 928

razão e – introd., VII

retratação e – 1000

suicídio e – 947

Orientação

mundos inferiores e – 233

Oriente

estilo alegórico na

literatura do – 59

Ostentação

benefício e – 888-a

P

Pactos

Espíritos maus e – 549

Pais

influência dos – 208

provação ou expiação para os – 199

provas e – 355

Paixão

conceitos de – 908

criação de necessidades e – 792-a, 795

desenvolvimento espiritual e – 191-a

Espíritos e má – 228

Espíritos inferiores e – 972-a

exercício da vontade e domínio da – 911

expressões adequadas aos efeitos da – 933

governo da – 908

prazo de sofrimento das provas e – 265

vontade e – 907

Palavra

faculdade da – 772

linguagem e – 594-a

Panteísmo – 14,15

conceito de alma e – introd., II

refutações ao – 16

Paraíso

alegoria do – 1012

inferno e – 1012

perdido – 1019

Parasitose espiritual

privações de mal-assalariado e – 717

supérfluo e – 717

Parentela

filiação e – 203-206

física e espiritual – 204

Parricídio

infanticídio e – 750

Passado

conhecimento do – 242, 399

esquecimento do – 392

lembrança do – 219, 397, 285-a, 393

Paternidade

responsabilidade pela – 582

Paulo, apóstolo

castigo eterno, inferno e – 1009

Pecado

original – 1019

Pena de morte

crime e – 760

desaparecimento da – 760, 762

Pena de talião

conceito de – 764

execução do assassino e – 764

Penas eternas

arrependimento e – 1006

condenação a – 171, 222

Deus e – 1009

Penas futuras

crença nas – 960

recompensas futuras e – 960

Pensamento

alma e – 89-a

atração pelo – 467

- conhecimento pelos Espíritos
 - de nosso – 457
 - culpa e – 977
 - encobrimento da individualidade e do – 283
 - Espíritos e – 100
 - fase da infância e – 380
 - identidade de – 513
 - influenciação e – 525-a
 - irradiação do – 247
 - liberdade e – 833
 - oculto – 977
 - percepção e – 27
 - próprio e influenciação – 460
 - responsabilidade pelo – 834
 - sugestão e – 461
 - transmissão oculta do – 419
 - velocidade do Espírito e do – 89
- Percepção
- Espíritos e – 25-a, 237, 246, 547-a
 - livre-arbítrio e – 250
 - momento presente e – 241
 - pensamento e – 26
 - vegetais e – 587
- Perdão
- Deus e – 1009
 - faltas e – 661
 - inimigos e – 764
- Perfeição
- anjo e – 129
 - aproximação da – 908
 - aquisição de – 177
 - ausência de – concl., IV
 - busca da – 125
 - caminho do bem e – 127
 - chegada à – 126, 133-a
 - conquistas e – 119
 - encadeamento natural na escala
 - espiritual e – 192
 - Espírito puro e – 128
 - evolução espiritual e – 117
 - expição e – 132
 - grau de – 179
 - igualdade na criação do Espírito e – 115
 - Jesus e – 625
 - possibilidades do Espírito na
 - caminhada para a – 398-a
 - reencarnação e – 168, 222
 - retrogradação e – 118
 - sabedoria e – 238
 - união e – 298
- Perfeição moral
- aproximação da – 913
- Perguntas
- respostas e – 613
- Perispírito – 93-95
- alma, corpo e – 135-a
 - alma e – 150-a
 - conceito de – 257
 - decapitação e – 162
 - densidade do – 257
 - desprendimento do corpo físico e – 257
 - diferentes mundos e – 181, 187, 257
 - Espírito e – 93, 186
 - Espírito puro e – 186-a
 - faculdades do – 257
 - forma do – 95
 - formação do – 94
 - homem e – 135
 - impressões da matéria e densidade do – 257
 - individualidade e – 284
 - perturbação e – 165
 - sensações do – 257
 - substância do * em diversos mundos – 187
 - troca de – 94-a
- Perseverança
- consequências da – proleg.
- Personalidade
- egoísmo e sentimento da – 917
 - identidade digna de confiança e – 505
 - manifestações frequentes de *
 - ilustre – introd., XI
- Perturbação
- desencarnação e – 319
 - despertamento e – 319
 - espiritual – 163
 - gênero de morte e – 165
 - morte coletiva e – 165
 - nascimento e – 351
 - perispírito e – 165
 - prática do bem, consciência pura e – 165

- reencarnação e – 339
- separação da alma e do corpo e – 164
- Planetas
 - formação dos – 56
- Plano espiritual *ver* Mundo espiritual
- Plano físico
 - apoio a Espírito na partida para o – 342
 - malevolência e – 531
 - mundo corpóreo e – introd., VI
 - reencontro no – 386
- Platão
 - eternidade das penas – 1009
- Pluralidade dos mundos habitados
 - homem e – 55
- Pluralidade dos mundos habitados
 - ver também* Mundos habitados
- Pobreza
 - predominância da – 931
- Poder
 - homem de bem e o exercício do – 918
 - honrarias terrenas e – 275
 - prova do – 816
- Poesia
 - médium versejador e – introd., XIV
- Poligamia
 - aperfeiçoamento social e – 701
 - monogamia e – 701
 - sensualidade e – 701
- Politeísmo
 - crença na – 667
 - fenômeno espírita e – 668
- População
 - do globo – 686, 687
- Posse
 - aquisição de bens e – 883-a
 - faculdades do Espírito e – 189
- Possesso
 - uso do vocábulo – 474
- Povoamento
 - Adão, Terra e – 51
 - espiritual do Espaço – 87, 317
 - reencarnação e – 786
 - seres vivos e – 43
 - sucessão de raças e – 688
 - Terra e – 50, 51, 59
- Povos
 - atração de Espíritos protetores e – 521
 - caráter dos – 215
 - declínio e extinção dos – 788
 - degenerados – 786
 - marcha de progresso
 - em diferentes – 780-b
 - períodos de vida dos – 788
- Prece *ver* Oração
- Preconceito
 - obediência a – 955
- Precursor
 - Doutrina Espírita e – 145
- Predestinação
 - possibilidade de – 576
- Predição
 - futuro e – 399
- Pregação
 - autor e – 905
 - da solidariedade – 799
- Preguiça
 - conformismo e – 995-a
- Presciência
 - divina – 579
 - esquecimento humano das Leis

- divinas e * divina – 621-a
- Presença
 - anjo guardião e – 495
 - cemitério no dia de finados e – 321-a
- Presente
 - percepção do – 241
- Pressentimento
 - conceito de – 522
 - entrada na vida espiritual e – 157
 - Espírito protetor e – 522
 - morte e – 857
 - sonho e – 405
 - volta do Espírito ao corpo e – 330

Prevenção

- flagelos e – 741
- perigos, riscos de vida e avisos como – 855
- promoção de perturbações e medidas de – 840
- recordação do passado e – 396

Previdência

- crenças como motivo de perturbações sociais e – 840
- direito à vida e – 881

Princípio espiritual

- evolução e – 607-a

Princípio inteligente

- alma dos animais e – 606
- desenvolvimento do – 729
- elaboração do – 607-a
- individualização do – 79
- inteligência de animais, do homem e – 606-a
- matéria e – 28
- preservação do – 728-a
- seres vivos e – 611
- transformação do – 607-a

Princípios básicos

- Espiritismo e – introd., VI

Princípio vital

- alma e – 136
- conceito de – introd., II
- corpo físico e – 67
- Espírito, matéria e – 64
- fluido vital e – introd., II
- fonte universal do – 139
- matéria e – 62
- modificações do – 66
- morte, vida e – 70
- seres orgânicos e – 67-a
- vida e – 63

Privação

- culpa pela – 927
- distribuição dos bens e – 1001
- reparação das faltas e – 1000
- voluntária – 720

Prodigalidade

- desinteresse e – 896
- esbanjamento, mau uso da riqueza e – 896

Prodígio

- Providência divina e – 802

Profeta

- verdadeiro – 624

Profissão

- felicidade e – 928

Progresso

- acordo da lei humana com o – 781-a
- aprimoramento contínuo e – 898
- aptidões e – 366
- arte como veículo de fomento ao – 565
- avanço do – 782
- boa-fé e tentativa de resistência ao – 782
- caminhada para o – 780-b
- categorias de Espíritos e – 317
- ciência e – 898
- civilização e – 790
- conceito de tempo e fases do – 560
- dor e – 995
- dos povos – 786
- duração das penas e – 1006
- encarnação em mundos superiores e – 173
- erraticidade e – 230
- escala e gradação no – 100
- espécies de – 785
- Espírito e – 114, 366
- Espíritos vulgares e – 566-a
- estacionado – 987
- estado de natureza e – 776
- exigências da vida e – 501
- experiências e – 607
- homem e – 364
- idade biológica e – 379
- imposição do – 768
- inevitável – concl., IV
- influência do Espiritismo no – 798
- legislação e – 794
- lei de auxílios mútuos e – 509
- lentidão e – 116
- libertação da influência da matéria e – 987
- marcha do – 781-a, 779
- material e espiritual – 276

meios de – 738
merecimento e – 692-a
mérito do Espírito protetor e seu – 502
moradia do Espírito e grau de – 188
moral – concl., V
moral e da inteligência – 791
moral e intelectual – 780
obstáculos ao – 781, 781-a, 785
paixão e – 191-a
participação geral no – 789
planetas distantes do Sol e grau de – 188
progressão do Espírito e – 100, 114
reencarnação e – 169, 612
sofrimento e – 270
substituição de gerações e – 786
vidas sucessivas e – 787-b
virtude e – 893

Proibição
manifestação espírita e sua – concl., VI

Propriedade
direito de – 882, 885
legítima – 884

Prosperidade
pessoa má e – 926

Prova(s)
altruísmo ante a – 740
ambiente para – 260-a
conhecimento antecipado do
gênero de – 522
emprego da autoridade e – 816
entendimento sobre aplicação de – 268
escolha das – 258, 266, 335, 852
êxito e gênero de – 864
experiência no caminho do mal como – 515
faltas e – 399
finalidade da – 871
instinto de conservação e – 267-a
livre-arbítrio e – 258, 259
nascituro e – 355
oração e – 663
possibilidade de fracasso nas – 341
receio das – 979
resistência a – 663, 946
resistência do mal e – 498

revelação do futuro com
experimentação de – 870
superação das – 730
tendências do Espírito e – 261

Providência divina
ação protetora e amparo da – 507
agradecimento à – 535
desenvolvimento do livre-arbítrio e – 262
lei da – 132
prodígios e – 802
progresso individual e – 738
sofredor e – 946
solicitude da – 495

Próximo
ações contrárias a si mesmo e ao – 919-a
caridade e – 770-a, 903

Psicologia
Espiritismo e – concl., VIII

Punição
após a morte – 973
criminoso e – 761
nesta vida – 921
reencarnação e – 372
tipos de – 973

Purgatório
alegoria do – 1013
Espiritismo e – 1017
expição e – 1013
local do – 1013

Purificação
aperfeiçoamento moral do Espírito e – 182

Q

Queda
homem, livre-arbítrio e – 262

R

Raças
cruzamento de – 59
desaparecimento e
substituição das – 185
desigualdade de aptidões e – 831

- diversidade de * humanas – 52
- marcha do progresso e extinção de – 787
- miscigenação da grande família
 - humana e novas – 690
- relevância no caráter
 - das * primitivas – 691
- renovação de povos na Terra e de – 688
- Raciocínio
 - evidências e – 59
 - lógico e argumentação sobre reencarnação – 222
- Racismo
 - Espíritos inferiores e – 222
- Razão
 - instinto e – 75
 - livre-arbítrio e – 75-a
 - privação voluntária da – 848
 - reflexão e – 16
 - tentação e – 712-a
- Reabilitação
 - arrependimento e – 1002
- Realidade
 - alegoria e – 480
- Realização
 - encargo e – 575
 - missão e – 575
- Rebeldia
 - resistência ao progresso e consequências da – 787
- Receituário
 - orientação em – 431
- Reconhecimento
 - manifestação de – 488-a
 - marcas de civilização perfeita e – 793
 - pais, filhos, amigos e – 285
- Recordação *ver* Lembrança
- Reencarnação
 - alma e – 336
 - aperfeiçoamento das raças pela – 689
 - aproveitamento do tempo e – 115-a
 - aquisições do Espírito e – 455
 - arrependimento sincero e – 194-a
 - características e – 217
 - caráter moral e – 216
 - conhecimento das leis morais e – 619
 - conhecimento e – 192-a
 - considerações sobre – 222
 - corpo físico, escolha de provas e – 334
 - criminoso e – 194
 - descendência e – 197-a
 - diversidade de experiências e – 177-a
 - egoísmo e – 915
 - ensino dos Espíritos sobre a – 222
 - erraticidade e – 225
 - escolha das provas e – 258, 264
 - escolha e – 184-a
 - espaço de tempo para – 223
 - Espírito errante e – 333
 - Espíritos e – 331
 - Espíritos inferiores e – 755
 - estacionamento, aquisições do Espírito e – 192-a
 - evolução e – 538
 - evolução e limite à – 169
 - evolução espiritual e – 192
 - evolução espiritual pela – 271, 612, 789, 985, 991
 - existências consecutivas e – 218-b
 - experiência e – 787-a
 - experiência feminina e – 202
 - expição de idiotas, cretinos e – 373
 - expição e – 178-a, 262-a
 - família e – 203
 - funcionamento do organismo e – 368
 - fundamentos da – 613
 - gêmeos e – 213
 - genealogia e – 205-a
 - gestação e – 214
 - ideias inatas e – 218
 - idiotia e – 372
 - Igreja e – 1010
 - igualdade para todos na lei da – 199-a
 - inconformismo e – 350
 - influência do organismo e – 367
 - intervalo para – 349
 - justiça da – 171
 - Justiça divina e – 171, 222
 - laços de família e – 205
 - lei de causa e efeito e – 807

Índice Geral

- livre-arbítrio e – 847
 - lógica e – 222
 - má compreensão do princípio da – 195
 - metempsicose e – 611
 - missão e – 178, 338
 - momento da – 330-a, 332
 - mundo inferior e – 174
 - mundo para – 986
 - mundos evoluídos e – 985
 - necessidade da – 166, 330-a
 - notícia histórica sobre a – 222
 - novo corpo físico e – 166-c
 - objeções à lei de – 222
 - objetivos da – 167
 - opinião humana e – 222
 - parentela e – 204, 209
 - passagens evangélicas e – 222
 - penalização e – 372
 - perda de faculdades intelectuais e – 220
 - perfeição e – 168
 - perturbação e – 339
 - posição social e – 193
 - povoamento e – 786
 - prosseguimento de amparo a descendente
 - após a * do protetor – 510
 - prova da – 166-a
 - questões insolúveis e – 222
 - rebeldia e – 115-a
 - recusa de corpo para – 335-a
 - resposta de Jesus a Nicodemos
 - e a lei de – 222
 - ressurreição e – 1010
 - sexo e – 201
 - sofrimento e – 196
 - temor de fracasso nas provas e – 341
 - unicidade das existências corpóreas e – 222
 - Universo e – 173-b
 - vidas passadas e – 166-b
- Reencontro**
afeições e – 160
- Reforma**
legislação e fatores influentes para – 797
- Reforma íntima**
exame da própria
 - individualidade e – 919-a- imperfeições e – 14
- influenciação perniciosa e – 122-b

Regeneração
destruição e – 729
nova era para – proleg.

Regulamento
trabalho e – 683

Reinos
três – 585

Relacionamento
Deus, homem e – 836
entre os Espíritos – 278
Espírito familiar e – 495
Espíritos durante o sono e – 401
homem e – 768
no mundo espiritual – 274

Relações
de simpatia e de antipatia entre os Espíritos – 291

Religião
adoração e – 654
antagonismos pela – 222
ciência e – 59
penas eternas e – 1009
respeito a crenças alheias e – 655

Religiosidade
Espiritismo e – concl., VII

Remorso
culpado e – 977-a

Reparação
boas ações na * do mal – 1000
Deus e – 949
falta e – 222
ofensas e – 759-a
orgulho e – 1000

Repouso
objetivo do – 682
trabalho do Espírito e – 254
velhice e – 685

Reprodução
controle e – 693
equilíbrio populacional e – 687
métodos anticoncepcionais e – 694

- mundo corpóreo e – 686
- obstáculos à – 693
- raças primitivas e – 690
- seres vivos e – 686
- Resgate
 - reparação das faltas pelo – 1000
- Resignação
 - Espiritismo e – concl., VII
 - sofrimento e – 924
- Respeito
 - direito alheio e – 827, 877
 - feto e – 360
 - livre-arbítrio e – 495
 - opinião sincera e – 838
- Responsabilidade
 - conhecimento e – 535-b
 - gradação da – 636
 - herança de riqueza de má procedência e – 809
 - individual – 502-a
 - paternidade e – 582
 - prática do bem e – 642
 - proporcionalidade de compreensão e – 637
 - sociedade e – 813
- Resposta
 - participação de médium e – introd., V
- Ressurreição
 - ciência e – 1010
 - Espiritismo e – 1010
 - reencarnação e – 1010
- Reunião
 - instrutiva – introd., VIII
 - no Espaço com revelação pelo sonho – 406
 - parentes e amigos, após a morte, em – 290
- Revelação
 - ciência e – 20
 - Espíritos superiores e – 399
 - futuro e – 868
 - Lei divina e – 622
 - Lei divina, Jesus e – 626
 - posição superior de diferentes mundos e – 182
 - verdade e – 628, concl., VIII
 - vidas anteriores e – 395
- Riqueza
 - conceito de – 896
 - desigualdade de – 808
 - emprego da – 809
 - herança e a origem da – 808-a
 - homem de bem e prova da – 918
 - idealismo de devaneios sobre
 - igualdade de – 811-a
 - merecimento e – 925
 - miséria e – 814, 925
 - ostentação de – 823-a
 - prova da – 533, 815, 925
- Ritual
 - adoração e – 654
- S
- Sabedoria
 - perfeição e – 238
- Sacrifício
 - animal e adoração – 669-a
 - animal e oferenda – 672
 - benefício alheio e – 951
 - da própria vida – 951
 - humano e adoração – 669, 669-b
 - morte e – 951
- Satanás
 - alegoria com atributos da
 - animalidade e – 131
 - forma alegórica do mal e – 131
 - venda da alma a – 550
- Saúde
 - alimento e – 722
- Segunda vista
 - aparente hereditariedade na – 451
 - características da – 449
 - corpo físico e – 450-a
 - desenvolvimento da – 452
 - emancipação da alma e – 455
 - exteriorização da alma e – 447
 - faculdade da – 448
 - portadores de – 453
 - prática da – 450
 - presciência, pressentimento e – 454-a
 - variações no poder da – 455

Selvagem

- alma do – 191
- antropofagia e – 637
- diferença entre o civilizado e o – 933
- instinto – 849

Semelhança

- física e moral – 207-217

Sensação

- belezas naturais e – 252
- causa desconhecida e – 471
- Espíritos e – 257
- música e – 251
- sonambulismo e – 437
- vegetal e – 587

Sensibilidade

- convulsionários e – 483
- decepção e – 938-a
- força física da mulher e – 820
- ingratidão e – 938-a
- vulnerabilidade e – 938-a

Sensualidade

- poligamia e – 701

Sentido

- alegórico e interpretação da Bíblia – 59

Sentimento

- adoração e – 653
- alma e – 725
- conhecimento e – 751
- instintivo – 5
- razão e – 898

Separação

- morte violenta, cessação da
vida e * da alma – 161
- parcial da alma e do corpo físico – 455
- responsabilidade pela – 940-a

Sepultamento

- comparecimento numeroso a – 327-a
- escolha de local de – 325
- funeral e – 327
- presença de desencarnado em – 327

Ser humano *ver* Homem

Seres inorgânicos

- seres vivos e – 585

Seres vivos

- aparecimento dos – 59
- aperfeiçoamento e – 703
- criação dos – 59
- destruição recíproca dos – 728-a
- formação dos – 43-49
- geração espontânea dos – 44
- instinto de conservação e – 702, 727
- lei de destruição e – 728
- lei do progresso e – 185
- morte de – 70
- princípio inteligente e – 611
- reprodução dos – 686
- seres inorgânicos e – 585
- vida material e – introd., II

Seriedade

- estudo do Espiritismo com – introd., VIII

Sexo(s)

- encarnação e – 822-a
- Espíritos e – 200-202
- nos Espíritos – 200
- reencarnação e – 201
- união dos – 700

Silêncio

- sociedade e – 772
- utilidade do – 772

Símbolo

- desenho da cepa pelos Espíritos e
representação de – proleg.
- representação do Espírito por
cor, alegoria e – 88-a

Simpatia

- antipatia e – 293
- aparentemente estranhos e – 204
- companhia dos Espíritos e – 513-a
- convivência e – 940
- Espíritos da mesma ordem e – 980
- Espíritos e – 387
- gradações na – 514
- individualidade do Espírito e – 301
- lembrança de atos maus e – 294
- magnetismo e – 388

- predicados necessários à existência de – 302
- promoção da – 303
- próximo e – 303-a
- Simplicidade
 - preferência pela – 673
- Sinceridade
 - adoração com – 654
- Sintonia
 - faixas inferiores e – 402
 - tendências humanas e – 518
- Sistema
 - antirreencarnacionista – 789
 - indagações e busca de respostas
 - pela construção de – 613
 - passagem do Espírito pela
 - feira animal e – 613
 - planetário e a Terra – 188
- Sobrenatural
 - Espiritismo e o – concl., II
 - religião e o – concl., II
- Sobrevivência
 - probabilidades de – 348
- Sociedade
 - casamento e – 696
 - convivência e – 278
 - crueledade e – 756
 - divulgação de escândalos e – 904
 - família e – 775
 - fome e – 930
 - isolamento e – 769
 - natureza e – 766
 - responsabilidade da – 813
 - retiro para trabalho em benefício da – 771-a
 - severidade das leis e – 796
 - vida em – 768
- Sofrimento
 - aplicação do – 1003
 - apoio dos Espíritos bons no – 976
 - arrependimento e – 1008
 - causador do – 933
 - causas do – 257, 983
 - civilização e – 926
 - consolação e – 924
 - duração do – 1004
 - ensino pelo – 738-a
 - erros atuais e – 983, 984
 - erros de outras vidas e – 984
 - Espiritismo e – concl., V
 - Espírito e – 253
 - Espírito mau e seu – 973
 - Espírito protetor, erros de outrem e – 503
 - eterno – 1006
 - explicação do – concl., V
 - felicidade e – 931
 - físico e moral – 487, 983
 - imperfeições e – 133-a
 - impulso do progresso mediante – 744-a
 - influênciação e – 465-a
 - lembrança de * pelo desencarnado – 312
 - livre-arbítrio e – 1006
 - moral e material – 933
 - natureza do – 255, 465-b
 - necessidade de extirpação do
 - egoísmo e – 916
 - necessidade do – 976-a
 - orgulho, egoísmo e * dos
 - Espíritos bons – 487
 - perda de entes queridos e – 936
 - peessoa de bem e seu – 984
 - reencarnação e – 196
 - resignação e – 924
 - resistência ao – 726
 - segundo os Espíritos bons – 976, 976-a
 - vida futura e – 1003
 - voluntário – 727
- Solidariedade
 - caridade e – 805
 - conceito de – 916
 - egoísmo e – 915
 - Espiritismo e pregação da – 799
 - isenção do trabalho e – 679
 - mundos e – 804
- Som
 - percepção do – 249
- Sonambulismo
 - características do – 455
 - espécie de – 482
 - Espiritismo e – 455
 - êxtase e – 439

fenômeno espírita e – introd., XVI
magnético e
 sonambulismo natural – 455
provocado – 426
sensações e – 437
sonho e – 425
faculdades do – 438

Sonâmbulo

alma e – 436
conceito de – 431
Espírito desencarnado e – 434
extático e – 455
ideias inatas e – 431
percepção visual do – 435
visão a distância do – 432, 455

Sonho

comunicação com visita de
 encarnados no – 406
conceito de – 402
criança, adulto e – 380
incoerência do – 402
pressentimento e – 405
sonambulismo e – 425
sonho e – 400-412
veracidade do – 404
visitação e – 343

Sono

alma durante o – 401
influência do – 402
relacionamento com Espíritos e – 401
sonho e – 400-412

Sorte

gênero de prova com rótulo de – 864

Submissão

costumes sociais e consequências de – 863
Leis divinas e – 725

Subsistência

meios de – 707

Substância

sentidos e – 32

Sugestão

pensamento e – 461
pensamento próprio e – 460

Suicídio

antagonismo das Leis da Natureza e – 957
assassinato e – 758-a
busca de uma vida melhor e – 950
causa de – 350
causas da loucura e – introd., XV
consequências do – 953-b, 957
culpa e – 947, 952-a
deixar-se morrer de fome e – 947
desespero e – 952-a
desgosto pela vida e – 945
dever e – 955
direito de cometer o – 944
duelo e – 758
efeitos comuns nos casos de – 957
eutanásia e – 953
falta e – 948
família e – 949
fuga pelo – 946
indireto – 952
induzir ao – 946-a
instinto de conservação e – 944
intenção e – 949
interrupção da vida e
 consequências do – 950
ligação do Espírito ao cadáver no – 957
loucura e – 376, 944-a
má ação e – 948
moral – 952
morte inevitável e – 953, 953-a
orgulho e – 947, 951
perda de entes queridos e – 956
perturbação espiritual e – 957
punição pelo – 952-a
responsabilidade e – 943
sacrifício e – 951
salvar outra vida e – 951
segundo o Espiritismo – 957
sofrimento e – 946
vergonha e – 948, 949
vício e – 952
voluntário e loucura – 944-a

Supérfluo

ambição e – 717
necessário e – 704, 923

Superior

dependência do Espírito a – 888-a
inferior e – 277

Superioridade

autoridade e – 274-a

Superstição

alegorias e – 867
utilização do necessário e – 736

T

Talismã

feiticeiro e – 554

Temor *ver* Medo

Tempo

Espíritos e compreensão do – 240
formação dos mundos e – 42
percepção integral das Leis divinas e – 617-a
personificação do – 131
predito – 1019, concl., VIII

Tentação

conduta diante da – 472
cumprimento de missão e – 712
oração dominical e – 872
prova da riqueza e – 865
razão e – 712-a

Teologia

fogo moral e – 1009

Teoria

alma subdividida e – 140
ideias inatas – 218-a
metades eternas e – 303-a
panteísta – 14

Terra

alma da – 144
bens da – 706
começo dos tempos e – 236-e
desaparecimento e aparecimento
de novas raças na – 688
desenvolvimento e – 188
encarnação na – 176
grau de purificação do Espírito
extático e partida da – 441

habitantes exóticos na – 176-a
história da formação da – 59
informações sobre diferentes mundos e – 182
interior da – 537-a
movimento da – 59
mundos transitórios e a – 236-d
período de humanização do
Espírito e – 607-b
população da – 687
povoamento da – 43, 59
primeiros ocupantes da – 236-e
qualidade da encarnação na – 172
reencarnação em mundo inferior à – 174
reencarnação na – 173-a
sistema planetário e – 188
vontade divina e governo da – 529-a

Timidez

mal e * dos bons – 932

Tiptologia

mesas girantes e – introd., IV
sematologia e – introd., IV

Trabalho

bases fundamentais para o – 718
coletividade dos Espíritos e – 559
conceito de – 674
descanso e – 682
divino – 21, 80
exigências da lei do – 676
exploração do – 684
impossibilidade de conseguir – 930
início de obra do bem e participação
de outrem no – 314
interesse pelo – 945
limite do – 682, 683
natureza das necessidades e – 678
necessidade do – 674
ociosidade e – 943
ocupação e – 675
organização da sociedade e – 930
permanente de Deus – 78
resignação contra as vicissitudes e – 943
satisfação do necessário e – 930

Transformação

destruição e – 728
morte e – 997

- progressiva – 997
- Transição
 - colônia de – 234
 - Espíritos errantes e – 234
 - instinto em fase de – 589
 - ordem espiritual e – 100
- Transmigração
 - progressiva – 189-196
- Trasgo – 103
- Túmulos
 - igualdade e – 823
 - lembrança das ações
 - boas ou más e – 824
 - visitação a – 322
- U
- Ubiquidade
 - Espírito e – 92
- União
 - almas sem afinidade na – 939
 - amor ausente na – 939
 - antipatia e – 939
 - Espiritismo e – concl., IX
 - Espíritos bons e – 980
 - indissolubilidade e – 940
 - momento da * da alma ao corpo – 344
 - perfeição e – 298
- Universalidade
 - existência de Deus e * de
 - sentimento instintivo – 6
- Universo
 - criação do – 37
 - espaço do – 35
 - harmonia do – 607-a
 - presença dos Espíritos puros no – 130
 - reencarnação e – 173-b
- V
- Vácuo
 - espaço universal e – 36
- Valor
 - da intenção – 670, 672
 - do conhecimento de si mesmo – 919-a
 - intrínseco das funções da mulher – 821
 - oração ao Espírito bom e – 666
- Vegetal
 - mineral e – 585
 - mundos superiores e – 591
 - pensamento e – 586
 - percepções e – 587
 - sensações e – 587
 - vida do – 586
- Velhice
 - repouso na – 685
- Velocidade
 - deslocamento do Espírito e – 89
- Verdade
 - revelação da – 628
- Vergonha
 - suicídio e – 948
- Vicente de Paulo, S.
 - esmola e – 888-a
- Vício
 - banimento de – 793
 - contato do – 265
 - criminalidade e – 645
 - desinteresse pessoal e – 895
 - suicídio e – 952
 - virtude e – 893-906
- Vida
 - comprometimento da – 954
 - conhecimento antecipado de
 - gênero de – 856
 - conselhos sobre a – 942
 - contemplativa – 657
 - corpórea e fases – 191-a
 - desgosto pela – 943
 - eterna – 153
 - infinito e – 738-b
 - influenciação dos Espíritos na – 525
 - instinto de conservação e – 730
 - intrauterina – 354
 - livre-arbítrio e fases da – 844
 - material e moral – 773
 - morte e – 68

Índice Geral

- mundo espiritual e continuação da – 159
- sacrifício da – 947
- uso dos bens terrenos e – 711
- Vida corpórea
 - acompanhamento na – 516
 - função da – 872
 - homem de bem e – 918
 - vida espiritual e apego à – 941
- Vida espiritual
 - fases da – 191-a
 - influenciação durante a – 122-b
 - lembrança do corpo físico e – 256
 - ocupações e – 558
 - paralelismo da vida humana com a – 266
 - recapitulação da vida corpórea e – 393
 - reencarnação e – 330-a
 - retorno à – 149-165
 - vida corpórea e – 266
 - vida social e – 119
- Vida futura
 - ausência de – 959
 - boa e má ação e – 962
 - compreensão da – 966
 - difficuldade em descrever a – 966
 - existência de Deus e – 221
 - hipocrisia e – 828-a
 - intuição da – 329
 - preocupação com a – 959
 - recursos para a – 410-a
 - respeito aos mortos e – 329
 - sentimento instintivo da – 959
 - vida presente e – 192-a
 - vítimas e – 738-b
- Vida social
 - necessidade da – 766
- Vidas passadas
 - adversários de – 530-a
 - conhecimento de – 395
 - consequências da lembrança de – 394
 - memória e – 307
 - recordação de – 386-a
 - sabedoria divina e esquecimento de – 394
- Vida terrena
 - Espírito e objetivo da – 306-b
 - recordação de várias presenças na Terra e – 304
- Vingança
 - Espírito e – 531-a
- Virtude
 - sublimidade da – 893
 - vícios e – 893-906
- Visão
 - de Deus pelos Espíritos – 244
 - Espírito e – 245, 429
 - faculdade da – 247
 - limitação da – 247
- Visita
 - comunicação, em sonho, entre encarnados e ocorrência de – 406
 - Espíritos encarnados e marcação de – 416
 - espiritual entre encarnados – 414
 - imposição de – 416
 - sonho e – 343
- Vista
 - da alma – 455
- Vocação
 - desvio da – 928
 - orgulho e – 928
 - ponto de vista de conhecimento e – introd., VII
 - profissional e felicidade – 928
 - progresso em experiência corpórea e – 270
 - seguir a – 928
- Vontade
 - crença em Deus e – 631
 - Espírito reencarnante e – 345
 - paixão e – 907
 - poder da – 872
- Voto de silêncio
 - relações sociais e – 772
 - sociedade e – 772
- Z
- Zelo
 - abuso, destruição de animais e excesso de – 736



Conselho Editorial:

Jorge Godinho Barreto Nery – Presidente
Geraldo Campetti Sobrinho – Coord. Editorial
Edna Maria Fabro
Evandro Noleto Bezerra
Maria de Lourdes Pereira de Oliveira
Marta Antunes de Oliveira de Moura
Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi

Produção Editorial:

Rosiane Dias Rodrigues

Revisão:

Mônica dos Santos
Perla Serafim

Capa:

Wallace Carvalho da Silva
Evelyn Yuri Furuta

Projeto Gráfico:

Rones José Silvano de Lima – www.bookebooks.com.br

Diagramação:

Evelyn Yuri Furuta
Paulo Márcio Moreira

Normalização Técnica:

Biblioteca de Obras Raras e Documentos Patrimoniais do Livro

Esta edição foi impressa pela Intergraf Indústria Gráfica Eireli, São Bernardo do Campo, SP, com tiragem de 4,5 mil exemplares, todos em formato fechado de 150x230 mm e com mancha de 120x190 mm. Os papéis utilizados foram o Offset 75 g/m² para o miolo e o Cartão Triplex Imune 250g/m² para a capa. O texto principal foi composto em fonte Adobe Garamond 12/15 e as títulos em Adobe Garamond 28/34. Impresso no Brasil. *Presita en Brazilo.*



Allan Kardec

“Os seres materiais constituem o mundo visível ou corpóreo, e os seres imateriais, o mundo invisível ou espiritual, isto é, dos Espíritos.”

Originalmente publicado em 1857, *O livro dos espíritos* marca o nascimento da Doutrina Espírita e inicia o conjunto de cinco publicações que formariam a Codificação Espírita organizada por Allan Kardec. Considerado o Consolador Prometido por Jesus Cristo, o Espiritismo apresenta um novo caminho e a crença de que a vida continua após a morte.

Texto fundamental para conhecer e estudar a Doutrina Espírita, *O livro dos espíritos* traz 1.019 perguntas, sobre diversos temas, feitas por Kardec com as respectivas respostas dos companheiros espirituais, permitindo que possamos conhecer e entender inúmeras ações que nos acompanham diariamente. Esta edição da obra conta com cuidadosa tradução de Evandro Noleto Bezerra, a partir de originais franceses — da 2ª à 12ª edição do livro.

ISBN 978-85-7328-752-3



9 788573 287523